*COLEÇÃO DE TEXTOS DA*
*LÍNGUA PORTUGUESA MODERNA*

3

# OBRA CRÍTICA DE ARARIPE JÚNIOR

VOLUME I
1868-1887

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CASA DE RUI BARBOSA

## COLEÇÃO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

1 — *Dicionário de Fatos Gramaticais*

2 — *Textos medievais portuguêses e seus problemas*

## COLEÇÃO DE TEXTOS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA MODERNA

1 — *Obras de Casimiro de Abreu*

2 — *Máximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricá*

3 — *Obra crítica de Araripe Júnior* — 1.º vol.
2.º vol. em composição
3.º vol. em preparo

## COLEÇÃO DE TEXTOS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA ARCAICA

1 — *O Livro de Vita Christi* — 1.º vol.
2.º vol. em composição

Para Mucio Leão,

com o agradecimento pela valiosa ajuda,

o seu velho admirador,

A. Ramos Cortes[illegible]

Rio, 1959

# OBRA CRÍTICA
## DE ARARIPE JÚNIOR

CASA DE RUI BARBOSA

---

CENTRO DE PESQUISAS

RUA SÃO CLEMENTE, 134 - RIO DE JANEIRO - BRASIL

*Diretor da Casa de Rui Barbosa:*

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

*Diretor de Pesquisas:*

THIERS MARTINS MOREIRA

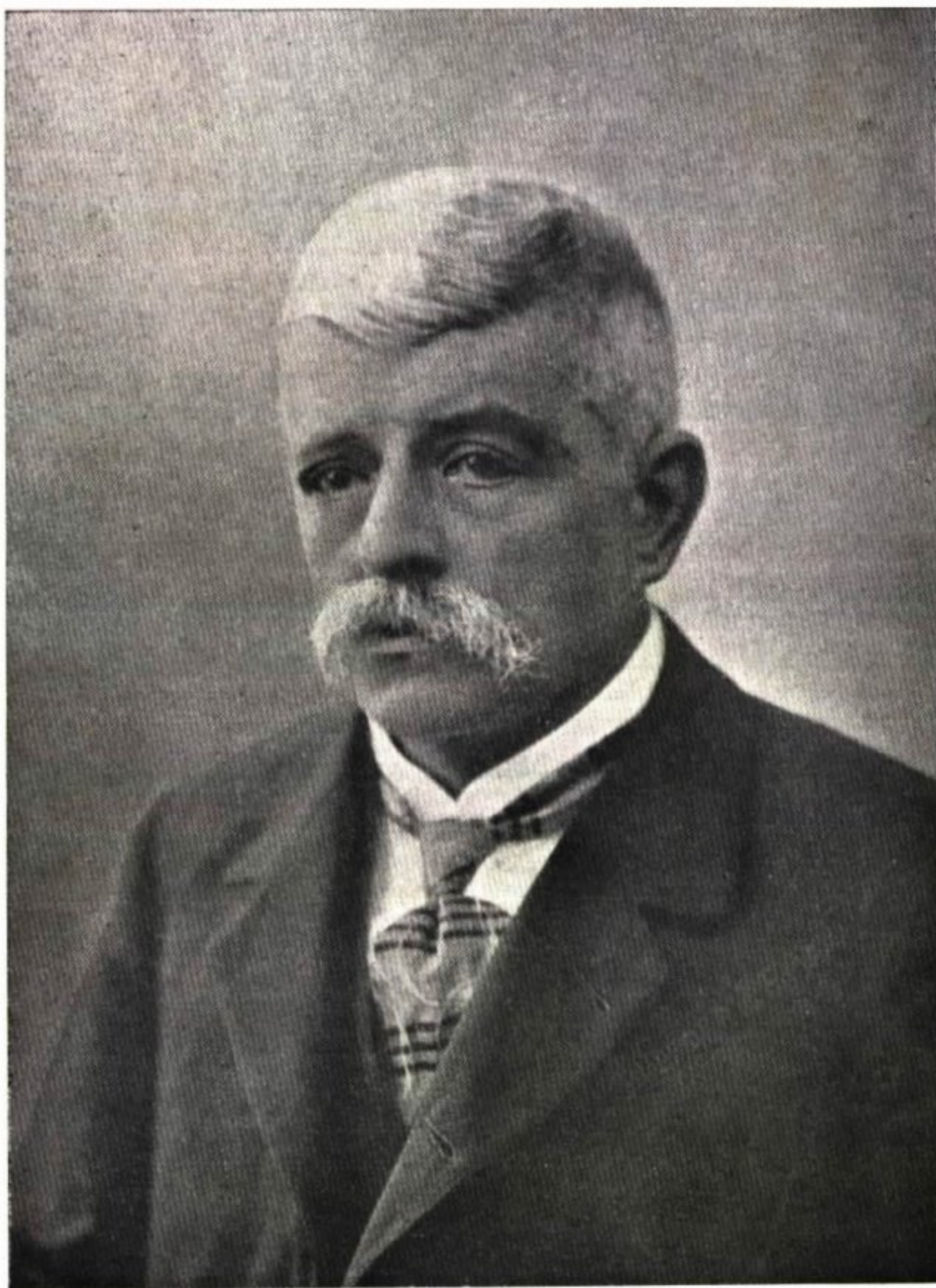
*Comissão de Filologia:*

ÁLVARO FERDINANDO DE SOUSA DA SILVEIRA
ANTENOR NASCENTES
ANTÔNIO DOS SANTOS JACINTO GUEDES
PADRE AUGUSTO MAGNE, S. J.
AUGUSTO MEYER
CLÓVIS MONTEIRO

*Edição da Obra Crítica de Araripe Júnior*

*dirigida por*

AFRÂNIO COUTINHO

DA PRESENTE OBRA FORAM TIRADOS 3.000 EXEMPLARES EM PAPEL BUFON

ARARIPE JÚNIOR

(Reproduzido de *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, vol. XXVI, Rio de Janeiro, s. d.)

*COLEÇÃO DE TEXTOS DA*
*LÍNGUA PORTUGUESA MODERNA*

3

# OBRA CRÍTICA DE ARARIPE JÚNIOR

VOLUME I
1868-1887

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CASA DE RUI BARBOSA-1958

## *PREFÁCIO*

*Resultado de um longo trabalho de busca em jornais e revistas desta Capital e do interior, a CASA DE RUI BARBOSA, por intermédio de seu Centro de Pesquisas, publica o primeiro volume da Obra Crítica de Araripe Júnior e tem na composição o segundo. De acôrdo com o plano editorial e com os cálculos sôbre os originais, a edição compreenderá quatro volumes de quinhentas páginas, aproximadamente, número que nos dá a idéia da extensão dos trabalhos de pesquisa e da riqueza da atividade crítica de Araripe Júnior. O último volume, além do indice geral, conterá o onomástico e o de assuntos e, ainda, uma cronologia intelectual e o estudo crítico sôbre a obra publicada, trabalhos que ficaram a cargo do Sr. Afrânio Coutinho, de cuja autoridade êste Centro se valeu não só para elaborá-los como para estabelecer a orientação geral da pesquisa.*

*Em introdução que se segue a êste prefácio, o Sr. Afrânio Coutinho informa o leitor dos problemas da pesquisa, dos critérios adotados para o tratamento dos textos e agradece aos que colaboraram, direta ou indiretamente, na tarefa que foi empreendida. O Centro faz suas as palavras de agradecimento ali escritas e deseja acentuar o trabalho realizado pelo Sr. Carlos Francisco Casanovas que procedeu à revisão dos textos, em sua maior parte, e se houve com dedicação e competência no levantamento do material selecionado.*

*Outro agradecimento que aqui deixamos é ao Sr. Dr. Tristão Araripe de Aguiar, neto do crítico cearense, que tão generosamente ofereceu ao Centro de Pesquisas os papéis autógrafos de seu avô que guardava com carinho, entre os quais se incluem cartas, uma*

*tentativa de diário e outra de romance, registro de leituras, fôlhas sôltas com pequenas notas. Papéis que poucos dados acrescentam à sua vida ou à sua obra, mas que possuem o toque da intimidade que valoriza as menores idéias e os menores depoimentos e cuja publicação, que em tempo oportuno faremos, muito servirá para o conhecimento da natureza psicológica do escritor.*

*Três nomes dominam a crítica literária no Brasil até o segundo decênio dêste século: Sílvio Romero, José Veríssimo e Tristão de Alencar Araripe Júnior. A obra do último caminhava, porém, para um completo desconhecimento e o renome de seu autor se mantém pela tradição que se formara e não pela leitura atual de seus escritos, na maior parte impressos em publicações periódicas, muitas de vida ocasional ou efêmera. A própria obra reunida em volumes ou folhetos é raridade bibliográfica.*

*Êste Centro, possibilitando a leitura de trabalhos hoje geralmente desconhecidos, a não ser dos raros especialistas que os procuravam nas bibliotecas por entre coleções de velhos jornais, presta, portanto, um alto serviço à cultura do país e, de modo particular, ao conhecimento da crítica brasileira.*

*Setembro de 1958.*

THIERS MARTINS MOREIRA
DIRETOR DE PESQUISAS

# INTRODUÇÃO

Nasceu Tristão de Alencar Araripe Júnior em Fortaleza, Ceará, a 27 de junho de 1848, e faleceu no Rio de Janeiro em 29 de outubro de 1911. Filho do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe e D. Argentina de Alencar Araripe, fêz os estudos de humanidades no Colégio Bom Conselho, em Recife, dirigido por Barbosa Lima, e cursou a Faculdade de Direito do Recife, diplomando-se em 1869. Em 1871, foi secretário do Govêrno, em Santa Catarina, e, de 1872 a 1876, viveu no Ceará, exercendo o cargo de Juiz de Direito de Maranguape, além de ter sido deputado provincial em dois biênios. Por volta de 1877, transferiu-se para o Rio de Janeiro, dedicando-se daí em diante à advocacia e jornalismo. Em 1903, foi nomeado Consultor-Geral da República, pôsto que ocupou até falecer.

Sua presença no Recife e no Ceará deu-lhe ensejo de participar do movimento de renovação encabeçado, no Recife, por Tobias Barreto e Sílvio Romero, com a chamada "Escola do Recife", e, em Fortaleza, com os grupos da "Academia Francesa" e da "Escola Popular", de que fizeram parte, além dêle, Rocha Lima, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, Xilderico de Faria, Clóvis Beviláqua e outros. Desta maneira sua formação filosófica e crítica impregnou-se do clima de rebeldia intelectual, característico da década de 70, marcado pelo surto das idéias racionalistas, positivistas, deterministas, evolucionistas e naturalistas, sob a égide de Taine, Buckle, Comte, Spencer, etc. Teve, também, atuação destacada no movimento abolicionista ao lado de José do Patrocínio (1882-1883). Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Tendo-se iniciado literàriamente pela crônica (1866), passando por um período de ficção (1868-1878), para o fim da década de 70 sua vocação de crítico afirma-se, levando-o a dedicar-se à interpretação da literatura brasileira, passada e contemporânea, numa atividade intelectual que não mais cessará até a morte.

Resultado, portanto, de mais de quarenta anos de ininterrupta atividade literária, a vasta produção crítica de Araripe Júnior foi generosamente distribuída por dezenas de publicações — jornais e revistas das mais variadas tendências, não apenas da Côrte, mas ainda de Fortaleza e Recife, com alguns respingos em São Paulo e Belém do Pará, compreendendo o período de 1868 a 1911. Tal dispersão significava, para quem se abalançasse a coligí-la, uma tarefa hercúlea, mormente levando-se em conta o número de pequenas e obscuras publicações em que colaborou, sem falar na profusão de pseudônimos por êle utilizados, entre os quais foram identificados seguramente os seguintes: Alferes Cosme Velho, Copelius, Cosme Velho, Martim Moreno, Oscar Jagoanharo, Tomé de Sousa e Ar. Jr.

A agravar essa extrema dispersão, ocorre a incúria com que até bem pouco as nossas bibliotecas em geral tratavam os periódicos, muitos dos quais hoje estão desaparecidos ou, ao menos, têm suas coleções incompletas.

Sem embargo da relativa imperfeição da colheita, a presente edição pretende oferecer um retrato intelectual do grande crítico, em que a estatura de sua personalidade avulta na sua formação e desenvolvimento.

Na apresentação da matéria, foi adotada a ordem cronológica, levemente desrespeitada apenas nos casos de séries articuladas.

Para o preparo e estabelecimento dos textos, tomou-se como norma o respeito mais rigoroso. Assim, foram conservadas as formas sintáticas e estilísticas usadas, mesmo quando aparentemente agramaticais ou errôneas, mas que podem documentar características da época ou do autor. As únicas alterações permitidas obedeceram aos seguintes critérios:

a) uniformização da ortografia, de acôrdo com o sistema oficial; uniformização da sinalização diacrítica e do uso do grifo;

b) correção dos nomes de autores estrangeiros, mui correntemente desfigurados, a ponto de alguns se tornarem inidentificáveis; todavia, foram mantidos os prenomes que o autor usou traduzidos, como era de praxe naqueles tempos;

c) revisão da pontuação, quando os textos originais a apresentavam confusa ou ilógica;

d) colocação entre asteriscos de palavras e frases restauradas quando destruídas ou de impressão defeituosa no original;

e) colocação entre colchêtes de palavras porventura interpoladas, quando possìvelmente suprimidas na composição tipográfica;

f) uso de notas de rodapé indicadas por asteriscos, no caso de notas da presente edição. Para as notas originárias do autor, usou-se a numeração, ordenada independentemente, em cada capítulo.

Além disso, sempre que possível, foram cotejadas com os originais indicados as citações reproduzidas no texto pelo autor.

Considerou-se escusado indicar ao pé das páginas as alterações impostas pelo critério seguido.

O presente volume abrange a produção que vai de 1868 a 1887. Essa ordem não obedeceu senão às necessidades da divisão mecânica dos volumes.

Excluindo-se as crônicas e artigos ligeiros, de que se dará relação completa no último volume, estampadas no jornal estudantil *Mosaico*, do Recife, em 1866, e no *Correio Pernambucano* (1868), onde começaram a aparecer também os contos, inclui-se aqui a produção de caráter crítico aparecida, além de em livros e folhetos, no *Correio Pernambucano* (1868), nos jornais *Constituição* e *Fraternidade*, de Fortaleza (1872-1876), no *Vulgarizador*, do Rio de Janeiro (1877-1879), na *Gazeta de Notícias* (1878 -), na *Gazeta da Tarde* (1881 -), na *Revista Brasileira* (1879 -), em *A Semana* (1885 -) e outros jornais e revistas do Rio de Janeiro, nos quais colaborou intensamente desde que na capital fixara residência, em 1877.

Não foi possível localizar uma coleção do jornal *Dezesseis de Julho*, de José de Alencar, onde há notícia de haver escrito crítica em 1870. Igualmente, dos anos de 1870-1871, quando funcionou como secretário do govêrno no Destêrro, hoje Florianópolis, nada até agora se encontrou, o que é estranhável em trabalhador tão infatigável; é de crer haja colaboração sua dessa época perdida em páginas de pequenas publicações da então província de Santa Catarina.

Como será assinalado no estudo geral e na cronologia intelectual apensos ao último volume da presente edição, êsses trabalhos per-

tencem à fase mais acentuadamente nacionalista de Araripe Júnior, em que elegia o fator nacional como critério para explicar a formação da literatura brasileira e para a aferição do valor literário. É também a época do maior influxo das idéias de Taine.

★

Impõe-se aqui registrar o agradecimento mais caloroso à colaboração leal e desinteressada que prestaram alguns estudiosos das letras brasileiras à organização desta edição. Em primeiro lugar, ao Coronel Adir Guimarães, que, com hospitaleira magnanimidade, franqueou à pesquisa a sua primorosa biblioteca. Ao escritor e acadêmico Múcio Leão, pelas sempre oportunas sugestões e indicações fornecidas desde o início. Aos escritores Joaquim Braga Montenegro, pelas pesquisas e cópias que empreendeu nos jornais de Fortaleza e na Casa de Juvenal Galeno; José Aderaldo Castelo e Mauro Mota, por igual tarefa procedida em São Paulo e Recife, e Astrojildo Pereira, por úteis indicações.

Além dêsses preciosos colaboradores, há que mencionar os srs. Carlos Ribeiro e Valter Cunha, pela fidalguia com que facilitaram a consulta às estantes de obras raras da Livraria São José. Por último, registro especial deve ser feito à colaboração prestimosa dos funcionários da Biblioteca Nacional, especialmente os da Seção de Periódicos, sem cujo auxílio o trabalho não poderia ter sido levado a têrmo, salvando destarte do olvido uma obra que é um marco importante na evolução dos nossos estudos literários e do patrimônio cultural brasileiro.

Apesar de todo o esfôrço, ainda permanecem lacunas para cujo preenchimento há que encarecer-se a continuação dessas e novas colaborações.

Afrânio Coutinho

Setembro de 1958.

# OBRA CRÍTICA
(1868 – 1887)

MÚSICA

PUBLICAÇÃO NO *CORREIO PERNAMBUCANO*, 31 AGÔSTO 1868,
E ASSINADA COM O PSEUDÔNIMO DE OSCAR JAGOANHARO.

A música devia também ter o seu século; e para o século das luzes estava reservado o império dessa divina arte.

De todos os pontos do globo miríadas de *dilettanti* correm pressurosas a prestar homenagem aos Rossini, aos Verdi, aos Mayerbeer, aos Offenbach! São êstes os verdadeiros mandões da terra: magnetizadores da multidão, até os reis cedem à poderosa fascinação de seus mágicos *acordes*.

A *bagueta* de um maestro vale hoje mais do que um cetro. Ao seu simples acenar mil corações palpitam, o sangue em tôdas as veias efervesce, os homens deixam de ser homens para transformarem-se em condutores acústicos; das unhas dos pés até a ponta dos cabelos o nosso organismo começa a ser uma contínua sucessão de vibrações; triunfa a loucura e reina o delírio!

Ah! Erasmo! Erasmo! Nestas ocasiões não posso deixar de lembrar-me de ti!

O que somos nós? Onde distingue-se a realidade da ilusão? O que é a melodia? E essa eletrização prodigiosa, que, a despeito da vontade, de todos se apodera?...

Coisa célebre!... Basta o simples nome — música — para sermos assaltados por uma infinidade de pensamentos diversos e confusos sôbre esta divina criação. Logo o espírito se abisma em infindos enlevos e, arrastado por uma fôrça invisível, começa a experimentar inauditos deleites, só com a esperança de atingir o mistério que envolve a origem dessa magnífica arte.

Isto sempre sói acontecer logo que meditamos sôbre tudo quanto há grande, majestoso e belo, — tudo, enfim, quanto parece emanar diretamente da divindade.

Um poeta já chamou a isso "sonhar de olhos abertos, esquecer o mundo temporal pelo mundo da eternidade".

E, com efeito, só o que é verdadeiramente belo tem o poder de operar tão surpreendentes fenômenos; só ao que é verdadeiramente sublime é dado arrebatar a alma humana da argila indigna que a prende. Porquanto o espírito sòmente pode contemplar a fonte da verdade e aspirar a suma perfeição quando libertado por êsse triunfo antecipado sôbre as contingências do mundo em que vivemos, por essa anulação momentânea da matéria.

É nessas ocasiões de inefável aturdimento, quando, perdidos nos insondáveis abismos do pensamento, buscamos penetrar os segredos

aí sepultados, que a imaginação vem arrancar-nos do letargo em que jazemos, para apresentar-nos um quadro mais compreensível dêsses mistérios só pertencentes a Deus.

Julgamos então ver um anjo baixar à terra, pairar sôbre a cabeça de algum eleito do Empíreo e revelar-lhe no meio de um chóro celeste os segredos da divina arte, que faz vibrar a mais delicada corda do coração.

Não será a música na terra a repercussão das liras angélicas que cercam o sólio [do] Senhor ?

Quem sabe ! Era preciso dar-lhe uma origem e uma explicação ao mistério.

Inventaram os antigos mil fábulas sôbre tão lendático assunto. Jubal, para uns, foi o inventor dos primeiros instrumentos; outros conferiram esta honra a Apolo e, afinal, deu a Mitologia a Pã o trabalho de ensinar aos pastôres a tocar flauta.

Mais razão teve esta última. Pã não era mais do que a natureza desfigurada debaixo da forma de uma entidade fantástica, que, segundo os cultores desta religião, vivia no meio dos bosques e entre os apascentadores de rebanhos. Se não fôra uma crença, teria sido uma bela alegoria, bem equivalente ao que hoje chamamos espírito das selvas.

No entretanto, no meio de tudo isto, o que ninguém pode negar é que a música foi coeva do homem. Não houve povo, por mais rústico, na antiguidade, segundo afirmam os escritores, que desconhecesse a melodia. A sua prodigiosa influência sempre foi celebrada. Anfíon elevou Tebas com os seus cantos; Agamêmnon confiou à música a fidelidade de sua espôsa Clitemnestra; Davi curou a melancolia de Saul desferindo as canoras cordas de sua harpa; os esparciatas deveram grande parte de seu valor aos efeitos elétricos que nêles se propagavam, quando, no campo de batalha, ouviam os sons dos instrumentos que os acompanhavam na peleja.

Longo seria enumerar os milagres operados pela música.

Assim devia ser. O homem nasceu com uma organização predestinada para certos fenômenos: sentiu, sofreu, admirou, encheu-se de entusiasmo; era necessário, pois, dar expansão a todos êsses sentimentos, que fazem transbordar a alma, e a melodia, nestas ocasiões, foi mais natural, mais poderosa, mais eficaz do que a própria poesia.

Eis a razão porque um dos mais doces poetas da França chamou a mais bela criação de Deus *instrumento humano*.

Além disto, não seria bastante a íntima conexão existente entre a música e a natureza para explicar o fenômeno ?! Não seria ela, quando não fôsse a fôrça expansiva dos afetos d'alma, a primeira a

atrair-nos ao concêrto universal das vozes que elevam um constante hino de glória ao Criador ?

Êste primeiro arrebatamento ante a majestade dos espetáculos do universo, esta primeira nota arrancada do peito humano devia ter sido a mais sublime expressão da melodia.

Quanto mais contemplamos a natureza, mais reconhecemos a influência que se exerce sôbre as organizações predestinadas para a arte musical.

Por que foi a Grécia tão cheia de Anfíons, Anacreontes, Píndaros e Orfeus ? Por que foi a Itália o segundo berço da música ? Perguntai aos seus montes, aos seus bosques, às suas aves, aos seus rios, aos seus vales risonhos !

A natureza é para o homem o que o sol poente era para a estátua de Mêmnon.

# CONTOS DA ROÇA

(IMPRESSÕES DE LEITURA)

PUBLICAÇÃO NO *CORREIO PERNAMBUCANO*, 5 OUTUBRO 1868, NA SEÇÃO "LITERATURA", ASSINADA OSCAR JAGOANHARO, E DATADA DE 28 SETEMBRO 1868.

Com aquêle título publicou o Sr. Augusto Emílio Zaluar, há pouco tempo, no Rio de Janeiro, uma série de narrativas, em que os costumes, por certo cheios de encanto e poesia, e a vida pacífica dos habitantes do interior do nosso país são desenhados e descritos da maneira mais ingênua que imaginar se pode.

O estilo é fluente, agradável e destituído de afetação, ora simples, sem ser rasteiro, ora elegante, sem ser empolado.

O leitor, a despeito seu, não pode deixar de seduzir-se ante essas belíssimas páginas, percorrê-las ràpidamente e terminar o livrinho de um sôrvo.

Se êle é tão pequenino! Se o assunto é por sua natureza tão cheio de atrativos, tão curioso!

Servir-me-ei de uma comparação indígena para precisar bem o meu pensamento a respeito da obrazinha de que me ocupo.

Existem nos tabuleiros e verdejantes várzeas da nossa terra umas frutinhas rubicundas e apetecíveis, que os indígenas denominam em sua rude linguagem – mangabas; estas galantes preciosidades dos prados formam as delícias das aves e tornam-se, nas horas calmosas do meio-dia, o confôrto dos sequiosos caçadores, que, ávidos, procuram a sombra das árvores que as produzem. Delicadíssimas no paladar são estas frutinhas, mas, apenas começam a ser apreciadas, dissolvem-se e desaparecem, deixando na bôca tão sòmente mel e desejos de renovar o tão inocente prazer de devorá-las.

As narrativas do Sr. Zaluar são como as mangabas da nossa terra. Doces como mel de abelhas, sedutoras à vista como o fruto do paraíso, aromáticas como as flôres das nossas selvas, na bôca desfazem-se como um *sorvete*.

Bom é que vão aparecendo entre nós propugnadores de uma literatura puramente nacional, que, se afastando pouco a pouco do francesismo, possam um dia atrair ao seu grêmio tantos e tão fecundos talentos; os quais, absorvidos pelos livros franceses, têm-se arredado completamente da trilha que, sem dúvida, os levaria a vastíssimas e inexploradas minas, onde as suas imaginações achariam campo para erguer originais e verdadeiros monumentos à pátria.

É necessário que, ao lado dos *Timbiras*, *Confederação dos Tamoios*, *Guarani* e *Iracema*, vão colocando obras de igual merecimento, que honrem a nossa literatura e dêem nome a seus autores.

Combatamos, repilamos com tôdas as nossas fôrças o princípio que o Sr. Sotero Reis (pessoa a quem, aliás, muito respeitamos, na qualidade de profundo literato e filólogo) intenta propagar como verdadeiro, de que já se faz mister lançar de parte essa literatura cabocla dos nossos avós.

Como assim, se agora é que começamos a desenvolvê-la ?!

Como assim, se agora apenas contamos cinco ou seis obras no gênero, que mereçam classificação ?!

Ao contrário, é preciso que todos se convençam de que a nossa população *pròpriamente* civilizada ainda não apresenta um caráter seu; a influência dos europeus ainda é entre nós direta; uma cidade, no Brasil, é, ou portuguêsa, ou francesa, conforme os costumes estrangeiros que nela preponderam. Sendo assim, segue-se que a literatura que se ocupar de semelhantes objetos não poderá deixar de ser um enxêrto europeu.

Não queremos com isso dizer, porém, que desprezemos totalmente os outros gêneros de literatura. Não.

Enquanto não tivermos caráter nacional e distinto, enquanto todos êsses costumes que entressacham o país não se fundirem, é do nosso dever voltarmo-nos para as eras já escoadas em que desapareceram as raças heróicas que outrora povoavam esta vasta região e faziam estrugir as florestas com os sons dos seus *borés*.

Os poetas da França, antes que esta tivesse chegado ao grau de civilização atual e houvesse conglobado em um só os vários caracteres das diversas raças que a tinham invadido, recordavam as mais antigas tradições da pátria e do povo primitivo, faziam reviver o passado das gálias e ressurgir do pó em que jaziam os majestosos vultos dos druidas, sacerdotes de Teutates. As cordas de suas liras repercutiam as endechas dos bardos gauleses, que cantavam entre as pedras de Carnaque os atos de seus heróis, os ritos da religião que professavam e as lutas da pátria escrava. E então tiveram os franceses poesia original, porque não foram buscar em fontes peregrinas a veia inspiradora de seu estro.

Qual a razão por que não fazemos nós o mesmo ?

Há por aí tanta tradição linda, tanta crença maravilhosa ! Onde já porventura se encontrou o espírito de liberdade tão majestosamente prototipado como no selvagem brasileiro ?!

Onde se viu um quadro mais estupendo do que aquêle onde se afigura um povo imenso, que, recuando até as bordas do deserto, repele uma civilização não adequada a seu caráter soberbamente independente e prefere o seu aniquilamento total aos ferros da escravidão ?!

Não obstante, é a assuntos desta ordem que o autor do *Curso de Literatura Portuguêsa* anatematiza como impróprios para formarem a base dos nossos estudos e ensaios literários.

Por certo não pensou que, com êle, o Sr. José da Silva Mendes Leal, que lá mesmo de Portugal tanto nos está a invejar as riquezas que possuímos, e como em desafio nos envia um *Calabar* e outras obras de igual quilate.

Sem dúvida, no parecer do Sr. Sotero Reis, Cooper, o célebre autor do *Último Moicano*, foi propugnador de uma literatura cabocla, quando, no meio da erupção vulcânica de uma civilização como nunca foi vista outra no mundo, abandonando em pleno século XIX o caráter do povo mais original de quantos têm existido, internou-se pelas florestas e foi descrever a vida e as lutas dos últimos americanos, que, atirados às bordas do Pacífico, como espectros ainda contemplavam por mais uma vez o país abençoado, onde outrora tinham plantado as suas idéias, e, espantados, sem compreender o fenômeno social, viam por encanto regurgitar a nova raça qual o mar açodado pelo ciclone.

Apesar disto, porém, queremos pensar antes com M. Leal, com Cooper e com uma autoridade brasileira por todos os respeitos incontestável do que com aquêles que menos preço dão às coisas de nossa terra.

É um distinto escritor, o qual deve todos os seus foros de original ao gênero brasílico, quem vai falar. Assim se exprime êle, deixando-se levar por uma justa indignação, ao ver os grandiosos assuntos de sua pátria, que tanto o enchem de inspirações poéticas, tão *afrancesadamente* esboçados por outras penas.

> Se algum dia fôsse poeta e quisesse cantar a minha terra e suas belezas, se quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas idéias de homem civilizado.
>
> Filho da natureza, embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e sublime das florestas, esboçaria as tradições dos indígenas, a história dêstes povos desconhecidos, a origem destas raças extintas... E se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, se não desse ao meu pensamento outros vôos que não êsses adejos de uma musa clássica ou romântica, quebraria a minha pena com desespêro...

Pondo têrmo aqui à digressão já demasiadamente longa, convém refletir que tudo quanto acima vai exposto não quer dizer que o livro do Sr. Zaluar tenha-se filiado neste gênero de literatura puramente brasílica. Não. No entretanto, ocupou-se de assuntos que, conquanto não sejam puramente indígenas, contudo, tomando uma tal

ou qual feição, que lhe é peculiar, já muito longe estão do que chamamos pròpriamente núcleo civilizado.

Todos nós sabemos que os colonos portuguêses, quando se internaram pelos sertões, tiveram de lutar braço a braço com o selvagem, expelindo-o, aqui, das localidades mais adequadas ao estabelecimento de plantações, escravizando-o, ali, onde os seus trabalhos se faziam mais necessários; porém, afinal, veio a reação: cedendo ao influxo dos costumes encontrados no país, viram-se obrigados a abandonar grande parte dos seus e aceitar por sua vez alguns hábitos selvagens.

Esta união dos costumes produziu, no sul, os *guascas* e *caipiras* e, no norte, a classe de indivíduos conhecida vulgarmente pelo nome de — *sertanejos*.

Descrever aproximadamente esta gente, explorar "êste verdadeiro mundo novo para as descobertas dos engenhos imaginosos e das inteligências criadoras" foi, por certo, a intenção do Sr. Zaluar.

Se conseguiu, veremos. Ao menos mostra-se muito conhecedor da matéria e parece ter viajado como *touriste* e apreciador das belezas naturais.

Soube, como Serra, no seu *coração de mulher*, tirar grande partido das simplicidades que se encontram a cada passo na linguagem por si só poética dos nossos homens rústicos e dar uma completa côr local às suas descrições e pinturas.

Imitando a Juvenal Galeno, que, a meu ver, é, de nossos poetas, o que mais tem primado no gênero, "acompanhou o lavrador ao roçado, de enxada ao ombro e cachimbo no queixo. . . ouviu no sertão os gemidos da rês deixando os seus campos, seguida por tôda a boiada e pelo sertanejo, que ia em sua viagem ao mercado. Viu gado e condutores deixarem, repassados de saudade, o torrãozinho natal. Presenciou as suas lutas, deu atenção às suas cantigas, às suas dores. . ." [1] e de tudo isto tomou nota, e tudo isto descreveu com as próprias expressões e comparações poéticas.

Todos os contos do Sr. Zaluar respiram tanta singeleza e graça, que só a quem não tiver absolutamente gôsto literário poderão desagradar ou parecer monótonos.

A história do *pescador do salto* é uma jòiazinha graciosa. Aí a descrição do Paraíba, ao qual o autor dá o nome de *Reno brasileiro*, nada deixa que desejar. Êsses rochedos, essas cataratas majestosas, essas planícies, êsse *cristalino lacrimal* onde nasce o rio, "essas verdejantes ilhas coroadas de risonhas palmeiras onde se enlaçam festões de graciosas trepadeiras, se aninham variadas parasitas, e de onde pendem,

---

[1] V. o prólogo da obra do Sr. Juvenal Galeno, intitulada *Lendas e Canções Populares*.

balançando-se à brisa, os longos e flutuantes cordões de cipó", êsse *crepúsculo azulado* das sombrias florestas que orlam as margens do imponente rei fluvial; tôdas as belezas, enfim, de que se compõe a descrição são repassadas de um *brasileirismo* pouco fácil de encontrar-se.

Traz à lembrança a magnífica pintura do Paquequer com que o autor do *Guarani* abre o primeiro capítulo do seu sempre aplaudido romance.

O caráter do principal personagem dêste pequeno romance está perfeitamente desenvolvido; nada lhe falta para ser completo. É um dêstes trovadores dos nossos sertões, populares, amáveis, simples, nobres, em tôdas as suas ações e justamente apreciados pelos seus dotes naturais. O Juca do Salto, acostumado desde a infância a arrostar todos os perigos, a atravessar cachoeiras, a lutar com a correnteza dos rios e a caçar onças, apresenta um perfeito tipo de nobreza, reunindo em si valor, bondade e pureza. Inseparável de sua viola, sempre alegre e contente, procurava ser amado por todos e nunca se negava a satisfazer os menores caprichos dos apologistas da sua veia musical.

Daí vinham dizer êstes freqüentemente, em seus assomos de entusiasmo, que, "quando o Juca pilhava a viola nas unhas, pintava o padre Simão."

A cena na qual o autor o apresenta em um inaudito ato de abnegação, salvando o filho de um pobre viajante, que à sua vista se despenhara sôbre o abismo formado pelo vertiginoso salto do Paraíba, acha-se artisticamente desenvolvido; e os impulsos que levam o herói a arrojar-se no turbilhão da torrente por cima dos precipícios, sem que um interêsse aí o guie, vem comprovar judiciosamente o que o autor dissera no seu prólogo: não é só nas cidades que se encontram grandes paixões, no interior das nossas províncias vão se encontrar também maravilhas desta natureza.

O final do conto é patético. O Juca do Salto, surdo em conseqüência do choque que sofrera, isolado do mundo pelo poderosíssimo sentido do ouvido, desferindo com as trêmulas mãos as cordas do seu instrumento predileto sem poder acolher no apurado tímpano sequer um som, uma nota, o seu desespêro, os soluços dos amigos que o acompanham e estão presentes ao seu infortúnio; todos os elementos, enfim, que concorrem para a perfeição dêste quadro são de um efeito belíssimo.

A morte do pobre pescador em uma caverna onde os companheiros vão encontrar depois o seu cadáver, pasto das feras, cercado dos destroços da inseparável viola, — vestígios da dor devoradora que

o levara ao suicídio, é o fim mais desastroso que o autor pôde dar ao seu herói; e nem é lícito passar por estas páginas repassadas de melancolia sem derramar algumas lágrimas de tristeza.

A história do *Coronel F*. . . é menos um conto do que a singela delineação de um dêsses modelos de virtudes ignorados e caridade patriarcal, que tão freqüentemente encontramos aí pelos nossos centros, na pessoa, muita vez, de um fazendeiro rico, de um senhor de engenho abastado; os quais, abrigando debaixo de sua proteção aquêles que os cercam, tornam-se uma verdadeira garantia contra a prepotência dos subdelegados, dos magistrados ignorantes e perseguidores dos pobres oprimidos.

A novelazinha do *Saci* também em nada desmerece das anteriores. Nela é exibido graciosamente o grau de superstição em que labora a ignorante *gente do mato* e são descritos os efeitos produzidos pelas crenças recebidas dos indígenas.

O *Saci* era o lobisomem dos selvagens, e hoje atua no espírito dos roceiros como outrora as bruxas, feiticeiras e tinhosos das lendas mouras. O *Saci* é o gênio do mal, a quem se atribuem tôdas as desgraças e catástrofes que trazem em si o cunho do extraordinário e inexplicável. É o terror de tôdas as almas supersticiosas.

É o espírito que preside as narrativas noturnas e tem o poder de encadear, alta noite, em roda de uma fogueira, grande número de tropeiros para ouvirem, trêmulos, assustados e cheios de assombro, as proezas do maligno, que a cada passo julgam encontrar na pessoa de um dos circunstantes.

Por aí pode se fazer um juízo lisonjeiro a respeito do valor do contozinho em questão. E para não estendermo-nos mais em longos comentários sôbre a obrazinha do Sr. Zaluar, reproduziremos aqui mesmo um pequeno trecho do livro, pelo qual poderiam todos fazer uma perfeita idéia do seu gôsto e mérito literário, assim como também apreciar a propriedade da linguagem que êle soube colocar na bôca dos seus personagens, de um contador de histórias, por exemplo:

> Patrão, eu por mim confesso que não gosto de repetir de noite as histórias em que toma parte o Saci; pois é difícil que, faltando-se-lhe na pele, o maldito não nos pregue uma das suas artes.
>
> Eu estou pronto a arrostar com todos os perigos de uma jornada pelo meio dos sertões, transpor os rios a nado e dar caça às onças nos matagais mais medonhos; porém, ouvindo o nome de Saci, faço imediatamente o sinal da cruz e espero-lhe pela pancada, pois é seguro que o endiabrado anda já perto de nós, e talvez nos escute por trás daqueles espinheiros. . . Olhe, meu amo, a história que lhe vou contar não é inventada por mim. . . não senhor. Esta história foi passada com um amigo, cuja memória não posso recordar sem saudade.
>
> Perto da cidade de Campos existia, etc. etc. . . .

E neste lugar fazemos ponto.

# DUAS PALAVRAS

PREFÁCIO DO OPÚSCULO *CONTOS BRASILEIROS I*, POR OSCAR JAGOANHARO, RECIFE, TIPOGRAFIA DO *CORREIO PERNAMBUCANO*, 1868.

Êste pequeno livro, que oferecemos ao leitor, é a conseqüência imediata da preferência e maior culto que, a despeito dos vivos protestos legìtimamente apresentados pela Pandectas, Digesto e Ordenações do Reino, temos dedicado até hoje aos amenos campos das letras.

Sempre reagimos contra o *ex necessitate juris:* nunca quisemos sujeitar-nos totalmente ao *precário* estado de compulsador de Lobão e Lis Teixeira, e apregoando, tôda vez que era possível, a *emancipação* do civilista *in fieri,* procuramos sacudir com a *tutoria* do Direito Romano e o jugo das *condições irrisórias* que nos eram impostas por um *onerosíssimo* contrato.

Assim *seqüestrado* do coração da pura jurisprudência, começamos a achar maior prazer nas termas de Caracala, nos banquetes de Lúculo, nas noites do Coliseu, do que nas palestras do prosaico Justiniano. Sonhamos com o projeto do Código Civil, apelamos para as calendas gregas, e a fantasia recebeu-nos em seus braços.

O mal já era antigo.

Quando alisávamos os bancos da escola, muita vez a página do romance substituiu a da artezinha latina, com grave detrimento da aplicação de estudante, declinando-se repetidamente *servus, i, hora, ae,* etc., pela inflexão de um capítulo amoroso... Uma história de Dumas ou de Eugênio Sue tinha neste tempo mais poder sôbre nós do que a imponente catadura da ignominiosa férula.

As coisas continuaram assim por muito tempo, e é preciso confessar que as extemporâneas leituras de tais obras depravariam completamente o nosso espírito e em nada alterariam os ensaios que temos feito de três anos a esta parte, se um dia não aparecesse a reação. Então a luz se patenteou ao cego, e as páginas de Chateaubriand, Cooper, J. Alencar, Gonçalves Dias e outros tiveram, por sua vez, o devido aprêço. E como um abismo chama outro abismo, é fácil de prever que em nós se despertasse logo, ante as inúmeras belezas americanas, que pejam as obras dêstes autores, grande curiosidade pelas coisas de nossa terra. Daí seguiu-se o gôsto pelas nossas crônicas, pelas viagens dos *touristes* e tudo mais quanto concerne ao Brasil. As descrições e notícias interessantes de Simão de Vasconcelos, de St.-Hilaire, de Léry, de Hans Staden e de Ferdinand Denis foram lidas mais gostosamente de que o seria qualquer romance extravagante de Ponson du Terrail.

O Brasil, que, até esta época, não era para nós mais do que um vasto país coberto de florestas, onde começava a civilização a demonstrar a sua poderosa influência, principiou a debuxar-se majestosamente diante dos nossos olhos como uma mansão de delícias. Desvendaram-se as suas maravilhas: esvaiu-se a cerração, que ocultava, como em um tabernáculo, tantas riquezas e preciosidades!

Quantas vêzes não repetimos, cheio de entusiasmo, as expressões do jesuíta Cláudio d'Abbeville:

> Não há palavras que possam contar os símplices, raros e preciosos que a cada passo se encontram nos bosques, campinas, vales e montanhas dêste maravilhoso país. E nada menos, não há em tôda essa terra outro jardineiro, mais que Deus e a natureza sòmente para dispor, podar e enxertar estas árvores.

Ora, para quem é moço, essas simplicíssimas palavras não são questão de pouca monta. O choque elétrico é certo, infalível.

Já que não podíamos contemplar ao vivo os quadros da brilhante natureza intertropical, buscávamos extasiar-nos ante os seus reflexos. Saudávamos *in mente* a vegetação prodigiosa da terra de Santa Cruz.

Essas embastidas florestas, que ofereciam outrora ao selvagem um abrigo seguro e saudável contra os ardores do sol que abrasa a vasta região da zona tórrida; êsses magníficos asilos de verdura onde os raios do astro do dia nem sequer podem penetrar; essas selvas cheias de saborosos frutos, de ridentes festões e flôres; êsses matos povoados por animais de tôda casta, de indômitas feras e infinidade de esquisitas aves e áureos insetos; êsses gigantescos e faustosos rios, êsses cristalinos regatos, essas tremendas cascatas que enchem as abóbadas de verdura de fragor imenso; tôdas as coisas, enfim, que soem dar ao nosso Brasil um aspecto sublimemente fantástico e cismador, tornaram-se os objetos de nossa maior predileção.

É natural que, depois da contemplação das florestas, fôsse provocado o interêsse pelos seus mais nobres habitadores.

Então o caráter dos primitivos brasileiros, que, com a leitura, foi naturalmente tomando vulto em nosso espírito, não pôde deixar de levar-nos de surprêsa em surprêsa, ao passo que novos campos se patenteavam às nossas vistas. Não foi possível eximirmo-nos de tristeza, logo que nos foi dado comparar as páginas dos antigos escritores, que trataram de assuntos tais, com o modo por que muitos dos modernos se têm expressado a respeito desta desgraçada raça, querendo avaliar o que era ela outrora pelo que hoje vêem e presenciam.

A raça conquistada (é um fato averiguado) degenera sempre; torna-se irremissivelmente viciosa e inerte. Como querem, pois, que

o índio mostre hoje o seu caráter soberanamente nobre e independente, quando o vemos jazer atirado a um ignominioso cativeiro, vexado por milhares de perseguições e coarctado pelos elementos de uma civilização que é em tudo e por tudo oposta à sua índole, ao seu gênio ?

Porque o selvagem não tem ambições e só quer viver feliz, — rei do deserto; porque nada aspira neste mundo senão a plenitude de sua liberdade; porque não pensava no dia de amanhã, fiando-se na Providência que o sustenta e dá-lhe vigor necessário para resistir às intempéries; caluniam-no e o tacham de mau, preguiçoso, miserável e covarde.

Contestar estas audaciosas asserções tem sido até hoje o pensamento daqueles escritores que se hão dedicado a assuntos de tal natureza.

A nossa literatura já conta em suas galerias alguns arrojados quadros em que, por mãos de mestre, se encontram majestosamente esboçados os altos feitos dos heróis ilíacos do nosso Brasil.

A trilha seguida por êstes escritores nos seduziu poderosamente, e logo fomos atraídos pelo desejo de imitar as suas lições, concorrendo com o nosso diminutíssimo continente para a reabilitação memorável do povo que outrora percorria as selvas brasílicas de um extremo a outro, levando por tôda a parte o estridor de suas armas e a fama de sua estóica e descomunal bravura.

Eis a razão de ser desta pequena obra.

Constarão êstes primeiros ensaios no *gênero brasílico* de alguns contos fundados nas tradições mais ou menos poéticas, que são encontradas nas nossas crônicas, e de um ou outro produto de pura imaginação, nos quais pretendemos guardar tôda a fidelidade possível aos costumes e crenças indígenas.

Estamos certos hão de ser desculpadas tôdas as faltas cometidas nesta primeira série dos *Contos Brasileiros,* que nos abalançamos a editar em livro, principalmente se atenderem à circunstância de que foram escritos açodadamente e quase sem estudo para as colunas do *Correio Pernambucano,* à proporção que se multiplicavam as exigências do prelo.

Conforme fôr o resultado desta primeira série, daremos a público a segunda e a terceira.

Assim, pois, aos leitores indulgentes rogamos ainda sejam mais tolerantes do que têm sido até hoje para com aquêle que aqui se assina.

# CARTA SÔBRE A LITERATURA BRASÍLICA

O PRESENTE TRABALHO FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE NO *CORREIO PERNAMBUCANO*, EM 16/17 JUNHO 1869, SOB O TÍTULO "LITERATURA BRASÍLICA" (CARTA A J. LEANDRO M. SOARES). EM SEGUIDA, FOI EDITADO EM FOLHETO, COM AS SEGUINTES CARACTERÍSTICAS:

*Carta Sôbre a Literatura Brasílica*, Rio de Janeiro, Tip. de J. A. dos Santos Cardoso, 1869, pp. I + 24.

O título aparece completo na fôlha de rosto. Na primeira página, porém, está: Literatura Brasílica (Carta a J. Leandro M. Soares).

Traz, como prefácio, a seguinte nota:

> Lendo no jornal *Correio Pernambucano* a carta que a um colega de estudos na Faculdade de Direito do Recife dirigiu o jovem cearense Tristão de Alencar Araripe Júnior, achamos nela notáveis belezas e brilhantes lampejos do talento que se revela diligente no estudo e animado pelo amor das coisas de sua pátria.
>
> Resolvemo-nos, pois, a tirar a carta do jornal em que foi publicada para êste folheto. Assim, mais detidamente poderá ser apreciada a tendência, que julgamos útil, e que a carta discute, de nacionalizar, ou *americanizar* a nossa literatura, tratando de assuntos pátrios, tão suscetíveis do *grande e belo*.
>
> O novo campo da América, cheio de seiva, convida a mais abundante colheita do que o explorado terreno da velha Europa, tão revolvido e esgotado para as novidades.
>
> Rio, 12 de agôsto de 1869.

(Reproduz-se aqui o texto do folheto.)

Li a tua carta em o n.º 4 do *Liberal Acadêmico,* * e nela tive o grande prazer de apreciar devidamente as idéias que professas em matéria de literatura; e tanto mais me satisfizeram essas idéias, quanto são aproximadas ao meu modo de pensar acêrca de nossas letras.

Já o ano passado, publicando um artigo sôbre os *Contos da Roça* do Sr. Emílio Zaluar, tive ocasião de manifestar os meus sentimentos a respeito dessa literatura, entre nós ainda em germe, a qual os encarniçados apologistas dos enxertos literários tão obstinadamente têm procurado estigmatizar com o ridículo epíteto de *cabocla*.

Com efeito, não será desprezando o que de mais belo e inspirador existe em nossos climas que havemos de sacudir com o jugo das impressões importadas do velho continente. Trilhando vereda tão diversa daquela que deveríamos seguir, nunca chegaremos a proclamar a nossa emancipação.

Quão longe não estamos ainda de ver eliminado de nossas composições o —*superfin garanti*— dos franceses!

Por ora, meu amigo, são raros os exploradores dessas riquíssimas minas do Novo Mundo, que a tão poucos têm deslumbrado.

O *Eldorado,* em literatura, a um ou outro tem seduzido até hoje; para êle não aparecem ávidos castelhanos.

A poesia, entretanto, no meu fraco pensar, não pode deixar de ceder, ou mais cedo, ou mais tarde, à influência do clima, do aspecto do país e da índole de seus primitivos habitantes.

Aí é onde existe a verdadeira fonte das inspirações, que não são filhas (deixa assim expressar-me) de uma mera convenção.

Querer o contrário é querer sufocar no berço uma literatura que pode ter, para o futuro, um gandiosíssimo desenvolvimento.

> A América, — disse um estrangeiro, que entre nós viveu e dedicou a maior parte de suas lucubrações ao Brasil e às suas letras, — a América, no viço da juventude, só deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela própria; não é possível que as glórias literárias da França venham ilustrá-las com os raios de uma luz que se enfraquece atravessando os mares e dever-se-á um dia dissipar completamente diante das inspirações primitivas de uma nação cheia de energia.

---

* O artigo de A. J. Leandro Soares a que esta carta responde foi publicado no *Liberal Acadêmico,* n.º 4, de maio de 1869, e reproduzido no *Correio Pernambuco* de 28 de maio de 1869. Revelou a identidade do autor, escondido no pseudônimo de Oscar Jagoanharo.

Se é reconhecida a sinceridade que ressumam as palavras do simpático estrangeiro, por que não se há de levantar uma cruzada contra os apologistas de uma propaganda que nos tiraniza?

Deixemos à antiga Grécia os seus risonhos bosques povoados por ninfas e sátiros, as suas musas e os seus deuses, os seus heróis e os seus pastôres, as suas montanhas e as suas fontes; não passem da Índia as suas extraordinárias crenças, a sua ruidosa teogonia e as lutas estupendas de seus semideuses, de que são verdadeiros intérpretes os *Vedas*, o *Mahabárata* e o *Sacuntala;* fique a Alemanha com a sua atmosfera carregada e as inspirações sombrias que lhe produziram o *Fausto* e o *Werther;* permaneçam na Itália os pálidos gondoleiros, o seu azulado céu e a sua poesia cismadora; não transponha os montes da Escócia o eco dos misteriosos cantos do bardo de Morven; deixemos, afinal, à França a sua literatura multiforme, porque novos e brilhantes mundos se patentearam aos vôos da poesia, desde que Colombo, transpondo as balizas da velha navegação e atirando-se aos tenebrosos mares do ocidente, franqueou um imenso estádio às imaginações ardentes e aos espíritos empreendedores.

De impressões completamente estranhas, de uma natureza tão cheia de esplendores como a da América, dessas florestas seculares, dêsses rios colossais, não deve por certo surgir senão uma literatura original, melancólica e ao mesmo tempo pasmosa, impregnada dêsse poderosíssimo sentimento religioso que por si só se expande tôda vez que o homem curva-se ante o Senhor, abismado pelos portentos da criação.

Poesia soberba! poesia filha do assombro e da admiração!

Foi da contemplação dos magníficos espetáculos do encantado Novo Mundo, que nasceram os Ercilla, os Chateaubriand, os Cooper, os Durão e os Basílio da Gama.

São poucos para tão fecundo manancial, mas são suficientes para provar até onde pode chegar o arrôjo daquela poesia e mostrar em que consiste essa maravilhosa fonte de inspirações americanas que, para o futuro, deverão formar uma inexcedível literatura.

Só em suas obras poderemos encontrar o verdadeiro sentimento das belezas naturais. Tudo aí é admirável, desde o entusiasmo da composição até a mais pequena insinuação do estilo.

Realmente, nada pode existir de mais delicado do que a natureza americana debaixo de seus pincéis. Que perfume! que vago cismar! que mistérios! que vagas harmonias! que brilhantes côres! que deliciosas paisagens!

Onde vamos encontrar maiores belezas poéticas, que possam exceder a essas descrições cheias do calor do gênio que as anima, quando

reproduz a natureza, onde transparece a cada passo o espírito do Deus que lhe dá vida!

Não me canso em contemplar tão perfeitos trabalhos artísticos.

Abramos, pois, meu amigo, a *Atala* de Chateaubriand, e extasiemo-nos um pouco diante de suas páginas.

Eis o *Meschacebé* que se desenrola diante de nossos olhos, soberbo e majestoso, como se nosso espírito, por um poder sobrenatural, pairasse sôbre os páramos e selvas da florescente América do Norte. O Nilo, o Ganges, o Amur e o Danúbio cedem-lhe a palma. Lá atravessa êle, indômito e arrojado, as vastas regiões da Luisiânia, fazendo curvar-se ao seu poderio o Ohio, o Illinois, o Missouri e o Arkansas.

Mais adiante. Que fantástico vulto é aquêle que o poeta faz, com o mágico poder de sua imaginação, surgir, boiar entre espumas e derivar silenciosamente ao som das águas iguais ao cristal na limpidez?

São miraculosas ilhas de verdura, cobertas de rosas e nenúfares e formadas do limo e resíduos das florestas desarraigadas pelo vendaval; são, no dizer do melodioso cantor, verdadeiras caravelas floridas, onde se embarcam os crocodilos, os lagartos, os mais terríveis anfíbios, as mais lindas e chilreadoras aves, como se demandassem, quais novos colonos, as pacíficas angras do rei fluvial para nelas fundar o seu reino ou o seu império.

Mais abaixo.

Lá corre a gigantesca serpente coleando por entre as colunatas das escuras e silentes florestas, onde se divisam apenas, aqui e acolá, um ou outro túmulo indígena que ateste a vida no deserto. Que majestosas margens se avistam mais longe! que lindas savanas! que luxuriante vegetação! Parecem, antes, ondas de verdura impelidas pelo vento do que vastíssimos campos, por onde uma impetuosa civilização deveria, em algum dia, derramar os benéficos resultados da atividade humana.

Aqui são prados intermináveis coalhados por aluviões de búfalos e de tôda a casta de animais. Ali destacam-se vários vultos de montanhas acroceráunias, de onde pendem árvores seculars, sôbre as quais vão se erguendo ricos festões de flôres, tão recendentes de perfumes, tão variados nas côres e, afinal, tão elevados, que "fazem cansar a vista de quem os contempla." Engradam-se entre si e formam, sôbre o rio, sôbre as cascatas, sôbre o rochedos, labirintos e pontes naturais tão belas, como se a imaginação a mais engenhosa os planejasse e o mais hábil artista executasse.

Além, outra vez, só se distinguem os pardacentos troncos dos arvoredos. Todo o reino animal acolá se concerta em um hino eterno e imutável para festejar o Criador do Universo.

Buffon, colocando o seu pavilhão de estudo no meio dêstes esplêndidos jardins, seria capaz de esquecer-se até da própria vida.

Finalmente, que volumosa cabeça é aquela que se mostra no meio de um molho de juncos e flôres aquáticas.

> É um búfalo, vergado ao pêso dos anos, que, fendendo as águas a nado, veio deitar-se no meio dos ervaçais de uma ilha do *Meschacebé*. Ao vermos-lhe a fronte armada com dois crescentes, e a velha barba cheia de limo, diríamos ter ante os olhos um deus fluvial que lançasse porventura a vista satisfeita por sôbre a grandeza de suas águas e a selvagem abundância de suas margens.

Mais não era possível dizer acêrca do suntuoso rio americano, cuja brilhante descrição acaba de resumir, ou, antes, reproduzir sob uma forma diferente: seria exceder a própria natureza, inexaurível, quando ostenta as suas galas e tesouros.

Quem deixará de extasiar-se na leitura de páginas tão vivas e cheias de grandeza?

Avalio por mim e respondo: – ninguém!

Folheemos agora, meu amigo, a primeira obra de Fenimore Cooper que encontrarmos debaixo das mãos. Continuemos no aprazível passeio, em que me honraria de ser teu *cicerone*, se já te não fôssem familiares a maior parte destas coisas, que me convém antes mostrar, acompanhado de verdadeira admiração, do que nelas falar sem sentimento, sem o ardor que entusiasma.

Não sei onde iremos deparar com belezas e tesouros mais deslumbrantes do que os que nos são revelados por aquela imaginação fecunda e inspirada por uma natureza mais fecunda ainda.

As paisagens do Novo Mundo, sob o pincel do autor do *Último dos Moicanos*, vivem e animam-se sôbre a tela, como se uma fada tocasse com a sua varinha mágica e fizesse surgir um dêsses magníficos e fantásticos quadros tão freqüentes nas *Mil e Uma Noites*.

O *Glenn*, raivoso, espumante, precipitando-se dos rochedos, arrancando, em fúria, os fraguedos que formam as pendas das catadupas, iluminado e colorido pelos raios de uma mente divina, é um verdadeiro portento artístico. Não é só um rio caudaloso: é o gênio das águas atacado de insânia, atravessando e deitando por terra todos os lanços de florestas que lhe embargam a ruidosa passagem.

Neguemos tudo, menos a grandeza dêsses riquíssimos quadros que se desenrolam ao leitor durante todo o curso da poética história do *Ôlho de Falcão*.

Há nada mais cismador do que êsse *Glimmerglass,* que faz romper dos freqüentes lábios de Henrique March, a seu pesar, uma ardente exclamação de surprêsa ? E Henrique, o simpático mancebo, o tipo do entusiasta por tudo quanto há de majestoso na brilhante natureza que o cerca, nessa natureza que para êle é uma verdadeira religião, e para quem o amor é impossível, porque a vida rude das selvas, com tôdas as suas impressões e perigos, o absorve, onde poderá encontrar caracteres tão originais como o seu, senão nas duas excêntricas filhinhas de *Tom Hutter,* o enigmático habitante do lago !?

*March* é a civilização assombrada e reverente ante a majestade das selvas americanas: é a união da inteligência desenvolvida do homem culto com a sagacidade invencível do selvagem. *March* é a criação mais bela que pôde sair da mente de Cooper para animar as solidões do Novo Mundo. Para êle, *Glimmerglass* é um perfeito escabêlo donde se elevam até o Senhor as suas rústicas, porém férvidas orações. E, com efeito, que de magnificências não se encerram neste sacrário augusto, em que apenas uma família ignorada do mundo vem quebrar a monotonia e o mutismo das águas cristalinas, onde se perde o frouxo clarão da pálida lua.

A rainha da noite suspende-se, de vez em quando, vagarosa, no horizonte, para clarear a natureza, só a natureza, nestas paragens. Os seus raros habitantes em certas ocasiões parecem ter desaparecido da terra.

As florestas negras que orlam o lago contrastam o seu aspecto sombrio com o resto da paisagem; aqui e acolá, pelas margens, distinguem-se alguns brasidos quase extintos; são selvagens que, invisíveis, espreitam dos recessos do bosque alguma vítima que, descuidada, singra em débil piroga as águas do *Glimmerglass.*

Tudo ali é melancolia, tudo é saudade. Aqui vê-se um imenso espelho refletindo o céu com suas estrêlas, e a grandeza do Criador; ali, uma barca desdobrando as velas às frescas aragens que a impelem de um extremo a outro; lá no meio das águas, um castelo de madeira, triste e sombrio, que bóia sôbre o líquido como uma gaivota isolada e sem amôres; além, afinal, intermináveis labirintos onde mal se destacam os troncos colossais de entre os cipós e as palmeiras que ensoberbecem a imensa floresta, onde só habita "êsse silêncio cheio de vozes harmoniosas" de que tanto fala o autor do *Corsário Vermelho.*

Basta, entretanto, de apreciar Cooper.

Corramos agora, velozes como o pensamento, às páginas de uma das obras mais originais que povoam as nossas bibliotecas. É o *Guarani.* Aqui trata-se de uma natureza mais vigorosa ainda, a natureza dos trópicos.

A América do Norte deixa-se equiparar à América do Sul. Chateaubriand e Cooper acham um rival.

Penetremos no pórtico do edifício e por êle avaliemos o valor artístico do resto da obra, na sua parte descritiva.

Vejamos. Eis o *Paquequer* que se desenrola ante nossos olhos com a mesma magnitude do Meschacebé na Luisiânia.

Seria bastante a descrição dêste rio para dar um interêsse literário àquele romance brasileiro, se o índio, os seus costumes, a sua vida errante e seu caráter ali não aparecessem tão bem idealizados, como poucos até hoje o têm conseguido.

A descrição do *Paquequer* pela pena de J. de Alencar coloca-se a par das melhores que tenho lido neste gênero; tal a viveza do colorido, tal a riqueza dos interessantes incidentes, tal o vigor da frase no decurso de todo o trecho que a êle se refere !

Mas para que me hei de cansar na apreciação de um objeto que tão perto nos fica ? Leiamos e admiremos com os nossos próprios olhos (consente que assim me expresse) o primor artístico com que enceta o autor o primeiro capítulo do seu romance.

> De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* desliza um fio d'água que se dirige para o norte e que, engrossando-se com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se um rio caudal.
>
> É o *Paquequer*, que, saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois espreguiçar-se indolente na várzea e embeber-se no Paraíba, que corre majestosamente em seu vasto leito.
>
> Dir-se-ia que, vassalo e tributário dêsse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés de seu suserano.
>
> Perde então tôda a sua beleza selvagem; suas ondas vão calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sôbre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor.
>
> Não é neste lugar que se deve vê-lo; é, sim, três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda como o filho indômito dessa terra de liberdade.
>
> Aí o *Paquequer* lança-se rápido sôbre o seu leito e atravessa as florestas como um tapir, espumando, deixando o seu pêlo esparso pelas pontas dos rochedos e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira.
>
> De repente falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas fôrças e precipita-se de um só arremêsso, como o tigre sôbre a prêsa.
>
> Depois, fatigado dêste esfôrço supremo, estende-se sôbre a terra e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e de flôres agrestes.

A vegetação nessas paragens ostenta todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendem ao longo das margens do rio, que corre no meio de arcarias de verdura e dos capitéis ornados pelos leques das palmeiras.

Tudo é grande e pomposo neste cenário, que a natureza, sublime artista, decorou para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

Êste quadro é lindo porque é natural; pomposo, americano, porque a cada passo vemos nas pedras, nas flôres, na copa das árvores, nos repuxos das cascatas iriarem-se os raios do ardente e vificante sol dos trópicos, que inspira a mente do poeta.

O autor aí realizou verdadeiramente aquilo que, um dia, entusiasmado pelas belezas de sua pátria, disse nas suas *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios* a respeito do caráter da poesia americana.

Esqueceu, com efeito, tôdas as suas idéias de homem civilizado e, como o *Henrique March* de Cooper, identificou-se com a natureza que o cercava.

E tudo isto é grande, e tudo isto é soberbo pela simples razão de que só a América é capaz de produzir tão ricas páginas.

Uma única descrição neste gênero tenho eu encontrado, fora das inspirações do grande mundo de Colombo, que possa rivalizar com a do *Paquequer,* com a do *Glenn* ou com a do *Meschacebé;* é a do *Salia,* no *Eurico,* de Alexandre Herculano.

Sou capaz de jurar que a imaginação do poeta neste ponto deixou-se primeiro abrasar pelos raios emprestados do sol tropical, para depois então derramar em turbilhões de luz as belezas que pejam as duas * fôlhas divinas, nas quais soube tão bem encastoar a sua descrição.

O *Salia* é um rio americano, que Alexandre Herculano, pelo poder de seu gênio, transportou do novo continente para as terras do pequeno Portugal. Desadornem-se as suas margens dos carvalhos e robles, em seu lugar apareçam mais verdejantes bosques, e a ilusão será completa.

O verdadeiro rio não podia, de certo, vigorar-lhe tanto a faculdade descritiva sem auxiliares mais poderosos.

Entretanto, os efeitos vertiginosos da torrente não lhe escapam; o poeta, concentrando tôdas as fôrças de seu talento sôbre o leito do rio, faz com que daí jorrem em borbotões as imagens mais sublimes, que é possível crer na pintura de medonhas grotas, penhas escalvadas e barrancas carcomidas pelas águas e prestes a esboroarem-se sôbre êsses olheirões de espumas que passam lá em baixo no abismo,

* Sic.

deslumbrando a vista e lançando o terror na alma do pobre viandante que dêle se aproxima sem temer-lhe a sanha.

Não posso deixar de ceder à tentação de ler-te a maravilhosa descrição de que falo. Perdoa mais uma vez êste capricho de *dilettante* e verás se tenho ou não tenho razão.

> Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sentia-se mugir ao longe com incessante ruído. A espaços, distorcendo-se em milhões de fios, despenhava-se das catadupas em fundos pegos, onde refervia, escumava e, golfando em olheirões, atirava-se, atropelando-se a si mesmo, pelo seu leito de rochas, até de novo tombar e despedaçar-se no próximo despenhadeiro. Era o Salia, que, de queda em queda, rompia dentre as montanhas e se encaminhava para o mar cantábrico. Perto ainda das suas fontes, o estio via-o passar pobre e límpido, murmurando à sombra dos choupos e dos carvalhos, ora por meio das balsas de carrascos e silvados, que se debruçavam aqui e acolá sôbre a sua corrente, ora por entre penedias calvas ou córregos estéreis, onde em vão tentava, estrepidando, recordar-se do seu bramido do inverno. Mas, quando as águas do céu começavam nos fins do outono a fustigar a faces pálidas dos cabeços, a ossada nua das serras, e a unir-se em torrentes pelas gargantas e vales, ou quando o sol vivo e o ar tépido de um dia formoso derretiam as orlas da neve que pousava eterna nos picos inacessíveis das montanhas mais elevadas, o Salia precipitava-se como uma bêsta-fera raivosa e, impaciente na sua soberba, arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo o não comprimia e o deixava espraiar-se pelos pauis e juncais, correndo ao mar, onde, enfim, repousava, como um homem completamente ébrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embriaguez.

Incontestàvelmente a natureza tem uma influência poderosíssima sôbre as imaginações; e tanto mais isto se verifica quanto ela é rústica e selvagem.

E por esta razão têm sido os poetas americanos verdadeiramente os mais originais dêstes últimos tempos.

Durão, Basílio da Gama e outros, se são poetas admiráveis, devem-no ao nobre e patriótico impulso que fêz com que êles desprendessem os seus vôos do Pindo para virem pousar nos Andes. O primeiro abandona a mitologia e canta o *Caramuru;* o segundo sai da Arcádia e deixa de ser *Termindo Sipílio* para entoar os cantos do *Uruguai,* que, como êle próprio previu, o haviam de levar à posteridade.

O Brasil e suas vastas regiões, vistas pelos prismas de seus belos versos, deslumbrariam a Europa com as suas riquezas e tesouros, com as suas minas e vegetação inexaurível, se pudesse a língua portuguêsa ser apreciada por tôdas as nações cultas do velho continente.

Desertos infindos, regiões desconhecidas e envolvidas por um véu misterioso, lagos fantásticos onde o espírito do indígena julga

enxergar cidades encantadas, o Chimborazo, o Nevada de Sorota com suas neves eternas, o Itacolumi, o Titicaca, o Amazonas, Paulo Afonso, o Prata, as lendas da célebre Manoa, os incas e suas tradições; tudo isto não pode deixar de ser uma fonte perene de inspirações poéticas.

Tal é a fecundidade desta poesia espontânea, e não de simples convenção, tal o seu brilho e vigor, que os naturalistas, os geógrafos, os astrônomos, por mais que se esforcem em ausentá-la de seus tratados, onde muito e muito se faz mister a concisão, não podem fugir aos solícitos afagos da prodigiosa natureza que se propõem analisar simplesmente como homens da verdade, da ciência, da investigação e do cálculo.

Quem, mais do que Humboldt, revelou até onde pode chegar o sentimento das belezas naturais?

Basta abrir qualquer livro de viagem, ou roteiro, qualquer livro escrito pela pena de um naturalista sob a impressão dos vastos desertos e verdejantes templos tropicais, para ser verificada a exatidão das minhas palavras.

Aí a natureza, reproduzida pela máquina fotográfica, apenas mostra-se descarnada, sem o reflexo do raio dourado do gênio, sem a revelação entusiástica do poeta, sem os seus arroubos, enfim.

Entre muitas peças, apreciáveis debaixo dêste ponto de vista, não me eximirei de citar-te o *Espaço Celeste,* de Liais.

Neste trabalho é o astrônomo, cuja imaginação deve já estar mirrada pela contínua e aturada combinação de algarismos, quem desprega por um momento os olhos dos astros para, em belíssimas divagações, fotografar uma noite de luar na floresta, por exemplo, uma tempestade nas embastidas selvas que cobrem os rios, os estragos de um raio, os efeitos de uma tromba d'água devastando campos imensos, bosques inteiros, tais quais êle viu, apreciou e analisou como filósofo.

No entanto, em face de um quadro qualquer assim traçado, dir-nos-íamos colocados ante a mesma realidade. Deixamo-nos apoderar dos mesmos terrores por que passa o viandante perdido no meio dêsses oceanos de verdura; cremos ouvir o ruído do vento na copa das árvores, o rugir do jaguar nos recessos que o ocultam; julgamos ver um fantasma aterrador em cada palmeira que recebe lá ao longe o frouxo clarão do astro da noite; afinal, uma rajada de vento parece trazer-nos o balsâmico aroma das flôres e arrebatar-nos de um mundo tão cheio de sombras e mistérios.

Agora, meu amigo, em lugar de um espírito analítico, destituído de *mens divinior,* que só a espaços arranca-se do seu característico

positivismo para eletrizar-se diante dos esplendores da criação, coloca uma imaginação delirante, um espírito lamartineano, uma alma ardente que por si só seja capaz de abrasar-se ao fogo da inspiração, e dize-me, quais serão os resultados desta transmutação? De certo, os frutos mais belos e originais que nos é dado imaginar! Outra coisa não é possível esperar de tão ubérrimos terrenos, fecundados pelo húmus divino.

Eis aqui debaixo de que ponto de vista literário me tem aparecido a natureza virgem da América, e com especialidade a do nosso Brasil. Eis a razão por que têm se elevado, segundo penso, acima das generalidades dos poetas dos séculos modernos, aquêles que hão se identificado com os gigantescos poemas da criação traçados pelo poeta dos poetas.

Infelizmente, porém, a mocidade de agora parece hesitar... Abandona tudo quanto é nosso, pròpriamente nosso, parece até ignorar a existência das suas ricas fontes, e nem mesmo liga valor à história brasílica na parte em que ela é uma verdadeira epopéia. Que atenção lhe pode merecer a luta do colono com a excêntrica índole do indígena, da civilização com a selvageria, se o seu espírito, desapegado das coisas pátrias, só se nutre do que é europeu e só europeu!

O que valem a guerra dos holandeses, a expedição do Maranhão, a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, a revolução de Minas e a de 17, diante da invasão dos francos e da revolução de 89? Nada, de certo, para quem não tem amor fanático por tudo quanto é de seu país, amor que exagera sempre, é verdade, mas que enobrece, e não foi embalde encastoado por Deus no coração do homem como uma de suas jóias mais apreciáveis.

Nem ao menos os nossos jovens, não querendo falar mais na escolha dos assuntos de suas composições, procuram aprimorar o estilo ao som harmônico das brisas da terra em que vivem, dando-lhe um colorido seu e original. Ao contrário, julgam que a sublimidade no estilo só se atinge com a imitação de uma escola perigosíssima, hoje mui seguida entre nós, e com o emprêgo de certas expressões que Longino, já em seu tempo, condenava como intoleráveis, quando reputava ridículo e desprezível o dizer-se — *Bóreas tangedor de flauta, e tranças de fogo,* — e reprovava no poeta Leontino de Górgias o chamar a Xerxes — o *Júpiter dos Deuses,* — e aos abutres, — *sepulcros animados.*

Se dermos crédito ao que diz Pierron, no seu *Curso de Literatura Grega,* acêrca daquele crítico, poucas vêzes se enganou êle em seus juízos literários; e, se não me iludo, foi um grande adivinhador, logo que proclamou em seu tratado do *Sublime* o célebre axioma de que nada há mais sêco neste mundo do que um hidrópico.

Esta falta de originalidade, até no estilo, já lamentava, em 1847, o Sr. Pereira da Silva nos seus *Varões Ilustres do Brasil*, sentindo com verdadeira dor de coração que os poetas dos tempos coloniais, tais como Alvarenga, Cláudio Manuel da Costa e outros, fôssem tão ingratos para com o seu torrão natal e não passassem, por isso, de meros copistas das literaturas estrangeiras. E se o ilustre biógrafo tinha razão referindo-se a tempos tão remotos, por que não o terei eu hoje, em épocas de tantas reformas e engrandecimentos?

> O filho dos trópicos, — disse Casimiro de Abreu, que teria sido um dos nossos poetas mais nacionais, se a morte o não ceifasse tão cedo, — deve escrever em uma linguagem pròpriamente sua, lânguida como êle, quente como o sol que abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares.

Em tôdas estas reflexões, fiquem, pois, firmadas as minhas predileções literárias; julgo-as bastante autorizadas para não desprezá-las, por mais infeliz que venha a ser nas minhas tentativas.

Esta carta já vai um pouco longa, entretanto não a terminarei sem fazer-te algumas considerações com referência ao que disseste acêrca dos meus — *Contos Brasileiros.*

Elevaste *Tabira* a uma altura que êle não merecia, nem teve ainda a pretensão de merecer.

No caráter dêste personagem apenas procurei, o mais possível, aproximar-me da natureza do selvagem, isto é, do modo porque os cronistas e homens da ciência, imediatos observadores, o têm apresentado.

Com efeito, nenhum povo tem apresentado um caráter tão excepcional como essa raça que outrora povoava tôda a região da América.

Quase enigmáticos para aquêles que os procuravam estudar, os selvagens do Novo Mundo pareciam assemelhar-se aos francos pela ferocidade, e aos gauleses pela estrutura de suas idéias religiosas. O que os tornava, porém, verdadeiramente originais era o seu estoicismo descomunal em todos os atos da vida.

Indiferentes para com o resto do mundo, só tinham um amor e um culto perfeito; e êste amor e êste culto era o da liberdade, que constituía-lhe tôda a vida e que era a sua alma e o seu paraíso.

> O índio, — diz Emílio Carrey, — apenas tem um amor no mundo, que é a sua liberdade: mas uma liberdade completa, absoluta, sem limites: não como a nossa, mesquinha, limitada, uniformizada, despótica e sanguinária, encadeada por todos os músculos aos prejuízos, às leis, aos contratos, às necessidades e às vaidades estúpidas da sociedade onde vive-

mos, e que não passam de uma rêde de ferro, que coarcta o homem civilizado nas suas mais insignificantes ações, ou de um sudário imenso, que o abafa e aniquila. O índio é o poldro indômito e rebelde sem freio de aço, nem áureas rédeas. O índio a ninguém reconhece e se submete, a não ser o seu capricho.

Ainda não houve quem melhor definisse o selvagem debaixo do ponto de vista do caráter livre e indomável, que lhe é próprio.

Em sua vida cheia de poéticos incidentes, os índios apresentavam quadros realmente dignos dos mais hábeis pincéis. As suas lutas, por exemplo, tremendas e assustadoras, ressentiam-se de uma feição por tal forma estranha e admirável, que seriam capazes de rivalizar com os combates dos heróis homéricos, se um dos nossos poetas nacionais, verdadeiramente compenetrado de sua magnitude, se encarregasse de descrevê-las.

Os guerreiros indígenas não se desafiavam solenemente, nem discursavam por tanto tempo como os helenos ou troianos, antes de travarem a luta.

Êstes, em cima de dourados carros, revestidos de suas brilhantes armaduras, sobraçando o enorme broquel, historiavam primeiro as suas façanhas, qualidades e ascendência divina, e insultavam os inimigos, para então lançarem-lhes, cheios de cólera, os terríveis dardos, que estalavam de encontro aos escudos como os raios de Júpiter sôbre o Cáucaso. Assim combatiam Pátroclo e Sarpédon, Aquiles, semelhante aos deuses, e o divino Heitor.

Os selvagens, entretanto, menos suntuosos na aparência, eram mais terríveis na escuridão das selvas, por onde reluziam as suas pupilas de jaguar. Ora escondidos nas moitas; ora identificados com os troncos das árvores, dos quais só se destacavam quando um silvo misterioso atravessava as selvas de um extremo a outro; ora surgindo da copa das palmeiras como se fôssem os gênios das florestas; ora derrocando rochedos, mudando o curso dos rios e infestando regiões inteiras das mefíticas exalações de um veneno instântaneo; ora levando com suas setas inflamadas o incêndio a matas e aldeias inteiras; ora acompanhados dos seus planos horrorosos, de que, uma vez empenhados em guerra de extermínio, não se apartavam uma polegada; quase mudos, pouco comunicáveis, impenetráveis em suas inclinações, incapazes de uma lágrima, e com o *tacape* sempre prestes a suspender-se sôbre a cabeça daquele que traísse pelos gestos o menor sinal de receio, eram os guerreiros vermelhos muito mais dignos de admiração do que os homens de ferro do antigo continente, transformados em tôrres ambulantes.

O guerreiro heleno caía como um cedro do Líbano impelido pelos ventos do norte; o crepe da noite eterna envolvia-lhe o cérebro

e as armas retiniam debaixo de seu pêso. Antevendo, nas vascas da morte, os horrores do Cocito, êle o temia e implorava a vida.

O habitante das selvas, ao contrário, impassível, jungido ao tronco de uma árvore, sofria mil mortes aparentes e mais terríveis ainda do que a verdadeira, sem que seus músculos cedessem à mínima emoção ou mêdo, e cercado e crivado de flechas, reduzido a ser, antes de perder o último alento, o alvo dos esforços e destrezas de seus adversários, ria-se e cuspia-lhes no rosto, contando, muita vez, que sua morte trouxesse consigo o completo aniquilamento do inimigo. Era nobreza sua, bem ou mal entendida, morrer da morte a mais brutal. Se pode nisto haver algum prazer, êle o tinha.

Inabaláveis, como já disse, em seus planos, eram os índios, ainda, semelhantes ao furacão percorrendo as florestas; nem os abismos, nem as cataratas, nem os rochedos, nem o fogo, nem a conspiração dos elementos eram capazes de embargar-lhes o passo e demovê-los da realização de uma vingança ou da defesa daqueles entes a quem estivessem presos pela rara dedicação. Tão terríveis no primeiro caso, quão providenciais no segundo!

O Satanás do Milton, procurando, por todos os meios infernais, perder o gênero humano, não era mais astuto e perverso do que a *Mágoa* de Cooper, quando tentava desforçar-se do Coronel *Munro* justamente nos entes que mais lhe pertenciam ao coração.

Um anjo não é mais prudente do que o *Peri* de J. de Alencar.

Formar, pois, do resultado de tôdas estas observações um ideal e apresentá-lo artisticamente desenvolvido em um poema ou romance, eis o que do século passado para cá têm aventurado alguns espíritos mais empreendedores e entusiastas.

Chateaubriand foi um dos primeiros. Pôsto que, porém, fôsse grande conhecedor dos costumes indígenas, como mostrou em sua *Viagem à América;* embora tenha sido considerado, e com razão, o primeiro pintor da natureza, não sei por que contraste falha e decai completamente na pintura dos caracteres. Todos os que têm escrito sôbre esta matéria são concordes em dizer que os seus selvagens não passam de meros europeus pintados de azul e vestidos de penas.

Talvez que nisto muito influísse o ardor religioso com que o poeta compôs o *Gênio do Cristianismo.*

Marmontel, que escreveu antes de Chateaubriand, conquanto fôsse feliz em algumas passagens dos *Incas,* teria deixado de ser um poeta americano desde que tirassem de suas obras os hábitos e costumes selvagens. Seria, no tom com que descreve o Novo Mundo, quer pelo lado moral, quer pelo lado material, um verdadeiro grego. Até as suas paisagens ressentem-se dêste defeito; dir-se-ia ainda ouvir nelas o canto das cigarras e dos rouxinóis, a flauta do pastor e o

balido das ovelhas. Isto, decerto, nunca poderá convir às majestosas regiões da América.

A descrição que o autor dos *Incas* faz de uma das Antilhas parece, antes, ser a da ilha de Calipso. Marmontel não pinta a América, pinta a Grécia. *Ataualpa* é um sacerdote de Júpiter, e as suas filhas são, antes, ninfas do que trigueiras habitadoras dos trópicos. Os índios, afinal, ali se apresentam completamente desnaturados e ao sabor helênico; são mansos, ao seu modo de ver, e virtuosos até o ponto de poderem dar lições de moral ao velho continente; e nem sequer transparece no meio de tudo isto o fundo de seu caráter, pôsto que modificado pela apregoada civilização do Peru e México.

Entre nós, porém, já neste sentido, bons ensaios têm surgido a lume.

Durão e principalmente J. Basílio da Gama, embora não houvessem atingido o alvo, trataram dêstes assuntos com uma vantagem imensa, e justamente reconhecida, sôbre os autores supracitados.

Os heróis do *Caramuru* afastam-se a perder de vista do *Chactas* de Chateaubriand e fazem correr como gralhas aos índios de Marmontel. E os *Cacambo* e *Cepé*, de Basílio da Gama, por sua vez também superiores aos *Gupeba*, *Sambambaia*, *Pecicava* e *Jararaca*, não foram embalde elogiados por Fernando Denis em sua *História da Literatura Brasileira*.

Leiamos o Canto 3.º do *Uruguai* e vejamos com que astúcia o herói dêste poema persegue e leva o fogo aos arraiais e tendas dos portuguêses:

Acorda o índio valeroso, e salta
Longe da curva rêde e sem demora.
O arco e as setas arrebata e fere
O chão com o pé: quer sôbre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar com a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e ainda lha escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as várias penas
E o arco e as setas e a sonora aljava;
E onde mais manso e sereno o rio
Se estende e espraia, sôbre a ruiva areia,
Pensativo e turvado entra; e com água
Já por cima do peito as mãos e os olhos
Levanta aos céus, que êle não via, e às ondas
O corpo entrega. Já sabia, entanto,
A nova emprêsa na limosa gruta
O pátrio rio; e dando um jeito à urna,
Fêz que as águas corressem mais serenas;
E o índio afortunado a praia oposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida e mansamente
Pelo silêncio vai da noite escura
Buscando a parte donde vinha o vento.

Lá como é uso do país, roçando
Dois lenhos entre si desperta a chama,
Que já se ateia nas ligeiras palhas,
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa *Cacambo* o resto e foge a tempo
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chama abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido das guardas não se assusta,
E temerária e venturosamente
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipício às negras ondas
Outra vez se lançou, e foi dum salto
Ao fundo do rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde às margens
Corre a gente apressada. Êle, entretanto,
Sacode as pernas e os nervosos braços:
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo,
Suspendido nas mãos, e voltando o rosto,
Via nas águas trêmulas a imagem
Do arrebatado incêndio e se alegrava.

Por mais bela, porém, que seja esta descrição, por mais *brasílico* que seja o vulto de *Cacambo,* não pode escapar o autor à censura de ter dado ao seu herói algumas qualidades que não pertencem ao selvagem americano. O amante da poética *Lindóia* é um pouco parlador e discursista, e discute às vêzes com o General Gomes Freire de Andrade acêrca dos seus direitos de uma maneira capaz de causar inveja ao mais hábil diplomata; e seria para desejar que a sua linguagem fôsse mais repleta dêsse esplêndido colorido que tanto encanto sói dar à estrutura da frase do selvagem.

Quem, porém, segundo pensam todos, veio dar, por assim dizer, quase a última palavra a tal respeito, foi o autor do *Último dos Moicanos.*

*Uncas,* o herói do célebre romance, reúne tudo em si: não diz palavra quando obra e "deixa que suas ações falem por si". A sua linguagem matizada pela natureza, que rara vez o obriga a soltar a voz dos lábios, é tôda parabólica e cheia de encantadores mistérios. Os perigos para êle não existem, e quando porventura se lhe antolham, "torna-se seu semblante inacessível à emoção, e permanece tranqüilo e frio como o mármore".

Só a leitura daquela obra inteira pode dar uma idéia exata da habilidade com que Cooper soube aperfeiçoar aquêle tipo de dedicação selvagem.

*Chingachgook, o Grande Serpente,* é outro vulto que não desmerece do primeiro. O amante da melancólica *Wahta-Wah* nunca arrancou-se de sua taciturnidade para defender a vida só pela vida, e basta isto para que seu elogio esteja completo.

Entre nós, a Cooper correspondeu logo Gonçalves Dias.

Os seus índios, embora tenha nêles Pinheiro Chagas encontrado os mesmos defeitos que nos de Chateaubriand, me parecem muito aproximados ao ideal que tenho formado. Poder-se-á notar uma tal ou qual falta de colorido na linguagem dos seus heróis, porém nunca falsificação de caráter.

Entretanto, o verdadeiro rival de Fenimore é J. de Alencar. E sirva isto, meu amigo, de resposta à argüição que nos fêz o simpático português, autor da *Virgem Guaraciaba*, quando disse, nos seus primeiros *Ensaios Literários*, que já tínhamos algum Washington Irving, mas Cooper, ainda nenhum.

*Peri*, no meu fraco pensar, parece refletir em si tudo quanto de belo e esplêndido pode haver no rico torrão em que estavam outrora assentes as *tabas* sagradas de seus antepassados.

Receio dizer que *Uncas* ceder-lhe-ia o arco de chefe, se porventura concorressem ambos ao mesmo lugar em uma tribo.

*Peri* é a pérola selvagem do sul. O autor apraz-se em apresentá-lo no meio da floresta em luta com a fera indômita, que é logo por êle vencida e subjugada. O rei altivo das selvas só quer com isto satisfazer o capricho de uma criança que constitui-lhe tôda a vida e que é para êle uma verdadeira religião. Esta religião é a encantadora e inocente Cecília, que, inconscia dos perigos que a cercam nos altos sertões do Brasil, corre afoita pelos prados e bosques que orlam a habitação onde todos a consideram o anjo do bem; e o selvagem, temendo que tudo a ofenda ou moleste, com seu arco e flechas estabelece um círculo impenetrável em roda da gentil menina, dentro do qual a ninguém é dado penetrar. Tal é a sua solicitude fanática pelo objeto maravilhoso de seu culto, que nem uma fôlha, nem uma borboleta consegue roçar o rosto de *Ceci* impunemente; e transpassaria com a seta o próprio pensamento mau que para ela se dirigisse, se isto estivesse nas raias do possível.

J. de Alencar por êste modo quis apresentar o tipo do selvagem por um dos seus lados mais admiráveis e menos explorados até hoje, — a rara dedicação; e sem dêle ausentar todos os predicados que já tivemos ocasião de notar em *Uncas*, elevou-o ao maior grau de originalidade que é permitido imaginar.

Se há, porventura, alguma falta em *Peri*, consiste esta sòmente no demasiado sentimentalismo de que êle se adorna, assim como também na abdicação cega que faz da liberdade para acorrentar-se como um escravo submisso aos pés daquela a quem em sua rude linguagem chama *Iara* (senhora).

Entretanto, o autor soube habilidosamente consorciar tudo isto; e se por um lado fere de algum modo o caráter do selvagem, por outro concede-lhe essas parcelas de maravilhoso que tanto soem embelezar a sua criação.

Na *Iracema,* do mesmo poeta, o índio ainda mais sobe de ponto. Aí o tom já não é de um romance, é de um poema.

Não há, neste livro admirável, uma fagulha de estilo que deixe de revelar, nas côres mais iriantes e tropicais, a índole, os costumes e a linguagem matizada do habitante das selvas.

Não foi por outra razão, decerto, que o Capitão Burton o transplantou para a língua dos Milton e dos Byron, senão porque aí encontrou os característicos de uma verdadeira raridade de nossa terra.

E, com efeito, o que pode haver de mais original do que o vulto do indígena *Poti,* tão conhecido na história, e que naquele trabalho aparece completamente identificado, pelo talento do autor, com a natureza do vermelho anfíbio de que tirara o nome, ora surgindo da face lisa de um lago coberto de lôdo, ora rojando-se vagarosa e silenciosamente pela terra para salvar o irmão branco, que, entre os inimigos, ao pio da coruja, apela para o socorro ?!

Basta, meu amigo; estou cansado de experimentar emoções.

Assim tenho eu compreendido o selvagem da América; e foi depois de ler alguns dos nossos cronistas, tendo sempre em vista tão bons mestres como aquêles, que me abalancei a esboçar, esboçar apenas, o tipo do meu *Tabira.*

Não sei se consegui realizar as minhas intenções. Que elas são puras e destituídas de pretensão, garanto-te eu, e neste ponto creio que me compreendeste perfeitamente.

Oh, meu amigo, como é difícil e doloroso realizar uma idéia que nos impressiona e de que nos apoderamos !? Eis o que intimida a nós moços tôda a vez que fazemos uma tentativa, principalmente quando, depois de algumas vigílias, julgamo-nos já de posse do escopo almejado, esbarramos frente a frente com a frieza e displicência daqueles de quem esperávamos alguma animação !

Foste o único de quem me veio alguma animação na minha exígua tentativa literária. Mas, agradecendo de todo o coração a sinceridade com que me tratas, declarar-te-ei aqui mui positivamente que jamais trepidarei em prosseguir no caminho empreendido, muito embora sejam condenados ao eterno olvido tantos quantos livros venha ainda a fazer para o futuro.

Que importa o resultado, se satisfaço uma necessidade de minha alma; se isto é uma paixão; se na própria satisfação que experimento, após o perfeito ou imperfeito desenvolvimento da idéia que me enche o espírito, vou encontrar a recompensa do meu trabalho.

Queria sempre ver até onde poderia chegar o brilho das côres com que os selvagens desenhavam os seus arcos e as suas flechas; tanto mais quanto sinto-me mais forte e robusto desde o momento em que procuro apropriar-me dos matizes de sua linguagem, o que não acontecia, posso assim dizer, há bem pouco tempo, quando aqui e acolá coxeava em um ou outro ensaio literário sôbre assuntos piegas, onde, desde a linguagem até o estilo, tudo voava pelos ares.

Como o mineiro pertinaz, irei entranhar-me nas grotas e cavernas de minha pátria; e, ainda mesmo que isto venha em detrimento dos estudos que me solicitam de mais perto, delas não me afastarei, tenho certeza de que jamais me hei de arrepender de um passo que talvez muitos julgam não acertado.

Adeus.

Recife, junho de 1869.

# JUVENAL GALENO

LENDAS E CANÇÕES POPULARES — NOVAS LENDAS E CANÇÕES — ECOS SILVESTRES — FÔLHAS DO CORAÇÃO — PORANGABA.

Publicações no *Constituição* de Fortaleza, n.os 174, 29 setembro 1872; 179, 6 outubro 1872; 187, 19 outubro 1872; 199, 8 novembro 1872.

O último dos artigos terminou com a promessa de continuação. Todavia, não foi encontrado o menor indício de continuidade e, ao que tudo faz crer, a publicação do trabalho, senão mesmo a sua elaboração, ficou inconclusa. A propósito, há, em "Juízos Críticos", espécie de introdução às *Lendas e Canções Populares* de Juvenal Galeno (Fortaleza, Guálter R. Silva, Editor, 1892, 2.a edição), esta nota de rodapé (p. 17): "CONSTITUIÇÃO (1872), números 174, 179, 187, 199. Infelizmente, o distinto literato não escreveu a conclusão dêste juizo crítico."

## I

Quando a pena sabe traduzir os mais íntimos sentimentos, destituída de afetação e sóbria de imagens, ao mesmo tempo em estilo fluente e sedutor, não pode restar dúvida de que aquêle que a maneja é um dos privilegiados por Deus.

Há entre nós um poeta a quem só por uma injustiça clamorosa se poderia negar a realidade do influxo dessa fôrça pasmosa que produz os gênios e os artistas.

Espírito ardentíssimo e impressionável, entusiasta por tudo quanto lhe aparece revestido dos característicos do belo e do sublime, criado desde a sua mais tenra infância no meio dos majestosos espetáculos de uma natureza quase virgem, apaixonou-se, como verdadeiro filho das musas, pela deusa que por seu mágico poder fôra-lhe gradualmente fecundando o espírito, e o artista, afinal, consumou-se.

É êle o autor de um dos mais mimosos poemetos que se contam entre as nossas poucas produções verdadeiramente brasileiras.

Já bastante conhecido entre os fluminenses, que têm sabido devidamente apreciar as suas lindas poesias, não menos estimado pelos bons literatos de Portugal, onde por mais de uma vez hão sido transcritas produções suas, não necessitaria o distinto poeta cearense que eu, o mais carecedor de habilitações, lhe viesse tecer encômios, se o irrefletido espírito de crítica não procurasse tão freqüentemente em nossa terra alçar o colo contra aquelas coisas que deveriam ser o primeiro objeto de suas atenções.

Hoje, o moço de quem me ocupo vive afastado das lidas mundanas, no silêncio do gabinete, completamente ignorado pela maior parte daqueles que se deleitam em folhear as suas obras; e aqui vai a razão pela qual mais se interesso em defendê-lo contra argüições falsas que porventura poderão pesar na consciência de alguém que o não conheça.

## II

Distante quatro léguas da cidade de Fortaleza ergue-se uma serra que, desprendendo-se da cordilheira de Aratanha, vai extinguir-se nos areais dos tabuleiros, onde parece estacar ante a cólera do oceano.

São tão elevadas estas montanhas, verdadeiros feudos do grande sistema orográfico da Ibiapaba, que, a despeito do calor sempre reinante na zona tórrida, vivem seus píncaros constantemente envoltos em espessos nevoeiros. Além disto, oferece a formação dêstes acidentes terrestres um caráter tão excepcional, que impossível se torna ao viajante passar por semelhantes lugares sem volver-se para os tremendos rochedos que do meio das florestas circunvizinhas parecem precipitar-se sôbre os abismos.

Entretanto, quem quer que se aproximar um pouco mais de suas faldas, não se deixará tanto mover pela verde feição dessas paragens como pelo risonho aspecto de alguns vastos cabeços adjacentes, onde se divisam aqui e acolá diversos pontos brancos em contraste perfeito com o verde-negro dos bosques.

Aí é onde se encontra a vida em completa antítese com a morbidez das selvas. São habitações em que imperam sòmente as tristezas ou alegrias humanas; são verdadeiros berços de inocências, suspensos alguns metros acima dos vales, até onde não pode chegar o rugido das populações corruptas.

E em geral só ao rude agricultor é dado auferir as vantagens de uma vida semelhante; ao agricultor, cujos horizontes não se dilatam além do círculo em que vive.

Não obstante, quantas almas poéticas não se destacam da proverbial selvatiqueza dêsses lugares para contemplar a própria natureza que lhes sói dar o alento.

Realmente, não é possível imaginar um painel mais esplêndido do que o que se desenrola diante dos olhos dos habitadores de tão pitorescos recessos.

Aqui coleiam os regatos, descendo por entre as pedras que povoam o lado da montanha; ali alargam-se as verdes plantações de café; acolá pendoam os imensos canaviais em roda das amenas locandas e engenhocas; mais ao longe azulam-se os açudes, repletos de água; em seguida correm as alvas fitas das estradas, por onde desfilam os intermináveis comboios de algodão; afinal, no horizonte, lourejam os tabuleiros a par da escura linha do oceano, que parece formar a moldura de tão majestoso quadro.

## III

Foi em uma daquelas risonhas habitações onde cresceu o poeta da *Porangaba*. Foram êstes os espetáculos que de mais perto lhe fecundaram a imaginação, e, criando-lhe uma fonte inexaurível de prazeres e inspirações, conseguiram revestir as suas produções de uma côr tão local, de tantos encantos e naturalidade.

Ali germinaram as "primeiras canções populares", publicadas de 1850 a 1861, que desde logo denunciaram o poeta do povo, concedendo-lhe o nome de que, com justo título, era carecedor.

A poesia intitulada — *Na Eira*, que se encontra na coleção de *Lendas e Canções Populares*, prova evidentemente quais tenham sido as suas primeiras impressões.

Foi necessàriamente depois disto que o poeta desceu do seu ninho da montanha para divagar pela planície, alternando a contemplação dos espetáculos da criação com o estudo dos caracteres, convivendo com o povo e identificando-se com os seus costumes.

Quem, porventura, entre nós já conseguiu realizar no gênero popular o mesmo que Juvenal Galeno?

Entretanto, o poeta, dominado pela excessiva modéstia que o caracteriza, julgando-se muito aquém do que realmente é, trepida em reconhecer o serviço prestado às nossas letras e interroga ainda se os seus esforços hão correspondido às intenções que o dominaram.

Mas todos lhe respondem com o sorriso inocente, que traduz nos lábios o gôzo produzido pela leitura de tão simples quão engenhosas produções.

Ninguém melhor, nem com mais graça, tem pintado os costumes do rude lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro ou a poética sorte do melancólico pescador; ninguém com mais delicadeza tem chegado a penetrar nos segredos do lar doméstico do pobre e sabido com tanta destreza acompanhá-lo em suas felicidades ou torturas, em suas festas ou brinquedos; ninguém, afinal, já conseguiu esboçar com mais vivas côres as desgraças das ínfimas classes sociais, dessas vítimas inglórias da prepotência dos subdelegados, da ignorância das autoridades e, mais que tudo, do nosso desastrado sistema eleitoral.

## IV

Basta folhear ràpidamente o volume supracitado para reconhecer-se a verdade das minhas expressões.

Que pureza! que naturalidade não encerra a canção do — *Pobre Feliz*?

Onde já foram descritas com mais ingenuidade e doçura as emoções que se apoderam do homem trabalhador, quando reputa-se feliz e protegido pelos carinhos da mulher que o ameiga e benefícios do bom Deus que o ajudam?

Eis como exclama o pobre lavrador da canção:

> Sou pobre, mas sou ditoso;
> De ninguém invejo o fado;
> Me falta, sim, o dinheiro!
> Mas de Rosa minha, ao lado,
> Não me falta amor constante,
> Sossêgo, mimos, agrado.

E mais adiante, satisfeito de ver a pequena habitação que surgira pelo encanto de suas laboriosas mãos:

> Tem minha casa um alpendre,
> Junto dêste a camarinha,
> Mais um puxado, que Rosa
> Chama espaçosa cozinha;
> Caritó, jirau e rêdes
> Adornam tôda a casinha.
>
> Sou pobre, mais sou ditoso.
> Meu Deus!
> Ao lado de minha Rosa,
> Cercado dos filhos meus.

E os seus amôres conjugais?

> Ao meio-dia, o trabalho,
> Se largo pra descansar,
> No colo de minha Rosa
> Venho a cabeça deitar,
> Vendo meus filhos contentes
> No seu constante folgar
> . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
> Vai Rosa ver-me ao roçado,
> Vê meu serviço e me afirma
> Que devo estar bem cansado;
> E dá-me certo olharzinho
> Que me tira logo o enfado.

Outra poesia de muito merecimento, por sua propriedade, linguagem, tecnologia e abundância de traços fiéis, é a do — *Vaqueiro*.

Aí descreve-se um tipo original de nossos sertões; é a vida do homem rústico por excelência, que não recua ante o perigo, ora saltando abismos, ora pulando por cima dos mais corpulentos galhos, contanto que nunca deixe de trazer o ginete "escanchado em cima dos rastos da rês arisca", — objeto de tôdas as suas apreensões.

Nada lhe falta para ser completo, nem mesmo o coração sensível, que quase sempre se oculta debaixo dêsses grosseiros couros.

De véstia e perneiras, chapéu, guarda-peito,
De peles curtidas... que lindo trajar!
Com minha guiada, — montando o ginete,
Que rincha fogoso, que sabe pular...
A vida que eu levo,
Ouvi-me cantar.

Eu boto o cavalo... que sente as esporas
E assopra e se escancha nos rastos da rês;
Ardente, brioso, sedento de glórias,
Por altos e baixos correndo por três!
A vida q'eu levo
Ouvi-me esta vez.

Então nas cantigas, rompendo espinheiro,
Saltando os valados, qual passa o tufão,
Que louca vertígem! que fogo no peito!
'Té o céu desafio no meu campeão!
Da vida q'eu levo
Ouvi-me a canção.

Que louca vertígem! Por entre mil troncos
Fugindo aos embates, irado a gritar,
O galho do mato de um pulo salvando,
Caindo na sela, sem nunca parar!
A vida q'eu levo
Ouvi-me cantar, etc.

## V *

Longo seria enumerar tôdas as poesias dêste primeiro ensaio, todos os trechos que hão merecido o elogio dos sensatos e entendidos na matéria.

Basta folhear as primeiras. Qualquer uma acha-se acima de tôda a censura.

Em tôdas elas se encontra o cunho dessa poesia popular, ridente ou melancólica, e quase sempre saudosa, tão difícil na verdadeira interpretação e tão fácil na aparência, cujo único representante entre nós é Juvenal Galeno.

Não é a poesia popular de tão simples compreensão como se pensa ordinàriamente, e para que se consiga os resultados felizes

* Houve êrro na numeração dos capítulos. Aqui, no jornal, repetia-se o n.º IV, prosseguindo depois de V em diante.

dêsse afamado Renter, cuja musa, na frase de um crítico da *Revista dos Dois Mundos*, não passava de uma *gardeuse de vaches*, é necessário uma vocação decidida, um gênio especial, dotes raríssimos e, o mais que é, — o segrêdo da vida íntima, que nem por todos pode ser sentido ou descoberto.

O grande Béranger não será o tipo que mais tenha influído no espírito do nosso poeta para a formação do artista.

Creio que as suas inspirações são virgens. Eco do povo, filha das suas dores e alegrias, suspirou sua lira, e vibraram a nossos ouvidos os seus cantos suaves e melancólicos.

A "lira" de J. Galeno não quer a ilustração. Gerada nas selvas, criada no meio das cenas populares, só aspira o ingênuo repetir das cantigas aprendidas no colo da "cabloca" e na jangada do pescador.

Béranger, se não me engano, aspirou esfera superior. Se bem que poeta popular, foi mais o sentimento revolucionário que o inspirou. Cantava os sofrimentos de um povo menos rude, e os cantava quase que nas ruas da mais populosa das cidades do mundo.

Bradava — República! e, buscando a frase do vulgacho, interpretava então os sentimentos de patriotismo que lhe refervilhavam na mente.

Era o intérprete das turbas. Foi, portanto, o poeta de uma crise popular, e não tanto o puro revelador dos segredos das criaturas do "bom Deus".

## VI

Citaremos em abono da nossa asserção as poesias intituladas o *Escravo*, o *Beijo*, o *Boiadão*, o *Sambista* e o *Cajueiro Pequenino*, poesias onde só transpira o estilo popular, no ritmo próprio, e em que sabem tão bem modular os seus cantos simpáticos os homens agrestes do campo.

O *Cajueiro Pequenino*, principalmente, é uma das canções de que nunca mais esquecemos. Reprodução, quase intata, da tão conhecida cantiga de nossas amas, o poeta não lhe fêz mais do que dar colorido e perfumá-la de sua virgem inspiração.

O *Beijo* é no gênero das "faceiras" de Bruno Seabra. Não lhe falta o chiste, nem a malícia natural; tem sôbre estas a superioridade da côr local. O poeta soube com tanta graça harmonizar a fonte, os pés descalços da morena, seu cabeção rendado, o pote de água, os "mongangos" da gentil heroína de seus versos com a beleza da inspiração, que a cada passo nos julgamos em pessoa a lutar e arrebatar beijos da "formosa" dos campos.

Não menos naturalidade se encontra em outra sob o título *Na Eira*. É a história também de um beijo furtado a uma apanhadeira de café.

*Eu Não* é também um mimo. Ainda as graças de uma sertaneja.

> Ai gentes, que tirania,
> Que tamanha ingratidão!
> Água e fogo tu me negas
> À porta do coração?!

São versos êstes que não se comentam. Há tanta naturalidade nesta frase, que lê-la é o mesmo que aplaudi-la.

E muitas neste gênero dulcíssimo ainda poderíamos apontar.

Não fecharemos, entretanto, o volume das primeiras *Canções* sem falarmos na poesia — *O Voluntário do Norte*.

É uma "bravata" sem igual. Aí, porém, é justamente onde o autor revela a maior riqueza do fraseado popular. Derramou-o em torrentes.

Conhecida é a propriedade com que os nossos homens do mato se exprimem na veemência de seus sentimentos.

Longe de ser olhado êsse modo particular de falar como o resultado do êrro de inteligência, da estupidez da gente rude, prova antes a sua argúcia e vivacidade em pintar os objetos e cenas que em tôrno de si se passam com tôdas as suas côres reais e segundo as suas genuínas impressões.

Tem graça êsse falar pitoresco:

> Êle diz: — Eu faço pouco,
> O Brasil não vence, não! —
> Ai... cabra! porque não sabes
> Que eu sou "corisco e trovão".
>
> Espera, espera que a fama
> Vai ensinar-te, lá vai...
> Cabra, não morras! m'espera
> Dentro do teu Paraguai!

É preciso não conhecer o nosso povo dos sertões para que não se veja quanto não vai de natural e verdadeiro nestes impropérios de sertanejo.

## VII

Contavam os lésbios que, sendo a cabeça de Orfeu lançada ao Hebro, arrastada pelas águas dêste rio, fôra um dia, no eterno convolver-se das ondas do grande mar, atirada às praias da ilha afamada.

E a êste fato queriam atribuir a formosura dos seus campos e bosques, a fragrância de suas flôres, a doçura do canto de suas aves e, afinal, o gênio poético dos seus habitadores.

Com efeito, foi em Lesbos que nasceram Terpandro, o criador da lira, Alceu, precursor de Horácio, e Safo, a bela poetisa apaixonada de Fáon.

Em nossa fecunda terra deveria ter também encalhado alguma cabeça de Orfeu; porque a cada passo jorra a poesia com aquela mesma abundância e vigor com que sobrepujam sôbre todo o mundo as alterosas águas do Amazonas, o rei dos rios.

A natureza é aqui tão pródiga em seus favores e benefícios!

Parece que não houve sacrário que a êste Brasil aventurado não fôsse aberto e desvendado.

Tudo respira grandeza; tudo é belo; tudo é poesia!

Os espetáculos da natureza mais esplêndida reproduzem-se com indizível facilidade por tôda parte. As sensações agitam os cérebros e os corações. Impossível torna-se deixar de ser poeta.

E aí a razão e a história da naturalidade e fluência dessa poesia, que felizmente vai arraiando nos lisonjeiros horizontes da cabrália terra.

O solo, irmão daquele em cujas inspirações, formando-se o gênio de Chateaubriand, derramou pela Europa os germes dessa nova escola de onde têm saído as mais brilhantes produções de Lamartine e Victor Hugo, não podia ser tão ingrato à imaginação ardente dos filhos do trópico, que não lhes desse o gênio de sua nacional literatura.

Juvenal Galeno, acalentado aos estos do sol dêste Brasil, será talvez o precursor de uma plêiade brilhante em gênero diverso ao do saudoso Dias, que, recebendo as virgens inspirações do torrão onde nasceu, solidificará uma literatura própria e original.

Bem haja as luzes com que o Criador o quis prendar.

Em si vemos, graças ao Eterno, a obra fiel da natureza.

O prisma refletiu por esta vez a verdade em todo o seu esplendor.

Longe dessa poesia artificial, envenenadora de tudo quanto há de verdadeiramente belo e ideal, poesia a que deram o nome de "realismo", soube-o Deus guiar em suas puras intenções, confirmando o pensamento de Stendhal, que, uma vez por tôdas digamos, deveria ser a norma de tôda a crítica à literatura nacional.

> O verdadeiro talento, como essa borboleta das Índias, a que seus filhos dão o nome de *vismara*, nunca deixa de tomar a côr da planta sôbre a qual se alimentou e viveu.

## VIII

Temos agora diante de nossos olhos as últimas produções de Juvenal Galeno.

Depois de tantos anos de silêncio, apareceram, afinal, as *Novas Lendas e Canções.* E, coisa singular! dir-se-ia que o autor cada vez mais se deixa impregnar dêsse perfume dos campos, que sempre constituiu o *cachet* de suas composições.

Já nas suas antigas produções, sob o título *Na Eira, O Meu Roçado, A Minha Casinha, A Noite na Senzala,* traíra êle, de um modo expressivo, a vida e profissão que o alimentavam.

Neste volume, mais do que nunca veio provar quanto é exata a asserção de Deschanel, em seu livro sôbre a *crítica natural,* no que toca à influência exercida pela profissão e costumes na vocação e estilo de certos autores.

Aos exemplos de Sócrates, que foi estatuário, Balzac, estudante de direito, Walter Scott, *attorney* em Escócia, Gautier, pintor, Sainte-Beuve, anatomista, exemplos êstes citados muito a propósito por aquêle escritor, no intuito de mostrar as causas das predileções dominantes nestes indivíduos, acrescentaremos o exemplo do nosso poeta Juvenal Galeno, — agricultor.

Quem não encontrará em sua frase essa rusticidade agradável, êsse *déshabillé* característico do lavrador, que sempre foi alheio aos torniquetes da vida dos salões?

É mais uma prova que levantamos em favor da espontaneidade dêste talento que honra agora as nossas letras.

Daí todo o prazer que nos causa a leitura dêstes versos tão simples quanto mimosos e cheios de graça.

Por certo, o nosso poeta não desdenharia repetir a famosa quadra de J. B. Rousseau.

*Puis je ne sains: tous ces vers qu'on admire*
*Ont un défaut, c'est qu'on ne peut les lire;*
*Et franchement, quoique un peu censuré,*
*J'aime encore mieux être lu qu'admiré.*

A primeira poesia com que deparamos neste volume, no gênero popular, intitula-se — *Os Pescadores.*

É uma cantilena descrevendo as vicissitudes da vida de um jangadeiro.

Cheia de sentimento e amor, não se perde uma estrofe. Só quem não tiver percorrido as nossas praias e entrado em alguma dessas palhoças, desconhecerá o mérito de semelhante composição.

*O Forasteiro* não é menos digno de nota. Não podemos deixar de ceder à tentação. Citaremos desta alguns versos:

> Menina, nos teus cabelos
> Fui aprender a nadar;
> Faltou-me a luz dos teus olhos...
> Perdido entre os abrolhos,
> Não pude mais navegar.

É o puro estilo dos improvisadores do sertão. Seus sentimentos estão estampados nestes cinco versos com a maior exatidão possível.

Não podia ser mais feliz a rapsódia.

## IX

O sinal do verdadeiro talento é a clareza, — a naturalidade.

Acontece quase sempre, quando temos um trabalho artístico de perfeito cunho, acabarmos dizendo:

— Seria capaz de realizar outro tanto.

Nestas palavras se encerra todo o elogio do autor.

Entretanto, só a alma do poeta ou do artista poderá dizer que de esforços não lhe foram precisos para chegar a êsse resultado.

É justamente no parecer fácil que está a grande dificuldade. Nada mais insuperável do que a simplicidade dos versos de Homero, quando pinta o desespêro de Andrômaca pela partida de Heitor; seus gritos parecem sair do íntimo da alma do próprio leitor que os aplaude.

Ao contrário, não pode haver coisa mais fácil do que exibir *tours de force* à Ponson du Terrail, à primeira vista tão deslumbrante, quando não passam os seus *Rocamboles* de perfeitas ilusões de bastidores de teatro.

Uma canção talvez tenha custado ao poeta que a produziu muito mais horas de vigílias, muito mais lampejos do que o volume in-quarto do romancista piegas, que se apresenta ousado a nossos olhos.

Porque as nossas amas cantam embalando o *Cajueiro Pequenino*, julgamos muita vez essa composição de pouco mais ou nada.

É um engano.

Não será, porventura, a misteriosa musa popular, a vaga musa, a mais fecunda, a mais original e imaginosa, a que mais freqüentemente ministra assuntos ao escritor consciencioso?

Nesse elaborar da idéia, que, atravessando as massas, se desenvolve e frutifica, há um fenômeno maravilhoso, digno da mais aturada observação.

Para dêle apropriar-se o artista, é fácil de conceber de quanta coragem não deve dispor aquêle que empreende a árdua tarefa.

A propósito das dificuldades da canção, reproduzirei aqui uma anedota referida por Eugênio de Mirecourt em seus *Contemporâneos,* quando fala do grande poeta nacional Béranger, fazendo a apologia do gênero que ilustrou êste gênio da França.

Estava o grande poeta prêso em uma das células da *Fôrça,* em conseqüência da publicação da sua terceira coleção de poesias, onde vinham, sob os títulos de *Révérends péres, Les chantres de paroisse, Les missionaires* e outros, pensamentos que não agradaram ao poder.

Todos os poetas, literatos e artistas apressam-se em visitar o mártir do despotismo.

Entre êles aparece M. Viennet, a quem Mirecourt não dedica, por certo, simpatias.

Viennet é dramaturgo e autor de *Arbogasto.*

— Oh! meu amigo, diz o poeta, apenas vê o cancionista encarcerado que lhe sai ao encontro. Trabalha-se? Rimas sôbre rimas! não é assim?... Há perto de seis meses que estás aqui, se não me engano. Faço idéia... Havemos de ter pelo menos um volume já prontinho!?

— Que! respondeu Béranger. Tinha muito que ver! Pensa então o senhor que uma canção se fabrica do mesmo modo que uma tragédia?

Béranger tinha razão. Não era veleidade sua.

Quantos poemas serão preferíveis aos quatro versinhos do *Roi d'Yvetot,* essa quase invisível obra-prima que mereceu do próprio Napoleão, objeto da sátira, tantas gargalhadas e aplausos?!

*Oh' oh! oh! oh' ah! oh! ah! ah!*
*Qurl bon petit roi c'etait lá!*
*Lá lá.*

Coisas tão simples! Entretanto, só o talento as poderá fazer.

É o caso do ôvo de Colombo.

Neste número estão os versos de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta a sabiá...

E êstes outros de voga popular:

Cajueiro pequenino;
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino,
Carregado de amor.

Antes de sua aparição, ninguém se tinha lembrado de tão fáceis idéias !

Um exemplo mais: os versos de Juvenal Galeno que temos agora sob as vistas.

Não sei o que possa haver de superior em simplicidade aos seguintes versos da canção intitulada — *O Bem-te-vi.*

Tu foges? Medrosa corres
Me deixando aqui sòzinho?!
Espera, Rosa! — Fugiu-me...
Bem-te-vi, mau passarinho!
Fêz com que ela fugisse
Me deixando aqui sòzinho!
    — Bem... te... vi!
    — Viu o que?... Tu nada viste...
    Que aleivoso Bem-te-vi!

Igual lembrança já tivera J. de Alencar no *Guarani,* quando a mimosa e loura Cecília, desnudando-se sob a arcaria de verdura para banhar o lindo corpo nas águas do *Paquequer,* assusta-se ao ouvir o grito dessa ave original de nossas selvas e cobre-se tôda de rubor, julgando ser a indiscreta ave um dos aventureiros do castelo de seu pai.

Não perde, porém, o nosso poeta a sua originalidade.

# O LIVRO DE SEMPRÔNIO

A PROPÓSITO DOS *SONHOS D'OURO* DE J. DE ALENCAR
E PUBLICAÇÕES PROVOCADAS PELO ROCEIRO CINCINATO.

PUBLICAÇÕES NO *CONSTITUIÇÃO*, DE FORTALEZA, N.os 193, 29 OUTUBRO 1872; 204, 14 NOVEMBRO 1872; 40, 9 MARÇO 1873.

## CARTA I

Amigo Juvenal — Pertenço ao número daqueles que entendem que a crítica não mata o produto viável da inteligência, e vice-versa; mas acredito na possibilidade de prevenções e no desenvolvimento das reações odiosas, quase sempre acompanhadas do desânimo para aquêles que tentam galgar os degraus do Capitólio.

Quando a crítica, entre nós, longe de tomar as proporções de uma lição austera e benéfica, capaz de tudo vivificar, se transforma no elegante e pretensioso desabafo de queixas particulares, não podemos deixar de revoltar-nos e saltar sôbre a liça no intuito de restabelecer a verdade dos fatos, explicando a censura ao livro pelo próprio livro.

O que vemos hoje acontecer com o autor da *Iracema,* talento já amadurecido e, portanto, fora do alcance de certos dardos malévolos, poderá amanhã dar-se, do mesmo modo, com a flor ridente que rebenta dos nossos viçosos campos; e essa crueldade, ali de nenhuma conseqüência, poderá aqui ser a morte para a esperança que desponta.

O ódio em crítica só tem produzido Zoilos, Bávios e Mévios.

É justamente o que desejamos debelar.

Dois indivíduos, despeitados, erguem a proa contra os mares encapelados por ninguém ainda navegados e, atirando-se desapiedadamente sôbre o autor do *Guarani,* bradam ao inesperto:

— Ao chão o ídolo!

Inconoclastas de estátuas que nunca foram erigidas, arrojam-se-lhe de encontro, quando a pátria erguera ao literato um busto apenas.

Para que esta fúria, êsse furor coribantino, essa avidez de derrocar, essa insólita pretensão de substituir o que temos, por que? por argúcias infrutíferas e produções de além-mar?

Não se verá, porventura, em tudo isto um sinistro fim?

Todos sabemos que por ódios pessoais e quiçá por zelos literários irrisórios, por certo quando partem de quem partem; todos sabem que foi o Sr. Feliciano de Castilho quem encetou no Rio de

Janeiro uma série de cartas com o pseudônimo de Cincinato, cartas estas imediatamente recebidas como o parto laborioso de uma mediocridade invejosa, que, na pessoa de J. de Alencar, não fazia senão procurar um ensejo para atacar ou desfazer a nascente literatura brasileira.

Em outra qualquer circunstância essas cartas teriam sido corrigidas devidamente. Como, porém, alguns ânimos, em conseqüência de asperezas de gênio, houvessem desapreciado J. de Alencar, apareceu quem até aplaudisse o efeito dos escritos da gralha portuguêsa.

Com efeito, não era outro o epíteto que merecia essa entidade, a quem o mesmo autor de quem falamos soube verberar da tribuna com aquela eloqüência que o distingue.

Ora, que um Rebêlo da Silva, um Antônio de Castilho, um Mendes Leal, escritores de têmpera e concepção, viessem ferir no âmago as nossas produções brasileiras de mais originalidade e censurar-nos o arrôjo ou a precipitação, vá, suportamos e até aplaudiríamos.

Mas que uma caricatura literária, um charlatão diplomado, nos venha dar a lei com a arrogância de um Alexandre, oh ! isto nunca.

*In limine* repelimos.

Respeitaríamos o voto da autoridade.

Rejeitamos, porém, a mole indigesta, o *fatras* ridículo do pretensioso que, recheado de um saber todo vão e sem a menor cadência, arroja-se como uma nau formada de bexigas sopradas sôbre um oceano de espinhos e alfinêtes.

Fácil nos seria provar a inépcia de semelhante literato, mostrando que o seu mérito não passa de uma memória sobrecarregada de fatos sem nexo, bem comparável, em sua desordem, à gaveta de sapateiro, de onde, puxado porventura o novêlo ou a sovela, lá surgem no mesmo arrasto o resto imundo da farandulagem.

Não me consta que o Sr. José Barreto, até a provecta idade em que se acha, já houvesse produzido coisa que o colocasse em lugar decente entre os poetas ou prosadores portuguêses.

Pelo contrário; se muito até hoje tem escrito, êsse *muito* só se tem empregado em regateirices repugnantes, ora porque um crítico ousou tocar de leve nos versos de Antônio de Castilho, ora porque o folhetinista atraveu-se a falar-lhe na irrisória cabeleira. E por tudo grita, e por tudo fala, cheio de um calor que por certo não lhe virá da própria inspiração, senão do desejo de morder, como fazia o Aretino, que

> Ladrando mordeu um século inteiro.

Há pouco tempo tivemos um exemplo edificante de quanto é perigoso excitar os furores sacros dêsse oráculo.

Um tal *João Mínimo* publicou um artigo reprovando o excesso de latinismo usado por Antônio de Castilho em sua nova tradução das *Geórgicas* de Virgílio.

Bôca que tal disseste!

João Mínimo arrependeu-se; porque, antes que tivesse tempo de respirar, já um vulcão de citações abruptas o inundara até os últimos cabelos da cabeça.

José de Castilho respondera a um artigo de quatro linhas com um volume de 300 páginas, onde, para provar que os versos de seu irmão eram excelentes, citou exemplos de quantos autores até hoje hão vivido desde o tempo do pai de Adão.

Mas que citações!!?

Nunca se viu conclusões mais indigestas!

De estética, do sentimento, do belo, do essencial, enfim, do livro, nada, absolutamente nada.

Não são lições de escola que hão de dar a quem não tem a sagrada flama.

José de Castilho nunca foi crítico, nunca foi poeta, nunca foi coisa alguma.

Ainda as suas 600.000 citações seriam para admirar, se hoje não existissem tantos repertórios literários, tantos índices alfabéticos, tantas chaves, tantos tesouros de meninos, e, afinal, não soubéssemos que o pressuposto crítico não passa de compilador de cadernetas manuscritas por própria mão.

Errando sua vocação, o Sr. José de Castilho teria sido um excelente mestre-escola; porque fazendo recair as suas impertinências em miudezas gramaticais sôbre seus discípulos, viriam êstes em resultado a sair perfeitamente afeiçoados à ginástica gramatical.

E por êste modo estaríamos longe de assistir a exibição de uma crítica, que faz consistir o mérito do livro exclusivamente na observância de regrinhas, mais fáceis de escapar aos escritores de têmpera que se estribam na frase sonora e elegante, do que ao apanhador de trapos literários, que se agacha em todos os cantos e esquinas a observar a nódoa do paletó ou da casaca que o atravessa.

Outrossim, desejaríamos ver extinta a raça dos censores retrógrados, daqueles críticos que, arroubando-se em estudos arqueológicos da língua portuguêsa, porque Camões disse *mas porém*, querem que digamos também com êle *mas porém*.

É para êste assunto que chamo atenção na seguinte carta.

Fortaleza, 24 de outubro de 1872.

## CARTA II

Hoje enceto esta missiva logo com a autoridade irrecusável do poeta Antônio de Castilho, cujos excessos nas *Geórgicas* são remidos pelas consoladoras palavras que vou extrair de uma carta publicada em forma de prólogo ao *D. Jaime* de Tomás Ribeiro.

Por que nos rouba o cantor de *Eco e Narciso* pedacinhos tão preciosos como êste e o mais que se acha à guisa de *avant propos* nas Liras de Anacreonte, tão nossos, tão do presente?

> ... Como há infinita gente entusiasta e intolerante por êste magnífico livro *(Lusíadas)*, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me lícito não me louvar na resposta alheia, mas dá-la eu mesmo com a chaneza e lisura que tais coisas nos requerem.
>
> E, antes de tudo, advirtam êsses que supõem defender assim uma glória nacional que todos, aliás, acatamos, advirtam e notem bem, que se há homem insuspeito de parcialidade néscia contra Camões, êsse homem não está entre êles: êsse sou eu. De largos anos e por mil modos o tenho comprovado: que o diga o meu poemeto *Sacrifício a Camões*, que o digam as diligências e esforços constantes das notas dêsse mesmo livro...
>
> A linguagem dos *Lusíadas* foi a melhor que podia para seu tempo; mas o seu tempo já lá ficou para trás há três séculos; e falar hoje como falou Camões, nem a um velho tonto e pirrônico se desculparia, quanto mais a um viçozinho de sete ou oito anos; e isto ainda é no pressuposto de que êle a pudesse entender e tomar; mas não a entende, nem rastreia: adormece, atordoado com ela, e vai-se a pouco e pouco afazendo à miserável crença de que se pode ler só para matar o tempo e de que os livros, em última análise, pouco mais são do que meros sons... *inopes rerum, nugae que canorae.*
>
> A gramática mesma, êsse senso-comum da linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar, promover e dirigir por meio da lógica prática e se seria para a boa entrada em estudos superiores, a gramática mesma (sem custo se demonstraria, se necessário fôsse) é freqüentes vêzes ofendida nos *Lusíadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacoito das figuras e das nímias elásticas licenças poéticas.

Isto diz Castilho Antônio a propósito da inconveniência de adotar-se em escolas a leitura do épico português.

Entretanto, como se tirará o Sr. José Feliciano do embaraço quando censura no autor da *Iracema* descuidos de pena, excrescências inevitáveis em tôda a obra do talento; quando, excluindo tôdas as mais qualidades que concorrem no criticado, o condena aos lim-

bos; quando, finalmente, querendo retrogradar ao quinhentismo tão reprovado por seu irmão, chega até o ponto de proclamar o mesmo autor citado abaixo de tôda crítica.

> Penas como a tua, — diz Cincinato a Semprônio, — devem ter mais alta missão...

E, blasfemando a tudo e a mais, vai o seu descôco até classificá-lo de "operário da comuna literária, demolidor feroz, petrolizador intelectual, digno membro da *Escola Coimbrã.*"

Ora, que se dissesse isto de um *parvenu* literário que não tivesse títulos a exibir, vá. Mas a quem já criou tipos como Peri e Cecília, Molina e Vaz Caminha; a quem produziu páginas tão poéticas como as da *Viuvinha* e *Cinco Minutos*, um insulto dêste, que importa um ultraje às letras pátrias, só seria bem punido cortando-se a língua venenosa àquele que uma vez o proferiu.

Por mais pecados que J. de Alencar tenha cometido em sua senectude literária, jamais seria digno de semelhantes impropérios. As suas primeiras produções o remirão dos descuidos de hoje.

O Sr. José de Castilho a nada disto, porém, soube atender.

E depois se esganiçará porque o acusamos de hidrofobia.

Em que, porém, têm consistido os seus ataques à reputação do autor de *Iracema*?

Na parte estética de seus trabalhos? nos caracteres criadores? na deficiência de ideal? na parte artística? o que direi mais? no fundo das concepções do poeta ou em sua índole?

Não.

Dêste mister incumbiu-se outro.

Porque, enfim, poetas por poetas sejam lidos. E o Sr. José Barreto nunca estêve neste caso.

O que fêz então o crítico *desabusado*?

Procurou as raseiras da obra, as jaças do diamante, certos defeitos de linguagem (*admirabili dictu*!), afoitezas de poeta, coisas que são baldas aos mais *pintados*, e, excluindo tudo mais quanto eram qualidades apreciáveis, ei-lo a malhar sôbre a questão de vernaculidades, já por demais discutidas.

Em resultado, o crítico monumental, o Cincinato, que nunca pegou em rabiça de arado, se houvesse um pouquito de talento, faria agora o mesmo que fêz outrora José Agostinho de Macedo com o imortal Luís de Camões, êsse enfatuado autor do *Oriente*, de cujas loucas pretensões as musas se põem a rir, e a quem a posteridade fêz a justiça de apupar.

O Sr. Cincinato *quebra-reputações* mostraria ao mundo inteiro como se deveria compor um *Guarani* na linguagem de Soropita, de Arrais, Fernão Mendes Pinto, Luís de Sousa, Curvo Semedo, João de Barros e outros mestres da antiga língua.

Entretanto, fôrça é que o carro do progresso vá deixando o trilho de sua passagem em tôdas as regiões do possível.

A despeito de todos os protestos dos antiquários, a teoria do progresso na linguagem há de passar.

Além de ser um fato atestado pela história, onde vemos as línguas grega, latina, italiana e alemã formarem-se e passarem por tôdas as fases possíveis, vem em contrapêso o princípio do aperfeiçoamento, regra invariável em tudo quanto sob as vistas do Eterno floresce.

Sôbre êste ponto, em resposta a uma acusação do Sr. Pinheiro Chagas, já tão belamente se desenvolveu o autor da *Diva*, que pouco restaria a dizer.

Querer que falássemos hoje como falaram os conquistadores de Macau e de Goa, os tripulantes da nau de Gama que entestou com o Adamastor, reputar-se-ia coisa tão absurda, como se tentassem agora os filhos de *Lísia* debelar sarracenos e *andar por mares nunca dantes navegados*.

O que diriam Alexandre Dumas, George Sand, Feuillet, Victor Hugo, que escrevem genuíno francês que se fala em Paris, se os obrigassem a escrever como escreveu Rabelais a sua história de *Gargantua* e *Pantagruel*, porque foi Rabelais um gênio e um dos criadores de sua língua.

Mandariam que tal sujeito fôsse esborrachar as ventas no primeiro *cul-de-sac* que encontrasse em caminho.

Por hoje, aproveito-me do beco sem saída para fazer ponto antes de findar a partida.

Enquanto procuro os meus clássicos para fixar certas idéias, será bom que não esqueças a tua *lira americana*, e de vez em quando vás brindando os teus apreciadores com produções no gôsto daquele tão apreciado poemeto ao *Gonçalves Dias*.

Fortaleza, 5 de outubro de 1872.

## CARTA III

Não houve, desde Homero até hoje, quem ferisse tão alto em matéria como o grego Dionísio Longino. O seu tratado do *Sublime* foi, é e será em todo o tempo a fonte matriz da verdadeira crítica literária.

Pois é justamente em Dionísio Longino que vou hoje buscar, meu amigo, a plena justificação das asserções que aventurei em minha última carta.

> É quase impossível, — diz o autor supracitado, — que os engenhos humildes e medíocres não são pela maior parte sem defeito, e que devem de discorrer com mais segurança; pois que não se elevam jamais a coisas sumas, nem ainda se arriscam a entrar nelas, maiormente sendo o sublime de si mesmo perigoso pela sua elevação e grandeza.

E assim discorrendo mostra Longino em como se torna difícil ao gênio e aos talentos superiores evitar certos defeitos, inerentes a tôda obra de grandeza superior, defeitos êstes por essência filhos das concepções dos mais abalizados mestres.

> Havendo eu mesmo observado não poucos defeitos de Homero e de outros escritores celebérrimos, e descontente mais com as suas faltas do que nenhum outro, contudo muito menos lhes chamo erros voluntários, que descuidos, talvez introduzidos por acaso, e sem advertência, e por seguirem sòmente a grandeza de sua índole; e por isso julgo que as maiores virtudes, ou belezas, ainda que em tudo não corram igualmente, sempre devem levar o primeiro voto, quando não por alguma outra razão, sòmente por causa da maravilhosa grandeza de ânimo.

Não é esta, porém, a teoria seguida pelos pretensos iconoclastas literários de nossa terra, cuja argumentação não sei em que se baseia, a não ser no *reconhecido bom gôsto* de zoilo ou de algum moderno Mévio.

O Sr. José de Castilho, que se apregoa então como o maior venerador dos preceitos clássicos do seu Horácio, desta vez tornou-se de uma audácia revoltante contra as regras prescritas na *Carta aos Pisões*.

Como tem êle demonstrado compreender os versos do poeta?

> *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis*
> *Offendar maculis, aut incuria fudit,*
> *Aut humana parum cavit natura...*

Querer examinar, caro amigo, as coisas humanas sòmente pelo seu lado pior, e exagerar os seus defeitos, além disto, em detrimento do que pode haver de mais aproveitável em uma obra dada, é o maior absurdo que se pode encontrar em matéria de crítica.

Infelizmente, é êste o sistema a que se apadrinham os críticos das produções do autor do *Guarani* para lhe fazerem brecha, sistema êste repelido por Quintiliano, por Cícero, no seu *Orador*, e por tantos quantos têm escrito sôbre o estilo e o gôsto.

Mas que importa ao ódio as boas qualidades de um autor, se o seu fim único é desfazer, destruir?!

Dirá êle que os *Argonautas* são um portento à vista da *Ilíada*, porque acham-se extremes de defeitos! Proclamará Jau superior mil vêzes a Sófocles, por não se encontrar em suas tragédias as quedas que se descobrem no autor de *Édipo*.

Nós, contudo, preferiremos as monstruosidades de um gênio como Shakespeare à monótona e correta mediocridade do gramático infalível.

Se o estilo não obedece à índole do escritor, se a frase não se plasma sôbre a rigidez de um pensamento enérgico e soberbo, não passará o escrever de um método ao alcance de todos, do simples efeito de um mecanismo que obedece fatalmente ao impulso do motor.

É justamente ao que nos pretendem reduzir aquêles que, cingindo-se ao dizer constante de meia dúzia de clássicos, obrigam o pensamento a buscar, não a forma que sua natureza lhe aponta, mas o molde já usado em épocas caducas, onde um gênio diverso regia as produções do espírito humano.

Com esta imposição é que jamais se conformam aquêles que sentirem brotar a chama divina e a inspiração potente. Transmigração repugnante! O pensamento, crisálida sempre renascente, não pode procurar o esqueleto fóssil e antediluviano para reanimá-lo, como as borboletas das florestas brasileiras, multiplicando as suas asas, passando por mil transformações, lançar-se-á no espaço, tentará o infinito.

*Des ailes! des ailes! pour planer!* como dizia o poeta.

Não seria fora de propósito lembrar a que de condenações e censuras não têm sido expostos os autores de mais nota.

O talento foi sempre o alvo das mais acérrimas perseguições e virulentas invectivas.

Quanto não sofreu Corneille de seus contemporâneos com a aparição do *Cid*!

Feridos certos preconceitos, não lhe perdoaram as faltas. E, se bem o entusiasmo popular o anteparasse em suas asas, não faltaram penas de merecimento que o atacassem com fôrça.

> O *Cid*, — diz, entretanto, La Bruyère, — é um dos mais belos poemas que já foi dado ao espírito humano produzir, e uma das mais completas críticas que já se fêz, a do *Cid*.
>
> Isto prova qual a prodigiosa distância existente entre uma obra regular e uma obra sublime, porque talvez seja menos difícil ao gênio encontrar o grande e o sublime do que evitar tôda a casta de defeito.

Não foi senão para banir do espírito de seus conterrâneos o hábito da censura odiosa e improfícua que o autor dos *Caracteres* escreveu estas linhas no capítulo que trata das obras da inteligência.

> Quando uma leitura vos elevar o espírito, inspirando sentimentos nobres e enérgicos, não busqueis outra bitola para avaliar de seu merecimento: a obra é boa e de mão de mestre.

Outro tanto fizessem os que procuram a todo transe desacreditar a nascente literatura brasileira.

Até outra vez.

Fortaleza, 15 de outubro de 1872.

ESCOLA POPULAR

*O PAPADO*

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA EM 12 DE JULHO DE 1874, E PUBLICADA NO JORNAL *FRATERNIDADE*, DE FORTALEZA, NOS DIAS 21/31 JULHO, E 11 AGÔSTO 1874.

# I

*Fraternidade*, 21-7-1874.

*Minhas senhoras e senhores :*

Não venho aqui provocar uma controvérsia, nem muito menos sustentar princípios por mero espírito de partido. É da natureza dos partidos nunca se poderem desprender dos extremos que adotaram, com que se unificaram; e nos extremos, meus senhores, é o próprio bom-senso que o diz, nunca é possível descobrir-se a verdade. Nos extremos só existe o dogma, a fôrça, — a intolerância ! A história o atesta em todos os tempos. Vemos a inquisição ou a fogueira, — *ultima verba* do sistema teocrático; encontramos a comuna ou a guilhotina, — canonização do sistema oposto, a anarquia.

O único móvel, pois, que me traz a esta cadeira é a livre crítica nas páginas da história, não fundada em jôgo estéril de textos e aforismos — fonte eterna de violências ao bom-senso e à razão, mas no espírito das sociedades, nos resultados das suas evoluções, na civilização, nas tendências orgânicas da mesma e nas reais manifestações das leis que regem a humanidade.

Devo logo dizer-vos que não fui acostumado a ler a história com o espírito obliterado do fanatismo, prevenido pela intolerância, buscando a todo transe a confirmação do dogma, à feição de certos naturalistas, que, depois de haverem improvisado em seus gabinetes um sistema abstruso, empreendem longas viagens em cata de fenômenos que possam justificar os caprichos de suas imaginações exaltadas. Não; o método que recebi é totalmente inverso. Sempre busquei os fatos separados de tôda e qualquer preocupação, e só depois de compendiados e formada a síntese foi-me lícito procurar as leis que porventura os regem. Dêste modo a história não se me impôs pelos nomes de seus autores ou daquele em nome de quem a escreveram; nela não enxerguei senão um campo vasto de explorações, um mundo desconhecido, onde se devia encontrar os dados certos de tôdas as tendências do homem em sua vida complexa e terrena.

Nada neste mundo aparece sem uma razão de ser. E porque se verifica que a simples vontade do homem nada é com relação aos fenômenos sociais, não se conclua que devemos abdicar de nossa personalidade e dignidade para atribuí-los a um fato sobrenatural,

quando a observação de todos os dias nos demonstra a invariabilidade da natureza, a harmonia da criação, quando em nós encontramos o *criterium* necessário que une o Criador à criatura. E desde o momento, senhores, que êsse critério repugna o extraordinário, desde que os frutos de uma instituição, dita de origem divina, parecem repelidos pela própria natureza sublime de que se inculcam emanações verdadeiras, forçoso é subir pela cadeia dos tempos e com os próprios olhos (se me é permitida a expressão) averiguar se na origem se encontra um Deus ou a explosão de paixões, o desenvolvimento de tendências menos confessáveis.

Não espereis de mim, portanto, a história de alguns papas, nem o catálogo das suas boas ou más ações, das atrocidades que permitiram, das missões que empreenderam. Sôbre êste assunto tanto já se tem dito, que inútil seria tal reprodução sem o adiantamento de uma idéia. O meu intuito é bem diverso. O que pretendo é, em simples e rápida síntese, mostrar qual tenha sido a causa humana, o fato social que determinou a aparição do papado, qual tenha sido o seu espírito, qual a natureza de suas pretensões, qual a base de suas ambições, e de que maneira a idéia cristã entrou nesta combinação histórica.

## II

Senhores. Entendam como quiserem os textos históricos, — um fato há de se impor sempre em tôdas as consciências puras e despreocupadas.

Jesus Cristo reformou a lei antiga, e reformou-a pela base. Ou porque até então, em sua imensa sabedoria, entendesse o Supremo Árbitro dos Mundos que o homem anterior à vinda do Messias não era digno, nem estava, como dizia o apóstolo, puro para lei da graça, ou por qualquer outra razão que não nos compete averiguar, o que é incontestável é que êsse Deus uno e trino, que se nos desvenda no Evangelho, não se quisera manifestar em seus legítimos atributos. Os povos gemiam sob um jugo terrível, e o homem, infeliz na terra, não olhava para o tabernáculo, de onde lhe vinha a palavra misteriosa, senão com um terror indescritível. Escravo de um senhor sanguinário, oprimia-o o sentimento doloroso de sua impotência e da sua miséria. Via-se cercado de inimigos e jungido ao braço do sacerdote, que não lhe permitia um passo na carreira do aperfeiçoamento; a quem Deus confiava a sua vingança ou o castigo de crimes desconhecidos, tôda a esperança lhe era vedada: conceber uma idéia da própria dignidade, um impossível; e assim ia-se êle gradualmente sepultando no abismo do esquecimento completo do seu destino — em uma verdadeira atrofia moral.

Estado bem comparável, com relação à humanidade, ao estado dêstes desgraçados que por um êrro social ainda hoje vemos embrutecidos nos grilhões do cativeiro!

Providencialmente ou não, tal era o homem produzido pela crença religiosa que o Cristo se propunha a reformar – *ad implere.*

O Deus-terror povoava tôdas as imaginações e oprimia as consciências com um mal-estar indefinível.

Os primeiros passos do Redentor mostraram logo quão diversa era sua lei.

A Religião deixou de se dirigir às imaginações enfêrmas, e revelou ao infeliz habitante dos desertos morais da terra o segrêdo de que dentro dêle mesmo existia a semente de sua felicidade – uma fonte de amor, – uma tendência para misteriosas e inextinguíveis simpatias, – semente esta que jazia sepultada no fundo da alma, encarcerada pela perversão dos tempos, à espera de quem a fizesse ressurgir, transformando o mundo em uma mansão de indizíveis aprazimentos.

Êste milagre foi, com efeito, realizado. Os homens conheceram-se pela primeira vez; o terror que os suprimia diante dos próprios olhos desvaneceu-se, e o mortal sentiu pela primeira vez elevar-se até um Deus, que deixava o sangue dos sacrifícios e as vinganças, para aparecer na plenitude de sua bondade, na munificência do Pai Celestial.

Nada se nos afigura mais doce do que a impressão que sôbre os povos por esta ocasião se exerceu. Cansados dêsse jugo cruel de uma idéia sinistra, que lhe ocupava tôda a vida, qual não deveria ter sido o seu prazer, quando tiveram consciência de que pela primeira vez viviam, respiravam, quando descobriram essa aurora de amor, que vinha ampliar a plúmbea abóbada celeste que os esmagava?

Congraçados em um Deus de ternura e de perdão, os homens volveram logo costas ao passado, como Lot a essa cidade maldita e abrasada de que nos falam as Escrituras. A idéia cristã, tôda de consolação, tôda brandura e fraternidade, coou-lhes pela alma como um filtro salutar, e a sociedade experimentou os primeiros abalos de um estranho rejuvenescimento.

Era que a verdadeira pedra em que Jesus erguera o seu edifício não podia ser outra senão o coração humano. Falando à ternura das mães, à inocência das crianças, à devoção dos pais e à piedade dos filhos, êle unia a criatura ao Criador. Aí se achavam o compêndio e o segrêdo de tôdas as virtudes agradáveis ao Senhor.

A intenção e a divindade de tal doutrina não podia fenecer. Deus era o pai de todos: os homens, proclamados irmãos sem distinção: e o benefício, ensinado como o único remédio ao mal que nos fizessem.

> Assim, — exclama um escritor, cuja melhor obra é hoje o código de tôdas as mães de família, — as barbaridades da Bíblia desapareciam no Evangelho. Jesus, em lugar da vingança mosaica, que é a lei da matéria bruta, desenvolvia a do amor, que é a lei da alma imortal. O gênero humano dava um passo para o Eterno. Em todos os sentidos, a mesma doçura e a mesma moral. Por tôda parte os discípulos de Cristo são chamados, não ao combate, mas à instrução. Suas armas, — a persuasão, sua conquista, — o coração. Em suas últimas entrevistas com os apóstolos, quando, dando expansão a sua alma, Jesus explicava-se sôbre os meios de difundir a verdade, os exortava a se dedicarem, como outras tantas vítimas, à salvação dos homens, porque são enviados como ovelhas para o meio dos lôbos. Perdoarão, bendirão, instruirão: o mestre não vinha para condenar o mundo, mas para salvá-lo. (S. João, cap. 3.º, v. VI.)
>
> Tal era a doutrina do Evangelho; tôdas as suas páginas dêste espírito estavam impregnadas, e tôdas as ações de Jesus a elas correspondiam. Assim, amar os homens, lastimar os maus, fazer o bem aos inimigos era imitar a Deus, nosso pai, que está no céu, o qual faz chover tanto sôbre o justo como sôbre o pecador. Bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que sofrem, bem-aventurados os pacíficos e os misericordiosos. Em parte alguma se encontra: bem-aventurados os doutôres, os perseguidores, os que ferem e maldizem.

Estas palavras, como muito bem disse o ilustre escritor, nunca saíram dos lábios do Divino Mestre. E se houvesse quem me mostrasse máximas tão repulsivas no livro do amor e do perdão, como Aimé Martin eu diria que *as rasgava à face do mundo para a glória da verdade.* [1]

Esta doutrina, senhores, varreu a terra como a aragem aos áridos desertos. A voz do Mestre não podia ser estéril. Os pescadores de almas tomaram os seus bordões e as suas sandálias e foram-se à pregação da boa nova.

## III

Começou então uma ordem de fatos que se deveriam prender à pasmosa civilização que tanto tempo depois tinha de levar a Europa e o mundo ao estado em que hoje os vemos.

O apostolado estava criado e a semente lançada. *Alea jacta est.* Como tôda a idéia, humanamente encarada, a idéia cristã tinha de expandir-se. A sua expansão importava, contudo, uma luta. Isto mesmo é da natureza das coisas.

---

1 Educ. das mães de fam.

Prejuízos, crenças idólatras, uma série inteira de fenômenos em que repousavam interêsses bem diversos, tudo concorria para oferecer uma resistência enorme à felicidade dos povos. Já os padres da antiga lei, feridos em seu orgulho, haviam crucificado o Mestre. A idéia cristã tinha de encontrar em seus propagadores os mesmos males. E daí êsse período maravilhoso de sublimes dedicações, de que a história não dá outro exemplo.

Coincidia com a aparição da nova crença, desta grande luz, o derruimento do maior império que já assombrou o mundo com os seus feitos estrondosos.

O colosso romano, depois de ter conquistado o orbe conhecido, sentia vacilar sob os pés a região inteira em que assentava sua grandeza. Uma pasmosa corrupção, filha necessária do estado social, que se produzira em conseqüência dêsse ansiar constante para um progresso material que afogava todos os instintos nobres da antiga Roma, que, no torvelinho das loucas ambições, atrofiava a consciência e fazia desaparecer a moral; esta corrupção feria de morte o cérebro da poderosa nação, que de súbito vê-se desfalecer nos braços dos próprios inimigos alimentados em seu seio.

Busca o agonizante império dos Césares embalde estribar-se nas suas crenças desprezadas e exaltá-las como o único meio de evitar a catástrofe que se avizinha. Esfôrço impotente! tentativa de náufrago!...

A sociedade romana estava irremissìvelmente perdida. A fôrça orgânica que a sustentara fugia de uma vez: a alma da nação perecia: o *cidadão* tornava-se uma sombra vã. Êsse fruto de uma elaboração de tantos séculos — *o cidadão* — não existia mais! Como, pois, podia Roma continuar? Onde a idéia primordial capaz de unificar ou dar coesão aos elementos de que se compõe um corpo moral? As afinidades esvaeciam-se: estava tudo aniquilado.

O politeísmo, completamente desacreditado, não seria, por certo, quem viria salvar o Império desta asfixia cruel. O vácuo deixado pela vigorosa política, que em outras épocas colocara Roma no trono do mundo, não era para ser preenchido por uma religião, que então só servia à poesia. Ninguém acreditava em Júpiter. Inùtilmente se abriam as portas do Capitólio. O povo, descrente e engolfado em sua abjeção, olhava com olhos indiferentes para o interior do templo.

Ainda às vêzes o alimentava a esperança de descobrirem ali a pátria, — a pátria! essa religião, essa crença que fizera o mundo estremecer, aterrado, ao nome de cidadão romano, *cives romanus,* — essa pátria que produzira Cícero e os Gracos e lembrava-lhe as páginas mais soberbas de sua história.

Mas, oh terrível desengano! o templo deserto só oferecia às suas vistas as estátuas frias dos deuses, que só prestavam-se agora ao adôrno de seus jardins; e as devassidões dos últimos imperadores, tão atrozmente desenhadas nos *Anais* de Tácito, povoavam-lhe a mente enfraquecida.

O ressecamento da fonte da vida, que ali, entre os Judeus, — os homens da tradição bíblica, — se operava pela absorção das crenças terríficas, reduzindo a alma humana ao aniquilamento e transformando-a em depósito de horrores, aqui, entre os romanos, — o povo heróico, — surgia em virtude de uma causa oposta, mas a mesma em seus efeitos, — a ausência de crenças, o cepticismo, a desordem das afeições.

O tumulto que reinava no espírito do povo romano trazia ao homem as mesmas angústias que o imobilismo a que condenara o povo hebreu o jugo de Jeová. Os extremos se tocavam. A reabilitação do coração humano, portanto, era mais do que uma aspiração, — era uma necessidade imperiosa!... E como necessidade imperiosa, caindo a crença cristã sôbre a aridez terrífica destas duas situações sociais, cada qual a mais desoladora para o espírito que reflete sôbre êstes fenômenos com verdadeira simpatia, — a idéia cristã, repito, infiltrou-se tão naturalmente como as águas derramadas sôbre a terra adusta, longo tempo requeimada pelos raios abrasadores do sol tropical!

E fecundou...

A dissolução do império chegava ao seu auge. Os elementos iam inteiramente desagregar-se para dar lugar à organização de uma nova civilização. Neste instante, como que todos os princípios orgânicos conspiravam-se para êste medonho desmembramento de que não há exemplo, mas cuja explicação existe nos germes diversos que a sociedade romana criara e nas inúmeras tendências progressivas, que, movidas por impulsos vários, se agregavam em tôrno do Capitólio.

Os filósofos fazem irrupção repentina, proclamando a proscrição dos deuses e de todos os sentimentos que nos podem conduzir fora do mundo aparente. Lucrécio, capitaneando a turba materialista, dogmatizava o ateísmo; destruía todos os elementos da vida interna e concluía a sua existência erguendo o suicídio à altura de doutrina. Os poetas zombavam de tudo, ainda mesmo daquilo que seus pais os tinham acostumado a invocar com o maior respeito. As termas e os teatros pejavam-se do povo ocioso e inquieto; e, ao mesmo tempo que êste assistia com um verdadeiro riso de louco o desbaratamento dos ridículos deuses do paganismo, tripudiava sôbre o cadáver das pátrias instituições e aplaudia a morte da própria alma com insânia igual àquela com que ouvia o estertor dos cristãos atirados às feras.

Juvenal e Marcial nos dão uma pintura negra dêsse infernal tripúdio.

Era para horrorizar o suicídio enorme de um povo ! Não tardou que êsse geral atordoamento que afetava a cabeça da nação percorresse o corpo social até suas últimas extremidades. A energia das fronteiras do império chegou em breve a falecer totalmente; e então, ao passo que os escravos na capital do mundo apunhalavam as entranhas da pátria, os Bárbaros, que deixavam de encontrar diante de si o exército de Germânico vingando as legiões de Varro, rotos os diques, precipitavam-se sôbre o grande povo como uma inundação medonha.

Fôra justamente, meus Senhores, para o meio dêste naufrágio que os pescadores tinham feito singrar a sua barca.

O que se passou então; as lutas contra a hórrida procela que empreenderam os primitivos apóstolos da santa idéia, da idéia reorganizadora, não há dentre vós quem o ignore. O entusiasmo dos confessores edificou o mundo e converteu os restos dêste desgraçado povo que, caindo, ainda tentou esmagar a idéia que o substituía.

O fenômeno social começou a operar-se de um modo espantoso.

As leis da natureza tinham de ser obedecidas, e, quanto mais oprimida a idéia cristã, mais deveria ela, por sua fôrça expansiva, se elevar no conceito, na imaginação e nos corações dos infelizes, que começavam cobrindo de opróbrio as suas antigas crenças e acabavam negando a própria individualidade, a base de tôda a dignidade humana.

E assim começava a lei de Cristo por sancionar uma grande verdade, que já se não põe em dúvida em nosso século. Achamo-la consignada em uma das mais eloqüentes páginas de Stendhal.

> Não só em religião, como em política e educação, nada pode a fôrça com uma doutrina. Quando muito, pode redobrar a atenção pública, que não deixará de ceder ao grande desejo de se apoderar da mesma. [2]

Enfim, Senhores, longos caminhos teríamos que perocrrer para chegarmos ao ponto em que precisamente realiza-se a conquista cristã. Basta-nos dizer que, influenciados, já não direi dominados, pela boa nova, o mundo antigo e o bárbaro amalgamavam-se para o êxito daquela idéia.

Perlustrado êste estádio, uma interpelação violenta, fazendo um parêntese na história, vem de repente assoberbar-nos a alma !

---

[2] Stendhal, *Racine e Shakespeare*.

É possível que de uma tal reforma se deduzisse naturalmente, sem trair-se a intenção do instituidor, leis de opressão e hediondas perseguições? Pois o amor de Cristo e a mansidão do cordeiro podia gerar o desespêro do precito, os anátemas e os fatôres do sanguinário tigre?

## IV

*Fraternidade*, 31-7-1874

Temo-nos aproximado gradualmente, meus senhores, do ponto de vista de onde poderemos descobrir o trabalho de gestação do qual tem de surgir essa instituição designada pelo nome de *papado*, de que prometi ocupar-me principalmente.

Causa verdadeiro assombro a quem acompanha com espírito desprevenido o desenvolvimento dessa doutrina, que parecia ser reclamada por tôda a terra como único meio de reabilitação possível; causa verdadeira admiração o súbito aparecimento de uma entidade, que, ab-rogando todo o princípio vivificador do cristianismo, qual outrora Luís XIV com relação ao estado, impávida exclamava: *A Igreja sou eu!*

Que o papado é uma real e triste decepção para quem quer que, sem preocupações, vem acompanhando o esplêndido engrandecimento do apostolado, não há quem sinceramente ponha em dúvida. E quando, porventura, cheios de fé e amor pela palavra ungida de Jesus e dos apóstolos primitivos, se nos antolha a figura de um príncipe despótico na Igreja e repugnamos o caráter que se imprimiu àquela descomunal dignidade, quase confessamos a origem humana da instituição, reconhecendo em tudo quanto lhe pertence só o espírito político e a hipocrisia religiosa de todos os tempos.

Senhores, há um período na história, entre Constantino e o estabelecimento dos reis bárbaros, em que a elaboração do Cristianismo, de envolta com as continuadas revoluções e guerras que reinavam na Itália, muito dificilmente se denuncia ao espírito de análise. O que em realidade fazia êle, só depois e muito depois podemos penetrar, quando se operou a composição dos Estados regulares na Europa, no espírito de liberdade que começou a infiltrar-se na política de tôdas as nações, na reforma da legislação de todos os países, na família, no progresso das ciências, das letras e das artes, fenômeno êste que não acha explicação nem nos resíduos da civilização romana, nem no que trouxeram do fundo de suas florestas êstes povos ferozes que sentaram-se sôbre o trono dos Césares.

O que ressalta, porém, aos olhos menos perspicazes é que, até Constantino, o Cristianismo vivera e florescera completamente descentralizado, sem que nada perdesse de seu esplendor; e que a

Igreja, então chamada simplesmente a *república cristã*, começara a sua vida triunfante unida tão sòmente pela fé, pelo entusiasmo da idéia, tendo como único princípio de coesão reconhecido êsse amor exaltado em Jesus Cristo, essa fraternidade espontânea, que devia formar o nexo dos povos. Jesus era a palavra mágica, em roda da qual todos os espíritos se convolviam; os apóstolos, os bispos eram os protetores natos dos ardentes neófitos, que abriam seus corações ao influxo benéfico da regeneração. Nem jugo, nem controvérsia; porque os únicos intérpretes então dos mistérios da nova religião eram almas sem ambições e o coração puro de ódios e de vinganças.

Com a proteção oficial, entretanto, de Constantino, uma superfetação monstruosa foi se operando no Cristianismo: superfetação humana, meus senhores, e por isso mesmo deletéria; inevitável e filha das circunstâncias, mas em todo caso perigosíssima.

É justamente neste momento que vemos, ainda que de um modo vago, por entre as inúmeras dignidades da Igreja, apontar ou soar longìnquamente a palavra *primado*. Era uma idéia também, e, como idéia, precisava de desenvolver-se, porque exprimia uma tendência no apostolado, que buscava traduzir-se em atos mais positivos na sociedade política em que vivia.

Os suplícios de Diocleciano já estavam longe. Os bispos, deixando, portanto, de experimentar a opressão, sentiam-se naturalmente desvanecer por um triunfo que, como diretores, já começavam a atribuir-se.

A alma humana tem refolhos insondáveis! Só êste fato foi bastante para despertar ciúmes. Concessões e mais concessões temporais foram-se realizando em benefício de um grupo de cristãos, que já então não vivia, como antes, tão identificado com o resto do corpo, grupo êste a que se ia concedendo uma vida à parte com a denominação de *clero*.

Daí originou-se uma série de ocorrências que não eram mais caracterizadas pelo ardor e desinterêsse que concorreram nos primeiros séculos para tão grande derramamento de luz.

A superfetação do primado não deixava, entretanto, de continuar.

Não obstante a cólera de muitos santos varões, que nos são apontados pelas crônicas religiosas como os mais perfeitos tipos de virtudes, não obstante repelirem a idéia de uma superioridade entre aquêles a quem Jesus recomendara a tolerância e a humildade, não se pode escurecer que uma classe ambiciosa se arregimentava aos poucos, que um orgulho feroz penetrava em alguns espíritos emi-

nentes e que tudo se preparava para converter o Cristianismo em um *partido*.

Que importa que Gregório repreendesse em algum tempo o patriarca de Constantinopla, João o jejuador, por ter tomado o nome de bispo universal (ecumênico), — título que êle reputava *cheio de extravagância e de orgulho*.

> O Concílio de Calcedônia, — dizia êle em uma de suas epístolas, — oferecera essa honra aos bispos de Roma, chamando-lhes universais, e todavia nenhum quis recebê-la, com receio de parecerem sòmente atribuir a si o episcopado, tirando-o a todos os outros irmãos? E o que se diria quando aquêle que se chamava bispo universal caísse em êrro? Achar-se-ia ainda algum bispo que sustentasse a verdade! [3]

As palavras de Gregório eram irrisórias! Os ventos se encarregaram de dissipá-las.

A idéia tinha de viver.

De feito, direi, acompanhando nesta parte o ortodoxo Cantu:

> Tudo quanto o trono perdia, ou o poder municipal, era acolhido pelos bispos, prontos sempre para se encarregarem de todos os cargos... A sua fôrça ostentava tôda a sua grandeza depois da invasão dos bárbaros. Então estava por terra todo o simulacro da antiga monarquia para a qual a Igreja conservava hábitos de submissão, que, mesmo quando fôssem só aparentes, estorvavam a sua liberdade. Junto dos novos reis a sua posição havia mudado: único poder que ficou constituído quando os outros se haviam desmoralizado, a Igreja tinha em si a energia que um govêrno regular faz obter. [4]

É um autor insuspeito quem nos diz qual o estado real dos espíritos e dessa falange que se erguia organizando uma política vigorosa. Se com o "fim de socorrer seus filhos e diminuir-lhes os padecimentos," ou se com outro menos confessável, o que é exato é que o curso natural das coisas levava tudo a crer que, começando êsse clero a exercer tôda influência no govêrno, viria a herdar a coroa dos Césares, sôbre a qual os Reis invasores faziam pesar a garra imensa.

Quem duvidará, portanto, que o Cristianismo, que, "nos primeiros séculos de sua existência, não se dirigia de forma alguma à sociedade, anunciando sempre em altas vozes que nada que lhe pertencesse tocaria, nada tendo que ver com os grandes males do estado"[5]; quem duvidará que o Cristianismo abertamente se introduzira no Estado, acampando em plena arena política?

---

[3], [4] e [5] Não aparecem na *Fraternidade* as notas aqui indicadas.

Acontecia que os seus inimigos já não eram os desgraçados plebeus que bradavam outrora: — *os cristãos às feras*! mas os chefes de uma raça virgem e robusta, a quem não se imporia, como a Constantino, uma crença *por necessidade*. Tratava-se de homens aguerridos que dispunham de um valor heróico e da espada enorme que decepara o tronco do colosso romano. Acrescia a isto o reforçamento das dissidências e ambições, de que há pouco falei, e que fermentavam de um modo horrível no próprio seio do clero.

A necessidade, pois, de dar uma marcha segura e sem tropeços à execução do plano agitava a facção clerical, levou insensìvelmente êsses homens, que ainda se arrogavam o título de apóstolos a arregimentarem-se de um modo decisivo, constituírem-se administrativamente, fortificarem o partido em todos os sentidos e oferecerem-se em cheio à grande luta.

Por causa das intrigas de Ário com Atanásio, tempos antes, tivera Constantino, como sumo pontífice, convocado o concílio de Nicéia. A decisão proferira-se, é verdade, em favor de quem, com sua influência, apoiava com mais segurança a política decadente do imperador. A igreja, aceitando, porém, essa interferência em seus mais íntimos negócios como o exercício do mais legítimo direito do César que lhe cedera tantas e quantas temporalidades, não deixara de antever o que da usurpação dessa faculdade poderia resultar.

Por que, dizia-se então, não se há de juntar à dignidade do bispo de Roma essas atribuições sublimes que se ligavam ao pontificado de Constantino?

A luta mais tarde travou-se; e é para admirar que as primeiras heresias verdadeiramente tais coincidissem com as primeiras aspirações ao *real papado*?!

Lamentável é que a idéia cristã, que rompera do oriente tão gloriosa, empalidecesse por êste modo ante os atos dos seus inculcados apóstolos, que a substituíam pela política papal!

Esta idéia, felizmente, jazia, a despeito de tudo, depositada no seio da sociedade, e por si, embora lentamente, ia produzindo os seus frutos...

Não foi sem razão que Guizot, em sua *História da Civilização na Europa*, considerando nos fenômenos sociais que se operavam nesta época, tendo em vista êsse govêrno clerical, hierarquias, funções, rendas, meios de ação independente, concílios provinciais, nacionais e gerais, pretendeu fazer distinção formal entre o que então se dizia a Igreja e o Cristianismo.

Em verdade, entre êste e aquela existia a mesma diferença que se encontra entre uma religião santa desinteressada e um partido com todos os seus vícios e torpezas.

Não negarei, senhores, seguindo nesta parte o ilustre autor citado, que "foi a Igreja, com as suas instituições, seus magistrados, seu poder, defendendo-se contra a dissolução interna do Império e conquistando a barbaria, quem se tornou o laço, o meio, o princípio de civilização entre o mundo romano e o bárbaro." Mas que importa, direi eu, que a Igreja involuntàriamente tivesse evitado o devastamento total da Europa, se o alvo de suas vistas era o mais entristecedor; se, conservando a ponte por onde teria de atravessar o Cristianismo, por ela fazia também passar o mais degradante elemento de perversão humana!

Menos censuras não mereceriam os Jesuítas pelo fato de quererem judaizar a América, embora por meio dêles tenha a catequese entregue os aborígines aos seus mais ativos colonos.

A Igreja (quero dizer, o clero) prosseguia impávida em sua política: e o fim foi conseguido. Por uma evolução de anos, os bárbaros enfraqueceram e cederam: e Carlos Magno, o cristianizado, depôs uma coroa aos pés do bispo de Roma.

Estava, enfim, verdadeiramente inaugurada a moderna teocracia. O papado deixou de ser ilusório.

Mas... triste lembrança! o que era feito do gênio do Cristianismo?

Refugiara-se, porventura, em algum canto das florestas da Germânia. Talvez se escondesse em algum bosque da Grécia, de onde haviam desertado os deuses do divino Homero.

## V

Aqui, senhores, convém por um instante suspendermos nossos espíritos e sondar uma ordem de outros fatos que mui diretamente dizem respeito à entidade de que agora nos ocupamos.

Acompanhando as idéias de um dos mais ilustres publicistas dos modernos tempos, reconheço que há um elemento poderoso na organização humana que é o germe de tôdas as nossas crenças e para o qual não devemos olhar ùnicamente preocupados pelo seu lado ridículo. É da superstição que pretendo falar.

Ter coração é logo ser supersticioso; e não há negar êste fato desde que observamos o homem no seu berço e o acompanhamos em sua vida multiforme até a sepultura. A superstição amalgamou-se irremediàvelmente com os mais sublimes sentimentos que formam o apanágio da criatura.

Com muita razão diz Benjamin Constant que "a filosofia que se obstinar em tratar êsse impulso misterioso com menosprêço não passará de uma filosofia superficial e presunçosa."

Quer êsse escritor que entre os sêres morais e físicos exista uma pasmosa correspondência, correspondência esta a que são impelidos pela própria natureza que os rege.

De feito, não há quem em si mesmo não tenha experimentado o influxo desta magia que povoa o universo.

Já houve, porventura, quem pudesse explicar essa emoção potente por que passam todos aquêles que se mergulham na contemplação da imensa abóbada celeste ou levam horas e horas à borda do mar com o espírito a circunvagar pelas fímbrias indecisas do horizonte ?

De que terrores misteriosos não se possui o viajante ao atravessar as florestas êrmas por onde nunca ecoou o machado da civilização. Dos desertos rompem brados imensos que assustam o mais audaz, os ventos parecem acordar em sua passagem os espectros que o povoam, o silêncio da noite e a solidão enchem-se de vozes que se confundem com o bramido das catadupas em uma orquestra medonha e aterradora. A abóbada celeste vacila às vêzes, e um raio de súbito vem fustigar a terra, as montanhas e os rochedos estremecem, e a cada passo vemos reproduzir-se as cenas do Sinai.

Chateaubriand, em suas descrições eloqüentes, calcadas certamente em impressões que não são mentiras, dá-nos uma idéia perfeita do que podem sôbre o organismo da criatura o imponente aspecto de uma natureza virgem e selvática, o vôo profético das aves noturnas, o rugido das feras a perder-se no deserto e o esbravejar da procela em climas agros.

> Tudo quanto não é civilizado, — diz o escritor antes citado, — tudo quanto não está submetido ao domínio artificial do homem, tem um eco em seu coração. Só o que foi fabricado por suas mãos deixa-se emudecer, porque não vive; mas isto mesmo, apenas o tempo acaba com sua utilidade, assume uma vida mística. A destruição passando, restabelece suas relações com a natureza. [6]

É incontestável, pois, a existência de uma linguagem universal que a razão não define nem compreende, mas que o coração aceita e sente repercutir nos mais recônditos dos seus refolhos. É o domínio da poesia.

A natureza invade a alma e impõe-nos uma suspeita sôbre o mundo invisível, muitas vêzes por abalos e atordoamentos que, apesar de tudo, hão de ser sempre reconhecidos.

Ora, meus senhores, dado como averiguado êsse fato, é para crer-se que os primeiros benfeitores da humanidade, nesses tempos

---

[6] Não aparece esta nota in *Fraternidade*.

poéticos e ante-históricos em que se nos apresenta o homem inexperiente, apalpando as trevas, desprovido de todos os recursos que as ciências depois lhe forneceram, concebessem a idéia de sistematizar em seu benefício êstes sentimentos, estas vacilações supersticiosas.

A imperfectibilidade humana, porém, não permitiu que tais impulsos fôssem sempre aproveitados em sua pureza, deixando de cair no vício de que mais o homem se devera horrorizar.

O espírito de impostura os empolgou.

Os homens nunca foram iguais em fôrças, e, no meio das turbas, elevaram-se entidades que, pelo seu alcance intelectual, pelo privilégio de suas faculdades, puderam perscrutar os segredos de sua raça e abusaram dos seus talentos, impondo às multidões o respeito e confiança que é o apanágio do gênio.

Fracos, é de nossa natureza procurarmos o forte. Mas por uma lei repulsiva, entre as muitas que regem nossos destinos, foi estabelecido que êsses grandes homens nem sempre deixassem de ceder a uma tendência satânica, que faz com que o homem, apenas senhor do timão social, apodere-se de uma loucura feroz e comece a apavorar as imaginações, as consciências, em seu proveito e de uma classe de iniciados, e torcer assim os destinos dos povos para conduzi-los ao endeusamento de si próprios.

Fatalidade terrível! que, adulterando o que de mais nobre existe neste mundo, — o gênio, — monopoliza constantemente o seu aperfeiçoamento!

Seria, meus Senhores, digna de um dos mais profundos estudos *essa fantasmagoria* sacerdotal, que tão profundos e sangrentos sulcos tem deixado na história religiosa de tôdas as nações.

*Fraternidade*, 11-8-1874

Enche-se-nos a mente de horror, quando, folheando o *Antigo Testamento*, livro sublime, que, ao mesmo tempo que é a história das grandezas de um povo, o é também das chagas cruentes provocadas pela perfídia e maquinações do espírito de hipocrisia, encontramos o tabernáculo, onde descansam as crenças populares, povoado de figuras sinistras, que, intermediárias entre Deus e o homem, em nome dêsse mesmo Deus, apunhalam-lhe o coração e envenenam a fonte da vida com as amarguras morais que só o gênio do mal poderia ter fabricado!

A poesia da alma, que fôra feita para seu gôzo e ventura, transformada na cruel serpente da morte!...

Contrista-nos ver êsse espírito das trevas, encarnado ora neste ora naquele varão eminente de Israel, insinuando-se na arca santa das glórias nacionais, onde a imaginação acumulara tudo quanto

pode haver de prodigioso e de sublime, para impor, por entre a auréola que cerca a instituição, a sua soberba, a sua ambição e a negrura de suas almas insondáveis.

Quem não se apavorará ao contemplar o vulto dêsse tenebroso Samuel, que as Escrituras nos dizem ter sido encontrado um dia no sólio sagrado da Arca esplêndida!

Evoque a história das cinzas do passado êste tipo perfeito de impostura e dissimulação, perscrute-se com a crítica severa de um Volney os arcanos dêsse caráter, e tôda a hediondez do antigo sacerdote se manifestará com o mais vivo horror!

Ver-se-ia Samuel desenvolver-se um espírito imenso e lúcido na compreensão dos mistérios do tabernáculo, ao passo que crescia entre os levitas do Senhor.

Logo depois notaríamos neste santo homem a consciência de sua superioridade sôbre todos os que o cercavam e o instruíam e o labor de uma ambição que tenta impor-se de um modo insólito. A astúcia o levará em seguida a insinuar-se no alquebrado e desfalecido espírito do próprio grande sacerdote Heli, — seu benfeitor, — de cuja credulidade senil zomba pèrfidamente; e por meio de maquinações secretas e misteriosas, persuadi-lo-á de que Deus o escolhia para o seu único sucessor. Não tardará que o político refolhado encaminhe as superstições no sentido de suas veleidades e um dia se imponha como *sufeta* ou juíz do povo de Israel, que, em sua ingenuidade, o aceita como a um raio que caísse do céu, sem indagar das causas reais pelas quais os filhos de Heli, herdeiros do sumo sacerdócio, eram expelidos de sua casa.

Então descobriríamos como naqueles tempos sagrados já se operavam as usurpações, como se dispunha, para embair os néscios, uma nova forma de govêrno, uma crise política cujo único e real pensamento era o triunfo do orgulho de um homem. Veríamos ainda com que tática, quando exige o povo um rei, sabe o profeta declinar de si a dignidade que se torna impossível sustentar, e com que ciladas do adepto Saul confecciona-se um príncipe, a quem o dissimulado e terrível Samuel vai governar, reservando-se, contudo, o direito de sagração, direito imenso, que, com a rebeldia de Saul, não tarda em transmitir o poder ao pastor Davi. [7]

Estude-se e aprofunde-se bem êstes traços, e acredite quem quiser na missão do homem que se faz intermediário de Deus na terra.

O espírito mais refratário *às verdades verdadeiras* não deixará de descobrir na vida do filho adotivo de Heli, nessa descomunal personalidade do inventor da sagração dos reis, o político astuto de tôdas as eras, o orgulho de todos os tempos, a impostura sacerdotal, a fantasmagoria de quase todos os homens de gênio.

---

[7] Volney, *História de Samuel, o Inventor da Sagração dos Reis.*

E, por desgraça, êsse espírito não se havia de extinguir. Nem se extinguirá, meus senhores, enquanto a humanidade, já remida pelo coração, não fôr também pela inteligência, enquanto não se completar a obra da instrução universal.

Apraz-me dizer-vos que êsse espírito, que se encontrara outrora em Samuel, encerrou-se todo, com tôdas as suas alicantinas e artimanhas, com o seu impertérrito direito de ungir, dominar e depor os reis, no atual papado.

## VI

No meio do tormentoso período da Média Idade, vamos ver a que o clero organizado de Constantino para cá, e a imprudência de Carlos Magno, tinha reduizdo a idéia cristã.

O princípio do primado absoluto, sancionado, em breve chegara a sua completa solidificação.

O papado, sôbre as ruínas do antigo mundo, plantara um estandarte com a divisa — *Omnis potestos Deo !*

Os povos, ainda que obscurecidos pelo caos que reinava na Europa, não deixaram de pasmar ! E não se fêz muito esperar que o sumo pontífice fôsse o primeiro a reconhecer que, na ausência da oposição dos bárbaros e da antiga sociedade, o maior obstáculo agora era o amor de Cristo e os princípios de tolerância em que se baseava tôda a sua lei.

O papado estava em frente do Cristianismo !

O inimigo era terrível; tanto mais astúcia era preciso para debelá-lo.

Fazia-se mister eliminá-lo, e o Papa, o novo Samuel, o Samuel de todos os tempos, que se insinuava, que empolgara a arca, — o tabernáculo das liberdades cristãs, o Papa não trepidou em cometer o nefando atentado.

De repente vemos o mais cruel dos despotismos ostentar-se no seio da cristandade, a mais repugnante das aberrações tomar em Gregório VII a mais homérica das proporções !

O coração verdadeiramente cristão sangrou ! Mas o espírito da hipocrisia e da astuciosa impostura, enfaixado nas roupagens do sumo pontífice, foi inexorável !

O cristianismo, como Heli e seus filhos, foram suprimidos do tabernáculo em nome de Deus, e a política tenebrosa do partido clerical dominou a terra.

Era necessário, para êsse fim, ferir-se a imaginação dos povos, — e feriu-se. Era preciso judaizar-se a sociedade, — e judaizou-se, se ainda mais não foi ela reduzida ao fetichismo.

A religião, assim, ausentava-se do coração para povoar de pavor os cérebros enfermos e débeis do homem obscurantizado.

A todo transe se devia evitar que a humanidade saísse do estado miserável em que se achava, e sufocou-se os nobres impulsos dos cristãos que se viam impelidos para a luz regeneradora.

O que fazia de tua obra, ó Cristo, esta monstruosa superfetação social ?!

Causa horror e asco, ao mesmo tempo, os meios de que lançou mão para neutralizar os efeitos da idéia santa o espírito de hipocrisia que se impunha ao apostolado !

O culto externo, primeiro que tudo, — a pretexto de prender pelos sentidos os ingênuos habitantes da Germânia, a quem o sacerdócio pretendia educar como a crianças, — o culto externo fêz reviver tôdas as usanças farisaicas e aparatosas, as mitras, as capas e os roçagantes adornos do tempo dos levitas; e, contra todo o preceito do Mestre, as sandálias pulverulentas foram transformadas nos dourados e adamantinos coturnos dos mais ostentosos monarcas !

A letra expressa do Evangelho condenava êsse novo estado de coisas e se impunha aos espíritos mais destituídos. Era um tropêço, realmente, com que não tinham lutado os hipócritas de outras eras. Mas nem por isso falta o recurso. Criou-se a teologia e a ciência da interpretação autêntica.

Preveniu-se a todos de que, quando se dissesse o branco é prêto, — o quadrado, redondo, — estaria aí a verdade, porque assim Deus o queria.

Restabelecidos com o auxílio dessa alicantina tremenda os horrores da antiga lei, obscurecida a verdadeira doutrina, que tanto se ocupara em adoçar os costumes, dando o triunfo às verdades do coração, pondo em relêvo as excelências da humanidade, o que de Roma se poderia dizer ?

Tudo foi revogado, portanto, tudo obliterou-se, lançando-se sôbre as eternas verdades uma camada de interpretações, eriçada de blasfêmias e anátemas, sob os quais não se pode mais reconhecer o Cristo.

A sua túnica inconsútil e sem dobras enchia-se de refolhos para esconder as astúcias de que o Papado não podia prescindir para sua sustentação e eterna escravização dos povos pelo embrutecimento.

O terror, em lugar da mansidão de cordeiro, foi tudo !

Como é compreensível, dizia a hipocrisia, que Jesus pretendesse a libertação do homem, se êste só pode ser governado por abalos cerebrais ? Onde já se tinha visto religião que se não assentasse sôbre as excitações e deslumbramentos da imaginação ? Onde o dogma sem o auxílio de um fenômeno fisiológico ?. . .

Daí, meus senhores, tôdas as iniqüidades que tiveram seu glorioso complemento nas fogueiras do Santo Ofício!

Tornando-se as mulheres histéricas pelos jejuns e cilícios, enfraquecendo-se o cérebro do homem com lânguidas e mortificantes contemplações, enchendo-se seu espírito com a idéia constante das penas eternas, nada mais fácil do que o predomínio teocrático.

Um cristão, segundo esta doutrina, ficava reduzido ao mísero enfêrmo cujo comêço era uma simples exaltação nervosa e cujo fim um princípio de amolecimento cerebral.

Só um quadro, senhores, tirado por mão de mestre sôbre as conseqüências do fanatismo criado pelo obscurantismo romano pode nos dar idéia do que foi a Idade Média sob o domínio exclusivo do Papado.

Invocaremos o auxílio de um dos espíritos mais eminentes dêstes tempos, o imparcial autor do *Positivismo Inglês*. Se bem que o exemplo que dêle tiramos não se refira pròpriamente ao católico de que tratamos, contudo exprime com a maior eloqüência um estado idêntico, e que, se não foi imediatamente produzido pelo espírito clerical, foi causado por igual mania de controvérsias farisaicas.

A vítima, ainda a mesma — o Cristianismo!

Eu o reproduzo fielmente.

> Durante longos anos a sombria imaginação do povo, apoderada de terrores religiosos, devastara a vida humana. A consciência, com a idéia de morte e da obscura eternidade, perturbara-se: surdas ansiedades pululavam em segrêdo como uma vegetação de espinhos, e o coração doente, estremecendo a cada movimento, acabou por tomar aversão a todos os seus prazeres e horrorizar-se de todos os seus instintos. Assim envenenado em sua fonte, o divino sentimento da justiça transformara-se em uma lúgubre insânia. O homem, declarado perverso e condenado, cria-se encerrado em uma masmorra de perdição e de vício, onde nenhum esfôrço nem acaso dava lugar à entrada de um raio de luz, a menos que a mão do Supremo não viesse arrancar a pedra dêste túmulo. O homem, assim, levava uma vida de precito, angustiada e oprimida por um tórvo desespêro e eriçado de espectros. Êste indivíduo não raro desfalecia, julgando-se morrer; aquêle, à simples idéia de uma cruz, era assaltado por dolorosas alucinações; outros sentiam a cada passo o roçar de espírito maligno; aquêle outro levava noites e noites com os olhos fixos nas letras chamejantes do Antigo Testamento, a escutar as ameaças e os trovões de Deus-terrível, até que se renovassem em seu coração a ferocidade dos estranguladores e a exaltação do vidente. Sob tal influxo, a razão pouco a pouco desfalecia. À fôrça de buscar-se o Senhor, encontrava-se o sonho e o pesadelo. Após extensas horas de ânsias, a imaginação só podia trabalhar falseada e desarranjada. Figuras deslumbrantes, idéias desconhecidas se erguiam de súbito no cérebro incandescido; o homem sentia-se arrebatado por movimentos extraordinários. Dêste modo transformado, não era possível que êle mesmo se reconhecesse, nem atribuísse a si estas inspirações súbitas e veementes

que se lhe impunham, que o arrastavam fora dos caminhos ordinàriamente trilhados, que não tinham um nexo, que o abalavam e iluminavam sem que o mísero pudesse prevê-las, detê-las ou regulá-las. Desgraçado! o homem só nisto enxergava a ação de um poder sobrenatural e a êle se entregava com o entusiasmo do delírio e a rudez da fé. [8]

Eis, meus senhores, segundo um conceito que não é exagerado, o estado lastimoso a que tinha o clerical poder reduzido o infeliz Cristianismo. Tal, em suma, o benefício que resultava da centralização de Roma ou da maquiavélica doutrina fundada sôbre o fogo do inferno e sôbre *penas eternas*. Eis a que chegava o papado com essa superfetação monstruosa que é o escândalo da humanidade!

## VII

Não! mil vêzes não o direi! Não é possível que a religião do Crucificado tenha trazido o homem a semelhante alienação.

Por glória nossa e dignidade do Cristianismo, rasguemos esta página da história!

Cristo não estava aí...

O que tinham feito das ternas doutrinas reveladas no prodigioso sermão da Montanha, quando padre, confundindo o templo com o Estado, no dizer de Condorcet, "confundia o templo com o Estado e decidia a que leis humanas seu Deus ou Papa permitia obedecer"? [9]

Em que se reuniu essa doce doutrina que, na frase de Renan, continha o germe de tôdas as idéias fraternas que nestes séculos enobreceu a humanidade? [10]

E as palavras do apóstolo S. Paulo — o amor é o cumprimento da lei?

E êsse *individualismo* tão altamente proclamado como a fonte de tôda a felicidade; vigor que premunira o Cristianismo de tôdas as sugestões nos primeiros séculos?

Tudo fôra calcado aos pés pelo papado!

Estava, enfim, satisfeito o que Jesus anunciara.

Encontramos em S. Marcos (VII, 713) palavras acerbas que se referem, sem dúvida, àqueles *que em vão adorariam o mestre, ensinando máximas e preceitos dos homens, rescindindo a palavra de Deus por uma tradição de que eram êles mesmos os autores e praticando muito mais coisas que se parecessem com estas.*

---

[8] Taine, *História da Literatura Inglêsa.*

[9] *Progresso do Espírito Humano.*

[10] *Apóstolos.*

Paremos aqui, senhores, assaz tenho abusado de vossa paciência.

Concluindo, não posso deixar de proclamar bem alto que do poder teocrático não nos pode vir a felicidade.

Felizmente, outros são os tempos que correm; e se não são os padres que dirigem nossos destinos, como pretendem hoje, nem por isso o espírito cristão deixa de ser quem preside e se põe na vanguarda de todos os progressos e movimentos civilizadores dêste século. É verdade que a instituição do papado continua; mas, existindo, não tem outra vida que não seja a de um imenso anacronismo!

Muito embora a palavra impetuosa de um De Maistre, a preocupação dêste poder se desvanece.

Faça-se consistir a Religião na simples evangelização, e por uma vez desaparecerá a necessidade de um supremo árbitro ou tribunal que fabrique dogmas. Desde que o coração constituir-se o único intérprete do Evangelho, para quem foi escrito, longe da viciada inteligência do teólogo, as contradições desaparecerão e as heresias se exilarão da terra.

Ainda uma vez o digo: Não creio que Jesus fundasse sua Igreja sôbre outra pedra que não fôsse o nosso coração.

E se, por uma dessas anomalias que não têm nome, voltarem as fogueiras, como veio o *Syllabus* e a infalibilidade, as guerrearei de morte.

Quero a âncora da Religião como repouso, mas nunca como hedionda estagnação. E se me privarem dêste consôlo, ou o reduzirem de novo ao instrumento de infernal astúcia, declaro que mil vêzes preferirei perder-me, como Colombo, nos mares tormentosos e desconhecidos que os teólogos anatematizavam.

Ao menos descobrirei novos mundos!

# A POESIA SERTANEJA

(CARTAS AO EXMO. SR. CONSELHEIRO JOSÉ DE ALENCAR)

SÉRIE DE DUAS CARTAS A JOSÉ DE ALENCAR, PUBLICADAS NO JORNAL *CONSTITUIÇÃO*, DE FORTALEZA, E TRANSCRITAS EM *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 26 MARÇO E 11 ABRIL 1875.

(Texto de *O Globo*)

## *1.ª CARTA*

Tomo a liberdade de dirigir-me a V. Ex.ª no intuito de discutir uma questão para a qual chamam agora a minha atenção algumas idéias emitidas por V. Ex.ª nas epístolas sôbre o "nosso cancioneiro", ùltimamente publicadas em um jornal dessa côrte, *O Globo*.

Porventura teria empregado mal a expressão discutir. — As linhas que se vão seguir não são outra coisa mais do que pobres lembranças ou fraquíssimas observações, submetidas ao esclarecido critério daquele que tanto tem sabido concorrer para o engrandecimento das letras pátrias.

Escrevo-as de uma das eminências da imponente serra de Maranguape.

V. Ex.ª, que há tão pouco tempo espairecia pelos sítios de onde agora traço estas linhas, calculará a impressão ou agradável surprêsa que não me deveriam ter causado essas cartas a Joaquim Serra, tão cheias do encanto e perfume que caracterizam a pátria de *Iracema*. Aqui, sim, é que se pode verdadeiramente dar valor a essas coisas, em aparência mínimas, tão difíceis de serem compreendidas em uma côrte, onde, no torvelinho das indústrias e especulações, esvai-se o anjo da poesia.

Nas sumidades de uma serra, cercado por uma natureza esplêndida, raro acontece deixar o homem de ser abalado por uma fôrça que se não explica. O lavrador, extenuado e pouco acreditando no progresso, amesquinha-se ante as enormidades que se lhe antolham; acurva-se ao influxo externo e sente-se morrer por ter demais a vida. O homem, porém, que já saboreou uma vez os benefícios da civilização, considerando-se vencedor das fôrças brutas que o sitiam, exercendo e pondo a seu serviço as expansões da terra, contempla, admira, ensoberbece-se e sente-se poeta.

O cenário, que daqui se descortina, não pode encontrar rival! Ao longe a linha azulada do oceano, onde se balouçam como em uma fantasmagoria os vasos mercantes, que nos trazem o progresso; mais perto os lourejantes tabuleiros; ali a serra da Aratanha com os seus píncaros verde-negros, os verdes canaviais, as plantações do pobre lavrador, a ermidazinha de Santo Antônio; acolá a linha férrea que

se aproxima e a locomotiva que, como um tigre de fogo, lança-se terrível em busca do sertão.

Subindo mais um pouco, eis-nos sôbre o cabeço da *Rajada*, manancial das águas que enriquecem o grande vale, de cujas alturas a sociedade contempla os vastos plainos, onde começam os sertões, êsses mesmos sertões de onde V. Ex.ª, com a vara mágica do talento, fará em breve surgir uma poesia quase desconhecida, arrancando-lhe a crista que até hoje fazia sorrir aos inexpertos pelo aparente prosaísmo dessa forma que a revestia.

Agora imagine-se as impressões causadas por êste espetáculo, e as doces sensações que em mim vão produzindo os motos desta natureza, ao realizar a sua rápida transição do verão para a estação das flores! Na serra, principalmente, isto é de um efeito suavíssimo e embriagador.

Não se experimenta a angustiosa adustão do solo nos sítios onde os raios do sol absolutamente imperam.

A temperatura é [a] mais amena que se pode desejar; os abrasamentos do dia são quebrados pela viração que circula de contínuo, e quando pela noite a aragem chamada *vento da serra* desprende-se dos seus cabeços sombrios para visitar a planície, haure-se uma fragrância a mais e mais deliciosa.

Os pau-d'arco têm-se despido de suas flores amarelentas, e os festões roxos da viuvez causada pelos rigores da sêca, que termina com as primeiras águas, desaparecem de chôfre; e ainda por um encanto indefinível, são substituídas pelas flores do noivado, — as perfumosas e cândidas flores da laranja. Difunde-se então pela atmosfera um *quid* que nos comunica uma alegria indeclinável, além de disposições admiráveis. Engrinaldados os pomares, dir-se-ia que a natureza com a uberdade da terra convidam-se para eternas núpcias.

Que satisfação ignota! Tudo reverdece, há magia em tudo! Como que da *terra mater* soltam-se eflúvios divinais!

Ri-se a selva! o orvalho lagrimeja como de prazer! Os regatos, saindo de seus leitos, saltam crepitando como crianças loucas que correm, escondem-se e se perdem, folgando por entre os pedregulhos. Pela relva enroscam-se os animais inofensivos; trilam nos galhos as gárrulas aves.

Estação jucunda!

Parece que a Deus apraz que tudo quanto há de feio e terrífico neste instante se oculte nas grotas e nos penhascos da montanha, para que só possam brilhar à face do fulgurante sol de janeiro os primores feiticeiros e gentilezas dessa próvida natureza.

Sob tais influências e disposições me achava quando me foi permitido ler a primeira carta do autor do *Guarani* sôbre o cancioneiro nacional. Há pouco havia refrigerado o corpo nas dulcíssi-

mas águas do *Pirapora,* não menos poético que o famoso *Carioca,* e revigorava-me então com o saboroso néctar extraído do caju.

Dizem que êste precioso vinho, influindo poderosamente sôbre o espírito, tem a propriedade de afervorar o amor pátrio, fazendo recordar por êste modo aquêle célebre verso de Horácio:

.......... Prisci Catonis
Saepe mero caluisse virtus.

Devorei aquelas linhas eloqüentes com a mesma sofreguidão com que sempre me acostumei a ler os escritos do ilustre escritor, em cujos livros, posso assim dizer, senti os primeiros estremecimentos literários. À proporção que ia percorrendo essas belezas, foram-se me despertando algumas idéias esquecidas, as quais em pouco se agruparam em tôrno do pensamento capital da carta, por tal modo, que me não permitiram mais continuar.

Foram justamente essas idéias que me determinaram a usar da pena.

Antes, porém, que entre no seu desenvolvimento, conceda-me V. Ex.ª que, a propósito do que na aludida carta se diz acêrca das fôrças determinantes da poesia popular do Ceará, transcreva aqui o juízo que a êsse respeito já em 1872, apreciando as produções do nosso poeta Juvenal Galeno, eu emitia em alguns artigos publicados no jornal *Constituição*.

> O solo, irmão daquele em cujas inspirações formou Chateaubriand seu gênio para derramar pela Europa os germes dessa escola, de onde tinham de sair as mais brilhantes concepções de Lamartine e V. Hugo, não podia ser tão ingrato à imaginação ardente dos filhos do trópico, a ponto de negar-lhes o gênio de sua nacional literatura.
>
> Juvenal Galeno, acalentado aos estros dêste Brasil, será talvez o precursor de uma plêiade brilhante em gênero diverso ao do saudoso Dias, plêiade que, recebendo as virgens inspirações do torrão natal, solidificará uma literatura própria e original.
>
> Bem haja a luz com que o Eterno o quis iluminar. Em si vemos a obra fiel da natureza. O prisma refletiu esta vez a verdade em todo o seu esplendor.
>
> Longe dessa poesia artificial e envenenadora de tudo quanto há de belo e ideal, soube-o Deus guiar em suas puras intenções, confirmando o pensamento de Stendhal, que, uma vez por tôdas o digamos, deveria ser a norma de tôda a crítica literária nacional.
>
> O verdadeiro talento, como essa borboleta das Índias, a que seus naturais dão o nome de *vismara,* nunca deixa de tomar a côr da planta sôbre a qual se alimentou e viveu.

E mais adiante:

> O *Bargado* é a mais genuína expressão da poesia sertaneja. Haurida nos campos, e inspirada nas trovas populares, é a pintura fiel dos costumes, e do caráter mais acentuado e mais vigoroso tipo desta terra.

Originado em uma legenda, glosada a cada passo pelos nossos rudes improvisadores, o poemeto, que recomendamos à crítica sensata, caracteriza um dos lados mais sensíveis dessa poesia.

É o homem em luta constante com as fôrças misteriosas da natureza acompanhada de seu imenso cortejo de maravilhas.

Os índios, sufocados por um clima abrasador, que os entorpecia e os abismava em uma eterna melancolia, o enxergavam nas impenetráveis florestas das regiões que atravessa o Ganges, um inimigo a vencer. A sua imaginação exaltava-se, sêres fantásticos enchiam-lhes a mente, e os delubros povoavam-se de monstros e animais horrendos, a quem a natureza incumbia de vedar-lhes o supremo gôzo de seus benefícios.

Trovas populares o disseram.

Valmiki estudou as verdadeiras fontes literárias, e o grande poema nacional — *o Ramayana* — revolveu-se inteiramente sôbre estas lutas legendárias, de que o homem, afinal, sempre saía vencedor.

O árabe errante e sem destino, transportando a todo momento a ligeira tenda, onde se escondia a prole, que no futuro o havia de glorificar, viu logo ao nascer o grande deserto. A vista acurvou-se sôbre a linha do horizonte, onde se perdiam as dunas de areia flutuante, e o mesmo pensamento, que vimos acolá tomar vulto ao habitante dos *Gates*, peja-lhe a mente e faz-lhe entrar no coração o infinito.

Vencer o deserto! eis a sua primeira idéia. Romper a amplidão!

O brioso corcel relincha ao lado, sacudindo as crinas, que o vento lhe bafeja; e para logo torna-se o instrumento mais potente da luta que se vai travar.

Eis como o nobre animal transforma-se no objeto mais amado das suas cantilenas e imaginosos contos, cercando-se daquele prestígio de que sempre sói cercar-se todo o objeto que de mais perto nos interessa.

É assim que vemos *Antar*, o poeta guerreiro do deserto, celebrando as suas proezas e o ardente amor que dedica à sua formosa *Abla*, não se esquecer do violento garanhão *Abjir*.

Suas canções não o desprezam: o glorioso companheiro das lutas e pelejas, e a cada momento relembrado.

Para o vitorioso árabe, Abjir é o *Simum*.

O mesmo fenômeno vamos encontrar no persa, cujos campos são demasiado diminutos para conterem os ímpetos do dardo invicto.

*Firdusi*, no *Sha-Nameh*, põe no mais alto relêvo o herói *Rustem*, que é a perfeita idealização dessas lutas, em que se empenham as imaginações de todos os povos em seu berço.

E o que vemos aí, vemos em tôda a parte fecundar o espírito adolescente, dando-lhe o germe de tôda a poesia, da verdadeira poesia, que é a poesia do heroísmo e da fôrça.

Longe iríamos nesta apreciação, se tentássemos analisar o coração humano em tôdas as suas primitivas tendências; se buscássemos no desenvolvimento do espírito a aplicação da poesia nacional de cada povo.

O que antes de tudo pretendemos é mostrar que os rudes habitadores das florestas colossais da América do Sul tiveram idênticos movimentos. A natureza não lhes foi indiferente e, assemelhando-se

a tudo quanto nela encontraram de grandioso e digno de contemplação, enxergaram nessa grandeza o objeto principal de sua vida.

Ora perseguindo o tigre, ora travando luta com os elementos e os rigores de um clima invencível pela sua exuberância, precipitaram-se nesse gênero de vida tão ruidoso e ao mesmo tempo tão poético, que constitui uma das inesgotáveis fontes de nossa literatura.

O mesmo que se deu com o selvagem deu-se com o homem civilizado, que se barbarizou ao contato das hordas bravias, que ainda pejam os nossos mais longínquos sertões.

Imaginação arrojada, cérebro continuamente agitado pelas cenas surpreendentes de países nunca vistos, o filho da raça branca atirou-se através dos inóspitos planos da terra de Cabral, buscando subjugar a vigorosa natureza que se lhe antepunha, fôsse lá debaixo de que forma fôsse.

Nos terrenos auríferos de Minas, para onde os mistérios de reinos encantados atraíam vertiginosamente os mais ansiosos, produziram-se os *bandeirantes* e os *garimpeiros*, homens descomunais, cujo tipo original as lendas se incumbiram de poetizar na pessoa de *Anhangüera*.

Dos *pampas* brotou o *gaúcho*, que, logo dominando a planície, apresentou-se como o centauro americano.

As bolas giram medonhas sôbre sua cabeça, o xucro ginetеou sob as pernas do cavaleiro, e o campo tremeu debaixo do rebenque implacável.

Do mesmo modo que dos *pampas* do sul nasceu o *gaúcho*, dos campos do norte nasceu o *campeador* — o vaqueiro.

A natureza aqui também opôs-lhe vigorosa resistência.

As catingas impenetráveis tiveram de ser rompidas com a velocidade do raio pelo valente *campeão*, e as campinas tornaram-se teatro das cenas as mais sanguinolentas.

O touro bravio apareceu-lhe como a forma mais palpitante, pela qual essa esplêndida natureza tropical lhe oferecia a luta.

O flanco do heróico animal foi o alvo de todos os seus esforços.

Enfurecido muitas vêzes, arrastou a fera a seu perseguidor para lugares ínvios e amaldiçoados pela voz popular, onde a fadiga e o cansaço o fêz perder o rastro da terrível rês.

Sua mente exaltou-se; os brios fugiram-lhe; quis reconhecer-se vencido, mas seu passado de glórias repeliu êste ato de covardia.

Novos ataques; resultados idênticos. Uma idéia então lhe avulta no entendimento, e a superstição a acolhe pressurosa.

Artes diabólicas o perseguem e se encarnam na figura daquele indomável animal.

Eis o touro legendário!

Justamente êste é o assunto do poemeto e o espírito da poesia que o mesmo representa.

Já nas primeiras canções o poeta se ensaiara neste gênero, prometendo com mais tempo brindar-nos com um trabalho completo.

Se agora o conseguiu, é o que esperamos ouvir do leitor sensato.

Neste ponto, por tédio de escrever, interromperam-se os meus artigos. No que se devia seguir a êste pretendia eu então fazer as competentes restrições e entrar na análise de certos fatos positivos, sem os quais torna-se impossível a compreensão do espírito que agita a nossa poesia.

Quando cursava o meu 4.º ano de direito em 1869, tentei esboçar alguma coisa a êste respeito em um artigo crítico aos *Contos da Roça* do Sr. Emílio Zaluar. O que naquela época não consegui realizar, procurarei fazê-lo agora.

E será o assunto da próxima missiva.

Desculpe V. Ex.ª a veleidade de um de seus maiores admiradores.

Serra de Maranguape, 5 de janeiro de 1875.

## 2.ª *CARTA*

Não é baldado o esfôrço com que se tenta nacionalizar a nossa literatura. Um movimento extraordinário agita o país e elementos poderosos se congregam, se combinam para fazer emergir a pátria do estado embrionário em que as circunstâncias até agora a conservam.

Hoje não é mais lícito duvidar desta verdade. Questões de tôda a ordem se levantam; a febre das investigações e aplicações se apodera do mais obscuro brasileiro; a nação como que de súbito sente-se atacada de uma imensa nevrose. Dir-se-ia que o cabo elétrico, tocando em nossas plagas, acordara por um choque enorme o gigante, que só agora buscou experimentar as suas desconhecidas fôrças mentais.

Tudo se comove! E o brasileiro pela primeira vez julga-se alguma coisa, e procura em si mesmo os elementos do próprio engrandecimento.

Estamos muito longe de concordar com a opinião daqueles que nos supõem ainda tão distantes de sacudir o jugo de estrangeiras emoções. V. Ex.ª, que naturalmente leu os trechos de uma conferência sôbre a *Literatura Contemporânea Brasileira*, que um dos nossos mais ilustrados e precoces talentos, Sr. João Capistrano, publicou neste jornal, saberá o alvo a que precisamente se dirigem minhas palavras.

É incontestável que o Brasil passa por uma grande evolução, e que, sejam quais forem as causas, uma extensa tendência se manifesta para a criação de símbolos que traduzem literàriamente a nossa vida social.

Assim é que já vemos objetos, [que] outrora nos enfastiavam o espírito e apareciam-nos sob um aspecto repugnante, ou com uma fisionomia alvar e abstrusa, começaram a ferir-nos a imaginação de um modo diversíssimo, assumindo proporções simpáticas, trnsformando-se pouco a pouco em inesgotáveis fontes de misteriosas fôrças de produção. O fenômeno é real, e não tarda que se propague, atin-

gindo aquêles mesmos laços e situações, que há bem pouco eram reputados os mais ridículos dêste mundo. Tal era o ponto de vista que tomávamos para observá-los!

Não será, portanto, para admirar que, desprendendo-se a máscara que a crueldade e um desprêzo, filho do orgulho ou da subserviência do nosso espírito às lentejoulas da vida carnavalesca das côrtes, impôs aos tipos e relações que caracterizam a vida do interior, comecem êstes a ter para nós muita e muita poesia, deixando por uma vez de ser assunto de chocarrices e truanescos tripúdios.

Os folgares da gente do campo, as variadíssimas peripécias da vida dos homens do sertão não conterão traços característicos dos quais o observador consciencioso possa deduzir a existência de um mundo completamente novo de emoções originais, que interessem tanto ao poeta, que o representa pela face mais sedutora, como ao filósofo, que, em qualquer parte que seja, vai buscar os germes da futura civilização de um povo ou de uma raça.

Não. O grotesco aí é puramente subjetivo. Se há trivialidade nestas coisas, provém sòmente de não enxergarmos nelas o que deveremos principalmente enxergar. No fundo dêsse viver, que de ordinário se olha com indiferença, existem mistérios, abismos, perturbações tão profundas, elementos, enfim, para uma poesia tão vasta, para estudos psicológicos tão extensos, que não causaria surprêsa se disséssemos que justamente dessa crisálida brotariam os fundamentos de onde terá um dia de derivar o transformação do Brasil.

Nestes repositórios inexplorados é justamente onde opera-se a surda elaboração nacional, que há de caracterizar o nosso futuro, e cameça a reagir contra um certo descuido com que as populações sem autonomia das capitais, que vivem uma verdadeira vida de empréstimos, vão subscrevendo as revoluções européias, sem fazer passar as conquistas da civilização pelo crivo da nossa índole social, expurgando o que absolutamente não pode adaptar-se à natureza tropical,

Augura-se-nos já o aparecimento do ianque da América do Sul. Prolonguem-se as estradas de ferro; ponham-se essas raças que povoam o interior em mais contato com a vida civilizada; cobrem energia, desenvolvam-se suas fôrças mentais, e veremos se dêste embate, na pujança das faculdades e tendências com que dotou-as o sol dos trópicos, não surgirá para êste imenso país de maravilhas uma situação como nunca imaginaram aquêles colonos que primeiro puseram o pé em terras de Santa Cruz. A fôrça impulsiva autóctone subordinará o influxo civilizador vindo de fora, fá-lo-á entrar em circulação como meio de aperfeiçoamento, mas nunca como única condição de existência.

São precisamente para êstes tipos que ùltimamente se tem volvido a atenção de alguns espíritos mais sensíveis à exuberância da

natureza brasílica, tanto física como moral, e, sem contestação, se há quem mereça, neste sentido, devidos encômios, é o autor da mimosa *Porangaba*.

Na primeira carta que dirigi a V. Ex.ª externei a minha opinião sôbre qual fôsse a origem da poesia heróica tão decantada dos nossos centros. Cumpre-me agora expor, segundo as minhas fôrças e como entendo, qual o estado atual do sentimento que determina o desenvolvimento dessa tendência.

Julgo que Juvenal Galeno, escrevendo o *Bargado*, transportou-se, sem o querer, a outras eras, e instintivamente buscou uma emoção que de forma alguma se encontra nas rapsódias ou canções que o povo hoje repete pelos sertões, sob as denominações de *Rabicho-da-geralda*, *Boi-surubim*, *Boi-espaço*, *Pintadinho*, etc.

Não resta dúvida, como dissemos, que aí está a pintura fiel dos costumes do homem do sertão; mas, lutando entre a realidade que ressalta dessas canções populares e o ideal que concebera a respeito de um tipo primitivo, o poeta não pode deixar de ceder a ambas estas influências: de sorte que o poemeto veio a exprimir ao mesmo tempo duas coisas: tornou-se a tradução dos costumes sertanejos, interpretada segundo uma intenção que, agitando o autor, levou-o a supor que existisse nessas lendas mais do que realmente nelas existe.

É preciso conhecer a vida dessa gente e tê-la analisado com espírito desprevenido e verdadeiramente crítico para poder-se saber de que emoções serão capazes os homens rudes que habitam os vastos campos de criação do Brasil setentrional.

Com pesar o digo: – a emoção épica que tanto devera exaltar a mente dos primeiros criadores, que resultaram do cruzamento da raça indígena com os portuguêses, de todo desapareceu. Com muito custo hoje chegaríamos a descobrir, observando acuradamente os seus costumes e tradições, uma reminiscência dessa situação, para julgar a qual não encontramos símbolos artísticos de qualquer natureza que seja.

O que é certo é que, antes de findar-se o século passado, a feição dêsse tipo primitivo foi substituída por um arremêdo, que pouco coisa ou quase nada conservava das tendências daqueles que primeiro embrenharam-se, livres como o touro bravio, pelos sertões, com a mente pejada de fantasmas e uma única confiança, a que residia em seu braço e em seu arrôjo incomparável.

Com o decorrer dos tempos, como era natural, e antes que se operasse a evolução que teria de determinar a manifestação poética das sensações que inevitàvelmente essa vida desgarrada devia ter causado, eliminaram-se êsses potentes perfis, sem que de sua passagem ficasse um só monumento capaz de dar-nos cópia do modo

sequer por que êsses povos definiam as suas relações com a vigorosa natureza que os cercava.

Apenas uma outra legenda oral, um ou outro conto de natureza fantástica, poderá atestar-nos que o tipo existiu e que o estado poético foi um dos mais acentuados dos que precederam a civilização do país.

Cairemos, porém, em um equívoco lamentável tôda vez que pretendermos aquilatar ou reconstruir êsse estado emocional pelas canções populares ou pelos peseudopoemas heróicos que encontramos na bôca dos nossos atuais sertanejos, poemas êstes que, sendo produto de uma situação completamente diversa daquela, só podem traduzir emoções que porventura caracterizam a época durante a qual a musa popular os compôs.

Dêste século, quando já o sertanejo ou o vaqueiro não era mais o produto daquela indômita aspiração para o desconhecido, para o ameaçador, quando as terras pela maior parte viam-se desbravadas, quando o Brasil não era mais êsse país encantado e misterioso, para onde o espírito descia como para um abismo insondável, quando, finalmente, essa raça semi-aborígine, com a gradual transformação das causas, achava-se escravizada pelos patronos ricos e fazendeiros notáveis que avassalavam as terras que o rei concedera-lhes em patrimônio, que talavam os campos por [onde] antes os centauros impàvidamente atiravam-se tão livres como o selvagem das priscas eras; dêste século, repito, desde que o sertanejo colocou-se na terrível contingência de servir ou ser esmagado, que poesia podia então brotar? Que sentimento heróico encontrar-se-ia em indivíduos que, abocanhados em sua nobres aspirações, vivendo como escravos, oprimidos, eram obrigados a percorrer os campos atrás da rês fugitiva, não como o homem que luta pelo sentimento da própria vida, mas por uma obrigação e como um tributo?

Não era de esperar que essas façanhas constituíssem o prazer e a substância de sua vida. A existência tinha de se lhe tornar por fôrça cheia de pesadumes, e longe de encararem a natureza e as suas correrias pelos carrascos como outros tantos teatros de sua grandeza e se possuírem do sentimento da própria dignidade, ao contrário, olhavam para tudo isto como para os elos da corrente que os prendia ao déspota sertanejo.

Disso resultava uma imensa tristeza: dessa tristeza provinha um estado de angustiosa opressão de espírito e dessa opressão o verdadeiro característico da poesia que domina a generalidade das classes laboriosas que ocupam os nossos sertões. Esta situação teve, entretanto, suas intermitências. No meio das angústias sempre surge um riso, ainda que desconsolado.

Entre si êstes homens rudes quiseram uma vez por outra contrapor primazias. Garbo, valentias, gentilezas, tudo foi pôsto em

prova. Mas quão longe não estavam já dos movimentos épicos de outrora! Riram-se, em suma, chacotearam uns aos outros, e o canto então não passou da bravata de um escravo.

Eis a origem dos poemetos que são cantados pelo bardo sertanejo.

Agora não é difícil compreender a causa do equívoco em que laborou o autor das *Lendas e Canções Populares*.

Se foi fiel à musa popular, assimilando-se às suas trovas, outro tanto não conseguiu quando lhe emprestou intenções que só a legenda poder-lhe-á ministrar.

Maranguape, 1 de fevereiro de 1875.

# CANTOS DO EQUADOR

*PELO DR. A. DE MELO MORAIS FILHO*

PUBLICADO NA SEÇÃO "BIBLIOGRAFIA" DA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO, 10 MARÇO 1881, COM DATA DE 24 FEVEREIRO.

A leitura dêstes contos me fêz um grande mal. Veio despertar umas intensas saudades por êsses sertões bravios, essas florestas esplendorosas, que foram o meu maior encanto, a poesia dos meus primeiros anos. Fêz-me mal, sim. Para certos temperamentos a solidão é doentia e as florestas tropicais têm quase as terríveis propriedades do *upas*, aquela árvore singular da Índia, a cuja sombra ninguém consegue repousar impunemente.

Caro custam as delícias e a jucundidade de certas horas nas regiões equatoriais.

A paisagem enche-se de seiva e a vida superabunda, o ar torna-se anestesiante, a poesia enerva, o sol combure e mata.

E por instantes julguei-me no meio da taba selvagem a contemplar os meus caboclos inocentes !

Vi-os atravessar ágeis e prestes as pontes de liana, envergar o arco forte, subir ao tope das palmeiras e traspassar o corpo do jaguar com os assomos dos caçadores invencíveis. Assisti de novo as suas festas do cauim, meti-me pelas grotas dos seus mistérios, ouvi as falas do piaga e, com Iracema, provei os ruidosos sonhos da *jurema*.

Sombrio como o Dante internei-me então pela mata escura, em busca de outro guia. Ah ! selvas de minha vida ! ah ! páginas formosas de F. Denis ! Bem haja o sofrimento de hoje pelo dulçor que outrora soubestes conceder-me !

---

Não sei se o título de *Cantos Tropicais* conviria melhor ao livro do que aquêle com que o seu autor o batizou. Quer-me parecer que o Dr. Melo Morais Filho propôs-se a cantar sòmente a natureza da Bahia e do Rio de Janeiro, que é a única que conhece. Só bem se descreve o que bem se viu, e, nunca tendo o poeta perlustrado as regiões do Equador, acho dificílimo que pudesse possuir-se do sentimento do real, que é a base de todo o esplendor da forma, sem embargo dos preconceitos de escola. Ora, êsse sentimento, que não é mais do que o assomo que se experimenta em face do objeto observado, quer seja para transcrevê-lo, quer para colori-lo, êsse sentimento, tratando-se da natureza amazônica, difere tanto do dos trópicos como o azul do encarnado. Eu, que vi as margens do Tocantins, posso avivar-lhe os contrastes.

Não obstante, o livro é brasileiro, e muito brasileiro. Sua leitura embriaga com a traiçoeira sugestão das bebidas indígenas. De envolta com o doce perfumoso, vai o travo da fruta venenosa e da cachaça obliterante.

Um português não o escreveria, nunca o escreveria. Temos uma experiência no poeta Gomes de Amorim. Divagou pelo Amazonas tantos anos, observou suas grandes margens muito e muito; mas, chegando a Portugal, a fatalidade da raça e a influência do Chiado fazem dar-nos os *Selvagens*, *Fígados de Tigre* e *Ódio de Raça*, que não passam de uma combinação de bastidores teatrais e cômicos sarapintados, sem ter ao menos a erudição do cenógrafo primeiro da *Aida*.

---

A imprensa já fêz à obra a justiça merecida; às suas sertanejas e aos seus poemas de escravos não faltam encômios, quer à forma, quer aos intuitos socialistas. Não é isto, porém, o que me fere. O Sr. Melo Morais Filho surge com um traço característico, que raro encontra-se entre os poetas nacionais.

Quero falar na manipulação das tintas de sua palhêta, no colorido das suas telas; nos perfis de suas figuras.

Para a natureza imóvel, não houve ainda superior ao chorado autor dos *Timbiras*. Quem o conheceu, quem o estudou, quem o compreendeu, sabe o que aí por êsses poemas americanos denominados *Y Juca Pirama*, o *Canto do Piaga* e *Gigante de Pedra* vai de entranhado amor pela beleza natural. Dir-se-ia que com êle houvesse morrido a compreensão das grandezas selváticas. Mas não: no autor dos *Cantos do Equador* ressurge a tendência artística do cantor da *Coema* formosa e apresenta-nos em seu belíssimo livro de versos quadros que podem rivalizar com os melhores no gênero descritivo.

Há, entretanto, uma grande diferença. Gonçalves Dias era uma natureza doentia; veio ao mundo da arte no auge do romantismo, e seu representante, talvez mais completo no movimento que entre nós se iniciou em 1836, coloriu o Brasil com umas tintas esbatidas sôbre a dor, que tiraram tôda a luz irritante de suas cascatas, todo o afogueado de seus rios e florestas.

Tinha o vêzo dêsses pintores que esfumam sempre os quadros com uma nuvem violácea. Como triste que era, e triste sem os risos ao menos do meiguíssimo Ovídio, a paisagem só lhe aprazia às horas em que o sol se esconde, nessa hora de saudade em que a terra como que se envolve em um véu de castos histerismos.

O Dr. Melo Morais, porém, não pertence à ordem dos tristes. É forte, bem arcabouçado, não tosse, nem lamenta com os olhos fitos

em um futuro que se esvai, farto de vida, também farta-se de luz. É essa luz viva e clara, sem sombra, que justamente mais me agrada em seus poemas. As suas paisagens são francamente copiadas sob os reflexos do sol do meio-dia. Golfa a vitalidade dos trópicos em enormes borbotões; o verde doira-se em uma apoteose da vegetação americana, e os olhos enlouquecem com êsse luxo de côres quentes que tripudiam dentro da esfera visual.

Faz bem em banhar-se nesse Jordão inspirador e aplicar-nos, como médico que é, estas duchas literárias.

---

Em abono da verdade é o que ocorre-me dizer.

O que resta agora é um pedido. Adote o poeta moldes mais modernos. E, quando lhe permitam os lazeres, brinde as letras pátrias com um romance em verso, com uma dessas histórias sentidas da vida das senzalas, por exemplo, em que os vultos simpáticos dos personagens se movam dentro dêsse meio rústico que o autor da *Floresta Submergida* sabe tão eloqüentemente alevantar na tela.

# FESTIVAL CEARENSE

*CARTA A JOSÉ DO PATROCINIO*

PUBLICAÇÃO EM RODAPÉ NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO, 11 MARÇO 1881, E DATADA DE 7 DO MESMO MÊS.

Ouvimos comovidos a tua eloqüente frase, e, com o coração alagado na saudade, liberados nas asas de tua inspiração genial, revoamos todos ao torrão natal.

Não nos deste só a exibição de um talento fácil, de um orador audaz, fluente, generoso; foste muito além: prostraste a alma de um povo sofredor, e, poeta sonoroso, conseguiste vibrar tôdas as cordas dessa harpa eólia que se chama o amor do berço em um canto lamentoso.

Nós, os cearenses, ali ficamos suspensos pela magia de tua voz estremecida, e todos os mistérios daquele virgiliano *et dulce moriens reminiscitur Argos* nos foram de momento revelados.

Dize-nos: onde foste surpreender o segrêdo das nossas dores? Como um estranho se pôde consubstanciar assim com os nossos pesares, como o irmão de longínquas terras pôde animar-se a descer tão baixo na caverna tenebrosa aonde se agitavam os desesperos dos flagelados pela recusa da uberdade nativa? Entretanto, tu o fizeste, e, desprendendo o vôo das plácidas e verdejantes montanhas do Guanabara, abandonando a paisagem confortativa do pátrio rio, foste contemplar a enorme desgraça de um povo que se estorcia sôbre a lava de um vulcão: aqui estrangulado pelas garras da fome impiedosa; ali torturado pela inconsciência da revoada dos abutres que de todos os pontos do horizonte acudiam ao aceno do anjo da morte.

Sim! Tiveste coragem de buscar a contemplação dêsse pavoroso quadro; e, com os cabelos eriçados, o coração transido, a mente desvairada, viste atravessar por diante dos olhos o enorme e monstruoso naufrágio sôbre um oceano de fogo, em que o Ceará desventurado se despenhava como aquela legendária jangada da *Medusa*, hedionda, convulsa, feroz, síntese de tôdas as misérias desta vida.

Sim! só quem foi uma vez poeta pode compreender os sulcos que semelhantes pesadelos deixam na alma sensível do artista. Tu o suportaste, e, assombrado, foste o nosso Géricault.

Um pesadelo. Que nome melhor pode dar-se a êsse hiato horrível que o sol abriu entre os calamitosos anos de 1877 e 1879; a êsse enorme soluço em sêco, sem uma lágrima que sequer orvalhasse a terra da desgraça!

E tudo isto observaste, escutando espavorido o surdo clamor das ondas humanas, que, refluindo de todos os pontos do sertão, das mais

distantes serras, dos vales ressequidos, dos ipus abertos pelo fogo, rolavam por sôbre os areais adustos, até encontrarem as praias do oceano, que as repeliam para os abarracamentos infestos, aonde a peste, o crime, a maldade, sob todos os aspectos, recebiam êsses náufragos da desgraça, armados da foice inclemente do tempo destruidor.

E em cada filho do sertão que, escaveirado, álgido, passava pela estrada, viste um Jó a cantar a epopéia da maldição do Senhor; essa maldição, que encheu a alma poética do deserto, ressoou no plectro do oriente; essa maldição, que a ciência moderna, mais calma, menos enternecida, explica pela fatal inflexibilidade das leis da natureza!

Se há coisa que mais obumbre o pensamento nos momentos caliginosos da tormenta humana, é sentir-se a individualidade que se agita, que se diferencia do seio da matéria, de repente colhida pela engrenagem da mola universal, que lhe brada em cada átomo que se combina, em cada lei que se desenvolve:

"Ó homem, nada és sem mim! deixa-te absorver no grande todo ou deixa-te esmagar pelo meu pêso!"

Eis o verdadeiro abismo, a insondável fenda do espírito, aonde revemos nossa inanidade e de onde, por vêzes, vemos sair também nossa grandeza.

Voltaste da terra do sol entristecido... E, coisa estranha! a luz, por intensa demais, penetrou-te o espírito de uma pavorosa escuridão. Luz, treva, uma e a mesma coisa! É a constante legenda da sarça ardente. O que dá a vida é o que dá a morte!

Particularmente, ouvimos os sussurros de tua alma soçobrada, quando, de volta, aportaste ao povo que te enviara ao norte como o Stanley da dor. O que na intimidade referiste dessa viagem cruel, dessa exploração ao âmago do *país de sêcas*, fêz-nos verter lágrimas de sangue.

Ó desgraçado Ceará! os raios do teu sol haviam destruído tôda a poesia dos teus tabuleiros floridos, de tuas vargens verdejantes! Que negro espetáculo ofereceste ao poeta que, insôfrego, demandava os teus outrora tão risonhos coqueiros?

A alegria exilara-se completamente da terra. As praias alvas assemelhavam-se ao sudário da morte, e as velas das jangadas pareciam as almas em peregrinação às plagas do desconhecido... O verde, que alegra o coração, se transformara na cinza do cilício: nem flores, nem frutos, nem a vegetação tardia dos cardeiros. A combustão crestara tudo... Só duas coisas conservavam a sua natural pujança; os *verdes mares bravios* que açoitavam as costas do Mucuripe e o orgulho dos homens a quem o flagelo poupara.

E era, entretanto, aquela a pátria de *Iracema*? Ali acaso vivera a musa que fizera chorar nas frondes da carnaúba, pelos trinos das

aves saudosas, a morte da formosa filha de Araquém? Onde os carnaubais espessos, cujos leques o vento farfalhava nas noites de luar, como se passasse entre os cabelos da amorosa consorte de Moreno?

Tudo morrera, tudo secara; tudo se cobrira do pó estéril dos desertos; as lagoas estanques mostravam ao céu o seu seio fendido; as montanhas, calvas de vegetação, ensombravam o horizonte como ossadas de leviatãs incomensuráveis. Nem um riso sequer a furto era dado ao erradio visitante.

Sim: havia um riso, — o riso sarcástico das caveiras, que, na planície, o sol terrível iluminava e dos espectros, que corriam para afogar-se no oceano... Orgia sinistra! à tua idéia tremem as carnes ao mais empedernido.

Em face dêsse descalabro nefando, despiste de flores a tua lira, e, colorindo o estilo nas tintas da inspiração dantesca, escreveste a história dêsse pesadelo. Os *Retirantes* são hoje um capítulo da história cearense. Nós to agradecemos, lamentando apenas que a veemência tacitiana se deixasse nesse momento amolentar pelo pesadume que invadira a tua alma de poeta.

Deveras aí choras aquelas desgraças com o rancor da lira de Jeremias. Mas... não.

Uma legenda de súbito se formou...

Vais ouvi-la.

Conta o povo, nos lazeres das choças sertanejas, que os bardos tupis, — os *nheengaraçaras*, segundo a frase dos mais doutos, — acreditavam na transmigração das almas, com uma singularidade apenas, e era que nem sempre essas almas iam dormir no corpo de um inseto, de uma ave ou de uma fera. Às vêzes o *japi* tomava essa flor, colhida ao corpo que finava-se, e, em lugar de transportá-la, como prescrevia a teogonia indígena, para o *ibaque*, o paraíso além das montanhas azuis, ia colocá-la no cerne de uma árvore colossal, de uma palmeira esguia, de um arbusto rasteiro ou de um cacho eriçado, de acôrdo com as mais visíveis predileções do morto; e aí conservava-a até que passasse um vivo simpático, que, recebendo-a em seu seio, fôsse, no mundo dos vivos, derramar o seu canto de saudade. Quando, ferido pelas desventuras de sua terra, José de Alencar inclinou-se para o sepulcro, os supersticiosos tupis viram, à hora do crepúsculo, desprender o seu vôo das últimas árvores que resistiam à devastação do fogo, nas faldas da Ibiapaba, o *japi* das suas crenças. A ave misteriosa atravessou o oceano, penetrou nas terras do sul e, pousando sôbre o sítio aonde se dera essa catástrofe tão lamentosa como a que se infligira ao solo cearense, arrebatou aos amigos a alma do bardo civilizado. Essa alma pertencia-lhe — fôra de justiça restituí-la à pátria esmorecida.

E com ela ergueu-se, ergueu-se até a altura vertiginosa dos condores.

De lá contemplou o espírito eleito, em síntese, tôda a extensão daquela grande desventura. Quis viver, quis animar de novo um corpo; pensou em ressuscitar os verdores dos tabuleiros com o hálito da perfumada poesia de sua alma. Mas a lei inflexível da morte lhe embargou a aspiração.

A ave ouviu-lhe o lamento; e, à proporção, descia, projetando-se sôbre a espumosa linha dos arrecifes do Mucuripe.

— Se Tupã escuta o seu gemido, disse o espírito do poeta, e não o atende, é que na luta venceu-o o gênio de Anhangá.

Os ventos levaram essa frase através do espaço, e as florestas do sul vergaram abaladas pelo tufão que aos poucos se desencadeava. Os mares cresceram, e a ave, aumentando o vôo, aproximou-se da terra que o sol varria com a sua sanha intensa.

Os supersticiosos, que de longe observavam êsse quadro, viram ainda um fenômeno extraordinário. Uma nuvem se condensara como por encanto sôbre o céu abrasado da pátria de *Iracema,* e uma ilha de verdura súbito rompeu do solo comburido. Acaso o deus indígena ouvira a prece do poeta!

Surgira a ilha da redenção!... A alma do cantor ali deposta fizera, por influição divina, vicejar logo a natureza. Outras nuvens não tardaram em acumular-se no horizonte; frescas auras banham a face do infeliz que resta, e com pouco opera-se o milagre de uma vegetação pujante, como que irrompendo de entre as cinzas de um incêndio.

As cascatas trepidam dos lajedos, deslizam os regatos pelos vales, enchem-se os prados de verdura, e um tapête enorme de flores estende-se de repente, cobrindo as ossadas que traem a cada passo a lembrança da calamidade que se ausenta.

E tudo porque a alma de Alencar aviventara a terra que tão cedo abandonara.

É esta a lenda que o bardo tupi contaria no meio da selva, se ainda hoje êle existisse.

Pois bem. Quando ontem, no *Festival Cearense,* ouvimos em teus lábios comovidos a apologia da resignação do cearense e a grandeza d'alma da mulher, estivemos quase a acreditar que, acaso passando pela ilha da legenda, roubaras a alma do cantor de *Iracema,* que, dolente, gemia na expressão sentida do teu verbo.

Se em sorte nos tivesse cabido o dom da poesia, teríamos respondido a tuas frases, reduplicada de amor.

No país das grandes florestas, as águas verdes do mar entestam com as dos rios, convulsionam-se e derramam-se, por fim, espumosas, subindo até os montes de onde emanam as fontes límpidas: assim também por sôbre o caudal da tua inspiração faríamos despejar-se uma ode ainda mais apaixonada. Mas a fonte é sêca e a imaginação traidora...

Então, evocando as tradições do passado, tentaríamos levantar do fundo da nossa história o vulto dêsse heróico Camarão, cuja memória celebraste, e de todos os heróis de 22 e 24; e por sua bôca consagraríamos o louvor da *Grande Associação* a que pertences.

Foste o órgão da justiça, o irmão do Sul, erguendo a lágrima da mísera filha dos areais, escutando o chôro daqueles que, ainda repelidos, civilizam o Amazonas! Não soltaste a tua palavra em vão. Viveu sempre no Ceará, como um dos mais resistentes produtos de sua flora, a árvore da liberdade. O eco do rito emancipador não podia, pois, deixar de retumbar, angustioso, nos vales de onde saíram aquêles homens arrojados, que, quando muitos dormitavam, abandonavam seus cômodos, suas famílias, para irem libertar duas províncias irmãs e vizinhas do ferrenho jugo dos portuguêses.

# O MULATO

PUBLICAÇÃO DE UMA SÉRIE INTITULADA "SEM ORIENTE", INSERTA EM RODAPÉ NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 5 NOVEMBRO 1881.

O estilo é como uma roupagem que os autores tomam e deixam mais ou menos à vontade. Os estilos variam ao infinito; assim os há elegantes ou mal alinhavados, de sêda ou de lustrim, irrepreensíveis ou maltrapilhos, asseados ou imundos. O estilo de José de Alencar, por exemplo, dir-se-ia uma moça vestida de baile, com o rubor nas faces, e a levantar de leve a *traîne* para não manchá-la no pó das ruas que atravessa; o de A. Herculano, um granadeiro rebarbativo, levando tudo a baioneta; o de Eça de Queirós, um médico encasacado, de gravata branca, que, de mangas arregaçadas, se aproxima de uma mesa anatômica ou de necrotério; o de Castelo Branco, o taverneiro avinhado que revolve com as mãos calosas o interior das barricas de linguado.

Há muitos que se apresentam com a figura ridícula do porta-machado empenachado; outros, de *clown* ou princês; inúmeros com os esgares do garôto ou do *colporteur* das peças públicas.

Esta classificação, porém, em nada importa, referindo-se, como se refere, sòmente à casca, às exterioridades das manifestações literárias, ao que há de acidental e devido mais ao hábito do que à natureza dos órgãos de que dispõe o artista.

A única classificação verdadeira é esta: — estilo áureo e o hidrofóbico.

Digam o que quiserem os biógrafos: a eloqüência, a *verve* não existe senão quando se entra em assunto com verdadeira *alma*.

A miséria! a preocupação! Boas! Nunca foram oriente para ninguém.

Quando é que se diz que um escritor tem estilo? Quando, na frase, sente-se vibrar alguma coisa de fora do comum, como que o aguçado ponteiro de ferro com o qual os Romanos escreviam, pela mão de Tácito, os *Anais;* pela mão de Bruto, no coração de César, a liberdade. Ora, eu só vejo duas situações em que a alma vibre com tanta intensidade: — fortuna e desespêro. Ou Goethe ou Swift: a frase, ou repercute as harmonias serenas das esferas, ou os rugidos cavernosos, áperos das grutas, dos subterrâneos das minas.

Talvez que, ao nosso tempo, o estilo que mais convenha seja o hidrofóbico. A humanidade vive profundamente irritada, quase como um porco bravio acuado no fundo da floresta.

O que querem? Têm sido tantas as promessas revolucionárias e tão repetidos os desenganos!

Levamos cinqüenta anos a chorar, a lamentar-nos, a suspirar pelo sossêgo, a poetizar o paraíso perdido, a acenar para as brumas onde se haviam afundido os deuses.

Não é, pois, para admirar que hoje, diante das minas de carvão de pedra, dos abismos do oceano, do labor insano da vida moderna, o coração do burguês desacostumado esbravejasse, berrasse, saltasse, atacado de cóleras azuis.

---

O sentimento do real tem isto. Os seus primeiros efeitos são o despeito, a raiva, o furor.

Ninguém quer viver desiludido.

Tão colossal é a bestialidade humana!

O estilo, portanto, da nova geração, ou por órgão ou por arte, tende à cabeça de Medusa. Há a cada página ameaças tremendas: períodos como punhos cerrados, frases *saugrenues* como dentes arreganhados, exclamações que penetram como chuçadas atrozes.

Era o caso do crítico dizer: "Calma! um pouco de calma, meus senhores! Parece que já é tempo de irmos abandonando o *tipo da agressão*. Cuidado! Que não vamos representar o papel de D. Quixotes a atacar moinhos de vento!"

---

Não sei se afirme que o autor do *Mulato* esteja nas condições da *cabeça de Medusa*.

Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias da claridade rosicler, alencarina, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estige da nova escola foi apenas à superfície.

Aluísio Azevedo não esqueceu tudo, nem desceu, na imersão, até a vasa. Pelo menos o calcanhar do novo Aquiles ficou vulnerável; e a crítica intransigente não lhe perdoará o crime de não ter aceitado a escola em tôdas as suas escabrosas conseqüências e *zólicos* arrojos.

O novo romancista apresentou-se francamente como é; no período de transição, de lutas, de vacilações. O seu livro, em que se encontra cenas admiráveis, pode-se dizer a crisálida de uma obra realista. Nem lagarta, nem borboleta.

Não seja, porém, isto motivo para doestos: porque o simpático escritor tem uma coisa que é o essencial; tem grande talento, tem imaginação fecunda.

Sente-se-lhe na composição um arrastamento indicativo de fôrça, de fôlego, de pulso, o que dá a entender que êle não ficará na estréia do *Mulato*.

Irá muito além, por necessidade de expansão, pelo imenso prazer que lhe parece causar o movimento de projetar-se para a frente, sempre para a frente, com a frescura de um talento sadio e satisfeito. Eu gosto singularmente destas naturezas assim pujantes, francas e menineiras, sem azedumes, sem fel, sem gumes de navalha. Por isso encho-me de entusiasmo ruidoso tôda vez que encontro, em minhas digressões literárias, com Alexandre Dumas, Danton, Rabelais, Shakespeare. Como que homens desta ordem vendem fôrça e satisfação às canadas; e estou persuadido que o realismo do futuro há de pertencer, com tôda a certeza e com tôda a justiça, aos *joyeux garçons* de todos os países. A alma grande é a mais competente para abranger, em literatura, a complexidade de um povo ou de uma raça. Os excêntricos *fazem época*, mas não constituem a expressão do gênio de uma nação.

Venham os poetas de respiração titânica e palpitações cheias e isocrônicas.

O autor do *Mulato* é irmão de Artur Azevedo.

São já dois espécimes de um temperamento igual, jucundo, desanuviado, cheio de bonomias, de gargalhadas inofensivas. É incontestável que há um traço de família. Seria muito lamentável, mesmo muito, que o novo romancista o procurasse atrofiar; que, atufando-se nas águas do grande oceano chamado a *idéia nova*, – deixasse de ser idêntico a si mesmo.

Pois que ! Descobrir novos mundos, investir contra as brumas do futuro, em busca de cidades mirabolantes pelo progresso, pela inteligência, pelas sublimes elações do coração, não importa a negação da própria autonomia.

Se fôssemos papa em literatura, daríamos a Aluísio Azevedo a nossa bênção e um importante conselho.

Êste conselho reduzir-se-ia ao seguinte: – "Ó poeta, ó romancista, o mundo não se acaba; e, no meio da complexidade de tendências tão variadas para gêneros tão opostos, há de haver, por certo, espaço amplo por onde corra a veia da inspiração *aluisiana*."

---

O livro começa em flagrante delito de preocupação *zolaica* e com uns ressaibos de quem acaba de fechar o *Primo Basílio* de Eça de Queirós. Ora, é esta superfetação que não me agrada.

Veja o romancista se é possível dar-nos um realismo inteiramente nacional.

Raimundo, o mulato, Freitas, o cacête, o cônego Diogo, o pascácio de maus bofes, Ana Maria, a histérica, são figuras que têm vida própria, que foram observadas escrupulosamente no círculo aonde o autor cresceu e desenvolveu-se, e que, com feição romântica ou realista, trazem, incontestàvelmente, aquilo que Maudsley denomina vestígios da cerebração artística.

Aluísio ouviu-os falar, como afirmava Dickens com relação aos seus inimitáveis personagens.

E disse...

Agora, o que resta é ao estreante gritar à maneira dos hoteleiros:
– Olha um novo romance que saia!

O público, quando gosta, é insaciável.

# SEM ORIENTE

PUBLICAÇÃO DE UMA SÉRIE INTITULADA "SEM ORIENTE", INSERTA NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 26 NOVEMBRO 1881. CONTRÁRIAMENTE AOS DEMAIS, ÊSTE NÃO APARECEU EM RODAPÉ, MAS NO ALTO DA PÁGINA, O QUE JUSTIFICA O INTRÓITO.

Suspensos a estas alturas por ordem superior. Nestes píncaros, onde inclina-se solene, de gravata branca e claque, o artigo de fundo, ao menos respira-se um ar mais livre. Se tem o inconveniente das eminências, por outro lado livra-nos dos olhares curiosos com que as moças cavilosas assediam os *rodapés*, que são umas espécies de vitrinas da Rua do Ouvidor, sujeitas às chufas não só dos elegantes como do *badaud* morto de fome e sequioso de café.

Ai de mim se ainda hoje habitasse o rés-do-chão. Decididamente, não teria coragem, diante das gentis leitoras, para exercer o *sagrado ministério* da crítica, chamando a contas o autor do *Curso de Literatura Brasileira.* O chapéu pontiagudo e a aparlanda de alquímista sòmente serviria para espantar o lindo bando de borboletas.

Ó *nova legião,* aparecei !

---

A obra do Dr. Melo Morais apresenta-se, em segunda edição, incontestàvelmente melhorada e, sob aspecto, como coleção de excertos que se pode dizer nova. Guardadas certas reservas, a escolha não foi infeliz: é extensa, alentada e envolve seções desconhecidas por coletores da mesma espécie.

Mas não trato de mostrar as vantagens do livro: prefiro, antes, tornar saliente o que o livro podia ser além do que é.

O primeiro defeito do *Curso* é não ter guardado, em cada uma das seções, a ordem cronológica. Não cuido de saber de que maneira Noël e Delaplace e autores de crestomatias ou seletas fizeram a distribuição dos trechos respetivos. A questão é de ocasião e do interêsse que possa suscitar o novo livro.

Uma obra desta ordem, entendo eu que deve, para satisfazer os espíritos correntes, transformar-se numa espécie de museu aonde, por uma rápida inspeção dos espécimes metòdicamente classificados, numerados e arranjados, se possa fazer logo um juízo aproximado enquanto à quantidade e qualidade, lento ou rápido progresso da arte, da poesia.

Neste ponto o Dr. Melo Morais foi muitíssimo descuidado. Se, por exemplo, tomarmos a seção — Líricas — e a percorrermos de um a outro extremo, veremos desfilar desordenadamente os nomes de Castro Alves, Otaviano, Bethencourt Sampaio, T. de Melo, F. Cas-

tro, N. Palhares, L. Delfino, Casimiro de Abreu, M. de Assis, F. Dória, Hugo Leal, A. de Azevedo, C. Ferreira, S. Romero, Mendonça, Lessa, José Bonifácio, Cláudio M. Costa, Gregório de Matos, Rosendo Muniz, Almeida Freitas e Franco de Sá.

Incontestàvelmente, *agasse les nerfs* saltar do tradutor de *Evangelina* para o de *Lucrezia*, do autor dos *Favos e Travos* para o jogralesco Matos Guerra.

*Natura non facit saltus.*

O lirismo tem nuanças; e estas deviam ter sido respeitadas. Há líricos aí que *hurlent de se trouver ensemble.*

O Dr. Melo Morais não pretendeu, seguramente, dar-nos uma jaula de tigres e leões a se dilacerarem.

O segundo defeito foi não só excluir poetas antigos, por exemplo, Manuel Botelho de Oliveira, Alvarenga, Sousa Caldas, S. Carlos, Natividade Saldanha, como também esquecer-se de acentuar as tendências da geração nova. Êste último defeito, embora remido em parte pelas indicações de certos nomes no prólogo, explica-se pela escola a que o coletor capricha em agarrar-se.

O Dr. Melo Morais conserva-se idealista, sem transigir, e muita vez pretende confundir inovação com extravagância. Êste êrro de óptica ocasiona uma lamentável estação no antigo círculo de afeições que o prendem, apesar da violência que a todo o momento lhe estão a fazer os elementos novos sorrateiramente introduzidos na sua economia.

E tanto é um êrro de óptica que, no seu prólogo, vê-se umas certas linhas a puxarem-no até confundi-lo, na substância do pensamento, com quem mais se possa considerar inovador. Talvez o médico tenha muita culpa desta traição ao literato.

É o mesmo doutor quem estabelece que, "de envolta com a herança plástica, a herança psicológica se transmite..." que, "quer pelo lado psíquico, quer pelo físico, o homem jamais se esquivou à lei da herança, como acontece a alguns animais que, segundo condições dadas, chegam a perder o instinto", que, enfim, a arte está tôda no estudo objetivo da natureza.

Entretanto, vem com a lembrança de que "as modernas teorias, com sua costumada intolerância para com as criações do ideal, debalde pretenderão gastar as cordas sempre novas do sentimento". Não posso, pois, conciliar o Dr. Melo Morais consigo mesmo.

Ser novo não é precisamente copiar servilmente Balzac, Flaubert, Baudelaire, Zola, Guerra Junqueiro. Ser novo é ser *idêntico a si mesmo* sob o influxo de uma concepção nova e de novos processos.

Se neste tanto estamos todos de acôrdo, não há a mínima razão para que, aceitando-se a lei do ritmo, que, no momento atual, faz

pender o movimento estético para o mundo de observação, se faça restrições que, por fim, envolvem uma pura questão de palavras e de receios intempestivos.

Só vejo um meio de conciliá-lo consigo mesmo. É dizer-lhe: corte o laço que o prende a essa placenta que não lhe pode dar mais vida.

Há uma grande novidade no livro: as poesias de José de Anchieta, a idéia que aventa o coletor de que o apóstolo dos brasis foi o iniciador da literatura nacional é fecunda de sugestões, que desejaria neste momento desenvolver. Mas o espaço não permite e deixarei a curiosidade para quando publicar um ensaio sôbre a história literária do Brasil, cujos materiais reúno presentemente. Em todo caso, não resisto ao prazer que me causa êsse inesperado encontro, onde se apresenta o padre canarim sob um aspecto inteiramente novo.

Não há quem não o conheça, pelo que escreveu Alencar, Varela e outros, sob o influxo dos biógrafos e cronistas, como a *meiguice de burel*, — o Cristo em tôda a plenitude de sua natureza ativa e ao mesmo tempo romântica e consoladora. Neste ponto são de todo valiosas as considerações que o Dr. Sílvio Romero acaba de fazer nas páginas da *Revista Brasileira*, considerando-o "tipo ameno do missionário", "homem de paixão, alma ardente e lírica. . . que acha prazer em seguir uma regra, uma norma, como quem tira a prova de um cálculo aritmético".

O que nem todos, porém, terão descoberto é que Anchieta, sem perder em coisa alguma o seu gênio piedoso, manifestou-se muitas vêzes por expansões de uma jogralesca petulância, de uma bonomia patusca para com os seus caboclos, *com os quais se dava melhor que com os portuguêses* (palavras suas), que chega a fazer supor nesse notabilíssimo artista a mais acentuada *verve terenciana*.

Como muitos outros tipos de sua época, foi êle sibarita antes mesmo de ser apóstolo. Um mártir não é jocoso.

Isto demonstra-o, ao meu ver, suficientemente a última poesia das publicadas e outras que o coletor conserva inéditas e teve a bondade de mostrar-me, nomeadamente *O Pelote Domingueiro*, e confirmam-no certos tópicos da crônica de Baltasar Teles e a *Narrativa Epistolar* de F. Cardim, aonde, sob o nome de Padre José, o apóstolo transparece em um papel folgazão e muitíssimo cheio de alacridades. Em tempo o mostrarei.

JOSÉ DE ALENCAR

LIVRO DE XII-204 PÁGINAS, DEDICADO PELO AUTOR "AO CORONEL JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA SOMBRA, COMPANHEIRO DE INFÂNCIA DE JOSÉ DE ALENCAR, AQUÊLE QUE INCITOU-O A ESCREVER O PRIMEIRO ENSAIO DE ROMANCE". NA CAPA, LÊ-SE: "T.A. ARARIPE JÚNIOR — LITERATURA BRASILEIRA — JOSÉ DE ALENCAR — *FIT FABER FABENDO* — 2.ª EDIÇÃO — FAUCHON & CIA. LIVREIROS EDITÔRES — 125 RUA DO OUVIDOR 125 — RIO DE JANEIRO — 1894." PARA EFEITO DE ORDENAÇÃO CRONOLÓGICA, TOMOU-SE A DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO, QUE, COMO DIZ O AUTOR NO PREFÁCIO, É DE 1882.

(Texto da 2.ª edição)

# PREFÁCIO

O primeiro capítulo dêste estudo foi publicado no *Vulgarizador* de 10 de janeiro de 1879. Tendo desaparecido êsse periódico, recomecei a publicação do perfil na *Revista Brasileira*, e editei-o, finalmente, em livro, no ano de 1882.

Os artigos que nessa época apareceram, ocupando-se do livro, na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Notícias*, no *Cruzeiro*, na *Gazetinha*, no *Colombo*, no *L'Etoile du Sud*, na *Voce del Popolo*, no *Ihering*, e devidos às penas de Joaquim Serra, Capistrano de Abreu, Félix Ferreira, Charles Morel, Urbano Duarte, Lúcio de Mendonça e outros reputados escritores, os quais espontâneamente correram a amparar o meu despretensioso trabalho, convenceram-me de que eu não fôra infeliz na escolha do assunto, nem na direção dada aos meus esforços. As expressões lisonjeiras, principalmente do último, alimentaram-me o desejo de prosseguir com mais vigor no caminho da crítica, fazendo-me abandonar as veleidades do romancista dos meus primeiros anos literários.

Dessa benévola recepção discrepou apenas o Dr. Viveiros de Castro, que, no *País*, do Maranhão, quebrando as suas primeiras lanças, dedicou ao meu livro cinco longos artigos, nos quais pôs em contribuição as idéias aí expostas. São palavras suas:

> Ia satisfazer o desejo de conhecer a vida privada de José de Alencar... Infelizmente, para a minha curiosidade, o autor declarou terminantemente que não ia escrever uma biografia, mas um perfil simplesmente literário, uma análise das obras e opiniões do escritor, deixando em santa paz a vida doméstica, o lar do homem particular

E em seguida lamentava que, à maneira dos críticos da atualidade, eu não desse conta das conversas que tivera com o autor do *Guarani*, e não esmerilhasse os minúsculos de sua vida. Não é exato precisamente que esta falta existisse na obra. Eu não podia inventar; e da vida particular do notável romancista brasileiro tirei tudo quanto devia interessar à crítica. José de Alencar não fôra boêmio, nem, como Balzac, Gautier ou Alphonse Karr, se distinguira por esquisitices dignas de estudo sob o ponto de vista psicológico. Sem grande interêsse

pela sua monótona simplicidade, essa vida, em que, por certo, não se encontravam o barrete turco e o chambre de sêda do autor da *Comédia Humana*, pouco se diferençaria da de um burocrata comum. Todavia, em meu estudo estão disseminados os fragmentos biográficos indispensáveis para a compreensão do caráter do nosso primeiro romancista.

O que o Dr. Viveiros de Castro não quis enxergar foi aquilo justamente que mais trabalho me havia custado, — a história da evolução do espírito artístico de José de Alencar e, paralelamente, a morfologia, a filiação e a transformação dos caracteres dos personagens dos seus romances. Nisto residia essencialmente a alma do livro; e relendo-o hoje, depois de doze anos, não o renego, apesar das grandes modificações operadas em meu espírito posteriormente, por novos estudos e pela meditação das obras de arte atuais. Não o renego, não só por êsse motivo, mas também porque vejo que, sendo o perfil o primeiro trabalho sôbre um autor nacional, que se escreveu no Brasil, aplicando os métodos de H. Taine, antecipava alguns processos depois postos em prática pelo malogrado E. Hennequin, discípulo do grande crítico francês e, ao mesmo tempo, modificador, no que êle chamava estopsicologia, dos excessos doutrinais do autor da *História da Literatura Inglêsa*.

Aceitando a idéia dos Srs. Fauchon & Cia., de publicar em nova edição o meu trabalho, agora que se trata de erigir em bronze um monumento ao criador do romance nacional, pensei em refundir o livro, pondo-o, em tudo, de acôrdo com o estado presente das minhas idéias; desisti, porém, dêsse propósito, considerando que seria tirar-lhe o caráter de documento de uma época, com prejuízo, talvez, da harmonia da obra; e assim, limitei-me a corrigir um ou outro defeito de linguagem.

Aí têm, portanto, o perfil, tal qual foi escrito em 1879, e possam os mesmos ventos galernos reconduzi-lo ao pôrto da simpatia pública.

Capital Federal, 19 de novembro de 1894.

## ADVERTÊNCIA DA 1.ª EDIÇÃO

Não me propus escrever a vida de José de Alencar. Da biografia tirei quanto foi bastante para explicar a feição e as modificações por que passou o literato, e por esta razão dei a êste estudo o título de *perfil literário*.

A reconstituição de minhas idéias data de 1873. Foi neste ano que li pela primeira vez as obras de Spencer, a *História da Civilização da Inglaterra*, de Buckle, e os trabalhos críticos de Taine. Residia eu então na província do Ceará, quando aí formou-se um círculo de moços estudiosos, do qual constituiu-se centro o falecido Raimundo da Rocha Lima, discípulo fervoroso de Comte. Neste círculo passaram-se em revista, quanto permitiam as fôrças de cada um, tôdas as idéias do século. Como era de esperar, não tardou que as conversações se fizessem jornal, e o jornal, tribuna. A questão religiosa ia em seu auge. Organizaram-se conferências contra o clero, e êsse movimento chegou a operar tão grande abalo na opinião católica, que um ilustrado desembargador não receou dar a Fortaleza o nome de Tubinga brasileira. Ao lado de Capistrano de Abreu, de Tomás Pompeu e de outros fortes do círculo, entrei nesses ensaios.

Sem estudos científicos, tão pouco acessíveis ainda hoje aos bacharéis em direito, depois disto, lenta foi, para mim, a ascensão na montanha filosófica. Eu não podia ser indiferente ao ingresso, no país, de novas idéias; mas era obrigado, por higiene, a sujeitar-me a um processo de assimilação cauteloso. Se lenta foi, pois, a transformação mental, mais lenta ainda devia ser a mutação dos bastidores literários, das engrenagens empregadas na composição, dos hábitos, enfim, adquiridos na primeira lição.

Ninguém mais do que eu desejaria tratar da arte em José de Alencar com todo o rigor dos subsídios que a ciência ora oferece a quem procura estudá-la; mas, para isto, seria necessário esperar a ação do tempo. Nestas circunstâncias, forçoso é que a obra corra com o vício de origem, desculpando-se o que nela houver de apologético. Não quis charlatanear. Uma nova doutrina não se ajusta com a mesma facilidade com que se enverga uma casaca na alfaiataria Raunier.

# JOSÉ DE ALENCAR

## *PERFIL LITERÁRIO*

Vi José de Alencar, pela primeira vez, em 1860.

Estava com os meus onze anos apenas; – nessa idade em que tôdas as impressões são fortes, violentas; – nessa idade em que despontam para o homem os primeiros raios da poesia. Passava êle por Pernambuco, em demanda da província natal, aonde ia buscar as inspirações potentes, que o artista deveria depois transformar na jóia conhecida no mundo literário sob o nome de *Iracema*. É incalculável o abalo que me causou então êsse olhar distraído e ao mesmo tempo brilhante, êsse olhar excepcional que todos nós lhe admirávamos e que denunciava o vidente em constantes comunicações com os intermúndios do pensamento.

Considero essa data como um acontecimento em minha vida.

Na minha ingenuidade de criança, julguei-o mais do que um homem; e porque o *Guarani*, primeiro romance que li, já grandes sulcos traçara em meu tenro espírito, pensei que o autor de coisas tão bonitas mal poderia roçar a terra com os pés. Esta circunstância influiu de um modo decisivo sôbre a minha vida futura.

Nos meus devaneios pueris nunca entraram, nem as ambições gloriosas da palavra, nem os delírios da política, nem as pujanças do dinheiro, nem os arrastamentos das belas-artes; parecia-me, porém, que não haveria grandeza superior à de um fazedor de livros, e principalmente de livros como o *Guarani*. *Si parva licet*. . . não sei se em boa hora me veio êste *anch'io son' pittore*. Ignorava as torturas do ideal, e estava ainda bem longe de pensar nos castigos que a natureza inflige ao audaz que tenta levantar o véu dos seus mistérios. Seja, porém, como fôr, dêste ponto data o meu desvairamento literário. Pudesse tão peregrino engenho ouvir-me da tumba, aonde o deitou para sempre a combustão de um cérebro ardentíssimo, e eu o culparia, desassombrado, por tamanho crime. O que é certo é que, depois de 1860, foi-me o vulto daquele homem obsessão constante nas aulas, nos passeios, no repouso. E ainda agora me recordo do prazer profundo, quase atingindo a idolatria, com que indagava as menores particularidades de sua vida escolástica, pondo-me a par,

não só do seu modo de pensar, como do método empregado na composição de suas obras. Essa cultura teraz da imagem de um artista, pelo decorrer da vida de acadêmico, assumiu proporções incalculáveis.

José de Alencar viveu na minha alma, durante essa época, com um vigor indizível; povoava-a inteiramente. A sua imagem absorvia-me, os seus livros roubavam-me as horas mais preciosas; e, pensamento que não viesse vazado pelos moldes que lhe eram peculiares, repelia-o meu espírito como ao amargo a bôca. Era que o seu estilo fluente e suavíssimo embriagava-me como sutil veneno; minha alma estava de todo saturada.

O ardente desejo de torná-lo a ver foi, enfim, satisfeito em 1870. Tinha então o autor de *Luciola* abandonado o gabinete 16 de Julho. Fui encontrá-lo no ameno sítio da Tijuca, onde desafogava-se das lutas tão malfadadas, empreendidas por sua titânica inteligência contra mil obstáculos opostos à sua carreira. Para seu espírito de artista, êste período constituíra uma noite tenebrosa, sulcada por enormes relâmpagos de gênio. De alguma maneira, essa noite o extenuara; e foi, talvez, germe de dissabores, para os quais não criara a natureza a alma de quem tão feminilmente traçara os tipos de Ceci, de Carolina, de Diva e outros; dissabores que, como mais tarde mostrarei, agravaram os seus incômodos de saúde, tendo, antes disto, imprimido em seu caráter de romancista direção desconhecida.

Com razão a poesia reconquistava-o; e a sua vingança exibiu-se solene, porquanto, no remanso dêste ócio, foi que êle compôs os livros de *Sênio*.

Escrevia êle os *Sonhos d'Ouro* quando aí cheguei, romance que ia lendo à família, capítulo por capítulo, à proporção que os compunha. Jovial, como quem acabava de um pesadelo, sua alma mostrava-se desanuviada de todos os pesadumes que por vêzes a enegreciam. Pude então ver quão amorável era aquela criatura, e de que recursos para cativar os outros dispunha o seu coração de poeta.

A Tijuca é, incontestàvelmente, um sítio próprio para ninho de poetas, e dir-se-ia que, graças à amenidade daqueles píncaros, José de Alencar, quando para ali refugiava-se, esquecia-se do mundo. Verdadeiro genuflexório, como êle mesmo a chamou, pôsto entre a terra e o céu, a Tijuca tinha o mágico poder da transformá-lo, isto é, de obrigá-lo ao seu papel. Seu espírito gentil perdia-se na vastidão da nossa pujante natureza, mergulhava-se nos abismos, nos limbos do pensamento, e, uma vez retemperado, quando voltava, era para trazer-nos, como o mergulhador de Schiller, alguma gema inestimável.

Não descreverei as impressões que experimentei nesse dia famoso. Descendo a coisas mínimas, apesar da intimidade, direi, mes-

mo, da ingenuidade, em que se envolvia aquela alma em ocasiões semelhantes, o ídolo não baixou do altar em que o colocara a imaginação do adolescente. O prestígio aumentava mais e mais, e, a cada particularidade em que seu espírito fértil se projetava, novos e desconhecidos alentos tomava minha alma. Na volubilidade de uma conversação animada, fêz-me percorrer todos os repositórios de seu saber, todos os recessos de uma imaginação tropical. José de Alencar tinha dêsses dias de expansões, e quem quer que o encontrasse nessas felizes disposições, podia ver bem de perto a matriz, o veeiro de onde jorravam tão preciosos metais.

Ainda estou bem lembrado de uma frase que ouvi-o pronunciar indolentemente, quando passeava pelas alamêdas do pitoresco sítio da Tijuca, assuntando a propósito do mais insignificante objeto que caía sob suas vistas.

— Coisa singular! Ninguém havia de supor, dizia êle, que as imagens mais freqüentemente empregadas em seus livros brotavam-lhe da pena quando menos esperava, sem que pudesse determinar em que situação a natureza fornecera-lhe os precisos elementos.

Sem o pensar, o autor de *Lucíola* confirmava, confessava a lei ditada por um eminente crítico moderno, isto é, que a maior parte do gênio consiste em atos inconscientes. Das vulgaridades douradas por sua imaginação passou de súbito para a revelação dos trabalhos de Hércules. Com o mais vivo interêsse, ouvi, depois, a invocação dos *Filhos de Tupã*, a descrição da luta entre dois guerreiros selvagens, e uma barcarola mimosa, trecho sublime de um poemeto sôbre Niterói, que ainda está por publicar.

É inútil referir que surprêsa experimentei vendo-o no meio de seus manuscritos, e quase que, por assim dizer, no momento mais solene da vida do artista, — o ato da gestação.

Entrando em seu gabinete de trabalho, não me escapou a observação de quanto êle era avêsso à *pose*. Em tôrno de si, nem um só dêsses objetos grotescos de que, ordinàriamente, se costumam cercar os fantasiosos.

No seu ninho da Tijuca, tudo respirava simplicidade e candura. Êle e a natureza.

# I

## GÊNESE ARTÍSTICA

### 1829-52

Não será fora de propósito lembrar que o autor do *Guarani* viu a luz do dia em um clima tórrido, onde a terra e, concomitantemente, os seus habitantes passam por abalos periódicos, ocasionados pelo terrível fenômeno das sêcas. [1] Até que ponto estas influências puderam ter concorrido para a formação de seu caráter, bem difícil seria determinar, principalmente tendo êle abandonado os pátrios lares em tenra idade. O que é certo, porém, é que, transportado para esta Capital aos dez anos, trouxe, pelo menos, o sangue de sua raça, já trabalhada pelos fogos do sertão do Cariri, e as emoções infantis recebidas em uma penosa viagem através dos vales que unem o Ceará à província da Bahia. [2]

Infância é cêra; e, se esta se consolida sem alteração profunda, as impressões então recebidas tornam-se indeléveis.

Que, apesar das glórias conquistadas no Rio de Janeiro, da sua adaptação a êste centro, aonde tinha os seus clientes, havia nêle um constante e sincero voejar para os carnaubais de sua terra nativa, prova-o a *Iracema*, talvez a sua obra mais espontânea, em que reina uma comoção tamanha, que só o amor do objeto presente, ou a reminiscência fortemente impregnada de saudade, poderia bem explicar.

Creio que tudo seja explicável em um trabalho de arte; e, quanto a José de Alencar, afirmo que a boa conformação de seu talento não teria tomado a direção que tomou sem a índole que recebeu com o sangue. Era êle neto de uma senhora de espírito varonil, que figurou nos calamitosos tempos em que as liberdades pátrias estiveram em perigo. Esta senhora foi a expressão mais completa do temperamento da família a que pertencia. Sanguínea e nervosa, tinha assomos irresistíveis, cogitações e deslumbramentos além do seu sexo e da educação

---

[1] José de Alencar nasceu a 1.º de maio de 1829.

[2] Vide nota final ao *Sertanejo*.

sertaneja que recebera. Nessa época, havia uma coisa que cessou com o decorrer dos tempos, — o ódio ao partido português, que representavava o elemento da opressão: e ela, graças ao seu gênio imperioso, quando surgiu a reação, foi alvo das mais sérias acusações. Conspirara contra o rei, diziam; mas a verdade era que esta senhora só fizera imitar o exemplo de Cornélia, fortalecendo o espírito de seus filhos com a presença de um ânimo inquebrantável e ensinando-lhes a não suportar ultrajes. Chamava-se Bárbara de Alencar. Foi muito respeitada por quantos a conheceram, e o autor dos *Mártires Pernambucanos* faz-lhe a justiça merecida.

De quatro filhos que teve esta cearense, dois não desmentiram as suas tendências e energias patrióticas. Um dêles, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, foi logo devorado pela voragem que os arrojos indomáveis de sua índole abriram-lhe na malograda Confederação do Equador. José Martiniano de Alencar, porém, que herdara em maior escala a prudência e a sagacidade, recebendo com mais calma o embate da contra-revolução, evitou a catástrofe, e por felicidade nossa, porquanto, sem isto, teríamos sido privados de um dos cérebros mais artìsticamente organizados que já existiram em nossa terra. Essa prudência, entretanto, parece ter-se atrofiado no primeiro rebentão. De um prólogo de José de Alencar, verifica-se, por uma expresssiva confissão, que êle herdara de sua mãe todos os fogos da imaginação potente que possuía; tendências até certo ponto mórbidas, que neutralizaram em muito o gênio sobranceiro, a violência calculada, uma certa tirania de faculdades, que, incontestàvelmente, o deputado da constituinte exercia sôbre si. A combinação de todos êstes elementos juntos, regidos, de uma determinada época em diante, por bílis derramada em profusão, aos anseios febris de sua mente, e, o que é mais admirável, por cruéis e desconhecidos desenganos; a transformação das energias e violentos impulsos herdados através da enervação extrema de sua mãe, deu em resultado o mais caprichoso dos artistas americanos, o qual teria sido um Teófilo Gautier ou um Alphonse Karr em qualquer outro país que não fôsse a terra dos Brasis.

---

Segundo ouvi a pessoa que muito de perto o acompanhou nos seus primeiros folgares, correu sua infância desanuviada de certos preconceitos próprios da idade. José de Alencar, logo ao alvorecer da vida, mostrou-se uma natureza soberana. Absorvia tudo quanto se lhe aproximava, e, cheio de vivacidade, soube muito cedo captar, por sua índole artística, a admiração dos pequenitos que o seguiam nas aprazíveis conquistas dos campos e tabuleiros do Alagadiço Novo. Como criança, o que está averiguado é que a sua nota predominante

foi a de nunca se deixar exceder pelos outros. Veremos, depois de desenvolvidos pelo decorrer dos anos, os dissabores que êstes germes por um e outro lado lhe produziram.

Muito há que dizer sôbre as origens de um poeta, como sôbre as origens de um povo. Tudo quanto se vê na idade madura está ali em difusão. O estudo, porém, dessa nebulosa de onde sai o gênio, é um trabalho árduo e por demais científico para que o empreenda agora, máxime escrevendo capítulos ligeiros, sem pretensão a uma análise rigorosa.

Será bastante acentuar as côres que mais se exageraram no alvorecer dessa vida, que, para nós, brasileiros, tão cheia foi de ilusões autonômicas; e, quanto ao mais, não passe êste estudo de uma simples concatenação de fatos que dêem uma rápida idéia da formação daquele seleto espírito.

---

Recordo-me de ter ouvido um dia a José de Alencar que estreara no mundo literário pela charada. Era êle bem pequenino; mas, já dotado de um desenvolvimento literário superior à sua idade, conseguira atrair, pela lucidez de suas proposições, a atenção das pessoas mais velhas que se reuniam na chácara de S. Cristóvão, aonde habitavam seus pais. Uma das pessoas que mais haviam concorrido para a impulsão artística do seu espírito fôra um seu parente, o Rev. Carlos Peixoto de Alencar, deputado à Assembléia Geral, o qual, vindo freqüentes vêzes a esta Capital, apaixonado pela vivacidade do menino, tornara-se um eterno incitamento aos seus naturais talentos. Foi êste quem revelou-lhe a chave das charadas, e que, constantemente, exigindo-lhe composições dêste gênero, e aplaudindo-o sempre, conseguiu obter dos esforços da criança uma perfeição talvez precoce. Era, com efeito, uma natureza como tenho conhecido poucas, a do Rev. Carlos. Adorador de crianças, alma cândida, incapaz de guardar um pensamento sombrio, orador fogoso e eloqüente, brincalhão ao extremo, sofrendo de frouxos de riso quando lhe contavam qualquer anedota, sem deixar de ser, por isso, um talento cheio de agudezas, ninguém estava mais no caso de afagar, de aninhar, de aquecer entre os frouxéis de uma bonomia jucunda a implume àguiazinha que tentava voar.

Quantas naturezas originais não se têm atrofiado no limiar da vida, quantos cérebros não se têm perdido fora de sazão por encontrarem logo o gesto sinistro de um preceptor, a férula carunchosa de um *magister* e o riso sardônico de um pai implacável ! ?

A infância é como o botão que se desata: quer orvalho e um sol tépido. Vibre o céu um raio candente ou envolvam-na os gelos

da Sibéria, e a planta está morta. As complacências, os risos apostólicos daquele bom sacerdote foram, pois, o orvalho que vicejou a flor, de onde teriam de sair os perfumes da *Iracema*, da *Viuvinha*, do *Guarani;* e patentearam-lhe a queda para as agudezas que, de futuro, deveria ser uma das notas mais acentuadas do literato ilustre. Dizia a família que o Rev. Carlos o que fazia era deitar a criança a perder; mas o que é certo é que o embalar dessas veleidades juvenis foi o caminho aberto ao maravilhoso do romance, que tão cedo teria de encontrar guarida naquela alma poética.

Não foram desmentidas, na vida de colégio, as esperanças que as agudezas do menino fizeram conceber a família. Sedento de glórias, ao passo que se tornava indiferente às cifras e à ginástica da memória, desenvolvia-se de um modo singular nos temas e composições. O esmêro da forma valeu-lhe logo incontestados triunfos. É que as seduções do ideal já o chamavam à pátria dos artistas.

Estas e outras circunstâncias, que não são pequenas na vida de um homem como José de Alencar, foram de grande pêso na direção de seus estudos. Cedo levaram-no à consciência do próprio valor e encheram-no de um tal ou qual orgulho, que obrigou-o a afastar-se do que é vulgar e a concentrar-se em si para criar novos alentos. Isto lhe serviu de muito, a premuniu-o seguramente de uma certa gafeira que persegue a mocidade talentosa e a desvia do seu verdadeiro objetivo, mergulhando-a no gôzo imediato de gloríolas e transações louvaminheiras, que são a morte de tôda a inspiração. Desta sorte, longe de atirar-se, sôfrego, ao torvelinho da imprensa, a escrever sem tino, em busca de um nome precoce, viam-no prudentemente preparar-se para uma estréia, como quem estava certo do papel que teria de representar na literatura do seu país e não receava competência capaz de antecipar-lhe o brilho. É raro um fato desta ordem; é raro em um jovem, que sente-se com fôrças para escrever coisas que elevem, encontrar-se uma paciência semelhante. Pois José de Alencar a teve, e não se pode atribuir à modéstia, senão a um zêlo sem limites pela futura reputação a que um legítimo orgulho o induzira. Não quis se apresentar na arena vacilante; preparou-se com um plano antecipado, e só apareceu armado como a Minerva dos fastos mitológicos.

Todos sabem que a sua estréia, nesta capital, foi uma surprêsa para muita gente.

A passagem de José de Alencar pelos bancos acadêmicos foi quase obscura. Pouco se ocupou com as Pandectas; nenhum ruído fêz entre os colegas, e só os íntimos conheciam a vastidão da inteligência que se aninhava em corpo tão frágil. O autor do *Guarani*

nunca procurou, nesses tempos, sobressair. Tinha levado para S. Paulo a imaginação e a sensibilidade profundamente abaladas pelos romances que sua mãe o fazia ler para distrair-se; e, enquanto os companheiros se ocupavam nessas intermináveis polêmicas, nessas justas interessantes, que têm constituído o galardão da academia paulistana, êle, Xisto V de nova espécie, escondia-se para ruminar os seus planos de glória futura. Lia sem descanso novelas, e promìscuamente passava em revista os monumentos da literatura romântica. De ordinário, não é isto o que acontece a quem começa a encontrar encanto nas leituras de livros imaginosos; há, em tais diversões, mais volúpia, que arrasta a uma falta de sobriedade na escolha dos livros, do que um aprazimento cauteloso.

O leitor gera o entusiasta, e o entusiasta, o escritor. Nêle, porém, a imaginação cedo se impôs com tanta vida e fôrça, que as leituras puderam, em tempo, ser subordinadas a uma individualidade. Tudo, portanto, quanto, neste período, José de Alencar fazia passar por diante dos olhos era com um intuito já formado, como quem procurava alguma coisa que lhe faltava, um órgão para a manifestação das idéias luminosas que lhe tumultuavam na alma. Não eram inspirações, que estas se apresentavam espontâneas; o que mais o aguilhoava era a forma que lhes havia de dar, as roupagens com que havia de adorná-las. O seu trabalho foi, incontestàvelmente, árduo e revelador de uma decidida vocação artística. A prova mais evidente dêste asserto são as suas contínuas visitas aos alfarrábios da biblioteca de S. Paulo, onde horas e horas perdia êle, não se nutrindo com alguma curiosidade ou história do passado que lhe recreasse o espírito, mas copiando trechos de João de Barros e Damião de Góis, decompondo os períodos monumentais dêstes escritores, diluindo frases, compondo de novo, buscando, com paciência beneditina, descobrir o segrêdo da originaliade dos seus dizeres tão pitorescos. Os assuntos pouco interessavam à sua musa fértil; a linguagem era tudo. Como Pope, tal qual nos foi revelado por Taine, José de Alencar procurava um estilo. E achou-o. Adiante veremos como êsse estilo foi a alma de suas obras.

De posse do segrêdo dos deuses, José de Alencar tratou de ferir o objetivo para o qual o arrastava a vocação. Afigura-se-me o artista no momento sagrado da gestação, como o Jeová das Escrituras, cheio de verbo criador, onde, em embrião, existe tudo o que há por fazer, e no qual confia, porque é a própria substância que estremece. Um mundo inteiro em lineamentos agita-se na sombra. O que será êle ? Não sabe, mas sente. Do caos há de sair, e o seu espírito o fecundará. O *fiat* o tornará visível, resplendente; o *vidit esse bonum* estreitará a criatura ao criador.

Penetrar na gênese do espírito aonde tudo isto se passou, é um impossível. Seria necessário abranger tôda a complexidade do ser humano.

É mister um ponto de partida, e, quanto a José de Alencar, basta o que já assinalei.

A energia, quando determina-se e se conhece, deixa atrás de si um abismo, para o qual raro olha sem vertigem. Entretanto, é por aí precisamente que ela se une ao grande todo. Ouse, quem achar-se com coragem, explicar a vocação. Por minha parte, a deixo nos limbos, e só no momento em que se traduzir em fato a apanharei para acompanhá-la, como à planta, desde o comêço da sua evolução vegetativa na semente.

José de Alencar não foi um poeta inconsciente, e esta única proposição será suficiente para explicar tôda sua vida literária. Obedeceu precocemente a uma vocação, sentiu-se forte, dirigiu suas faculdades e tornou-se um artista consumado. À obra antecedeu um pensamento. A natureza exterior não veio a êle, não o coagiu. Foi êle que correu ao seu encontro, abriu-lhe os sacrários e tomou-lhe as côres com que havia de dar forma ao vago das suas inspirações.

Como vimos, os meios de manifestação já estavam determinados. Uma tendência particular de seu organismo o levara ao estilo, e esta tendência, quando não pudesse ser demonstrada por fatos íntimos, ainda assim teria um documento irrecusável. Apesar de seu retraimento calculado, José de Alencar, durante os tempos de acadêmico, chegou a publicar alguns artigos em um jornal intitulado *Ensaios*, precisamente no primeiro ano do curso, em que, de ordinário, o estudante eleva-se sôbre as asas de uma desmesuarada confiança em si. O autor do *Guarani* não deixou de pagar êste tributo. O que, porém, é notável, é a natureza dêstes seus primeiros escritos. Não participavam, em coisa alguma, dos lampejos, expansões paradoxais, e sobretudo imaginosas, da primeira idade literária. Erguendo a ponta do véu que ocultava o seu espírito, não deixou entrever o talento criador. Caprichoso, os seus assuntos eram estudos sôbre a língua, sôbre o estilo e sôbre antropologia. [3]

É com prazer que o vejo, depois, traduzir essas preocupações numa das mais lindas páginas de suas *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios*:

---

[3] Nos *Ensaios Literários*, fundado por êle e outros colegas, em 1846, em S. Paulo, publicou vários trabalhos sôbre o estilo e uma biografia do índio Camarão. Depois disto, emudeceu. Só passados muitos anos, corrigiu, modificou e deu à publicidade dois ensaios que fêz em Olinda, quando aí estudava o quarto ano — *Alma de Lázaro* e o *Ermitão da Glória*.

A palavra, êsse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza: ela revela o poder do Criador e reflete tôda a grandeza de sua obra divina.

Incorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, *brilhante* como a luz, *colorida* como o *prisma solar*, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dêle instantâneamente e esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.

*Musageira indivisível* da idéia, *iris celeste* do nosso espírito, ela agita as suas *asas douradas*, *murmura* ao nosso ouvido docemente, *brinca ligeira e travêssa* na imaginação, *embala-nos* em sonhos fagueiros ou nas suaves recordações do passado.

Reveste tôdas as formas, reproduz tôdas as variações e nuances do pensamento, percorre tôdas as notas dessa gama sublime do coração humano, desde o *sorriso* até a lágrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

Às vêzes é o buril do estatuário, que recorta as figuras graciosas de uma criação poética ou de uma cópia fiel da natureza: aos retoques dêsse cinzel delicado, a idéia se anima, toma um corpo e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vêzes é o pincel inspirado do pintor que faz surgir, de repente, ao nosso espírito, como de uma tela branca e intata, um quadro magnífico, desenhado com essa correção de linhas e êsse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

Muitas vêzes é a nota sôlta do hino, que ressoa docemente, que vibra no ar e vai perder-se além, no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o eco de uma música em distância...

O sentimento faz dela a *chave dourada* que abre o coração às suaves emoções do prazer, como o raio do sol desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrância.

Eis o que José de Alencar queria fazer da palavra, "simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração".

Estudados "a fundo a fôrça e os recursos dêsse elemento de atividade", e colimado o objetivo, só faltava partir.

Parece-me, entretanto, que neste ponto deram-se sérias hesitações em seu espírito. O teatro, onde se deviam passar tôdas as cenas que rodopiavam em seu cérebro, aparecia-lhe ainda como ao longe, indecisamente. Os caracteres amalgamavam-se, antes de afirmar-se. A nebulosa não conseguira transformar-se em mundo.

Creio ser esta a história verdadeira de tôda idéia.

---

Há tôda razão para presumir-se que a sua transplantação para esta Capital, através dos sertões do norte, houvesse-lhe infundido na alma uma impressão perdurável; depois, a contemplação dessa natureza alterosa do sul naturalmente devia ter-lhe provocado na mente contrastes indeléveis. As viagens a S. Paulo e a convivência nessa terra, onde as tradições são tão vivas ainda, com respeito aos

primeiros exploradores do Brasil, sem dúvida aguçaram-lhe o apetite das coisas pátrias. De envolta com os clássicos, em que estudava o estilo, se lhe desvendou inconscientemente o rico manancial dos cronistas brasileiros. Tanto bastou para que um ideal, que a furto despontava-lhe nos céus da imaginação, se concretizasse no argumento de um sem-número de romances.

Planos e mais planos de belas obras se agruparam então em seu cérebro, e o romancista indeciso determinou-se a ser brasileiro.

É fácil calcular o labor empregado por José de Alencar para atingir êsse desiderato e separar a luz das trevas. Sei que fêz muitos ensaios, nos quais, por fim, a paisagem surgiu como a reminiscência de um sonho ou talvez de um Eldorado; mas esta era solitária, como devera ser a terra antes da aparição do homem. De confissões suas, depreende-se que, só depois de muito cultivar êsse gênero, escrevendo sem destino, para a pasta, chegou a erigir a estátua do homem e a travar a luta das paixões. Foi, seguramente, o sexto dia do seu gênese artístico, o qual devia se prolongar, sem descanso, até o momento de baixar à sepultura.

As dificuldades eram óbvias. Olhando em tôrno de si, foi-lhe necessário encontrar-se com a natureza dos trópicos, com êsse verdadeiro Brasil que o gerara, e do qual o separavam milhares de circunstâncias, resultantes da civilização européia, que o recebera no berço. Estas influências não podiam ser eliminadas por um simples ato de vontade, nem o permitia a fatalidade do meio de onde saíra; êle não podia, em absoluto, repelir a atmosfera intelectual e moral que o envolvia. Isto, porém, não obstou a que a tendência primitiva, filha do seu temperamento e de outras causas insondáveis, combatesse as influências sutis da educação. Parte dessa natureza, o sol, as cambiantes, o dulçor das auras, o que há nela de mais vívido, tinha-se desde logo diluído na palhêta de seu estilo. Mas os mistérios contidos na realidade lhe escapavam, precisamente porque, para chegar a êles, seria preciso mergulhar-se de todo no seu seio profundo. A luta, pois, foi renhida; pode-se dizer, a luta de todos os idealistas. E esta deu-se através dos prismas que interceptavam o abraço místico.

José de Alencar atirou-se com sofreguidão aos cronistas e aos escritores de caráter puramente americano, aos pintores da natureza agreste, e começou assim um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar vida e luz ao seu espírito, fazendo emergir do obscuro êsse sonho que constituía a essência de sua própria natureza. Do mesmo modo que o químico luta por tirar do carvão a diminuta parcela do diamante, êle empregava todos os esforços para realizar uma cristalização ainda mais admirável, a da própria alma.

O mesmo gôsto, que o levara em menino ao enigma, atraiu o adolescente ao passado de sua pátria. Quis decifrá-lo, dar-lhe forma, e, de vago, reduzi-lo a concreto; e, como seu gênio não se afeiçoava à análise, à observação, tentou adivinhá-lo. O difuso o horrorizava; a forma nítida, eis sua grande sedução. Daí a angústia com que o autor do *Guarani* buscava na leitura uma sensação que lhe explicasse de um só jato tudo quanto em si não passava de uma aspiração, e que de um só *coup de baguette* fizesse emergir diante dos olhos de sua imaginação o sonho por uma vez consolidado. Enquanto o microcosmo não se transformou numa representação luminosa do que até então era abismo, não descansou. Sob êste impulso, compreende-se quanto a índole dos poetas germânicos, com o panteísmo de Goethe à frente, lhe devia ser odiosa. A névoa do norte sufocá-lo-ia. Não há um único escrito seu, principalmente de sua mocidade, que denuncie impressão durável ocasionada por algum poeta dessa escola. Fausto e Hamlet não pertencem à raça dos escolhidos de seu coração.

Lançado em nova peregrinação através das províncias literárias que estavam no caso de afagar semelhante paixão, foram os poetas da luz e do amor os seus verdadeiros guias.

---

Em suas *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios* acham-se registrados todos os progressos destas influências. Como na crosta de um terreno de formação recente, ali encontra-se a história de tôdas as camadas que se foram superpondo à lava primitiva e com ela se amalgamaram. Um exame cuidadoso destas cartas mostra quanto atraíram sua imaginação os Hafiz de tôdas as literaturas, os fulgores do gênio oriental; mas como sua sensibilidade não se coaduna com os rigores e as enormidades fulminantes, com as agruras apocalípticas das imaginações puras, mais de uma vez teve de esgueirar-se pela melancolia que inspiravam certos aspectos da natureza. Assim, vêem-se as brutais e candentes manifestações de Hugo, quebradas pela fibra chateaubriânica e lamartineana, fundirem na alma do poeta uma luz harmoniosa, uma claridade benigna, que, envolvendo tôda a natureza, a transforma em uma fantasmagoria. Aos seus olhos, o sol não abrasa, antes, obriga-nos a viver deliciosamente; a seu influxo, tudo se doura, tudo se torna diáfano, tudo se desfaz em suavidades, no seio das quais o amor, vívido, se dilata em ondulações voluptuosas. Oculta-se o enorme, desfazem-se os aspectos terríveis, para só se revelarem as louçanias, o mimo, a garridice, os caprichos e as faceirices da prolífica Ceres. É assim que êle lamenta "que o sol da sua terra, êsse astro cheio de luz e de esplendor, não inspirasse a Magalhães versos mais repassados de entusiasmo e poesia". "Se fôsse

poeta", dizia o futuro autor de *Iracema*, "se quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as idéias de homem civilizado, e, embrenhado pelas matas seculares, contemplaria as maravilhas de Deus; veria o *sol erguer-se no seu mar de ouro*, a lua deslizar-se *no azul do céu*, ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas."

A luz constitui tôda a vida de sua poesia, mas uma luz temperada e coada através de um coração amoroso e terno, sem os excessos, as trevas repentinas, as tristezas, as mágoas, os pesadumes dos seus mestres Chateaubriand e Lamartine, [4] de quem só o cativaram o doce orvalhar dos olhos e as cismas de uma tarde esplendorosa.

> Cada um dos raios do sol era um poema, cada uma das centelhas de sua luz, uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira, um ciclo em que a imaginação percorria outros mundos, outras eras remotas e desconhecidas.

Farto dessa luz cândida, "a natureza americana tão cheia de vida e encanto" não lhe inspirará senão um delicioso sentimento da existência. Todos os objetos, ao doce calor dos trópicos, se hão de mudar em maravilhas, e os personagens, sob a abóbada azul e diáfana do céu, hão de participar dos caprichos dêsse sol que o poeta contempla, com os olhos engolfados na linha profunda do horizonte, "a reclinar-se sôbre o leito de nuvens, cobrindo com os seus reflexos de ouro e púrpura os vapores ligeiros que se deslizam aos sopros da brisa da tarde".

Nada, nesse espírito, se anuncia que não seja rútilo, etéreo, suavemente resplendente.

A pátria de tal artista é uma espécie de Arábia encantada, aonde a vara mágica do gênio concede a tudo tintas de felicidade. Esta é a terra do amor. Mas que amor! — um amor edênico e ao mesmo tempo caprichoso, como só o oriente sabe produzir. O amor que êle aspira é um "dêsses amôres poéticos, inocentes, que têm o céu por dossel, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divã, e que a natureza consagra como mãe extremosa". Não é de admirar, pois, que a mulher, atravessando êsses sonhos, não se apresente senão como uma *nimiedade* gentil, cercada de canduras e tiques infantis, e que tôdas as suas concepções propendam para o que a natureza contém de mais tênue, perfeito e delicado "no frouxo roçar das árvores, nos murmurejos das ondas, nos cicios da brisa, nas *fôlhas de rosa* da harmonia". Os tipos que mais lhe entram no coração são Eva, de Milton, Haidéia, de Byron, Atala, de Chateaubriand, Cora,

---

[4] Vide *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios*, p. 2.

de Cooper. Tudo, naquelas cartas, está denunciando que o *grácil*, para José de Alencar, tinha-se constituído a fórmula da poesia.

E como não assim, se, no estádio de sua vida a que aludo, graças às disposições de seu espírito, êle não podia enxergar senão o vivaz, o interessante, a gentileza !? Os escritos, portanto, referentes a todo o período que foi regido por êsse movimento expansivo, ressentem-se dêste traço característico, — da luz diáfana, do encantamento caprichoso, grácil e sorridente, que se difundia por sua alma de artista. Veremos, mais tarde, todos êstes elementos condensarem-se em verdadeiras obras.

O que é certo, e se torna bem patente pelas cartas aludidas, é que não houve autores que concorressem tão poderosamente para a formação do estro de José de Alencar como os poetas, os escritores de veia oriental, nomeadamente Victor Hugo, e os confidentes do coração, Chateaubriand, Lamartine e Bernardin de Saint-Pierre; os primeiros, como coloristas, os dois seguintes, calcando-lhe profundamente o sentimento da paisagem, e o último, infundindo-lhe no ânimo as gotas mais dulçorosas da vida e do amor. De semelhante fusão nasceu o traço já indicado, e a poesia se lhe afirma por tôda parte como a ternura da natureza revelada pelo som, pela côr, pela forma, pela luz, pela sombra e pelo perfume. É insuflado por êste sentimento que José de Alencar volve-se para o seu belo Brasil, "filho do sol, cheio do seu brilho e luxo oriental", e, tendo-o estudado através das velhas crônicas de Simão de Vasconcelos, Léry, Gabriel Soares, Rocha Pita e outros, [5] projeta a miragem que ocupava seu espírito sôbre a realidade, para convertê-la num éden, onde sua fantasia viverá como em um país conquistado.

"A flor da parasita, o eco profundo das montanhas, a réstia de sol, a fôlha, o inseto falarão com eloqüência a seus sentidos", e induzi-lo-ão a crer, com os aborígines, em uma terra tôda iluminada pela teogonia que Thevet depurou de entre superstições esparsas. Como os nheengaraçaras tupis, êle enxergará o beija-flor, o guainumbi, conduzindo as almas dos selvagens para além das montanhas azuis, e encontrará por tôda parte "esta flor celeste que iria-se de lindas côres aos rigores do sol", adejando como gênio benéfico que se incumbe de suprimir, aos olhos do poeta, as torpezas das regiões tropicais.

Rios esplêndidos deslizarão através de florestas magníficas, cascatas soberbas cintilarão despenhando-se do alcantil das montanhas, lagos, através dos quais singrará a canoa do índio guerreiro amoroso, se mostrarão a seus olhos ávidos de gôzo; e, no Brasil de sua

---

[5] *Cartas* citadas, p. 85.

imaginação, clareado pela luz mágica e elétrica, entrarão, com êle, milhares de olhos também cobiçosos, que acreditarão viver com os sêres fantásticos do passado. E será no oásis, criado por sua fantasia, no meio de um deserto de imaginações áridas, que o autor do *Guarani* fará habitar um sem-número de entidades, que, uma vez contempladas, nunca mais se esvaecerão da memória.

Outras leituras podiam ter concorrido para o desenvolvimento da individualidade de José de Alencar. Sabe-se, por exemplo, que Walter Scott, Fenimore Cooper, Marryat, George Sand, Dumas foram por êle mui assìduamente lidos; mas a influência dêstes escritores foi, seguramente, secundária. Porventura constituíram-se seus mestres naquilo que se considera, em obras de arte, o exterior, o molde, a *construção;* nunca, porém, entraram na composição do espírito de quem um dia devia escrever os primeiros cantos da *Iracema.*

## II

## EXPLOSÃO

### 1852 – 56

Armado de uma forte inspiração, com um poema e um Brasil na cabeça, recebendo a carta de bacharel em direito, José de Alencar apresentou-se um dia nesta Capital a espargir pròdigamente as pérolas de seu talento. [6] As primeiras produções não desmentiram o artista.

Quatro anos de tirocínio na advocacia, preenchidos os lazeres com estudos sérios, retemperaram-no para a luta da imprensa.

Havia então um estilista primoroso que sustinha o cetro do folhetim no Rio de Janeiro; era Otaviano de Almeida Rosa. Conhecendo-o dos tempos de acadêmico, e certo das fôrças de que dispunha o recém-chegado, vendo-se o tradutor de Byron sùbitamente obrigado a abandonar o campo de suas glórias, sentia-se embaraçado na escolha de quem dignamente o sucedesse nas páginas menores do *Correio Mercantil*. Aparecendo José de Alencar, êle não hesitou um momento em indicá-lo. [7] E, dêste modo, ficou assentado que o autor do *Guarani* começasse justamente por exibir seus dotes de escritor pela face em que mais esmêro pusera. Estreou pelos notáveis folhetins intitulados — *Ao Correr da Pena,* de que ainda o público fluminense guarda gratíssimas recordações. [8]

O estreante atira-se a uma vida de incessante movimento e produção. Ávido de sensações, deixa-se envolver pelo turbilhão dos tea-

---

[6] Formado em S. Paulo, em 1850, neste mesmo ano passou-se para esta Capital, onde praticou por algum tempo a advocacia, no escritório do Dr. Caetano Alberto.

[7] O convite de Otaviano a José de Alencar data de 9 de agôsto de 1853. São dêle as seguintes palavras, postas como coroa de saudades sôbre a sepultura do amigo de outrora:

"Para êles (refere-se a Sales Tôrres Homem e a Sousa Franco, redatores do *Correio)*, foi motivo de festa a notícia reservada... Não podia haver fartura maior. Adivinhavam todos as grandes fôrças intelectuais e todos lhe queriam bem".

[8] Êstes escritos andam hoje colecionados em um volume editado pelo Dr. Vaz Pinto Coelho.

tros, dos bailes, dos clubes, das festas, dos *meetings*, e, de reservado que era, ei-lo, transformado por febril sobreexcitação, a projetar-se, através das vulgaridades que o cercam, em conquista do futuro. Multiplica-se, reconstitui sua educação literária, reconcilia-se com as Pandectas por instantes; a vertigem toma-o nos braços, e o mundo fluminense, dourando-se, como em uma mágica, aos raios artificiais de uma máquina elétrica, cria-lhe, a cada passo, estímulos irresistíveis.

No Rio de Janeiro de então, pouco ou nada encontrava capaz de subordinar seu espírito, imprimindo-lhe direção diversa do elance primitivo. A sociedade fluminense oferecia as condições mais apropriadas para o florescimento de uma natureza fantasiosa, amante das melopéias eólias e das longas travessias pelas *regiões azuis*. O mais ligeiro abalo não vinha quebrar a monotonia da vida política; na atmosfera moral, reinava completa serenidade; nem sequer uma dessas perturbações na república literária, que deslocam o talento das sendas habituais para, por uma forte emoção, transportá-lo a plainos desconhecidos, inexplorados. A nau do Estado corria plàcidamente, ao som das águas, sob a doce influência do sistema constitucional. Longe iam já os tumultos de 1848; o tufão revolucionário cessara por uma vez, e, com êle, os arrebatamentos da alma patriótica, única fonte das inspirações másculas dos Alfieri. Por outro lado, não tínhamos chegado à época dissolvente que atravessamos, [9] época que tem gerado em nós, brasileiros, tão pronunciado desgôsto de nós mesmos, em que o desengano rege a estética e o sarcasmo serve-lhe de forma.

A filosofia, que tonificava o ambiente, se tal nome pode-se dar à completa despreocupação dos problemas humanos e sociais, era, seguramente, a que mais se coadunava com a índole contemplativa e entusiástica do estreante. O voltaireanismo, que, com tanta intensidade, no fim do século passado, influíra no ânimo dos inconfidentes de Minas Gerais, perdera de há muito o seu valor; e, para um país onde os movimentos literários da França chegavam tão retardados e enfraquecidos pela distância, para um país indolente e resignado aos frouxéis de uma monarquia cheia de promessas, nada havia mais cômodo do que um teísmo harmônico e sem ruídos. A áspide da questão religiosa não surgira ainda. Ganganelli, se tinha rios anticristãos, guardava-os, sem dúvida, nos limbos do pensamento.

Entre os poetas e escritores nacionais, nenhum aparecera com feição própria, com uma individualidade que produzisse verdadeira sensação no país, como eco fiel do seu estado estético. O movimento romântico, de que haviam sido fautores Sales Tôrres Homem, Magalhães, Pôrto Alegre e Pereira da Silva, nem sequer teve o merecimento de operar-se *intra muros*. Era o produto ingênuo da paixão de alguns

---

[9] Estas palavras eram escritas em 1879.

moços de talento, que viajavam no estrangeiro, pelas poesias de Victor Hugo, Lamartine, Alfredo de Vigny e Musset. Publicando, em Paris, a revista brasiliense *Niterói*, proclamando os novos dogmas *à outrance*, parecera-lhes, entretanto, na sua ilusão de ardentes apóstolos, que o país os ouvia, e, em troca de seus esforços, dava-lhes inspirações nativas e virginais. Diplomatas, quase todos, as suas aspirações ressentiram-se logo de certo preconceito oficial, que cedo estancou-lhes a *verve*: e teriam ficado sem repercussão, se o gênio do autor dos *Timbiras* não viesse agitar, com seu sôpro comovido, as florestas brasileiras.

Vivendo os homens de mais notável engenho fora da terra natal, também fora viveu a literatura brasileira.

Nem ao menos José de Alencar encontrou uma agitação como a dêstes moços. As vagas da torrente acalmavam-se, e os destroços do classismo nutante derivam, incônscios, em plena preamar. Os cisnes fàcilmente deslizam pelas águas plácidas e serenas. Foi o que lhe aconteceu.

Que de dissabores não teria a estagnação moral de hoje derramado no espírito daquele que instintivamente se excluíra ao diletantismo byroniano de S. Paulo, tão destituído de causas, e que havia de produzir Álvares de Azevedo?! Livre, portanto, de influências diretas, fêz José de Alencar a seleção que era natural. Encetando as suas revistas — *Ao Correr da Pena,* assestou o prisma e escreveu ao sabor dos seus singelos impulsos. Era preciso lutar com a reputação de um primoroso poeta; fê-lo com coragem. Arrebatou uma pena à asa de um anjo, de uma fada, e, com essa pena caprichosa, que não obedece a quem empunha, mas às suas inspirações, que, cheia de faceirices, ora sorri, ora amua-se, ora esconde, sempre saltitando, debuxando flores, céus, nuvens, estrêlas, sorrisos feminis e formas angélicas; com esta pena *coquette,* de quem êle se despede, no fim de um ano, cheio de saudades, começou a gravar nos corações de todos a sua reputação em caracteres indeléveis. [10]

Os folhetins de José de Alencar eram um constante revolutear à pista de assuntos graciosos. Dirigiam-se às moças, de preferência, e, através de teatros, festas e política, não consentia a musa que o mínimo azedume viesse quebrar a fluidez dos seus dizeres. Nesta incansável diversão, a *coquette* esvoaçava como uma borboleta, tocando sem ferir, sugando sem desfolhar; nunca se enchia de cóleras, nem entrevia aborrecimentos.

Acaso o Rio de Janeiro daquele tempo não tinha senão doçuras? O que é verdade é que o róseo espírito, que manejava semelhante pena, nunca deixou de comunicar-se aos objetos que descrevia,

---

[10] Vide *Ao Correr da Pena,* pp. 3 e 552.

sempre mergulhado em uma aprazível intimidade e característica *nonchalance*. Um delicioso sentimento da existência, sem abalos, sem repercussões ásperas, invade quem quer que ainda hoje lê essas revistas hebdomadárias. Tudo se converte em arabescos, e as coisas mais comezinhas, sob os rendilhados que lhes superpõe o talento do autor, assumem formas mimosas, de que jamais se aproximaria a mão de um artista vulgar. Seria bem adequado compará-los, por sua vez, "às belas volatas que brincavam nos lábios de Charton e iam perder-se num sorriso, aninhar-se nas covinhas da bôca, fazendo mil travessuras, a furtar beijos, e fugiam para pousarem, umas vêzes, como beija-flor, no cálice da rosa, outras, batendo as asas douradas, para lançar-se no espaço colorido pelos raios do sol". [11] O mundo, pois, de impressões consoantes com o seu caráter amante da luz e dos suaves fulgores abria-lhe as portas de par em par. É assim que o vemos umas vêzes demorar-se na contemplação da "alva e graciosa Petrópolis, com suas brumas matinais, com suas cazinhas alemãs, com seus jardins, seus canais, suas ruas agrestes"; outras, singrar "pelas águas límpidas e azuis de nossa baía", nunca perdendo ocasião de esconder-se nos sítios aprazíveis da Tijuca, da Gávea, do Jardim e tantos refúgios pitorescos que cercam a grande cidade. Se descreve uma festividade, as flores e os sorrisos fazem-no tudo esquecer; se acompanha o carnaval, só o preocupa um *loup* brejeiro e cheio de mistèriozinhos insinuantes. Não há página em que não se lobrigue "uma mocinha com os olhos quebrados e o corpinho lânguido a fazer namoros a *crochet*"; rara a linha em que deixe de brilhar um raio de sorridente poesia. Que belas tardes são as suas! Com que lindas, com que alegres côres não surgem de sua palhêta as enseadas de Botafogo e de Icaraí! Que formosas ilhas, que encantadas paisagens! A fascinante capital do Brasil em tôda parte mostra-se-lhe como "a odalisca descida do seio das nuvens, fresca, pura e suave, que, roçando as alvas roupagens de seu leito, resvala de seu divã de veludo sob o macio tapête da Pérsia, ou, antes, como a moreninha de nossa terra, cujo hálito perfumado se exala na aragem, cuja tez se reflete na opala dourada que colora o horizonte". [12]

Esta tendência para o agradável se manifesta mais sensível quando José de Alencar tenta o gênero lúgubre. As cenas tétricas dissolvem-se, apesar seu, em uma *bluette*, em uma chuva de rosas, e, ainda mesmo em dia de finados, o *sunt lacrimae rerum* e a nudez dos ciprestes não tardam em contrastar com as flores e perspectivas etéreas. A vida, compara-a com um "*bouquet*, do qual cada flor simboliza um ano, um dia, uma hora"; um cemitério é um jardim onde jazem flo-

---

[11] Obra. cit., p. 216.

[12] Obra. cit., p. 253.

res ceifadas e murchas, e conclui por transformá-lo num lago, onde se representa uma cena de amor, no fim da qual tudo se esvai na voz harmoniosa da Charton.

Há, nessas páginas, muito espírito, mas um espírito que nem de longe lembra o *humour* de Sterne ou de Heine. Temos uma palavra que verdadeiramente o define: é a *folâtrerie* dos franceses. Lembranças, repentes, agudezas, verdadeiras *fusées*, que recordam as primeiras tendências para os enigmas e charadas.

Não o confirma, acaso, êste trecho, extraído de um folhetim escrito sôbre as máquinas de coser?

> Eu podia comemorar o fato de Hércules fiando aos pés de Ônfale, e mostrar o importante papel que representa, na antiguidade, a teia de Penélope, que mereceu ser cantada por Homero. Quanto à agulha de Cleópatra, êsse lindo obelisco de mármore, é a prova mais formal de que os Egípcios votavam tanta admiração à arte de costura, que elevaram aquêle monumento à sua rainha, naturalmente porque ela excedeu-se nos trabalhos dêste gênero. [13]

E êste outro espécime não revela a mesma vida?

> Estou, portanto, convencido que as janelas da alma são, em tudo e por tudo, semelhantes às das casas, com a única diferença do arquiteto. Assim, há olhos de sacada, de peitoril, de persianas, de empanadas, de cortinas; da mesma maneira que há janelas azuis, pretas e verdes, de forma chinesa ou de estilo gótico. Essas janelas da alma são de todo o tamanho. Umas excedem a medida da câmara municipal, e deviam ser multadas porque afetam a ordem e o sossêgo público: são os olhos grandes de mulher bonita. Outras não passam de pequenas frestas ou seteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos, que, quando olham, fazem cócegas dentro do coração. O que, porém, dava matéria a um estudo muito interessante é o modo por que a alma costuma chegar à janela. A alma é mulher, e, como tal, padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas há o menor barulho na rua, faz o mesmo que qualquer menina janeleira, atira a costura ao lado e corre à varanda. Entretanto, cada uma tem o seu sistema diferente. As francas e leais debruçam-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentam os conhecidos e, às vêzes, oferecem a casa a algum de seus íntimos. Outras, ao contrário, nunca se reclinam à janela, ficam sempre por detrás da cortina e olham o que se passa por uma pequena fresta. Dêste número são as almas dos diplomatas, dos jesuítas e dos ministros de Estado. Em compensação, há também algumas almas que, quando pilham um espírito descuidado, saltam pela janela como um estudante vadio e vão flanar pelas estrêlas, abandonando por um instante o corpo, seu hóspede e companheiro.
>
> *Animula vagula, blandula*
> *Hospes comesque corporis.* [14]

---

[13] Obra. cit., p. 56.
[14] Obra. cit., p. 224.

Nos folhetins *Ao Correr da Pena* encontram-se páginas solenes como o elogio a Mont'Alverne; outras, de interêsse e movimento, que já denunciam o futuro romancista.

Uma das mais ardentes aspirações de José de Alencar era o jornalismo. Ser chefe de uma imprensa, dirigi-la a seu sabor, exercitar as suas faculdades em todos os gêneros possíveis, comover as massas com artigos artìsticamente manejados, eis um sonho que constantemente o embevecia, cheio de horizontes largos e esplendentes.

Ganhas as suas esporas de ouro no *Mercantil* e no *Jornal do Comércio*, dispondo de um estilo próprio, com uma inteligência disciplinada e imensamente maleável, não lhe foi difícil encontrar quem o patrocinasse nesse nobre intento. [15] Houve amigos que se interessaram por seu futuro literário, lobrigando, no seu talento, um elemento de vida para uma emprêsa jornalística. A simpatia que o cercava então ligou-o ao *Diário do Rio* agonizante. O espírito borbulhava-lhe como fonte inexpugnável, e a confiança dos outros exagerou-lhe a coragem. O jornal viveu, e viveu das primícias dessa inteligência vivaz e ardente, que ensaiava uma válvula ampla, por onde se expandisse aos raios do sol da publicidade. Na idade de vinte e seis anos, não era pequena tarefa; mas o moço redator reduplicou de esforços, revelando uma pujança e fecundidade fora do comum. Os artigos de fundo, em que tratava dos mais variados assuntos, política geral, economia política, administração, jurisprudência, eram redigidos de improviso e com a *verve* do publicista consumado. E tal era a facilidade com que êle, no meio de tantos outros incentivos à atividade, desenvolvia as suas aptidões, que, segundo refere uma testemunha ocular, tendo tido algumas vêzes necessidade de ausentar-se do escritório da redação, e querendo conciliar com essas digressões os interêsses da fôlha, resolveu o embaraço lançando no papel, de um dia para outro, oito ou dez artigos sôbre assuntos opostos, magníficos, não só pela forma, como pelo alcance das idéias.

Foi no meio dêste torvelinho que o poeta Magalhães lembrou-se de publicar o poema — *A Confederação dos Tamoios*. Esta publicação teve a particularidade de incitá-lo até à violência e à injustiça, senão em tudo, ao menos em alguns reparos. As cartas, que então saíram em folhetins, no *Diário*, causaram sensação; e, embora traduzindo uma indignação literária mais filha de haustos febricitantes de autor incubado do que de uma reflexão detida sôbre as belezas e erros da obra criticada, passaram por um espécime de análise. Impaciente e ávido de efeito, José de Alencar vazou todos os fogos que

[15] Além das páginas menores, no *Mercantil*, redigira êle, neste mesmo jornal, o *Forum* e vários artigos sôbre a lei hipotecária: no *Jornal do Comércio*, publicou trabalho de crítica sôbre Thalberg, Otelo, Mont'Alverne, Zaluar, etc.

lhe trabalhavam no espírito nessas linhas cheias de entusiasmo. Não se considerando sucessor literário de nenhum de seus conterrâneos, o seu primeiro grito foi de revolta. Isto, porém, não o isenta de culpa. A crítica contém em si muitos pecados; não foi, de certo, aplicada segundo os processos correntes hoje em dia, nem mesmo como já haviam professado, antes daquela época, Fauriel, Ampère e outros; apenas denota um gôsto superior, que ainda mais agrava a situação. O processo foi simples: superpondo o seu talento ao de Magalhães, pelas diferenças, aferiu o crítico a fraqueza do poeta que tentava um poema épico brasileiro, no intuito de levar a barra adiante de Basílio da Gama e Santa Rita Durão. As cartas sôbre a *Confederação dos Tamoios,* portanto, nenhum nome melhor teriam do que êste: — plano da epopéia que José de Alencar teria feito, se se colocasse no lugar de Magalhães. As belezas que êste não soube exprimir, êle sentiu valentemente, e basta contrastar as citações de certos trechos para compreender-se a profunda comoção de seu espírito diante dêsse fruto romântico mal aquecido pelos raios tropicais. Êste trabalho, entretanto, em que pese ao finado José Soares de Azevedo, a Mont'Alverne e a outros amigos, que saíram em defesa do poeta, foi um lindo rasgo de pena, senão de um crítico, ao menos de um homem de coração. E, se aquilatar-se o seu valor pela sensação que causou, pelos nomes ilustres com os quais o público curioso pretendeu confundir o pseudônimo sob o qual ocultava-se o autor, estas cartas constituem uma época notável em nossa história literária e, talvez, o mais brilhante sucesso de nossas letras.

O silêncio do poeta pelo menos o confirmou.

---

A exuberância, denunciada nesse trabalho de crítica, não tardou em concretizar-se; e logo, de sua pena, sob o influxo de uma inspiração sobreexcitada, saem, *au jour le jour, Cinco Minutos, Viuvinha* e *Guarani,* obras que, para mim, constituem um período de verdadeira explosão, traduzindo de modo o mais sincero todo o rapto virginal de sua alma de artista.

O impulso não difere, nem sua índole parece ter sofrido alteração alguma; antes, assume o máximo desenvolvimento.

*Cinco Minutos* e *Viuvinha* são duas miniaturas na forma, no sentimento. Se, nos folhetins, José de Alencar estreara cativando os leitores pelo rendilhado da frase, passando ao romance, concentrou-se no garridismo e nas faceirices da mulher. Em ambos os romances aparecem uns mistèriozinhos de fácil desenlace, que eram muito do gôsto do autor, e de onde resulta o interêsse da maior parte dos

seus livros. Carlota e Carolina são dois tipos de mulheres pudicas, extremamente delicadas. Não possuem a *beauté du diable* das heroínas de George Sand; em compensação, porém, fazem-se realçar por uma graça feiticeira inimitável. "A mulher", diz êle, "é uma flor, que se estuda, como a flor do campo, pelas suas côres, sobretudo pelo seu perfume. Por que Deus deu o aroma mais delicado à rosa, ao heliotrópio, à violeta, ao jasmim, e não a essas flores graves e sem beleza, que só servem para realçar as suas irmãs?" [16]

Acompanhemos essa sílfide que surge no canto de uma gôndola. A cabeça do mancebo que a espreita desvaira-se com umas furtadelas de olhos ocultos sob o travêsso chapèuzinho de palha. O contato de uns braços cetinosos, uns gritozinhos de susto, uns apertos de mão a furto acabam a obra começada pelos olhos, e, quando o romance principia, esvai-se tudo como um sonho, deixando o enamorado na mesma surprêsa da criança diante de cujas mãos ávidas estoura a bôlha de sabão. O caráter dessa menina é flutuante e vário como a sua aparição. Faz-se amar como a uma sombra, e a sua existência apenas denuncia-se ao amante por um chapéu fugitivo ou pelo eco de alguma voz ouvida algures. Por muito tempo mantém o louco numa distância desesperadora, sem que mesmo êste possa conhecer-lhe as feições. Por tôda parte, pelos teatros, pelos bailes, pelos passeios, um terno *non te acordar' di me* a persegui-lo; e o mísero a correr da côrte para a Tijuca, da Tijuca para Petrópolis, sempre atrás de uma miragem, sem que, da realidade, nestes lugares, reste outra coisa mais do que as penas de uma ave que abandonou o ninho. O amor, em Carlota, é caprichoso, e ela não o compreende senão fugitivo, obscuro e misterioso. Cansada de ocultar-se nos recessos da baía de Guanabara, um dia escapou-se para a Europa, deixando-o transido e irritado. Nunca ninguém amou tanto, mas a sua natureza é uma natureza especial, que não permite entregar-lhe um corpo mirrado pela morte. Abandona suas afeições, diz ela, "porque, se há uma felicidade indefinível em duas almas que ligam sua vida, que se confundem na mesma existência, que só têm um passado e um futuro, que desde a flor da idade até a velhice caminham juntas para o mesmo horizonte, partilhando os seus prazeres, revendo-se uma na outra até ao momento em que batem as asas e vão abrigar-se no seio de Deus, deve ser cruel, bem cruel, quando, tendo-se apenas encontrado, uma dessas duas almas irmãs foge dêsse mundo, e a outra, viúva e triste, é condenada a levar sempre no seio uma idéia de morte; a trazer essa recordação, que, como um crepe de luto, envolverá a sua bela mo-

---

16 *Cinco Minutos*, p. 82 (2.ª ed.).

cidade; a fazer de seu coração, cheio de vida e de amor, um túmulo para guardar as cinzas do passado!" [17] Mas não é isto razão para deixar de fugir e sempre aguçando a paixão de quem a persegue. Carlota conhece os pontos delicados do coração amigo, adivinha as suas intenções, sabe que será acompanhada, e por isso mesmo provoca a perseguição, estampando os seus vestígios em todos os lugares por onde passa. A incoerência devia, mais cedo ou mais tarde, fazê-la alcançar. O apaixonado descobre-a em Ischia, na Itália, aproxima-se e estreita-a ao peito. O gôlfo perfumado presencia esta cena de amor. "Sua beleza reanima-se e expande-se como um botão que, por muito privado do sol, se abre em flor viçosa."

— "Oh! Quero viver!" exclama ela.

O amor encarrega-se do milagre, e faceira, a caprichosa vai abrigar-se "na quebrada de uma montanha, em um retiro, um verdadeiro berço de relva, suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo... Uma linda casa tôda alva e louçã, um pequeno rio, saltitando entre as pedras, algumas braças de terra, sol, ar puro, árvores, sombras, eis tôda a sua riqueza". [18] E a lenda dêsse caráter arrulante termina com a paródia do verso de Béranger: — uma cabana e teu coração.

Carolina, na *Viuvinha*, não se ressente menos dêsse gênio *versátil*. Os seus arrulhos com o noivo, na casinha da rua de Santa Teresa, que "sorri entre o arvoredo", as cenas de doce intimidade doméstica que reina nessa mansão de amôres, descritas com tanta delicadeza feminil, com tanta candura, com tanto mimo, êsses arroubos, prestes a coroarem-se com as flores nupciais, fazem-nos experimentar uma sensação grata e vívida, bem igual à causada pelo perfume inebriante de um laranjal em flor. A garrida inocência que transparece depois nessa menina, quando penetra na alcova do noivado, não tarda, porém, em contrastar com a discreta tristeza daquele que, concedendo-lhe o nome de espôso, ergue o véu dos castos amôres com o pensamento fixo numa idéia tôrva e acabrunhadora. Hábil no manejo destas transições, o buril de José de Alencar delicia-se em miniaturas à Benevenuto Cellini, e a mulher, como sempre, torna-se aos seus olhos um objeto de cuidados infindos. Como artista apaixonado, engolfa-se na execução de sua obra, e, correndo pelos dedos um por um dos fios de filigrana que entretece, não deixa escapar um só elemento que possa concorrer para o efeito plástico do tipo que descreve. Carolina é uma ave cujo encanto se transmite aos próprios objetos que a cercam e nêles se faz adivinhar.

---

[17] Obr. cit., p. 92.

[18] Obr. cit., p. 35.

> Era, pois, um ninho de amor êste gabinete em que o bom gôsto, a elegância e a singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distinção que bem revelava que a mão do artista fôra dirigida pela inspiração de uma mulher. [19]

O ambiente forma-se de suas emanações; a natureza, tocada da mesma comoção que o autor, se transforma e prolonga por todo o âmbito do raio visual as influições divinais dessa formosa rapariga. Não há esmeros que lhe bastem, e os carinhos com que suas mãos de poeta a tratam são iguais ao da donzela tímida que anima no regaço a terna juriti ou desfolha a perfumosa violeta. Que situação mais ao sabor de sua musa do que a de uma noiva em colóquio, pela primeira vez, com o espôso, no quarto nupcial? Essa queda para o que há de mais gárrulo nas cenas da vida produz, a cada passo, trechos desta ordem:

> A menina trajava apenas um alvo roupão de cambraia atacado por alamares feitos de laços de fitas côr de palha: o talhe do vestido, abrindo-se desde a cintura, deixava entrever o seio delicado, mal encoberto por um ligeiro véu de renda finíssimo.
>
> A indolente posição que tomara fazia sobressair tôda a graça de seu corpo, e desenhava as voluptuosas ondulações das formas encantadoras, cuja mimosa carnação percebia-se sob a transparência da cambraia.
>
> Seus longos cabelos castanhos de reflexos dourados, presos negligentemente, deixavam cair algum anéis, que espreguiçavam-se lânguidamente sôbre o colo aveludado, como se porventura sentissem o êxtase dêsse contato lascivo.
>
> Descansava sôbre uma almofada de veludo a ponta de um pèzinho delicado, que, rocegando a orla de seu roupão, deixava admirar a curva graciosa perdida na sombra.
>
> Um sorriso, ou, antes, um enlêvo, frisava os lábios entreabertos; os olhos, fixos na porta, vendavam-se, às vêzes, com os longos cílios de sêda, que, cerrando-se, davam uma expressão ainda mais lânguida a seu rosto. [20]

Estas tintas prediletas à palhêta do autor do *Guarani* são bastante conhecidas.

Carolina entra sorrindo no quarto nupcial, insciente das desgraças que a envolvem, e debruça-se sôbre elas, como à beira de um abismo. Amante dos contrastes, o romancista, para dar maior realce ao delicado temperamento dessa menina, fá-la passar por uma dor violentíssima. O marido suicida-se, ou, antes, desaparece na própria noite do noivado, dando a supor que o houvesse feito. Passam-se anos, as lágrimas estancam, e a dor metamorfoseia-se num "prazer acerbo, no magoar das feridas que se abrem de novo". As

---

[19] *Viuvinha*, p. 102 (2.ª ed.).
[20] Obr. cit., p. 104.

recordações, por fim, dulcificam-se, e a alma agita-se-lhe em anseios mais brandos. Começa, então, a desenvolver-se no seu caráter o mais encantador dos caprichos: a sombra do espôso, alimentada por um pressentimento poético, procura tomar uma forma viva. O amor viúvo tenta ressurgir, pois que a saudade não basta para encher-lhe o coração. A pobre Carolina acirra-se na luta consigo mesma; seu espírito resiste, a princípio; depois, ondula e vacila, acabando por ceder às provocações de um amante oculto, cujas missivas são aceitas supersticiosamente como enviadas de além-túmulo. As ilusões dessa moça chegam ao seu auge, até que um dia se resolvem na ressurreição do espôso, que, de súbito, uma noite, revelando-se no jardim, vem legitimar os pecadilhos, confundindo-se com ela nos eflúvios inefáveis do mais caloroso amor. Os escrúpulos e minúcias afetivas dos dois tipos esboçados, um todo fugitivo, outro cheio de supersticõezinhas angélicas, são, sem dúvida, os precursores de perfis de mulheres que teriam de predominar nos livros de José de Alencar. Almas côr de rosa, com um quer que seja de violetas, e traírem-se pelo perfume, estabelecem-se um terno parentesco entre tôdas as suas criações.

Conseqüência fatal da formação de seu espírito, os produtos de sua imaginação simpatizavam excessivamente com a flor, com a borboleta, com o ninho que o pintassilgo construía no galho da roseira. O autor da *Iracema* amava mais a natureza nas suas miniaturas do que na magnitude que arrebata o espírito através do espaço.

---

Dizia, com razão, o maior crítico dos tempos modernos que "a primeira questão que se deve propor sôbre um artista é esta: — como enxerga êsse artista os objetos? nìtidamente ou não; com que elance, com que fôrça? a resposta define antecipadamente a obra, porque, em uma só linha que seja, não se podendo libertar das primeiras influências, guardará até o fim a feição em princípio manifestada".[21]

O *Guarani*, romance onde todos os tesouros de imaginação e sensibilidade foram derramados pelo autor, produto de uma grande sobreexcitação, que se fundiu inteiriça como vivia na alma do poeta, é a opinião do mestre.[22] Pode-se dizer que, nesta obra, José de Alencar cristalizou sua alma, e que em tôda sua carreira literária várias vêzes teve de regressar a êste fértil veeiro para reforçar algum fio enfraquecido de seu talento. Aí pululam todos os sêres que lhe são gratos e acentuam-se definitivamente os lados da natureza que mais

21 Taine, *Histoire de la littérature anglaise*, vol. V, p. 6.

22 O *Guarani* foi escrito *au jour le jour*, em folhetins, para o *Diário do Rio de Janeiro;* data esta publicação de 1856.

tinham ferido a sua imaginação, com a espontaneidade de uma índole franca e verdadeiramente tropical. O tempo em que êle o escreveu foi justamente o mais árduo do *Diário*. Acoitado em um segundo andar da Rua do Conde, sem livros, sem auxiliares, sem *coterie*, dispondo apenas de um caderno, onde lançava os resíduos de suas leituras sôbre o Brasil, não foi isto razão para que não o secundassem as mais felizes e fecundas disposições de seu espírito.

Os momentos artísticos não duram tôda a vida. Êsse fenômeno de excitação cerebral, com efeito admirável, que os antigos julgavam influição divina ou sobrenatural, o *Deus in nobis* do poeta latino, depende quase sempre de circunstâncias especiais, que em nada honram a valentia humana. Não há quem hoje ignore, depois dos trabalhos de Claude Bernard, Lhuis, Maudsley, Bain, que, nestas ocasiões, só o que nos pertence é a fôrça inicial, e que o cérebro trabalha por sua conta e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O *Guarani* parece ter sido fruto de um dêsses estados mentais. Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esfôrço voluntário obtivera, vazou-se de repente no papel, concretizando-se em uma obra que o próprio autor talvez não soubesse explicar. É visível a influência que certos autores tiveram na gênese do livro. José de Alencar encontra os moldes do romance moderno, segundo os processos de Walter Scott, levado ao maior aperfeiçoamento por A. Dumas, Sue e outros, e necessàriamente teve de procurar nestes mestres os meios de cativar o interêsse dos seus leitores pelo hábil manejo das *medias res*, das máquinas e de tantos outros artifícios, de que abusaram mais tarde Capendu, Ponson du Terrail, Montépin e o próprio Dumas, estragando o gênero e provocando a justa reação que deu em resultado o naturalismo de Zola. Muito lhe serviram, nesse intuito, êstes autores, sem que, contudo, pudesse, com isso, imprimir nova direção ao seu espírito. Enquanto ao aspecto geral, nada, mesmo, tem o *Guarani* que se destaque na fisionomia dos melhores romances publicados no período em que floresceram aquêles escritores. O entrecho é comum. Um cavaleiro português acastelado, com sua família, nas margens desertas do Paraíba, a lutar com a bondade de uns e a maldade de outros, cercado de aventureiros que não lhe guardam fidelidade; uma menina angélica a provocar amôres e sentimentos lúbricos; a dedicação de um índio; ataques de selvagens; atos de bravura e de perícia por parte dos portuguêses: eis o circuito dentro do qual desenvolvem-se as cenas mais importantes do romance. Não há quem não reconheça logo que a idéia do autor, qualquer que fôsse ela originàriamente, cresceu no meio das reminiscências das obras do autor de *Waverley*, e que a visão brasílica entrelaçou-se insensìvelmente com as cenas castelãs

da Idade Média, que, até certo ponto, não deviam diferir, em substância, das que o autor supôs nos tempos coloniais. Quem não verá, em D. Antônio de Mariz, "que, como um rico-homem, devia proteção e asilo aos seus vassalos", um *Ivanhoe* português? Aquela casa do Paquequer, com suas disposições pitorescas e românticas, não lembra de perto os castelos de Kenilworth ou de Lammermoor? E a cavalgada com que começa a narração? E as conspirações dos aventureiros? Os cavaleirismos de Álvaro? os combates? as sortidas? E êsses Aimorés acampados, como uma horda de guerreiros nas ruínas de Carnaque ou sob as barbacãs de algum barão feudal? Enfim, os regulamentos marciais, os pundonores fidalgos, a catástrofe teatral, tudo isso não traz-nos à idéia os monumentos que se prendem à escola que em Itália gerou os *Noivos* e na França, *Notre Dame de Paris?*

Mas não seja isto motivo para doestos ao autor de páginas tão bonitas. A originalidade de sua obra está seguramente em outra parte: esta originalidade consiste na subordinação da natureza bravia à beleza feminil, na transformação de tudo quanto cerca a mulher, ainda mesmo o enorme e o repelente, no mimo, na graça, na candura. Essa concepção, pode-se dizer que resume-se na palavra *Iara,* palavra tupi que significa senhora, e que serve de título a um dos capítulos do livro, acentuando o eixo sôbre o qual volve-se todo o interêsse do drama. Uma menina celestial e ligeiramente caprichosa, que tira da inocência e da candura uma fôrça extraordinária para suplantar o deserto, uma criatura angélica, que, com o seu prestígio insciente, traz a natureza a seus pés: eis a mola, o centro, a magia do *Guarani,* e a explicação de todo o encanto que produziu e ainda hoje produz, em nosso espírito, essa obra inimitável. [23] É justamente por isto que todo aquêle que começa a ler o *Guarani* sente um indizível alargamento na alma. O leitor, desdobrando-se através dos sentimentos inefáveis que desperta êsse ideal de bondade, perde-se no esquecimento de si e da terra aonde pousam-lhe os pés; acha-se como em

---

[23] Há um romance de Méry, — *A Florida,* que talvez despertasse em José de Alencar essa feliz idéia. As cenas dêste livro passam-se também nos trópicos, em uma feitoria situada, se não me falha a memória, na costa de Malabar. A heroina é uma crioula de origem francesa em situação idêntica à de Ceci, que tremula sob o pincel inspirado do autor de *Eva* como uma criação feérica. Mergulhada na solidão das vastas florestas daquelas regiões aspérrimas, onde a deusa Bowania se metamorfoseia, a cada passo, em horrendos perigos, no tigre dos juncais, na serpente gigantesca, na cobra-capelo, no gorila, no tugue estrangulador, nas febres palustres, nas convulsões meteorológicas, essa menina inofensiva combate também o gênio do mal com o olhar azul da inocência. A própria natureza selvagem fornece-lhe armas à sua defesa e dá-lhe fôrças para domar leões que lhe guardam o aposento virginal durante o sono, e elefantes, que a conduzem e acompanham em seus passeios pela floresta.

um país dourado por luzes coadas por opala, num céu azul e esplendente. A natureza revela-se-lhe por inextinguíveis cambiantes; no seio da terra irrompe o *lumen purpureum*, que tudo envolve, quando o cérebro se deixa conquistar pelos glóbulos de um sangue generoso. Tôdas as agruras somem-se da paisagem e um otimismo sadio invade a criação inteira. Um doce sentimento da existência despeja-se sôbre os habitantes desse paraíso artístico; em tudo transluz uma felicidade cristalina.

Êste ponto de vista, se, por um lado, altera a verdade, por outro, força-o a criar situações, sem as quais a obra perderia todo o seu valor.

É sob o influxo, pois, dessa magia que a paisagem do Paquequer se nos mostra cheia de tintas tão maviosas, de efeitos de luz anestesiante.

> A tarde ia morrendo.
>
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sôbre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
>
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrola-se como ondas de ouro e de púrpura sôbre a folhagem das árvores.
>
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
>
> Um concêrto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
>
> Era ave-maria.
>
> Como é solene e grave, no meio das nossas matas, a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite.
>
> Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície: essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; êsses raios perdidos, que, esvazando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sôbre a areia; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma.
>
> O urutau, no fundo da mata, solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do *angelus*.
>
> A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um débil sussurro, que parece o último eco dos rumores do dia, o derradeiro suspiro da tarde que morre.
>
> Tôdas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solene e cediam involuntàriamente a êsse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.
>
> De repente, os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar, quebrando o concêrto da tarde... [24]

---

[24] *Guarani*, vol. I, p. 69 (2.ª ed.).

Esta nítida descrição faz esboçarem-se logo, no espírito, os perfis dos personagens que hão de agitar-se nessa história. Ali não há guarida possível para o mal. Todos os aspectos desagradáveis são espancados pelas tonalidades etéreas de uma alma saturada de incenso e mirra. A imagem da pátria se entretece com os fios dourados pela fantasia oriental do autor; o horizonte não lhe foge em planos indefiníveis, nem em recantos tenebrosos. Como os poetas da Hélade, êle relega para bem longe o *deus absconditus* e circunscreve o seu mundo dentro de uma consciência desanuviada. Sob o céu que habita Cecília, tudo são suavidades e blandícias. O azul é o seu domínio. José de Alencar, mais que nunca, deixa-se possuir pelas *langueurs dorées*. De sua pena seria lícito dizer o mesmo que o autor da *História da Literatura Inglêsa* disse do poeta Tennyson, "um *keepsake doré sur tranche*, bordado de flores e de ornatos sedosos, cheio de figuras delicadas, sempre finas, sempre corretas, que dir-se-iam esboçadas ao acaso para ocupar as mãos brandas de uma noiva ou de uma menina".[25]

O *Guarani* constitui o lado oposto às misérias humanas. Nem um traço, de longe sequer, que recorde Dickens ou Balzac. Percorrendo a galeria inteira de seus personagens, não encontro um só caráter bilioso ou apoplético, em cujo fundo se destaquem as violências reais da natureza humana, os horrores da fisiologia, e que represente a revolta social, a apoteose de um vício ou de uma classe, tremendas escavações nos abismos da consciência. Vautrin, Nucingen, La Palferine, Pecksniff, Ralph, Jonas e outros celerados desconhecem Loredano. A família inteira de Falstaff, que agita-se no mundo shakespeareano, imaginado por aquêles autores, renega o parentesco de Aires Gomes. É o caso de Milton: pintando o inferno, não deixa a musa do paraíso, incapaz das concentrações que produziram em Dante o episódio da tôrre de Ugolino, que a inspiração penetre nos antros onde se escondem as feras e os reptis. Não representavam os gregos a dor em Laocoonte com a serenidade da alma do justo? José de Alencar, figurando a perversidade em frei Ângelo de Luca, fá-lo com uns toques tais de meiguice, que retiram tôda a hediondez de suas malversações, de sorte que as cenas tétricas do romance não passam de contrastes, claros-escuros, indispensáveis à harmonia do cenário. A meiguice, pois, da cândida Ceci influi por tôda parte; inútil é fugir ao seu prestígio, à grácil magia de seu temperamento.

Vamos encontrar essa gentil menina a "se embalançar indolentemente numa rêde de palha, prêsa aos ramos de uma acácia

---

[25] Taine, obr. cit., V, p. 422.

silvestre, que, estremecendo, deixa cair algumas de suas flores miúdas e perfumadas".

> Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vêzes se abriam lânguidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas.
>
> Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor de gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite, o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes côr de rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.
>
> O seu trajo era do gôsto o mais mimoso e o mais original que é possível conceber: mistura de luxo e simplicidade.
>
> Tinha, sôbre o vestido branco de cassa, um ligeiro saiote de riço azul, apanhada a cintura por um broche; uma espécie de arminho côr de pérola, feito com a penugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus ombros e o harmonioso contôrno de seu braço arqueado sôbre o seio.
>
> Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva e caíam em volta do pescoço, prêsos por uma resilha finíssima de fios de palha, côr de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável.
>
> A mãozinha afilada brincava com um ramo de acácia que curvava carregado de flores; e ao qual, de vez em quando, segurava-se para imprimir à rêde uma doce oscilação.
>
> ...O que passava-se nesse momento em seu espírito infantil é impossível descrever: o corpo, cedendo à languidez que produz uma tarde calmosa, deixava que a imaginação corresse livre.
>
> Os sopros tépidos, que vinham impregnados dos perfumes das madressilvas e das açucenas agrestes, ainda excitavam mais êsse enlêvo e bafejavam, talvez, nessa alma inocente, algum pensamento indefinido, algum dêsses mitos de um coração de moça aos dezoito anos.
>
> Ela sonhava que uma das nuvens brancas que passavam pelo céu anilado, roçando a ponta dos rochedos, se abria de repente, e um homem vinha cair a seus pés, tímido e suplicante.
>
> Sonhava que corava; e um rubor vivo acendia o rosado de suas faces; mas a pouco e pouco êsse casto enleio ia se desvanecendo e acabava num gracioso sorriso que sua alma vinha pousar nos lábios.
>
> Com o seio palpitante, tôda trêmula e ao mesmo tempo feliz, abria os olhos; mas voltava-se com desgôsto, porque, em vez do lindo cavaleiro que ela sonhava, via a seus pés um selvagem.
>
> Tinha então sempre, em sonho, um dêsses assomos de cólera de rainha ofendida, que fazia arquear as sobrancelhas louras e bater sôbre a relva a ponta de um pèzinho de menina.
>
> Mas o escravo suplicante erguia os olhos tão magoados, tão cheio de preces mudas e de resignação, que ela sentia um quer que seja de inexprimível, e ficava triste, até que fugia e ia chorar.
>
> Vinha, porém, o seu lindo cavaleiro, enxugava-lhe as lágrimas, e ela sentia-se consolada e sorria de novo; mas conservava sempre uma sombra de melancolia, que só a pouco e pouco o seu gênio alegre conseguia desvanecer. [26]

---

[26] *Guarani*, vol. I, p. 45.

O que falta, nessa mimosa descrição, para completar o tipo de anjo descido do céu para dominar guerreiros e cativar selvagens?

O poeta não fêz mais do que dar corpo ao sonho de Cecília. Tudo vai obedecer-lhe; tudo vai adorá-la. Sua presença no Paquequer dulcificará os mais duros corações. A própria natureza que a cerca amolenta-se para recebê-la; e ela, confiada nas promessas, dormirá à beira dos abismos. A austeridade de D. Antônio de Mariz quebrar-se-á diante de suas ingênuas pretensões; as raivas burlescas de sua mãe D. Mariana se dissiparão ao som argentino de suas falas; os ciúmes de sua irmã Isabel se confundirão com o pesar de não ser tão boa; o valor de Álvaro transformar-se-á em um hino perene, como os sussuros da cascata iriada pelos raios de um sol ardente. E Peri, o selvagem, que a supusera, pela primeira vez, a imagem da virgem adorada pelos cristãos? Peri, que o missionário reduzira à estupefação das coisas maravilhosas? Peri, o representante da fôrça nativa e tropical, será um autômato; mover-se-á com a fidelidade e o heroísmo do cão aos seus menores desejos; constituir-se-á a providência na floresta. Os passarinhos, as rôlas, os colibris virão festejá-la entre as flores de seu jardim, e o próprio jaguar, pela mão do índio audaz e submisso, virá rojar-se a seus pés por um capricho maravilhoso. As selvas lhe oferecerão os seus frutos mais deleitosos, os seus perfumes mais suaves, alcatifando-lhe os passeios de ervas aveludadas, arqueando-se em dosséis esplêndidos, e até formando-lhe, à margem do rio, com embastidas lianas e palmas majestosas, deliciosos recessos, aonde a diva possa boiar e brincar sôbre as águas, segura de olhos indiscretos que lhe estremeçam o pudor.

Chegada a êste ponto a concepção, nada mais natural do que a transformação do selvagem nesse amálgama de sentimentos agrestes e de um cavalheirismo só comparável ao dos mais extremosos menestréis da Idade Média. Porque, afinal, Peri mostra-se ainda mais blandicioso do que Álvaro, que a requesta. Peri adivinha os pensamentos de Iara. Se Cecília imagina cercar-se de colibris, êle percorre as matas e colhe um cofo cheio dessas flores aladas e prismáticas; se, por descuido, ela manifesta a curiosidade de ver um tigre, afronta os maiores perigos e arrasta até seus pés a fera viva e açaimada; se lobriga um objeto no fundo de um precipício, aonde silvam reptis venenosos, despenha-se, e, acompanhando a vista da senhora, vai satisfazer um desejo nem sequer enunciado, e, com a seta certeira, traça uma linha impenetrável que a defende contra todos e contra tudo. O prazer dessa menina é a sua vida, a sua religião. Para ela, não havia impossíveis.

Um dia, Cecília, apontando para os brancos vapores que atravessavam o céu, perguntou-lhe, se ela pedisse a nuvem, êle iria buscá-la.

— Peri ia buscar.

— A nuvem?

— Sim, a nuvem... sòmente, como a nuvem não é da terra e o homem não pode tocá-la, Peri morria e ia pedir ao Senhor do ceu a nuvem para dar a Ceci. [27]

É preciso confessar que, por último, êste selvagem chega a um refinamento que faz quase esquecer a sua origem autóctone. A tendência para o gracioso leva o autor, por exemplo, a escrever páginas como esta:

Ceci era o nome que o índio dava a sua senhora, depois que lhe tinham ensinado que ela se chamava Cecília.

Um dia, a menina, ouvindo chamar-se assim por êle, e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde, que obedecia ao seu menor gesto, repreendeu-o com aspereza.

— Por que chamas-me tu *Ceci?*

O índio sorriu tristemente.

— Não sabes dizer Cecília?

Peri pronunciou claramente o nome da moça, com tôdas as sílabas; isto era tanto mais admirável quanto a sua língua não conhecia quatro letras, das quais uma era o L.

— Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, se tu sabes o meu nome, por que não o dizes sempre?

— Porque Ceci é o nome que Peri tem dentro da alma.

— Ah! é um nome da tua língua?

— Sim.

— O que quer dizer.

— O que Peri sente.

— Mas, em português?

— Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fêz um gesto de impaciência.

D. Antônio passava: Cecília correu ao seu encontro.

— Meu pai, dizei-me o que significa *Ceci* nessa língua selvagem que falais.

— Ceci é um verbo que significa doer, magoar.

Que galhardo mancebo, dos mais exímios nas justas do galanteio, conseguiria ferir sua amada com tanta doçura e delicadeza?

Quanto a Cecília, logo que se afaste do seu papel sobrenatural, ter-se-á uma nova encarnação, mais perfeita, de Carolina e de Carlota. Como as suas duas irmãzinhas, não tem a inocência cismadora da Margarida de Goethe, nem o diáfano da Déia de Hugo; menos beata que Atala, é mais petulante que a Virgínia de Saint-Pierre, pudica simplesmente, como Eva, antes do pecado.

No epílogo, parece que se concentraram todos os beijos dessa musa sorridente. É, talvez, o único idílio, em língua portuguêsa, que

[27] Obr. cit., vol. II, p. 105.

rivalize com a bucólica austral de Saint-Pierre, tão justamente admirada pelo autor dos *Mártires*. [28]

Se houve talento nos idealistas, êsse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas criações. Não há negar que José de Alencar, no epílogo do *Guarani*, apesar de romper, a cada passo, com o real, chega a embevecer-nos na possibilidade daquelas festas da natureza, naquele despontar de amor em Cecília pelo brusco Goitacás. Se a ilusão é tão bem disposta ! se as luzes e cambiantes, espalhados na tela pelo mágico pincel, nos prostram em uma tão doce languidez, em uma tamanha *nostalgia celeste* ! Quem há, aí, que não siga, com o coração doidejante, aquela canoa a resvalar como uma sombra pela face lisa do Paraíba, arrebatando a intangível *Iara* às desvastações dos Aimorés ? E a transfiguração dêsse humilde Peri, que, por último, tem mais de anjo das florestas personificando o bom gênio do Brasil, do que do antropófago descrito por Hans Staden e Léry ? Em plena selva, a fantasia do poeta alonga-se em descrições de uma côr nativa admirável, aonde, usando de uma frase sua, encontram-se à farta as acritudes da manga e do caju; as paisagens esfuziam-se em tropicalismo intenso: lembram, incontestàvelmente, Chateaubriand, mas despido dêsse esmagamento de um espírito assoberbado pelo deserto, dêsses êxtases histéricos que levaram Proudhon a qualificar de *femmelins* todos os escritores que se prendem a Rousseau. [29] O sentimento da solidão é quebrado a todo instante pelo perfume das gardênias e pelo esvoaçar dos colibris. A imensidade retrai-se para formar um grupo conciso e nítido, aonde o espírito do leitor atém-se a uma visão concreta e viva.

Ceci, acordando do pesadelo que a assombra, colocada no meio daquela solidão, abrigada ùnicamente pelo braço do selvagem, depois de consolar-se e submeter-se ao destino, anestesiada pelos carinhos do amigo, que a conduz, invulnerável e respeitada pelas fôrças brutais da natureza bravia, vê-se, pela primeira vez, só diante daquele "silêncio que parece falar", onde "as sombras se povoam de sêres invisíveis e os objetos, na sua imobilidade, como oscilam pelo espaço". O índio dorme, prostrado pelo cansaço, no fundo da canoa, e ela, a debilidade entregue à fôrça, não tarda comover-se em face do escravo que se transformara em herói.

---

28 O que é para admirar é que José de Alencar dera por acabado o romance com a catástrofe em que desabou a casa de D. Antônio de Mariz. Mas, a pedido de suas irmãs, que liam a obra com o máximo interêsse, permitiu escrever êsse epílogo, da mesma maneira que, já por idênticos empenhos, supliciara o perverso Loredano em uma fogueira, pouco antes do desastre.

29 "Le moment d'arrêt de la littérature française commence à Rousseau: il est le premier de ces femmelins de l'intelligence en qui, l'idée se troublant, la passion ou la passivité l'emporte sur la raison." Proudhon, *Influence de l'élément féminin sur la littérature française*.

> Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva.

Cai a crosta do goitacás e surge o homem ideal, o amante desanuviado de todos os preconceitos sociais, forte, dessa fortaleza que só possuem as naturezas virginais. O filho das matas, o senhor das florestas transfigura-se aos olhos de Ceci; "as montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as árvores seculares servem de trono e de dossel a êsse monarca das selvas". Admira-o e agradece sua abnegação; contempla-o bafejado pela aragem matutina, acariciado pelas águas do rio, que arfam docemente, pelos leques de palmeiras, que se agitam rumorejando. Uma filosofia que não é da terra, uma filosofia celestial faz-lhe entrar na alma uma grande resignação. Lembra-se ligeiramente da sua vida risonha de outrora e uma lágrima pende de seus cílios e cai sôbre a face de Peri. O índio desperta; e um mundo de novas e desconhecidas sensações começa para êle nesta doce intimidade. O seu enleio cresce, à proporção que o índio exprime-se em sua pitoresca linguagem. Ela "é como a rolinha, quando atravessa o campo, sente-se fatigada e descansa sôbre a asa de um companheiro, que é mais forte"; êle é quem "guarda seu ninho enquanto dorme, quem vai buscar o alimento, quem a defende, quem a protege". Estas comparações a sobressaltam, a princípio, mas não obstam a que as duas almas se confundam, que os olhos de Peri brilhem demais, que êle se repute seu escravo... seu irmão. Cecília, por fim, esquecida de tudo, familiarizada com a selva, que, graças a Peri, converte-se no verdadeiro *boudoir* de uma sultana, para satisfazer os seus menores desejos, adormece num berço de flores, acalentada pelos sonoros ruídos que se difundem pelos arredores. Peri, porém, pressente a convulsão dos elementos em roda, vê o Paraíba erguer-se nas ferocidades de uma inundação e prepara-se para disputar sua *senhora* às garras do cataclismo. A menina é deposta na canoa e o índio voa adiante da procela; não tarda a ser colhido pelo perigo, e, trêmulo, com a inocente criatura adormecida nos braços, acoita-se no ôlho de uma palmeira. A torrente, entretanto, recrudesce, com todos os horrores dos fenômenos desta ordem; as águas a pouco e pouco sobem, ameaçando o abrigo; chega o momento crítico; o índio é um herói, desce, mergulha, e, realizando uma obra de Hércules, consegue desarraigar a palmeira. No meio da imensidade das águas, bóia o improvisado esquife "como uma ilha de verdura, banhando-se na corrente". Pela primeira vez, o valoroso selvagem desespera, por não poder poupar à sua senhora um momento de terror; mas, ainda assim, êle, que vencera o tigre, que vencera os homens, que vencera o veneno, crê vencer os elementos, e, perdido na

solidão tumultuosa do rio, pensa em salvá-la numa dobra do horizonte. A palmeira deriva, arrastada pela torrente, para sumir-se no infinito dos mares, e os dois amigos, embebendo suas almas em um sentimento de ternura infinda, coroam o romance com as tintas mais delicadas e gráceis de que se serviu a inspiração de José de Alencar.

> O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face. Fêz-se, no semblante da virgem, um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como asas purpúreas de um beijo soltando o vôo.

A saudade, que deixa na alma êste final vago e vaporoso, desculpa bem as violências cometidas por essa musa feminil contra os documentos da vida real.

## III

## AÇÃO E REAÇÃO

### 1856-65

Apesar de ter sido fraca a ação do meio sôbre o artista, não deixou de produzir seus efeitos, desviando-o, por momentos, da sua linha impulsiva. Começou em 1856, para José de Alencar, um período em que se pode dizer que o público mais ou menos diretamente determinou os produtos do seu estro. Êste fato explica-se pela vida de jornalista, que o absorvia de dois anos àquela parte. Em contato quotidiano com os homens políticos, impelido incessantemente para as questões sociais, não lhe foi possível recusar-se à polêmica e à luta; o espírito das discussões cedo empolgou a alma vaidosa do poeta, e o atrito do mundo não tardou em chamá-lo para fora dos perfumes e cambiantes entre os quais vivia. Não lhe faltavam estímulos; mas, como nem sempre o público satisfaz-se com a *pose* que mais nos quadra, na vida de contínua exibição a que o jornalismo o obrigava, reconheceu José de Alencar a necessidade de manter o favor das turbas, e procurou o teatro, que, nesse tempo, parecia agitar-se ao sôpro das esperanças de algumas peças nacionais. Não foi, portanto, a índole de poeta, nem a musa do *Guarani*, que o levou a semelhante cometimento; foi simplesmente a vanglória do polemista, cheio dos movimentos do dia e das oposições de escola, quase que poderia dizer o articulista sôbre a *constituinte perante a história*, [30] ávido de vitórias e desejoso de mostrar a multiplicidade de seu talento. Forçoso era que assim acontecesse, porque essa musa parece ter-se prestado muito contrariada a tais intuitos, desde que em si ela nada encontrava de reacionária, desde que tinha horror aos estrangulamentos e à guilhotina literária. Contudo, José de Alencar entrou no torvelinho e, embora de empréstimo, empunhou o copo socialista no festim da moda, para acudir aos reclamos de Dumas Filho, Augier e Feuillet, cujos ecos estrepitosos faziam esquecer as comédias do desventurado Pena. E foi assim

---

[30] Refiro-me aos belos artigos publicados no *Diário*, refutando os escritos do Sr. Homem de Melo assim intitulados.

que *La dame aux camélias*, *Question d'argent*, *Le gendre de M. Poirier* e outras produções dramáticas tiveram *pendant* nas *Asas de Um Anjo*, *Crédito*, *Expiação*, etc. Não se dá, porém, uma passada nesse novo terreno, percorrido pelo autor de *Iracema*, sem que se reconheça quanto, no fundo, eram antipáticas à sua índole as audácias dessa escola. A propaganda, a sátira e a revolta contra as instituições, de certo não eram os adubos que mais pròpriamente podiam condimentar a nova obra tentada no teatro. Os elementos substanciais da nova escola transformavam-se em um dissolvente horrível na pena de quem escrevera o epílogo do *Guarani*, e a cada página vão produzir desarmonias imensas em sua alma, por via dessa literatura, ora céptica, ora ungida, ora revolucionária, que, tendo começado com o turbilhão sinistro dos personagens demagógicos de Eugênio Sue, depois enfeitados e alimpados pelas mãos delicadas de George Sand, por último, em forma de teses, surgia na rampa dos teatros com a atitude do pregador cristão, tomando por tema, alternadamente, frases do Divino Mestre, de Diderot ou de Voltaire. Não; decididamente, essa atmosfera prejudicava-o sobremaneira; nem jamais o modelador das formas divinas da ideal Ceci poderia, com desassombro, jurar nos altares de Stendhal, cujas opiniões naturalistas já por vêzes tinham invadido os arraiais do romantismo, nem encarar os paradoxos de Balzac, cujo gênio rugia à espera só de lógica e observação. A autora de *Mauprat* dissera: — "a nossa poesia celebra a luta da natureza contra a civilização, a reivindicação dos direitos da animalidade suprimidos pela sociedade"; os desvarios de 93 recomeçavam na literatura, que saía dos braços ungidos de Chateaubriand para cair nos do feroz e incoerente Rousseau. Se assim, pois, definiam-se as pretensões dos restauradores do teatro, como seria possível a José de Alencar aí encontrar inspirações fortes e legítimas? A conseqüência foi que as almas de Carolina, Carlota e Cecília, que persistiam vívidas, fulgentes, na imaginação do autor, tiveram de aparecer coagidas por um meio estranho e artificial, e violentadas pelas *crâneries* da *Valentina*, da *Indiana*, de *Lélia*, do *Jacques*, de G. Sand, da *Musidora*, de Gautier, da *Fernanda*, de Dumas.

A vida de perto, sôbre o palco, põe em derrota todos os fulgores de sua fantasia. Desaparece-lhe todo aquêle aprumo, que faz a glória dos seus primeiros escritos, e um constrangimento sem nome abafa os brotos de sua luminosa inteligência.

Que a história de Mlle. Duplessis, a história ingênua de uma grande dor, narrada sem mais atavios e sem intenções ocultas, lhe fôsse um caminho seguro, não há que duvidar; mas o passo não ficou nessa pecadora sublime, e êle, pretendendo seguir as heroínas loucas, *crânes*, dos romances pertencentes àquele período declamatório,

pojou na região do absurdo. As tábuas do cenário tiveram de ceder, desconjuntando-se sob seus mal seguros pés, e dessa temeridade resultou que, em lugar da verberação dos vícios ou do desbarato das instituições profligadas, encontra-se, ou a apologia de um caráter ao som da lira de Apolo, ou a incongruência de uma alma construída de pedaços heterogêneos.

No prólogo da primeira edição do *Verso e Reverso,* [31] lê-se que, uma noite, porque êle vira alguém no teatro Ginásio assistindo à representação de uma comédia livre, "veio-lhe o desejo de fazer essa pessoa sorrir sem obrigá-la a corar", e sucessivamente compôs aquela peça, que, de certo, não deixa de ser um prolongamento do estado ditirâmbico em que o deixara o abalo provocado pela diva. O *Verso e Reverso* não passa de um quadro risonho, e como destacado ainda das mesmas impressões que lhe haviam ditado os folhetins *Ao Correr da Pena:* é a censura inocente dos costumes, um painel gracioso da vida fluminense, contrastando com as idéias de provinciano recém-chegado, cheio de preconceitos. O espírito corre livremente, ladeado por uns toques ligeiros de malícia; através de uns namoricos de primos, muitas cenas são tomadas do natural, mas tudo trescala o aroma dos jasmineiros das margens do Paquequer e da chácara em que o autor habitava, em S. Cristóvão. Patenteado o pórtico, entretanto, José de Alencar não duvidou em transpor os penetrais, e de corpo inteiro precipitou-se em um mundo novo de criações abstrusas, que o estava a namorar. Se, por exemplo, se tomar Carolina, nas *Asas de Um Anjo,* [32] onde em má hora o autor se propôs discutir a reabilitação da mulher, castigando a injustiça da sociedade, que a cada passo tolhe o regresso da perdida ao campo da virtude, percorrer-se-á todos os cinco atos da comédia sem achar senão as contradições e incongruências de um caráter falho. O poeta esforça-se por dar vida à idéia que pretende encarnar na sua heroína; mas todo o esfôrço é baldado, porque as peças desatam-se, afrouxam-se as molas, e o manequim cai por terra sem vida, mostrando todo o artifício que o sustentava de pé. A infeliz, por mais que seja torturada, não perde o parentesco das Cecílias, que constituem a verdadeira afeição do dramaturgo; o que há de repulsivo no tipo dessa pecadora mostra-se como excrescência enorme, transformando-se assim o objetivo do artista numa superfetação que mal assenta no vulto simpático, que antecede a seus intuitos. Repugna aceitar a naturalidade dêsses atos abjetos, que são atribuídos a Carolina. A degradação nunca advém a uma mulher em semelhantes circunstâncias, senão por uma progressão lógica, lenta e laboriosa, e da qual

---

[31] Representado, pela primeira vez, no Ginásio, em 28 de outubro de 1857.

[32] Representada, pela primeira vez, no mesmo teatro, em junho de 1858.

raro emerge-se sem ser por uma reconstituição na mesma ordem, a menos que se não recuse a lei reconhecida pelos homens de ciência: *natura non facit saltus*. A arte, neste caso, portanto, tornou-se-lhe ingrata; fêz estalar a matéria-prima; procurando subordiná-la, e em lugar da verdade, da pintura real de um estado psíquico, ela nos exibe um desconhecido aleijão. Os cinco atos da peça nada provam, nada explicam; as falas postas na bôca de Carolina ou de Luís não são humanas, nem sequer saem convictas do coração de quem ousou traçá-las no papel; são declamações ou tiradas enfáticas, dissonantes da alma dos modelos que todo artista, observador ou não, guarda no fundo, bem fundo, do seu *atelier*. É o que há de confessar quem quer que leia trechos como êste:

CAROLINA — Amor?

ARAÚJO — Amor do dinheiro.

CAROLINA — Mas, sèriamente, os senhores não me compreendem. Não sabem que, para uma mulher, não há ouro que valha o prazer de humilhar um homem.

MENESES — Tanto ódio nos tens?

CAROLINA — Muito!...

ARAÚJO — Contudo, não posso crer que, aquelas que, durante tôda sua existência, correm atrás do dinheiro, façam dêle tão pouco caso.

CAROLINA — Pois creia; tôdas essas minhas jóias, todo êsse luxo e riqueza, que me fascinaram e que hoje possuo, não os estimo senão por uma razão.

ARAÚJO — Qual?

CAROLINA — Talvez possam realizar um sonho de minha vida.

ARAÚJO — E que sonho é êste?

CAROLINA — Não digo.

ARAÚJO — Por que?

CAROLINA — Vai zombar de mim.

ARAÚJO — Não tenha receio.

MENESES — Para zombar, começaríamos tarde.

CAROLINA — E que zombe, não faz mal. Tôda criatura boa tem o seu fraco; assim, tôda mulher, por mais desgraçada que seja, conserva sempre um cantinho puro, onde se esconde sua alma.

MENESES — Estás bem certa de que tens uma alma, Carolina?

CAROLINA — Talvez me engane; é possível. Mas eu guardo-a com muito cuidado.

ARAÚJO — Aonde, nalguma caixinha?

CAROLINA — Justamente! numa caixinha de charão... Vai ver, Helena; está no meu guarda-vestidos.

MENESES — E debaixo de chave! É prudente?

CAROLINA — No meio de tôdas as minhas extravagâncias, de todos os meus prazeres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma que nunca ficava satisfeita; chamei a isto minha alma, tive pena dela, fechei-a dentro dessa caixa e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz. (Helena volta com a caixa).

ARAÚJO — Ah! é esta?

MENESES — E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade?

CAROLINA — Não sei; mas, como o dinheiro é tudo, fiz uma coisa: dividi o que eu tinha e o que viesse a ter com a minha alma. Voltava de uma ceia onde me tinha divertido muito; metia dentro desta caixa todo o dinheiro que possuía, para que, um dia, o espírito tivesse um igual divertimento. As minhas jóias, depois de usadas uma vez, se escondiam aqui dentro; enfim, a cada prazer que eu gozava, correspondia uma esperança, que guardava.

MENESES — E quanto valerá, hoje, tua alma?

CAROLINA — Não sei; o que entra aqui, é sagrado, não lhe toco, não lhe olho, tenho mêdo da tentação. Só abro esta caixa à noite, quando me deito.

MENESES — Poi deixa dar-te um conselho: põe tua alma a juro, no banco, e esquece-te dela. Há de servir-te, na velhice. Ou então, diverte-te.

CAROLINA — Não; vou dá-la.

ARAÚJO — A quem?

CAROLINA — A um homem que me não ama: e por causa do qual jurei que havia de ver todos os homens a meus pés, para vingar-me nêles do desprêzo de um. E sabem se cumpri meu juramento.[33]

Estas palavras, ou são de uma farsante, que estuda os seus papéis para exibi-los em público corretamente, ou não passam de uma monstruosidade impossível, porque ainda está para ser observado um caráter brando como o de Carolina, com energias satânicas, ao mesmo tempo, para conceber e realizar a idéia de degradar-se teòricamente, com o fim único de vingar-se do homem que não a ama. Nos áditos da alma humana, as molas e as engrenagens movem-se por um modo muitíssimo diverso. José de Alencar não procurou, nem podia procurar, a explicação dêsses segredos; e, colocado entre o ideal e o real, ficou muito longe de atingir a fúria desarrazoada, mas eloqüente, dos propagandistas e iconoclastas que o desviavam do seu caminho.

Não menos enfáticas são as frases que a sociedade fulmina pela bôca de Luís, o homem por quem Carolina faz todos êstes esforços de acrobática psíquica, — tipo, por sua vez, impossível, rebuscado, que, no fim da peça, sacrifica-se aos preconceitos sociais, casando-se com a infeliz, e isto, não por um movimento de paixão, mas por ato detido e refletido, como desagravo à justiça que a sociedade não soube fazer. *Words, words!* como dizia Shakespeare. Palavras e só palavras.

José de Alencar, portanto, fugia a si mesmo; e vê-se que, entre a cena primeira e aquêle lacinho de fita perdido, que, no final, é restituído a Carolina, com as *suas asas virginais*, devera existir um nexo mais consoante com a verdadeira índole da protagonista.

O desenvolvimento das teses do *Crédito* e da *Expiação* sofre a mesma crítica.

---

33 *Asas de Um Anjo*, p. 164 (2.ª ed.).

Se passarmos ao *Demônio Familiar*,[34] propaganda contra a escravidão, depararemos com igual desacêrto. José de Alencar propõe-se aí mostrar os inconvenientes que chegam à família com a presença, em seu seio, de elementos sorrateiros de dissolução íntima, como é, indubitàvelmente, o escravo. Afastando-se dos processos já empregados em idêntico fim, longe de enternecer o público com a evangélica figura de um Pai Tomás, por cujas virtudes e por cuja sorte o talento de Mme. Beecher Stowe conseguiu interessar o mundo inteiro, leva-o apenas ao riso de bonomia, diante das travessuras de um moleque inteligente. Não resta dúvida que êsse *diablotin* da Rua do Ouvidor, a não passar das garotices aprendidas e macaqueadas do próprio senhor moço, não causaria susto a ninguém; podia-se continuar a tê-lo em casa, quando nada, para lustrar as botas. Pedro não é um produto da escravidão; é um produto da família brasileira; eis o grande engano. Quando muito, seria uma recriminação à relaxação dos nossos costumes, e, neste caso, tanto o papel assentaria num fâmulo ou num filho-família de sentimentos menos elevados, dado a palestras de cozinha e a seduções de criadas, como no ardiloso moleque, criado com os mesmos vícios e vítima dos mesmos maus costumes que o *enfant gâté* da casa. A nota acre escapou-lhe ainda desta vez, e o ferrête da ignomínia não extinguiu ninguém. Que importa que Pedro, por exemplo, venha trazer uma carta de namôro à sinhá moça? Não faz mais do que o que fizeram os Scapins de tôdas as épocas. Molière encarnou um vício que se acha em tôdas as sociedades, quer com escravos, quer sem êles; as suas comédias estão cheias de cenas semelhantes, sem que isto o arregimente no arraial dos inimigos da condenada instituição. O moleque é um farsola de fôrça, é um garôto incorrigível, e profere frases assim:

> — Mas nhanhã precisa casar! Com um moço rico como o Sr. Alfredo, que ponha nhanhã mesmo no tom, fazendo figurão. Nhanhã há de ter uma casa-grande, com jardim na frente, moleque de gêsso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parelhas e Pedro, cocheiro de nhanhã... Nhanhã fica rica, compra Pedro, manda fazer para êle sobrecasaca à inglêsa: bota de canhão até aqui *(marca o joelho)*; chapéu de castor; tope de sinhá, tope azul no ombro. E Pedro só, trás, zás, zás! E moleque da rua dizendo: "Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha!..." Meio-dia, nhanhã vai passear na Rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapèuzinho aqui na nuca; peitinho estufado; tundá arranstando só! Assim, moça bonita! Quebrando debaixo de sêda e fazendo xó, xó, xó! Moço, rapaz deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no ôlho. "Oh! que peixão!..." O outro já: "V. Ex.ª passa bem." E aquêle homem que escreve no jornal tomando nota para meter nhanhã no folhetim.[35]

[34] Comédia representada, pela primeira vez, no Ginásio, em 5 de dezembro de 1857.

---

[35] *Demônio Familiar*, p. 22 (2.ª ed).

Em que estas petulâncias ferem a instituição?

A peça, entretanto, como pintura de costumes e cenas de interior, não deixa de encerrar naturalidade, apesar de muito embelecidas pela imaginação e apanhadas sempre pelo lado grácil e simpático.

A *Mãe* é um outro livro de propaganda, no qual, muito menos do que no *Demônio Familiar*, o autor consegue acentuar as suas intenções emancipadoras. [36] Não há aí sequer uma cena repulsiva e característica da escravidão. Joana, a escrava, heroína do drama, se prova alguma coisa, é simplesmente que nem o estado servil pode apagar no coração da mulher o sentimento materno. O papel dessa mulata, ocultando-se de Jorge, que, pelas circunstâncias, se tem elevado a uma posição social, a sua qualidade de mãe operando prodígios de dedicação para poupá-lo ao mínimo desgôsto, fazendo-se vender pelo próprio filho para, com o produto, salvar a honra do pai de sua amada, matando-se, afinal, para que aquêle, em último caso, não tenha diante de si uma escrava como autora de seus dias; tudo isto, incontestàvelmente, é sublime e muito natural em uma mãe; mas impróprio, pouco provável em gente de cozinha, em gente aviltada, e de todo inverossímil no cenário dos costumes brasileiros. Como argumento, parece até contraproducente; porquanto, se a escravidão produz caracteres como o da mãe de Jorge, tanto apuramento de sensibilidade, tanta nobreza de coração, tanta energia, a escravidão não é essa sentina de vícios e corrupção apregoada por nós, os antiescravocratas. O que resulta daí, afinal, é que a idéia abolicionista tornou-se, apesar seu, um pretexto para contrastes e situações que dessem maior relêvo à apologia dêsse sentimento heróico chamado sentimento materno, que tumultuava-lhe na alma de poeta, pedindo uma forma eloqüente.

Há fatos que podem muito bem ter acontecido, mas que o público, quando os ouve relatar, estranha, por desconhecê-los inteiramente, por julgá-los fora de tôda possibilidade. E, no teatro, creio ser uma lei impreterível — nunca expor circunstâncias acêrca das quais os espectadores possam dizer: tal nunca se deu. A *Mãe* arrisca-se a isto.

Não obstante, as composições dramáticas de José de Alencar revelam conhecimento da cena e energia no esboçar do perfil de alguns dos personagens. Os tipos sérios, como os heróis dos *Cinco Minutos* e da *Viuvinha*, são cópias do perfil austero do próprio autor. As mulheres, Luísa, do *Verso e Reverso*, Elisa, da *Mãe*, Carlotinha e Henriqueta, do *Demônio Familiar*, têm, tôdas, o porte, a graça e a suavidade de contornos das suas primeiras heroínas. É pena que José

---

[36] Drama representado no Ginásio, em 1860.

de Alencar não chegasse a fazer brotar e viver no teatro as verdadeiras flores de sua alma e que os tipos ingênuamente cômicos de Azevedo, o *blasé*, de Vasconcelos, o velho pinga, de Custódio, o eterno ledor de jornais, sejam ofuscados pelas tiradas desabridas, pelos artigos de fundo de um Meneses-Desgenais ou pela enfática corrupção de um Vieirinha.

Não era a mordacidade o seu elemento, e o ridículo, em suas mãos, antes embala do que fere.

Neste ponto, a sua natureza irmana-se, como gêmea, à alma chorosa de Lamartine. Conta-se que, tendo, um dia, um célebre caricaturista pedido ao poeta das *Meditações* o retrato para um álbum de caricaturas, recusou-o êle peremptòriamente, dizendo que nunca consentiria que a imagem do homem, obra de um Deus onisciente, fôsse deformada pela maldade artística, na terra. Êsse rigor helênico, tinha-o José de Alencar em alta dose, e por isso devera o seu teatro ter tomado outra direção.

O Ginásio deu-lhe, apesar de tudo, alguns triunfos. Deveu-os êle, principalmente, ao conhecimento da técnica teatral. Seus dramas, se sofrem pelo *but manqué*, não assim quanto à disposição das cenas. O *Demônio Familiar*, por exemplo, é um espécime de perfeição. [37]

---

José de Alencar deu incontestável realce ao *Diário do Rio*, e a sua passagem pela imprensa diária ainda hoje se faz lembrar nos traços fulgurantes que deixou. Parece, porém, que o teatro e o jornal foram, para êle, uma e a mesma coisa, – um desvio da sua verdadeira vocação, uma ponte de lianas, perigosa e frouxa, posta à fôrça entre o *Guarani* e a *Iracema*. E atravessou-a, impertérrito e ufano, mostrando o seu equilíbrio e flexibilidade, passando pelas vivas emoções que costumam produizr estas exibições e êstes movimentos arriscados. Sustentado sempre pelo aplauso, chegou ao lado oposto sem um gesto que traísse a sua deslocação: o estilo foi-lhe maromba admirável! Hoje, que as lianas, com a ação do tempo, têm-se desprendido, só enxerga o crítico o que é sólido e real, e tudo quanto, momentâneamente, o autor obteve por artifícios fica de lado, para só atender-se ao que lhe pertencia e dimanava da sua individualidade. Quem quer que se dê ao trabalho de percorrer friamente as notáveis colunas do *Diário* daquele tempo, verá aí a mesma *pose* teatral que buscou em suas dissertações sôbre o palco o criador das

---

[37] Além das peças teatrais acima indicadas, José de Alencar compôs *A Noite de S. João*, comédia lírica em dois atos, que foi posta em música por Elias Álvares Lôbo.

cenas da *Mãe* e das *Asas de Um Anjo*. Nestes escritos, de certo, não se assinala um espírito positivo, verdadeiramente político; a *verve* do polemista liberal, fascinado pelas idéias que rutilavam no céu político do velho continente, amortecia-se, a cada passo, pela natureza aristocrática, que formava o fundo de sua alma e enluvava-lhe o estilo, sepultando-o nas alfombras do *boudoir* de Ceci, de Carlota, de Carolina. José de Alencar era apenas um engenhoso impressionista. Não arrastava pela profundeza das idéias; o seu segrêdo tinha sido conseguir sempre escolher, nas discussões, um ponto de vista de tal modo artístico, que raro era não surpreender ou deixar de ferir ainda mesmo aquêles para quem o fundo dos seus pensamentos não passaria, afinal, de meros lugares-comuns. Forma, tão sòmente forma!

Jornalistas de incontestável merecimento já se tinham mostrado nos horizontes da nossa pátria. Justiniano José da Rocha, Paranhos, Amaral e Tôrres Homem projetavam as suas sombras de gladiadores muito longe. A muitos pareceu que o jovem autor do *Guarani* os igualava, se não os excedia; o que não é crível, se confrontarmos as organizações dos primeiros e do último; e só se explica esta miragem pelo fato de que nenhum dêstes homens, com exceção de Amaral, soubera tirar da forma tôda influência mágica, que é a fôrça dos talentos como Girardin. Fôra, entretanto, para desejar que a essas titilações da pena do redator do *Diário* se houvesse reunido um conhecimento prático e real das coisas do país, ou então uma dessas intuições que facultam ao espírito penetrar do primeiro golpe na medula dos acontecimentos que se desenrolam em tôrno de si. É de crer que, como a política não passava, para José de Alencar, de diletantismo, e as ambições reais não lhe haviam invadido, por ora, os ossos, os fatos coavam-se, todos, pelo prisma literário. A estesia era o único diapasão pelo qual aferia êle tôdas as questões sujeitas a seu critério. Entregue inteiramente à fuga da imaginação, penetrado da idéia de subjugar o seu círculo de leitores com a contemplação das formas e dos efeitos, é claro que a política, em sua influência, não podia ir além das aspirações do moço ardente, que queria ser admirado. Os fatos políticos em si não deviam ter grande significação, nem os problemas sociais o impressionariam com a veemência de que são vítimas as verdadeiras vocações do apostolado da imprensa. *Frapper le public*: eis a chave de todos os seus esforços nesse período, em que, sem dúvida alguma, o Brasil continuava a ser a fantasmagoria brilhante, revelada através das cintilações do estilo em mais de uma página de seus livros.

---

Em 1859, José de Alencar exercia o cargo de chefe de seção na Secretaria do Ministério dos Negócios da Justiça, e, pouco tempo

depois, o lugar de Consultor do mesmo ministério. Até aqui não há desconhecer que todos os canais se tinham aberto à livre impulsão do seu talento. Em caminho, não lhe surgia ainda nenhum dêsses óbices, nenhuma dessas mortificações que, acabrunhando o homem, abaixam o nível das faculdades, às vêzes até o estalão dos brutos. A imagem pavorosa da caipora nunca se lhe apresentara diante dos olhos para bradar-lhe: — Não romperás ! Desconhecia inteiramente as provações que os críticos asseguram terem afiado o gume do engenho de Chateaubriand e de Rousseau; ao contrário, grande parte da serenidade de seu espírito e, portanto, de seus escritos é devida à ausência da necessidade de "conquistar para si um canto no mundo, onde lhe fôsse permitido respirar", também à ausência dos sentimentos de amargor, das oposições e desconfianças que acompanham e enchem de perplexidade o *struggle for life.* [38] Êle fôra fadado para as posições; não precisou ganhar a vida, e, saindo dos bancos escolásticos, seu pai, que, na política e no ânimo dos maiores vultos do país, havia plantado a consideração e o respeito, fàcilmente cercou-o com o prestígio de um nome célebre nos anais do parlamento. Os amigos do deputado da Constituinte tiveram desde logo sorrisos complacentes para o moço, que estreara com tanto talento; a simpatia anônima desenvolveu-se em tôrno dêle, e, a não falar no silêncio da imprensa, que fingiu desperceber os primeiros passos do jovem literato, não há a referir senão afagos e blandícias. Estas circunstâncias avigoraram-lhe poderosamente as aspirações, e nelas estão a origem, por certo, dêsse sentimento de bem-estar, já denunciado no *Guarani,* que revela o homem satisfeito consigo mesmo.

Um dia, êle fartou-se das emoções do jornalismo. Atraído pelas tendências mais firmes de seu temperamento, pensou criar-se um remanso, aonde, mais em repouso, pudesse alar-se de novo às regiões prismáticas do amor. Entretanto, surgiu, em seu caráter, uma altivez por vêzes rude, da qual rápido declinou para uma impertérrita segurança ou para um exagerado sentimento da própria suficiência. Podia registrar queixas de muitos que lhe sofreram as asperezas, senão os efeitos inconscientes das suas preocupações. Mas isto pouco interessaria ao meu objetivo, e basta declarar que o fundo amorável de sua alma nem sempre se mostrou, na vida, com a mesma intensidade que nas obras. O movimento de seu tempo de rapaz foi muito e muito artificial. A casaca, a luva e a curva do galanteio com cedo foram abandonadas; e o solitário da biblioteca de S. Bento, em Olinda, reconquistou os hábitos antigos. A obra a desenvolver-se-lhe

---

[38] Palavras de Lewes a respeito de Goethe. *Life of Goethe*, vol. I, pág. 15.

no cérebro e o vácuo a abrir-se a pouco e pouco em tôrno de si.[39] Em tudo isto, porém, nada há que estranhar. Quem é que, aos trinta anos de idade, conselheiro, cercado da consideração de homens como Eusébio, certo, de mais a mais, da posição que, sem rival, ocupava nas letras, não se teria deixado conduzir por essas veredas do amor-próprio? Raro é o homem a quem o sucesso não consiga modificar. José de Alencar engolfou-se, um pouco fora do tempo, no brilho da sua estrêla, que se alevantava. Sua índole, já de si orgulhosa, rebuçada nos caprichos de artista, em excentricidades de *enfant gâté*, chegou até a criar-lhe, na própria intimidade, uma fama de grosseiro, que, de certo, não merecia.

Infelizmente, os frouxéis da cadeira de Consultor do Ministério da Justiça não foram remanso de poeta. A contínua contemplação da engrenagem da máquina governamental e o contato de ambiciosos vulgares, provàvelmente encandearam-lhe a vista: a visão, aos bocados, foi-se pervertendo, dando, por último, como resultado ferir-lhe a estatura comezinha de muita gente, que ostentava as penas de pavão nos lugares mais elevados. O confronto irritou-o; o desdém furtivo de uns acelerou-lhe o sangue, a indiferença de outros lançou-lhe na alma golfadas de uma crua indignação. Se, por um lado, fêz-lhe mal essa insofrida emulação, por outro obrigou-o a aplicar-se ao estudo de questões jurídicas e encher a pasta de consultas de pareceres, que, pelo menos devido à forma, conquistaram-lhe uma reputação entre os discípulos de Paulo e Triboniano. Não parou aí. José de Alencar vinha das regiões da poesia e das artes, coisas frívolas para muita gente; e o mundo, aonde agora tentava, ou, antes, aonde era estimulado a tornar válido seu talento, êsse mundo, não direi de positivismo, mas de *positividades*, e que a trica tomou conta em todos os tempos, êsse mundo, enfim, que vive mais ocupado de si do que de outra coisa: êsse mundo chato sorria, sorrateiro, e semelhante sorriso o incomodava extraordinàriamente. Os homens práticos dominavam a cena, como era bem natural; e isto pareceu-lhe revoltante, estúpido, abusivo. Tudo queria apenas dizer que o sentimento do poder, afinal, o empolgava; e, quando menos

---

[39] O tempo em que José de Alencar se mostrou mais expansivo foi o da redação do *Diário do Rio*. Êle, que nunca soube fazer troça, que não lia o que escrevia em círculo de amigos, que não privava com sociedades literárias de qualidade alguma, não obstante, ali, por vêzes, amenizou o ruído da vida da Imprensa com a complacência dos que o cercavam. Ouvi, a um de seus mais estimáveis companheiros, que os últimos capítulos dos *Cinco Minutos* foram compostos sob a influência de uma discussão, em que entrava um médico, na qual buscaram demonstrar-lhe a impossibilidade da cura de Carolina, que, apesar de tudo, o autor, escutando ùnicamente seu capricho, deu por pronta no gôlfo de Ischia.

cuidou, o autor do *Guarani,* esquecido dos idílios, dos trenos, enveredou pelas ínvias encostas da política.

Disse êle algures que o homem político foi o *único homem novo* que se formou em sua virilidade. [40] Acredito que, com êste novo homem, apareceram qualidades que tiveram, adiante, de alterar-lhe o caráter literário. Nessa época, seguramente, a sua vaidade passou pelas primeiras provações. Correm, mesmo, por aí uns versos vigorosos, cheios de indignação, que transpiram todo o fel que políticos ou não políticos derramaram-lhe na alma. [41] Semelhantes versos revelam a existência de decepções que um moço de talento, e já festejado, não tolera sem protesto. Além disto, acrescia que, do menino, havia um qualquer espinho, que, de vez em quando, anuviava-lhe o semblante; uma preocupação talvez pueril, mas que, nem por ser pueril, deixou de travar-lhe a bôca, e que, nesses instantes de desalento,

---

[40] Aludo a algumas tiras de papel em que José de Alencar deixou esboçado um dos capítulos de sua autobiografia, cuja leitura, só depois de chegado o trabalho a êste ponto, foi-me franqueada por sua viúva. Tem por título, êste capítulo, em forma de carta a um amigo: — *Como e Porque Fui Romancista?* Em rápidos traços, o autor aí descreve os seus primeiros estudos, as suas emulações na escola, as suas leituras prediletas dos tempos de acadêmico, em nada discordantes do que ouvira a êle próprio. Fala nos profundos traços que lhe sulcaram, no espírito de menino, *Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas* e outros romances do antigo repertório; torna saliente a impressão que lhe causou, em S. Paulo, a fama granjeada ao Dr. Macedo pela *Moreninha,* dando, por fim, notícia do primeiro romance que compusera, romance de grande movimento marítimo, intitulado o *Contrabandista,* calcado sôbre o *Pilóto,* de Cooper, que uns seus companheiros de quarto queimaram, acendendo cigarros e charutos. Essa obra, segundo afirma, com ser da sua puerícia, não desmentiria das outras, se, depois de corrigida, fôsse publicada. No mais, nada acrescenta sôbre os segredos de sua vida.

Antes de findar esta nota, cabe-me opor uma dúvida relativamente a uma das notas anteriores. Disse eu que *A Alma de Lázaro* e *O Ermitão da Glória* eram frutos dos lazeres acadêmicos. (Nota 3.) Pois acontece que, referindo-se ao *Contrabandista,* José de Alencar não alude, sequer, a estas duas composições. Houve esquecimento do autor, quando escrevia aquelas tiras? Creio que sim, porque estou bem lembrado de ouvi-lo desculpar-se das fraquezas dos citados livros, que eram restos da sua bagagem acadêmica, por sinal, até, que Lázaro fôra um personagem seu conhecido, em Olinda, quando ali estudava o terceiro ano, cuja vida observara, muito e muito impressionado pelas ruínas do convento do Carmo.

[41] Êstes versos não têm título; nem têm dedicatória; são os seguintes:

Ainda és bela! No teu lábio rubro
Desfolha amor lúbrico sorriso.
Dos grandes olhos negros que fascinam,
Prometes, num volver, o paraíso.

Mas qu'importa! Pra mim és uma estátua,
Legenda triste de infeliz passado,
Ou a sombra erradia de minha alma,
Extinta por um dia haver-te amado.

abria-se-lhe em chaga dolorosa. Viu, então, quamanha era a sua ilusão, e que a sociedade circunvizinha exigia muito mais do que talento. Sentiu a necessidade de alguma coisa mais do que o rodapé dos jornais, de um cenário maior, ou, antes, aonde fôsse mais visível para certos espectadores, que o interessavam e mostravam-se indiferentes.

É uma verdade hoje reconhecida que, sem política, nada se consegue neste país, onde tudo é grande, menos o homem. José de Alencar convenceu-se disto. Não podendo ser diplomata, como Magalhães e Pôrto Alegre, pois repugnava-lhe emigrar, lançou-se, desassombrado, na política. A conseqüência disto foi emudecerem as musas por algum tempo. [42] A tarântula cresceu, cresceu, estendeu-se, por fim, em uma candidatura à assembléia geral. Em princípios de 1860, embarcou para a província natal e aí afundou-se nos aborrecimentos de um pleito eleitoral. Ainda em 1867, estando eu de férias na cidade de Fortaleza, mostraram-me, na casa onde hospedou-se o ilustre candidato, o lugar em que êle passara dias inteiros amuado, sem dizer palavra, entregue todo à ruminação das contrariedades que curtia. Não obstante, revendo os campos nativos, em que outrora retouçara sua imaginação infantil, reviveram, para êle, êsses carnaubais povoados pela alígera orquestra dos corrupiões, *êsses mares bravios* das costas do Mucuripe, aonde balouçavam-se os condutores do progresso. O arrebol, rompendo pelo viso das serranias, e o canto dos vaqueiros, ao longe, saudoso, repassado de ternura, vieram despertá-lo dêsse pesadelo. Rápido, atirou-se através dos tabuleiros risonhos, recendentes do aroma convidativo da mangaba e do murici, e foi descansar à sombra dos nascentes arvoredos em flor.

Pode ser preconceito meu, mas creio que poucas coisas existem comparáveis às faceirices caboclas de minha terra. Nada mais voluptuoso do que as sestas passadas ao oitão das casas dos engenhos,

---

Pode a teus pés curvar-se o mundo inteiro,
Podem render-te os homens vassalagem,
Que eu contemplo de longe, sobranceiro,
Da mulher que eu amei a *fria* imagem.

Talvez que um dia, quando não restarem,
Nem vestígios daquele santo amor,
Eu venha, como os outros, já sem lágrimas,
Revelar-te o mistério dessa dor.

Assim, de longes terras peregrino,
Se volta à doce pátria que o perdera,
Ajoelha ante a lousa de seus pais,
Nas ruínas da casa em que nascera.

[42] Entre *Mãe* e *Lucíola* medeiam três anos.

ao som da voz de uma morena de olhos luzidios, de tranças cheirosas a baunilha, de seios túmidos, que, acompanhando a vagarosa junta de bois, descanta os seus ócios amorosos. Que há aí que rivalize com o despertar da risonha natureza equatorial? com as brisas balsâmicas que sopram de contínuo pelos vales? com os eflúvios originais que se desprendem do chão, mal o molham os primeiros chuviscos de outubro? E o transparente, o diáfano da luz do sol? a nitidez da atmosfera? e o ar que nos banha as faces e intumesce os pulmões, visitando-os com uma vida nova? o ar sadio e jucundo que dá timbre aos pássaros, robustece o grito do animal silvestre e concede ao ruído das águas uma repercussão melódica, particular, que não se encontra em tôda parte? O clima das vargens da Mecejana, berço natalício de José de Alencar, produziu-lhe, no ânimo, um abalo singular. O prólogo da primeira edição da *Iracema* está profundamente impregnado do sentimento que os tabuleiros e os carnaubais lhe despertaram. [43] E assim foi bom; porque o espírito do autor de páginas tão genuìnamente cearenses andava erradio e perdido da sua verdadeira orientação. A viagem ao Ceará serviu-lhe para isto. Satisfez-lhe a vaidade e reconciliou-o com os sonhos arábicos, de que há tanto revoara. Regressando ao Rio de Janeiro com o diploma de deputado, seus ímpetos políticos cedo encontraram um sedativo na deficiência do órgão da palavra. Não há ambições, por mais intensas que sejam, em um moço, que, no seio de um parlamento, resistam ao silêncio e a um olhar lânguido para a tribuna, dentro da qual fulguram os talentos da palavra. José de Alencar pensaria no nome de um Sheridan; lembrava-se, talvez, de um sucesso igual ao do dramaturgo e orador inglês, que, ao lado de Pitt, fêz abismar, com sua facúndia, uma assembléia enorme; mas a natureza não lhe proporcionara, ou, pelo menos, parecia não lhe haver proporcionado os recursos que fazem transluzir no verbo a imaginação do romancista. A tribuna não se lhe constituiu, nas sessões de 1860 a 1863, rota franca por onde conduzisse o carro dos seus triunfos. Não quer isto dizer, também, que de todo emudecesse; que, mesmo, sofresse, em sua estréia, como Disraeli, a reprovação dos companheiros, e fôsse preciso intimar aos adversários um prazo para que o ouvissem, bem ou mal. Não: apenas a sua eloqüência não era espontânea e tumultuosa; êle tinha defeitos a corrigir e dificuldades materiais a vencer. Compreendeu isto e retraiu-se; de sorte que, naquele tempo, o obscuro deputado estava bem longe de mostrar a toga do orador, que o tempo e o esfôrço converteriam no ministro do *16 de Julho*, no competidor de Zacarias e de Silveira Martins. Em compensação,

---

43 *Iracema*, pp. 9 e 10 (3.ª ed.).

o seu talento recalcou-se nas obras literárias e, em breve, deu à publicidade *Luciola, Diva, Minas de Prata* e *Iracema.*

O autor, descansado de certas lides, remonta-se à Tijuca e, aí, em uma espécie de *Tibur* horaciana, procura uma beata tranqüilidade para compor seus últimos livros. Estas obras não trazem mais o calor e virgindade das primeiras, despreocupadas, espontâneas; indicam, porém, grandes progressos no artista, sem perderem a alma da poesia revelada no epílogo do *Guarani.* Encontram-se nelas duas linhas ascendentes bem distintas, que se tornam sintomáticas de algum divórcio futuro. As *Minas de Prata* são, incontestàvelmente, a propagação do mesmo suave sentimento que gerou o *Guarani; Diva* e *Luciola* traem a existência de um verme corrosivo, que em sua alma se introduzira, primeiro, por emulação de escolas, depois, por vaidade e desejo de armar ao público, e, no fim, por terem-lhe acirrado o temperamento. *Lucíola* e *Diva* são, pois, prolongamentos dos furores do jornalista, e, provàvelmente, resíduos da pasta mista, aonde haviam sido escritos os dramas representados no Ginásio e os artigos políticos e sociais do *Diário.* Mas, em todo caso, o centro de suas composições continua a ser a mulher, *Iara,* e o grácil, a vida de seus livros.

---

Um dia, o doutor Lafaiete rompeu com José de Alencar, em conseqüência de rivalidades forenses, por uma questão de *lana caprina,* em que, muitas vêzes, os homens de espírito se aprazem dar espetáculo de suas pessoas. Pretendeu negar-lhe talento, e, por meio da troça dos Pêgas, Cujácios, Lobões e Melos Freires, só com o fim de transtorná-lo, disse que *Luciola* e *Diva* não passavam de uns monstrengos morais. O ex-ministro da Justiça, apesar de seus modos acanhados, segundo dizem, tem veleidades literárias; cultiva a alta latinidade e cita com exatidão epígrafes poéticas. Talvez isto, mais do que a raiva do polemista jurídico, concorresse para a injustiça com que tratou o romancista brasileiro, considerando os seus trabalhos literários como um *fratras* (sic) ininteligível. Em que pese, porém, aos idólatras, êle teve sua razão enquanto aos *monstrengos* aludidos. *Lucíola* e *Diva* são, pelo menos, criaturas indefiníveis; são as mulheres caprichosas dos seus primeiros romances, com as cruas superfetações de caracteres extraordinários, tiradas dos livros de Octave Feuillet. Esta associação, mais híbrida ainda do que a da Carolina das *Asas de Um Anjo,* com vivíssimo desprazer me obriga a palpar a primitiva natureza dessas pobres moças, que palpitam por trás de uma crosta que as esmaga. É o caso de afirmar-se que elas *hurlent de se trouver ensemble!* A magia do estilo de José de Alencar chegará, para muita gente, a encobrir tamanho crime: mas,

observe-se o fato com um pouco mais de atenção do que a vulgar, e ter-se-á surpreendido o romancista em flagrante delito de incoerência.

Há quem veja em *Lucíola* uma simples imitação da *Dama das Camélias.* Vai nisto um grande engano. Nas exterioridades, com efeito, pode-se encontrar qualquer coisa que dê a suspeitar a relação de cópia para modêlo. Mas, logo que se analise o fundo do caráter de ambas as mulheres, surgirá, clara, a divergência. Margarida é uma amorosa ardente, que, por circunstâncias naturais, prostitui-se, e, por suave gradação, regressa ao país de onde emigrara, só pela influência reflexa da passividade do miserando Duval. Lúcia é feroz, idiossincrásica: a prostituição, nessa mulher, é um desespêro inexplicável, que a todo instante contrasta com a alma poética do tipo ideal, que o autor tem diante dos olhos. Lúcia é quase ninfomaníaca. Tratada essa aberração fisiológica, à maneira por que Bellot tratou-a, depois, na *Mulher de Fogo,* não a recusaria: mas, longe disto, o autor da *Iracema,* dando corda ao seu gênio fantasioso, apresenta um retrato esdrúxulo, senão uma dessas extravagâncias à Edgar Poe, em que a razão cambaleia, de braço dado com a imaginação do nevrótico. A dualidade de Lúcia, pois, no campo dos atos conscientes da alma normal, é inadmissível. Quando Paulo vai à sua casa a primeira vez, no intuito lúbrico de desfrutá-la, e, tomado de ânsias febris, aperta-a ao peito, seus lábios, "encontrando naturalmente o colo da pecadora, se embebem, sequiosos, na covinha que formavam, nascendo, os dois seios, modestamente ocultos pela cambraia"; Lúcia cobre-se de rubor, torna-se lívida depois, e chora com uma aflição que chega a fazer acreditar em um ludíbrio. Em seguida, o moço, irritado, supondo-se vítima de uma comédia, lança-lhe em rosto essa perfídia: as suas palavras produzem reação. Os amaneirados da gata transmudam-se de súbito; surge a perdida em todo seu fulgor de bacante, louca, e diante dêle abre-se "um abismo de sensualidades nas asas transparentes da narina, que tremiam com o anélito do suspiro curto e sibilante".

> À suave fixidez do gesto meigo sucedeu a veemência e a energia dos movimentos. O talhe perdera a ligeira flexão que, de ordinário, o curvava, como uma haste delicada ao sôpro das auras; e agora arqueava, enfunando a rija carnação de um colo soberbo e traindo as ondulações felinas num espreguiçamento voluptuoso. Às vêzes um tremor espasmódico percorria-lhe todo o corpo... [44]

Não revela, acaso, êste trecho um organismo pervertido? A cena, portanto, a que o autor se refere, exclui a anterior. Todos sa-

---

[44] *Luciola,* p. 37 (3.ª ed.).

bem que o pudor é a resultante de um justo equilíbrio das práticas estabelecidas com o estado sadio da pessoa. [45] Ou o cinismo de Lúcia, ou a sua pudicícia, não tem razão de ser. Apaixonada uma vez por Paulo, o romance segue cheio de iguais intermitências. A orgia romana em casa do Sá põe completamente em relêvo aquela asserção. É para ver-se o "orgulho satânico" com que, de repente, no acume da festa, ela ergue a cabeça, empunha a garrafa de champanha e faz descer pela garganta todo o líquido aí contido; o desgarre com que salta para cima da mesa e arranca as vestes, como a Frinéia da antiguidade, não para absolver-se perante o Areópago na contemplação das formas divinais, mas para sensualizar cérebros entorpecidos pelo vício, debochados, gastos pelo gôzo bestial, para, enfim, pisar, despeitada, tudo que a mulher pode conter em si de repugnâncias quando em frente do outro sexo. Entretanto, é esta mesma mulher, a quem a companheira mais rafada escarnece clamando "que nem tão baixo desceria"; é esta mulher que, daí a minutos, vai, com o amante, trançar um idílio de inocência sob as árvores do jardim, nada deixando a desejar à pastoral de Saint-Pierre. Possui-o, enfim, a pecadora, e revive a criatura angélica que habitava o corpo daquela bêsta-fera apocalíptica; e é assim que, correndo os tempos, vamos encontrá-la em um remanso poético, lendo a Bíblia, que passa a ser o seu "livro favorito", e educar-se nos mais sãos princípios da moral cristã. Não tardam os acessos, que a despenham nos furores báquicos da noite romana em casa do Sá; do mesmo modo por que vêm, voltam os arrufos dos namorados, predominando sempre a fase da inocência; por último, a cura impossível opera-se, sorrateira; eis, no fim do livro, Paulo e Lúcia a lerem, juntos, *Paulo e Virgínia* e a história comovente da infeliz *Atala*, na incomunicabilidade de Adão e Eva, antes do pecado. Esta transformação surpreende a todos, e contra ela protestam tôdas as leis fisiológicas. A Lúcia das derradeiras páginas do romance, andando nessa tranqüilidade de coração, que o autor apraz-se em descrever, apesar da inovação do sentimento de maternidade, nada tem de comum com a Lúcia dos primeiros capítulos da obra.

*Diva* é a irmã gêmea de *Luciola*. Os furores eróticos de uma são os pudicos da outra. No fundo, o mesmo *tour de force;* mudança apenas de situações. Emília, cujo perfil gracioso José de Alencar procura acentuar, era, quando menina, "muito feia", "um mons-

---

[45] "Como todos os sentimentos delicados, o pudor é um ornato moral que o homem adquiriu lenta e tardiamente. Assim, no seu estado atual, ainda vemo-lo eclipsar-se, quando sobrevém alguma moléstia, etc. É um sentimento particularmente feminino, suscitado, sem dúvida, na mulher pelo estado da gravidez ou da menstruação." Letourneau, *La sociologie*, p. 50.

trinho", ainda que, como "um colibri implume", esgalgada e magra; chamavam-na "esguicho de gente". [46] Tinha ferocidades horríveis, e chegava a maltratar o médico amigo, lançando-o até fora de casa, porque, auscultando-a, em um caso de moléstia, ousara encostar o ouvido ao seio núbil. Nas reuniões, tomava a atitude de corça arisca; embirrava com um moço que a distinguia, guerreando-o com contínuas alfinetadas, ora negando-lhe acintemente uma quadrilha, para dar o braço a outro, ora obrigando-o a humilhações medonhas, entornando xícaras sôbre os vestidos, fazendo-o pisar os folhos da saia. Que diabo de gênio o dessa rapariga ? Entretanto, da pudicícia altiva, que "mantinha os seus adoradores em respeitosa distância", da "régia altivez e casta auréola em que ela resplandecia", revestindo-se de "certa majestade olímpia que fulminava", [47] quando menos se pensa, vai-se vê-la humilde, chã, modificada. E por quê ? Um dos seus adoradores revoltara-se e agredira-a, castigando-a brutalmente no braço, que se erguera para repeli-lo. De outra vez, lembrando-se ela de esbofeteá-lo, o apaixonado trava-lhe dos pulsos, e, sem respeito ao sexo, prostra-a aos pés como uma escrava. É só assim que Emília pode amar; mas, no entanto, ei-la, por fim, de humilde, transformada em romântica, como qualquer Heloísa de melodrama. No meio de tudo isto, aparecem-lhe caprichos de um pudor negativo e inconcebível. Apesar da educação restrita que tivera, atreve-se a andar sòzinha pelas encostas do Rio Comprido, disfarça-se em caçador para encontrar-se com o namorado e não recua diante da idéia de ficar no êrmo com um moço ardente, irritado, e que já a ofendera. Esta moça sem juízo leva a facilidade até ao ponto de meter-se em casa de um rapaz solteiro; e, para que nada lhe falte do incompreensível caráter de Lúcia, sofre espasmos diabólicos; pois não sei que nome tenha o estado em que se deixa cair essa menina, quando, ao atravessar, um dia, com o Almeida, um cercado, depois de tê-lo vendado com um lenço para ajudá-la a passar, injuria-o como uma louca, só porque o mísero procura ampará-la em uma queda provável.

Eis, pois, confirmada a asserção do Dr. Lafaiete. Lucíola e Diva são uns monstrengos. Contudo, José de Alencar não concebeu mulheres ruins, piores do que os homens. Nunca êle soube de que estôfo fêz Corneille as Rodogunas e Cleópatras, e Shakespeare, Lady Macbeth.

---

[46] *Diva*, p. 9 (3.ª ed.).

[47] Obr. cit., p. 39.

## IV

## O MESMO ASSUNTO

### 1856-65

*As Minas de Prata* [48] foram a obra de mais tomo composta por José de Alencar, e em que, segundo parece, derramou maior amor paterno. Delineada e executada sob os auspícios de tal ou qual tranqüilidade de espírito, nota-se, na sua composição, esfôrço visível e intuitos de artista. Acontece que não são os nossos filhos queridos os que mais nos assemelham. O *Guarani* é mais das entranhas do poeta. *As Minas de Prata* obedecem a uma educação mais artística, e não têm o perfume da flor, embora, como fruto, pareçam perfeitamente sazonadas; é assim que sente-se o alvo muito visado, uma encenação demasiadamente cuidada e um jôgo de bastidores ruidoso. O romancista põe em contribuição todos os recursos de que dispõe, e com singular habilidade transforma a imaginação do leitor num vasto cenário, aonde o gôsto e o capricho desenrolam uma infinidade de paisagens, enredos, surprêsas, um tropel de personagens, que nada deixam a desejar. Um cenógrafo não conseguiria dispor melhor os seus efeitos de óptica; um ensaiador hábil não o excederia em preparar as convenientes entradas e saídas das figuras no seu drama, nem manteria tão bem a ansiedade do espectador diante de peripécias sempre crescentes. Nesta arte, pelo menos, José de Alencar mostra-se tão perito como os que mais a aperfeiçoaram. Não são superiores às *Minas de Prata*, nem *Os Mistérios de Paris*, nem *O Conde de Monte Cristo*, nem *Os Moicanos*, nem *Os Mistérios do Povo*. Se o merecimento de obras semelhantes está essencialmente na ilusão que podem causar as disposições de contra-regra, os alçapões bem manejados, as máquinas corrediças, as mutações rápidas, as decorações, as ribaltas, desafios e duelos a propósito, cenas de calabouços, caçadas vertiginosas, *rendez-vous*, evasões, perseguições por amor, dedicações cavalheirescas, conspirações abortadas, *As Minas de Prata* são, sem contestação, uma obra-prima. A quem tem alguma prática do ofício, é fácil, porém, compreender quanto é simples o

[48] Os primeiros volumes dêste romance saíram em 1862, na *Biblioteca Brasileira*, emprêsa dirigida por Quintino Bocaiúva, a qual, como tôdas as tentativas dêste gênero, entre nós, não conseguiu vingar.

manejo de todos êstes artifícios e quanto é fútil a admiração de muita gente pela *prodigiosa* imaginação do autor do *Rocambole*. Se não viesse fora de tempo, escreveria aqui um capítulo acêrca dos processos necessários a qualquer curioso, com um pouco de paciência, preparar-se para o desempenho do romance de capa e espada; tomaria, mesmo, para exemplo a história de Molina, e, desmantelando-a peça por peça, levantando camada por camada, acompanhando o pensamento do autor atrás de cada um dos personagens, por tôdas as linhas adrede procuradas, notando as suas convergências, divergências, suspensões e conciliações, mostraria como tudo isto não passa de um teatrinho de marionetes, quase sempre movido por cordéis fraquíssimos, uma ardileza de funâmbulo, que perde todo o valor, logo que o público conhece a simplicidade do segrêdo. E, não obstante, foi com isto que o autor de *Ivanhoe* fanatizou o mundo de seu tempo. A igreja católica, que criou a arte da encenação e dos alçapões, com os seus autos sacramentais, em boa hora inspirara ao século a idéia dos dramalhões e dessas engenhosas transposições teatrais, de que o romance se apoderou. No meio dessas arquitraves e moitões, vivem, entretanto, muitos objetos de arte, verdadeiros tipos esculturais, cinzelados com amor, — lampejos de uma imaginação rica e vivaz.

As leituras das nossas crônicas, feitas com mais assento, posteriormente ao *Guarani*, parecem ter comunicado a José de Alencar um sentimento mais intenso da nossa vida colonial. A arqueologia acentua-se a cada página e, embora sob o seu ponto de vista de artista caprichoso, embora através do prisma oriental, que sempre o persegue, o Brasil se apresenta ali com um travo quinhentista belìssimamente confundido, amalgamado com a selvatiqueza tupi. Desta sorte, não é sem uma espécie de deslumbramento que, do seio da vida cavaleiresca dos colonos de S. Salvador, vê-se, de súbito, ao som da inúbia selvagem, a imaginação do romancista alevantar-se para o deserto inundado de luz, e mostrar o vulto "do velho pajé acocorado na crista do rochedo". "Imóvel", diz êle, "e estreitamente ligado ao negro rochedo, como uma continuação dêle, o selvagem ancião parece algum ídolo americano que o rude labor dos aborígines houvesse lavrado no píncaro da rocha." [49] E êsse mito, semelhante aos monstros religiosos dos centros da Ásia, estendendo a vista, com ela envolve todo o sertão da portentosa Jacobina. Causa assombro o modo por que êsse guarda feroz dos tesouros do deserto, apenas pressente a chegada do aventureiro, desvia as águas dos rios para sepultá-las no abismo eterno. É uma alegoria esplendorosa da invasão dos colonos ávidos de ouro, os quais, a cada instante, vêem

---

[49] *Minas de Prata*, vol. III, p. 335.

luzir e ofuscar-se no horizonte a miragem da *Manoa* ou do *Eldorado*. Mais própria para um poema do que para um romance, dir-se-á uma página da *Iracema* ou dos *Filhos de Tupã*, que se antecipa. As grutas magníficas, com aspecto de "cidades subterrâneas vazadas em prata", com as suas tôrres góticas, ogivas arrojadas e coruscantes, fazem lembrar as *Mil e Uma Noites;* e a lenda do Moribeca parece uma história das riquezas de Ali Babá. Há, em tudo isto, uma fantasia ostentosa e febril; e êsses enxertos portentosos, postos assim no romance, chegam até a fazer crer que a vida admite a paródia da realidade dêstes sonhos. As criações dos índios de João Fogaça, representando os cinco sentidos do homem em seu maior grau de acuidade, dão tôda a medida do quanto à larga andou a faculdade inventiva do autor de tais vertigens.

Voltando, porém, ao gênero a que pròpriamente se filiam *As Minas de Prata*, a primeira impressão característica que se recebe é a da solenidade que transparece em tôdas as páginas do livro. Custo, mesmo, a crer que a colônia portuguêsa, no govêrno de D. Luís de Sousa, no tempo de Fernão Cardim, fôsse tão principescamente festiva; e se bem que, recorrendo à *Narrativa Epistolar* do referido jesuíta, reconheça que a mania daquele tempo eram as representações e solenidades, acho o quadro demasiado oprimido de ouropéis, sêdas e veludos. [50] É inútil, talvez, falar no cavalheirismo português, nas reminiscências de Magriço, no brio, no valor, na nobreza dêsses aventureiros que primeiro exploraram o Brasil; são chapas estas que ficaram correntes desde que Herculano empunhou a pena no nunca assaz lembrado *Panorama*. A crítica, que nem tanto hoje nos falece, com certeza foi-lhe baldada, em grande parte.

Não sou do pensar daqueles que consideram o romance histórico um gênero esgotado, um *pastiche* incompatível com a estética mo-

---

[50] Cardim refere-se pròpriamente a 1583-90. Neste ponto, podiam-no também abroquelar as seguintes palavras de Gabriel Soares, que descreve *de visu*, em 1587, as riquezas dos moradores da Bahia.

"Há, na Bahia, mais de cem moradores que têm, cada ano, de mil cruzados a cinco mil de renda, e outros que têm mais; cujas fazendas valem vinte mil até cinqüenta e sessenta mil cruzados, e da vantagem, os mais tratam suas pessoas muito honradamente com muitos cavalos, criados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sêdas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despesas, mormente entre a gente de menor condição; porque qualquer peão anda com calções e gibão de cetim ou damasco, o trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quais, como têm qualquer possibilidade, têm suas casas mui bem consertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de jóias de ouro." *Tratado Descritivo do Brasil*, p. 125.

A tudo isto, porém, se opõe a fôrça assimiladora dos desertos. Estas riquezas, portanto, hão de parecer com o que ainda hoje vê-se pelos sertões: bacias de prata e vestidos de cabala antigos no meio de malas de couro cru, de bancos de pau e de paredes de taipa grossa.

derna. Taine afirma que êste gênero viveu e morreu com Walter Scott, e acrescenta que tôdas "essas pinturas, que deixou o baronete de Abbotsford, de um passado longínquo, são falsas". Sem embargo da exatidão dos costumes, das paisagens, "ações, discursos, sentimentos, tudo o mais é civilizado, embelecido, arranjado à moderna". [51] Mas, porque o criador do gênero, como diz o mestre, "não teve nem talento, nem tempo para penetrar no âmago dos seus personagens", segue-se que a causa do romance histórico esteja perdida para sempre? Se a *Salammbô*, de Flaubert, e o *Cavalo de Fídias*, de Cherbuliez, não são, desde já, um ponto de partida para a nova fase dêsse gênero literário, resta esperar pelos estudos antropológicos, que seguramente farão conhecer a alma do homem antigo, tão bem como já lhe conhecemos a exterioridade. Não sei por que motivo a emoção do arqueólogo, quando profunda e recalcada, deixará de ter uma expressão no mundo externo da poesia, — uma manifestação estética tão legítima como é legítima a que resulta da contemplação da vida moderna. Se é verdade que, nas artes, tudo é relativo, e elas se modificam à proporção que o eixo das nossas idéias se desloca, ou que o ponto de vista se transforma; se é verdade que, no modo mesmo de enxergar o tempo presente, vemos enormes divergências de dia para dia, de indivíduo para indivíduo, qual a razão por que a lembrança e a saudade dêsse antigo, que os críticos têm se aprazido chamar mania medieval, hão de afastar as vocações verdadeiras, do ponto de vista crítico e científico, dos novos processos artísticos com que se reconstitui a vida do passado? Se a questão é de despreocupação das obsessões da vida de hoje, parece certo que a tendência moderna para objetivar a arte produzirá o estado mental preciso para

---

51 "De duzentos em duzentos anos mudam-se, no homem, a estrutura das imagens e das idéias, as molas das paixões, o grau de reflexão, a natureza das inclinações. Quem é que pode, hoje, compreender e apreciar Dante, Rabelais e Rubens, a menos que prèviamente não se tenha preparado com uma educação apropriada? Como, pois, acreditar que êsses grandes pesadelos católicos e místicos, essas audácias gigantescas ou essas impurezas da arte carnal entrassem tais e quais no cérebro do *gentleman* burguês? W. Scott detém-se apenas chega ao limiar da alma e no vestíbulo da história; da Renascença e Idade Média, escolhe apenas o digno e o agradável, apaga a linguagem ingênua, a sensualidade desabrida e a ferocidade bestial. No fim de contas, seus persongens, em qualquer século, para o qual sejam transportados, são sempre os seus vizinhos, rendeiros tratantes, bailios vaidosos, *gentlemen* enluvados, todos mais ou menos burgueses, isto é, estabelecidos, situados, por sua educação e seu caráter, a cem léguas dos loucos voluptuosos da Renascença e das bêstas-feras da Idade Média." H. Taine, *História da Literatura Inglêsa*, vol. IV, p. 301.

Michelet ou Carlyle, disciplinados no romance, e com uma educação renovada, realizariam tôda a aspiração que o ilustre crítico deixa transpirar nestas criteriosas linhas.

que não desesperemos tão depressa da regeneração do romance histórico.

José de Alencar não podia colocar-se nestas condições extraordinárias. Aconteceu-lhe o mesmo, *mutatis mutandis*, que Teófilo Braga, com algum exagêro, diz ter sucedido a Alexandre Herculano: a insuficiência dos trabalhos então existentes sôbre a vida doméstica da colônia, a falta de estudos sôbre a fonte tradicional dos cantos e contos populares, e, mais que tudo, a indisciplina filosófica, não podiam deixar de empecer a atividade do romancista. [52] Dados, porém, todos os descontos da época e do estado mental do autor, não são *As Minas de Prata* uma das obras inferiores de José de Alencar. Como atrás denunciei, do seio dêsses crepúsculos extraordinários, coloridos por sua imaginação, do centro das paisagens dos sertões da Bahia, azuladas pelos fogos projetados em uma verdadeira orgia de côres e efeitos de luz, emergem os bustos do padre Molina e de Vaz Caminha, que são perduráveis. No padre Molina, principalmente, sem que se lhe carregue a pecha de imitação do D'Agrigny, do *Judeu Errante*, ou do Ventura, da *Mocidade de D. João V*, encarnam-se, com desusada eloqüência, tôdas as prevenções do autor contra essa Companhia de Jesus, a quem, em seu tempo, se costumava emprestar tanta inteligência, tanto faro de riqueza, tão pronunciado satanismo. Se a sua idéia foi simplesmente desenhar o tipo, tal qual existia na crença popular, a respeito do jesuíta astucioso e mau, o amante de Dulce nada tem que recear num confronto com os seus congêneres. A figura dessa ave agoureira, surgindo de entre as sombras dos claustros do colégio de S. Salvador, com a ironia nos lábios, ciente de todos os segredos da nascente colônia, a perscrutar os arcanos da terra dos Brasis e as consciências dos colonos, a figura dêsse padre, pálido e macerado como um náufrago do amor, minando tôda a Bahia, revolvendo arquivos, e, ainda não desembarcado, já senhor dos fios com que teria de mover todos os habitantes da colônia, é uma figura que entenebrece a mente e nunca mais apaga-se da memória de quem lê o romance. Apesar do aparato sombrio das cenas e da austeridade dêsses dois grandes vultos que ensombram o drama desde o começo, dêsse passado colonial há de se mostrar sempre como a legenda dourada, cheia da mesma intensa alacridade de que se ressente o *Guarani*. Os quadros que mais se destacam, onde a vida palpita, são os em que a mulher serve de centro a torneios e

---

[52] "Como observamos nas conseqüências de tôda atividade literária de Herculano, êle nunca teve uma disciplina filosófica no seu espírito, além da lógica dos Padres das Necessidades: por isso faltava-lhe o poder de dar vida e movimento psicológico às paixões, de meter em ação as lendas e de fazer falar os personagens, de os defluir pela lógica ou condicionalismo dos caracteres." Teófilo Braga, *História do Romantismo em Portugal*, p. 20.

galanteios. D. José de Aguilar, no camarim da formosa judia Raquel, seduz, pelas descrições voluptuosas que envolvem sua infeliz e desastrada paixão, o mais casto e reservado dos Josés. O próprio grave e sombrio Molina, que, no colégio de S. Salvador, ao lado de Fernão Cardim, exibe-se na terrível qualidade de visitador e fulmina o provincial com a destituição, de que o armara o geral Cláudio Aquaviva, não perde nunca o sestro daquele Vilarzito, que, no encetar dessa interessante história, é encontrado nas margens do Míncio a trançar idílios com a *maja* Dulcita, petulante, risonho, a beijar as tranças da *chiquita*. E bem o prova a cena final do emparedamento, em que o jesuíta, satânico, ambicioso, colhido, por fim, nos laços da espôsa abandonada, rende-se, suspira, encanecendo de repente nas torturas deliciosas de um amor sacrílego.

Quanto a Estácio, Cristóvão, Inezita e Elvira, continuam a ser as mesmas variantes do Álvaro, da Ceci e de Isabel, do *Guarani;* os mesmos beijos da musa gárrula no par mimoso do pajenzito Gil e da alfeloeira; os mesmos voejos e ciciados dos colibris das margens do Paquequer.

---

O indianismo foi um dos lados por que José de Alencar mais se deixou arrastar na lição chateaubriânica. A paixão pelo ideal tupi cedo o empunhara. Que o poema indígena adejou-lhe na alma desde os mais verdes anos, confirma-o a carta finl da *Iracema* [53] e a saudade que, a despeito dos sorrisos, começa aos poucos a invadi-lo. Fôra justamente esta preocupação, vinda de tão longe, que pros-

---

[53] Diz êle, no citado trecho da sua projetada autobiografia, que, já em Olinda, quando cursava o terceiro ano, lendo, na biblioteca de S. Bento, os nossos cronistas, "via desenrolarem-se, a cada instante, na tela das reminiscências, as paisagens do pátrio Ceará... e uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro brôto do *Guarani* ou da *Iracema,* flutuava-lhe na fantasia". Devorando as páginas dos alfarrábios de notícias coloniais, buscava, com sofreguidão, um tema para o seu romance.

"Desde cedo, quando começaram os pruridos literários, uma espécie de instinto me impelia a imaginação para a raça selvagem e indígena. Digo instinto, porque não tinha eu, então, estudos bastantes para apreciar devidamente a nacionalidade de uma literatura: era simples prazer que movia-me à leitura das crônicas e memórias antigas." *Iracema,* p. 235 (3.ª ed.)

"O assunto era a experiência, de antemão estava achado. Quando, em 1848 (refere-se a umas férias passadas ali), revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em S. Paulo tinha começado uma biografia de Camarão.

"Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliados dos portuguêses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sôbre as paixões do homem a alma da mulher." Obr. cit., p. 20.

trara, nas célebres cartas de Ig, a epopéia pretensiosa do poeta Magalhães, á no *Guarani*, a impaciência fizera, apesar das exigências da composição, golfar no papel grande parte dêsse imenso desejo; aí encontram-se os cadenciados cantos de Peri e a lenda do Tamandaré. Nesse tempo, é bem possível que a *Iracema* já existisse na flor, que só em 1865, depois da digressão ao torrão natal, arredondou-se no fruto esplêndido, primícias da idéia, talvez inexeqüível, dêsse poema prometido em 1856, e ainda em quase sua totalidade inédito, — *Os Filhos de Tupã*. Digo primícias porque, ao que parece, a idéia grandiosa dêsse projetado monumento soçobrava-lhe a alma em um pálago insondável. Por vêzes, ouvi-o manifestar as vacilações em que o punham os cantos inacabados, logo que os tentava corrigir; e recordo-me bem de que a dúvida principal consistia em fixar uma das duas hipóteses, — se o verso deveria soltar-se dos lábios de um bardo civilizado, ou se da bôca de um tupi. No primeiro caso, êle dizia, todos os sentimentos indígenas teriam de desaparecer da tela, pois que seria estranho que a estesia guaranítica penetrasse na alma do português contemplativo: racionalmente, não poderia aproveitar o fundo das crenças indígenas e encarnar a legenda dos piagas na estrofe bárbara dos *nheengaraçaras;* no segundo, corriam-se da vista tôdas as belezas que assombravam o colono: nem as lutas truculentas dos selvagens, nem o urro do jaguar, nem a sombra da floresta, nem o brado das cascatas, nem o convulsionar dos grandes rios, nem os encantos da flora e da fauna conseguiriam desferir as cordas do instrumento indígena; indiferente a tudo isto, por hábito e conformação, o selvagem, desconhecendo todo o segrêdo da arte descritiva, concentrar-se-ia nos seus rudes sentimentos, nas suas vinganças guerreiras, nas suas paixões sanguinárias, na admiração brutal pelo raio, pelo trovão, que domina o animal apenas humanizado. E esta crítica, com razão, o esbarrava; era o instintivo reconhecimento da impossibilidade de construir-se, hoje, um poema cíclico. Da fusão, entretanto, destas duas hipóteses, nasceu a *Iracema*, para cuja apreciação forçoso é tomar o único ponto de vista razoável, que, sem decapitar a obra, reconheça o que possa haver aí de falho e insuficiente.

Já vimos como e por mão de quem entrara o romantismo no Brasil. Os vagidos da musa de *Urânia* e das *Brasilianas* mal foram ouvidos pelo povo, que iniciava-se nos segredos da lira civilizada. A imitação servil dos poetas europeus fàcilmente convencera de que o único veio então possível, por onde se inoculasse o romantismo, era o das tradições do país. A *Confederação dos Tamoios*, impressa sob os auspícios de D. Pedro II, em régia edição dourada, se não foi, pelo menos pretendeu ser o cânone literário da nova geração. Êsse cânone, porém, não trazia o sêlo do gênio, e, sob o ponto de vista

romântico, nem sequer exprimia a compreensão tardia do movimento que procurava propagar. O indianismo, ou, por outra, o sentimento da legenda indígena, entranhado no coração crioulo pela reação romântica, só teve um representante sério no Brasil, como só um teve, também, na América do Norte: – José de Alencar e Cooper. Sem embargo do que se possa dizer em abono de Basílio da Gama e de Durão, que, destituídos de intuitos, foram apenas influenciados pelos tons gerais da paisagem brasileira, sem desconhecer o grande sentimento das florestas, que em muitos e muitos lugares se depara nos cantos do nosso grande lírico Gonçalves Dias, é de inteira justiça aceitar o fato de que – impressão forte e inspiradora, só se encontra na *Iracema*.

Muito de propósito aproximo hoje os dois romancistas brasileiro e americano; quero mostrar a divergência entre estas duas naturezas e corrigir um provável êrro de minha puerícia literária. [54] Quem se der ao trabalho de ler tôda a série dos romances curiosos de Cooper, em que se desenrolam a história da independência de sua pátria e as lutas incessantes, travadas pelos pioneiros, chegados ali de todos os pontos do mundo para travar a luta, não só com o homem vermelho, como com as dificuldades oferecidas a cada passo por uma natureza prometedora e cruel ao mesmo tempo, muitas vêzes sentir-se-á cansado, e fechará o livro, aborrecido; se, contudo, continuar e chegar ao fim dessa peregrinação, sem omitir os detalhes fastidiosos e as insistentes descrições de caracteres, uma coisa surgirá, ao dobrar a última página, e é o sentimento como de um fato verdadeiro, que observou de perto e que o impressionou. A razão é simples: Cooper, embora recebesse os moldes do romance das mãos de Walter Scott, era, por natureza e educação, o que se chama um *temperamento realista*. Êle nunca procurou poetizar a natureza. Teve, em princípio, uma vida rude, viajou como grumete através dos mares, viu tempestades, contemplou todos os fenômenos marítimos; depois, deixou-se atirar, pela sorte, para o meio dos desertos do *Far West*, aonde viveu em guerras com tribos selvagens: e lá, um dia, por um capricho, sem prévia educação literária, lembrando-se de sentar-se a uma mesa e de molhar a pena num tinteiro, começou a desvendar, com a eloqüência simples de quem assistiu, essas narrativas fortes, verdadeiras, lúcidas, que são ainda o encanto dos leitores de gôsto e dos ávidos americanos. O indianismo, em Cooper, portanto, foi uma obra do acaso: o selvagem, como já observei algures, é sempre, em

[54] Referência à *Carta Sôbre a Literatura Brasílica*, opúsculo publicado em 1869, aonde, fanatizado pela leitura das obras de José de Alencar e de Cooper, confundindo as figuras de Peri, Poti, Chingachgook e Uncas como produtos de duas musas gêmeas e indiferençáveis, por uma verdadeira ilusão de óptica, julguei calcadas umas sôbre as outras.

suas obras, relegado para o fundo do quadro, em cujo plano principal avultam o lutador simpático, o colono, os Tom Marchs, o batedor de estradas, o caçador de peles, os Nathaniel Bempos * e tantos outros caracteres, que têm sido pilhados e estragados pela turba dos fabricantes de romances americanos, Gustave Aimard, Paul Duplessis, Chevalier, Gabriel Ferry, etc. [55] O interêsse, pois, que o selvagem aí desperta é filho ùnicamente da verdade, que transluz. Cooper não o apresenta herói: é o leitor quem o vai arrancar das sombras, dos esconderijos aonde a sagacidade o oculta. [56]

Oposto caminho seguiu o autor do *Guarani*. Vimos, em princípio, como se formou o seu espírito e o seu brasileirismo na leitura das crônicas e nas vistas sintéticas de seu país. Pouco viajou; não experimentou a rudeza do deserto, e do seu gabinete perfumado foi que êle projetou a sua lente sôbre os horizontes imponentes do Brasil. José de Alencar era de um idealismo absoluto. Na *Iracema* concretizam-se tôdas as ilusões, de sua terra: mas, diga-se logo, muito e profundamente sentidas; e só à luz dêste sentimento é que se deve enxergar os merecimentos e as qualidades do produto analisado.

Cumpre tornar saliente que José de Alencar não tinha uma poética acentuada, como tiveram Goethe e Schiller, como teve Victor Hugo, apesar de inculcar, no prólogo dos *Sonhos d'Ouro,* a existência de coisa pouco mais ou menos semelhante. A sua poética foi o seu temperamento, foi a desenvolução do seu gôsto, conforme descrevi no primeiro capítulo dêste trabalho; cientìficamente, êle nunca pôde coordenar as suas idéias artísticas.

Milton, um dia, definindo a sua estética, disse: *poet must be a true poem,* o poeta deve ser um verdadeiro poema. Com isto, quis apenas significar que a obra literária, que não é uma resultante exata do organismo, pode ser tudo, menos uma obra artística. As verdadeiras regras estão no sangue, estão nos nervos, estão na estrutura do indivíduo, estão na cerebração inconsciente. Não é extravagância, mesmo, afirmar que o artista é um órgão do grande corpo chamado

---

* Deve ser Bumppos, Nathaniel Bumppo, personagem de Cooper.

[55] "Poucos terão, talvez, conseguido fazer dialogar o índio sem destruir em grande parte a sua feição característica. E foi por isso, seguramente, que Fenimore Cooper, nos seus melhores romances, como, por exemplo, — *Ontário, Último Moicano, Ôlho de Falcão,* etc., nunca fêz os selvagens aparecerem senão no fundo do quadro, envolvidos em sombras. Respeitou-os em sua taciturnidade, sem tirá-los do mistério; colocou-os como espectros em tôrno dos colonos, que representavam, diante dêles, a civilização em luta com a natureza, e daí derivou tôdas as situações, que, sem dúvida alguma, determinaram o êxito das suas obras." *Jacina, a Marabá*, p. 280.

[56] O Sr. Herbert Smith, que escreve uma obra sôbre os mitos dos índios da América do Norte, e com quem conversei sôbre o assunto, diz, entretanto, que os índios de Cooper estão muito distantes da verdade.

humanidade, que recebe, expele, decompõe e compõe, segundo os mesmos princípios que o físico assinala, analisando as operações de qualquer órgão do corpo humano. [57] Isto, porém, não obsta a que o poeta, ascendendo a um estado de cultura excepcional, chegue, um dia, a conhecer-se, a analisar-se, a compreender-se em todos os segredos de sua organização. [58] É o que se encontra nos já citados poetas, fato fenomenal para o qual propendem todos os cultores do belo nos séculos adiantados: era o que não havia nos cantores da antiguidade, — grandes e mágicos instrumentos, que não sabiam porque o eram.

José de Alencar não pôde, talvez, bem analisar-se, para, de sua individualidade, extrair as regras de sua ação; e, se houve, no seu modo de ver, um ponto de vista em que êle insistisse e de que fizesse cabedal, foi êste a predileção pelo índio, paixão, mesmo, que pretendeu tornar absorvente. As *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios* denunciam como já existia nêle o *verdadeiro poema*. Êste ponto de vista, entretanto, era acanhado, e tinha o defeito de enclausurar-lhe o espírito em um círculo de inspirações muito coloridas, sem dúvida, mas muito menores do que o seu talento; e, conquanto o tempo lhe arrefecesse êste primeiro entusiasmo, a leitura seguida de suas obras demonstra que, nos seus cânones, nunca houve mudança substancial, porque, ainda em 1875, essa paixão revivia no *Ubirajara*. [59] Mesmo

---

[57] "A experiência assegura-nos que os artistas têm sempre muito pouco em vista o desenvolvimento de uma idéia, e essa mesma experiência diz-nos, ulteriormente, que o público do artista nunca se mostra ansioso por idéias, ao contrário, deixa-as à conta dos críticos. Estudando uma obra de arte, procedemos da mesma maneira que se tratássemos de uma obra da natureza: depois de havermos nos deliciado pelo efeito da impressão, passaremos a examinar (*to try*) até a certeza quais os meios de que se serviu o artista para chegar a produzir tais efeitos, e não a idéia que se oculta por trás dêsses processos. Se, na dissecação de um animal, compreendemos claramente o mecanismo pelo qual se operam certas funções, em que nos aproveita saber mais que as funções são as causas finais do mecanismo?" Lewes, *Life of Goethe*, vol. II, p. 211.

[58] "O sinal característico do progresso da inteligência é chegar a fazer com consciência o que a princípio se fazia sem consciência. As mais elevadas operações mentais, que, em origem, foram produzidas de um modo irregular e inconsciente, atingem um modo de ação sistemático." Spencer, *Principes de psychologie*, trad. Ribot (1874), vol. I, p. 693.

[59] "De igual teor, senão mais grosseiras, são as apreciações de outros escritores acêrca dos costumes indígenas. As coisas mais poéticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do caráter dos selvagens, os sentimentos mais nobres dêsses filhos da natureza, são deturpados por uma linguagem imprópria, quando não acontece lançarem à conta dos indígenas as extravagâncias de uma imaginação desbragada." *Ubirajara*, p. 160.

José de Alencar atribui todo o mal que se diz dos índios aos jesuítas e aos aventureiros. Hoje, porém, apesar de ter por muito tempo participado dessa paixão, sem que lhe recuse agora tôda a simpatia, não posso deixar de aceitar como expressão da verdade o quadro cru que nos faz Gabriel Soares dos costumes tupinambás, Gabriel Soares, que não era jesuíta, nem aventureiro, senão um espírito positivo e um eminente observador.

assim, nesta última obra, melhor partido teria tirado para a grande clave da poesia humana, se as circunstâncias lhe houvessem dado acesso aos estudos das religiões, dos cultos, da mitografia, que já então Ângelo Gubernatis conseguira condensar na sua curiosa obra *Mitologia Zoológica*. Mas José de Alencar conservou-se completamente indiferente aos trabalhos interessantes que, nos últimos vinte anos, têm renovado tôdas as províncias do saber humano. Sem dúvida, a isto deve o não ter escapado às influências que amaneiraram Iracema, figura esta que bem merece os reparos feitos por Sainte-Beuve e Vinet ao caráter francês e coquetemente religioso de Atala. [60] Não teria dado à filha de Araquém essa feição druidesca, que todos lhe notaram, nem aos bosques do Ceará e às cerimônias da jurema, entre os tobajaras, tão pronunciados toques do culto de Carnaque, aonde a profetisa, com sua foicinha de ouro, ia colhêr o visgo sagrado e ouvir oráculos sob o carvalho legendário; compreendendo melhor a teogonia tupi, pela comparação e filiação de tôdas as religiões conhecidas e dissecadas pelos processos modernos, afastaria do velho pajé êsses assomos impróprios de um fetichismo grosseiro, qual o dos tobajaras; deixaria de envolver os seus caboclos em um culto que o estado de sua civilização ainda não permitia, e, pondo os caracteres de suas personagens mais de acôrdo com o meio, teria poupado a Martim Moreno e a Iracema palavras que provocariam um verdadeiro escândalo no espírito de Gabriel Soares, se êste ainda fôsse vivo. [61]

> — Não ouves tu, virgem formosa? exclamou êle, apontando para o antro fremente.
> — É a voz de Tupã!
> — Teu Deus falou pela bôca do pajé. "Se a virgem de Tupã abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ela morrerá!" [62]

Na ausência dêsse preparo, forçoso era que o autor, selvagem ùnicamente por um amor reflexo, fundisse a sua obra sôbre as vagas reminiscências dos poemas que outrora lera, e formavam o fundo da legenda tal qual podia viver em sua imaginação. A leitura imprime no espírito, às vêzes, vincos indeléveis. Dá-se, neste caso, o mesmo que com os olhos, quando levamos muito tempo a encarar o sol e de repente mudamos a vista: acontece que todos os objetos tingem-se das côres do espectro solar. Ora, quem assìduamente freqüentou as estantes de certos autores, a menos que não seja idiossincrásico, há de ver tudo que houver em roda segundo as impressões incessante-

---

[60] Sainte-Beuve, *Chateaubriand e Seu Tempo*. Vinet, *Estudos Sôbre a Literatura Francesa*.

[61] *Tratado Descritivo do Brasil*, p. 311 e seguintes.

[62] *Iracema*, p. 68 (3.ª ed.).

mente recebidas. É preciso tempo, ou uma organização muito vigorosa, para romper essa crosta. Na *Iracema*, é fácil distinguir o que vem de Homero, o que vem de Ossian, o que vem dos poemas judaicos, o quem vem de Chateaubriand. Quem, por exemplo, lendo êste trecho, não se recordará de Raquel, no momento de avistar o seu futuro espôso Jacó, e de muitos outros episódios patriarcais, que se encontram, a cada passo, nas páginas das sagradas escrituras?

> A virgem aponta para o estrangeiro e diz:
> — Êle veio, pai.
> — Veio bem. É Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.
> Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro, e entraram ambos na cabana.
> O mancebo sentou-se na rêde principal, suspensa no centro da habitação.
> Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões, para satisfazer a fome e a sêde: trouxe o resto da caça, a farinha d'água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju, o ananás.
> Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte próxima enchera de água fresca, para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro. [63]

Êste outro trecho não lembra as palavras ungidas de José, no Egito, quando lhe apareceram os irmãos?

> Iracema abriu a franja de penas; e mostrou o lindo semblante da criança. Caubi, depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse:
> — Êle chupou tua alma.
> E beijou nos olhos da jovem mãe a imagem da criança, que não se animava a tocar, receoso de ofendê-la.
> A voz trêmula da filha ressoou.
> — Ainda vive Araquém sôbre a terra?
> — Pena ainda; depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.
> — Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que êle se console. [64]

Eis aqui Irapuã, que entra na tribo. Seguem-se os festejos; os caçadores depõem ao fogo peças inteiras; derrama-se o vinho, e os tobajaras banqueteiam-se como Ájax e Pátroclo. Os seus ciúmes contra o branco, que lhe arrebata o amor da virgem dos lábios de mel, a recrudescência dos ódios bravios, as sugestões a que o leva o despeito ingênuo, o recolhimento à cabana, as lutas corporais; tudo aí é tão homèricamente esculturado, que, a não ser a fraseologia intercalada do tropo guarani, suprimido o título, ter-se-ia a leitura da *Odisséia*. Contudo, no seio de tôdas estas reminiscências fatais, tu-

---

[63] Obr. cit., p. 22.
[64] Obr. cit., p. 178.

multua fortemente uma qualquer coisa que não se parece com livro nenhum conhecido. Do conjunto dessa lenda ressalta um tom inimitável, uma sensação estranha, que não pode ser senão o resultado do sentimento original que agitou José de Alencar no meio misto em que a natureza o colocara. Não é um canto aborígine; mas também um europeu não seria capaz de escrevê-lo. É um produto inteiramente crioulo. Como traduzir em outra língua o calor paterno que se irradia desta invocação?

> Verdes mares bravios da minha terra, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba:
>
> Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda, ao raio do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:
>
> Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. [65]

O fato da intraduzibilidade de uma estrofe não será, acaso, a prova mais evidente do seu caráter original, do seu nacionalismo? Incontestàvelmente, a vista do torrão natal rescaldara essa sua fibra poética. Há, aí, uma tamanha concentração de saudade, que nos transporta aos castos amôres do autor pela terra de Iracema. A narração é cadenciada; o período, numeroso, solene; tôdas as cenas se aprestam como dentro de uma penumbra, ou como em um sonho orvalhado de lágrimas e sorrisos. É um tique que pela primeira vez lhe aparece, um sentimento novo que se entretece com o cheiro da baunilha por entre aromas de outras terras. Êsse amor triste e pesaroso de Martim pela gentil filha dos tabuleiros não é outra coisa mais do que a repercussão de uma dor, que começava a esfolhar-se no coração do poeta; a natureza, que nunca o impressionara pelo lado sombrio, como que de súbito o enlanguesce, e destila-lhe na alma êsse veneno, que a sensibilidade de Rousseau depurou na contemplação das cenas grandiosas do deserto. A paisagem perde-se-lhe a cada instante em névoas, e o *canto do acauã, no fundo do vale*, se antecipa às profundas tristezas que a morte da índia havia de derramar na alma severamente poética do fundador do Ceará. Não obstante, o grácil forma ainda o fundo em que se assenta tôda essa pequena transmutação de seu espírito, continuando a mulher a ser, nessa lenda encantada, o eixo sôbre que gira todo o interêsse dramático da obra. Com ser cabocla e filha de Araquém, a amante de Moreno nada perde do capricho que a evolução da mulher, na mente artística de José de Alencar, deixara ficar no epílogo do *Guarani*. São as mesmas garridices e sugestões, desfazendo-se no dulçoroso abandono, na languidez do final de todos os seus livros, em que o amor representa o principal papel.

---

[65] Obr. cit., p. 13.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre espargiam flores sôbre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar da água ainda a rorejava, como a doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do guará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vêzes sobe aos ramos das árvores e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios de cruatá, as agulhas de juçara com que tece a renda e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum espírito mau da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos, o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

Do primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sôbre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que êle pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.[66]

Êste sentimento, gárrulo e flébil ao mesmo tempo, concertando com acento grave do coração bondoso e forte de Martim, vibra em todo o livro, dando-lhe um tom que não se encontra tão pronunciado em nenhuma obra anterior de José de Alencar. O amor de Iracema não é franco, porque não permitem os ritos que o estrangeiro desfolhe a flor consagrada a Tupã. É preciso que o guerreiro se retire da taba, onde o pajé, na própria cabana, o recebera. Chega Caubi, irmão de Iracema, e oferece-se para guiar o branco. A despedida é dolorosa. "A tarde é a tristeza do sol", diz a virgem. "Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela a grande noite." ... "A bôca do guerreiro pousou na bôca mimosa da virgem. Ficaram assim unidos como dois frutos gêmeos de araçá que saíram da mesma flor. Iracema, que não se esquece da vingança, apenas separam-se, põe em sítio os fugitivos. Carpe ainda a sua dor, ao lado de Araquém, quando o grito da inhuma vem despertá-los: é Caubi que avisa. Iracema atravessa a mata e interpõe-se entre os rivais. É ao tempo que os búzios dos potiguares atroam os ares. Irapuã corre a defender a taba, onde exprobra ao branco ofensas a Tupã, e a Araquém, a violação dos ritos; mas êste faz ouvir a voz do trovão

[66] Obr. cit., p. 17.

pela bôca do antro em que está posta sua cabana, e o guerreiro indígena recua, suplantado pelo terror religioso. Martim cisma sôbre o poder do pajé e lembra-o à índia. Alta noite, ouve o grito de guerra de seu amigo Poti. Iracema oculta o segrêdo da presença dos inimigos de sua raça e curte as torturas pelas quais vão os seus passar: o amor fá-la correr ao encontro do chefe potiguara.

Eis aonde verdadeiramente está o perfume original da *Iracema*: é nessa simpática figura do Camarão, que vem salvar o branco. O vulto de Poti emerge das sombras como uma visão real dos tempos idos.

> Avança a filha de Araquém nas trevas, pára e escuta.
>
> O grito da gaivota terceira vez ressoa a seu ouvido; vai direito ao lugar de onde partiu; chega à borda de um taque: seu olhar investiga a escuridão e nada vê do que busca.
>
> A voz maviosa, débil, como sussurro de colibri, murmura:
>
> — Guerreiro Poti, teu irmão branco te chama pela bôca de Iracema.
>
> Só o eco respondeu-lhe.
>
> — A filha de teus inimigos vem a ti, porque o estrangeiro te ama e ela ama o estrangeiro.
>
> Fendeu-se a lisa face do lago e um vulto se mostra que nada para a margem e surge fora.
>
> — Foi Martim quem te mandou, pois tu sabes o nome de Poti, seu irmão na guerra.
>
> — Fala, chefe potiguara; o guerreiro branco espera.
>
> — Torna a êle e diz que Poti é chegado para o salvar.
>
> — Êle sabe; e mandou-me a ti.
>
> . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
>
> — A raiva de Irapuã é como a andira; foge à luz e voa nas trevas.
>
> A mão de Poti cerrou, súbito, os lábios da virgem; a sua fala parecia um sôpro.
>
> — Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido inimigo escuta nas sombras.
>
> As fôlhas crepitavam de manso, como se por elas passasse a fragueira nambu; um rumor, partido da orla da mata, vinha discorrendo pelo vale. O valente Poti, resvalando pela relva, como o ligeiro camarão, de que êle tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A água não soltou um murmúrio, e cerrou sôbre êle sua onda límpida. [67]

Nunca a imaginação brasileira, posta ao serviço da história, conseguiu levantar de sua obscuridade, com a eloqüência da intuição, um vulto tão exato como o que aí fica revelado em poucas linhas. É o camarão semicivilizado que encontramos na fundação do Ceará e nas lendas holandesas.

Os tobajaras atacam o branco, enquanto o pajé recolhe-se ao bosque: mas Iracema ergue a laje onde se esconde o trovão e oculta

---

[67] Obr. cit., p. 77.

o amante no bôjo da montanha. Caubi defende a cabana e faz retroar a caverna. Os revoltosos, aterrados, arrebatam Irapuã, com receio da cólera de Tupã. Então, Iracema e Martim descem o abismo, que dá, em baixo, na planície, para juntarem-se a Poti. Combinam a fuga, e, quando chega a lua designada, logo que os guerreiros são entregues aos sonhos dourados que lhes dá, no bosque, o vinho da jurema, Iracema, depois de depor a igaçaba de onde tirara essas ilusões sagradas, abandona o alvergue paterno com o branco e com o seu amigo. Em vão Irapuã tenta colhê-los, porque Jacaúna, irmão de Poti, vem em seu socorro. Para logo ganham as praias do Camucim, onde êste guerreiro tem a sua cabana. Iracema começa a entristecer, porque a abriga um teto inimigo; Martim dirige-se ao Mucuripe e aí estabelece os seus penates. A vida que os dois esposos aí desfrutam é o idílio perfumoso das florestas. Poti, o amigo sempre fiel, alterna-lhes os serões e conta-lhes sua história.

> Antes que o pai de Jacaúna e Poti, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sôbre todos os guerreiros potiguares, o grande tacape da nação estava na destra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi êle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar e expulsou os tobajaras para dentro das terras, marcando a cada tribo seu lugar; depois, entrou pelo sertão, até a serra que tomou seu nome.
>
> Quando suas estrêlas eram muitas, e tantas que no seu camucim já não cabiam as castanhas que marcavam o número, o corpo vergou para a terra; o braço endureceu como o galho do ubiratã, que não verga: a luz dos olhos escureceu.
>
> Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: Filho, toma o tacape da nação potiguara. Tupã não quer que Batuireté o leve mais à guerra, pois tirou a fôrça de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz dos seus olhos. Mas Tupã foi bom para êle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.
>
> Jatobá empunhou o tacape dos potiguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice, e caminhou.
>
> Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as águas que vêm das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais o fruto nas árvores ou os pássaros no ar, êle dizia, em sua tristeza: Ah! meus tempos passados!
>
> A gente que o ouvia chorava a ruína do grande chefe; e desde então, passando por aquêles lugares, repetia suas palavras, donde veio chamar-se o rio e os campos Quixeramobim.
>
> Batuireté veio pelo caminho das garças até aquela serra que tu vês longe, e onde primeiro habitou. Lá no píncaro o velho guerreiro fêz seu ninho alto, como gavião, para encher o resto dos seus dias conversando com Tupã. Seu filho já dorme embaixo da terra, e êle, ainda na outra lua, cismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande sono.
>
> Todos os chefes potiguaras, quando acordam a voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guer-

> reiro jamais soube, como êle, combater. Assim, as tribos não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.[68]

Canto mais brasileiro do que êste, onde com mais intensidade recenda o perfume das gardênias, aonde com mais calor brilhem os reflexos das nossas lagoas, só o poderia compor um selvagem, talvez poeta, que o acaso houvesse reduzido à retórica dos brancos.

Como "o colibri borboleteando entre as flores de acácia, Iracema discorria as amenas campinas". Nem Ceci, nas margens do Paquequer, nem Carolina, nos jardins de Santa Teresa, nem Diva, nas encostas do Rio Comprido, são mais graciosas, mais interessantes, mais gentis. "A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do espôso, e sorrindo, como a enrediça que entrelaça o tronco robusto e tôdas as manhãs o coroa de nova grinalda." Para completar o idílio, Martim, segundo o costume indígena, tomou no corpo as côres da nação potiguara, e "a alegria ainda morou na cabana todo o tempo que as espigas de milho levaram a amadurecer". Um dia, o branco sente-se morrer de saudades pela pátria, com a vista de um navio no horizonte.

> Como o imbu na várzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram durante algum tempo, mas agora, longe de sua casa e de seus irmãos, sentia-se no êrmo. O amigo e a espôsa não bastavam mais à sua existência, cheia de grandes desejos e nobres ambições. Passava-os já tão breves, agora longos sóis, na praia, ouvindo gemer o vento e soluçar as ondas.[69]

A saudade o mata. "O soluço de Iracema, que o cristão ouviu dentro em sua alma", não impede o movimento ingrato. "Chora o cajueiro quando fica o tronco sêco e triste", diz ela, comparando suas lágrimas com as da generosa planta, mas isto não obsta a que a lembrança das virgens brancas escureça a alma do espôso. Entretanto, a índia sente aproximarem-se as dores da maternidade, e dá ao mundo Moacir, que quer dizer filho de sua dor. Vem Caubi visitá-la. Martim partira com o amigo; o irmão espera o guerreiro branco para perguntar-lhe "o que fizera do sorriso que morava nos lábios de Iracema". Volta o cristão das suas peregrinações contra o inimigo, que o procura expelir da terra, e encontra nos braços da cabocla o filho a quem os seios túrgidos da mãe negam o alimento. O parto devia ser fatal a essa mimosa criatura. "O espôso vê então o seu corpo consumido pela dor; mas a formosura ainda mora nela, como o perfume na flor caída do manacá." A morte e o funeral dessa índia despertam

---

[68] Obr. cit., p. 131.
[69] Obr. cit., p. 161.

a mesma unção que a morte de Atala, para cujo complemento só falta a figura do padre Aubry.

> Desde então, os guerreiros potiguaras que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. E foi assim que, um dia, veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro e os campos onde serpeja o rio. [70]

E finda-se esta lenda com um soluço, em que a própria natureza morta se levanta para enviar o seu brado através das ondas e depois embuçar-se nas sombras da tristeza. Considero-a a obra culminante de José de Alencar; pelo menos, o livro em que sua alma de poeta com mais fôrça e franqueza se revelou. Há, nessas páginas, um sôpro cheio de um *quid* divino, que faz esquecer tôdas as delicadezas que confundem, que irmanam a filha de Araquém com qualquer uma das outras heroínas de seus romances.

Seja, porém, como fôr, a *Iracema,* como poema intuitivo, há de viver em nossa literatura, como vivem, na inglêsa, os poemas de Macpherson, e, na francesa, o *Telêmaco,* de Fénelon.

---

Entretanto, José de Alencar, realizara uma íntima aspiração. Casara-se em uma família anglo-brasileira, à qual se ligavam tradições muito vivas com respeito à nossa independência. [71] Êste casamento teve lugar em condições mais que poéticas. Exausto pelo trabalho, tinham-lhe os médicos aconselhado o repouso, com proibição expressa de entregar-se a estudos de qualquer natureza que fôssem. Obrigado a êsse retiro espiritual, como já por mais de uma vez lhe acontecera, escolheu as aprazíveis encostas da Tijuca. Uma particular predileção o arrastava para tão amenos sítios. Seguiu, pois, para o hotel Benet, e aí recolhido na contemplação da natureza, ouvindo o canto das cigarras, o murmurinhar do orvalho, o burburinho das cachoeiras, enlanguesceu sob as moitas de bambus, dando ao espírito todo o desafôgo que precisava para alar-se a outras esferas. Nem jornais o deixavam ler; mas uma alma acostumada às peregrinações pelo mundo da fantasia não se conserva por muito tempo em uma beatitude semelhante. Começaram as digressões pelas montanhas. Um dia, en-

---

70 Obr. cit., p. 190.

71 O Dr. Cochrane, pai da espôsa de José de Alencar, era filho de um irmão do almirante conde de Dundonald. O consórcio deu-se a 20 de julho de 1864.

controu-o um inglês de maneiras simples e bondosas, que o levou até o sítio pitoresco aonde habitava sua família. Foi aí que depararam seus olhos enamorados a senhora que depois desposou, menina loura e gentil, que dominou-o por uma forte impressão, traduzida então em uns versos castíssimos nunca publicados. Dir-se-ia a encarnação daquela criaturinha meiga e serena que via-se correr pelas barbacãs da casa de D. Antônio de Mariz. O próprio poeta, que começava a navegar de novo no azul, talvez por ser essa família de origem escocesa, por momentos embeveceu-se diante do chalé, aonde a vira pela primeira vez, como diante de uma paisagem de Walter Scott. Esta aliança não deixou de influir como um novo fator nas variações de seu caráter; e na *Iracema*, que já foi composta no domínio da família, pressente-se um sôpro, que não podia deixar de ser comunicado à obra pelos sentimentos inspirados por êsse novo estado. Note-se que êle, que tão eloqüentemente soubera exagerar, na *Mãe*, o amor filial, e, em outros livros, a paixão no homem e na mulher, nunca tivera uma tecla que vibrasse consoante a êsse movimento límpido, tranqüilo, chamado amor de espôso. Foi preciso o lar para revelar-lhe o segrêdo das tintas, sem as quais é impossível pintar com alma um quadro verdadeiro. Além desta alteração, aparece uma outra que não oferece menos interêsse. José de Alencar, já de si grave e inclinado à solidão, afeiçoando-se ao sistema do *home*, fechou-se hermèticamente no lar doméstico, como quem queria viver numa espécie de exílio. Suas relações extremaram-se, e o ruído da vida externa nunca mais entrou-lhe na alma, senão por aquêles condutos que se chamam o jornal e o livro.

Era ao tempo em que se formava o movimento no partido conservador, do qual devia sair o ministério *Dezesseis de Julho*. Do *home*, a transição para a política inglêsa não era um passo difícil. Pequenas coisas às vêzes têm uma influência que ninguém imagina. A concentração no lar reviveu com tôda a energia a tarântula da ambição: e, de repente, ei-lo possuído das doutrinas de Stuart Mill, por exemplo, a fulminar a situação Zacarias, que lhe gerara na alma indignações verdadeiramente apocalípticas. Como acontece em tôdas as naturezas artísticas, se lhe afigurou um Brasil em decadência e um Brasil regenerado: o tipo estampou-se-lhe logo na imaginação; e, com uma porção de sarrafos arrebatados à estrutura enorme da política inglêsa, incompreensível, desde que se não conhece o espírito de sua filosofia, de Bacon e Hobbes até Bentham e seus discípulos, julgou poder apresentar ao país um ideal capaz de suplantar todos os males que corroíam o colosso. Daí procederam as célebres *Cartas de Erasmo;* mas estas notáveis cartas traziam um vício de origem, o mesmo que notei nos artigos do *Diário do Rio*. José de Alencar, espírito poético, privado de instrumento de análise, aprimo-

rado só na ideologia francesa e apaixonada, sem o sentimento da fôrça individual da raça cujas idéias procura apropriar, estava muito longe de poder acertar com a verdadeira interpretação dos fatos, a verdadeira causa dos males que minavam o progresso do país. Dêste modo, flutuando entre a coroa e o povo, pintando desastres em tôda parte, alevantando pela pátria um grito angustioso, acabou por dar-nos o mais cabal exemplo do quanto é, de ordinário, insuficiente o cérebro latino para receber e acomodar as idéias do norte da Europa. [72] Não obstante, as *Cartas de Erasmo*, aonde o seu autor soube, com rara sagacidade, emoldurar essas palavras sonoras e ruidosas, que são a salvação de muitos livros que por aí andam, essas cartas tiveram um momento de popularidade. Surpreenderam o público, e, o que mais é, aplainaram no espírito dos *sachens* do partido, a que êle se filiara, tôdas as dificuldades que lhe poderiam criar a idade e o sestro poético. Tudo se lhe pode negar nesses períodos numerosos, menos a arte de *enristar a palavra,* a arte de comover *apicibus verborum ligata,* e fazer-se acompanhar pela popularidade enluvada. Há aí lampejos de estilo verdadeiramente admiráveis, intuições até de quem vive já em um mundo de videntes; mas a nada disto correspondia, infelizmente, uma estrutura que garantisse os impulsos dessa eloqüência. Era o poeta que mais aí vivia, e o entusiasmo nem sempre partia de verdadeiras e profundas convicções. Para ser Tácito, faltava-lhe a crueza do dardo afiado; não tinha o realismo de Juvenal e Marcial: preferiu as doces sugestões de um cantor que implora, nunca passando dos furores do colibri.

A rude franqueza de Timandro, posta ao serviço das idéias que o haviam impressionado, teriam feito destas cartas um verdadeiro monumento político e uma das páginas mais importantes de nossa história parlamentar.

---

72 A revolução francesa é uma prova desta verdade. Foi a insuficiência prática dêsse simpático país para receber as idéias importadas pelos filósofos da enciclopédia que produziu os movimentos de angústia que deram ao mundo aquêle terrível espetáculo.

# V

## DECLÍNIO

## 1865 – 77

Taine é de opinião que a vida de todo artista se divide em dois períodos; ao primeiro pertencem as obras de verdadeira inspiração, de originalidade, se é possível; ao segundo, a repetição, as imitações, a cópia pálida de si mesmo. [73] É escusado reproduzir os fatos fisiológicos em que se funda a crítica para reduzir isso a uma lei. A sensibilidade tem, como tudo, neste mundo, a sua evolução; cresce em intensidade, exagera-se, gasta-se e decresce até amortecer-se inteiramente, como qualquer órgão que é obrigado a funcionar por muito tempo. Ora, desde que os produtos da arte estão intimamente ligados a esta faculdade, nada mais natural do que participarem de sua intensidade ou frouxidão, conforme estiver em florescimento ou decadência. É uma coisa, afinal, que está no senso-comum; a crítica apenas chamou para êstes fatos uma atenção mais sistemática.

José de Alencar já haveria entrado neste período? Acredito que não. Suas faculdades mostravam-se tão vivas, tão fúlgidas, tão poderosas ainda! O que, antes, me parece, é que, a contar de 1865, graves perturbações foram determinadas pela política na vida do artista, o que, juntando-se a uma concentração violenta das funções em um ponto definido, deu lugar a que penetrasse em sua economia um elemento novo e mórbido, que veio tornar-se, depois, a nota mais aguda do instrumento. [74]

---

[73] Veja-se o desenvolvimento dêstes princípios nas obras *Philosophie de l'art* e *De l'idéal dans l'art*. Lewes parece discordar dêste modo de pensar, até certo ponto preocupado com a extraordinária potência criadora de Goethe, prolongada além dos setenta anos. Só a decrepitude pode motivar o decrescimento do valor dos produtos artísticos; e a propósito cita as autoridades de Flourens e Réveillé Parise, que asseguram ser o período entre os cinqüenta e cinco e setenta anos, e algumas vêzes além, portanto, próximo à decrepitude, aquêle em que, de ordinário, o espírito adquire extensão, consistência e solidez verdadeiramente admiráveis.

[74] "O reinado de Luís XIV se divide em duas partes: antes da fístula e depois da fístula. Antes, vemos Colbert e as conquistas; depois, Mme. Scarron, as derrotas, a proscrição de 500.000 franceses. Com Francisco I, a mesma coisa; antes do abscesso e depois do abscesso. Antes, a aliança dos Turcos; depois, a elevação dos Guises e o massacre dos Vaudenses, com o qual acabara o seu reinado." Michelet.

Diz êle, no já citado trecho de sua projetada autobiografia, que, "ou não tinha vocação para essa carreira (a política), ou considerava o govêrno do Estado coisa tão importante e grave, que não se animara nunca a ingerir-se nesse negócio"; e por isso chama homem *quase estranho* e novo o político, que o orgulho formara, por último, dos destroços do literato. De tudo se depreende que os fatos públicos não tinham a necessária fôrça até então para influírem em sua biografia. A sua presença na imprensa e no parlamento não fôra ocasionada senão pela veleidade de escritor ambicioso, ou pelas circunstâncias especiais em que o colocaram o nascimento e as relações. Nunca sistematizara as suas idéias, nem fôra, em tempo algum, dominado pela *fúria* propagandista. Duas paixões apenas se denunciavam em seus atos, – a literária e o amor-próprio. É sabido que só aquelas duas fôrças podem criar os Burkes e os Kosciuszkos, os estadistas e os apóstolos. Com o enfraquecimento das tentações pela glória literária, enristou-se o amor-próprio, e o artista deixou-se, por último, suplantar. Foi êsse sentimento, principalmente, que o levou a escrever o *Sistema Representativo,* livro curioso, mas sem nenhuma aplicação ao estado da questão eleitoral entre nós: nem revolucionário, nem evolutivo. Foi ainda êsse sentimento, auxiliado pelas circunstâncias e certas aproximações, que o embarafustou em Macaulay e Erskine May. Invadira-o, entretanto, como nunca, um desejo imenso, uma necessidade forte de entrar nos negócios do país, de exercer sua vontade sôbre algum acontecimento, de tornar-se, por fim, uma fôrça indispensável ao mecanismo governamental, e fazer-se respeitar, reconhecer, justamente por aquêles que não se lembravam dos seus merecimentos. Como a Lamartine, desesperava-o o único pensamento de que o Brasil tinha ilustrações políticas e que êle não era uma delas. [75] Movimento de pura vaidade, que, não sendo apadrinhado por uma idéia sólida, arriscava-se a produzir efeitos muito desagradáveis. Ora, os homens querem ser iludidos, mas em regra; não põem dúvida em aplaudir os que exigem êsse gênero de manifestação, contanto que se convençam de que o pretendente a suas graças não o faz só por capricho. É preciso sempre que, quem brilhe, brilhe em nome de alguma coisa estranha ou remota, ou no interêsse dêsse público cioso, que tem sido por isto mesmo a causa de tantas desgraças. José de Alencar não refletiu maduramente sôbre esta verdade, e, entrando na torrente política, não soube calcular as resistências que se lhe deviam opor, bem como a intensidade do impulso e a direção do seu propósito. Seu pensamento capital foi dizer coisas novas e discordar sempre dos homens e dos fatos. Questão de temperamento e de hábitos adquiridos em um meio completamente

---

[75] Mirecourt, *Biografia de Lamartine.*

diverso daquele em que agora se empenhava com a ingenuidade de um artista e a confiança de um Hércules; mas que Hércules? um Hércules a quem a pérfida da política envolvera em uma túnica de Nesso mil vêzes pior!

As *Cartas de Erasmo* transformaram-se na pasta do ministro da Justiça do *Dezesseis de Julho*. Todos viram, não obstante, no entusiasmo fúlgido do moço, auspícios de grande alcance para o gabinete conservador, que se erguia com grande fôrça e pujança. São bem conhecidas as palavras do organizador dêsse gabinete, o Visconde de Itaboraí, a respeito do autor do *Guarani*. Essas palavras até certo ponto justificam a sua insistência em influir, a despeito de tudo, nos negócios públicos de sua terra. O ilustre visconde não imaginava que José de Alencar fôsse uma inteligência tão vasta e tão cheia de lucidez; e, como êle, muitos outros notáveis no mundo político e oficial. E sacrifique, depois disto, um homem, tôda a sua vida, a escrever obras literárias! Esta cândida admiração e *franca* cortesia não eram, porém, penhôres certos de que o caprichoso criador de *Diva* e *Lucíola* se identificasse com os colegas em um pensamento uniforme e benéfico à causa do país. Não tardou manifestar-se, por parte dêle, um movimento excêntrico, que foi aumentando dia a dia. As divergências de índole e de idéias pouco a pouco se foram acentuando, e, por fim, a mais completa incompatibilidade declarou-se entre o ministro indomável e os outros, mais acessíveis ao pensamento imperial. Para resumir-se êste período de sua vida política, que não tenho a pretensão de descrever, pois só me ocupo do literato, basta dizer que, ao passo que, por um lado, José de Alencar seguia um plano confiado apenas na sua fertilidade imaginativa, tal qual tratasse de escrever um romance, sem olhar para o chão em que pisava, por outro, os colegas, irritados uns, outros dominados pela má vontade a que, incontestàvelmente, fazia jus o fulgor de seus talentos, embora nunca articulassem palavras capaz de os condenar, sorriam aos que procuravam chamar sôbre êle todo o ridículo possível. Destas vacilações aproveitaram-se, quanto estava em suas fôrças, os seus maiores inimigos no parlamento e na imprensa; e então viu-se a repetição das mesmas cenas e escândalos que a França presenciou no tempo dos ministérios de Lamartine e de Villemain.

Por que não tinha êsse poeta permanecido no lugar que lhe convinha, nas regiões do ideal e da arte? Por mais que repetisse que a literatura não passava de um desenfado, ninguém acreditava, e os inimigos propositalmente engastavam nos lábios um sorriso desdenhoso. Foi isto, talvez, o que mais o exasperou, concorrendo para desencadear a sua rebeldia e aguçar-lhe o espírito de contradição. Não queriam, decididamente, deixá-lo brilhar. Havia, por fôrça, uma

conspiração contra as suas legítimas aspirações à glória. A luta, entretanto, corria desigual, porque, se era inegável que lhe cabia a superioridade intelectual, não menos certa era a existência da argúcia e da *positividade* dos companheiros, principalmente do mais moço, que compreendeu logo todo o partido que lhe era dado tirar dêstes fatos no ânimo de D. Pedro II, para afastar o único homem que, naquela situação, podia, com seu brilho, anulá-lo e fazê-lo esquecer. No meio de dissabores indizíveis, teve, portanto, de cair como subira. Sua natureza, refratária aos segredos da côrte, o excluía de uma organização que êle não compreendia e que também não podia compreendê-lo. Antes disto, porém, apesar da falta de orientação política, José de Alencar, que, por um esfôrço sem exemplo, conseguira romper os obstáculos que o afastavam da tribuna, teve dias, no parlamento, de verdadeiras glórias oratórias. Há discursos seus que revelam uma fôrça de vontade admirável; é quase incrível que aquêle homem houvesse, com o estudo de gabinete, chegado a adquirir qualidades que só o exercício e a luta concedem, por último, aos esforçados, como prêmio de incessantes sacrifícios. Se a eloqüência está no nervo da frase e no arrastamento do espírito, êle a teve; e os seus discursos foram, nesse tempo, talvez, os mais solenemente escutados. O improviso com que respondeu às invectivas do deputado Silveira Martins passou por um dêsses movimentos sublimes, que são o privilégio das almas a quem a natureza concedeu a *indignatio* de que fala o poeta. Zacarias quis esmagá-lo do alto de sua reputação e de seu prestígio parlamentar, mas teve o desprazer de sentir que as suas armas, por mais aceradas que fôssem, encontravam uma armadura rija, contra a qual tiveram de embotar-se. Pretendeu depois ridicularizá-lo, e deparou a sátira pronta até o sangue; e recuou como um Júpiter de ópera cômica, com o raio de fôlha-de-flandres amarrotado.

Restava a José de Alencar ainda um grande desgôsto, desgôsto tanto mais profundo quanto deveria ser ardente a aspiração que lhe cortavam, — a entrada na câmara vitalícia. Certas suscetibilidades imperiais tinham sido feridas pela sua insistente candidatura a uma das vagas deixadas por dois finados ilustres, e os seus desafetos souberam hàbilmente avolumá-las para que se produzisse o desejado efeito. O imperador antipatizara naturalmente com a altivez do ministro, que desde logo o incomodou com os seus arroubos de moço e de literato *mal acostumado*. Tanto bastou também para que o ministro, esquecido das *Cartas de Erasmo*, se preocupasse com a visão de um poder pessoal, que só o era, naquela ocasião, por opor-se ao levantamento de sua individualidade. Saindo do poder com o coração ulcerado, sentindo-se vencido, todo o seu despeito cresceu contra

o árbitro e diretor de nossas traças políticas. Nisto, êle tinha tôda a razão, porque todo mal que lhe haviam feito os colegas não fôra sem aquiescência do monarca, em cujos olhos os homens que governavam êste país estavam acostumados a ler o sim e o não irresponsáveis. [76] Êsse olhar fatídico perdeu-o; perdeu-o, tirando-lhe simplesmente a calma precisa para representar o mais brilhante papel que um homem em suas condições poderia ambicionar. Se êle, apenas ausentes do gabinete, tem se apresentado na imprensa com franqueza, revelando os tropeços que, no poder, encontrava o homem de talento tôda vez que pretendia fazer prevalecer sua vontade; se tem sido a coragem de levantar-se no parlamento, arregaçando os reposteiros de S. Cristóvão, para mostrar uma coisa que até então nenhum ministro decaído se animara a fazer, isto é, o que se passava ali dentro, no *tête-à-tête* ministerial; se, afinal, José de Alencar tem atacado o imperador, embora rudemente, mas logo, sem detença, talvez tôdas as suas faltas como político fôssem redimidas, e o país, impressionado, o ouvisse de outra maneira, e, ouvindo-o, desse-lhe fôrças para ser o que êle não era. Circunstâncias especiais, talvez, desviaram da imprensa algum artigo em que dava vazão aos sentimentos que o agitavam. Infelizmente, êste assomo ficou nos limbos; e só depois da sua não escolha foi que, pelo *Dezesseis de Julho*, jornal que redigia, auxiliado por seu irmão Leonel de Alencar, rompeu em uma série de artigos, esplêndidos de indignação, mas marcados desde comêço pelo público com o estigma do despeito. A contradição com as *Cartas de Erasmo* era palpável; e, se bem que o fato das suas relações com o imperador pudesse justificá-lo, na hipótese de uma experiência que antes de ser ministro não existia, sobrava a consideração de que não tem licença de dizer verdades um homem que acaba de ser depreciado e excluído de uma cadeira senatorial. José de Alencar não quis ponderar nada disto; e só falou o seu ressentimento. Teve mais uma vez ocasião de ser eloqüente e mostrar os recursos de seu estilo, a *verve* de sua imaginação; mas isto não passou de um triste consôlo; a avidez com que liam os seus artigos, depois de um célebre *Ecce iterum Crispinus*, em que Juvenal forneceu-lhe o tema para fustigar cruelmente a coroa, não compensava o travo que a seta ervada lhe deixara na alma.

Tarde vieram as explicações. Só uma coisa colheu-se de todos êsses desacertos, — a desorientação de um espírito eminente. Afinal de contas, quem o feria, sabia perfeitamente até onde ia o dardo adrede preparado. E conseguiu seu fim, porque desde essa época José de Alencar deixou de ser o homem que era. Foi um mal, um

---

[76] Estas palavras eram escritas em 1879.

grande mal para nós, que tínhamos o direito de esperar da rejuvenescência de seu talento, ainda em todo o seu vigor, um novo impulso ao influxo das idéias que começavam a caminhar no país. E êsse desastre, devemo-lo justamente àquele que, no estrangeiro, era apontado como o mais estrênuo fomentador das nossas letras! A simples *gaucherie* do ministro não autorizava uma punição semelhante, parecendo que o fato de buscar-se assim a falha da armadura do homem não indicava senão a inconfessável queda que, segundo dizem, sempre manifestara o monarca pela demolição das individualidades.

José de Alencar, por fim, sentiu que as flores do seu estilo não bastavam já para sustentá-lo, e que o público para o qual apelava não o acolhia com o carinho a que têm direito os homens justos e populares. Desde então encheu-o um sentimento como de quem se acha em um terreno escorregadio: nem o favor dos grandes, nem a simpatia pública. Êste estado de espírito gerou-lhe uma mágoa incurável, acompanhada de um pesadume horrível; começou a época dos desenganos e dos grandes desalentos. O céu dourado de sua pátria deixou-se aos poucos escurecer e o entusiasmo dos primeiros anos transformou-se na raiva e no pessimismo. O grupo dos adversários que até aquela época o haviam respeitado, desencadeou-se; e bastou êste sinal de defecção para que os menos corajosos se atirassem sem comiseração sôbre sua bagagem literária, encetando uma cruzada demolidora contra o seu nome e a sua fama. O primeiro exemplo já tinha sido dado pelo redator do *Quinze de Julho,* que não poupara meios nem modos de feri-lo no que havia de mais sensível e sagrado. Foi o último golpe, que os maus corações saborearam a longos sorvos. Também não custou muito que o corpo, gasto pela luta, por um trabalho incessante, por uma deslocação imprópria do seu temperamento, não talhado para esforços em um terreno desconhecido, em que só o talento o sustentava, exigisse seu quinhão nas influências que teriam, daí em diante, de determinar a marcha de seu espírito. Recrudesceram certos incômodos do fígado, e uma côr esverdinhada nunca mais deixou-lhe a face, denunciando o estrago que a bile operava, minando-lhe os intestinos.

Não há quem hoje ponha mais em dúvida que as funções do cérebro, a inteligência, a imaginação estejam imediatamente subordinadas aos órgãos mais grosseiros [77] Somos sempre o que o estado

---

77 "O espírito é constituído, não só por funções afetivas, como por funções intelectuais e motrizes. Em todo ato mental há um *consensus* destas três espécies de funções, e as afetivas do cérebro, que estão, provàvelmente, sob a influência direta das funções viscerais da vida vegetativa, são o fundamento das emoções e das impulsações: são elas que dão à nossa vida intelectual e à nossa atividade fôrça, coerência, unidade. Na loucura, a influência dessas simpatias orgânicas é assinaladíssima, porque então acontece que o estado mórbido de uma víscera

sadio ou não de nossos órgãos permite que sejamos. Mais de um exemplo poderia citar de autores cujo estado mórbido se tornou célebre, concretizando-se em uma feição particular nas obras, no estilo. O Pascal das *Provinciais* não é exatamente o mesmo dos *Pensamentos*: ali um espírito são, robusto, lúcido, irônico, o acérrimo adversário dos Jesuítas; aqui a alma esmorecida e agonizante, a olhar fixamente para o céu, bem perto do êxtase ou do misticismo; e para êste efeito não foi preciso mais do que um susto e uma perturbação crônica das funções digestivas. Míseros que somos! devemos a maior parte do nossos melhores pensamentos às nossas boas digestões. [78] Em José de Alencar deu-se igual fenômeno. O autor ridente do *Guarani* não é o mesmo do sombrio *Gaúcho*. O estado mórbido, pois, veio alterar-lhe consideràvelmente o caráter; por conseqüência, o seu modo de ver, como artista, começou a acentuar-se por um lado novo. Uma sombra, um véu lúgubre, uma névoa angustiosa interpôs-se entre o seu espírito magoado e os mesmos objetos que outrora se lhe mostravam tão feiticeiros e cheios de vida. Certas excentricidades despontam aos poucos aqui e ali, e o róseo de suas composições converte-se no violáceo das tardes tristes. Por entre os destroços do seu mundo iriante e arábico derrama-se uma misantropia que muito a custo lhe assenta.

São palavras suas, no *Gaúcho*:

> Que significa êste nome — Sênio, — no frontispício de livros que vozes benévolas da imprensa já atribuíram a outrem?
>
> Cada um fará a suposição que entender.
>
> Era preciso um apelido ao escritor destas páginas, que se tornou um anacronismo literário. Acudiu êsse, que vale o outro, e tem demais o sainete da novidade.
>
> Porventura, escolhendo aquela palavra, quis o espírito indicar que, para êle, já começou a velhice literária, e que êstes livros não são mais

---

torna-se o ponto de partida de um sentimento penível, pôsto que indefinido, de depressão profunda, que termina por tomar a forma de uma alucinação definida. O mesmo sucede nos sonhos: quando dormimos com um desarranjo funcional em uma das vísceras, raro é que não tenhamos sonhos determinados pelo sentimento vago de depressão, que se origina na perturbação orgânica: cremo-nos repelidos, aflitos, condenados à morte, assistindo ao próprio entêrro; em uma palavra, o *eu* sente-se oprimido por um modo, ou por outro, e o drama do sonho se caracteriza lúgubre por causa do tom afetivo resultante da perturbação funcional." Maudsley, *Physiologie de l'esprit*, p. 36, trad. Herzen (1879).

[78] "Os gregos tinham uma palavra muito expressiva para significar a *amenidade*, palavra que, literalmente, quer dizer — uma pessoa que tem bons intestinos, e, por conseqüência, humor fácil, complacente, de bom acomodar, *Eucolos*, em bom francês, — *qui a des bons boyaux*." Deschanel, *Physiologie des écrivains*, p. 136.

> as flores da primavera, nem frutos do outono, porém, sim, as desfolhas do inverno? Talvez.
>
> Há duas velhices: a do corpo, que trazem os anos, e da alma, que deixam as desilusões.
>
> Aqui, onde a opinião é terra sáfara, e o mormaço da corrupção vai crestando todos os estímulos nobres; aqui a alma envelhece depressa. E ainda bem! A solidão moral dessa velhice é um refúgio contra a idolatria de Moloque.

Todavia, não se perca de vista a seguinte observação: tôdas as alterações se operavam sôbre êsse fundo imóvel, que o homem nunca abandona e constitui o que, em fisiologia, chama-se *caráter.* [79] Quero com isto dizer que o José de Alencar do *Guarani* não se elimina de todo, e que a *sensação original,* que preside a sua obra artística, há de se manifestar, em substância, sempre a mesma, com a diferença sòmente do desvio dos raios visuais, da refração da luz e da intensidade de sentimento; que êle, por distração, deixa de empolgar a sua prêsa com o mesmo ardor de outrora. O caráter não muda, modifica-se. Esta garantia de estabilidade é o que constitui o *eu;* só com a dissolução ou com o desconcêrto total da máquina humana pode êle desaparecer. Foi precisamente o reconhecimento desta verdade, já vagamente formulada no século passado por Buffon, – o estilo é o homem, – que fêz com que um autor dissesse que Rafael, ainda mesmo metido em uma taberna e obrigado a pintar beberrões, colocar-lhes-ia sempre nos olhos uma expressão apostólica. É o caso: José de Alencar, ainda que influenciado pela enfermidade que o minava, no fundo, não deixa de ser o gracioso autor do epílogo do *Guarani.* Mudam-se as tintas, mudam-lhe a composição da palhêta, esfuma-se-lhe o quadro, certas figuras preocupam-no agora mais do que outras, apraz-se-lhe a vista, de preferência, no nanquim, com desprêzo do rosicler; mas a mão que maneja o pincel é sempre a mesma; trêmula ou enfusiada, sem a segurança ou a nitidez dos primeiros dias, mas sempre a mesma.

---

[79] "O caráter está para as circunstâncias exteriores na mesma razão que o organismo para o mundo externo. Uma maravilhosa variedade de organismos, entre vegetais e animais, vive e floresce no meio de circunstâncias que lhe fornecem os meios de vida, mas que não determinam a sua *forma específica.* Do mesmo modo, vemos *vários* caracteres viverem em circunstâncias *idênticas,* por elas alimentados, sem que se lhes devam a formação. Cada caráter assimila, do ambiente que o cerca, tudo quanto lhe é assimilável, e repele o resto, exatamente como a planta, que absorve os elementos necessários para a composição da seiva. Não há biologista que ignore que as circunstâncias têm apenas uma influência modificadora, e que estas modificações desenvolvem-se dentro de certos limites. A abundância da alimentação e um tratamento especial podem modificar a ferocidade de um animal bravio, porém nunca farão de um leão um cordeiro." Lewes, *Life of Goethe,* vol. I, p. 23.

O primeiro romance que José de Alencar publicou, depois da crise política, foi o *Gaúcho*, [80] planejado em época muito anterior: contudo, os caracteres que aí se exibem desenvolvem-se na direção precisa que seu espírito havia tomado. Veja-se desde logo como a paisagem se colora e se caracteriza ao influxo dos novos sentimentos que lhe tumultuavam na alma.

> Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes.
>
> A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e coxilhas que figuram as flutuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidade dos mares.
>
> É o mesmo êrmo, porém selado pela imobilidade, e como que estupefato ante a majestade do firmamento.
>
> Raro corta o espaço, cheio de luz, um pássaro erradio demandando a sombra, longe, na restinga do mato que borda as orlas de algum arroio. A trecho passa o poldro bravio, desgarrado do magote; ei-lo que se vai retouçando alegremente babujar a grama do próximo banhado.
>
> No seio das ondas, o nauta sente-se isolado; é átomo envolto numa dobra do infinito. A âmbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. Mas em ambas a cena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante flutuação; têm uma voz, murmuram. No firmamento, as nuvens cambiam a cada instante, ao sôpro do vento; há, nelas, uma fisionomia, um gesto.
>
> A tela oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra possante vitalidade. O mesmo pego, insondável abismo, exubera de fôrça criadora; miríades de animais o povoam, que surgem à flor da água.
>
> O pampa, ao contrário, é o pasmo, o torpor da natureza.
>
> O viandante, perdido na imensa planície, fica mais que isolado, fica opresso. Em tôrno dêle faz-se o vácuo; súbita paralisia invade o espaço, que pesa sôbre o homem como lívida mortalha.
>
> Lavor de jaspe, embutido na lâmina azul do céu, é a nuvem.
>
> O chão semelha a vasta lápida musgosa de extenso pavimento. Por tôda parte a imutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpite, nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.
>
> Pasmosa inanição da vida no seio de um alúvio de luz.
>
> O pampa é a pátria do tufão.
>
> Aí, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a fúria dos elementos, inventou o Criador as rijezas cadavéricas da natureza. Diante da vaga impetuosa, colocou o rochedo; como leito do furacão, estendeu pela terra as infindas savanas da América e os ardentes areais da África.
>
> Arroja-se o furacão pelas vastas planícies; espoja-se nelas como o poldro indômito; convolve a terra e o céu em espêsso turbilhão.
>
> Afinal, a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como dantes, plácido e inalterável.
>
> É a mesma face impassível; não há ali sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestígios. A savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã, até ao dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

---

[80] Esta publicação data de 1870.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional.

As grandes sombras, que não interceptam montes, nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fora. É então que assenta perfeitamente na imensa planície o nome castelhano. A savana figura realmente um vasto lençol desfraldado por sôbre a terra, e velando a virgem natureza americana.

Essa fisionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após ressumbra tão funda tristeza, que estringe a alma. Parece que o vasto e imenso orbe cerra-se e vai minguando, a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio criador que lhe imprime o cunho da originalidade.

A natureza infiltra em todos os sêres que ela gera e nutre aquela seiva própria, e forma assim uma família na grande sociedade universal.

Quantos sêres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indígenas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não há guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso afrontar as privações com paciência e suprimir as distâncias pela velocidade.

Até a árvore solitária, que se ergue ao meio dos pampas, é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e destemido: naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra sêca e poucos orvalhos bastam à sua nutrição.

A árvore é sóbria e afeita às inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas asas e atirou-a ali, onde medrou. É uma planta emigrante. [81]

O mundo mostra-se sempre da côr dos olhos daquele que o observa. O pampa, por certo, não é, para todos, principalmente para o coração do irrequieto gaúcho, que o ama, que nêle sente-se expandir, o pampa não é a paisagem triste, álgida, melancólica, inanida de vida, *êsse torpor da natureza* que estringe a alma do poeta que o contempla. O verdadeiro pampa não foi observado pelo romancista; êste que aí fica, esboçado nas páginas do livro, não passa de um sonho, de um pesadelo: pintura mais exata das desolações, das tristuras que povoam a mente do escritor. [82] Essas rijezas e asserções paradoxais, que o tor-

---

[81] *O Gaúcho*, vol. I, pp. 1-5.

[82] José de Alencar nunca viajou nas províncias do sul do Brasil. Tudo quanto, portanto, disse sôbre a vida do gaúcho e costumes da província do Rio Grande do Sul, foi calcado sôbre informações obtidas de pessoas que ali haviam estado de passagem.

As notas mais importantes e cenas mais característica do livro foram escritas sôbre apontamentos que um parente seu, militar, ministrou-lhe, de volta da campanha do Rosas. Êstes apontamentos dormiram na pasta por longos anos, e só em 1870, quando já haviam perdido o calor que lhes poderia dar o entusiasmo do narrador de viva voz, lembrou-se o autor de traduzi-los em um romance.

nam *quase* desconhecido, são o produto da sua nova maneira de ver as coisas. A frase angulosa, o pensamento brusco e a ausência de fluidez extremam-no daquela casta e fácil idealização dos primeiros dias. Se o pampa fôsse decrito na mesma época em que o vimos, com o olhar límpido e o gesto simplesmente turvado pela comoção poética, inspirar-se nas cenas de sua terra, outros seriam os aspectos da natureza, que nesse quadro aparece tão pesada, tão esmagadora, cheia de um sentimento de desgôsto tão pronunciado. Coteje-se com a descrição florida do Paquequer, no *Guarani*, com a dos sertões de Jacobina, nas *Minas de Prata*, com a do Ipu, Maranguape e Mecejana, na *Iracema*, e ver-se-á a grande diferença dos dois estados mentais em que uma e outras foram produzidas. Entretanto, em ambos os casos, a solidão e o deserto constituem o principal objeto de contemplação artística. Mas, como agora o prisma se deixou embaciar e perdeu a sua brilhante e faustosa limpidez, o seu predileto Brasil aos poucos vai-se esquecendo de que é êsse país encantado, que se ostenta nas obras anteriores, para surgir na tela com as proporções das margens do Asfaltite.

Seus livros não são mais aquelas elações sublimes de poeta oriental para a região das ilusões eternas; ao contrário disso, transformam-se em repositórios disfarçados das suas queixas, dos seus despeitos, que involuntàriamente se vão ampliando, estendendo, multiplicando, através das antigas e suaves concepções, em alusões políticas, pretensões a jeremiadas, no fim das quais anulam-se os intuitos literários, a vitalidade mesmo dos personagens, para só aparecer forte, vigorosa, a sua misantropia encarnada nos heróis dos novos romances. [83]

Pela primeira vez, no *Gaúcho*, a mulher deixa de ser o ponto central de suas composições. Como que desponta-lhe uma obsessão demoníaca, que, afrouxando os laços que o prendiam às *miniaturas* gentis e à candura natural, concentra todos os esforços de sua imaginação sôbre uma sombra de Banquo. Essa sombra é o pessimismo, o desgôsto, o amor-próprio ofendido, que, desconhecendo-se, sistematiza-se, coordena-se em figuras, em formas literárias. Êste sentimento, ou, antes, êste estado doentio, engrandecido pela idealização, que continua a trabalhar com a mesma intensidade em seu espírito, não só ensombra os sorrisos de Cecília e Iracema, nas suas novas criações femininis, como abre brecha à irrupção de caracteres ferozes, mas de uma ferocidade ilógica, de cenas truculentas, mas de um horror vacilante,

---

[83] As únicas alusões políticas, feitas, antes disto, por José de Alencar, em obra literária, são as que se encontram nas *Minas de Prata*, vol. I, pp. 122 e 123, e em uma nota da *Iracema*, p. 234 (3.ª ed.), em que o autor fala na diversão que a literatura lhe procurava contra a *tristeza que lhe infundia o estado da pátria entorpecida pela indiferença.*

indeciso, incongruente, como o que se experimenta em sonos mal dormidos.

O que quis êle exprimir com êsse homem singular dos pampas, êsse Manuel Canho, triste, excêntrico, cruel, em oposição a tudo, revoltado contra a sociedade, alimentando sistemàticamente o ódio contra os homens, isolado como uma fera no deserto, perlustrando, cheio do pensamento homicida, as vastas savanas, sem uma palavra de amor para seu semelhante, nutrido sòmente da dedicação que encontrava na convivência dos irracionais ? Êsse moço, que parece não ter coração nem para o sexo oposto, que não desfolha um sorriso de meiguice para os parentes, que prefere a sociedade da tropilha, para si, a única e verdadeira humanidade, a quanto encanto possa existir na vida de família, nos serões do povoado, nas festas em que o peão sente-se feliz, não será uma vítima simplesmente de uma preocupação absurda, que o elimina do seio da humanidade e o torna injusto e desarrazoado ? Bem sei, e é facil verificar pela ênfase do livro, que não foi êste o pensamento do autor. José de Alencar pretendeu fazer dêsse personagem um vingador da justiça expatriada e acoitada no deserto. Isto não obsta, porém, a que chegue-se à conclusão de que o tipo descrito nessas páginas nada tem de externo ao poeta, o qual, longe de colhê-lo na observação dos caracteres existentes no meio em que vivia, copiou-o, inconsciente, da exaltação de sua sensibilidade. Êsse fenômeno é muito vulgar em todos os autores em que a imaginação sobrepuja a razão. É o que ter-se-ia notado em Carlyle, depois de seu recolhimento em Chelsea, se êle fôsse romancista; é o que se terá de notar em V. Hugo, a contar do advento dos *Miseráveis*: um eterno monologar de vidente, de profeta, distribuído por diversos personagens, que se movem como autômatos.

*Facile credimus quod volumus.* As obras de Shakespeare nunca tinham sido leitura atrativa ao espírito do autor do *Guarani*. O lar aproximara-o dessas criações gigantescas, que causam vertigem sempre que se as lê com a alma; esta aproximação, no meio de suas decepções, acaso o fêz acreditar que tinha chegado o momento de penetrar-se dos tons solenes, que tornaram Hamlet um rochedo inacessível à crítica de todos os tempos. Manuel Canho viveu em sua mente como uma alma profunda e hamlèticamente indignada. A lembrança do assassinato de seu pai, cometido pelo Barreda, e o casamento de sua mãe atraem-no ao sangue como ao touro bravio as sugestões do bandarilheiro. Mas constituirá essa paixão sanguinária a elevação real de um caráter ? Se não passa de uma preocupação, de uma idéia fixa, de um tique, não lhe encontro causas patológicas; e, saltando do infeliz príncipe dinamarquês para o desgraçado Macbeth, é indubitável que as dificuldades são ainda mais resistentes. É que o Canho não pode ser um estudo feito sôbre a natureza humana; é simplesmente

um pesadelo concretizado, um fantasma saído das profundezas de uma alma alquebrada, projetando-se, por um esfôrço da fantasia, com tôdas as incongruências agitadas na imaginação onde gerou-se, em um cenário real, mas descrito de outiva. Doze anos viveu Canho no deserto, afagando a idéia da vingança; e só porque um dia, encontrando o Barreda, teve dêle compaixão e não o matou, antes ajudou-o a curar-se de uma enfermidade que o havia prostrado em leito de morte, duvidou de si e "dessa rispidez e concentração que eram a repercussão interior da pouca estima em que tinha geralmente a raça humana". Entretanto, logo adiante, consola-o a idéia de que fôra a predestinação que o impelira a poupar o Barreda. "Aquêle homem era sagrado para êle, como a vítima já votada ao sacrifício. A idéia de que êle havia de matá-lo tornava Manuel compassivo, não para o assassino de seu pai, mas para o enfêrmo que se revolvia no leito de dores." E, por fim, mata-o de um modo estrondoso, tendo o satânico prazer de atravessá-lo com a mesma lança que, doze anos antes, fôra deixada no corpo exangue do autor de seus dias. Basta êste traço para compreender-se a inconsistência enfática de semelhante caráter, que, afinal de contas, por mais que se eternize em protestações contra a sensibilidade, não deixa de revelar os rudimentos de um coração, que, sem a crosta dos azedumes, sem os caprichos, os impulsos que a preocupação do ex-ministro da Justiça lhe comunica, devolveria para os simpáticos tipos já descritos.

O pendor natural da índole do romancista leva-o, na última parte do romance, a transigir com a rispidez do misantropo. Manuel Canho chega a amar Catita; e, por mais que êste amor se apresente convulso, extraordinário, por mais que se inculque furioso, a devastar a alma do gaúcho, como o pampeiro as infindas savanas, ninguém se persuade de que, no fundo, não transparecem uns resíduos do cavalheirismo de Estácio, de Peri, de Álvaro. Verdade é que, nessa luta, em que se empenha o autor para manter a lógica do Canho, êle o obriga a esquecer-se de Catita, deixando-a casar com Romero; mas não passam muitos dias sem que êste caia sob o punhal homicida do cioso gaúcho, que, não encontrando franca solução às tergiversações de seu gênio, cavalga o potro, arrebata a amante e desaparece em uma dobra do horizonte, envolvido em um tufão medonho, em uma espécie de cataclismo. [84] O Canho, em suma, nem é Hamlet, nem Macbeth: é puramente o desarrazoamento de uma natureza que, predisposta para o amor, para a ternura, para o riso e para as flores, perturba-se, contradiz-se, mal-acondiciona a raiva, os maus sentimentos, a perversão calculada, confundindo as flores, que despontam em tôrno de si, com os cardos e urzes, saturando o ar de aromas acres, abafando a reper-

[84] A catástrofe é o final obrigado de todos os romances de José de Alencar.

cussão melódica com os acordes rudes e violentos, sem a energia e a eloqüência das naturezas constitucionalmente orientadas para o mal.

Seja como fôr, a penumbra em que se agitam os novos personagens aniquila quase todo o encanto das suas criações femininas, que, se bem que guardem o donaire das primeiras, perdem muito da sua frescura. As pobrezinhas não encontram mais espaço franco para espanejarem-se na cena, que se enche tôda com a hipertrofia das figuras masculinas, sôbre que recai a melhor parte das atenções do escritor. O culto à mulher desaparece; não é ela mais o centro do universo; seus olhos esgazeiam-se; o céu torna-se tempestuoso; a paisagem cobre-se de uma côr cinzenta e triste. Os rios não rumorejam, as aves emudecem, o homem não sorri. À senhora sucede a vítima: ao amor, o mêdo. Catita, ante Manuel Canho, representa a rôla fascinada pela serpente. Não era, por certo, assim que cativavam Cecília, Carolina, Inezita, Iracema, Lúcia e Diva; estas eram soberanas, quando não soberanas, caprichosas; Catita, porém, nunca pensa em insurgir-se contra o amor do gaúcho, que se impõe. Sem cavalheirismo, animalizado, o homem abandona os sentimentos doces, que o civilizam, para mostrar-se ùnicamente pelas arestas de quem vive habituado com feras e cavalos. Perdida então a magia exercida pela mulher, como que uns movimentos epilépticos se apoderam de seu espírito, e daí os esgares dessa imaginação, outrora tão rutilante, nas cenas do amansador, da Morena em flagrante delito de caridade materna para com o filho de uma outra, da dedicação da tropilha que acompanha o gaúcho como bando de verdadeiros apaniguados... Desvarios que lembram muito de perto as extravagantes criações de V. Hugo, no *Homem que Ri*, e sintetizam as vinganças e represálias de um poeta desnorteado. Pois que a sociedade não o compreendia e era tão má, tão detestável, que repelia de seu seio, como o mar ao âmbar perfumoso, os seus produtos mais vigorosos; pois que os homens eram tão estúpidos, grosseiros, egoístas e perversos, que o afogavam na indiferença e no sorriso irônico: ao menos fôssem obrigados, por aquêle quadro eloqüente, a reconhecer que a natureza, elevando-se acima dos brutos, só fizera seleção do que nêles existia de mau, de horrendo, deixando sem oriente, nas raças inferiores, tudo quanto de sublime e amorável podia constituir o orgulho da humanidade.

Que maior desafio poderia um autor atirar à face do mundo do que o que fica estereotipado nas linhas que se seguem?

> Afastara-se Manuel para descansai o corpo sôbre a grama. Enquanto festejava a baia seu poldrinho, sem nunca se fartar de o ver e possuir, dormiu o gaúcho um sono breve, mas profundo e reparador. Era tarde caída quando despertou.
>
> Voltava a tordilha, guiando as selvagens coudelarias, que vinham felicitar a exilada, pela sua boa volta aos cerros nativos. Os relinchos de prazer, as alegres cabriolas, não tinham que invejar ao mais terno

agasalho da família que revê a irmã perdida. Se diferença houve, foi a favor dos agrestes filhos dos pampas. Nenhum se lembrou que era mais uma fome para a comunhão. O cavalo é sóbrio e generoso.

Erguendo-se o gaúcho, dispararam os magotes, e sumiram-se por detrás de um cêrro. A baia, porém, foi ter com as irmãs e conseguiu que tornassem. Outra vez apareceu o bando, mas parou em distância, ao sinal do chefe, soberbo alazão, cuja estampa magnífica desenhava-se em miniatura no lindo poldrinho recém-nascido. O altivo sultão do selvagem harém avançou cheio de confiança.

Tinha a Morena contado o que por ela fizera seu benfeitor?

O pai do magote e o gaúcho saudaram-se como dois reis do deserto. Não houve entre êles afagos, nem familiaridades; mas uma demonstração grave de mútuo respeito e confiança.

Quanto, porém, às companheiras da baia, essas, apenas viram o alazão aproximar-se do gaúcho, fizeram-lhe uma festa como não se imagina. Manuel recebeu-as a tôdas com a efusão e prazer que sentia por essa raça predileta. A uma alisava o colo, a outras penteava as clinas, ou amimava-lhes a garupa. E tôdas se espreguiçavam de prazer e trocavam sinais de grande afeição, como se fôssem amigos de muito tempo.

Nunca Manuel sentira tamanho prazer. Achar-se no meio daqueles filhos livres do deserto; admirar de uma vez tão grande número de lindos e altivos corcéis; deleitar-se na contemplação das estampas mais elegantes e garbosas; admirar a casta em sua pureza, e nos mais belos tipos, enobrecidos pela independência e liberdade; há gôzo que se compare a êste, para um peão?

O avaro, nadando em ouro, não teria as inefáveis emoções de Manuel naquele momento, no meio dos magotes que o festejavam, escaramuçando em tôrno. Também êle era filho do deserto, e desejaria fazer parte daquela família livre, se outros cuidados não o chamassem além.

Cuidou, enfim, o gaúcho da partida. Cumprira o dever de ... ia dizer de humanidade, e talvez não errasse, tão inteligente e elevado era o sentir dessa alma pelo brioso animal, que êle prezava como o companheiro e amigo do homem! Para êle, que devassava e entendia os arcanos da organização generosa, o cavalo se elevava ao nível da criatura racional. Tinha mais inteligência que muitas estátuas ermas de espírito; tinha mais coração que tantos bípedes implumes e acardíacos.

Não direi, contudo, dever de humanidade, mas de fraternidade o era, de certo; posso afirmá-lo.

Manuel considerava-se verdadeiro irmão do bruto generoso, bravo, cheio de brio e abnegação, que lhe dedicava sua existência e partilhava com êle trabalhos e perigos.

Teria a si em conta de um egoísta e cobarde se não seguisse os impulsos de seu coração, restituindo um ao outro, aquela mãe órfã ao filho desamparado. Agora que estava, uma, tranqüila e contente, e outro, salvo e reanimado, e completa, pela mútua adesão, aquela dupla existência, podia-se ir sossegado; e o devia quanto antes, que um dever imperioso o reclamava em outro lugar.

Êsse dever, sim, era humano; era a vingança do filho contra o assassino que lhe roubara o pai.

Segurou Manuel, com o fragmento do laço do caçador, uma égua rosilha, que já não tinha poldrinho a amamentar. Nenhuma resistência fêz o animal; todos se tinham rendido à influência misteriosa do gaúcho; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu afeto, que houve quase querelas e arrufos de ciúmes, pela preferência dada à rosilha.

Quem mais se agitou com esta escolha foi a Morena. Embebida até então com o poldrinho, tôda ela era pouca para a satisfação e alegria daquela restituição. Multiplicava-se; havia tantas mães nela quantos sentidos; uma nos olhos, que embebiam o filho; uma nos ouvidos, que o escutavam; uma na língua, que o lambia; uma nas ávidas narinas, que o farejavam; uma no tato, com que o aconchegava.

Mas onde estava ela, sobretudo, era naquele sexto sentido, exclusivamente materno, que reside nas têtas lácteas, o sentido da sucção, pelo qual a mãe sente que se derrama no corpo do filho e se transporta, gôta a gôta, para aquêle outro eu.

Percebendo o movimento do gaúcho, foi a égua arrancada ao júbilo materno pela lembrança do que devia ao benfeitor. Correu para êle; e, afastando, meio agastada, a rosilha, cingiu com o pescoço a espádua do amigo.

Manuel abraçou-a entre sorrisos e mágoa.

Pensavas tu, Morena, que me iria sem abraçar-te? Adeus!... Levo de ti muitas saudades. A corrida que demos juntos, nunca, nunca hei de esquecê-la!... Duvido que já alguém sentisse prazer igual a êsse. Falam outros das delícias de abraçar uma bonita rapariga: se êles te apertassem como eu a cintura esbelta, voando por êstes ares!... Adeus! Lembranças ao alazãozinho.

Arrebatando-se à emoção da despedida, pulou Manuel no costado da rosilha e apartou-se daquele sítio.

No momento em que virava o rosto, que tinha voltado para ver a baia, esfregou as costas da mão pela face esquerda.

Seria uma lágrima que brotava ali!

Ficou-se imóvel a égua, com a grande pupila negra fita no cavaleiro que afastava-se ràpidamente. Seu peito arfava com ornejo profundo, que parecia um soluço humano. [85]

O *Gaúcho* resume-se todo nesta cena singular. Aberto o livro, e lidas ao acaso páginas como esta, ninguém duvidaria ter diante dos olhos uma imitação das *Viagens de Gulíver,* cheias de um humorismo inplacável. Infelizmente, porém, não se trata de fábulas engenhosas à Swift, em que as cóleras do moralista ou do misantropo, senhor de si, se traduzem em fantasias caprichosas, mas expressivas. Ligadas ao resto da obra, fazem entristecer. O autor fala convicto; o livro é um romance de costumes e pretende basear-se na observação. Desde o momento em que dobra-se a última página, a impressão que invade o leitor é a de um verdadeiro sonambulismo literário, em que, já desviado, por natureza, do sentimento do real, o poeta perde também a percepção antitética, que liga o fantástico à vida positiva e consciente.

---

85 *O Gaúcho,* vol. I, pp. 98-103.

## VI

## O MESMO ASSUNTO

### 1865 — 77

O *Tronco do Ipê* continua a desenvolver progressivamente o tipo misantropo do *Gaúcho*. É o mesmo subjetivismo, a mesma preocupação de superioridade a soterrar tôda a vida objetiva do livro. A cena fica completamente cheia com a figura de Mário; o seu desgôsto, a sua revolta, aquilo que o autor chama energias de uma alma digna, ainda consegue suplantar o elemento feminino, se é que não o desvirtua por uma vez. Irmão gêmeo de Manuel Canho, só com a diferença das exterioridades e de uma aproximação mais completa das indignações que sitiavam a alma do poeta, o herói do novo romance impõe-se logo à imaginação como uma afronta a todos os sentimentos francos e bondosos da raça humana. É desagradável o tipo dêsse Hamlet-mirim, que, na idade em que todos folgam e desarrazoam ao acaso, já perturba-se com um orgulho descomunal, e sucumbe à idéia de vingar-se na sociedade da morte de seu pai. Caráter sombrio e cheio de pontos meticulosos, como que José de Alencar combinou-o depois de haver atravessado alguma dessas muitas criptas que constituem os incidentes de nossa carreira pela terra. A fachada mesmo do edifício é lúgubre; o primeiro capítulo do livro, um pesadelo, um verdadeiro vestíbulo de casa mortuária. Aquêle pai Benedito, decrépito e demente, a pronunciar palavras desconexas "como um instrumento perro a que houvessem dado corda, soltando a cantilena soturna e monótona, que é o eterno solilóquio do africano", [86] previne o leitor contra a indisposição em que tortura-se o espírito do romancista.

É certo que, ao volver as primeiras páginas, descortina-se a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* com seus prados risonhos, seus bosques ensombrados, suas paisagens planturosas, que um grupo de crianças travêssas e brincalhonas percorre de troça com uns pajens petulantes e mucamas afaiscadas. Não tarda também a emergir dêsse fundo cerúleo a interessante Alice, "viva, ágil e sutil como o passarinho, com os grandes olhos velutados de azul, sempre límpidos e

---

[86] *Tronco do Ipê*, vol. I, pp. 9-14.

serenos, e os lábios mimosos sempre em flor", a contrastar [87] com a elegante Adélia, dotada "da graça da rosa nascente", meio séria, meio ríspida, com os seus gestos de *miss* aclimada. [88] Pelo decorrer da história há descrições de um encanto e de uma frescura tamanha; há cenas tão vivas entre as crianças que formam a parte mais curiosa do livro; entre Mário e os companheiros desenrolam-se dramazinhos tão risonhos; aqui e ali murmureja um arraial tão chilreante, que se torna impossível desconhecer a pena que escreveu *Cinco Minutos* e *Viuvinha*. Mas tudo isto se vai estendendo na tela como fios de ouro, entretecidos com outros de uma côr triste e denegrida, que roubam-lhes o brilho e, por fim, os obscurecem. Mário ali está, e não se esquece de que constitui a grande projeção do livro. As límpidas águas do lago, onde bóiam os nenúfares e pousam as gaivotas e os irerês, êle as vai perturbar e revolver, trazendo à superfície a vasa de um gênio perverso, contraditório, só feito para provocar sofrimentos alheios e, em regra, por causa de nonada. Não importam as suas cabriolas de criança, nem as suas digressões jocosas, nem as pirraças de Lúcia com o Martinho, o pajem que o segue. Já em começo a mucama Eufrósina chamava-o de esquisito e menino mau. Êle é frio, "de poucas palavras, movimentos graduados, como quem quer tomar uns ares de homem sério", e tem "intermitências incompreensíveis, durante as quais se operam as expansões enérgicas e vigorosas de seu organismo". O autor, apesar de torná-lo indefinível, compara-o ao "gamo condenado por muito tempo à imobilidade, que, uma vez sôlto, arroja-se sempre por despenhadeiros e precipícios". Mas o que não se encontra verdadeiramente é o motivo dessa *idiossincrasia moral*, como êle a qualifica, sem que isto oponha-se a que a criança caprichosa governe seu caráter e prometa "para mais tarde o homem de boa têmpera, capaz de grandes cometimentos". [89] O que torna-se duvidoso, entretanto, é que a desenvolução de uma idiossincrasia possa transformar-se nunca em virtude; e, de fato, o que de real existe no temperamento de Mário é o progresso rápido de uma mania, que o romancista inconscientemente insinuou na alma do personagem em que mais se esmerou. E Mário vivia em uma casa em que se suspeitava existir o assassino de seu pai; esta idéia o persegue de contínuo e crava-se-lhe na mente como a *idéia-verruma* de que fala o poeta dos *Trabalha-*

---

[87] José de Alencar era muito amigo dos contrastes.

Em quase todos os seus romances há sempre uma moça morena, de cabelos negros, fazendo *pendant* à heroína, em regra loura e angélica. Foi um hábito adquirido no estudo da *maneira scottiana*.

No *Guarani*, Ceci e Isabel; nas *Minas de Prata*, Inezita e Elvira, e assim por diante.

[88] Obr.cit., vol. I, p. 20.

[89] Obr. cit., vol. I, p. 39.

*dores do Mar*. Embora não passe dos treze anos de idade, não deixa de possuir fôrça bastante para arrancar o segrêdo, que o persegue, das brumas que o envolvem, "interrogando a própria natureza inanimada". É admirável que uma tão tenra criatura pudesse empreender uma luta semelhante. Isto não obsta a que o faça.

> Debalde os rochedos eriçavam suas fragas e alcantis, como puas terríveis, ou abriam suas gargantas profundas e medonhas para sumir o imprudente cujo pé deslizasse à borda do precipício. Debalde o lago sombrio, povoado das plantas, mas que a tradição fazia vagar por suas margens, envolvia-se, como em sudário, na solidão fria e glacial, exalando pelas fendas do penhasco o lúgubre estertor do redemoinho, a se estorcer em convulsões... Nenhuma dessas ameaças do êrmo, nenhuma dessas cóleras da natureza selvagem fêz recuar o menino. Êle avançava, hesitando, é verdade: seu coração batia mais apressado; seus olhos inquietos moviam-se com extrema mobilidade de um a outro lado; freqüentemente voltava a cabeça, imaginando que um perigo qualquer o seguia passo a passo e estava prestes a cair-lhe sôbre. Às vêzes parava para escutar os rumores indefiníveis da floresta, essa voz estranha que toma quase ao mesmo tempo todos os tons, desde o gemido até o grito humano, desde o zumbir do inseto até o rugir do tigre, desde a gôta que borbulha até a catadupa que ribomba.
>
> Mas, pouco a pouco, Mário foi se familiarizando com essas ilusões do êrmo, verdadeiras miragens da floresta: com a diferença que as miragens dos desertos da Arábia são produzidas pela luz, as miragens de nossas matas virgens são o efeito da sombra nas horas mais esplêndidas dêste clima brilhante.
>
> Mas a luta se travara entre aquêle menino audaz e aquêle abismo terrível: um dêles devia triunfar e vencer ao outro, ou o abismo havia de devorar o menino, ou o menino submeteria o abismo e zombaria de sua cólera.
>
> Mário triunfou. Como o rochedo, a laje recebeu seu jugo.
>
> Sondou êle as profundidades do boqueirão e estudou sua carcaça; com a continuação, chegou a conhecer todos os incidentes do abismo. [90]

Esta transcrição é bastante para fazer ressaltar o grau de fantasia até onde foi arrastado o romancista na construção dêsse menino extraordinário. Não se pode conceber um orgulho mais desmarcado, nem uma violência de caráter mais precoce. Uma vez, estando Alice quase a morrer afogada no redemoinho do *Boqueirão*, êle atira-se à água para salvá-la; mas só uma coisa o impele: é a ambição de vencer a voragem e arrebatar a filha do barão, a quem odeia de morte e pretende esmagar com um ato de heroísmo. No anseio de apresentar nessa criança impossível o arcabouço de um caráter de gigante, José de Alencar tateia, buscando acentuá-la definitivamente em períodos cheios de evoluções fraseúrgicas.

---

[90] Obr. cit., vol. I, p. 161-165.

Não hei de encobrir os defeitos dêsse caráter, como não pretendo exaltar suas qualidades.

O coração de Mário, desenvolvendo com um vigor prematuro as fibras da energia, da perseverança, do heroísmo, da amizade e do ódio, ficara atrofiado a respeito da piedade, da simpatia, da ternura, de todos êsses sentimentos brandos e suaves que formam o bemol da clave humana.

Em qualquer outro momento, se viessem dizer a Mário que a filha do barão tinha morrido, êle sentiria apenas a surprêsa que produz um acontecimento imprevisto, e essa turbação do espírito diante do terrível mistério, tôdas as vêzes que êle formula o seu inexorável problema. [91]

Nunca se viu tamanho desdém. Mário não permite que o admirem; e, quando o pai de Alice, o barão a quem antipatiza, a quem odeia, chama a atenção de todos sôbre o seu ato de abnegação, a resposta que êle dá é que o cão da Terra-Nova mais fàcilmente vencia o homem em heroísmos como aquêle. Não obstante, esta ferazinha modifica-se na juventude, e da maneira a mais ilógica. Alguns anos passados na ausência do barão, que o educa e protege, são bastantes, justamente na idade em que os ressentimentos de um *homem de caráter* mais se agravam, para apresentá-lo razoável e acessível a todos os movimentos de uma natureza afetiva. O Rio de Janeiro é quem produz esta poderosa revulsão. Mário não custa muito a "adquirir esta admirável ciência que ensina a ir com o mundo, a aceitá-lo como êle é realmente e não como o sonham os moralistas"; e, como em muitos outros romances, a transição opera-se entre sentimentos vários, entretecidos, nas cenas do romance, por cima de verdadeiras impossibilidades fisiológicas. [92] José de Alencar tinha êste defeito. Facilitava muito as soluções nas últimas páginas de seus livros.

---

Na *Guerra dos Mascates* evoluem os mesmos tipos, apenas com a circunstância de enfraquecimento em intensidade, pela introdução clara de um elemento novo. Êsse elemento é o satírico. José de Alencar, sem querer, talvez, transformou êste romance em um panfleto político. Conhecem-se as hesitações. Ora o escritor olha para os cronistas, para as memórias históricas de Gama Rabeca, ora para os indivíduos que o cercam, para os que o fazem rir ou que o aborrecem. Em todo caso, prevalece a preocupação maligna do presente. Há ali retratos cuja semelhança é mais que muito irrecusável. Não foi, portanto, sem razão que um jornal desta Capital indicou, por trás dos nomes de Sebastião de Castro Caldas, do capitão Barbosa Lima e do ajudante Negreiro, os vultos de D. Pedro II, Rio Branco e Saião Lobato. São do próprio autor estas palavras: "Copiando o vulto his-

---

[91] Obr. cit., vol. I, p. 185.
[92] Obr. cit., vol. I, p. 188.

tórico (Sebastião de Castro Caldas), além de vingar a sua memória contra a injustiça e o aleive dos coevos, erigi em vera-efígie, para exemplo dos pósteros, a estátua dessa política *sôrna, tíbia, sorrateira e esconsa*, que, à maneira de carcoma, rói e corrompe a alma do povo." [93] Em lugar do governador, coloque-se o imperador, e ter-se-á a época em que se desenvolve essa política *sôrna e sorrateira*. Não importa que o romancista logo adiante proteste antecipadamente contra aquêles que hão de querer divertir-se experimentando carapuças, à custa de seu livro, "o mais inocente de quantos já foram postos em letra de fôrma, desde que se inventou êsse gênio do bem e do mal chamado imprensa". Os intuitos são manifestos, e a tarântula das alusões sufoca inteiramente aquêle sentimento das belezas coloniais, que resplende nas páginas das encantadas *Minas de Prata*. Não lhe serviram os expedientes de La Bruyère. A *Guerra dos Mascates* é, pois, o menos histórico de quantos romances escreveu o autor do *Guarani*. A atenção foi muito enfraquecida pelas môscas impertinentes, pelos *blue devils;* os personagens, usando de expressões do mesmo autor, "não são mais do que os manequins da crônica, semelhantes às figuras de pau e cêra em que os alfaiates e cabeleireiros põem à mostra, na vidraça, roupas e penteados". [94] "Como desviar o espírito dessa obsessão, se, logo no prólogo da obra, se entrega em cheio à composição de um tratado chocarreiro sôbre as eleições em nossa terra? Relevam-se as agressões sistemáticas às instituições consagradas, pelo tom humorístico que o escritor apropria, mas, por último, o que ressalta é a indisposição do ex-ministro que escrevera o *Dezesseis de Julho*.

> Nesse homem de pêlo híspido e couro adiposo, ressumbrava certa expressão e jeito suíno, que chegava, algumas vêzes, até a grunhir. O tronco parecia Diógenes puro, mas lardeado de D. Quixote e trufado com Aretino. O todo afogado em grosso unto de Tartufo, mas com rija códea de Catão, que firmava os folhos do grande pastelão de carne e osso.
>
> O antagonismo dos elementos agregados no indivíduo o traziam em tamanha anarquia, que se lhe desarticulava o pescoço a cada instante em torcicolos e trejeitos, como se a cabeça lutasse para despegar-se do corpo estranho, ao qual, por engano, a tinha ligado. Dêsse cacoete lhe proviera uma volta do cangote, que o tornava um tanto corcunda.
>
> Os que mais de perto conheciam o ajudante, tinham-no em conta de homem às direitas e fiavam tudo de sua inteireza. Também disso damos testemunho; mas era de lamentar que a natureza não tivesse virado ao avêsso tão excelente pessoa, mostrando-a, antes, pelo fôrro.

Diz um crítico que Milton involuntàriamente retratou Carlos I e Cromwell em Jeová e Satã, o Príncipe de Gales em Jesus e o *mé-*

---

[93] *Guerra dos Mascates*, vol. II, p. 141.
[94] Obr. cit., ibid.

*nage* inglês, com tôda sua *respectability,* no formoso par de Adão e Eva. O que o poeta inglês praticou, por influência fatal do meio e do momento, José de Alencar fê-lo por malícia, – por uma malignidade, quase estou a dizer, feminil. Da primeira à última página, transpira uma jogralidade que nada tem de comum, senão pelo estilo, com o espírito sinceramente jovial, que se encontra no *Verso e Reverso.* O livro é uma risada à fôrça, e o *humour* a custo esconde o estado desagradável em que se achava a alma do autor. Tudo se mascara; e cada personagem é uma caricatura que se deforma a mais e mais, preparando a *pose* para a farsa em que só resplandece a sanha do crítico. [95] E tanto isto é verdade, que o próprio autor se convenceu de que não escrevia mais romances, e se apressou desde logo a dar à sua obra o nome de "*Prólogo* de comédia". Esta pretensão chocarreira parece ter perpassado pelas páginas também do *Garatuja,* publicado ao mesmo tempo, o qual, aliás, relembra, de vez em quando, os mais sentidos quadros das *Minas de Prata.* Há, por exemplo, ali o tipo de um velho escrivão, que, sem dúvida alguma, é parente muito próximo do respeitável Vaz Caminha. Êste bafejo do sentimento das crônicas e códices antigos não foi, talvez, suficiente para eliminar as *boutades* e *clownices* de uma musa tão casta, tão virginal e amorável.

---

Onde vêm ressurgir, com tôda a intensidade, os azedumes do *Gaúcho,* é no *Til.* "A alma", dizia o poeta de quem atrás falei, "constitui sua própria habitação, e pode, dentro de si, fazer de um céu um inferno ou de um inferno um paraíso." [96]

No período da vida literária de José de Alencar que estudo realizava-se, talvez, um triste movimento do céu para o elemento adverso. O *Til,* com probabilidade, é o romance em que a sua maneira mais se quis aproximar dos padrões da nova escola; o pessimismo era a causa de tão curioso efeito. Descobrem-se, no livro, cenas, descrições, que aparecem de permeio com as pastorais antigas, como laivos de tinta escura e diferentemente manipulada. O romance foi escrito quase todo em Minas, durante o tempo em que êle buscava alívio aos seus incômodos nas águas de Caxambu. Traçou os melhores capítulos, por assim dizer, em cima dos objetos, e essa impressão tão direta fêz, sem contestação, palpitar acremente muitos dos seus períodos. O festejo de congos, o samba, a cena em que Berta vê-se perseguida e ameaçada de ser estripada por uma vara de porcos bravios, os perfis de Xico Tinguá e do Suçuarana são traçados por uma mão

[95] Obr. cit., vol. I, p. 82.

[96] "The mind is its own place; and in itself, can make of a Heaven a Hell, or of a Hell a Heaven." Milton.

segura e, quase direi, de um mestre realista. Conhece-se que, no momento, algum livro novo o impressionara, levando-o, pelo estímulo, até superfetar a sua verdadeira índole de poeta.

No *Gaúcho*, já êle cometera, à imitação de Victor Hugo, nas suas últimas composições, uma exibição de monstruosidades e extraordinárias concepções; no *Til*, deriva, de repente, essa preocupação, para umas esquisitas miniaturas, mais próprias, é verdade, de seu caráter, porém nem por isso menos dignas de serem apontadas e marcadas com a estampilha da extravagância. Encontra-se uma solicitude em descrever cenas muito baixas e insignificantes, como, por exemplo, as visitas da menina Berta aos seus xerimbabos, o que a mais de uma pessoa causou verdadeiro desapontamento. Em tôda a obra, não existe menos de quarenta páginas ocupadas com uma galinha sura, com um bacorinho, com um burro troncho, com uma cascavel, como melhor não fêz Zola no pátio do eremitério do padre Mouret. Não é nisto que está a feição especial do *Til*. O perigo, acho-o todo em Jão Fera, em Til, em Zana. Miguel, um anjo; Berta, "cujo gênio é o ser e o não ser", como em tôdas as suas heroínas; Linda, *pendant*, na forma do costume, à primeira, são figuras que logo esbatem-se no fundo do quadro, confundindo-se com a turbamulta dos personagens secundários. Jão Fera, sim, é que empolga o espírito do leitor; quem o vê, pensa logo em um tigre sanhudo.

> O perfil adunco e chanfrado, que revestia a beleza feroz e sinistra do abutre, embotou a rispidez, saturando-se de uma bruteza alvar. Intumesceram-se as faces, pouco antes crispadas pela cerração habitual das maxilas, e tomou a tez um tom fouveiro, indício da ebulição do sangue a ferver-lhe em bôlhas no coração.
>
> As fulvas pupilas, que se encovavam pelas têmporas, como tigres nas furnas, saltaram das órbitas dilatadas por um fluido espêsso que tinha a fosforescência felina. De ordinário, avincava-lhe a fronte uma ruga saliente, que, depois de fender-lhe o sobrolho, partia-se em duas plicas profundas como gilvazes, a lhe cortarem o rosto. A temulência da paixão, injetando os músculos e insuflando as narinas, apagou todos aquêles sulcos rasgados pela sanha; e até os lábios sempre cosidos, à feição de uma cicatriz, agora, túrgidos, arregaçavam, mostrando pela estreita comissura os dentes agudos.[97]

Eis Manuel Canho e Mário, completamente desbastados da hipocrisia. Agora é o capanga, o malvado, o facínora, uma espécie de Churinada, um homem atacado da mania sanguinária, em guerra aberta e franca contra a sociedade. Em todo caso, o tipo presume uma grande virtude, e, como não tem mais entraves na língua, não se espantem em ouvir de seus lábios: — "Eu sou o direito da revolta contra uma sociedade apodrecida." Como hoje, porém, a sociedade repugna aceitar representações assim, e, desde que o elemento de

[97] *Til*, vol. I, pp. 49-50.

perturbação se manifesta, todos se apresentam decididos a eliminá-lo ou a enclausurá-lo, acontece que o capanga sentencioso e hidrofóbico não fica sendo, no fundo, senão um D. Quixote mal-aconselhado. Êste traço, que, afinal, é comum a todos os personagens eminentes dos últimos livros de José de Alencar, é a degenerescência do cavalheirismo medieval de Estácio, Peri, Álvaro e Paulo. Gênio de destruição e de morte, era necessário que se tornasse simpático por algum lado de ternura; daí a subserviência dêsse demônio de forma humana à primeira criança que encontra em caminho.

> Era medonha a catadura de Jão Fera, quando voltou-se.
>
> A fauce hiante do tigre sedento de sangue, ou a língua bífida da cascavel a silvar, não respiravam a ferocidade que desprendia-se daquela fisionomia intumescida pela fúria.
>
> Berta, ao primeiro relance, sentiu-se transida de horror; e o impulso foi precipitar-se, fugir, escapar a essa visão que a espavoria. Reagiu, porém, a altivez de sua alma e a fé que inspirava.
>
> Travando as mãos ambas um galho que encontraram, acaso, atrás da cintura, e crispados os braços como duas molas de aço brandidas, conseguiu manter-se com o talhe ereto e a fronte sobranceira, arrostando em face aquela rábia formidável, que terrificaria ao mais bravo.
>
> Jão Fera, reconhecendo a menina através da nuvem de sangue que lhe inflamara o olhar, e vendo afrontar-lhe os ímpetos, não abateu logo, de todo, a fera sanha, mas foi-se aplacando a pouco e pouco. A ira que se arrojava ao seu aspecto retraiu-se, e de novo afundou pelas rugas do semblante, como a pantera que recolhe à jaula, rangendo os dentes.
>
> Sua alma se impregnava do fluido luminoso dos olhos de Berta, e ela sentiu-se traspassada pelo desprêzo que vertia no sorriso acerbo êsse coração nobre e puro, sublevado pela indignação. De repente, começaram a tremer-lhe os músculos da face, como as ramas do pinheiro percutidas pela borrasca; e as pálpebras caíram-lhe, vendando-lhe a pupila ardente e rúbida.
>
> — Estavas aqui para matar alguém? perguntou a menina, com um timbre de voz semelhante ao ringir do vidro.
>
> Respondeu o capanga com uma palavra que, em vez de sair-lhe dos lábios, aprofundou-se pelo vasto peito, a rugir como se penetrasse em um antro.
>
> — Estava.
>
> — Que mal te fêz essa pessoa?
>
> — Nenhum.
>
> — E ias assassiná-la?
>
> — Pagaram-me.
>
> — Então, matas por dinheiro? perguntou Berta, com a veemência do horror que lhe causava essa torpe exploração do crime.
>
> — É meu ofício! disse Jão Fera, com uma voz calma, ainda que grave e triste.
>
> — E não te envergonhas?

Com um assombro de soberba indignação foram proferidas estas palavras pela menina, cujo olhar, vibrante, flagelava as faces do sicário. [98]

---

Depois do tipo de capanga, o declive é rápido, para as figuras esqueléticas e alvares de Zana e Til. O romance converte-se em uma espécie de sala de hospício de alienados, uma coisa assim como o resultado do sonho de um poeta adormecido sob laranjais em flor: Bedlam ou Bicêtre através de uma gaze azul. Em todo caso, é pesadelo de poeta; a natureza arqueja, mas não se consubstancia com as desgraças verdadeiras. Os delírios dessa negra caduca, que de vez em quando se revolve interiormente para vomitar um segrêdo que outrora lhe constituíra obsessão tremenda, estariam melhor em uma monografia cientificamente observada e escrita, do que nesse quadro flutuante e indeciso, que se desenrola nas proximidades do *Boqueirão*. Brás, o idiota, menino de uma ferocidade perversa, contrastando a cada passo com a meiguice de Berta, que empreende o titânico trabalho de fazer penetrar a luz e a letra nesse cérebro escurecido; êsse enjeitado da sorte, que se insinua como um pequeno Caliban nessa tragédia semi-infantil, aonde sutilizam-se as Titânias, dir-se-ia, antes, um cinocéfalo caprichosamente introduzido no romance para assustar a uns e a outros divertir. Não há um estudo da alma da criatura imperfeita. A cena em que êle, levado não se sabe lá por que impulso, agarra pela cabeça uma cascavel, de que ia sendo vítima a menina professôra, e corre para longe, como um possesso, é simplesmente uma cena de efeito, uma *ficelle*.

Todavia, ainda que desvairado da sua orientação literária, José de Alencar conserva o amor ao grácil: o que se demonstra pela preferência que sempre dá às monstruosidades pequeninas; e estas tendências influíram tanto, que o vemos, pouco a pouco, talvez como já acima notei, obrigado pelas leituras do lar doméstico, aonde as predileções inglêsas predominavam, ir-se afeiçoando a certos romancistas e imitá-los em muita coisa que destoava do seu diapasão natural. Esta queda pelos meninos é uma das feições que os críticos apontam no grande psicólogo Charles Dickens, principalmente pelos atrasados e idiotas, os comprimidos, essas vítimas da malversação humana, que o entristeceram e o feriram profundamente, dando às suas obras o cunho que lhes é próprio. [99] José de Alencar impressionou-se com

---

[98] Obr. cit., vol. I, pp. 161-164.

[99] Vejam-se as cenas de colégios no *Nicolas Nickleby* e no *David Copperfield*. Não conheço, em literatura alguma, dramas de realidade mais palpitante.

Taine, com razão, fêz ressaltar essa singularidade do gênio inglês, mostrando a pobreza da literatura francesa nesse gênero de criações; não obstante, a cena do *S. Bartolomeu* das crianças, que V. Hugo descreve no *Noventa e Três*, parece ser uma das mais lindas inspirações do enorme cérebro francês.

essa feição do romancista inglês, e desde a *Guerra dos Mascates* que exibe uma galeria de meninos sofredores ou revoltados. [100]

---

Com a publicação do *Til* coincidiu um fato, que veio juntar-se e avolumar as causas deprimentes de seu caráter literário e concorrer ainda mais para azedar-lhe o espírito, já bem mortificado. Desde muito tempo que José de Alencar, por temperamento, além de outros motivos que não cogito analisar, votava antipatia entranhada à colônia portuguêsa. Quanto mais o seu espírito ático se entranhava pelas crônicas e se embevecia com o que há de escultural e legendário no português, conquistador das Índias, descobridor do Brasil, no poeta dos *Lusíadas,* tanto mais, ferido pelo contraste, sentia-se afastar do tipo que, diàriamente, segundo se lhe afigurava, aportava às nossas plagas com a ganância do náufrago, a nevrose da fortuna e o sonho do judeu. Esta sublevação interior massacrou-o por muito tempo, criando-lhe, mui naturalmente, por instinto, entre os reinóis, uma animadversão, que se agravava dia a dia. Não posso entrar aqui no detalhe de certas minudências, que, afinal, não aumentariam o interêsse. É suficiente dizer que, de longo tempo, uma ininterrupta série de pequenas evoluções, cá e lá, acumulou em sua alma enormes cargas de uma eletricidade perigosa e vingativa. Neste ponto, suas expansões eram relativas, e raro ouvia-se-lhe palavras menos dignas. Entretanto, alguma vez disse que a cópia servil e o plágio eram o apanágio dos autores portuguêses, e que só concedia os foros de autor a A. Herculano, com cujo gênio teve muitos pontos de contato. O autor do *Eurico* era, provàvelmente, a única etatura que se ombreava com a sua. Nestas condições, a sua bile só esperava o momento para romper os diques. Deixou de parte as contemplações e derramou-se sôbre o literato José de Castilho, que, não contente com os proventos adquiridos em outros ramos de negócio, parecia pretender assumir uma tal ou qual ditadura literária. Homem medíocre, simplesmente notável por uma memória de *carnets,* [101] o irmão do poeta dos *Ciúmes do Bardo,* que, pelas suas relações econô-

---

[100] Nas *Minas de Prata* já encontra-se o pajenzito Gil e a alfeloeira; mas tudo determinado pelas necessidades do romance. Só no *Tronco do Ipê* é que a pequenada começa a emergir. Depois surge Nuno, Cosme Borralho, Lizardo, o Garatuja, etc.

[101] Há aí um livro em defesa das *Geórgicas,* de Castilho Antônio, contra um certo João Mínimo, que publicou algumas reflexões sôbre esta célebre tradução, aonde se vê que não exagero.

É um volume de 300 páginas, em resposta a um ou dois artigos apenas incisivos.

José de Castilho era uma espécie de vulcão de citações de tôda ordem, que, uma vez incendido, não cessava mais de vomitar, — um torvelinho de indicações

micas e prestabilidade comercial, iniciara-se por tôda parte e conhecia todos os escaninhos da grande cidade, começou a explorar as desafeições do ex-ministro, e de um modo revoltante. Era impossível que isto ficasse sem uma réplica. José de Alencar perdeu, então, a calma e, um dia, em pleno parlamento, vendo-o meter-se ali como piolho por costura, atirou por cima do ombro uma destas frases de desprêzo, que obrigam o homem mais glacial a cometer assassinatos. [102] O estúpido autor da *Grinalda Ovidiana* não pegou no punhal do sicário para ferí-lo, mas passou à detração e ao astucioso incitamento de antipatias que podiam ter ficado adormecidas.

Não é caso de oferecer-se aqui o libelo contra aquêles que, mais ou menos ostensivamente, tomaram parte nessa luta, direi melhor, — nessa agressão. Muitos, mesmo, fizeram coincidir as suas indisposições ou desabafos com a gana do crítico mal-intencionado; alguns, talvez, até tivessem o direito de exagerar a frase. Estavam em sua casa, no lugar aonde, sem reparo, podiam lavar a roupa suja com vantagem. O que, porém, não podia passar despercebido era a pretensiosidade do estrangeiro, cuja *arte* seria, provàvelmente, desconhecida aos que não encaravam o ataque das *Questões do Dia* do verdadeiro e único ponto de vista. Os panfletos de José de Castilho não atingiam só a individualidade de José de Alencar; sorrateiramente, entravam pela nossa autonomia, já tantas vêzes conspurcada; e só à indolência atribuo a ausência de uma *repulsa selvagem*. Falo em repulsa, e sublinho a palavra, porque entendo que é a única manifestação legítima para quem, sentindo-se forte, tem consciência dêste fato. Em todo caso, para nós foi fecunda essa agressão. Embora só preocupado com a sua individualidade, o autor do *Guarani*, vendo que tudo lhe queriam negar desaforadamente, encheu-se, de súbito, de umas cóleras das quais derivaram as sementes que agora produzem os trabalhos de Batista Caetano, Macedo Soares e Paranhos da Silva. [103] Indispensável era que houvesse alguma vítima para que um novo mundo de idéias brasílicas surgisse.

Depois de tamanhas provocações, o espírito do romancista recaiu em abatimento. Os médicos recomendaram-lhe novas digressões. Supondo-se, talvez, que a causa de seus sofrimentos fôsse uma tuberculose, impeliram-no para o pátrio Ceará. Esta nova visita aos carnaubais de Mecejana, às lagoas verdejantes dos tabuleiros, não

---

intermináveis, a que não escapava poeta grego ou latino, por mais escondido que estivesse.

Não se diga que tenho a pouca generosidade de falar de um morto. Em primeiro lugar, em literatura, não há mortos; depois, isto é reprodução do que escrevi em 1872, quando saíram à luz as *Cartas de Semprônio*

[102] A palavra, *si mens non leva*, foi *gralha imunda*.

[103] 1879.

foi-lhe tão fecunda em impressões alentadoras como em 1860. É, mesmo, provável que uma certa frieza dos comprovincianos lhe infundisse na alma motivos de mais pronunciada tristeza, tão verdadeiro é o rifão que diz — ninguém é profeta em sua terra. Lá o vi várias vêzes, sempre com aquêle olhar cintilante de vidente, mas não lhe encontrei o entusiasmo das coisas pátrias. Como que pressentia que algum objeto lhe escapava das mãos, e insistia em se lhe apegar. Em compensação, teve o grande prazer de assistir à festa de inauguração da primeira estrada de ferro de sua província, e ainda êste fato arrancou-lhe palavras arroubadas; mas a preocupação de fazer nutar o seu nome na nova onda civilizadora que via alevantar-se, e de manter a escola que julgava-se com o direito de criar, e que tão tarde *Sênio* lembrara-se de afirmar, trazia-o em constante sobressalto.

Em Arronches levou êle muitos dias percorrendo os arredores, conversando com os indígenas, a colhêr assuntos e tradições. Existia aí um velho, que se dizia descendente do célebre Algodão (Amanai) dos tempos de Martim Soares Moreno; dêste velho tomou muitos apontamentos curiosos, que fizeram vibrar o sentimento nas cartas que depois dirigiu a Joaquim Serra, sôbre o *nosso cancioneiro*. Voltando, porém, a esta Capital, sem palpáveis melhoras, esfriou-se a *verve*, e o romance que então publicou, o *Sertanejo*, revela uma distração completa da fonte das inspirações que lhe haviam dado a fôrça de outras anteriores composições. O *Sertanejo* é um produto de movimento adquirido, da mesma maneira que a *Pata da Gazela*, os *Sonhos d'Ouro*, [104] *Senhora* e *Encarnação;* nada exprime; sombra pálida do *Guarani*, cujos personagens se reproduzem todos, apenas com a alteração dos costumes, do local e da época. Arnaldo, o vaqueiro, é Peri transfigurado, a adivinhar, de sua humilde posição, todos os pensamentos de Dona Flor, filha do rico e orgulhoso fazendeiro Vasconcelos, os quais, por sua parte, são variantes de Ceci e D. Antônio de Mariz: as mesmas cenas de dedicação, as mesmas imprudências, os mesmos caprichos, a mesma onça, as mesmas *ficelles*, os mesmos perigos, as mesmas cobiças, etc. Até Rui Soeiro achou o seu Sósias e o seu fantasma. Quanto ao mais, o romance perde muito, pelo mesmo defeito do *Gaúcho*. Foi escrito sôbre informações. José de Alencar não viu os campos que descreveu. Não tendo saído dos arredores da capital, ignorava completamente a vida do vaqueiro, de sorte que viu-se na necessidade de fantasiá-la. Há descrições verdadeiramente impossíveis. As corridas de Arnaldo atrás do touro bravio, por entre carrascos e bamburrais, para de-

---

104 Neste romance apenas há a notar um manifesto desejo de copiar o interior caprichoso descrito pelas *misses* — romancistas inglêsas.

leitar simplesmente a angélica filha do capitão-mor, que espreita as suas façanhas de uma eminência, são cenas espetaculosas e de teatro. No mato, a coisa é sèriamente medonha, e bem diferente, nos seus incidentes, do espetáculo ameno que se encontra nas páginas demasiado coloridas do romance; acresce que o herói do livro, em que o autor procura estereotipar o caráter cearense, não é fiel como espelho da verdade. O tipo do sertanejo é muito pouco amigo do fantástico; e o Ceará é, talvez, a província aonde existiu e existe mais acentuado o sentimento da realidade, da luta e da fôrça. Se a mísera tem sido tantas vêzes flagelada! Arnaldo, pois, romântico de sobra, está muito longe de ser a imagem dos filhos robustos do vale dos Cariris.

A paisagem sofre os mesmos reparos, tôda vez que o pintor se afasta dos lugares que conhece; abundam erros topográficos e transplantações de flora de uns para outros lugares; são inexatidões estas, porém, que, como na *Iracema,* em nada influiriam, se o *divortium aquarum* da inspiração alencariana não fôsse rebatido por influências que perturbavam o curso natural das vertentes luminosas. Ainda ocorre censura igual à que fiz às *Minas de Prata*, sôbre o luxo dos fazendeiros. No século passado, mal se compreende uma *encenação* tão suntuosa como a que apresenta o capitão-mor na sua quase possessão feudal. Eu, que vi pròximamente os mais ricos dentre os atuais, de ceroula e camisa, no terreiro, a dar suas ordens aos escravos, fazendo-se distinguir dos fâmulos apenas pelo diapasão da voz, não posso crer nessa variedade de luxo, máxime conhecendo o poder enorme de assimilação que têm os sertões. A presença, simplesmente, de alguns objetos, levados de vez em quando pela vaidade dos esposos e dos pais, não autoriza essas licenças poéticas. [105]

Cedo a pobreza, as necessidades, as lutas estrangeiras entre as duas mais importantes raças da província nivelam tudo ali, criando as predisposições para a liberdade e o espírito que, nos tempos que correm, vão pondo os cearenses na vanguarda do partido abolicionista. [106]

---

No *Ubirajara,* lenda tupi, que tem por cenário o Brasil, antes da descoberta, o gênio de José de Alencar não conseguiu, talvez, alevantar-se muito acima do nível em que se colocara. O *Ubirajara* é a continuação da trajetória partida da *Iracema;* nada acrescenta ao indianismo; quando muito, denota que os seus estudos progrediam

---

105 Vide nota anterior sôbre as *Minas de Prata*. (Nota 100).

106 Escrito em 1879.

e que o seu espírito entrara alguma coisa pela antropologia selvagem. [107] Em todo caso, porém, perde de sentimento; sendo, antes, para aceitar a opinião de um crítico brasileiro, [108] que reputa esta lenda uma paródia, no fundo e na forma, de certas cenas do Pentateuco.

Ao frio recebimento desta obra seguiu-se o mau êxito do *Jesuita,* [109] que o trouxe à imprensa, muito irritado, e deu lugar aos folhetins intitulados *Domingos,* publicados por Joaquim Nabuco no antigo *Globo.* Êstes artigos foram respondidos pelo romancista e, como constituíam uma agressão proposital, azedaram consideràvelmente a discussão.

---

Em 1876, a pertinácia da moléstia levou-o à Europa.

Mal se compreende como êste passeio não lhe agitou a alma violentamente. O artista deixou-se ficar, em frente de tamanhas novidades, frio, anestético. Estêve em Lisboa, estêve em Paris, estêve em Londres; mas tudo isto passou através de seu espírito como a impressão que experimentam os indivíduos atacados de nostalgia. Na capital dos Lusos, houve, mesmo, um desagradável encontro de desafeições literárias que deviam ter-lhe produzido mortificações horríveis. O seu amor-próprio não resistiria à delicadeza dos que aí se abstiveram de receber o primeiro literato brasileiro, e quando não se tem o direito de exigir o predicamento, tanto pior. O grande empório das letras e das artes, do luxo e da vaidade, a garridíssima Paris, não foi menos indiferente às suas vaidades e prováveis embaraços de escritor; essa indiferença, pois, êle arrastou-a pelos ruidosos bulevares; depois contemplou o Sena, subiu ao Panteão, examinou as curiosidades de tarifa, entrou nos lugares aonde se exibem as notabilidades, e tudo isto não teve, talvez, o poder de inspirar umas dessas páginas arroubadas, que são o desespêro dos artistas. A vitalidade febril, nervosa, cintilante daquele povo frívolo e cheio de tiques luminosos, fazia, com o desalento de nosso melhor poeta e a debilidade de seu corpo, o contraste mais digno de lamentar-se. Dumas, Feuillet, Sardou e outros irmãos pelo espírito ático, tôdas essas grandezas literárias da França, que êle soubera tanto compreender e interpretar, não se puderam transfigurar na ocasião, para comunicar-lhe ao cérebro o timbre, que é grande fenômeno das viagens. Só uma coisa o impressionou, e isto mesmo foi um acréscimo

---

[107] O livro foi escrito sôbre novíssimas impressões, oriundas da leitura das páginas de Cláudio de Abbeville e Ives de Evreux.

[108] Capistrano de Abreu.

[109] Levado à cena em 1875.

de mortificação: como eram possíveis as revoluções em uma cidade aonde, desde o *decrotteur* até o *ganté* apelintrado, não se encontrava senão a delicadeza e a *clairvoyance* do habitante de Atenas? Êste problema só lhe foi resolvido pela visita a Belleville; os rebarbativos blusas, que ocultavam-se naquela imunda *Cité*, escorados pelas esquinas, com o boné sôbre o rosto e o cachimbo ao queixo, olhando para o visitante com êsse olhar de bode, o *tuentibus hircis* de que fala Virgílio, o aspecto ponson-terráilico das vielas, das casas, das mulheres, *mangeuses d'hommes*, petroleiras, de todo êsse pessoal que aí se aglomera, a gíria medonha que, ao passar, feriu-lhe os ouvidos: tudo isto convenceu-o, de repente, da verdade; eis de onde saíam as comunas; eis o povo de Marat; eis a gente de Courbet! E retirou-se, horrorizado...

Nenhum espetáculo, porém, lhe fustigou os seios da alma como o tenebroso oceano de casas chamado Londres. Não sei que escritor disse algures que o Tâmisa era a morte dos poetas. Não há nada mais verdadeiro, contanto que se refira aos poetas meridionais. Com efeito, só as naturezas shakespeareanas, como Browning e Swinburne, têm pulmões para respirar o ar daquelas forjas de Vulcano e descobrir a emoção artística na *bolgia* horrível da vida industrial moderna. Uma alma fina e melodiosa, um espírito eleito e contemplador não resiste ali por muito tempo: estala, rebenta, comprime-se, confrange-se ou reduz-se a uma massa inerte, sem ação. José de Alencar, cujo emperramento pela Inglaterra, em certa fase de sua carreira política, foi tão assinalado, dizia que de pasmo era a nota particular que soava ao ouvido de quem quer que penetrava ali; e sentia-se vibrar em sua palavra um quer que seja que indicava todo o constrangimento de sua mente. A entrada em Londres por estrada de ferro, a cavaleiro da cidade, causou-lhe o efeito de um sonho mau, de um dêstes sonhos em que se vê, como no *Orlando Furioso*, gigantes a correr conduzindo a própria cabeça e ciclopes a desarraigar florestas inteiras. Há ali uma tal vertigem de cruzamentos de linhas férreas, vagões, locomotivas infernais, viadutos quase aéreos, que se torna impossível deixar de sentir um sobressalto, como ao entrar na cidade plutônica do Dante, que se estende, infinita. Uma vez, percorrendo os caminhos subterrâneos da grande metrópole, fêz-lhe isto tamanha angústia, que saiu disposto a não usar dêste meio de transporte.

O regresso do poeta para a terra dos palmares não o rejuvenesceu, apesar de tudo; nem a morte da nostalgia criou-lhe nova inspiração.

Tenho uma suposição: esta viagem foi imensamente perniciosa ao autor do *Guarani*. As disposições de sua alma embotada pelo sofrimento fecharam-se a tôdas as fontes estéticas, para só avivar-lhe a sensibilidade pelo lado mórbido, infecundo, prejudicial. Não consta que escrevesse as suas memórias de viagem, sequer um fragmento

de impressões; isto, em um ecritor de raça, que, pela primeira vez, perlustra a pátria da civilização, é mais que muito extraordinário: é que o poeta brasileiro encontrara-se com a terrífica visão de um movimento científico de que a política e muitas coisas pequeninas o tinham afastado desde os primeiros triunfos literários. A montanha filosófica era negra demais e tonteava-lhe a vista; e aquilo que, no Brasil, em seus primeiros vagidos, parecera-lhe coisa de rapazes, talvez entusiastas demais, apresentou-se-lhe sob uma feição medonha, muito, muitíssimo aterradora. [110] Na França, o littreísmo e o laffittismo a erguerem-se, desassombrados, no meio de um ladrido de nuanças filosóficas; na Alemanha, as idéias de Hartmann, Schopenhauer, Haeckel, Vogt, Virchow, Moleschott, e um milhão de pensadores a transformarem a Europa no inferno do pensamento, em uma batalha campal, em que os sistemas se cruzavam com a rapidez e veemência dos projetis, dos obuses, da explosão de dinamite; na Inglaterra, o grande caudal de Darwin e Spencer a derramar-se em ondas luminosas, subvertendo, na lei da evolução, tôdas as sistematizações caprichosas e místicas; depois de tudo isto, a dança macabra das sucursais literárias e artísticas, o desespêro das originalidades; aqui, ali, acolá, cada excêntrico de fazer mêdo, cada reformador de atordoar; no romance, George Eliot, Goncourt, Zola; na pintura, um Manet; na música, Wagner, Boito; tôda uma geração de *desastrados* psicólogos, dizendo-se, uns, descendentes de Dickens, outros, de Thackeray, outros, de Balzac, outros, de Flaubert, cada qual procurando suas origens próprias e, sem exceção, clamando pelos direitos da vivissecção.

Se é verdade que em suas mãos caiu, por êsse tempo, o *Ventre de Paris,* de Zola, pode-se imaginar o horror que não lhe deveria ter causado êsse Cláudio Lantier, pintor impressionista, que não via em tôrno de si senão arquitetura bastarda. As igrejas, os maiores templos, parecem tudo, menos isto, sendo certo que, do princípio do século até hoje, só se tem erguido um monumento digno dêste nome,

---

[110] Em um dos últimos números do *Vulgarizador*, pouco antes de sua morte, José de Alencar publicou um artigo sôbre o homem pré-histórico. Nesse artigo, vê-se o efeito das leituras de Lubbock, Saint-Hilaire e de um volume de Quatrefages que lhe fôra emprestado por Zaluar; mas sempre relutante. É um improviso sôbre um dos mais belos assuntos da ciência; porém o *mal do poeta* ainda é mais profundo. Longe de procurar generalizar os dados adquiridos, êle quer surpreendê-los, denunciando desde logo a *malícia* do inventor.

São palavras suas: "Se não me engano, o *Vulgarizador* é destinado a propagar o espírito novo, ao qual, talvez por falta de compreensão, ainda não me converti. Reconhecendo os altivos cometimentos da ciência moderna, todavia não sacrifico ao ídolo de ontem uma civilização milenária."

Outras: "Por um como pressentimento do passado, semelhante à profecia de Vieira, penso que o Brasil é o berço da humanidade; e que o Adão da Bíblia, o homem vermelho feito de argila, foi o tronco dessa raça americana, que supõem degeneração das outras, quando, ao contrário, é a sua estirpe comum."

Vide *Vulgarizador*, 1.º vol., n.º 5.

— *o mercado*. Diante do mercado, tudo se acachapa! Para Lantier-Zola, a pintura é a reprodução, por exemplo, de um montão de comestíveis. [111] A sua filosofia é o comentário do quadro que representa a batalha dos *Gordos e Magros*, horrorosa inspiração darwínica, uma ressurreição do selvagem que vive sob todo o homem civilizado, ou, antes, a reconstrução do primata do qual saiu a humanidade. Ora, um temperamento como o de José de Alencar, o poeta das delicadezas e tenuidades, não podia resistir a êsse embate de ásperas brutezas, a essas cenas, como dizia o clássico Lucena, cheias de um *negrume escuro*. Não há dúvida que o choque foi enorme, e a decepção, indefinível. Calcule-se uma sinfonia de Beethoven sùbitamente interrompida por uma descarga elétrica; calcule-se uma paisagem de Watteau de repente invadida por uma turba de sátiros doidos, esguedelhados: pois não seria outra a dor exercida no autor da *Iracema* pela irrupção dêsse bando de idéias novas para dentro do hemisfério azulado em que traçara o seu *Paquequer* e de onde fizera emergir a sua loura Ceci. Êle viu que tôda a sua obra ia desvanecer-se, ao contato da rispidez do modernismo. As fibras da harpa dos novos poetas estavam horrìvelmente retesadas e sòmente desferiam sons rudes e ensurdecedores; e a musa casta dos bons tempos convolava-se, em seus adejos, para o país das eternas saudades.

Uma vez de volta à sua terra, o que restava-lhe fazer? Deixar-se sucumbir ao pêso da enormidade dessa angustiosa emoção? Não o fêz. Havia dois recursos: enfrentar a montanha e galgar-lhe o viso, ou fundir-se. A vaidade, a sua mui legítima vaidade, não permitiu o último alvitre; a sua idade repeliu o primeiro. Um cérebro não se reconstitui, em matéria de crenças, em ciências, aos quarenta e sete anos. [112] José de Alencar debateu-se entre os desenganos do *Sênio* e as energias da nova geração; sorriu muitas vêzes de Haeckel, chamando a sua obra de "romance biológico", e pensou em discutir as vertiginosas questões do século. [113] Passados os primeiros efeitos dêste encontro, escreveu o *Protesto*, que, segundo estou informado, tinha como fim principal congregar tardiamente em tôrno de si uma porção de rapazes escolhidos, que o ajudassem na grande luta e propagassem a fama do mestre. [114]

---

111 *Ventre de Paris*, p. 212 (13.ª ed.).

112 "As novas idéias de que êles se ocupam (os que tarde procuram estudar certas ciências) põem necessàriamente em ação novas fibras do cérebro, para o qual isto constitui um estado violento que enfraquece o sistema nervoso." Tissot, *Santé des gens de lettres* (1871), p. 148. Veja-se também Hufeland, *Macrobiótica*, p. 300, ed. fr. de 1871.

113 Já citei um artigo seu, publicado no *Vulgarizador*. Era, provàvelmente, o comêço dessa tentativa.

114 "O *Protesto*, como diz o seu nome, não é uma propaganda, mas um desabafo; não é uma agressão; pode ser, quando muito, uma resistência." *O Protesto*, n.º 1. Neste periódico, que apenas chegou ao n.º 5, José de Alencar

Nas horas de calma, para um fim humanitário, traçou os ternos capítulos da *Encarnação*, [115] último brinco da mesma pena travêssa e coquete que escrevera os folhetins *Ao Correr da Pena*. Depois, com as entranhas carcomidas por sorrateira enfermidade, arrastou-se gradualmente para a sepultura, com a preocupação do retardatário e o amor da família, dos filhos, que, com zêlo de artista, êle e a espôsa cinzelavam à Benevenuto Cellini. A vida se lhe retirou do corpo com respeito, já os membros estavam mortos, congelados, e a cabeça ainda trabalhava. Sua vitalidade, incontestàvelmente, era muito poderosa! Essa imaginação fulgente, que tantos raptos de alegria, e também de tristeza, lhe dera, foi o último hóspede a abandonar o sacro asilo. Apertou ao seio a estremecida companheira, para recomendar silenciosamente os filhos; as lágrimas rolaram-lhe das pálpebras, e, com profunda saudade, sem uma convulsão, sem um estertor, apagou-se êsse fenômeno que, no Brasil, chamou-se José de Alencar. [116] Vi-o depois de morto, e, com verdadeiro pesar, demorei-me longo tempo a olhar para êsse rosto pálido, tranqüilo, desfeito simplesmente pela paralisia da morte. Essa cabeça, que tantas ilusões afagara durante a vida, e que tanto influíra sôbre a minha existência literária, ali jazia enregelada como qualquer porção inerte de matéria. Custava a acreditar.

O seu saimento não foi estrepitoso. Alguns representantes da imprensa e os amigos que sinceramente o amavam. Junto da tumba estiveram Joaquim Serra, Ferreira de Araújo. E Taunay e Otaviano de Almeida Rosa. O último fôra seu amigo e mestre em algumas coisas, e de quem, por ligeiros contratempos, se afastara. O Dr. Duque Estrada Teixeira, pranteando a sua morte, comparou-o ao jequitibá, que derruba-se na floresta e não encontra leito que o ampare na queda. O vácuo, deixado no país por José de Alencar, foi sentido modestamente. Na sua morte, devia se dar o que se deu em tôda a sua vida, — o retraimento das explosões da opinião pública. Nunca se lhe fizera uma manifestação, na altura regular, sequer, dos seus merecimentos; e, como tudo tem sua explicação, é preciso dizer que nada concorreu tanto para isto como a aristocracia de seu talento. A imprensa, no entanto, vibrou intensamente; sentia-se-lhe na frase uma decepção real. Se, porém, compararmos tudo isto ao rumor de

---

publicou, além de artigos de política, o comêço de um romance *Ex-Homem*, em que prometia continuar a questão do celibato clerical, e uma crônica sob o título de *Beotices*.

115 *Diário Popular* (1877).

116 Preocupava-o muito, nos últimos tempos, a idéia de morrer e não deixar a família amparada. Fê-lo, entretanto, com um critério que não parecia de poeta. Por esta razão, entregara-se a uma higiene rigorosa, lamentando que a sua mocidade não tivesse sido desenvolvida sob os preceitos da ginástica, etc.

outros óbitos, o autor do *Guarani* ficou insepulto. A memória nacional deve-lhe ainda um monumento. A Gazeta de Notícias, sob a firma de *Tragaldabas* (Joaquim Serra), reuniu em um buquê de goivos a palavra compungida de tôda a mocidade que estava a postos. [117]

★

Repito: a aristocracia de seu talento foi uma das mais poderosas razões por que a nova geração sentiu-se apartar, embora admirando-o. Desde o seu estilo até as suas maneiras, tudo transpirava reserva e o *não-me-toques* do arminho. Ora, essa mocidade alevantava-se com umas valentias, umas franquezas que excluíam tôda a reticência. Intimidade com o mestre, coisa impossível; daí as conseqüências de um comêço de hostilidade orgânica que, se êle não morresse, acabaria em uma guerra crua, em que a sua feição tirânica muito haveria de sofrer. Acrescia, a esta razão, outra, ainda mais valiosa: a falta de orientação filosófica, defeito não só seu, como de todos os poetas que aplicaram os princípios sem unidade de vistas. Isto é verdadeiro. Por algum tempo, dera-se êle a leituras de história geral, religião e filosofia, no intuito de escrever uma obra monumental sôbre o Brasil; mas, chegando à questão das origens, ficou tão perplexo, que logo convenceu-se da inutilidade dessas coisas e abandonou a farandulagem. Incontestàvelmente, era o que mais embaraçava o seu desejo de ser o diretor dessa plêiade que se estendia para o futuro, ansiosa e a perder de vista.

Se a filosofia positiva também, por outro lado, lhe penetrasse no cérebro, acredito que êle seria outro. Aquêle níveo e dulçoroso idealismo não se compadecia, absolutamente, com a observação e as demonstrações experimentalistas, que invadiam tudo. Para o fim de agradar a mocidade, êle não podia arrastar a tuba sonorosa de Hugo, nem a fibra doida e o sentimento das misérias do autor de *Pendennis*, nem as crispações afrodisíacas de Balzac, nem a análise porejante de luz de Flaubert, nem os despeitos napoleônicos, as iras espatifadas, a monótona descritiva de E. Zola. Esta convivência, por último, o assassinaria: se êle insistisse em sustentá-la, perderia o estro. Ser realista, um impossível; quando muito, deformava-se, e José de Alencar seria de menos um poeta.

---

[117] Há aí frases que significam muita simpatia ao talento do finado. José de Alencar podia, se quisesse, pelo menos, ser muito querido dos rapazes.

É preciso apanhar duas pétalas que se desfolharam das flores sepulcrais.

"Vertem lágrimas hoje as flores de Iracema", disse-o Pedro Luís.

"Foi uma contradição: tinha as valentias do gênio e as fraquezas de um ânimo apreensivo." Palavras de José do Patrocínio, com as quais concordo sem restrições.

A criança é "pai do homem", como disse Lewes. O orgulho nunca deixou-o cercar-se de verdadeiros amigos, e acreditou, talvez, que se bastava, sem lembrar-se do magnífico exemplo da amizade cordial de Schiller e Goethe. [118] Êste cordão sanitário, traçado entre sua pessoa, o público e os próprios admiradores, privou-o dessa seiva elétrica, dessa mútua comunicação de influências vivificantes, sem as quais é tão difícil a vida do artista, como é impossível a da planta sem o sol, sem a chuva. O isolamento acaba por consumir as próprias grandes luzes, máxime em um país aonde a atividade cerebral tem dado já os tristes exemplos de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Franco de Sá, Lessa, Castro Alves, Casimiro de Abreu, etc. Com êste modo de entender a vida em seu país, José de Alencar quase atrofiou-se.

Já é conhecido o complexo de influências que determinaram e segunda fase de sua vida literária e as aberrações de seus escritos. Voltando a êste assunto, pode-se afirmar que era muito cedo ainda para o esgotamento das suas faculdades poéticas; apenas verificara-se um caso de desvio, um declínio: e se fôsse a dar, sob as vistas da ciência, a fórmula do desenvolvimento mental do autor do *Guarani*, diria que essa fase, isto é, *Sênio*, com os seus romances da *Pata da Gazela* em diante, não passa de um caso teratológico. Não foi assim que H. Taine explicou a personalidade estranha de Swift? Não basta o estado mórbido para que se julgue explicado um movimento qualquer extravagante em um poeta; é preciso que haja uma deformação na ordem dos fatos, constante e inelutável. Qual a razão por que as qualidades de José de Alencar não continuaram a evoluir na linha natural? Por falta de fôrça impulsiva? não; porque o seu espírito guardava a mesma tenacidade. Neste caso, o que se pode dizer apenas é que o estado doentio preparou-lhe a transição para um outro estado, em que a sua impulsão estética converteu-se em irritabilidade crônica. [119] A monstruosidade física e a aberração de faculdades nascentes devem derivar das mesmas leis observadas nas deformações do embrião. Assim, pois, o autor do *Guarani* condenou-se a ser uma linha forte isolada; em tôrno dela não se moveram as vocações literárias do país. Como Gautier e J. Paulo Richter, foi um enorme quiosque pôsto ao lado da corrente civilizadora, que a todos surpreendia, mas que a ninguém detinha. Entravam, admiravam-no por dentro e por fora, examinavam as suas excêntricas novidades, mas nunca se deixavam ficar dominados pela magia do

---

[118] "Só o gênio pode viver consigo mesmo. Dêste é que podemos dizer: seu centro de gravidade cai todo dentro de si mesmo." Schopenhauer, *Sagesse dans la vie*, p. 43.

[119] Dareste, p. 24.

expositor de tantas belezas artísticas. Muitíssimo mais influíram sôbre a mocidade Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Varela, sem terem produzido a décima parte das obras que êle deixou. É precisamente o caso de A. Herculano, em Portugal. [120] Entretanto, diga-se o que se disser, foi o movimento de diferenciação mais enérgico que temos tido; e a prova está em que, nas províncias, era o autor mais lido e, quiçá, mais compreendido na tecla nacional. Se, por um lado, a modificação de seu caráter literário privou-nos da continuação de suas obras, do *Guarani*, da *Iracema*, por outro, prometia abrir-lhe os diques da raiva, colocando-o na situação mental a mais apropriada para o ataque e a subversão das pretensões de além-mar. [121]

---

[120] Teófilo Braga, *História do Romantismo*, p. 377.

[121] Em Portugal, muito se tem procurado ridicularizar o espírito brasílico. Isto vem de longe.

Quando, no século passado, o mulato Caldas Barbosa cantava esta modinha:

> Nós, lá no Brasil.
> A nossa ternura
> A açúcar nos sabe,
> Tem muita doçura,

o poeta Bocage, aproveitando-se da figura mascavada dêsse tocador de viola, não poupava sátiras ao Brasil.

O mesmo aconteceu com o brasileiro que pretendeu erguer-se nos ares, em um balão, o padre Bartolomeu de Gusmão:

"Olha o padre voador! o padre da caranguejola! o doente vindo do Brasil!" Era o que diziam. E os poetas caíram-lhe no costado como galinhas a baratas.

Só depois que Antônio Carlos intimou-lhes o respeito, foi que se deixaram disto. Camilo Castelo Branco quer, porém, renovar a chula, esquecendo de que fala a um dos melhores mercados que têm seus livros.

## VII

## A CRÍTICA

José de Alencar queixava-se amargamente de não ter tido crítica para suas obras. [122]

O cônego Pinheiro não o contemplou no seu *Curso de Literatura,* e o sábio vienense Wolf, apesar de publicar o seu *Brasil Literário,* em 1862, quando já existiam o *Guarani, Cinco Minutos* e quase todos os dramas, apenas alude ao romancista em uma palavra; isto, porém, explica-se pelas *inspirações* de Magalhães, que foi quem lhe forneceu os mais importantes dados e, quiçá, as provas da própria proeminência na literatura pátria; com efeito, excetuando as saudações que de ocasião escreveram F. Otaviano, Homem de Melo, Zaluar, Salvador de Mendonça, M. de Assis, Joaquim Serra, Félix Ferreira, Ferreira de Meneses, Guimarães Júnior, D. Diogo y Mendoza (pseudônimo), Norberto Silva, não teve êle o prazer de ver, em vida, uma apologia, quero dizer, uma crítica de simpatia, sequer, igual à que tiveram outros brasileiros muito menos notáveis. [123] Apenas um cearense, um moço de muito talento, Raimundo da Rocha Lima, publicara, na província, uma série de artigos sôbre *Senhora,* [124] único estudo, sob o ponto de vista verdadeiramente crítico e sem paixão, que existe sôbre a sua personalidade literária. Fora disto, só se via o espírito de agressão, que não era justificado literàriamente, pelo menos até 1875, por ato nenhum de absorção

---

122 "Nos trinta anos vividos desde então (refere-se à escola), muitas vêzes fui esbulhado do fruto de meu trabalho pela mediocridade agaloada; nunca senti senão o desprêzo que merecem tais pirraças da fortuna, despeitada contra aquêles que não a incensam." São Palavras suas, no autógrafo citado *Como e Porque Fui Romancista.*

Oficialmente, o único galardão que teve foi um hábito de Cristo, que não quis aceitar.

123 A biografia publicada, em 1866, por Inocêncio Silva, consiste numa ligeira enumeração de suas obras, e nem sempre é exata.

124 Êstes artigos andam colecionados em um volume publicado pelos amigos dêste moço precoce, que faleceu aos vinte e dois anos de idade, quando o talento borbulhava-lhe com mais exuberância. Tem o título de *Crítica e Literatura.* Neste livro se encontra o mais judicioso trabalho que já se escreveu sôbre Guerra Junqueiro.

ou de idolatria ao mestre, que pudesse ser acoimada de prejudicial ao progresso das letras pátrias.

Em 1858 já o contrariavam no teatro, proibindo, por imoral, o drama *Asas de Um Anjo*. Longo tempo os órgãos da publicidade ocultaram a existência do *Guarani*, que, entretanto, o público, apoderando-se do livro, foi alevantando pouco a pouco, até dar-lhe direito de cidade e cinco edições. Êste fato, um dia, lembrou à crítica alguma coisa. Um moço, — infelizmente, não foi um brasileiro, — um fecundo romancista português, Pinheiro Chagas, que então (1866) estreava no folhetim, disse muitas bonitas coisas sôbre o cooperismo de José de Alencar e sôbre a literatura que poderia nascer da *Iracema*, aonde "a musa nacional soltava-se, enfim, dos laços europeus, para sentar-se, melancólica e pensativa, à sombra das bananeiras". [125] No fim, porém, destas bonitas coisas vinha um ressaibo venenoso, — a descoberta de que em nosso mais imaginoso escritor existia uma encarnação do defeito nacional, que era o não saber escrever português, tudo isto no meio de uns adocicados, como "livro primoroso" e "estilo mágico". *Alea jacta est*. Era o que bastava. Desencadeou-se o tufão, e todo o mundo começou a achar graça em notar incorreções no autor do *Guarani*; até o estadista Zacarias aproveitou-se desta celeuma para desgostá-lo na tribuna, procurando ridicularizá-lo com a pecha de escritor mal-amanhado e autor de palavras já inventadas. [126] Depois veio Henrique Leal qualificando sua linguagem e estilo de "descuidados e frouxos", embora resgatados por belezas inestimáveis. [127] Em 1872, então, fizeram explosão as iras de Castilho, que, para melhor apoiar a sua propaganda, pôs-lhe o letreiro de "operário de comuna literária, demolidor feroz, petrolizador intelectual, digno membro do diretório da *Escola Coimbrã*". [128] *Proh pudor!* O chulo foi a arena predileta dêste crítico desalmado, que, apesar da sua grande ilustração filológica, nas *Questões do Dia* nunca deu um passo além de um "Canho escanhoado" e de uma "Catita acatingada". Falando do *Til*, por exemplo, chama-o de "chato", uma "incrível profusão de disparates", e, quanto à linguagem, que "compõe-se de uns arcaísmos inàbilmente extraídos de elucidários e de galicismos de palmatória, tudo caldeado com uns neologismos que se não comparam com coisa alguma senão com

---

[125] *Novos Ensaios Críticos*, p. 219.

[126] A isto, José de Alencar respondeu vitoriosamente, dizendo que, "ao ser romancista, devia os seus dias mais felizes". (Sessão da Câmara dos Deputados, de 9 de agôsto de 1869).

[127] Henrique Leal, *Lucubrações*, pp. 178 e 235.

[128] *Cartas de Semprônio* (2.ª ed.), p. 49.

O que foram os Castilhos, como temperamentos, definiu Teófilo Braga, na sua notável obra já citada, o *Romantismo em Portugal*.

a escola *senial*, na qual não há senão um mestre e um discípulo... que é êle mesmo". E, em compensação, queria o autor da *Grinalda Ovidiana* que o brasileiro usasse de têrmos como êstes — tolambana, parvoalho, enxovedo, tolaz, patau, zote, parvoinho, marau, patola, safardana e outros *ejusdem furfuris*. José de Alencar graças ao seu temperamento, muito se incomodou com isto, e por várias vêzes saiu a campo para defender a sua obra. "Aquêles que censuraram a minha maneira de escrever", dizia êle, "saberão que não provém ela da ignorância dos clássicos, mas de uma convicção profunda a respeito da decadência daquela escola... que destoa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidáveis, dêstes prodígios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego."

A preocupação clássica o tiranizava. Dominado pela decepção, que causam pequenos senões maliciosamente apontados, escovados, lustrados e postos em vitrina para que todos possam ver e exagerá-los, êle põe-se a revolver autores, revê glossários, abre Max Müller, Webster, Madwig, Leoni, Fr. Francisco de S. Luís e ataca a questão sob todos os pontos de vista suscitados, acabando por prometer um livro em que demonstraria à saciedade quanto tôdas estas coisas lhe eram familiares. Não vem ao caso agora entrar de novo neste certame e buscar a razão que teve ou não nas opiniões que sustentou; basta o que, ainda hoje, sôbre a colocação dos pronomes escreveram Batista Caetano, Artur Barreiros e outros ilustres filólogos. O que não resta dúvida é que foi êle o primeiro que tomou, com relação à linguagem brasileira, o verdadeiro ponto de vista. "Se a transformação por que o português está passando no Brasil importa em decadência... o futuro decidirá. Sempre direi que seria uma aberração de tôdas as leis morais que a pujante civilização brasileira, com todos os elementos de fôrça e grandeza, não aperfeiçoasse o instrumento das idéias." Não teve, porém, a precisa decisão para aceitar a desforra completa e inelutável. O verdadeiro alvitre seria não escrever um livro sôbre a língua, como prometeu, nem entrar em questões de nonada, porque, afinal de contas, não é por colocar-se o pronome mais atrás ou mais adiante que deixaremos de seguir a nossa grande viagem para os Andes. A resposta única que José de Alencar tinha a dar era — que, de fato, não punha muito empenho em saber a língua portuguêsa, — que o seu propósito era concorrer para *corrompê-la* no máximo grau, — recordando que, só depois de algumas sortidas, como as que êle ia fazendo, se poderia dizer que, no Brasil, se falava alguma coisa parecida com língua de gente. Poderia ainda acrescentar que o português é uma língua emperrada e que dêsse emperramento só nos libertaríamos considerando não existentes todos os tipos de linguagem até

hoje apresentados como tais. Fazer pouco mais ou menos o que Gil Vicente fêz em seu tempo, encostarmo-nos ao povo. [129]

O autor dos *Rascunhos* foi mais coerente e mais animoso. Como sábio, lingüista de raça que era, não recuou diante da idéia de salvaguardar tôda a costa do Brasil da pirataria dos puristas e gramatistas, a quem mostrou a superioridade de um verso "chué" sôbre um trecho vernáculo e genuíno. [130]

---

Atrás das acusações de falta de vernaculidade vieram as das inovações. Não vejo nisto senão uma questão pequenina, imprópria de literatos. Quem escreveu os diálogos do primeiro volume das *Minas de Prata,* se quisesse, teria sido, sem dificuldade, um quinhentista. Do mesmo modo, e por idênticos processos, não lhe custaria escrever com o estilo cru da feira da Ladra. E se lhe descobriram a fraqueza de apresentar como de lavra própria a introdução de alguns vocábulos novos, não há razão bastante para se lhe atribuir, antes, a um

---

[129] Quem quiser convencer-se do quanto é rude e impossível, para nós, a língua portuguêsa, vá uma noite à *Fênix*. Ali verá as dificuldades com que lutam os artistas para apropriarem a frase ao canto. A música é como uma torrente, que só rola seixos esféricos; as palavras, porém, da língua portuguêsa são palavras quadradas, esquinadas, que levam tempo a passar de um lado para outro.

[130] A diferença dos dois modos de falar (o português e o brasileiro) é real, fatal, não há meio algum de evitá-la, tem de crescer pelo simples decurso do tempo, e, de todo, não vem ao caso se um dialeto é melhor do que o outro.

O maior mérito de um sôbre o outro só depende do mérito intrínseco dos produtos literários que vêm à luz.

"Poderão berrar quanto quiserem os rigoristas, o autor que souber escrever bem, isto é, que souber apoderar-se do seu leitor, não só pelas idéias que emite, mas ainda pela linguagem expressiva, bem travada e numerosa, irá por diante, e o que, na ocasião, apontarem os puristas como incorreção, será, em tempo futuro, indicado como norma de linguagem boa, apta para o fim, e quando não na puderem explicar gramaticalmente, dar-lhe-ão o nome de *idiotismo.*" Batista Caetano, *Rascunhos Sôbre a Gramática da Lingua Portuguêsa*, p. 6.

"E querem que, no Brasil, se fale exatamente como em Portugal! Bem aviados estaríamos nós, se, falando de coisas de cá, de nossa terra, fôssemos obrigados a dizer *aldeões*, em vez de *roceiros* ou *caipiras*, *choças*, em vez de *ranchos*, *pau*, em vez de *chifre*, *casão*, em vez de *cálice de vinho*, *eira*, em vez de *terreiro*, *ilha*, em vez de *cortiço*, *ripada*, em vez de *paulada* ou *sova de pau*, *chispe de porco*, em vez de *pé* ou *mocotó* de porco, *sapatos de polimento*, em vez de *sapatos de verniz*, *arrefecer*, em vez de *resfriar*, *aziumar-se*, em vez de *zangar-se*, *estarrecido*, em vez de *interdito*, *moinante*, em vez de *vadio* ou *peralta*, *vergueiro*, em vez de *vergalho*, etc. Não poderíamos dizer *cuia de leite* ou *cuia de mate*, porque, lá, o têrmo *cuia* designa a *rêde de retrós*, que aqui as senhoras e as modistas designam por *invisível*, e os nossos folhetinistas, descrevendo toucados, é que se veriam em apuros, dizendo que elas traziam cuias na cabeça. E, falando do moço que tomou um *tílburi*, seria preciso dizer tomou uma *tipóia*, embora tipóia (têrmo do nosso vocabulário), originàriamente, signifique camisa de mulher, depois *capa* e *faixa suspensa ao ombro* ou *aos ombros*, e, afinal, hoje, *faixa* ou *suspensório* em que se mete o braço doente." Obr. cit., p. 216.

desejo imoderado de passar por erudito do que a improbidade literária. Não tem, portanto, justificação a censura dos críticos, quando o invectivam pelas etimologias de Martius, que surgem sem indicações nas notas de *Iracema,* porquanto, não só êle cita algumas vêzes o nome do autor do vocabulário, como reproduz o que Martius em parte tirou de trabalhos anteriores já no domínio público. Estas argüições capciosas não passavam de poeira levantada no caminho pelo carro da fama de quem traçara tão lindas páginas.

A primeira agressão grave que apareceu contra o merecimento de José de Alencar foi a das *Cartas de Semprônio* (Franklin Távora), de que foi precursor um certo *Farwest,* que, no *Jornal do Recife,* chamou-o até de "boêmio e traficante literário". Lamento que essa crítica viesse envolvida nas *Questões do Dia,* provàvelmente pela lei dos arrastamentos, incrustada de uma espuma biliosa, bastante grossa para tirar-lhe grande parte de seu merecimento. Nessas cartas se encontram duas visíveis camadas que se repelem como o azeite e o vinho. A primeira é a que se assenta nas notas e observações que o crítico acuradamente tomou sôbre os livros: é criteriosa e aceitável em muitíssimos pontos. A segunda é a do *parti pris,* que poderia ter o mesmo efeito que as *Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios,* se F. Távora estivesse para José de Alencar nas mesmas condições que José de Alencar para Magalhães. Neste intuito, *Semprônio* foi infeliz, porque, apesar do uso dos mesmos processos de aproximação e confrontação de textos, apesar de transcrever Cooper, Audubon, Aimard e outros pintores da natureza americana, não chega a convencer ninguém da superioridade dos trechos transcritos. Por exemplo: na sua carta IV, começa por descobrir impropriedades na descrição do pampa do *Gaúcho,* e combate a classificação de "campinas melancólicas". Em primeiro lugar, é preciso ter em vista o subjetivismo da pessoa. O mar não é o mesmo para todos. Quando, porém, se queira regular pela média humana, ainda assim o pampa, posso garantir, que lá estive, é melancólico e solene. Nem para essa verificação precisaria ir até o Rio Grande do Sul, nem apelar para o romancista francês; bastaria consultar qualquer tratado de estética ou de fisiologia; aí encontraria afirmada a invariável impressão que causam na retina as linhas horizontais limitadas, — a monotonia, enfim. A descrição, transcrita do romance de G. Aimard, nem é superior como descrição, nem tem aplicação ao caso. O romancista francês não se refere à solidão do pampa, mas às cercanias de uma pousada; aonde o movimento e a vida quebram tôda a tristeza da paisagem. Com êste modo de criticar, dilata-se *Semprônio* em longas páginas, traindo o intento de mortificar o autor da *Iracema,* ridicularizando-o e descobrindo belezas em trechos comparativamente inferiores. É assim que nega a José de Alencar nacionalismo e a qualidade de roman-

cista de costumes, e o considera inferior a Crèvecoeur, Washington Irving, Chateaubriand e Balzac, sob o fundamento de opiniões de F. Charles, V. Hugo, Joubert. A habilidade do crítico é, incontestàvelmente, sutil. Neste ponto último, discordo apenas na intensidade, e sinto que, em lugar de invectivar, não se ocupasse mais extensamente dêste assunto. José de Alencar não cultivava a faculdade da observação, como já aludi em outra parte; a grosseria e a fealdade das coisas reais estava constantemente a repeli-lo do mundo da experiência: "Os poetas estão sempre constrangidos quando têm de manusear essas coisas tão pesadas, que oprimem a imaginação: no fundo, só há uma coisa doce e verdadeiramente bela nesta vida, é o sonho." [131] Essencialmente plástico, José de Alencar nunca pôde meditar nas causas determinantes dos atos e das paixões humanas, nem nos destinos do mundo. Sem dúvida alguma, a classificação científica, ou o hábito de armazenar fatos, foi-lhe sempre coisa desprezível. Daí o sucesso do *Guarani* e da *Iracema*, e os desastres das monografias já indicadas com o título de *Lucíola* e *Diva*. Nas censuras à *Iracema*, "cujo estilo, em geral, peca por inchado, por alambicado", ainda torna-se mais palpável a falta de isenção de espírito do crítico.

É suficiente apontar-se as divergências, para concluir que os verdadeiros mestres de *Semprônio*, neste trabalho, não foram nem Taine, nem Sainte-Beuve, nem mesmo Planche. O conselho partiu da paixão. Não há razão para sentir, em uma lenda do gênero de *Iracema*, a falta dos clangôres dos combates de Homero, as vibrações dos golpes de Aquiles, os funerais de Pátroclo; tanto mais quanto o poeta, desprezando o *agora* indígena, aproximou-se da vida interior da cabana de Araquém. Nem há motivos para exigir-se-lhe a maneira de Durão e B. Gama. A *Iracema* não é um poema aonde o amor apareça em episódio, é uma pastoral tupi, como a de Dáfnis e Cloe, como a de Paulo e Virgínia, como a de Atala, juntando aos ingênuos processos da imaginação meridional tôdas as acritudes que o talento pôde colhêr na flora e na fauna brasileira. Censura mais pungente encontra-se na carta VIII. Ridiculariza-se Martim por ter, depois de "cheia sua alma com o nome e veneração de seu Deus-Cristo", não haver conseguido que êste Deus o "preservasse de cometer a vilania" de tornar a amante indigna de *guardar os sonhos da jurema*. [132] *Semprônio* chama vilania a paixão, o desvairamento de uma noite tropical, talvez a mais sentida de quantas o poeta descreveu. Ei-la:

> Êle repeliu do seio a virgem indiana. Êle não deixará o rastro da desgraça na cabana hospitaleira. Cerra os olhos para não ver; e enche a alma com o nome e a veneração de seu deus:
> — Cristo!... Cristo!...

---

[131] Taine, obr. cit., vol. V, p. 437.

[132] *Cartas de Semprônio*, p. 171.

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas tôdas as vêzes que o seu olhar pousa sôbre a virgem tabajara, êle sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chama. Assim quando a criança imprudente revolve o brasido, do intenso fogo saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam as faces.

Fecha os olhos o cristão, mas na sombra de seu pensamento surge a imagem da virgem talvez mais bela. Embalde chama o sono às pálpebras fatigadas; abrem-se, mau grado seu...

A virgem ficou imóvel.

— Vai e torna com o vinho de Tupã.

Quando Iracema foi de volta, já o pajé não estava na cabana, tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia oculto sob a carioba de algodão entretecida de penas. Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema e colhêr em seus lábios o beijo, que ali viçava, entre sorrisos, como o fruto na corola da flor. Podia amá-la, e sugar dêsse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O gôzo era vida, poi o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.

Iracema afastara-se, opressa e suspirosa.

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.

A juriti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate asas e voa a aconchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada qual borboleta que dormiu no seio de formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores: e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da espôsa, aurora de fruído amor.

A jandaia fugira ao romper da alva, e para não tornar mais à cabana. Vendo Martim a virgem unida a seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.[133]

Depois vem uma questão de precedência indianista, que nunca se pretendeu dar ao autor do *Guarani*.[134] Quando fôra que José de Alencar se antepusera a Basílio da Gama, Durão e Gonçalves Dias, senão na forma e na maneira de tratar novos assuntos? "O aparecimento da lenda sertaneja", diz o crítico, "longe de corresponder à expectativa suscitada pelo Guarani, fê-la despenhar-se na mais amarga e rude decepção."[135] Ignoro qual o fundamento dessa decepção; porque se, como já observei, a *Iracema* não é um poema bárbaro, no rigor da palavra, se trescala o aroma genésico das pastorais, em que o mestre se foi inspirar, é indubitável, e nisto Pinheiro Chagas faz-nos maior justiça, que nenhuma obra brasileira pôde, como ela, recolher tão eloqüentemente os aromas e as côres do Brasil. Que

133 *Iracema*, pp. 91-94, 3.ª ed.

134 *Cartas de Semprônio*, p. 177 e seg.

135 Obr. cit., p. 182.

importa a contextura do livro; que importa a impossibilidade de amôres selvagens como aquêles; que importam as semelhanças da lenda, notadas pelo crítico, com o episódio gaulês de Eugênio Sue? Há uma coisa que sobreleva a tudo isto: é o amor pátrio, é o sentimento da terra, que transuda enèrgicamente de tôdas aquelas páginas. É sòmente isto o que torna a *Iracema* o mais brasileiro dos nossos livros. As brisas entre os carnaubais, aquelas vargens sonoras pelo arruído do pássaros, aquêles tabuleiros de verdura, aquelas lagoas aromáticas não encontram rival em literatura conhecida. *Semprônio,* apesar de tudo, nega essa qualidade a José de Alencar.

---

Como bem disse *Farwest,* era preciso demolir *Sênio;* e a obra começou.

Sílvio Romero, em 1873, cheio de todo o ardor belicoso que se pode apoderar de um moço aos vinte anos, ao sentir-se forte pela ingestão de uma ciência nova, entendeu que devia cair sôbre o autor do *Guarani* como o gavião sôbre a serpente que coleia, lânguida, por entre as altas ervas. Neste tempo, o crítico era mui criança ainda, e não podia conhecer os escritos que analisava por um estudo largo e profundamente meditado: daí muitas injustiças e todos os defeitos que se pode argüir a um juízo de afogadilho. O jornal por êle fundado então, em Pernambuco, de parceria com Sousa Pinto e outros, o *Trabalho,* foi, incontestàvelmente, um passo afoito na senda da neocrítica, máxime quando tudo conspirava para repelir idéias em uma terra onde certos precedentes de carolismo punham todos de sobreaviso ao mínimo chocalhar do cascavel do progresso. O terror ao veneno crotálico não lhe serviu de embaraço. Começou a estudar a nova filosofia, a esta foi entrando a golfadas estrepitosas. Já disse algures que a primeira fase da filosofia positiva é um pessimismo agudo, fase que, infelizmente, vemos propagar-se em forma sistemática no que se chama positivismo religioso. [136] O contraste real existente entre essa maravilhosa construção de Comte e o que nos cercava não era para produzir outro efeito que não fôsse a repugnância ao que se dizia brasileiro. Sílvio Romero, pois, sob o influxo dessa doutrina, leu o que se havia escrito, com mais ou menos exaltação, sôbre o romantismo, procurou os pontos de contatos no Brasil e, sem examinar detidamente os documentos, condenou *in limine,* não só o indianismo, como tudo quanto não tinha o cunho de opo-

---

[136] Escrito em 1879.

sição violenta ao arrefecido movimento literário. [137] Eis a razão da precipitação com que se abalança então a dizer que José de Alencar não tem fisionomia própria e que, apesar de surgir, ao lado de Macedo, como o vulto mais proeminente da nossa literatura, nem por isso deixa de ser um rebatedor de pastiches insubsistentes, [138] não quis dar-se ao trabalho de apalpar a substância dos livros escritos por êstes homens e malbaratou o seu esfôrço. Hoje, porém, vejo, com prazer, a sua idéia um tanto modificada. Nos seus últimos escritos, como que êsse pessimismo se esvai a pouco e pouco, atacando o material, que o estudo lhe estende agora sob os olhos, com a serenidade de quem não precisa mais criar, para glória sua, moinhos de vento iguais aos que D. Quixote imaginou. Ainda assim o seu nível é muito alto; sua crítica, objetiva nos detalhes, subjetiva-se demais nas conclusões, de sorte que raro é sair de suas mãos um autor sem ser decapitado.

Esta combatividade, parece tê-la herdado êle de Arthur Schopenhauer.

---

Uma da coisas que mais feriram o amor-próprio de José de Alencar foi o dizerem, por último, que as obras de *Sênio* não tinham outro intuito senão o lucro sórdido. Fancaria ! e, pelos magros cobres da casa Garnier, seria uma deplorabilíssima miséria ! No prólogo dos *Sonhos d'Ouro* êle rebate essa aleivosia; mas, como sempre, não parou: e começou a estorcer-se nas malhas de uma rêde angustiosa. Do mesmo modo que Balzac, pretendeu, em má hora, filiar tôdas as suas obras a um sistema harmônico de idéias preestabelecidas. Era a necessidade de uma orientação, que tarde lhe aparecia; mas embalde êle tentou concatenar os livros. "A literatura nacional, o que é senão a alma da pátria que transmigrou para êste solo virgem com uma raça ilustre, aqui impreg-

---

[137] Com igual precipitação, em um recente trabalho, aliás notabilíssimo, sôbre a *Poesia Popular no Brasil*, foi êle levado a dar ao elemento africano maior preponderância no nosso desenvolvimento estético. Digo precipitação, porque o crítico não teve tempo de lembrar-se de que, para decidir essa questão, seria necessário dividir, primeiro, o Brasil em zonas.

No Pará, Amazonas, Ceará e Rio Grande do Norte, por exemplo, o elemento negro é quase nulo; tudo cabe ao indígena; as influências daquela raça apenas chegam ali por contragolpe. No Rio de Janeiro, Bahia e Minas é onde pode ter lugar a aplicação do negrismo em tôda a sua plenitude.

[138] Sílvio Romero, *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna*, p. 129 e seguintes.

nou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização?" [139] Vê-se que José de Alencar convolava-se para alguma emoção nova, que, indecisa, pairava sôbre seu espírito e difundia-se sem concretizar-se. Preocupado com isto, divide a literatura brasileira em três fases, de que são representantes suas obras: — a aborígene *(Iracema)*, — acolonial *(Guarani* e *Minas)* e a atual, subdividida em interior *(Gaúcho, Til,* etc.) e exterior *(Pata da Gazela, Luciola, Diva, Senhora,* etc.). Por mais engenhosa que seja esta sistematização *post factum*, nota-se uma considerável inconsistência no intuito, apenas denotando que, no seu remígio, o poeta embalde buscava alcançar os páramos dêsse mundo ignoto, que vive no futuro. Conheceram isto os críticos mal-avisados e procuraram integrá-lo com o resto do Brasil literário. A Joaquim Nabuco coube a última agressão, tanto mais irritante quanto se apresentava com a luva de pelica e o sorriso nos lábios. Não é para censurar que êle atacasse o autor do *Guarani*. Moço entusiasta, de estilo fluente, embevecido em tôdas as louçanias de uma vida parisiense, ávido de expectação, estava no seu direito em procurar meios de fazer com que as vistas do público convergissem para si. Se a sua crítica tivesse ficado nas censuras que ressaltam a todos os que lêem as obras de José de Alencar, na análise do caráter literário do autor de tantos livros, que êle mesmo há de confessar que buscou imitar, nada haveria a acrescentar; mas J. Nabuco, nos seus *Domingos*, como bem ponderou José de Alencar, quis deitar espírito à custa de coisas muito sérias, e, como Voltaire, não trepidou em sacrificar ao *bon mot*, não só a verdade dos fatos, como a consciência de um laborioso autor. Doeu isto, e doeu muito. E só a espírito reduz-se tôda a longa crítica do escritor a quem nós, os abolicionistas, entregamos o simpático pendão da idéia regeneradora. [140]

---

Seja como fôr, há uma coisa que os críticos nunca puderam negar a José de Alencar: o estilo. E o estilo, como disse desde princípio, foi a alma de suas obras. Muitos o deram como amaneirado. Acredito que algumas vêzes o fôsse, do mesmo modo que depois, no segundo período de sua vida, tornou-se enfático e picaresco.

---

[139] *Sonhos d'Ouro* (Bênção Paterna), vol. I, p. XIII. Esta questão da existência de uma literatura no Brasil é, para mim, uma questão sem questão. Não se demonstra, mostra-se. Temos ou não temos. Os curiosos poderão recorrer ao que, sôbre êste assunto, escreveram Pereira de Meneses *(Memórias da Associação Culto à Ciência*, novembro de 1964): Quirino dos Santos *(Arquivo Pitoresco*, vol. VI, p. 348); Joaquim Serra *(Reforma*, de 7 de novembro de 1869).

[140] Em 1879.

Nos seus primeiros livros, porém, na explosão, encontra-se um *quid*, que muito dificilmente se conseguiria definir. "Não se analisa", diz Sainte-Beuve, "a centelha, o raio que brinca sôbre a escuma e o esfrolamento das vagas." É o que acontece com os produtos do primeiro buril de José de Alencar. Rico de vocábulos e de sensações pròpriamente suas, êle não pensava então na frase, e esta saía com tôda a fôrça e virgindade da alma de um artista apaixonado. Se é verdade o que assegura Véron, isto é, que a arte não passa do poder de personalizar a realidade, e que o estilo é a resultante fatal do modo de ser e a expressão espontânea de concepções derivadas da combinação de influências morais ou físicas, [141] não resta dúvida que José de Alencar teve uma feição. O seu modo de ser literàriamente e os seus livros têm um timbre que não se confundem com o vulgar. Como escritor, destaca-se; a sua frase apresenta um som próprio. A obra constitui, incontestàvelmente, uma individualidade. Êsse *quid*, a aristocracia dêsses períodos cheios de arminhos, de côres níveas e elações repentinas para o desconhecido, de surprêsas, de reviravoltas luminosas em tôrno do pensamento anestesiado, traí-lo-iam em qualquer parte aonde se exibissem páginas suas, embora sem assinatura. Ninguém confundiria com o de outro brasileiro êsse estilo que, usando do juízo de Joubert, relativo a Rousseau, "produz sôbre a alma a mesma impressão que causariam, tocando-nos, as carnes acetinadas de uma mulher formosa". Tanto há de mulher em sua frase! O tom de íntima familiaridade e o *laissez aller* com que diz tudo quanto quer, sem ferir o gôsto dos delicados, levam quase sempre os seus leitores a retouçar no azul, deslizando-se por todos os encantos e tênues sibaritismos da vida. É nestes momentos de hipnotismo que lhe apraz, as mais das vêzes, por meio de uma frase de efeito, chamar a atenção para coisas mínimas, vulgares, que as tintas de sua palhêta, ou os vocábulos mágicos tirados dos limbos do pensamento, conseguem mostrar por uma face desconhecida, que deslumbra a todos e mergulha o espírito em um gôzo indefinido. [142]

---

[141] E. Véron, *Esthétique*, p. XIII, 153.

[142] Igual juízo encontro em Sainte-Beuve a respeito de Mme. de Swetchine. "Ninguém a excedia na provisão de palavras adequadas a temperar o discurso, dando-lhe o necessário ardor. Estas palavras são como taxas brilhantes, que ferem a vista. O pensamento brota-lhe, engenhoso, e completamente ornado. Assim, por exemplo, ela diz: Só no céu têm os anjos tanto espírito como os demônios...

"Fica-se atônito... entretanto, refletindo-se, chega-se logo a verificar que tôda essa frase não passa de uma maneira menos prevista de dizer o que todos sabem. Isto é, que os demônios, na terra, têm, de ordinário, mais espírito do que os anjos, que, as mais das vêzes, mostram-se destituídos de bom-senso." Sainte-Beuve, *Nouveaux Lundis*.

Tomo ao acaso dois exemplos no seu livro mais cuidadosamente escrito.

> O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.
>
> Quando o sol descambava sôbre a crista dos montes e a rôla desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, êles descobriram, no vale, a grande taba; e, mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juàzeiros, a cabana do pajé.
>
> O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sôpro da brisa carmeava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.
>
> O pajé lobrigou os dois vultos que avançavam; cuidou ver a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo vale fora.[143]

Outro exemplo:

> Martim vai a passo e passo por entre os altos juàzeiros que cercam a cabana do pajé.
>
> Era o tempo em que o doce aracati chega do mar e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um suave arrepio eriça a verde coma da floresta.
>
> O cristão contempla o ocaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o vale, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que alí deixou. Sabe êle se tornará a vê-los algum dia?
>
> Em tôrno, carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trépida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; e o mesmo silêncio anela de opresso...
>
> O sol remontou a umbria das serras; seus raios douravam apenas o viso das emiências.
>
> A surdina merencória da tarde, precedendo o silêncio da noite, começava de velar os crebros rumores do campo. Uma ave noturna, talvez iludida com a sombra mais espêssa do bosque, desatou o estrídulo.[144]

A páginas como estas, cheias de cismas e de indolências tropicais, não raro seguem-se outras de uma vivacidade cuja impressão iguala a que nos causa uma manhã de sol, depois de uma ligeira chuva. Tudo se torna nítido; o ar é tépido. De vez em quando, a paisagem refresca-se com o orvalho, que, desprendendo-se das fôlhas, levanta o bálsamo das flores. Cantam as garrichas, e as cigarras, ao longe, casam o surdo alarido com o gotejar das plantas umedecidas, com o rumorejo da brisa e a respiração do espectador. Nessas páginas, o estilo joga com a jucundidade de todos os sentidos. Nunca, porém, essa frase, ora chispante, ora aveludada, se sutiliza tanto, enchendo-se de sugestões velhacas, ou de seduções pudicas, como quando sua pena mergulha-se na meiguice para descrever a mulher. Escapam-lhe epí-

---

143 *Iracema*, p. 21 (3.ª ed.).

144 Obr. cit., pp. 33 e 58.

tetos engenhosos, imagens, comparações que, de relance, lembram um poeta cuja alma nunca se aproximou da sua, um poeta que sabia forjar, ao mesmo tempo, o bronze e entretecer a filigrana de ouro sutil, um poeta que erigia estátuas como Macbeth e vultos graciosos como Ofélia.

*O sweetest, fairest lily!* dizia Shakespeare, quando pensava em suas heroínas, lírios que mal compreendiam a sua existência no meio daquelas cruéis tempestades de apaixonados, de furiosos, de loucos. Não faltam a José de Alencar frases semelhantes para pintar os seus lírios, que, se não vivem mergulhados em uma paisagem *crâne*, por outro lado possuem o poder mágico de embriagar todos quantos dêles se aproximam.

Se refere-se à Iracema:

> Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de pranto, estão, naqueles olhares longos e trêmulos, enfiando e desfiando os aljôfares das lágrimas que rorejam as faces.
>
> A ará, pousada no jirau fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos... Os róseos lábios da virgem não se abriram mais para que ela colhesse entre êles a polpa da fruta ou a papa do milho verde; nem a doce mão afagara uma só vez, alisando a doirada penugem da cabeça. [145]

Lucíola tira de sua palhêta toques delicados e sensuais:

> O que ainda vejo neste momento, se fecho os olhos, são as nuvens brancas e nítidas, que frocavam graciosamente, afilando com o lento movimento do leque, que de longe parecia uma grande borboleta rubra pairando no cálice da magnólia. O rosto suave e harmonioso, o colo e espáduas nuas nadavam como cisnes naquele mar de leite, que ondeava sob formas divinas.
>
> A expressão angélica de sua fisionomia, naquele instante, a atitude modesta e quase tímida, e a singeleza das vestes níveas e transparentes, davam-lhe frescor e viço de infância, que devia influir pensamentos calmos, senão puros. Entretanto, o meu olhar ávido e acerado rasgava os véus ligeiros e desnudava as formas deliciosas que ainda sentia latejar sob os meus lábios. [146]

Os caprichos de Diva não diminuem o vigor dêsse pincel:

> Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a côr das pétalas da magnólia quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa côr de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, se a luz coa pelo fino tecido e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim. Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilante na cabeça de um anjo. Havia em tôda a sua pessoa um quer que fôsse de

---

[145] Obr. cit., p. 57

[146] *Lucíola*, p. 46.

> sublime e excelso que a abstraía da terra... Às vêzes, porém, a impressão da leitura turbava a serena elação de sua figura e despertava nela a mulher. Então desferia alma por todos os poros... Nesses momentos, tôda ela era sòmente coração, porque tôda ela palpitava e sentia.[147]

Foi essa mesma propriedade para descrever a mulher, essa concentração de seu temperamento no grácil, que lhe roubou da palhêta as côres necessárias aos aspectos rudes da natureza. Não era um artista de mil almas, *myriad-minded,* como o autor do *Hamlet.* Não obstante, o seu estilo, vívido e sentido, demonstra que, na esfera em que seu talento e as tendências de seu espírito o colocarem, êle atuou com uma fôrça própria e original. A expressão é completa e a evocação dos seus personagens e das cenas, que êle admirou como idealista, traduzem-se naquela alucinação forte, persistente, que é o característico dos verdadeiros artistas.

---

147 *Diva,* p. 26.

SEM ORIENTE

PUBLICAÇÃO EM RODAPÉ NA *GAZETA DA TARDE*.
RIO DE JANEIRO, 15 ABRIL 1882.

Há uma coisa nos países frios com a qual nós, os habitantes da zona tórrida, não podemos absolutamente contar. É o macróbio.

Aqui o homem vive pouco; e a vida intelectual, se é um tanto mais intensa, degenera logo em agonia, que impele rápido para uma morte prematura.

Aqui tudo é efêmero. A própria natureza o está indicando.

Não há vegetação, no mundo, mais vigorosa, nem mais cheia de esplendor.

No Amazonas, as árvores rebentam da terra como no tablado de um teatro de ópera mágica, sobem a uma altura descomunal de um inverno a outro, e, quando em outros climas seria um tênue arbusto, já seus galhos expelem frutos colossais, que em uma noite amadurecem, rebentam e apodrecem, indo juntar-se a êsse húmus poderoso que precipita a vida e reproduz os sêres.

Entretanto, que inconsistência nesses gigantes da floresta! O calor e a umidade fizeram-nos erguerem-se ameaçadores, pujantes como guerreiros invencíveis; mas não lhes deram tempo para criar raízes e reforçar a sua constituição. Vem um tufão de súbito discorrendo pelo vale, ouve-se um grande estrondo. Vai-se ver: é o tronco enorme que foi desarraigado e que, como o fruto de ontem, voltou à terra, aonde não tarda decompor-se para dar lugar a uma nova e mais luxuriante vegetação.

O brasileiro, como produto dêste solo, deveria participar dos inconvenientes dessa aceleração letal.

Neste imenso Brasil, aos raios candentes dêste sol tropical, ou imitamos o selvagem, que vai buscar no ócio e na oscilação da rêde uma trégua contra os elementos devorantes do clima, ou exaltamo-nos, como único meio de adquirir alguma atividade, e consumimo-nos em pouco tempo.

---

Não se trabalha impunente com o cérebro nesta terra. Em uma região que é uma conflagração eterna, provocar uma combustão no cérebro é suicidar-se.

E se isto não é verdade, indague-se da biografia e exija-se as memórias íntimas dêsses poucos lutadores que têm militado na literatura e no jornalismo.

Seria uma história digna de escrever-se a dos suplícios por que têm passado todos quantos se hão dedicado ao trabalho ímprobo de desenvolver uma idéia, dar-lhe forma e propagá-la.

Depois viriam considerações sôbre as dificuldades opostas pelo meio social, ainda tão incompleto para a vida mental, aos que tentam estudar, ampliar os círculos dos seus conhecimentos, formando um ponto de vista seu, sem o qual é impossível tôda a originalidade.

Aqui tudo tende a homegeneizar-se. Todo o esfôrço para criar-se uma individualidade é uma obra de ciclope, uma obra quase sôbre-humana. Ninguém resiste; quem se empenha, sucumbe.

E só assim explica-se a deficiência, o truncamento de que se ressente a maior parte dos nossos trabalhos literários.

Depauperado o temperamento pelo rigor do clima, não é difícil compreender o cabedal de esfôrço que é preciso para que um homem de letras realize um plano. Na extração dos elementos, no preparo do embasamento, consome êle tôda a seiva indispensável à ideação do livro, tendo despendido um labor suficiente à criação de um verdadeiro monumento em qualquer outro meio mais propício.

---

Sarcey lembrou-se um dia de escrever as conseqüências do excesso mental na vida do jornalismo em Paris. O quadro que êle apresenta das misérias, dos esgotamentos, dos desastres intelectuais é realmente comovedor.

Mas ali é ùnicamente o excesso a causa dessas desventuras. Paris é um meio tão rico, tão fecundo, tão completo e apropriado ao florescimento dessas plantas delicadas chamadas homens de letras, que a vocação não necessita solicitá-lo. Êle penetra, sem estrangulamentos nem dilacerações, na organização do poeta, do escritor; insufla-os de si mesmo e provoca-os a produções infinitas, chegando mesmo até a insobriedade.

A ciência e as artes envolvem o homem todo. Os elementos de inspiração, tudo quanto pode considerar-se imprescindível à composição de um livro invade-lhe o cérebro da mesma maneira que o ambiente os povos.

---

Mais felizes do que nós, os habitantes do velho mundo podem aspirar à glória literária sem ao mesmo tempo marcharem para o abismo.

Lá a literatura é uma carreira. Além dos triunfos, dá também a riqueza e uma posição cômoda e honesta. Faz viver.

Um literato aspira sempre a realeza. Se o seu talento sobrepuja, não tardam as apoteoses.

Voltaire trovejou em Ferney por longos anos, impondo-se à Europa inteira e à admiração dos reis, e morreu aos 84 anos, no

vigor de sua inteligência, de uma moléstia de que não se morre entre nós, — de uma emoção causada pelo aspecto de uma cidade ajoelhada a seus pés.

Goethe, com igual idade e nas mesmas condições, desceu ao sepulcro em Weimar, cansado simplesmente de ser grande, de ser Deus.

Victor Hugo, tendo acompanhado o século desde as suas primeiras revoluções, ainda vive cheio de imaginação e de arroubos apocalípticos, sem se deixar cair ao pêso das coroas que de todos os pontos da terra foram depor sôbre sua cabeça milhares de admiradores.

---

No Brasil não se reproduz a lenda da enxêrga e do hospital, porque neste solo não se consegue morrer de fome. Mas temos a morte moral, muitíssimo pior; a paralisia das fôrças intelectuais, o despedaçamento do talento, reduzido, por fim, a uma impotência cruel pelas resistências invencíveis que o cercam.

Ou se sobrevive a si mesmo, fugindo da sombra dessa Mancenilheira, como fêz Magalhães, para se engolfar no sibaritismo de uma existência européia, ou se sucumbe, como Alencar, aos 47 anos, fulminado pela própria audácia e pelas alucinações de um cérebro incandescente.

Quando não sucede assim, vemos decrepitude apoderar-se da vítima. Em lugar da renascença do talento, filha da experiência e do estudo, temos, de repente, diante dos olhos, um valetudinário a arrastar-se trôpego através da socidade ruidosa, dando o desalentador espetáculo de uma ruína humana, triste sombra de um passado que para o próprio paralítico não teve mais significação alguma.

---

O óbito de Macedo, depois de tantos sofrimentos, depois de uma agonia tão cheia de desolações e crudelíssima indiferença, obriga-me a estacar diante de seu féretro e perguntar se houve fundamentalmente razão para formar-se tamanho vácuo em tôrno de seu nome e de suas glórias.

Diz-me a história que não. Antes de tudo, foi êle um trabalhador infatigável, que à fôrça de trabalho levantou muitas emulações, que, sem a sua obra, teriam ficado adormecidas.

A sua *Moreninha* agitou poderosamente a geração do seu tempo, e o ruído que produziu acendeu em José Alencar, que então estudava em S. Paulo, as primeiras centelhas do talento de romancista. Esta competência surda, talvez mais do que a outras circunstâncias,

tenha sido a determiante do arrastamento do autor do *Guarani* para o gênero em que primou.

Acresce que o romance não tinha modelos na nossa literatura. Macedo, entretanto, de um só golpe, possuído da intuição perfeita da arte nacional, chegou a escrever livros de um acabado como até então não tinham aparecido outros.

Pelo que há de informe nas novelas de Teixeira e Sousa, a quem, aliás, não falecia talento, e que publicou os seus trabalhos na mesma época, é que se pode avaliar as dificuldades superadas pelo poeta da *Nebulosa*.

Para que o público deixasse de repelir êsses romances romo extravagâncias irrisórias, não bastava imitar Walter Scott, Dumas, V. Hugo, Eugênio Sue, era preciso uma imensa perspicácia na organização dos cenários, na escolha dos personagens típicos, na propriedade dos diálogos e na apresentação dos caracteres, — um esfôrço todo direto, um desbravamento rude para que se exigiria uma vocação poderosa.

Macedo teve-a. Os seus romances, com todos os seus vícios e imperfeições, são nossos; não se confundem com produtos de outra procedência.

Teve influência mais positiva no movimento de 1840 do que Magalhães, apesar do prestígio de que êste se cercou, atribuindo-se a iniciativa revolucionária.

Tôda esta possança, porém, não lhe assegurou uma glória imperecível.

Correram os tempos.

O esforçado caiu. As novas gerações então passaram-lhe por sôbre o corpo, ainda palpitante, com o escárnio nos lábios e a indiferença no coração.

Sirva isto de exemplo àqueles que hoje ainda contam com o factício vigor da mocidade.

# SEMANA LITERÁRIA

PUBLICAÇÕES EM RODAPÉ NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 17 JUNHO, 1, 8, 15, 22, 29 JULHO, E 12 AGÔSTO 1882.

PUBLICAÇÕES EM RODAPÉ NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 17 JUNHO, 1, 8, 15, 22, 29 JULHO, E 12 AGÔSTO 1882.

*Gazeta da Tarde*, 17-6-1882

Quando, em 1879, o *Voltaire* encetou a publicação da *Nana* em folhetins, Paris viu-se verdadeiramente inundada de reclames.

Um dilúvio! Por tôda a parte Zola! As quatro letras do título do romance naturalista tornaram-se uma tremenda obsessão.

O melindroso crítico A. de Pontmartin, em um artigo cheio de pudicícias lamartineanas, descreveu o seu assombro ao aspecto dos bulevares no dia em que se manifestou o horrendo cataclismo.

Era um *sabbath* infernal

O nome do chefe do realismo ostentava-se pelas paredes, pelos quiosques, pelas vitrinas em letras enormes, sanguíneas, cabalísticas.

A viagem que o crítico teve de fazer nesse dia, de Paris a Ternaux, foi um suplício dantesco.

— *Nana partout!* exclamava êle no auge do desespêro.

E, atravessando a *gare* da estrada de ferro antes de saltar em Ternaux, pensava com os seus botões que nunca dos nuncas "nem Homero, nem Virgílio, nem Dante, nem Shakespeare, nem Corneille, nem Molière, nem Goethe, nem Byron, nem Walter Scott, nem George Sand, nem Paulo de Kock, nem Mangin, nem Ponson du Terrail, nem M. Lecoq, nem todos os dentistas americanos juntos, cotizando-se, teriam reunido em tôrno de seu nome e de suas obras tantas sílabas e maiúsculas como o autor do *Assommoir* nos três dias de triunfo nanático." Nunca dos nuncas se gabara tanto no nascedouro uma criação tão maravilhosa e ao mesmo tempo tão *salope,* tão *proxénète,* tão *voyou*!

---

Felizmente, os críticos brasileiros estão livres de perigos semelhantes. Não precisamos de Pontmartins, que descrevam e reajam contra as inundações naturalistas, e muito mais longe ainda estamos de ver respostas iguais à que o público parisiense deu aos opositores da *Nana*.

No Brasil não há quem devore um edição de 55.000 em um dia.

O movimento literário em nossa terra é tão moderado, que muita gente mal suspeita a sua existência. Êle existe, é verdade; mas como existem as coisas obscuras: sem brilho, sem apresentação, sem coragem.

Apenas os observadores de profissão, regulando-se pela lei do ritmo, podem afirmar, em consciência, que no Brasil há uma literatura, e que esta literatura, bem ou mal, vai se desenvolvendo.

Julgo mesmo que, tardígrados, os escritores nacionais ainda não avistam o ponto de onde encetarão o *steeple-chase* universal. É preciso que se desbaste a crosta de convicções desalentadoras que nos tolhe os movimentos. Enquanto o brasileiro viver persuadido de que não pode competir com o estrangeiro, não só no que diz respeito às produções literárias como às industriais, é impossível esperar um movimento enérgico, consciencioso e fecundo.

Não obstante, marchemos, começando por não desprezar o resultado do esfôrço daqueles que não recuam diante do trabalho ingrato e improfícuo.

---

Falei em ritmo.

De fato, quem observar acuradamente o que se passa no nosso meio tipográfico, verá temporadas da mais completa ausência de publicações que não sejam oficiais, e outras de um certo *ingurgitamento,* após o qual a inspiração dos poetas e prosadores procura um leito por onde se despenhe. Estas alternativas só por si constituem prova de que não há estagnação. Aonde há crises, há, por fôrça, desenvolvimento.

---

Nestes últimos dias parece que a pêndula do progresso despertou o lado fecundo da musa nacional.

Vimos as *Flôres do Campo*, de José Fialho Dutra; as *Sensitivas,* de Alfredo Azamor; *Fanfarras,* de Teófilo Dias; *Prismas e Vibrações,* de Múcio Teixeira.

Na prosa, se não há um dilúvio, se não há mesmo um caudal de produções, ao menos o arroio modesto das publicações faz tumultuar em suas águas o magnífico livro de F. Belisário, *Notas de um Viajante Brasileiro:* as *Vigílias Literárias*, de Clóvis Beviláqua; o *Cantor Nacional da Finlândia*, de Guilherme Bellegarde.

Aluísio Azevedo conclui, na *Gazetinha*, o seu romance *Memórias de um Condenado*, e Lúcio de Mendonça dá à estampa o *Marido da Adúltera.*

---

Sôbre a última publicação muito havia o que dizer, e mais ainda sôbre o que é e o que pode ser o romance entre nós.

É forçoso concordar com o autor do *Mulato*, que "um dos problemas mais difíceis que se pode apresentar a qualquer pessoa é o seguinte: — escrever romances brasileiros".

Qual o motivo por que êsse gênero, que na Europa tem sido explorado a par das minas de carvão de pedra, é tão dificilmente abordado pelos nossos moços de talento?

Quanto aos tempos que correm, a explicação é muito fácil e acaba de dá-la um oficial do mesmo ofício. A impossibilidade de conciliar a estética moderna com a montépinfobia dos leitores de rodapé, do público que paga e sustenta a imprensa, é uma coisa deplorável!

Parece-me, porém, que o romancista do *Marido da Adúltera* não viu-se precisamente nessa colisão: primeiro, porque escreveu em uma localidade aonde, de ordinário, o prosador faz livros por desenfado, sem preocupar-se com a imediata sensação que vai causar no seu público; segundo, porque a sua estética não pode-se dizer uma estética *saugrenue,* capaz de fazer arrepiar carreira ao leitor menos prevenido.

Entretanto, o seu romance destoa do meio em que foi colocado; e o autor, por mais esforços que faça, não consegue dar ao livro todo o interêsse de que por outros caminhos seria capaz o seu talento.

A razão, pois, devemos procurá-la na época em que floresceram Macedo e Alencar.

A transplantação do romance parisiense para o círculo semi-selvagem das nossas relações era uma verdadeira obra de Hércules.

Havia necessidade, primeiro que tudo, de *magnetizar* o público.

Ora, não sei se o magnetismo, em literatura, seja um fenômeno que se possa reproduzir nestes tempos de realismo.

Os Chateaubriands tornaram-se impossíveis.

Sem embargo disso, Lúcio de Mendonça pretendeu hipnotizar-nos, voltando a uma tese que, desde 1855, constitui a jazida inexaurível de onde Dumas filho, Feuillet, Sardou, Augier e tôda a turba dos seus admiradores têm arrancado os prismas, as cristalizações singulares com que eletrizam a sua gente.

A falar a verdade, nunca tive em grande estimação essa escola, mesmo no tempo em que a vi imperar sem oposições. Uma escola que prefere aos largos painéis da vida, aos profundos caracteres, pequenos *acidentes,* figuras superfetadas, preocupações de momento, para cujo desmoronamento basta um Naquet, um leigo, para roubar-lhes o interêsse.

As teses, quanto a mim, nunca passaram de pretextos para *tours de force* de estilistas.

Para ser romancista, hoje, não bastam estilo e eloqüência. É preciso que, antes de tudo, se desdobre através dêle um observador, ou melhor, um pensador.

Isto, porém, não quer dizer que Lúcio de Mendonça pertença inteiramente à classe dêsses estilistas que vivem preocupados com teses ôcas, como indivíduos metidos em becos sem saída.

Ao contrário, o próprio estilo demonstra a cada passo os elementos heterogêneos que ali, naquele livro, estão a combater o vício originário. Seria até curioso indagar como o autor das *Alvoradas*, moço de ontem, já fisgado pelos corvos dos corsários que desbravam tôda a casta do romantismo, deixou-se retardar nesses *in pace*, a olhar fixamente e distraído para essas *bévues* de 1856.

Acredito que o segundo romance que escrever será um protesto contra essa distração, e que o autor de páginas tão coloridas como aquelas em que se descreve a chegada do engenheiro desempregado com sua família a esta côrte e sua hospedagem à fôrça em casa do amigo de infância, procurará firmar os passos na senda decisiva, que convém ao seu lúcido talento.

*Gazeta da Tarde*, 1-7-1882

No sábado passado um santo do catolicismo privou-me de celebrar a glória de um profano. O *Apocalipse* eclipsou as *Inspirações do Claustro*. O castíssimo S. João antepôs-se a Junqueira Freire, a vítima dos desesperos da carne.

O aniversário da morte do poeta passou, pois, despercebido.

Hoje, eis que se apresenta, por sua vez, a sombra do padre-mestre Sousa Caldas. Dir-se-ia que êste ano os aniversários de poetas combinaram-se em obstruir, todos os sábados!

Não quero dar pasto, entretanto, ao sentimento da morte. Embora haja óbitos que constituem verdadeiras apoteoses, outros que sejam motivo de alegrias inolvidáveis, como, por exemplo, o do ministério Martinho, deixo em repouso o autor das *Noites Filosóficas* e corro a objetos que mais de perto me estão a namorar.

---

A *ânua* do Sr. Miguel Lemos, diretor do positivismo no Brasil, veio encontrar-me entre as páginas do *Pot-bouille*, de Zola, e *Marco Aurélio*, de Renan: duas obras recentes, cada qual a mais picante. Produtos de dois espíritos opostos. O primeiro, — a tendência sempre crescente para o lado áspero das coisas, para as nevroses hediondas, para os vícios infames, para as lubricidades atrozes; o segundo, — a poesia da história, a depuração dos belos caracteres, dos Cristos, dos Marcos Aurélios.

A leitura do belo livro de Renan, pelo menos, preparou-me para receber o embate das impressões que me ia causar o *Resumo Histórico* do discípulo de Laffitte.

Confesso que o devorei com a sofreguidão com que o homem é sempre impelido para as coisas novas.

Em verdade, porém, devo dizer que, pôsto de lado o valor literário do livro, a lucidez de exposição que o caracteriza, senti-me constrangido pela confirmação de desconfianças que já há tempos nutria sôbre o desenvolvimento do positivismo.

Em duas palavras. O que me faz recear dos destinos das inteligências disciplinadas por Laffitte, não é o que possam fazer conscientemente, é o que deverão fazer levados pela fatalidade do sistema.

Acaso Cristo ou os iniciadores do cristianismo cogitaram que suas idéias fôssem suscetíveis da carreira que depois surgiu em seu nome?

Não é o que está na cabeça dos filósofos, nem nas suas ingênuas exposições o que me assusta: é o que virtualmente contém na estrutura de uma doutrina, o que reside nos órgãos, nas vísceras dessa doutrina, — as *conseqüências involuntárias.*

No positivismo não vejo senão os lineamentos de uma *enorme tenaz,* que pretende aferrar o espírito do mundo. Sei que o positivista convicto refutará a proposição dizendo que a disciplina de A. Comte não impõe certas contemplações senão com um caráter abstrato; mas a isto responde-se com a lei, analisada por êle mesmo, em que se reconhece a propriedade que têm as abstrações em procurar o estado de concreção.

O *Grande Todo* não tarda em transformar-se em uma realidade. Todos sabem que não houve explicações que conseguissem vencer no catolicismo a tendência do povo para acreditar que as imagens dos altares não fôssem elas mesmas os santos que se dizia existirem no Empíreo.

Estou, entretanto, convencido que a *Religião da Humanidade* em má hora lembrou-se de saturar-se do *eterno feminino.* O *odor de femina* tem sido fatal às religiões.

Diz Renan que o que salvou o cristianismo foi a circunstância de aferrarem-se certos sectários à "regra severa ditada por S. Paulo, que vedava tôda a participação da mulher nos exercícios da igreja. Nas pequenas seitas, ao contrário, a mulher batizava, oficiava, presidia a liturgia, profetizava. Os gnósticos e os montanistas tinham de comum que, ao lado dos seus doutôres, achava-se sempre uma mulher profetisa: Helena ao lado de Simeão, Filomena ao lado de Apeles, Priscila e Maximila ao lado de Montano, uma turba delas ao lado de Markas e Marciano".

Por minha vez, afirmo que o que deu o último golpe no catolicismo foi o marianismo. O *dogma da imaculada Conceição* tirou todo o resto de virilidade que ainda se podia encontrar como recordação de Gregório VII.

As acusações de que tem sido objeto o pastor evangélico Miguel Vieira Ferreira são uma prova prática da verdade que se encerra nestas observações.

*Toujours la femme !*

---

Mais feliz do que o folhetinista, o poeta Bernardo Guimarães pôde publicar um novo romance, longe de preocupações religiosas.

A sua *Rosaura* é o *pendant* da *Escrava Isaura*, — nova contribuição em prol da questão abolicionista.

Pena é que o romancista não tenha querido procurar o verdadeiro ponto de vista.

O que os abolicionistas desejam, sem distinção de côres, é libertar o país de um embaraço, talvez o mais real de quantos empecem hoje o nosso desenvolvimento econômico-político. Não é questão de ternuras, nem de piedade por uma classe desprotegida. O interêsse não é só do escravo: é também do senhor do escravo. Presentemente, todos os esforços convergem para convencer o escravocrata sincero do seu êrro, e ao perverso, de que inùtilmente se resiste.

Na *Rosaura*, porém, o argumento é outro.

Um fazendeiro tem uma filha. Enamora-se dela um apaniguado de baixa esfera, que acaba por desonrá-la. Fala-se em casamento e o pai repele a idéia do alto do seu orgulhoso pinturesco. A moça dá à luz, às escondidas, a uma criança, que é exposta por uma negra velha, de confiança, em uma fazenda próxima. A proprietária dessa fazenda, persuadindo a velha de que a recém-nascida morrera, cria-a como escrava e vende-a depois. É *Rosaura*.

Entretanto, a mãe da criança tem-se casado com um doutor, e no fim de doze anos, já com seis filhos, exige do marido a compra de uma mucama. Realiza-se o seu desejo, e é justamente a filha quem sucede ser comprada. Formosa como os amôres, o dono da casa sente-se logo prêsa de uma paixão. Trava-se então uma luta doméstica em que a espôsa e mãe, sem o saber, representa o papel de anjo da guarda de Rosaura.

É ao tempo que Conrado, o pai da enjeitada, tendo enriquecido, aparece como vingador da filha. Por meios que o romancista cria a seu bel-prazer, consegue êle descobrir o mistério de família e propõe-se a humilhar o pai da ex-amante. Tenta comprar a filha: recusam. Declara-se pai, — a mesma coisa. Então, indignado, à face do espôso, diz tôda a verdade. Calcule-se o desespêro dos mais interessados. Conclui-se a história com a morte do fazendeiro e do marido e com a reparação do êrro da mãe de Rosura, que desposa o seu primeiro amante.

Eis em traços rápidos todo o entrecho do romance.

É o caso de dizer-se com Lalande: *Qu'est-ce que cela prouve?*

Foi o mesmo ponto de vista de Macedo e de J. de Alencar. Nem as grandes composições, as grandes simpatias pela raça negra, como as compreendeu Beecher Stowe, nem a exibição de fatos que demonstrem de um modo artístico o defeito orgânico social.

Quanto ao estilo, suspeito que o livro não é moderno. Quer me parecer que Bernardo Guimarães escreveu-o antes do *Ermitão de Muquém* e de outras obras em que se revela muito mais vívido e rutilante.

O romance é muito extenso. Talvez que o autor não se quisesse dar ao trabalho ou não tivesse tempo de fazê-lo mais curto.

Falo com sinceridade. Muitos capítulos poderiam ser reunidos em uma frase, em um *enjambement;* outros deveriam ser suprimidos. A narração não perderia nada.

Nota-se ainda uma certa falta de *acabamento* nos caracteres dos diversos personagens. Talvez falta de observação.

*Gazeta da Tarde*, 8-7-1882

Criticar a crítica é a coisa mais difícil que conheço. O mesmo que saltar por cima da própria sombra.

Hoje tenho diante de mim quatro espécimes dessa natureza: Os *Traços de Crtica,* de Pereira Simões, as *Vigílias Literárias,* de Clóvis Beviláqua, as *Lições de Retórica,* do conselheiro Velho da Silva, e a *Introdução à História da Literatura do Brasil,* de Sílvio Romero.

Os dois primeiros vêm da faculdade do Recife: são moços, estudantes e de muitas esperanças.

Um ensaia-se na crítica política, outro, na literária. Como últimos chegados, os seus livrinhos ressentem-se do defeito de que costuma eivar-se sempre a mocidade, – o pessimismo. Em regra, quem começa lendo muito e analisando pouco os documentos, não se pode furtar à idéia de que o Brasil fisicamente é um cágado, moralmente, uma cloaca. Nem tanto, nem tão pouco!...

Acredito que um estudo da complexidade do país dará com cedo aos dois críticos aspirantes um critério mais exato e menos cruel relativamente ao que é nosso.

O trabalho de Clóvis Beviláqua, principalmente, anuncia uma notável predisposição à sobriedade, que constitui a qualidade essencial do crítico. Pelo menos é o que transluz do *ensemble* do seu livrinho e de alguns conceitos sôbre as principais questões da história estética brasileira. Não sei se o autor terá razão em dizer que só

por daltonismo intelectual se deixará de ver no Brasil "uma certa lassidão, um tom de desalento, de tristeza, um ar pesado a indicar uma raça fraca, sempre vencida na luta com as condições cósmicas, degenerada ou inconsciente".

Continue a observar, a escavar, e é bem possível, *sem daltonismo*, descobrir muitas fôrças vivas por aí dispersas no monótono anônimo que confunde todo o país sob a côr que lhe quiser impor o primeiro estilista que passar.

---

Os dois segundos são daqui. Ambos professôres, ambos literatos e escritores, diferençam-se, entretanto, profundamente. O conselheiro Velho da Silva, um temperamento moderado; Sílvio Romero, um imprudente. Aquêle, — todo embebido de passado; êste, — todo embebido de futuro. Um e outro divorciados do presente.

Há quem ainda hoje se ocupe de escrever Retóricas para rapazes? Há e haverá. O que resta saber é se o autor dessa retórica a escreve saturado do espírito moderno. Se não, — não...

O ilustrado professor do Pedro II podia tê-lo feito um pouco. Mas o naturalismo horroriza-o tanto como horrorizou aos autores do *Petit traité naturaliste d'après les maitres*. Entretanto, um velho, talvez, como S. Ex.ª, professor, e, — o que é mais, — professor da Universidade de Paris, abalança ainda a traçar, sob o ponto de vista científico, o compêndio da nova retórica. Falo em Ordinaire.

Se S. Ex.ª houvesse compreendido isso! Mas não. Aí vêm Aristóteles, Horácio, Quintiliano, com todo o aparelho de tropos e figuras, reproduzindo tôdas aquelas regras cruas, aquêles sambenitos irrisórios, com que se pretendia armar os dom-quixotes da poesia e da literatura.

Com ser bem escrito o livro, não se segue que seja o livro conveniente. Não o é absolutamente falando.

Faz lembrar os gregos do monte Atos, eméritos guardas da tradição da pintura, irrepreensíveis enquanto à habilidade e segurança dos traços, executores fidelíssimos e instantâneos de qualquer encomenda que se lhes fizesse de um Cristo ou de uma Madona.

"Nada mais expedito", diz Ordinaire, referindo-se a tais processos, "nem mais insignificante. Expressão nula, côr nula, vida nula. São êstes os que querem pintar o homem sem nunca olhar para êle. Trabalho de memória, segundo *regras fixas*, imutáveis, que residem em sua cabeça e que, há séculos, transmitem-se em sua escola e se perpetuam pela rotina. O padre Antímenes recebeu-as do padre Macários, que as obteve do padre Nectários, e assim por diante, subindo sempre até o padre Panselinos, que as inventou. Com o au-

xílio de princípios tais e de um compasso, faz-se incontestàvelmente, um *bonhomme*, e chega-se mesmo a adquirir o hábito de realizá-los sem compasso, mas é impossível dar uma obra de arte."

Eis, em resultado, o que poderá conseguir o conselheiro Velho da Silva com a sua retórica: — autômatos mais ou menos perfeitos, mas autômatos com o caráter do passado.

O que seria, pois, necessário para animar essas páginas com alguma coisa de profícuo e útil à mocidade? Substituir o estudo dos artifícios gastos pelo exemplo vivo da eloqüência ou do estilo, — pelo estudo econômico das fôrças que produzem tais efeitos e pela direção dos hábitos.

"Lede os grandes modêlos", diz ainda o autor citado, "não para imitá-los, os tempos não são os mesmos, mas para inflamar-vos na chama de sua eloqüência."

Não obstante, o bloqueio das idéias forçou o professor retardatário a abrir alguns capítulos, em que dá arras às aspirações de hoje. Entre outros citarei o que diz respeito ao romance, à composição moderna. Ainda assim o retórico dá as regras do romance que já passou, o romance de bastidores e de *ficelles*.

---

Ao contrário do velho conselheiro, Sílvio Romero atira-se furioso pelas veredas pouco exploradas, afirmando certas coisas que ainda estão *sub judice*.

A *Introdução à História da Literatura Brasileira*, pela matéria, não é um livro que se elogie ou se desabone só pelo espírito de *chautage*. O assunto é muito sério, interessa a todos os que se dedicam às letras pátrias.

É preciso, pois, pôr de parte o homem e sujeitar, não só os subsídios da obra, como o critério a que foram subordinados, à análise e ao confronto.

A melhor crítica e mais lisonjeira que se poderia fazer ao livro de S. Romero era a de expurgação. Expurgar tudo quanto o polemista, o demolidor por índole, por prazer, costuma enxertar em seus livros, desequilibrando-os em muitos pontos.

Não cabe-me tentá-lo nas poucas linhas que me sobram. Entretanto, direi a impressão geral dêsse primeiro volume, que se apresenta como prenúncio de uma vasta discussão sôbre os poetas e prosadores contemporâneos, — talvez o verdadeiro ponto de mira do autor.

Os primeiros capítulos encerram os princípios que presidiram à arquitetação da obra, a saber: resenha dos trabalhos publicados sôbre a mesma matéria, espírito do livro, classificação etnográfica

do Brasil, meio, fisiologia do brasileiro, raças, mestiçagem, instituições e diferenciação da colônia e império.

Tudo isto é vasto como deve ser a filosofia da história de um país. Em meu entender, devia constituir tôda a matéria dos dois volumes prometidos. Entretanto, o crítico passa por sôbre essas teses com uma ansiedade febril, e logo adiante entra na análise, na história do século XVI, em desacôrdo com o programa.

Não é mais uma introdução: é o trabalho definitivo.

Por que não se concentrou o autor em uma síntese forte e sóbria?

Questão de temperamento. A impaciência! A maldita impaciência! A síntese verdadeira só pode vir após longo e aturado exame das peças comprobatórias.

Sílvio Romero não quis subordinar-se à ação do tempo, não quis esperar os efeitos da cerebração descansada. Daí preferir o processo sugestivo. O seu livro é, antes, uma série de conjeturas, mais ou menos destacadas, que o crítico mais adiante confirmará ou desprezará em face de novas verificações.

Isto no que respeita ao plano. Quanto às proposições, tinha muito que dizer.

A primeira observação que faria seria esta: Não acho razão em excluir os cronistas do quadro da nossa literatura, ou antes, da história do nosso espírito. Sem embargo de que os seus livros pertencem a outras literaturas, é certo que o historiador não pode-se furtar ao trabalho de buscar nessas fontes, muito consideráveis, os primeiros lineamentos do espírito que depois teve de explodirnos heróis da inconfidência.

A segunda consideração séria, — que do livro não ressalta um fato, que reputo verdadeiro e constitui uma impressão infalível a todo aquêle que ler seguidamente a nossa história colonial.

Do mesmo modo que a exploração do país foi feita por entradas de aventureiros sem sistema e sem ligações tradicionais entre si, o espírito brasileiro também se formou por entradas literárias sem concatenação apreciável. Em um território vasto, aonde as comunicações tornavam-se impossíveis, é fácil de compreender que a colônia portuguêsa não se colocara na situação de um organismo completo. Os grupos constituídos então em Pernambuco, S. Vicente, Bahia, Rio de Janeiro podiam bem comparar-se a galhos de um tronco existente fora do país. Dispostos em épocas diferentes, e por portuguêses oriundos também de províncias diferentes, êsses grupos tradicionavam de modos variados. Nenhuma ligação existia, pois, para o espírito no Brasil, senão a ordem da mãe-pátria, de onde tudo vinha.

Tradição, só com dificuldade se conseguirá descobrir do século passado para cá...

O nexo, portanto, da nossa literatura deverá estar em outro fator. Qual ?

Oportunamente o direi, cingindo-me por hoje a estas duas observações.

★

*Gazeta da Tarde*, 15-7-1882

Ainda duas palavras sôbre a *Introdução à História Literária do Brasil.*

Dizia, na minha última semana, que não era a tradição o principal fator na composição do espírito brasileiro.

Não há história possível sem um ponto de vista: êsse ponto de vista pode ser procurado ou determinado por influências independentes da vontade do escritor. É o que em geral coordena as obras do espírito e orienta-lhes o valor científico ou literário.

O filósofo, de ordinário, menos sujeito às influências gerais e menos dócil às sugestões mais próximas, consegue colocar-se no ponto racional que mais convenha a seu intuito.

Em todo caso, desde que se não sobe à *montanha da observação*, tudo quanto se escreve perde a maior parte do valor. Êsse defeito, quando se o possui, explica a anarquia ou a falta de lucidez de certos livros, a difusão de elementos obtidos ao acaso e que não encontram classificação definitiva.

Não sei se Teófilo Braga, por exemplo, participará dêsse vício funesto.

Se não participa, pelo menos varia de ponto de vista a cada passo, dando aos seus trabalhos uma complexidade inextrincável e, portanto, improdutiva.

A questão da história da literatura nacional, mais do que outra, entendo só pode ser resolvida pela concentração de nossas vistas sôbre o *meio físico*. É o único fator estável de nossa história, o único que se consegue acompanhar, sem soluções de continuidade. Não quero com isto dizer que seja o principal, pois é averiguado que, na fusão dos vários elementos constitutivos da nacionalidade brasileira, não existe um que mais se avantaje ao da raça portuguêsa, arrastando para dentro dêste meio todos os acúmulos de sua civilização. Mas, como estou persuadido de que o valor de um elemento não parte da quantidade e, sim, da qualidade, sou levado fatalmente a dar mais importância ao particular do que ao geral. Na história universal, não resta dúvida que o Brasil é — Portugal atravessando

os mares, procurando novo *habitat* e transformando-se ao influxo de variadíssimas influências; para o brasileiro, porém, a sua história particular não deve ser outra coisa senão a relação do desenvolvimento dos fatôres característicos.

Ora, não há negar que êstes são o meio físico e as novas raças postas em contato com o português. Posso afirmar, entretanto, que coisa alguma teve tanta fôrça assimiladora como a deslocação de solo, os novos aspectos do país e o clima, — o clima, principalmente.

Era sôbre êsse *fio* que, escrevendo a história do Brasil, faria girar todos os demais elementos; e com tal ponto de vista, tenho certeza que chegaria à explicação de muitos fatos obscuros. Não vem de feição agora demonstrar a tese.

Em trabalho especial, pretendo desenvolver essa idéia, tornando o mais saliente possível o grau de diferenciação que atingimos.

Voltando a Sílvio Romero, repito que, fértil o seu livro em verdadeiras sugestões, rico de material, cai, entretanto, no mesmo vício que me parece existir na obra do notável escritor português, a demasiada complexidade de pontos de vista. No meio dessa acumulação, é indeclinável que o espírito pouco se desobstrua. As idéias cruzam-se ràpidamente, os juízos mais diversos se agrupam e se chocam e, no final, o que surge é a dúvida para o leitor e o cansaço para o coordenador.

Em última análise, não tenho falado senão em método. Só os resultados devem determinar a preferência. Estamos no século da experiência. Aí tendes o instrumento; se não serve, atirai-o para longe de vós; tomai outro.

Um livro novo será sempre uma chave com que se abra outros compartimentos do saber humano. A chave que Sílvio Romero nos oferece conduz-nos a aposentos vastos e até estranhos: contudo, há nesses novos aspectos uns hiatos tão prolongados, que nos forçam mais de uma vez a buscar, e com enorme desprendimento de fôrças, o fio interrompido.

Afigura-se-nos um pioneiro a desbravar um país selvagem, cruel e acidentado. Abre veredas, toma a altura dos astros, aqui uma campina, ali uma floresta inextrincável. Avança para um lado, avança para outro; neste ponto sobe a um rochedo, mais adiante ascende à copa de uma palmeira. As vistas variam, estendem-se mas não se unem.

O audaz hesita, pára; e conjetura o que possa sobrevir. Próxima está uma montanha escarpada. Dali seria fácil, de um golpe, formar a idéia sintética de tôda a região. Acontece que a falda é cheia de fráguas e que a subida não convida.

O primeiro desdenha de subir. Podia avaliar. E diz: — "pouco mais ou menos".

O autor da *Introdução* está no caso exatamente do primeiro.

---

De um historiador para um poeta. Que impossível cambalhota!

Entretanto, o critério hebdomadário é obrigado a fazer *tours de force* como qualquer saltimbanco de barraca.

Ora, como é que hei de falar em versos, depois de ter pôsto em movimento as células do cérebro que se constituíram depositárias dos princípios da crítica? Elas aí continuam a tumultuar em tôrno da obra de S. Romero. Fôrça é, porém, que se lhes imponha silêncio, para que consiga, tranqüilo, pensar nos *Prismas e Vibrações*, de Múcio Teixeira.

Eis um guasca que, segundo todos dizem, tem produzido muito e continua a produzir.

Ainda bem não acaba de publicar aquêles versos e já anuncia-se *Fausto & Margarida*.

Uma das coisas que mais me impressionaram quando andei pelo Rio Grande do Sul foi o tipo especial que ali se formou pelo concurso da mestiçagem do guarani, português e espanhol, — uma flutuação entre as ferocidades selvagens, o pesadume lusitano e a parola castelhana, — tipo que ora acentua-se no assassino da campanha, ora no taciturno estancieiro, ora no deblaterador das cidades, — idólatra da fôrça e do plástico atlético.

Êsse tipo hoje vai se alterando consideràvelmente com a invasão do elemento teutônico, que alevanta uns perfis bem singulares!

Ora, dos *Prismas e Vibrações* não ressalta que o autor tenha emergido de tal placenta. Os seus versos vibram e cintilam, mas não, em rigor, como os raios do sol dos pampas. Verdade é que o livro de Múcio Teixeira não pretende estereotipar a vida rio-grandense; isto será objeto do poema *Os Minuanos*. Mas o poeta não é senão o que é, e não o que quer ser. Muito a *contrecoup*, os *Prismas* deviam refletir a paisagem aonde germinaram.

Essa falta de assento característico explica-se cabalmente. O poeta é filho de um piauiense, e é sabido que os oriundos de tôda a zona das sêcas têm como qualidade essencial o levarem a pátria, como os inglêses, para onde emigram.

Eis Múcio Teixeira achando impossível ceder à tôda a fôrça de assimilação do país por ter em si e na família a repulsão hereditária.

E os versos? Ora, os versos são postos à margem pelo paginador, que me obriga a fazer ponto final na nona tira.

*Gazeta da Tarde*, 22-7-1882.

## A LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR

Vai partir breve êsse amigo.

Antes, porém, de realizá-lo, que ouça duas palavras.

Ventos fagueiros o conduzam ao Tejo e ao Mondego. Mas, *per Baccho*, não permitam os Deuses que lhe suceda o mesmo que ao Gonçalves Crêspo, — êsse ingrato *filho do sol*, que se fêz um lusitano, e, o que mais é, sem dar-nos a mínima satisfação.

*Ah! les femmes! les femmes!...*

Aconselho-lhe uma coisa.

Chegando a Portugal, não consinta por forma alguma que lhe untem o nariz com azeite doce, como se costuma fazer com os gatos para que não regressem à casa antiga.

Fuja do azeite doce! Êsse Letes positivo, principalmente quando aplicado pelos dedos côr de rosa de uma fada, de uma musa, é a coisa mais horrível que conheço. Mas...

---

Deixemos o Crêspo, com tôda sua renegação da pátria, e falemos nos *Sonetos e Rimas* do nosso poeta.

Não retiro do bôlso o bisturi. A centelha não se analisa, disse-o Sainte-Beuve. A rosa cheira-se, desfolha-se.

O livro de Guimarães Júnior lê-se, frui-se e abandona-se para tonar-se a gozá-lo quando o olfato tem descansado.

Submetê-lo ao rude processo da crítica moderna seria a maior das perversidades. Quem é que se anima a fazer experiências em flores delicadas, quem ousa espatifar uma criança loura em uma mesa de necrotério?

Descanse, pois, o poeta. Eu vou saudá-lo: vou apenas recordar-lhe tempos idos e avivar-lhe alguns trechos do seu perfumoso álbum de miniaturas.

Ora, aí me têm como um mascate, de tabuleiro sôbre o ventre, a oferecer-lhe as idéias que me acodem em forma de bonecos de gêsso. Esta imagem diz que o seu livro é semelhante a um coelho branco, liso, macio, de olhos rutilantes. Esta outra, — que os *sonetos* parecem-se com a valsa *Esperanza* de Métra. Aquele, — que as *rimas* espu-

mam e iriam-se como champanha Clicquot em cristal de rocha verdadeiro...

Serve-lhe alguma? Leve o tabuleiro todo...

---

O português Fialho de Almeida definiu-o bem. O que poderia eu acrescentar?

Guimarães Júnior, — um refinado parnasiano por detrás do qual se oculta um lírico mimoso, sentido, cheio de lágrimas douradas.

Eu diria, antes: — um parnasiano que esconde uma alma de Cupido, mas não o da Mitologia, o Cupido *ad usum christianorum.*

Sei, há doze anos, desde os *Corimbos,* que vi compor e imprimir, que êle é assim. Umas hipérboles de marfim, como verdadeiras *chinoiseries,* e umas raivas e sátiras de quê?... Ora, de que hão de ser?...

— De flocos de neve. E nada mais.

Sempre fácil, sempre ameno, sempre doce e sempre piedoso, — só lhe falta o *sempre virgem* para entrar na *Salve Rainha.*

Conheci-o em Pernambuco, em 1868, com a mania de ser Mefistófeles. O folhetinista do *Diário de Pernambuco* nunca, porém, passou de um Mefistófeles de alfenim, — para as moças. *Toujours les femmes*!

Depois encontrei-o nos bancos escolares, sempre com as graças e os risos em tôrno de si. Foi o estudante mais feliz daquele tempo. Tão amorável, tão apegado às pessoas e às coisas com que convivia, que, em casa do seu hóspede Carneiro, quase morre de desgôsto por ter-lhe sucedido um fracasso a uma *kingcharles* de sua estimação!

Anos depois vi-o triunfante no rodapé dos jornais do Rio de Janeiro.

Ninguém trabalhava mais nesse tempo. Foi a boa época da estréia de Carlos Gomes, cuja biografia escreveu: — 1870, ano para êle tão alegre e para mim tão cheio de tristezas!

O único prazer dêsse tempo, de que me recordo, é justamente o da audição da grande ópera — *o Guarani.* Confesso: não há coisa que mais me encrespe as fibras do prazer do que o reconhecer superioridade em um filho do Brasil, — beleza em um produto nacional.

O *Guarani* foi representado aqui depois da *Africana,* no meio de inúmeras desconfianças. Agradou, apesar disso. Essa prova ensoberbeceu-me.

Espírito generoso e entusiasta, Guimarães Júnior tornou-se o historiador daquele Orfeu.

---

A diplomacia, por fim, arrebatou-o. E tem-lhe feito bem. A forma, o lavor de seus versos têm centuplicado de preço.

Permita o poeta que arranque a seu *bouquet* as flores que mais lisonjearam meu olfato: HISTÓRIA DE UM CÃO e ÓDIO.

Que linda balada, a primeira; mas que balada sorridente! Não é o tom de G. Dias, — aquela melancolia dolorosa: é a tristeza do anjo que voa pelos intermúndios do pensamento, certo de sua glorificação e de sua ventura.

Veludo à proa olhava-me choroso,
Como o cordeiro no final momento:
Embora! era fatal! era forçoso
Livrar-me, enfim, dêsse animal nojento.

No largo mar ergui-o nos meus braços
E arremessei-o às ondas de repente...
Êle moveu gemendo os membros lassos
Lutando contra a morte. Era pungente.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Nisto, senti uivar à minha porta.

Corri, — abri. Era Veludo! Arfava:
Estendeu-se a meus pés, — e docemente
Deixou cair da bôca que espumava
A medalha suspensa da corrente.

A história dessa crueldade praticada com um pobre cão é interessantíssima.

O sonêto intitulado *Ódio* é um primor de arte e desespêro.

Esta criança tímida e medrosa,
Obra-prima do gôzo e da ventura,
Esta criança cuja bôca pura
Exala aromas como o cravo e a rosa;

Esta inocente, meiga criatura,
Esta menina loira e radiosa,
Eu a detesto e odeio! É tão formosa,
Que me faz mal a sua formosura:

Pois vem-me à idéia as noites delirantes
Em que nos braços de outro, palpitantes,
Geraste a casta formosura dela:

Vejo-te o seio louco de desejos,
E parece-me até ouvir os beijos
Dados, cruel! para a fazer tão bela!

Depois de ter lido e relido êstes 14 versos, eu vacilo em dizer que raro sonêto rivalizará com o pensamento dêste.

Em suma, o poeta dos *Sonetos e Rimas* tem idéias pavo... *rosas*.

Já se lembrou até de fazer-me um poeta... sapateiro. Um homem que calça sonetos nos mimosos pèzinhos da meiguíssima *Borralheira* !

E... vejo-me ainda por uma vez obrigado a interromper o folhetim.

Há um homem nesta tipografia, o Russell, que tem teiró aos críticos e aos poetas. Não os deixa em conversação por muito tempo.

Não precisa impacientar-se.

Aí está o fim, meu amigo...

*Ite, missa est.*

*Gazeta da Tarde*, 29-7-1882.

## DE GLORIOSA MEMÓRIA

### OLÁ !

(SHAKESPEARE)

Abro hoje um postigo novo e boto a mêdo a cabeça de fora para daqui cumprimentar Proudhomme.

Antes disto, porém, devo perguntar.

Poderei fazê-lo com segurança ?

Não haverá risco de levar-se uma pedrada, — uma mão de caroços de chumbo pelos olhos, — uma navalhada pela barriga, — um paralelepípedo pelas costas ?

Ora graças; respiro... Ufa !

Está tudo tranqüilo. A segurança pública permanece a mesma, sob a égide dos hábitos nacionais.

A carne sêca continua a ser vendida da mesma maneira. E isto só por si constitui a mais cabal garantia da estabilidade das nossas coisas e da lerdeza do nosso caráter.

---

Não obstante, devo confessar que foi, para mim, uma semana pavorosa.

Somos interrompidos constantemente por pesadelos gigantescos! corridas vertiginosas atrás de pensamentos híbridos! torturas ideais e apocalípticas!

Quantas vêzes não tive de correr atrás de minha própria cabeça, cortada e arrebatada por um gênio maligno, como aquêle desgraçado Orrile do poema do Ariosto? Quantas outras não tive de abrir o chapéu-de-sol para resguardar-me de uma chuva em que se me afiguravam punhais, baionetas, chuços, espadas, bombas, granadas, congreves e até canhões?

Forte miséria de quem sofre de semelhantes obsessões!

Decididamente, a crítica pode tudo conseguir; menos aguerrir o homem e acostumá-lo a êsses espetáculos.

---

E tudo por quê? Porque houve um imprudente que se lembrou de reabrir uma célebre janela e fazer debruçar-se nela uma figura esquálida.

Isto causou hilaridade a umas crianças que ouviam o imprudente e raiva a um príncipe dos Orleães. Foi quase uma cena do — *mentes tu, aonde estavas tu*?

O professor disse:

— Carlos IX deu o tiro da janela nos Huguenotes.

O príncipe contestou:

— Carlos IX não deu o tiro da janela nos Huguenotes.

Ora, aí têm uma questão que poderia até levantar exércitos, por causa de uma insignificante partícula; porque é preciso confessar que a frase de ambos é quase igual e do mesmo comprimento.

Não teria sido melhor partir ao meio aquela fatídica e pindárica negativa e evitar o iminente conselho de guerra, entregando-se a cada um a sua parte? Sem dúvida. Mas os príncipes não gostam de quinhões.

Uma questão de atavismo.

Assim, pois, é forçoso, — e lamento profundamente, — que exerça hoje com todo o rigor minhas funções majestáticas de crítico intransigente.

Não me causa abalo, declaro muito positivamente, nem a alta estirpe, nem a grande ciência dos dois contendores. O caso é sério; e a crítica histórica não recua diante de empenhos ou de peditórios.

Nenhuma viúva pelo menos me veio chorar, em nome de cinco ou seis filhos, que não tratasse dêsse assunto.

A Ordenação do Liv. 3.º, tít. 63 § é expressa: "o julgador decidirá pela verdade sabida, não obstante o êrro do processo."

Aí têm a minha regra.

Não há, portanto, remédio.

Está o chanfalho do folhetinista fora da bainha, e interposto aos dois contendores.

---

Não cogito em Brantôme, nem em quantos autores escreveram e discutiram a questão. Tudo isto de nada vale para a elucidação do ponto histórico.

Porquanto, se já hoje não se sabe quais os desaforos que o professor disse ao príncipe, e se o príncipe estava ou não de chapéu armado, como é que se há de chegar a verificar o que fazia Carlos IX em uma noite escura há tantos séculos!

Com quaisquer dos dados fornecidos por uma e outra parcialidade afianço que demonstraria, em uma brochura de 300 páginas, que Carlos IX não existiu, como não existiu a janela do Louvre; — ou que, em vez de sair a morte pela bôca do seu arcabuz, foi êle que voou pela bôca da mentira; — ou que nem Louvre, nem Huguenotes, nem mesmo Paris são coisas verdadeiras. Quanto a Paris, enfim... Como de lá chegou o Santana Néri...

A mentira é que é a verdade. O que se quer é a substância dos fatos, e tudo o mais não passa de historieta.

Os processos de Niebuhr, Mommsen, são muito conhecidos. Da mesma maneira que Napoleão ficou reduzido a uma resultante psíquica, sem realidade objetiva, aquela célebre janela poderia também ter sido um fantasma filho da imaginação dos povos, ou, antes, do povo francês.

---

O que é certo, porém, é o seguinte: quer Carlos IX tivesse dado o tiro, quer não tivesse, pode-se afirmar QUE DEU. Esta é que é a álgebra histórica! a verdadeira!

— Deu, não deu, *ergo,* — deu.

Tenham paciência aquêles a quem possa desgostar êsse novo método.

Deu em abstrato, se não deu em concreto. E é preciso notar que são êstes tiros os mais perigosos.

Sempre me hei de lembrar o que me dizia um professor de catecismo explicando-me o que era o caráter sagrado impôsto aos sacerdotes.

— Aquilo, uma vez pôsto no padre, acabou-se.

— Aquilo o que, seu mestre ?

— A coroa.

— Então nunca mais a coroa se desmancha ?

— A coroa ? Quem a abriu uma vez, há de viver com ela por tôda a eternidade. A imposição imprime caráter. Vá o padre para o céu, para o inferno, para o fim dos mundos, vá para onde quiser, a coroa não o deixa.

Pois bem: na história de França houve um barbeiro que abriu coroa em Carlos IX. Sabem quem foi êsse barbeiro? O grande Mirabeau. Aquela célebre frase: *Daqui estou vendo a janela*, etc., passou à posteridade definitivamente. Será mais fácil fazer desaparecer o sangue das mãos de Lady Macbeth do que esquecer êsse vomitório talhado nas paredes da história pelo gênio francês.

O caráter da imposição é aí representado pela indelebilidade de obras do talento.

Carlos IX permanece impassivelmente amarrado àquele arcabuz e debruçado àquela real ou imaginária janela.

Com padres não se brinca. É infligir-lhes logo o último dos castigos.

Foi o que se fêz com tão cruenta e culposa memória.

———

Vêem, pois, o professor e o príncipe que é inútil fugir ao ferro em brasa.

E não se acredite, depois disto, na Cabala.

Há palavras de virtude. O povo, no seu eterno bom-senso, no seu infalível empirismo, de há muito que já conhecia os seus efeitos.

Resta à ciência explicar o fato e dar a fórmula.

*Gazeta da Tarde*, 12-8-1882.

— *O Sancte Deus, quanta mala patimur pro Ecclesia Dei !*

Refere P. Ângelo Fiorentino que o papa Martinho, grande glutão, tôda vez que indigestava, punha-se a olhar contrito para o céu a imprecava-o com aquêle dístico latino.

É o que faço, sempre que me acontece sorver alguma empada saborosa ou apreciar alguma peça literária de valor; porque, afinal, êstes prazeres não são experimentados impunemente.

O ilustrado deputado Ferreira Viana estava bem longe de pensar que os seus discursos viriam a cair sob a unha da crítica literária.

As suas duas últimas peças de arquitetura obrigaram-me a exclamar como o papa Martinho: *O sancte Deus*!

---

Quanto não há de alegrar-se Grandjean de Montigny, lá das profundezas da Eternidade, — se é que ela existe, — ao ouvir as ungidas expressões do mestre!

Fique, entretanto, o ilustre deputado muito satisfeito; e continue a irradiar as polarizações de seu talento, sem embargo dos que riem-se do seu *primo vivere deinde philosophare*, pela razão muito simples de que êstes faladores não passam de uns tafuis.

S. Ex.ª não ignora que, na forma da Ord. liv. 4 tít. 90 § 1, *os tafuis não podem servir de testemunhas por carência de boa fama.*

O que, porém, não há texto de ordenação que autorize é a desanimadora proposição que S. Ex.ª acaba de atirar da tribuna aos quatro ventos, acêrca da poesia, da música, arquitetura e escultura no Brasil.

Êsse pessimismo assentaria muito bem em um boêmio desgostoso, desapercebido de recursos e sem inspiração. Nunca em um prócere da nação, coroado pela glória duas vêzes.

Suas palavras levam-me a crer na verdade do que por aí rumorejam maliciosos, — que S. Ex.ª vive profundamente despeitado com os progressos da ciência, procurando apenas, na forma literária e no riso gracioso, um disfarce às penas de amor perdido. *Vivit sub pectore volnus*!

---

O ilustre deputado sofre um enorme dissabor. Mas é preciso paciência.

Todo o homem tem uma época em que as suas idéias se consolidam, seu espírito concreta-se, tôdas as suas faculdades tomam a forma indeclinável dos prismas.

É triste, mas é a verdade. Uma vez chegado a êsse ponto, pode o mundo inteiro convolver-se em tôrno de si; o homem cristalizado não se altera, e continua a refletir o que o prisma pode refletir. É inútil oferecerem-lhe novos objetos, novas faces, pontos de vista novos; o homem assim feito volve o rosto e, por último, como sucedeu com A. Herculano em Portugal, possui-se de cóleras divinas, de *cóleras azuis.*

O deputado Ferreira Viana acha-se nessa horrível situação.

Eu não creio na realidade de seus risos, nem posso admitir as alegrias de sua alma faceciosa. Por baixo daquele discurso alegre, gracioso, até picaresco, reputado por todos que o ouviram um primor de eloqüência, corre um subterrâneo caudal de desesperações bíblicas. S. Ex.ª não teve pelo menos coragem para aceitar os fatos

e confessá-los generosamente, o que me convence mais uma vez da verdade encerrada no que disse Maquiavel: o cristianismo ensina a suportar os males, mas nunca a praticar grandes ações.

---

Que necessidade tinha o nobre deputado de vir provocar aquêles que acreditam e têm o direito de acreditar na ciência e na arte moderna?

A arte moderna não "está quase transformada em uma dissimulação, em um disfarce, arte barata que chegue para todos," como afiança S. Ex.ª. Permita S. Ex.ª que eu não consinta que se confundam coisas distintas e ponha embargos à voz autorizada de um mestre que amanhã estará causando a infelicidade de muitos artistas que começam.

É preciso que a mocidade saiba, – digo a mocidade que não estuda, – que o deputado Ferreira Viana, nessa matéria, não tem idéias precisamente suas. Isto para não dizer o que devia dizer. S. Ex.ª não lê há 20 anos. Tudo, portanto, quanto se tem passado nesse período, que é um mundo de aplicações e de novas descobertas, existe para a inteligência de S. Ex.ª da mesma maneira que, para nós, existem os pólos. Relações falsas de viajantes que desacreditam as regiões dos gelos eternos.

Basta comentar o primeiro paradoxo. Diz o ilustre deputado que, "na tragédia, no drama, na poesia, na escola realista, existe apenas a execução das formas e mais nada; o homem como se vê na vida, porém não como é no interior do espírito".

Que se dissesse isto há 20 anos, vá; mas hoje, depois que os romancistas entronizaram Balzac e transformaram a obra de arte numa monografia à Claude Bernard, num estudo profundo de psicologia, é confessar que realmente não se tem acompanhado o movimento e nem ao menos se sabe o que há escrito sôbre êste ou aquêle assunto.

A ignorância de S. Ex.ª nesse ponto é tão deplorável, como tristes são os seus princípios de estética, impossíveis em um homem ilustrado, depois do que escreveram Ruskin, Lewes, Taine e Schérer.

S. Ex.ª ainda não pôde compreender a relatividade da arte, nem como esta é um produto da organização humana, sujeito a tôdas as modificações que resultam dos elementos e condições de vida que cercam o homem; – que cada raça tem sua arte, como cada povo, cada época, cada século; – que a arte grega é uma coisa muito diferente da egípcia, como o é também da romana, da cartaginesa, da hebraica, da medieval, da moderna.

S. Ex.ª não se deu ao trabalho de estudar o fenômeno das renascenças e nem distingue um período de elaboração de um período de eclosão.

Se, pelo menos, tivesse observado essas leis, que a história conhecida permite verificar, o ilustre deputado não estaria, em hora já tão avançada, a badalar matinas, chamando para a oração cristã e para o culto do ideal helênico indivíduos que decididamente hão de caminhar para o futuro.

As literaturas, como tudo neste mundo, marcham do simples para o complexo. A arte no século XIX chegou a uma enorme complexidade. Daí o êrro do ilustre orador, que, apanhando algumas de suas manifestações dispersas, sem coerência, por elas avalia o todo, declarando que "tudo, hoje, se rebaixa, que o pincel está vendido ao mercado, pois o artista, antes de tudo, quer ser rico".

Um latinzinho. *Hinc Acheruzia fit stultorum denique vita.*

---

Os realistas! Zola! Courbet! Daudet! Manet! *Frigidus horror...!*

O Sr. Ferreira Viana pensa que êstes diabos são tão feios como os pintam.

O terror que infundem êstes artistas faz-me lembrar uma anedota que A. Dumas refere na sua obra *Luís XIV e Seu Século.*

Madame de Luynes conversava amistosamente com Luís XIII e expunha um pouco frescas as belezas de seu sexo.

O rei assusta-se e diz-lhe, formalizado:

— Madame, observo-lhe que só aprecio minhas amantes da cintura para cima.

— Oh! Sire, exclama a gentil senhora; neste caso, então vossas amantes ver-se-ão forçadas a fazer a cintura bem nos joelhos.

A questão de materialismo e imoralidade cifra-se nisto. Zola e Courbet, zangados com a *pruderie* de certa crítica e com o povo, que queria fazer-se de Luís XIII, puseram a cintura abaixo dos joelhos. E, afinal, os encantos, por êste ou aquêle modo, serão sempre procurados.

Em todo caso, pedimos a êsse brilhante orador, que sempre encontra no seu escrínio pedras lapidadas e gemas preciosas para apedrejar o bom-senso daqueles que êle julga prevaricadores na arte, o obséquio de afastar de nós a sua estética, a cristã, — uma estética que, para produzir o gênio de Rafael e Shakespeare, estabelece um fio elétrico entre a cabeça do poeta e a mão de Jeová, e dos insondáveis abismos do Universo, por meio de uma máquina Ruhmkorff, movida pela legião de anjos decaídos descrita por Milton, desprende a centelha maravilhosa.

Desculpe S. Ex.ª a veemência de linguagem, se alguma houve.

Ainda um latinzinho. *Facit versus indignatio.*

# O DR. SÍLVIO ROMERO E O SEU NOVO LIVRO

PUBLICAÇÕES NA SEÇÃO "LITERATURA", DA *GAZETA DA TARDE*,
RIO DE JANEIRO, 3, 7, 9, 11, 26 AGÔSTO 1882.

*Gazeta da Tarde*, 3-8-1882

Cumpro um dever agradecendo ao Dr. Sílvio as frases corteses com que começa o seu artigo de sábado último, publicado no *Globo*, porque, sem colocar-se a questão no terreno da cordura, é impossível manter a calma tão necessária à verificação de pontos científicos.

Respondo-lhe também *sine ira et studio*, e praza aos deuses que seja eu o convencido.

Antes, porém, de entrar no ponto essencial de nossa divergência, permita o Dr. Sílvio que restaure certos pontos da minha humildade biográfica, que foram alterados.

Não é perfeitamente exato que eu me *passasse recentemente*, com armas e bagagens, para o campo da crítica.

Desde os anos acadêmicos que escrevo e me preocupo com a crítica. Depois, não creio que ainda perdesse as minhas pretensões, embora sem aptidão, ao romance, gênero que encheu de encantos a minha puerícia.

Uma cachaça como qualquer outra.

Também parece-me que houve uma insinuação um tanto maliciosa. Eu não adotei as novas fórmulas literárias no momento preciso da vitória. Não é isso próprio do meu temperamento.

Desde 1873 que luto, de envolta com as novas idéias, e se não consegui organizar o meu espírito definitivamente naquele instante, posso asseverar, entretanto, que em 1876 podia considerar-me escapo de um grande naufrágio, provocado pela revolução determinada pelo ingresso de processos mais aperfeiçoados.

Se fôsse uma questão de vaidade, documentaria tôda essa proposição.

O público, porém, pouco tem com isso. O público quer o presente; e enquanto ao presente, ainda tenho uma restrição.

É da minha índole, se bem que branda e pacífica, não me subordinar. Nunca me sujeitei, nem a homens, nem a horas. Sou profundamente amigo das individualidades.

Quando não posso, calo-me, mas não aprovo por comprazer. Convencido, — ninguém mais dócil.

Neste pressuposto, o Dr. Sílvio bem o sabe, há muita coisa, muito entusiasmo cego, muita incongruência nos livros da moda, que absolutamente não me servem. Dêem o nome que quiserem à escola

que sigo. Penso ser uma coisa a que se possa dar o nome de *livre-impulsionista.*

Não explicarão estas palavras, acaso, *as alfinetadas à direita e à esquerda* a que o autor da *Introdução Histórica* alude em seu artigo?

Não tenho *prazer, pois, em pôr-me em desacôrdo com os oficiais do mesmo ofício.* Ilusão de óptica.

---

Diz o Dr. Sílvio que não tive razão em acusá-lo de precipitado no seu trabalho sôbre a *Poesia Popular no Brasil.*

Não o acuso disto, apenas assinalo o fato, que continuo a ter como verdadeiro. Conheço bem o Dr. Sílvio, e sei como os seus livros são arquitetados.

Lê muito, tem uma ambição desmesurada de projetar a sua síntese sôbre o Brasil. Temperamento nervoso, impetuoso, vida sedentária em uma grota de Santa Teresa, preocupações tôdas, tôdas literárias; – conseqüências: excitações noturnas, insônias, sonhos, ou, antes, apocalipses científicos. Aquelas linhas agrupam-se furiosas, impõem-se a seu espírito, criam-lhe uma obsessão. Crescem as suas impressões subjetivas – e as nobres intenções voam ao longe.

Então... Das duas uma: ou o escritor produz logo o que tem de produzir, ou rebenta! Aí está. Isto não é desconhecer um talento: é defini-lo.

Todos sabem que êste processo não é, talvez, o mais sadio. Por mais vigorosa que seja a sua organização, por mais que se poupe ao uso do tabaco, há de sempre ressentir-se do defeito dos metais cuja fundição se opera antes da fusão ser completa.

O Dr. Sílvio tem exuberância demais.

*Gazeta da Tarde,* 7-8-1882.

O Dr. Sílvio obriga-me a fazer agora o que eu não desejava, – desflorar o livro, que tenho em mãos, e de cujo conjunto sòmente podia ressaltar a evidência das minhas asserções.

Estamos em uma época em que se não pode mais definir coisa alguma; quem quer ser acreditado, necessita de exibir fatos e colocá-los de modo que levem a síntese ao espírito do leitor.

No espaço limitado que me sobra na *Gaezta da Tarde* não é possível realizá-lo cabalmente.

Não obstante, tentemos qualquer coisa.

O Dr. Sílvio, contestando que fôsse indispensável dividir o Brasil em zonas para poder aquilatar a verdadeira influência dos

fatôres, alega a sua diuturna aplicação a êsses estudos e declara mais que não se trata de aplicação do *negrismo,* sim "de determinar a formação dos brasileiros como um povo à parte, distinto do português, e, para isso, busca os fatôres da operação".

E acrescenta que é "o fenômeno complexo que se quer determinar e não sòmente a estética do brasileiro".

Eis um fato que não compreendo! Como se poderá determinar a estética de um povo sem ter determinado todos os fatos complexos que entraram na contextura da sua civilização?

A estesia é um produto último; é uma floração. Para explicar a flor teremos de dissecar tôda a árvore, depois decompor o ambiente e o solo, subir com o telescópio aos astros e descer com o geólogo e o microscópio às camadas inferiores da terra. Trabalho de ciclope êste, que, decididamente, não o fará nenhum especialista, que deve estar preocupado sòmente com as descobertas relativas a um fator desconhecido. Antes de tudo, eu deveria ter dito que essa história de fatôres não é lá uma grande descoberta. Muitos se iludem com fatôres, julgando em cada um dêles já existir um fato irredutível, com o qual pensamos jogar jôgo certo.

Pois não! e o assignatário destas linhas, apesar do seu romantismo indígena, está disposto a não aceitar fatôres senão como fórmulas imaginárias de *agrupamentos,* pela maior parte ainda indecisos e muito modificáveis na sua sistematização. A complexidade das influências, ou, antes, as resultantes dos elementos constitutivos da nossa civilização são tão multiplicadas, que não há remédio senão procurar tipos a cada passo, sob pena de perdermo-nos. Daí os *fatôres,* que, afinal, não passam de verdadeiros camaleões, tal é a oscilação das suas côres, tal é a volubilidade com que vemos todos os dias uma nuança, que se supunha pertencer ao meio físico, emigrar para o elemento etnográfico, e vice-versa.

Digo isto porque já tenho visto pessoas referirem-se à fôrça dos fatôres com a segurança do absoluto, acreditando, por exemplo, que a história se possa fabricar por um processo igual ao que empregam as doceiras.

Pega-se em uma panela (meio físico), lava-se bem lavada, põe-se ao fogo, deita-se água, deixa-se ferver; depois, sal, azeite, vinagre, e mais açúcar, e mais mel de furo, e mais isto e mais aquilo (raças, tradições, etc., etc.), — e aí têm um povo e a sua história.

---

Continuo a insistir na idéia de que o negro e o índio influíram igualmente na formação do nosso povo. Não é só a extrema fronteira do Brasil que abre exceção à regra que o Dr. Sílvio pretende estabelecer com relação à mestiçagm do africano.

Se conhecesse principalmente as províncias do Ceará e Rio Grande do Norte, a sua tese recuaria. Não acredito que o núcleo de mestiçagem africana possa suplantar o núcleo da mestiçagem cabocla que existe naquelas regiões.

A exposição antropológica poderia resolver desde já êsse problema se fôsse completa nesse ponto. Ela determinaria de onde procede a energia e uma certa indomabilidade de caráter, que é escusado negar em tôda a zona das sêcas.

Afirmo que êsse tipo obteve tôdas as suas boas qualidades do cruzamento com as tribos, que ainda hoje ali apresentam bem visível o seu arcabouço.

A asserção, portanto, do Dr. Sílvio cai diante dêsse fato. O Norte, o Sul e a fronteira do Rio Grande estão perfeitamente diferenciados, e só esperam a energia do órgão para traduzirem essa diferenciação em um fato histórico ou literário.

Em outro artigo farei a defesa das três objeções que propus ao novo livro do Dr. Sílvio.

*Gazeta da Tarde*, 9-8-1882.

A primeira censura que fiz ao livro do Dr. Sílvio respeita ao fato de não haverem sido contemplados os *cronistas* coloniais.

Diz, entretanto, o autor da *Introdução Histórica* que de minha parte deu-se confusão, porque "cronistas *nacionais* (e grifou esta palavra) como Fr. Vicente do Salvador e outros foram contemplados".

Repito — não! O Dr. Sílvio não contemplou os cronistas coloniais, e o grifo sôbre os *nacionais* não aumenta nem diminui. Não importa, em uma obra do valor da em questão, mencionar êste ou aquêle nome, transcorrendo pelas aventuras e acidentes que constituem a beleza de um século. O essencial é saber com que espírito e debaixo de que ponto de vista êsses nomes são citados.

O Dr. Sílvio declarou que os eliminava como sem importância, apenas dando-lhes o valor de informantes, mais ou menos sujeitos à poda.

Vejam a grande diferença. Eu agora considero êsses cronistas de uma importância enorme para conhecer o estado estético do Brasil no primeiro e segundo séculos. São êles os nossos verdadeiros poetas, sem distinções de raças, — franceses, inglêses, holandeses, portuguêses.

Não é a individualidade dêsses homens que procuro nos seus livros, mas a influência extraordinária que a deslocação da pátria, a viagem por mares tenebrosos, a colocação em meio de bravezas

inauditas, a contemplação de espetáculos inteiramente novos pôde exercer nesses escritores de educação feita.

O que vou procurar é o estado geral dos espíritos, determinado por essa mesma deslocação, — estado êsse que deu, incontestàvelmente, uma *média ditirâmbica,* à qual ficaram subordinados muitos elementos poderosos trazidos de além-mar e que obrigava então todo e qualquer contemplador ou observador às mesmíssimas conclusões.

Sei que o Dr. Sílvio leu Ives d'Evreux, como leu Léry, como leu Hans Staden, como leu Cardim, Gabriel Soares, etc. Sinto, porém, discordar de sua opinião. E discordo porque dei-me ao trabalho de procurar nesses livros, escritos por indivíduos pertencentes a raças tão diversas, — uns frades, outros aventureiros, outros militares, uma coisa que de há muito suspeitava existir e, afinal, descobri ser uma realidade.

Refiro-me a uma *nota* completamente nova, provocada por impressões resultantes do meio físico sôbre cérebros de tipos muito próximos. Essa nota saiu da observação e análise dos ditos cronistas. Torná-la-ei autêntica, por meio de citações e extratos, quando fôr-me permitido estender os braços em obra de mais tomo.

Encabeçar êsse núcleo de impressões aos fatos da nossa história consciente, eis o trabalho mais importante.

Portanto, a censura não está respondida nas preliminares da *Introdução,* à pág. 9, como garantiu o Dr. Sílvio.

Eis suas palavras:

"Seria um redondíssimo absurdo contar também como brasileiros Hans Staden, Thevet, Léry, Abbeville, etc., etc. Só contemplaremos como nossos os nascidos no Brasil, quer tenham saído, quer não, e os filhos de Portugal que no Brasil viveram longamente, lutaram e morreram por nós, como Anchieta e Gonzaga."

Se a questão é de morrer por nós, por que não também o pobre Hans Staden, que tanto sofreu entre os indígenas, Mme. Odonais, martirizada no Amazonas, e tantos outros estrangeiros, que se sujeitaram aos perigos da primitiva exploração?

Mas eu não considero o fato assim. A questão dos cronistas não cifra-se em considerá-los brasileiros. Coisa secundária.

O ponto essencial e único é verificar o que se pode formar de *brasileiro* no espírito dêsses homens pelo fato simples de presença da terra: qual a fôrça diferenciadora que, no primeiro e segundo séculos, mais influiu em favor da nossa nacionalidade.

Digo, direi sempre: a terra!

Os livros dos cronistas falam com uma eloqüência desesperadora contra o desprêzo do Dr. Sílvio.

★

*Gazeta da Tarde*, 11-8-1882.

A segunda objeção.

Disse eu que do livro do Dr. Sílvio não ressaltava o fato muito verdadeiro das *entradas*, e comparei então o Brasil moral com uma porção de galhos sem ligações, cujo tronco se achava em Portugal, fora da terra, acrescentando que êsses agrupamentos deviam tradidicionar diversamente.

A isto respondeu o autor da *Introdução* — que êsse fato já estava previsto à pág. 31 de seu livro.

Ainda uma vez, com desprazer, repetirei — não!

É verdade que o Dr. Sílvio, *per accidens*, refere-se aos "núcleos isolados, quase incomunicáveis", que formaram as primeiras levas de colonos. Logo adiante, porém, declara "que êsses núcleos que não vieram a formar outras tantas populações distintas em vida e tradições porque os colonizadores, oriundos de um país exíguo e centralizado, pensavam pelo mesmo molde".

Dêsse período só conclui-se o seguinte: que eu tive razão. Do livro não ressalta o fato a que me referi porque o Dr. Sílvio é o primeiro a repudiá-lo.

Entretanto, estou convencido de que êsses núcleos deviam diferir em muitas coisas.

Primeiramente, porque o aspecto da natureza em S. Vicente não era o mesmo que em Pernambuco, nem em S. Salvador o mesmo que no Maranhão. Leia-se os cronistas respetivos.

Acresce que os elementos transportados pelos colonos não eram tão uniformes como pretende o meu contendor.

Se é exato o que escreveu Oliveira Martins na sua primorosa *História de Portugal*, a diferença entre o minhoto e o algarvio é imensa, tão perceptível como a que existe entre um caboclo do Amazonas e um guasca do Rio Grande do Sul.

Não é menos certo que as levas vindas naqueles tempos para o Brasil eram recrutadas ora aqui, ora ali, dando lugar a grande variedade de vacinas no novo país.

O Dr. Sílvio não deve ignorar que nos Estados Unidos, na fase pròpriamente inglêsa, antes que as outras nações começassem a invadi-los, já se dava o mesmo fenômeno.

A Inglaterra também era um país exíguo e centralizado. Entretanto, isto não foi razão para que os puritanos não se diferenciassem logo, como núcleos, das levas escocesas, irlandesas, etc.

Recomendamos, para confirmação dêsse fato, a obra do americano Tyler, *História da Literatura dos Estados Unidos*.

O que sobreleva admirar é que o Dr. Sílvio restrinja êsse fato, quando é tão apaixonado pela influência das raças, e que atire êsse

argumento justamente contra quem se apresenta como paladino do *meio físico* (no ponto de vista especial ao Brasil, bem entendido).

Se as raças influem, como acredito e é indubitável, a conseqüência é que devem influir com tôdas as suas nuanças, carregando aqui mais, imprimindo ali menos, conforme se tornam mais ou menos salientes as diferenciações que o tipo já oferece.

É pena que não possamos, desde êste momento, levantar a estatística da colonização primitiva do Brasil. Por aí, sim, é que se poderia avaliar soberanamente as causas e explicar certos vezos dêsses núcleos.

A tese, portanto, está de pé. O Dr. Sílvio não fêz ressaltar de seu livro [a] importância das entradas que se operaram no Brasil primitivo, nem buscou apanhar, embora confusamente, as tradições correspondentes e que são de um alto alcance para a interpretação da nossa história.

*Gazeta da Tarde*, 26-8-1882.

Muito contra a minha vontade, tenho retardado êste artigo, que deverá ser o último.

Vou hoje responder à impugnação que o ilustre crítico fêz à minha terceira objeção feita ao seu livro. Serei breve.

Disse eu que a história de nossa literatura só podia ser resolvida pela concentração de nossas vistas sôbre o *meio físico*, por ser êste o único fator estável de nossa história, — o único que se podia acompanhar.

Pela estrutura de minha frase vê-se desde logo que não eliminei o caso da história geral. Considerei o momento, os recursos de que dispomos, as disposições naturais do escritor e a vantagem inegável do ponto de vista particular.

Sem concentração não há obra possível. Em um assunto difuso, como o é ainda a nossa história literária, o método do Dr. Sílvio não pode deixar de ser fatal.

Não obstante a necessidade de reconhecer êsse fato, o Dr. Sílvio desvia-se para uma questão que não propus.

Ei-la: diz o autor da *Introdução* que o *meio físico* não tem essa importância que lhe quero dar, tendo sido agente primordial apenas quando as raças se formaram.

Discordo disto. Êle continua a exercer a mesma influência sôbre tôda a vida terrestre, especialmente sôbre as raças. O Dr. Sílvio confundiu a ação mais ou menos direta dos climas nos períodos geológicos com a ação complexa de hoje, perceptível sòmente aos que decom-

põem * seus efeitos. Êsse agente de diferenciação continua em absoluto a atuar poderosamente.

Acresce que o meio obra por duas maneiras, — ação e reação. Por causa do meio surge a raça; a raça modifica o meio; o meio modificado reage já de modo diferente sôbre o modificador. E assim ao infinito.

Acaso sabemos que transformações se estão operando em nós, agora mesmo? Que formidáveis aumentos se não precipitam quando o meio selvagem se converte em uma Babilônia?

---

É muito exato o que diz o Dr. Sílvio, que o elemento de iniciativa, a *cabeça-d'água,* — deixe usar de uma expressão conhecida, — que levou a corrente por êstes vales afora foi o colono português. Mas creia que êsse elemento, tendo sido molde de tôdas as transformações, aqui nesta Cabrália, tendo conseguido deformar a nação brasileira, nem por isso deixa de denunciar a tendência horrível que existe para ser eliminado tempos adiante, ou, falando melhor, para ser absorvido por alguma coisa que desponta e crescerá talvez mais assombrosamente do que o *Yankee* na América do Norte.

Com isto quero apenas significar que aí existem elementos mais poderosos do que a cêpa sem seiva, em tôrno da qual o Dr. Sílvio faz torcer-se a nossa incipiente civilização.

Voltando ainda ao clima, ao meio físico, não se calcula quanto foi visível e escandalosa a sua intervenção nos tempos coloniais. Os portuguêses que primeiro povoaram o Brasil perdiam até a noção da Pátria. Encurtando o que há de imaginoso na legenda, João Ramalho e o Caramuru indicam muita coisa.

Um fato que ainda hoje observamos. Vai um engenheiro para o rio das Velhas, vem um sertanejo para a Rua do Ouvidor: confrontadas as duas situações no fim de dois meses, encontramos uma espécie de atonia, durante cujo prolongamento como que as idéias são obliteradas.

Nestas últimas mutações, quantos cérebros não se têm deteriorado?

Os sertanistas portuguêses que se embrenharam por Mato Grosso e Goiás nas *bandeiras* intermináveis, os *Anhangüeras* e outros perderam quase o tipo originário.

Léry, acêrca dos *truchements,* diz-nos coisas muito interessantes.

Normandos que se asselvajaram a ponto de tornar-se impossível conhecê-los.

O Sr. Herbert Smith referiu-me que, na América, já vai surgindo uma raça perfeitamente branca com um tipo de olhos revesados e maçãs do rosto salientes.

---

* No original estava no singular.

---

Não se iludam com o fenômeno que se passa nesta côrte a respeito da colônia portuguêsa. Para quem observa, êsse fato é a prova mais completa daquela minha asserção.

No tempo em que os portuguêses punham-se em contato com a terra, eram mais ou menos brasileiros. Ainda até os tempos da constituinte vemos tipos como José Clemente Pereira, etc., etc.

Hoje, porém, que existe uma máquina de desassimilação competente montada sôbre um capital representado por associações, clubes, confrarias, escritórios (não falo na propriedade individual), na razão provavél de 50.000:000$000, acontece o seguinte.

Impossibilidade absoluta de verem *a terra;* todo o português novo que chega ao Brasil, vê-a por um óculo, apenas como em uma marmota nas projeções do Corcovado, Pão de Açúcar, etc.

A máquina recebe-o, trabalha imediatamente, e, vinte e quatro horas depois, o recém-chegado, perdido o susto da viagem, está outra vez no Chiado ou no Minho.

Tudo é queijo por dentro, — só queijo!

Conseqüências:

A colônia portuguêsa no Rio de Janeiro cada vez mais vai-se tornando um corpo estranho na sociedade brasileira, — tão estranho como um trambôlho que impede os movimentos de um órgão, — tão estranho como um berne que se nos cravou nas carnes; produzida a inflamação, ou é arrancado com o ferro, ou morre, reabsorvendo-se os líquidos.

Isto é ser simplesmente franco.

Desejaria muito, muitíssimo, ouvir o Dr. Silvio sôbre êste assunto. E depois...

Ficaria certo de uma coisa, — que o autor da *Introdução* pensa da mesma maneira, isto é, — que o português, quando pisou no Brasil, foi logo condenado a ser substituído por alguma *novidade.*

SANTANA NÉRI

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 18 AGÔSTO 1882.

Quando pela primeira vez ouvi falar neste nome, foi acompanhado de uma lenda muito curiosa.

Dizia-se que em Paris andava um brasileiro a escrever na língua de Racine tão belamente como V. Hugo ou A. Daudet. Êsse brasileiro começava também a aparecer no *Jornal do Comércio,* em uns folhetins cheios de cintilações parisienses.

Quem era êsse terrível?

Aí principia a lenda. O escritor transmigrado da terra do café para os bulevares de Paris não era pròpriamente um brasileiro, era um *brasil,* usando do têrmo clássico colonial, — um selvagem mundurucu ou mura, apanhado nas florestas do Amazonas e domesticado por alguém. O mundurucu, quando *colomim* e ainda dócil, fôra entregue pelo *tuxaua* de sua tribo ao bispo D. Antônio Costa, que o mandara a Roma, aonde lhe proporcionaram uma educação poliglótica.

Quando me referiam que o tal *brasil* conseguira na cidade eterna impor-se pelo talento às complacências do célebre padre Jacinto Loyson e redigir com êle um jornal político, punha-me a cismar com o caso e a descrer da lei do atavismo.

Como era possível que um mura, saído das cabeceiras do Amazonas, se civilizasse assim por êste processo, chegando na mesma geração ao mesmo grau de aperfeiçoamento que um europeu?

E lia o *Ver, Ouvir e Contar* com um indizível interêsse.

Um malvado, porém, encarregou-se um dia de desvanecer parte dessa lenda. Um jornal desta côrte publicou a biografia do Dr. Santana Néri. Aí soube que não se tratava mais de um mundurucu, mas de um filho de um homem muito respeitável do Amazonas, influência política em sua terra, — tuxaua também, porém de casaca e luva de pelica.

Nas veias de Santana Néri corre o rico sangue tupi. Entretanto, êle não é pròpriamente um *nheengaraçara,* nem aspirante ao papel de *morubixaba.*

Hoje vive em Paris com a *nonchalance* de um perfeito parisiense. Conhece tôdas as manhas *boulevardières.* Será um dia o intérprete do Brasil, quando nos fôr necessário evitar os maus efeitos dessas filigranas.

Uma vingança magnífica.

Léry fala de uns certos normandos que se meteram pelo meio dos Tamoios quando Villegagnon aqui tentou fundar a sua França

Antártica. Davam a êstes indivíduos o nome de *truchements*. Identificados com as selvas, não havia diferença entre um trugimão e um tamoio. Êstes homens quase conseguem subjugar as tribos brasileiras.

Pois bem. Temos o nosso trugimão em Paris. Não será para uma nova conquista das Gálias, mas para a conquista do bom gôsto.

Destas colunas eu abraço fervorosamente a Mr. Durand, e ponho sôbre o coração o seu belo livro sôbre o país do café.

SEMANA

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO, 26 AGÔSTO 1882.

SEMANA

. . . que ainda deixa por esta vez de ser literária por motivo de fôrça maior.

O Sr. Ferrari entendeu que devia invadir o círculo da nossa competência.

Os *Huguenotes*, que apresentou ontem ao público fluminense, redime-o de tôdas as culpas passadas e futuras.

Se tivesse o poder de um taumaturgo, eu faria ressuscitar o célebre Muret, aquêle célebre latinista que, diante de Gregório XIII, nas festas celebradas pelo triunfo religioso obtido em França, fêz o elogio dos autores do massacre de S. Bartolomeu.

Se fôsse um Meyerbeer, poria em música e nos lábios de Schalchi-Lolli as cruéis palavras daquele padre terrível: — *O noctem illam memorabilem et in fastis eximiae alicujus notae adjectione signandam qua paucorum seditiosorum interitu regem a praesenti caedis periculo, regem e perpetua bellorum civilium formidine memoravit.*

Uma verdadeira noite memorável de ontem! Quantas alianças sublimes! Meyerbeer, o príncipe da harmonia, interpretado em uma de suas óperas de mais fôrça por oito cantores de *primo cartello*.

Nem sempre os *Huguenotes* deixam de ser uma matança de natureza musical. Onde o gênio do autor da *Africana* pôs a garra, o artista sentiu-se opresso, acabrunhado. O empresário da companhia lírica, porém, êste ano arcou com um completo exército.

Não há lembrança, há muito tempo, dizem todos, nem mesmo na Europa, de um conjunto semelhante. As estrêlas líricas de ordinário surgem sós, quase como cometas em um céu empastado, aonde as luzes vulgares são ofuscadas pelo brilho da primeira grandeza.

---

Também Meyerbeer é um dos raros compositores que consegue colocar tôda a sua fôrça no conjunto de uma ópera. Não há quem ignore que a maior parte das óperas podem ser salvas com um tenor e um soprano. *Os Huguenotes*, a *Africana* e suas similares, um impossível.

Isto demonstra que a música, como tudo, evolui, sendo a arte que nos dois últimos séculos mais tenha avançado em efeitos e horizontes novos. Um crítico notável já a considerou a arte por excelência do século XIX, e a mais compassível com a complexidade do sentimento moderno. Quando a estatuária, a pintura, a própria poesia

sentem-se esgotadas,— a música começa. Meyerbeer enche o mundo com as massas enormes de suas peças, e Wagner empreende a música científica.

É muito fácil de compreender êsse fenômeno. Basta atender ao que foi uma orquestra entre povos bárbaros e ao que é o concêrto regido pelo cavaleiro Bassi. É a questão da subdivisão dos instrumentos de hoje, que existiam todos incubados ou encapsulados nas gaitas, trompas e adufes dos selvagens.

Na composição, a mesma coisa. O canto, que foi transportado para a cena nas óperas primitivas, formava uma série de odes ligadas entre si por massa de encher. O tempo e a experiência foram diluindo essas intermitências; reforçaram o pensamento, e as diversas partes começaram a reagir mais diretamente umas sôbre outras.

Com Meyerbeer pode-se dizer que foi justamente quando êsse processo chegou a se tornar sensível.

As suas óperas são inteiriças.

Por êsse motivo, na execução não há meio têrmo: ou tudo ou nada. Daí a necessidade de compreendê-las como o Sr. Ferrari compreendeu os *Huguenotes* desta vez.

Calcule-se um assunto esplendoroso como foi a matança de S. Bartolomeu.

O grande mestre pensa em transportá-lo para a música. Primeiro, abre a história e os mais importantes caracteres avultam em sua imaginação. Se fôsse Bellini, como nos *Puritanos*, a coisa cingia-se à expressão singela de dois corações amorosos, desenhada em algumas árias e duetos, envolvida em coros mais ou menos consistentes. Meyerbeer, porém, poeta imaginoso, homem do detalhe e da observação, começa por agrupar tudo e formar uma massa bruta. Pode-se imaginar o que é o cérebro de um maestro de gênio imaginoso quando a história se converte em som. A transformação da expressão poética em expressão musical é o estado mais delicioso que se pode aspirar.

No autor da *Africana* isso tudo se passava por um modo pouco comum. As idéias em blocos marchavam como os fatos em tropel: e por isso o seu gênio adaptava-se às grandes descrições e às revoluções.

Êle punha o sentimento na música e no lugar em que lhe convinha, haja vista a *berceuse* da *Africana;* mas não trabalhava com o sentimento, não se subordinava ao afeto, nem à graça, apesar do que fêz na *Dinorah*. Usava dêstes recursos como o homem que tudo pode e sabe guiar o grande exército das paixões. Era um talento objetivo.

O conhecimento destas verdades obriga-me a procurar embalde a razão por que nos *Huguenotes* afugentaram-se da cena Coligny, Catarina e Carlos IX. Nestes personagens era que o mestre tinha

de assentar os fios principais da sua harmonia. Não obstante, as notas representantes dêsses personagens acham-se difundidas pela ópera, que não passa, por último, da concreção daqueles rugidos católicos, que se escuta na introdução e no côro dos punhais, de envolta com a repercussão da base huguenote, isto é, o *stesso de Lutero,* difinitivamente cantado pelo personagem que traz no libreto o nome de Marcelo.

É dentro dessa grandiosa fotosfera que surgem apenas como proeminências do canto, mas inteiramente identificadas na ópera: a *romanza* de Raul de Nangis, a saudação da cena IX, do 1.º ato, a ária de Margarida, cena VI, o dueto de Margarida e Raul, cena X, a *romanza* do pajem, o grande dueto de Raul e Valentina, cena VI do último ato, e final.

---

Em tudo isto surgem bastantes dificuldades para a mais bem constituída companhia. Ontem tivemos um pessoal artilhado à Krupp como talvez o próprio maestro não o imaginasse.

Os papéis perfeitamente distribuídos e acomodados ao talento natural de cada artista.

Não se pode dizer que a Sra. Gargano, com a agilidade de sua voz e a doçura de sua frase, não fôsse talhada para dar realce às vacilações de Margarida.

Tamagno no papel de Raul, um huguenote violentamente cheio de paixões, com a sua dominadora garganta, só lhe faltou o romantismo que o libretista acusa nas rubricas.

A Sra. Borghi Mamo, uma Valentina impetuosa, uma voz eminentemente dramática, feita para acompanhar as *fúrias* do tenor.

Battistini, o Nevers, que não pactua com os instintos sanguinários dos seus, lançou as suas tão simpáticas notas com o caráter, a segurança e a suavidade que o classificam como o mais completo dos barítonos.

Tôdas estas notabilidades, e outras, que a pequena dimensão não permite acentuar, abriram espaço a uma novidade, que foi, por assim dizer, a *peça de resistência* da noite: — a *romanza* do pajem, executada pela Sra. Schalchi-Lolli.

Havia curiosidade íntima em saber o que determinava a exclusão dêsse trecho, que nunca foi aqui cantado, reduzindo-se o papel de Urbano à um papel de encher.

Todos conhecem as combinações de tons que Meyerbeer produz quando quer, só comparáveis, pelo brilho e originalidade, às auroras tropicais, uns trechos que lembram o carmíneo-azulado de certos céus, varados de súbito por flechas de uma luz nítida, penetrante. Todos lembram-se da *dança da sombra,* na *Dinorah,* e de

muitos trechos especiais *alegres*, na *Africana*. Pois bem, a *romanza* saiu dessa mesma fonte, traz o *quid* meyerbeeriano. Uma música que estremece a alma e a agita gloriosamente. Uma música sã.

A Sra. Schalchi empolgou êsse trecho e encarnou o pensamento musical do mestre. Para aquelas vibrações do gênio, só aquela voz. Não posso defini-la; mas o que sei é que há ali alguma coisa muito singular, alguma coisa que acorda no espírito tôdas as realidades da vida. O contralto impressionou-me profundamente.

É preciso estudar o que existe de original na expressão senhoril daquela voz, — voz, talvez, de uma raça do porvir.

# ARTUR DE OLIVEIRA

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DA TARDE*, 28 AGÔSTO 1882.

Hoje mandaram os católicos celebrar uma missa pelo repouso eterno daquele que na terra chamou-se Artur de Oliveira.

Se a alma existe, o finado a teve, e muito grande. Se o espírito é alguma coisa mais do que uma resultante do organismo humano, ou um elevadíssimo estado da matéria universal, o nosso amigo, desembaraçado dos obstáculos terrestres, estará, por fim, percorrendo os intermúndios, glorioso, cheio de luz, na eterna companhia dos grandes artistas e poetas que enchem, hoje, a memória da humanidade.

---

O maior motivo de sofrimento daquela organização era a idéia de ser matéria, ùnicamente matéria. A inconsistência da vida, já não digo do indivíduo, mas dos homens, das sociedades, dos continentes, da terra, do sistema solar, dos mundos, punham-no em uma tortura incomensurável. Dias havia em que a vida se lhe tornava quase um Gólgota.

Qual era a religião, pois, que se elaborava naquele microcosmo, baloiçado dia e noite, através da nossa sociedade pecaminosa e irônica, pela Rua do Ouvidor, pelos cafés?

A religião da forma, — a ansiedade da perfeição impossível.

José do Patrocínio já disse o que era o cérebro de Artur de Oliveira, já descreveu com as côres rubras de sua palhêta de poeta tropical as convulsões eruditas que ali se passaram durante a vida. Disse tudo. Um caleidoscópio ambulante.

Acrescentarei apenas uma palavra a essa descrição. Artur andava como o Hamlet no seu terrível monólogo, a tôda a hora, a todo o momento.

Ainda me recordo, como se fôsse neste momento, de um dêsses monólogos.

Estávamos em amável companhia os três amigos. Um dêles já também não pertence ao número dos vivos, — uma alma ardente e doentia.

Artur de Oliveira, possuído de tristezas profundas, contradizia-se a cada passo, preocupava-se com a moléstia, falava em seguir para o Ceará. Súbito vem a talho referir-se um de nós à última obra de Zola. O homem imediatamente incendeu-se. O autor destas linhas deprimia ligeiramente a Atenas antiga e contrapunha-lhe o es-

pírito complexo e grandioso das sociedades modernas. Foi o mesmo que soltar a cratera de um vulcão.

Depois arrependi-me, porque o seu estado de exacerbação piorou, fazendo-o enrouquecer e acabar ainda menos satisfeito de si do que estava.

Lamentamos todos a falta de um taquígrafo. Teria sido o que êle disse nesse instante uma das mais formosas páginas de nossa literatura, uma espécie de imprecação terrível aos Deuses do Olimpo, blasfêmias atrozes contra os abusos da moderna escola e uma ressurreição ideal do passado ateniense. Ah! os mármores de Fídias!

Os moços citam epítetos e frases de que êle sòmente tinha o segrêdo.

Ainda ontem, nesta redação, lembrávamos uma dessas imagens. Artur de Oliveira andava muito agoniado com o simples fato de ser obrigado a ir ao fôro para despachar uma petições.

— Queres saber o que é o fôro? dizia êle, encontrando-se com Aluísio Azevedo. Horrível! Imagina tu uma caixinha de alfinêtes que tenham endoidecido...

Naquela ocasião, Artur de Oliveira estava esplêndido. A frase jorrou-lhe por uma hora sem contradição. Os circunstantes interrompiam o gole de café para verificar se não se tratava de um louco. Ouviam a palavra eloqüente e sorriam murmurando: ah! é um estudante de S. Paulo, que tem talento.

Não sei porque se falou em Schopenhauer.

A torrente fêz um ritornelo e despenhou-se para os lados da Índia.

Quem era Schopenhauer? Um pessimista alemão, que fazia muito bem em sê-lo em voz alta, porque todos o eram em voz baixa e não tinham coragem de dizê-lo.

Daí uma dissertação sôbre o budismo, — que gerou o cristianismo, que gerou todos os Shopenhauers modernos.

Se a vida não tinha um apoio absoluto; se um cometa, encontrando a Terra de repente, podia fazer tôda a civilização, que chamamos *milenária* por tolo orgulho, desvanecer-se como o pó sutil do deserto, para que falar-se em vida, em humanidade, em coisa alguma!...

O *Nirvana*! ah! o *Nirvana*! Era a única coisa sensata no meio do descalabro do pensamento. A reabsorção da Terra e mais nada.

Quanto a si, nem glória, nem heroísmo, nem virtudes, nem profissões, nem esfôrço de qualidade alguma!...

Por que? sim! para que? se nada disto vale dois caracóis.

A única profissão digna, que o homem reconhecia, era deitar-se de barriga para o ar, a olhar para as estrêlas, na contemplação do universo, à espera do aniquilamento final.

Artur de Oliveira estava resumido na terrível crueza dessa frase.

AÍDA

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DA TARDE*, RIO DE JANEIRO,
12 OUTUBRO 1882.

— Isto é uma extravagância. É o que posso afiançar-lhe.

— Não há extravagância em filosofia. Tudo está em escolher-se o ponto de vista e os óculos.

— Desta maneira, a lógica...

— É a arte de com arte chegar-se a tôda a casta de absurdos.

— Assim, pois, temos a música reduzida a um *fatras*. Depois que os alemães meteram a filosofia entre a clave de fá e a clave de sol...

— Isto é que se chama falar sem conhecimento das categorias. Tanto faz Kant como Comte. Todos os caminhos vão a Roma; tôdas as filosofias absolutas vão à asneira. Satura-te da vida, erige-te em estátua, avança, e quanto ao mais... o *à peu près*. O resto, à sorte.

Pela porta do Castelões passavam, entravam, corvejavam doutôres, negociantes, *flâneurs*, ociosos, jornalistas, repórteres. O eterno queijo suíço, as indefectíveis empadas, as môscas, o zunzum da Rua do Ouvidor, e o pensamento fluminense a erguer-se ali com a gravidade de uma pirâmide do Egito e a consistência de um sorvete.

Tudo se devora; tudo se dissolve.

Os dois interlocutores pararam no meio do zumbido. O balão do Rei dos Mágicos não caíra ainda. Os curiosos, nunca fartos de contemplar aquela maravilha, começavam e endereçar as vistas para o ponto magnético.

*Épatant* !

Por entre os doces, os *cocktails*, os sorvetes de creme, insinuavam-se, à maneira de perfumes vagos, uns sussurros, que repercutiam as marchas e bailados da última ópera.

— Coisa singular ! resmungou um dos contendores. Esta confeitaria acaba por converter-se em um amontoado de fusas e semifusas.

Aquela teima, portanto, a propósito de filosofia musical cedeu o passo à opinião que zumbia a propósito da nova execução da *Aida*.

---

Não tinha razão aquêle bárbaro em repelir a boa opinião dos mestres.

A filosofia, — a boa filosofia, bem entendido, que, afinal, não é mais do que a lucidez e o método de observar, — a filosofia há de

entrar em tudo. Máxime na música, que, segundo diz Spencer, aumenta a simpatia entre os homens, e por êsse caminho dispõe um melhor futuro para a humanidade.

Com efeito, quanto não estamos longe já do recitativo monótono dos selvagens. Nessa longa viagem através dos mares sonoros, quantos Colombos e quantas Américas de harmonias têm sido descobertas.

Se é verdade que o ouvido compõe-se de três mil fibrilas terminativas do nervo acústico, também é espantoso o grau de aperfeiçoamento a que pode chegar a arte, que tem por alvo vibrar tôdas as cordas dêsse inexcedível instrumento.

A moderna escola musical compreendeu todos os recursos de que dispõe o homem para exprimir a paixão pelo som. Tôda a ciência converge para um único ponto: indicar aos grandes artistas a extensão imensa e a natureza verdadeira do órgão pelo qual começou o homem, no seu mais rude estado, a manifestar as suas modificações.

Se cada inflexão, na opinião do grande mestre, é o resultado de uma modificação fisiológica profunda; se o homem emocional está todo na ação e reação do sistema muscular em face das influências do mundo exterior, terminando tudo pela explosão da voz, com as alterações do timbre, da altura, do ritmo, etc., produzindo no som um caráter especial; o que se segue é que, nesse terreno, a exploração dos meios de expressão oferece um campo mais vasto do que a mais sublime das artes.

O sonho de Wagner não é, portanto, irrealizável. Com Meyerbeer já vimos os efeitos da harmonia levados a um grau de fôrça quase assombroso; o arabêsco, a sinfonia e traços esculturais.

Os que o seguiram nesse empenho não têm conseguido menores resultados. Não é, pois, para duvidar que, pondo-se em jôgo todos os segredos que envolvem a acústica, possam os mestres do futuro chegar até a análise dos caracteres.

---

Dissemos já uma vez que Verdi primava pelo sentimento e pelo brilhantismo.

Na *Aída*, essas duas qualidades do maestro enfeixam-se em efeitos magnificentes. Sob o ponto de vista histórico e crítico, principalmente sob o ponto de vista realista, pode-se encontrar na concepção dessa ópera grandes defeitos, enormes anacronismos.

Nem é admissível que um poeta, saturado de vida européia, a menos que se não fôsse sepultar nos hipogeus do Egito e viver a vida tradicional e cíclica do Nilo, entre as esfinges derrocadas e as pirâmides eternas, pudesse fazer ressoar o instrumento humano e

colocar na variedade instrumental da orquestra os ruídos originais, as articulações do canto de uma geração que já não vive.

Ressurgir a múmia e obrigá-la a falar, a emitir a paixão pelo delicado órgão de uma Nitócris, da filha de um faraó, é quase impossível.

Tanto quanto pode um parisiense ou um romano de gênio impressionar-se diante de um assunto arqueológico, Verdi o conseguiu; e, o que mais é, transportou como quis essas suas impressões para a grande tela musical.

Eis todo o elogio da *Aída*. Verdi revelou aí tôda a flexibilidade do seu talento.

Profundas tristezas sepulcrais podiam ter-lhe despertado as ruínas do Egito e o estudo daquele ritual dos mortos. Não se olha embalde para uma esfinge; não se contempla à toa a estátua de Anúbis.

A índole de Verdi, reagindo, porém, contra essa impressão pétrea, derramou pela ópera as cintilações de uma alma vívida, de um sentimentalismo que não é mortificante, — cintilações bem semelhantes ao ruído de um festim ou às projeções de uma cascata iriada pela luz dos trópicos.

---

Não é lícito repetir o que se tem dito de cada um dos trechos da *Aída*.

A execução de ontem veio apenas comprovar o que disse há dias a propósito da *Fôrça do Destino*. Um tanto exígua nessa ópera, a Sra. Borelli, não obstante, obrigou-me a descobrir em suas aptidões, principalmente na expressão do sentimento feminil, motivos para repetir a frase de Ferrari: *Ella faceva piangere*.

Reputação que começa, a nova intérprete da bela escrava etíope procurou em si mesma o estilo que convinha àquela personagem, a brandura apaixonada, permita-se-me a frase talvez mais compatível com a situação de uma mulher opressa e solicitada por um guerreiro de inimiga raça.

Provàvelmente é Verdi o compositor que mais se adapta à sua índole. Acompanhe-o.

O *adàgio* e o *tremolo*, entremeados como ela sabe-o fazer, podem fornecer-lhe recursos indefinidos para chegar aos efeitos mais completos.

Como atriz, não convém mais restringir opiniões. Seu futuro é garantido.

O público, desta vez, foi mui sensato em exagerar os aplausos no fim do 3.º ato, depois dos duetos com Asmonaro e Radamés.

Aquela noite estrelada, à margem do Nilo, sôbre cujos horizontes desenhava-se o vago perfil das construções faraônicas, fêz-me pensar com saudade em um recém-desaparecido da cena dos vivos.

A Sra. Schalchi-Lolli, no papel de Amnéris, surgindo lívida pela traição de Radamés, trazendo na *toilette* tôda a correção da arqueologia estampada nas páginas de René Menard, sem faltar-lhe um detalhe, nem mesmo o capacete em forma do íbis sagrado, fêz-me lembrar os entusiasmos ferocíssimos do nosso nunca assaz chorado Artur de Oliveira.

Para semelhante correção, só uma admiração daquelas.

E depois, a voz misteriosa dessa Amnéris ! Não seria o caso de dizer-se que os ecos das pirâmides resvalaram pelo órgão divino ?

Inútil fôra exigir outra majestade da filha de um faraó. As águas do Nilo, segundo a tradição, davam melodia à voz; mas não erigiam o talhe das mulheres divinas senão como a flexível palmeira e o lótus.

Dizem que quando o sol, ao descer ao ocaso, feria com seus raios a estátua de Mêmnon, daí elevavam-se harmonias enlouquecedoras.

Há, na arte musical, uma coisa a que se da o nome de *timbre*.

Os fisiologistas definem-na como o resultado do som ou da vibração pura, combinada com as condições harmônicas e características do órgão. É o timbre que torna a voz simpática ou antipática. No timbre acha-se o fundamento da vida da palavra e do canto. Por êle transmite-se a alma; por êle adoramos a mulher. Foi assim que Déia adivinhou a existência de Gwynplaine.

Se já houve, pois, uma garganta que oferecesse a mágica expressão daquela, então é crível que o côro dos anjos de Rafael tenha conseguido realizar-se.

---

A furto direi, – porque o tempo não me sobra, – que Battistini e Tamagno estiveram irrepreensíveis.

Castelmary e Visconti, na proporção dos seus papéis.

A orquestra do cavaleiro Bassi, um *harmonium* vivo.

# O PROFETA

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO, 28 SETEMBRO 1882.

A trompa de Oberon!

A legenda germânica nos fala da influência dêsse mágico instrumento como de uma alucinação.

Apenas na abóbada celeste repercutia o som esquisito, apenas na fralda da montanha batia o clamor guerreiro, erguia-se tudo num tumulto desconexo. Nem ordem, nem razão! Ao misterioso impulso dessa trompa perturbavam-se os mais empedernidos, atiravam-se, dançando doidamente pelas encostas, os mais tardios. Um fenômeno indescritível.

Tivemos o nosso Oberon, ontem, no Teatro Imperial.

A voz sonora e singular da Schalchi fêz mais do que identificar-se com a concepção grandiosa de Meyerbeer. Ela foi até aonde raros chegam; e soube desentranhar do papel originalidades próprias.

Um grande triunfo, porque a *Africana* deixara o público em um indizível dissabor, em um estado de cansaço, de displicência, como a que nos acompanha quando atravessamos um caminho por entre regiões alpestres, majestosas, mas abrupto e mortificante.

Dêsse estado de torpor, de desânimo, dessa situação angustiosa, dêsse cepticismo musical, saíram todos, ontem, como por milagre.

O público, aniquilado por influências de um espírito sombrio, ressurgiu condensado em um brado cristalino.

Imagine-se um pesadelo horrível, em que se nos afiguram todos os monstros lendários da tentação de Santo Antônio, dissolvendo-se gradualmente em uma manhã límpida, rosicler, cheia de iriações equatoriais e perfumes inebriantes. Crescem as palpitações dos corações que vivem, insurgem-se de tropel todos os sentimentos plácidos e generosos da alma humana. Eis o que vimos ontem.

Foi êsse sucesso uma demonstração de que é raro, senão impossível, desconhecer um verdadeiro artista.

Podia a companhia Ferrari, desde a primeira récita, ter marchado de defecção em defecção; bastaria a noite de ontem para redimi-la de todos os seus hórridos pecados.

Bastaria a plenitude de sensações concordantes com que o público retirou-se de um espetáculo em que não sabia o que mais devia admirar, se o gênio do autor dos *Huguenotes*, se a notável cadência da batuta do cavaleiro Bassi, se a influição divinal de que se deixavam possuir todos os artistas.

Seria ainda efeito da nova trompa de Oberon? De certo. Não é debalde que se tem na voz ocultos todos os segredos com que a natureza produz as suas mais profundas impressões.

---

Ontem pôde-se verificar um fato. Uma nebulosa de sons, que nem sempre se tem mostrado completa, condensou-se em um sistema perfeito de uma harmonia sem rival.

Dir-se-ia que tôdas aquelas vozes se coordenavam por si, independente da arte, por uma lei fixa, do mesmo modo que se desferem, ondulam, prolongam-se e se combinam as repercussões de um vale.

O cavaleiro Tamagno, na sua concentração vingativa e profética, o terrível João de Leyde, estêve de uma nitidez como nunca. Entre o terror, a preocupação religiosa e a ternura filial, soube êle percorrer tôda a gama do sentimento com uma energia, um vigor sobrenatural.

A mesma mágica sonoridade andou visitando as vozes da Sra. Bordato, de Castelmary e Tubertini.

---

Há nas várzeas do norte um fenômeno que me foi recordado pela aura harmônica que percorreu o *Profeta.*

Às vêzes amanhecem os dias silenciosos e discretos. A paisagem permanece muda e o sol ardente dos trópicos verbera as flores e a água transparente dos regatos num mutismo assustador. Nem uma queixa se desprende dessa natureza acariciada.

De súbito, ouve-se ao longe um murmúrio sonoro. O murmúrio cresce, desenvolve-se, aproxima-se.

As aves que se conservam na espessura, estremecem e pipilam.

É a aragem matinal que se avizinha, discorrendo pelo vale.

Essa aragem desperta o alarido da criação: movem-se os arvoredos e os pássaros afinam o gorjeio variadíssimo.

Aí está até a palmeira, que, desenrolando os seus leques, desprende um som que enternece.

E o arruído transforma-se em uma harmonia grandiosa, que vai, vem, afasta-se, aproxima-se, *crescendo,* depois *ralentando,* e ... dissolve-se como um côro invisível, dirigido por alguma fada errante.

Seria exageração dizer que a Schalchi foi ontem a fada?

Para os que não a ouviram, — talvez... Porque até as inocentes crianças levantam-se de seu leito para escutar aquêle canto que nos fala de tantas coisas divinas e humanas.

É crível que o sublime Meyerbeer, se a pudesse ouvir, mudasse o título da ópera.

Ontem não foi o *Profeta* que o Sr. Ferrari levou à cena: foi a *Mãe*.

A notabilíssima cantora reservava essa última surprêsa para o público fluminense. Ela, que na ária célebre do pajem, nos *Huguenotes*, fizera de um papel insignificante um papel extraordinário; ela, que já conseguira insinuar na alma do *dilettante* melodias prolongadas sob a forma de poemas à Musset; ela, que já mostrara como, dissolvendo uma vibração sonora, podia fazer cair do espaço, sùbitamente, notas ora profundas, ora dulcíssimas, ora rudemente desdobradas; ela, que revelara a frase sorridente e ao mesmo tempo desesperada da *Azucena*, no *Trovador*, veio agora enfeixar todos os seus dotes de cantora e de atriz dramática em um personagem que transfigura tôda a concepção do grande mestre.

Não foi, pois, senão por um poderoso motivo que a platéia, ontem, sentiu-se crispada e alevantou-se num movimento tão completo como *unissono* do próprio Meyerbeer.

É que o espírito estranho que agita as turbas ali estava. Não se espreita incólume o que se oculta na sarça ardente do gênio.

Eis o que se chama, em arte, tocar no ponto vulnerável.

O público é uma espécie de Aquiles. Pode êle acastelar-se com o eterno banho do Estige; pode reforçar-se com a tríplice armadura da indiferença, da exigência e do refinamento. Sempre lhe há de ficar o calcanhar traidor.

Vem o artista de gênio; descobre-lhe o segrêdo: e ei-lo suplantado, malferido, atônito, assoberbado.

Parece pouco. É tudo.

No instinto feroz, que busca inconsideradamente essa falha, repousa tôda a possança que deu, em certos momentos de Shakespeare e Corneille, a Salvini e Rossi a qualidade de impossíveis.

---

A Schalchi encontrou-o no 4.º ato do *Profeta*.

E, para quem analisa, não foi obra de um movimento feliz, simplesmente adaptado à sua singeleza de artista.

Desde o primeiro ato que aquela trucidação de um coração materno calculadamente se preparou, por uma sábia graduação, tanto na voz como na expressão puramente literária.

A cavatina a duas vozes, em que a Sra. Bordato não desmereceu do auxílio que lhe emprestou a grande cantora, já era um prenúncio de afeto.

A *bênção*, no 2.º ato, causou um frêmito. Desde êste instante, o interêsse da platéia acelerou-se, e a Schalchi empolgou-o sem transição.

Definir o sentimento materno, a lágrima, o soluço, a ternura, o amor e as esperanças, cheias de entusiasmo de uma mãe, é dificílimo, em verso; muito mais descrever o que uma atriz de talento fêz para conseguir impressionar em público exigente.

Não é crível que a voz humana possa atingir afeto mais perdurável do que o que Fides colocou naquele lamento do princípio do 4.º ato — *Pietà! pietà d'una infelice* ...

Nas asas do *crescendo* dêsse favor de mãe é que ela se aproxima do ponto culminante do drama, — o reconhecimento do filho do profeta, no ato da coroação.

A estupefação, quando João faz o primeiro movimento de repúdio, traduzia-se admiràvelmente nas frases:

> *Ah giusto ciel!...*
> *Io fremo, oh ciel!...*

Não há expressões bastante persuasivas para significar os transportes mímicos, os dolorosos gestos, a sobriedade escultural, o estrangulamento da palavra sonora, com que essa inexcedível contralto, surprêsa, opressa, combalida por amor, saudade, respeito religioso, terror, desespêro, arrancou, por último, da garganta, a frase suprema.

Uma perfeita excruciação: um desempenho que honraria as maiores trágicas.

> *Ah... popol... io t'ingannai!*
> *Mio figlio egli non è!*

E depois

> *No! no! no, no, no, no!*
> *Non ho più figlio, ahimè!*

Há uma comparação única para as notas, para a queda e gesto com que a Schalchi firmou essa cena sublime.

Obriguem uma mãe a arrancar do peito o coração e dêem a um filho cruel para devorá-lo vivo.

Êsse transe, se é factível, a insigne cantora transportou-o, com tôdas as vibrações, até o canto e sonoridades da palavra.

Êste triunfo consagrado pelo público leva-me à justiça de não tratar da ópera, da execução geral.

# LUCROS E PERDAS

TRABALHO INSERTO NA REVISTA DE SÍLVIO ROMERO E ARARIPE JÚNIOR, INTITULADA *LUCROS E PERDAS*, RIO DE JANEIRO, ANO I, N.º 2, JUNHO 1883, PP. 51-84. A PUBLICAÇÃO É DE JUNHO, SEM INDICAÇÃO DO ANO, QUE, TODAVIA, É 1883. SÓ OS DOIS PRIMEIROS NÚMEROS DA REVISTA TRAZEM A ASSINATURA DOS COLABORADORES. POR ISSO, FORAM TRANSCRITOS AQUI APENAS OS ASSINADOS POR ARARIPE JÚNIOR NOS DOIS PRIMEIROS NÚMEROS, NÃO SÓ POR HAVER EM ALGUNS NÚMEROS, AO QUE PARECE, COLABORAÇÃO DE UM TERCEIRO, COMO POR CONSTAR QUE ARARIPE E SÍLVIO SE DESENTENDERAM A MEIO CAMINHO, DEIXANDO O PRIMEIRO DE PROSSEGUIR NA PARCERIA.

*Lucros e Perdas*, n. 1, junho 1883

FORA DO ABISMO. CAMILO. O FACÍNORA VENENO. A OPINIÃO. S. JORGE E O MINISTÉRIO. O TRUQUE IMPERIAL. O IMPERADOR E O ABOLICIONISMO. LÔBO NÃO COME LÔBO. JOAQUIM NABUCO E A LIBERTADORA. CÉSAR OU JOÃO FERNANDES.

*Depois da procelosa tempestade...* etc., etc.

O resto, como se acha no grande épico português.

Descemos ao báratro profundo das nossas misérias sociais. Isto é que é a verdade. Não é muito, pois que, em seguida a êsse atroz suplício, pendurados a uma nesga de aurora, a um raio de sol matutino e orvalhado, subamos a aresta dêste abismo.

Eis-nos, como o Peri da fábula alencarina, entre as orquídeas, entre as bromélias, velados pelas viridentes lianas, cobertos pelos copados festões das flores silvestres, a contemplar o que se passa nesse exterior, revendo-nos na possibilidade de inverter o contraste que conosco formam a vida e o esplendor dessa natureza brilhantemente tropical.

Lá dentro, que horror! fiquem sepultados os lacraus chispantes, as lagartas ascorosas, as caranguejeiras horripilantes, os vermes imundos, as serpentes venenosas, os reptis de olhos coruscantes, infernalmente fascinadores, que são a imagem dos vícios dessa pobre sociedade em que vivemos.

Saiamos... respiremos... É tão belo olhar para a parte sã da humanidade, tão bom assistir às festas da virtude, tão agradável oxigenar a alma na contemplação do espetáculo da fôrça e do amor!

O que custava, entretanto, que fôssemos tudo isto?

Não é verdade que estamos fartos dos homens que se atolam na própria alma, que se chafurdam, como porcos bravios, na lama pútrida que têm dentro de si mesmos?

Pois que assim é... desviemos os olhos das torpezas do Brasil, esqueçamos o passado... vivamos um pouco iludidos no futuro.

*Il naufragare in questo vasto mare m'è dolce.*

Projete-se uma faixa de luz cambiante sôbre êsse amontoado de cadáveres-morais; — ilumine-se, ao menos, com as claridades hilariantes das grandes mágicas, êsse vasto cemitério, aonde, de envolta

com a honra nacional, afundiram-se, sob lápidas negras, sombrias, as melhores esperanças, as mais vívidas inteligências desta pátria; — engrinaldem-se, em festa, corram aos triclínios os poucos que ainda crêem na vida, empunhem o cálice que faz esquecer as dores e encoraja o homem para a morte! Após as bacantes, venham os sátiros tremelicantes, e façam ao menos com que os enfastiados riam-se, desempulhando-se das agruras dessa peregrinação sem estrêla, sem oriente.

---

Mas... com trezentas mil pipas de caxiri! não vão por aí acreditar que é talvez mui fácil furtar-nos à influência, à obsedação dêsse terrível meio em que somos atufados. A impressão debilitante nos invade. É quase impossível evitar a infernal saturação. Dir-se-ia que o espírito, que noturnamente visita as casas de dar fortuna e cura sem diagnóstico, anda a atropelar-nos dia e noite.

Lembram-se do que sucedeu ao amante da desgraçada Raquin?...

O amor fizera-o cúmplice de um negro assassinato. A volúpia apanhara o fruto do crime nefando; a insistência da luxúria buscava perpetuá-lo. Mas eis que, de súbito, no cérebro dêsse infeliz, estala alguma coisa e desaçaima-se a fúria da nevrose. Some-se o repouso; exacerba-se a loucura. Tôdas as ocupações, todos os derivativos são nulos para extinguir essa sombra que o persegue, essa máscara de convulsiva agonia, que a todo o momento se lhe apresenta tétrica aos olhos alucinados.

— Camilo! Camilo! Camilo, — o assassinado, em tôda a parte!

Essa idéia macbethiana do atual chefe do naturalismo, nós também hoje a tivemos; e vemo-la reproduzir-se a cada canto, com a truculenta invasão de um sentimento ignóbil, — que é o da cobardia deselegante.

Ouçam todos e atendam, maravilhados, a êsse fato crudelíssimo!

O Brasil tem o seu Camilo. Mas que diabo de Camilo! Tão clorótico como o inerme marido da legenda.

Matem-no, muito embora, submerjam-no nas águas lodosas do rio do esquecimento: ainda êle há de sobreviver como o terror multiforme na alma dêste povo açambarcado.

Não foi embalde que o positivismo lembrou a eterna viuvez. É sempre triste sentir-se na alcova nupcial, nas faces da espôsa adorada, o cheiro acre de um antecessor.

Venha quando quiser o másculo sucessor. Criem-no com a fôrça e qualidades que quiserem; no fim, o resultado será quase idêntico.

Antes de tudo, é indispensável que a *alma brasileira* tenha-se reconstituído de todo, por meio de uma higiênica reação sôbre si mesma, — que tenha-se curado dos achaques crônicos, — que, à maneira dos povos mais adiantados, haja expelido os resíduos da última superstição. Sem isto, a obsessão será um fato.

Camilo! Camilo! Camilo, — por tôda a parte.

---

Entretanto, bem pensado, êsse constitucional Camilo, se ainda vive, se ainda é um fato no país, não é porque represente uma fôrça positiva, um poder real, um fenômeno de assimilação fecunda.

E, para explicá-lo, façamos de Cristo.

Aí vai parábola.

Havia, outrora, em Minas um assassino notável, terror de tôda a redondeza e alvo eterno das legendas negras. Êsse homem chamava-se Veneno.

Desenganada de conseguir capturá-lo, a polícia já chegara a abandoná-lo. Um dia, porém, o famigerado facínora, entrando numa venda para tomar a pinga costumeira, topou, junto do balcão, com um pobre menino de 14 a 15 anos. Sequioso de palestra, o foragido das matas pretendeu que a criança suportasse as suas exigências. Cravou a faca no portal, empunhou o copo de cachaça com o desgarre do bebedor provecto e, lançando para a vítima um olhar desassombrado, intimou-a a que o acompanhasse naquela originalíssima libação.

O menino resistiu; o facínora, indignado, quis meter-lhe o copo à fôrça pela bôca. O agredido, que era ágil, robusto, deu um passo à retaguarda, armou-se de uma acha de lenha bem fornida e assentou, com tôda a fôrça de que dispunha, uma formidável cachamorra na cabeça do tratante. Paf! pif! e aí têm o valentão por terra.

Os caipiras que passavam, contemplando o heroísmo da criança, aproveitaram-se do incidente feliz e amarraram o *Veneno*. E eis como o Davi mineiro de novo derribou o membrudo Golias.

Foi neste ponto, entretanto, que o herói, sem o querer, entrou no conhecimento de quem era o antagonista. Coisa singular! Sabê-lo foi o mesmo que dar um grito e cair nos estertôres de uma vertigem mortal.

O desgraçado mal compreendia como suplantara o terror dos sertões de Minas.

Finda a parábola, — aplicação *del cuento*.

Está nos parecendo que nós, os brasileiros, somos bem semelhantes a êsse suplantador de facínoras.

O Camilo, afinal, não será mais do que uma fonte de convergências e de atritos. As grandes qualidades de Camilo não existem

senão no campo visionário de nossas almas estremunhadas: — uma metafísica; — um verdadeiro mito.

Fôrça é o que nos não falta; o que resta é a consciência de que ela entra na ordem dos fatos irredutíveis.

Façamos do brôto uma árvore frondosa...

---

Que nos seja lícito alevantar dos abismos uma visão consoladora.

Ei-la que vem, a árvore, — a árvore frondosa. As suas raízes aprofundam, os seus galhos alentados entestam com os ventos e assombram o horizonte.

Uma formosíssima floração! Que profusa messe de luzidos frutos!

No lenho reside tôda a fôrça das gerações novas; na cortiça, todo um escudo de virtudes e raríssimas qualidades; o verde escuro e luzido de suas fôlhas atesta a uberdade do solo estrumado com os resíduos de uma enorme geração de cogumelos que a tempestade varreu.

Não se vê ali, nem os descaramentos das administrações, nem o lafaietismo desordenado; todo êsse estêrco, convertido em sais profícuos, apresenta agora a negrura de um húmus violento.

Junto ao tronco colossal surge a corcovada figura do velho jardineiro, que por mais de uma vez revolveu a terra para estragá-la, entregando-a às vegetações daninhas. Êle traz nos olhos o sobressalto e o estupor; o espírito mal compreende como de súbito surgiu aquêle feérico fenômeno.

Nem é sua a obra; nem os deuses assim o permitiram.

Tudo houve a despeito seu, e contra tudo e contra todos.

O olhar vidrado e desvairado traz a usura dos tios Gaspares de todos os tempos. A loucura senil, proterva, convulsiona-lhe os lábios em movimentos de uma atrocidade retrospetiva.

O que fizera êle, que não aniquilara no nascedouro aquela planta terrificante. A uberdade do solo, no fim da vida, apanhara-o de surprêsa! E no seu jardim, por último, chegara alguém a avantajar-se à estatura tradicional, pois que até o último momento êle só amara aos cogumelos!

Medonha sombra que era a que se projetava daquela árvore sombria. Em letras de fogo, êle lia nos ares a palavra *opinião*, e uma tristeza revôlta alagava-lhe a alma num oceano de confusões, numa catadupa de sentimentos mortificantes.

Aos últimos reflexos do sol poente, nessa triste estação hibernal, o ancião desventurado tinha saudades do esterquilínio dos *gloriosos* tempos.

*Never more! never more!*

Mas é que isto não passa de um sonho para rir.

Riamos-nos, e, dando o braço aos sátiros engraçados, façamos a farândola colossal do desprêzo.

---

Felizmente, o poder pessoal é uma coisa que precipitadamente se individualiza.

Nós o vimos nebuloso, no tempo em que os jornais caricatos mal se aventuravam a pintar uma *castanha* em um côche real, ainda com o terror de todos os partidos; nós o vimos no período da separação dos anéis planetários, quando os republicanos mais se encarniçavam em depreciar a tradição, fazendo-se apedrejar; nós o vimos, finalmente, concreto, funcionando, desembaraçado de obstáculos, sadio, gordo, no vigor da consciência, na plenitude da vaidade *exterior*.

Uma época, não obstante, surgiu pròximamente, em que a *castanha de caju,* que espavoria os áulicos e assustava a tôrre das instituições da pátria, converteu-se, sem embargos, nas verberações cruentas do lápis de Ângelo Agostini, onde faz-se crer que até as ratazanas já se aninham nos escaninhos mais reservados da coroa.

E tudo isso coincidindo com o *paranagüismo* elevado a categoria de dogma, com o assassinato recebido como senha ministerial, a loucura aceita como sinônimo de energia e o cinismo vagabundo como última expressão da mansidão cristã.

E tudo isto coincidiu com a fabricação de uma caldeirada política, aonde se despejaram tôdas as combinações e ingredientes possíveis, — com essa *olla podrida,* que se nos ofereceu em festim principesco no fatídico 24 de maio.

Uma caldeirada tão azêda! tão absoleta! não podia deixar de indigestar-nos, embrulhar-nos o estômago e trazer-nos o volvo excrementício, que suprime as energias cerebrais, animaliza o homem e o rebaixa até as funções predominantes de um estômago desorganizado.

Fatídico é o têrmo, — porque tudo isso se deu sob conjunções de astros, em um dia que o calendário assinala com a festa de *Corpus Christi.*

Fato comentado pelas freiras da Ajuda, o qual, queira Deus, não traga por aí o desarranjo da máquina dos privilégios e dos arranjos familiares.

É preciso uma explicação.

Não é ignorado que, à mesma hora em que o ventre da nação esforçava-se por expelir o feto lafaiético e, à fôrça de arruda, de garrafas sopradas e posições na quarta, saía êsse monstro hora-

ciano, êste ministério híbrido, essa geringonça, que todos hoje admiramos, dava-se a notável circunstância que o cavalo de S. Jorge escondia-se envergonhado, e um ministério-cadáver sustentava as varas do pálio sob o qual parambulava o símbolo de uma religião, — *cauda de lagartixa*.

À frente da procissão, é verdade que não faltavam os capoeiras, a mais sólida de quantas instituições concorrem para a felicidade do país.

É também verdade que a câmara municipal não se anojou, nem duvidou de mandar representantes. Mas, apesar de sua solicitude, uma das varas do pálio rebentou-se em caminho, sendo necessário consertá-la com barbantes, à maneira precisamente de nossas esplendentes reformas. Embarbelações.

Tudo isto, porém, não foi motivo para que o préstito, com seus utensílios azinhavrados, com as suas belbutinas sovadas, com os seus cetins emplastados de cêra e de suor, deixasse de se apresentar orgulhoso da imagem que representava, a decadência e inócua relaxação da coisa pública.

Nós marchamos, no concurso das nações, com igual galhardia e sob a surriada da mesma risota que essa decadente e impossível mascarada religiosa. E, no entanto, apesar dos pesares, o feto vomitado avultou nos horizontes com o negror das asas de um colossal morcêgo, de um arquimágico D. Basílio, e converteu-se, em pouco, num ictiossauro portentoso.

O pasmo incendeu todos os semblantes, principalmente quando, à complacência pública, respondeu Camilo com a presença do Sr. Rodrigues Júnior em um ministério que devera ser organizado com a idéia fixa no problema da escravidão.

Acaso supôs alguém que o Sr. Martinho Campos chegou a entrar numa jocosíssima composição, tangendo, com o bacalhau do provérbio, para dentro do aprisco, o seu representante, e, por desconto, o mesmo homem que vilipendiou a província do Ceará e, no dia em que esta se afirmava pela quase total libertação dos seus municípios, conspirava, entrando no conchavo indecente, com o qual se procura hoje iludir a ingenuidade pública.

Riamo-nos, porém, de tudo isto; e aplaudamos o fato como um magnífico sinal dos tempos.

*Gracias agamus*, e parabéns à nossa sorte. Registre-se êsse lucro enorme.

---

O Imperador chegou, por fim, a convencer-se de que devia jogar com as cartas descobertas. Êsse felicíssimo advento foi demonstrado pela organização do último ministério.

A sua política tem sido um truque perene; mas um truque quase no escuro, à luz baça de um teatro mal-iluminado, sob a influência e na penumbra de um *mise en scène* impressionista.

O sistema, entretanto, mudou de súbito.

Nós, incautos, vimos como, nas mãos imperiais, baralharam-se as cartas e os naipes políticos. Vimos o Saraiva, o Dantas, o José Bonifácio correrem, rápidos, de um a outro lado, expostos aos dedos do país, na lisura de um emérito prestidigitador. Todos perscrutaram o segrêdo dessa sorte. E o frio rival de Hermann, levando a perfeição do trabalho ao ponto de desvendar o seu processo, mostrou o zape do truque, arregaçou as mangas da casaca, desnudou os braços e, curvando-se para os espectadores, declarou-lhes que ia executar a sorte conhecida, sem que descobrissem o momento do *passe-passe*.

E foi assim que se forçou a *douradinha* Lafaiete, o basto, o três, o dois e o ás de copas.

Que importa que as cartas acima indicadas surgissem com a imposição de uma aparente sinceridade. Não é verdade que, quando tôdas elas dançavam diante dos nossos olhos, o dedo imperial fazia insinuar-se aqui, ali, mais adiante a carta privilegiada?

Chegamos, portanto, ao ponto culminante da individuação do referido e malsinado poder. O que também quer dizer que a nebulosa contrária teve tempo de contrair-se e que a individuação disso que se chama opinião vai-se a pouco e pouco anunciando.

Há, felizmente, fatos recentes que nos autorizam uma definitiva afirmação. Aí temos, para os que observam, — o movimento dos impostos nas províncias e o grande choque da onda abolicionista contra o hórrido preconceito dos negreiros.

Um brôto, — mas um brôto que tem em si tôda a fôrça de uma expansão inexorável.

Cavalheiros somos e no mundo andamos. Todos os caminhos vão dar a Roma.

Nós nos encontraremos.

---

Uma prova de que o brôto de opinião não é uma invenção poética:

Leia o país a carta, ou antes, o manifesto que o Ex.^mo^ Sr. Henrique de Beaurepaire Rohan acaba de publicar na *Gazeta de Notícias*.

Cremos que não será preciso nem um óculo de alcance, nem um microscópio, para reconhecer ali a influência do micróbio. Sim, vamos e venhamos; o autor do manifesto não é nenhum anônimo para que não se saiba qual o meio em que vive e a direção de suas

idéias. Homem por todos os títulos respeitável, nem por isso deixará de ter atendido às circunstâncias e cedido à natural pressão da escola que professa.

O país sabe que o Sr. Rohan é amigo do Camilo; que, mais do que ninguém, sofre os efeitos dessa obsessão da simpático-pavorosa sombra. Entretanto, com rara sagacidade e inaudita coragem, S. Ex.ª vem dizer-nos que, nos arcanos de seu pensamento, o esclavagismo é um fato condenado.

Conclusão: intoxicação mortal por ingerência do micróbio abolicionista.

Digamos, antes: envenenamento reflexo. Simpatia imperial.

O que, afinal de contas, sabemos é que o imperador, segundo os diagnósticos mais criteriosos, acha-se intoxicado pelo abolicionismo. . .

. . . ou então o imperador tem algum truque reservado, algum bote de mistério, e dispõe-se a rir-se de nós, passando-nos uma rasteira e sacudindo os trabalhadores fora do ponto.

Mas. . . ai que nos íamos esquecendo da teoria anterior de que o imperador não passa de uma convergência de atritos, um foco de irradiações reflexas.

Em tempo: emendemos o lapso.

Seja, pois, o imperador o Mosch Terpin dos contos hoffmânnicos. Convenhamos que o esfôrço do país de nada vale, — que, sem sua interferência, nada se faz, nem se descobre, nem há chuva, nem há sol, nem há sal, nem há insôsso, nem há vida, nem há morte. . . — que nêle ressurge o brama desta esfera, — que tudo se lhe atribui, com ou sem razão, até os abortos e as patotas.

Convenhamos que a fada Ptchrerlamequelerreguy tanto o afagou no ato da eclosão humana, que não pôde deixar de introduzir entre a grande cabeleira os mesmos *três cabelinhos vermelhos*, mágicos, que faziam refluírem para o herói de Hoffmann tôdas as admirações e todos os benefícios conquistados pelo trabalho alheio.

Como é bom possuir êsse condão divino!

Não obstante, será possível que o nosso Mosch Terpin tenha um final diferente do que se tem visto em terras menos mágicas? Não o cremos. Acautele-se êle com os pândegos descobertos pelo ex-ministro da Agricultura, porque o jôgo, presentemente, pertence a quem tiver mais fino espírito.

Neste terreno, parece-nos que o poeta ituano não levará lampas a ninguém. Supomos mesmo que alguma coisa aparece que, se já não lhe fêz chegar a mostarda ao nariz, fá-lo-á muito brevemente. Êsse *criança* chamado Brasil, chorão mal-educado, como que pretende ter vontade.

Os obstáculos já cedem e novas fôrças se inscrevem no grande livro de *Deve* e *Haver* nacional.

Se isto não é um *lucro*, uma *perda* não será.

---

Um exemplo:

Havia, outrora, um rifão que o povo aceitava como a mais exata expressão do lamentoso estado da nossa consciência e da justiça. *Lôbo não come lôbo.*

Em nome dêsse fato, todos recuavam ante a idéia de requerer direitos; e se os tribunais falavam, era tão sòmente para atender às conveniências e a um falso espírito moralizador.

A ordenação que manda decidir, em face dos autos, pelo alegado e provado, uma coisa sem significação.

Pois bem: já lôbo come lôbo, ó brasileiros !!!

O caso é interessante.

Um respeitável desembargador possuía uma escrava; essa escrava quis libertar-se. Ofereceu-lhe pecúlio; o pecúlio não foi aceito. Propôs-se a ação de arbitramento.

Indignado e exacerbado, com ou sem razão, por particularidades que alegou depois, mas com as quais, a serem exatas, o público e as justiças nada tinham que ver, o homem da lei ergue-se como cheio de motivos e, provàvelmente certo de que o capricho, na forma do louvável, teria uma saída, requereu *habeas corpus* em favor da escrava com os seguintes fundamentos: a) tirada da paciente de sua casa à fôrça e fora de horas, b) para fim libidinoso, c) com a coação moral da rapariga.

É claro como água que um depósito é sempre um ato securatório e garantidor da liberdade; um *habeas corpus* para nulificar um depósito é o que pode chamar-se um bernardíssimo disparate.

Mas essa petição foi aceita pelo supremo Tribunal, e concedida a ordem impetrada.

Entre parênteses. O caso, a ser real tudo quanto afirma o desembargador citado, era para dar-se queixa por crime de rapto e defloramento (a depositada apresentou-se com um filho ao colo) com violência, violação do lar à noite, cumplicidade da fôrça e prevaricação do juiz que determinou o depósito. Era pelo menos a tudo isto e *alguma coisita mas* a que tinha direito o impetrante desembargador.

Mas o ofendido pretendia que só o recurso de *habeas corpus* e a entrega da escrava desaforada podiam sanar o seu despeito. E bacalhau *me fecit.*

Felizmente, burlou-se tudo isto. O Supremo, apesar das negaças que tem feito ùltimamente à lei de 7 de abril de 1831, apesar do vêzo em que sempre o temos visto, procedendo administrativamente, sondando intenções, desprezando os autos, a pior de quantas refrações conhecemos no desvio da diretriz humana; o Supremo Tribunal conseguiu erguer-se sôbre si mesmo, não dando ouvidos ao espírito de classe, e quase unânimemente decretou que a escrava fôsse em paz, considerado o depósito bem feito e os juízes sem responsabilidade.

Para que, porém, essa festa da liberdade, êsse triunfo da opinião não ficasse sem sombras, tiveram os espectadores, que tanto se interessavam pela discussão do caso, de pasmar diante de um ato de verdadeiro desassisamento jurídico.

O Ex.^mo^ Sr. Conselheiro João Saião, embora votasse pela não concessão do *habeas corpus* coercitivo (nova espécie), não quis deixar passar a conferência sem apresentar o contraste de sua esquisita jurisprudência e de suas idéias aristocráticas.

S. Ex.^a^ profligou a marcha que a opinião tem tomado no país. Afrontou a província do Ceará, supondo-a assaltada por uma legião infernal; ridicularizou a rapidez elétrica dos movimentos da *Libertadora*; falou em escândalos, em protérvias, em conchavos, em patrulhas de avaliadores, em prevaricações de juízes, em não sabemos quantas coisas mais, que, segundo seu exaltado critério, estão constituindo um perigo e uma voragem medonha para o país, que é arrastado vertiginosamente.

S. Ex.^a^ estranhou ainda que um carroceiro, residente em um cortiço, fôsse nomeado depositário de uma escrava, considerando as classes pobres como classes indignas e miseráveis; e, alevantando um privilégio que morreu com a constituição, bradou que não podia considerar-se seguro, de ora em diante, em uma cidade aonde um oficial de justiça tinha o enorme desafôro de cumprir o mandado citatório dirigido a um colega seu.

E concluiu-se essa catilinária com a proposta da responsabilidade do juiz preparador do processo de depósito e do oficial, o aguazil, — é o têrmo, que ousou pôr a vara da justiça sôbre um ombro coberto por uma toga... e talvez o recolhimento da depositada ou raptada em um convento de freiras, o estrangulamento do depositário raptor, a quem, embora casado, se impôs a condição de reparar o mal ou ir para a cadeia.

Tudo se *arreglou*, porém, com geral contentamento e satisfação das consciências sãs. Só a mórbida consciência do Ex.^mo^ ministro reator foi que sobrenadou aos destroços dêste mísero país.

E, contudo, o *sui generis* do caso daria apenas para rir, se não nos julgássemos no direito de apresentar o desembargador que re-

quereu o *habeas corpus* como a mais completa encarnação do espírito reacionário dos esclavagistas, fato inconsciente, para o qual não chamaremos o odioso, porque pesa-nos a maldade, mas que procuraremos reduzir.

O decreto de abolição está apontando por baixo de todos êsses encontros e dissimulações.

---

De Londres vem-nos agora o rebate das boas e grandes idéias.

Anuncia-se a leitura de uma nova mensagem dirigida aos abolicionistas do Brasil.

A história do nosso movimento anti-esclavagista tem sido entrelaçada com os filantropos inglêses, tão calculistas em certas coisas quanto prontos em derramar o seu ouro para proporcionar em tôda a parte a hipertrofia da faculdade econômica.

Todos sabem que o govêrno inglês, em sua fingidíssima sabedoria, desde que se convenceu de que a escravidão seria um obstáculo ao progresso dos países com quem tinha relações comerciais, determinou, por todo o seu egoísmo, todos os seus canhões e tôdas as suas esterlinas, dar-lhe o golpe de morte.

Pouco nos importa que, no intelecto do govêrno inglês, a determinante dessa *razzia* filantrópica fôsse menos nobre do que se tem mostrado depois, no individualismo da *Anti-Slavery Society*.

Foi sempre regra, naquele colossal país, que o egoísmo ferozmente organizador de seus governos estivesse em antagonismo perpétuo com os sentimentos sãos e profundamente humanos dos cidadãos, das classes laboriosas, dos artistas e dos sábios propagandistas.

O que nos alegra é ver a uniformidade do pensamento e do sentimento entre os que experimentam a dor, como nós, os brasileiros, e os que apenas a contemplam.

A *Anti-Slavery Society*, por órgão de Joaquim Nabuco, deve, hoje, pelos nexos de simpatia, formar um só corpo, um órgão único com os abolicionistas do Brasil.

Não há mais Novo nem Velho Mundo. Só vemos senhores e escravos; e, sob êsse ponto de vista, diante do qual cedem todos os cálculos políticos, tôdas as necessidades e interêsses, para só dar-se vazão ao convulsionamento de uma idéia transformada em sentimento, não existe outro alvitre senão o congraçamento de todos os impulsos num órgão capaz de esmagar os útimos redutos da negreira instituição.

O país não ignora que foi a presciência de Eusébio de Queirós e a sua franca aliança com os interêsses de um povo *clairvoyant* que nos preparou o advento da extinção do tráfico e leis consecutivas.

Sabe mais ainda que, da vaidade do imperador, conjugada com o entusiasmo e o grande talento de Rio Branco, saiu a lei de 28 de setembro.

Chegou, porém, a vez do povo e a vontade consciente da nação. A lei de 28 de qualquer mês do ano corrente, ou do próximo, fará crer ao mundo civilizado que os Brasileiros souberam antecipar-se ao seu govêrno e que já houve uma corrente tão forte e popular em sua pátria, que chegou a varrer hábitos velhos e a nulificar as *sournoiseries* dos retrógrados e especuladores.

Ouçamos, pois, a mensagem do nosso ilustre representante em Londres e congracemo-nos com os filantropos daquele luminoso canto da Europa.

Por seu turno, lhes apontaremos os fenômenos de fisiologia social que, desenvolvendo-se no Ceará, estão a cimentar os bons hábitos, que, mais cedo ou mais tarde, hão de prevalecer sob os trópicos.

Pràticamente, êles chegaram, levantando dois únicos dogmas, — a) a depreciação do escravo propriedade, — b) e o aumento do mal-estar do possuidor; chegaram a resolver o problema, sem trazerem sequer às linhas avançadas a grossa artilharia de que dispunham para uma campal batalha.

É agora o tempo de sistematizar-se essa fôrça por tôdas as províncias do império. O único meio de tornar uma coisa vã a insurreição é obrigar o govêrno a tomar *incontinenti* tôdas as medidas que êsse grande hausto febril do país pede em altas vozes, com a inexorabilidade de um órgão que se sente pujante, cheio de vida.

Os tribunais, por seu lado, parece que não quererão mais sofrer o pêso da impopularidade que lhes adveio com o sofisma da lei de 1831. Aberta essa válvula franca, essa porta larga aos que gemem nos ergástulos, não há duvidar que em poucos meses as senzalas do Rio, Minas e S. Paulo estejam reduzidas à metade. E por que não fazê-lo em nome da justiça, quando é a própria lei quem o exige e cora pelo que, sob a sua égide, estão fazendo os retardatários.

Os tribunais não podem, não devem continuar nessa ignominiosa e ilegal mentira. A êles tôda a nossa honra, tôdas as nossas vidas e fortuna.

---

Para rematar, duas palavras à *Gazeta de Notícias*:

Há dois homens que, na questão do abolicionismo, fazem convergir para si os olhares de todos quantos se interessam nessa questão por excelência.

Êsses dois chefes, que a opinião mais ou menos remotamente indica como organizadores de ministérios, são estudados pelo redator das *Coisas Políticas* como tipos distintos, influentes, e sob um ponto de vista que nem sempre a imprensa desta terra tem procurado, para fazer-se ouvir e fazer-se acreditar, — o ponto de vista da franqueza e do caráter.

O escritor a quem nos referimos é médico e homem prático: ninguém, portanto, mais apto para uma dissecação desta natureza.

Lemos, portanto, o contraste traçado entre os dois notáveis conservadores com a atenção que merecem os trabalhos profundamente meditados.

João Alfredo, um conservador revolucionário, um brasileiro progressista, um estadista que se armou de todos os recursos que a moderna indústria oferece aos homens de talento para vencerem os obstáculos e as dificuldades.

Paulino Soares de Sousa, um retardatário, espécie Fábio Cunctátor, desconfiado dos meios modernos, essencialmente circunvalador.

Eis as conclusões do aludido publicista.

Cremos que também serão as de todos os que conhecem a aldeia e não desconhecem os caboclos.

É a nossa opinião *unguibus et rostris.*

Contudo, há um ponto, nessa hábil antítese, que devera tornar-se mais nítido. Referimo-nos à fatalidade que pesará sempre sôbre ambos, a despeito de circunstâncias, coação e educação.

Se o conselheiro João Alfredo representa o espírito de aspiração de uma raça ou um grupo perfeitamente homogêneo, garante-nos a inelutável convergência de suas vistas, por entusiasmo ou por interêsse, para o progresso da pátria brasileira, não acontece outro tanto com o conselheiro Paulino, que exprime, antes de tudo, os defeitos de uma família, os seus vícios tradicionais, e de uma família que se incompatibilizou com tudo quanto nos convém.

Compreende-se, pois, o perigo do advento ao poder dêsse homem, que dispõe ainda de certos elementos de resistência, quando conta com a confiança da coroa. Êle será uma ameaça perene a todos os esforços reformistas. Odioso aos tipos que simbolizam o esfacelamento de sua raça, todos os seus esforços e dissimulações, tôdas as suas maquinações terão um oriente fixo, pertinaz, — o desmoronamento de todos aquêles indivíduos que possam engrossar as fileiras do exército que flanqueia a chamada *velha guarda.*

A sua eliminação, portanto, de todos os cálculos políticos seria o maior benefício à causa que defendemos, a causa brasileira.

Esperamos que o Imperador, na escolha de homens, no seio de ambos os partidos, o que nos é indiferente, arrependido da surtida

do último *Lafaietismo*, se resolva a ter mais senso. E que os grandes problemas que S. M. não pode nem tem mais coragem para estudar sejam entregues a cérebros sãos e isentos dos prejuízos coloniais.

★

*Lucros e Perdas*, n. 2, julho 1883

UM DOUTOR SATANO-ANGÉLICO. SEU VIANA. A TERRA DOS PAPAGAIOS. O *TIMEBUNT GENTES*. O ESPÍRITO DE BRÁS CUBAS. A LEVITA DOS ESTUDOS LIVRES. O POSITIVISMO EM PORTUGAL E BRASIL. UNIDADE NACIONAL. ABOLIÇÃO. O SR. SPÍNOLA E PAULINO SOARES. O SALÚSTIO NOGUEIRA E A POESIA NOVA.

*Introibo ad altarem...*

Missa pontifical.

E nem de outra maneira podia, hoje, começar esta perlenga.

Todos somos mais ou menos pontífices... A anarquia mental, tão conclamada pelos positivistas, trouxe ao mundo essa enormíssima vantagem. Com a queda dos dogmas, cada um julgou-se habilitado a deitar bênçãos *urbi et orbe;* como na comédia de Sardou, não é difícil encontrar religiões tão recentes, tão familiares, que não passe a mais de um indivíduo, — papa e fiéis ao mesmo tempo.

Consintam, pois, que empunhe, com tôda a solenidade, o meu báculo, que revista-me dos hábitos talares de ocasião, que me cerque dos paramentos próprios das grandes festas da igreja, que encapele a mitra dourada e coruscante de pedrarias. Eis-me arreado da cátedra. Os acólitos calçam-me as luvas vermelhas e as sandálias apostólicas. Os turíbulos incensam-me e fazem subir às sombrias abóbadas do templo os seus flocos de azulado fumo. Os sons do órgão flutuam entre a indecisão dos suspiros e dos ofegos, balançam-se através das arcarias e depois precipitam-se no espaço cheio de clarões e alacridades. Subo os degraus do altar e sonho com os mistérios da mais sublime das religiões. Experimento as sensações místicas de um verdadeiro sacerdote.

O empíreo desce até mim; o universo contrai-se de súbito e concentra-se nêle todo meu espírito, que dilata-se, voa, voa, voa até tomar as difusões do infinito.

O grande segrêdo do sacrossanto sacrifício das missas. A cópula do conhecido com o desconhecido. O ponto de intercessão entre o concreto e o abstrato..

Está finda a cerimônia.

Todos os deuses da terra povoam o *sancta sanctorum*.

Reina o silêncio.

Vai subir à tribuna sagrada o santano-angélico doutor.

Um rival de Vieira, perito na arte de dissimular o pensamento *nas sutilezas da palavra*, — tão sestroso como êle nas antíteses en-

genhosas, — tão fértil em anedotas litúrgicas quanto farto em comparações históricas, em casos longamente estudados na enfadonha patrologia.

Os seus hábitos recendem a claustro aonde o diabo andou metido a frade.

Muito simpático por isso mesmo, e principalmente porque a igreja e os conservadores ainda um dia mandá-lo-ão queimar em uma fogueira, do mesmo modo por que pretenderam fazê-lo com o seu rival e mestre.

Houve tempo em que menos o considerei, julgando-o um homem já concreto e impossível de adquirir mais uma célula sequer. Mas isto foi antigamente, — *olim*, como diziam Virgílio, Salústio, Macróbio e outros, — nos bons dias em que eu modulava a grácil avena do folhetim.

A severidade do sacerdócio e o recolhimento do apostolado impõem-me sérias modificações.

Ouçamos a palavra ungida do orador sagrado.

---

Mas...

Decididamente é-me impossível suportar por mais tempo êste incomodativo revestimento. Não nasci para papa. Prefiro a liberdade de movimentos. As solenidades tiram-me o senso-comum; só o tenho bem nítido e afiado quando, de cuecas, deitado em uma rêde, a cachimbar entre amigos, no aprazimento da sombra fresca do oitão da casa e da palestra com os amigos.

Ora, venha daí quem me vá vender, no primeiro belchior, esta mitra, e estas luvas, e êste báculo, e esta capa de asperges... Dou por três níqueis. Tanto quanto é bastante para comprar um par de ceroulas de algodãozinho e enfeitar-me à sertaneja para conversar com o Sr. Viana.

Oh! seu Viana, sabe que mais? desça do púlpito. Vamos palestrar em liberdade.

É aqui no oitão da casa que nós, os bons camaradas, o queremos apreciar. Venha.

Olhe: o vigário já saiu da igreja. O povo se retira. Deixe o boticário a jogar o seu gamão, na calçada, com o coletor; não se importe com o juiz de direito, que lá vai empereirado a conversar com o velho rábula do lugar; e vamos falar mal da vida alheia.

Pois isto aqui não é uma aldeia, tão aldeia, tão invejosa como qualquer outra aldeia invejosa?

Se é!

Falemos, então, nos caboclos, metamos a ronca no capitão grande, nesse nosso comandante superior da política; e desfibremos o compadre Lafaiete.

O sr. bem sabe que êsse compadre subiu muito depressa. Não é assim? Tal qual como aquêles rojões das novenas do orago.

Mas isto não impedirá que o diabo do foguete volte ao chão, com a taboca ainda mais estrafegada.

Não é verdade que o capitão grande sabe ser um excelente fogueteiro? Veja como essas flechas regressam do alto reduzidas a fanicos! Parece que o homem faz mesmo de propósito!

Quando se lhes encosta o tição, é só aquêle ronco danado. E lá se vão... Mas daí a pouco...

É o que se vê... é o que se vê...

Não sei se lhe diga agora que gostei para me acabar de seu discurso. E a caboclada, então, ficou tôda pelo beiço. Uma desgraça.

Com que seu Ferreira se meteu a falar mal do Padre Eterno! Um homem de paz e de bom conselho?!

Mas por que não falou claro, não disse bem positivamente: Meus senhores, eu quero me referir ao imperador. Deixemo-nos de circunlóquios. É êle com quem vivo estomagado. Hei de dizer-lhe as últimas.

Dar-se-á o caso de que o sr. esteja nas mesmas condições que aquêle ateu que tinha mêdo de Deus?

Ora deixe-se desta manha. Ou não se importe absolutamente com o homem, ou use do tom de quem pretende destruí-lo. Êsse *tom de namôro* é que não serve, nem assenta em quem nunca teve, como o Sr. declara, a responsabilidade do poder.

Não vá, entretanto, pensar que o julgo capaz de possuir as qualidades daquele vermezinho que, segundo a crença popular, estende as suas extremidades para a Bahia, tôdas as vêzes que se lhe pergunta pela terra do caruru e do vatapá.

Bem dizem os de má língua que o sr. anda com a mania do padre Vieira. Seu Viana não terá esquecido um discurso que êste grande orador fêz na Bahia, por ocasião do bloqueio holandês, passando uma grande descompostura em Deus, porque deixava que seu povo e os seus altares fôssem conspurcados pelos hereges. Acaso quis parodiá-lo na sessão de 15 do próximo passado?

Já existe, na sua bôca, um usurpador nesta terra.

— Ora tome uma pitada, seu Viana! E é verdade que o sr. quer salvá-la com o programa da escola conservadora, que não é outra coisa "senão o belo consórcio da democracia com a autoridade monárquica".

Muito bem! O depoimetno está tomado, isto é, que o deputado fluminense ama uma utopia e quase prefere o govêrno do plural ao govêrno do singular. Um republicano platônico, que vive metido nos coiros de um conservador; — sibarita da tribuna, que pouco se importa com a marcha dos fenômenos sociais, con-

tanto que êstes não interrompam o seu *dolce far niente* e se prestem à volúpia, à escorrência da sua frase límpida, jocosa, quase sempre deliciosa.

Repito: o seu discurso me agradou muito. Êle está cheio de grandíssimas verdades; mas também, que clamorosas incongruências!

Quem já pretendeu ligar azeite com vinagre, a não ser em uma salada, onde, conforme o apetite dos preopinantes, se pode lançar ôvo cozido, alcaparras, azeitonas, arenque e *tutti quanti*!

Entretanto, é o que o sr., em estilo verdadeiramente áureo, sedutor, procura realizar, oberando estômagos fracos, provocando terríveis indigestões.

Com que perversidade êste homem sabe preparar os seus pratos luculianos!

Cícero, apesar do estômago romano, não procedia assim.

---

Vamos e venhamos. Já agora deixemos a aldeia, os caboclos, o capitão grande, tudo, e tratemos dêsse discurso com tôda a seriedade.

Um dia dêstes, passando por acaso por uma loja de quadros na Rua do Hospício, parei para contemplar um cromo, aonde se via um jesuíta, com as mãos nas ilhargas, a rir-se danadamente, num dêsses acessos hilariantes que fazem lembrar Homero.

Por baixo do cromo lia-se estas palavras: DEPOIS DO SERMÃO.

Eu não creio que o Ex.^mo^ Sr. Dr. Ferreira Viana esteja nesse caso; e, pois, convido-o a meditar sôbre a sátira francesa.

Antes, estou persuadido que S. Ex.ª, como todos os homens de talento, vive embriagado de... de sua própria pessoa. O talento é um vinho capitoso, leva fumos ao cérebro, faz desandar a inteligência e torna o homem uma espécie de divertimento de si mesmo. Eu imagino o ilustrado parlamentar em uma constante orgia intelectual, sem poder preocupar-se senão com o movimento do próprio pensamento, a deliciar-se na perene eclosão dessas formas peregrinas que lhe dão valor ao discurso, debilitando as suas energias nessas abundantes ejaculações discursivas que são tôda a sua afirmação como letrado.

Mas quanto não dista tudo isso do que se chama um estadista, um verdadeiro parlamentar!

O parlamentar, o estadista é o homem menos sibarita que se pode imaginar. É aquêle que se perde e se confunde na ação, cujas afirmações se projetam de envolta com o meio em que vive, forma com êle um todo quase indivisível, e que, de reações mútuas em reações mútuas, chega, por último, a constituir a boa ou má harmonia das nações.

S. Ex.ª, porém, será tudo, menos um homem de ação; e é seguramente porque os homens de ação têm vivido fora do poder, que vemos o Brasil, hoje, entregue às mãos de um velho vaidoso e invejoso, que não tem a mínima concepção sintética do mundo atual, velejando ao som das águas, sem norte, sem bússola, protegido apenas pela calmaria ou pela regularidade dos ventos que sopram por estas altitudes.

Os de talento, com tôda a certeza, foram sempre prejudiciais quando pousados nas alturas. É fôrça que, quase sempre enfermiços, procurem a satisfação de seu vêzo nevrosiaco.

Organizações completas são raras; e não há meio de esperar por elas, nem de escolhê-las. Nestas condições, o que acontece é que o estado põe-se a contemplar as operações *in anima vili*, com que se aprazem êstes especiosos, sem saber o que faça, nem como os ponha no ôlho da rua.

Digam o que disserem. Ou o militarismo continua sob uma nova forma, — a psíquica, a dos planejadores audaciosos; ou se adota o sistema dos americanos do norte, que não gostam dos Gambettas, dos grandes homens, e que, reduzindo o govêrno a coisa de pouca monta, entregam-no *ao bom-senso* do primeiro burguês aparecido.

Nós, brasileiros, estamos muito longe de qualquer um dêstes estados.

O deputado Ferreira Viana, por exemplo, é uma das mais completas encarnações do desvio das nossas faculdades.

Dir-se-ia que, em tudo quanto é nosso, há sempre uma ironia pronta a abater-nos. Algures já fiz notar que não fôra embalde que o Brasil se deixara colonizar por um bacharel palrador, antes mesmo de ser descoberto por Pedro Cabral.

Refiro-me ao bacharel de Cananéia. Agora encontro, na tese do Sr. Capistrano de Abreu, que a terra de Santa Cruz tivera como primeiro nome o de *Terra dos Papagaios*.

Essas coincidências históricas merecem um estudo aprofundado.

Recomendo-as ao espírito atilado do angélico doutor.

---

E o discurso a escapar-me...

Malsinado país!

Não há quem tenha ouvido aquêles sonorosos períodos que não saísse a bater com a cabeça, dizendo que o orador proferira verdades irrefragáveis, inelutáveis.

S. Ex.ª referiu-se, entre outras coisas, à ambição sem talento do imperador, mostrou em como êle não era nenhum Napoleão capaz de suster o Brasil sob uma mão de ferro e dar-lhe a glória e os deslumbramentos das vitórias.

Que era um usurpador vulgar, cuja única fôrça estava em nossa própria covardia.

Ora, isto é um fato que está na consciência de todos, e que o orador não fêz mais do que formular entre graciosos arabescos. Mas não é de fórmulas aquilo de que mais precisamos. É indispensável que do estático passemos ao dinâmico. Não exprime coisa alguma a virtualidade quando não se traduz em ato. Não basta dizer o que S. Ex.ª disse em frase olímpica, de pregador régio, que longamente manuseou as Decretais e o Bulário; é necesário que a palavra um dia se transforme em resistência, no exemplo vivo.

E aí têm a razão por que todos que o ouviram na sessão de 15, extasiando-se com as suas frases mistagógicas, deixando-se levar na escumilha das ondas de sua eloqüência constelada de risos e de anedotas, saíram, não obstante, sem um impulso capaz de gerar movimentos úteis, convencidos apenas da própria inércia e de que o parlamento continua a ser o teatro das ambições provincianas e uma sucursal dos apedidos do *Jornal do Comércio*.

Pouco importa a vitória moral sôbre o ministro do império. A meu ver, aí não existia senão a parte menos importante da discussão.

O congresso de instrução, com verba ou sem verba, será sempre um mito para o país.

A grande questão, o ponto vertical dessa oração deveria ter sido o apuro da docilidade do contribuinte diante dos vexatórios impostos lançados sôbre êle.

Era com êsse *timebunt gentes* que o orador deveria ter hipertrofiado o seu discurso.

Como representante da nação, tinha o direito de fazê-lo. E que os seus mandantes vissem, no parlamento, a formal declaração de que os impostos eram suficientes e que ao país incumbia pôr no poder aquêles que, mais sábios, estivessem no caso de regular os *deficits* e salvar as finanças públicas.

Mas há, nos homens desta pátria brasileira, um receio imenso de empunhar êsse *timebunt gentes;* ao passo que, sem êle, é impossível fazer recuar os exploradores do poder.

Queremos a paz física; nos espíritos é que não, não, mil vêzes não, porque dessa idiotia, tão recomendada pelos prudentes, é que vivem os galfarros e os judeus de todos os tempos.

Olhar têso e lábio arregaçado, eis a norma de quem não quer ser lôbo, nem também ovelha.

---

Há dias, nesta heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, verdadeiramente ruysdaelescos.

Por volta das nove horas, sai-se de casa, toma-se a barca de S. Domingos ou sobe-se a Santa Teresa, volta-se o rosto para o azul do firmamento e sente-se a gente capaz de realizar atos impossíveis, sonhados por poetas orientais.

Outras vêzes pensamos ser o Aimbire da *Confederação dos Tamoios* e supomo-nos então arrebatados ao cimo do Corcovado, em uma visão cheia de satânicos impulsos.

É nestes dias que lamento não possuir o talento de Machado de Assis; que lamento não encontrar nas dobras do espírito as excentricidades com que êste apurado escritor tem caracterizado os seus últimos trabalhos.

Não há quem não tenha acompanhado o poeta das *Falenas* na estranha evolução de seu espírito desde a aparição do seu *Brás Cubas*, o livro mais esquisito de quantos se têm publicado em língua portuguêsa. Não há quem não o tenha espreitado nas colunas da *Gazeta de Notícias*, a cabriolar nessas composições terríveis denominadas o *Lapso*, o *Alienista*, ou mesmo não tenha sentido o cansaço e a tortura que costuma produzir as convulsões de um pensamento infernal.

Ainda agora acabo de ler o seu *Último Capítulo*. A descrição dêsse suicida, que chama a Deus de invejoso e considera a felicidade um par de botas, revela bem a direção que tomou aquêle singular talento. Já a história do desgraçado médico que conseguira, sem exceção, meter no hospício de alienados os habitantes da vila de Itaguaí, sob pretexto de que todos estavam mais ou menos saturados de loucura; — e mais a nevrose de outro, não menos infeliz, que perdera a noção da dívida, fizeram-me lembrar a proposta de Swift, na questão do pauperismo da Irlanda, — a proposta de venderem-se as crianças para repasto dos ricos e dos lordes.

Pois bem, era justamente essa inclinação para os lados trevosos da humanidade que eu necessitava para chegar à descoberta, ou, antes, à exageração de uns certos aspectos novos, que suspeito existirem completamente escondidos no Brasil.

Sim. Eu creio firmemente que a elaboração de quase quatro séculos terá feito germinar coisas tão extraordinárias, que não há imaginação capaz sequer de medi-las, nem de calculá-las.

E, entretanto, nem eu, nem ninguém as vê. E, entretanto, essas mesmas coisas existem, passam diàriamente ao nosso lado, acotovelam-se; e nós, insensatos, desferimos o vôo por sôbre elas com a mesma ignorância e despreocupação com que nossos antepassados resvalavam pelos fenômenos corriqueiros da eletricidade, sem saber

que o século XIX as tiraria do seu incógnito para transformá-las no milhão de aplicações com que já vivemos quase familiarizados.

Só o pensar no século XX faz-me estremecer.

O que será o Brasil; o que terá saído dêsse enorme brôto inconsciente?

Tratemos do presente, analisemos o passado e esperemos o futuro.

Não obstante, convém que não estraguemos as fôrças do porvir.

Somos ruins. Procuremos o melhor; mas, para fazê-lo, convém ter mais juízo.

---

O caso.

Aparece agora em Portugal uma publicação com o título de *Revista dos Estados Livres*.

São de seu programa as seguintes palavras:

"Na crise de transformação mental e política em que vão entrando as duas nacionalidades portuguêsa e brasileira, filhas da mesma tradição histórica, nas quais o regime católico-monárquico subsiste pela inércia, mas sem apoio nas consciências, é imensamente necessário um órgão crítico e especulativo que agremiasse os dois povos para a inteligência de sua transição inevitável. Entre Portugal e Brasil existem as bases profundas de uma síntese efetiva, como se verificou esplêndidamente nas festas do Centenário de Camões; porém as publicações intituladas *Luso-Brasileiras*, não podendo elevar-se à compreensão da síntese especulativa, ou acôrdo mental, cairão diante da chateza da exploração do assinante, obstando pelo descrédito à influência de um pensamento tão fecundo. A revista procura reatar a aliança mental luso-brasileira; eis o seu fim prático, resultante do atual momento histórico."

O pensamento e frase são todos do Sr. Teófilo Braga.

Lido e relido êste período, eis-me perplexo.

Nunca um filósofo arriscou um plano mais inane, nem isso que se chama espírito de observação se prestou a mais inconsistente e irrisória declinação.

Por honra, entretanto, ao ilustre historiador, deixo de atribuir à má parte a temerária proposta, para considerá-la sòmente o produto da mais completa ignorância dos elementos que constituem a nação brasileira.

Não basta saber que raças compõem um povo para determinar-lhe a fórmula; é preciso muito principalmente ver êsses mesmos elementos — vivos, em ação, em movimento. Não basta conhecer a anatomia do corpo humano para dizer-se que se sabe o homem; é indispensável acompanhar experimentalmente o seu desenvolvimento fisiológico.

Ora, o autor das *Tempestades Sonoras*, neste ponto, não imagina o que possa ser o país de que se ocupa e o que pode existir de fermentos sob essa feição balorda que é o que apenas se afeiçoa do Brasil.

Não obstante a analogia tirada das colônias inglêsas e outras, — o exemplo histórico teria sido suficiente para afastá-lo dessa idéia grotesca de uma impossível refusão.

*Acôrdo mental!* Mas seria necessário que nós, semente desprendida daquela árvore milenária, reproduzida e transformada, frutificando em novo solo, em regiões completamente diversas, produzindo garfos estranhíssimos, recebendo enxertos fortíssimos; que nós fôssemos agora mentir a tôdas as leis sociológicas, aniquilar os impulsionamentos heróicos, que tendem a afastar-nos, dia a dia, do tronco de onde saímos, reagindo contra o hausto febricitante que nos impele à assimilação das qualidades daquelas raças progressivas, possuidoras dos elementos de que mais carecemos para sair do *in pace* político.

Não! mil vêzes não!

E perdoem-me os moços estudiosos, redatores daquela revista, que um brasileiro lhes fale a única linguagem sincera e verdadeira e expenda francamente o único programa aceitável de relações entre o reino e o império.

Vai em traços fugitivos: mas essa questão será brevemente tratada com tôda a seriedade que merece, documentada com a história e com as peças estatísticas relativas ao movimento da civilização da Terra dos Brasis.

A) É natural que o Sr. Teófilo Braga e os seus colegas da *Revista* façam a proposta. O sentimento é profundamente cosmopolita; mas nem é português, nem vem com verdadeiro rótulo. Neste ponto, Camilo Castelo Branco procede com mais lógica.

O elemento propulsor dessa proposta pode-se definir em duas palavras.

Quer confessem, quer não, a pátria lhes é hoje insuficiente. Êsse grupo de moços, alentados por sentimentos que nada mais têm de comum com a contextura moral de sua terra, em última análise, experimentam uma revolta contra o próprio meio em que vivem; não acham uma base sólida que suporte reorganização, nem matéria plástica que se preste aos novos moldes por impor. Daí um inconvenientíssimo movimento através do Atlântico, procurando um público a quem se afeiçoem, com quem possam contar, em quem influam.

No fundo, não vejo nisso senão uma recolonização psíquica; o que é um notável êrro, senão uma imperdoável pretensão. Uma violação de tôdas as leis conhecidas, que só poderia ter um pequeno

curso, se nos prestássemos a aceitar, como veículo da nossa instrução na Europa, os expositores portuguêses.

Ora, a realização dessa idéia opõe-se, antes de nós, à clareza dos fatos e dos resultados.

B) Como influência mental, a lição portuguêsa é perturbadora da nossa evolução natural.

Somos, hoje, uma amálgama. Acresce o fato, muito significativo, que, no continente americano, a civilização não encontrou mais campo para onde projetar-se. Parou nos Andes. Temos, pois, como a onda, de refluir, por falta do derivativo da conquista, reagindo sôbre a maneira ocidental. Querer guardar puros os caracteres desta civilização, tão puros como os imaginou Comte, é ir de encontro à maior fôrça reconhecida em sociologia, que é a resultante do imprevisto da fusão das raças e da imersão dêsse precipitado em regiões cujos recursos sejam pasmosos.

Todos sabem que nenhuma doutrina calhou tanto em Portugal como o comtismo, e há de ser aceita por tôdas as nações decrépitas, incapazes de se renovarem por si mesmas, sem influência da fôrça estranha; porque essa doutrina foi talhada, ao que parece, para consôlo e sossêgo das nações que, na Europa, atingiram o estado concreto.

Acresce a isto o seguinte: que, nesses países, o que há de concentrador em tal sistema tende a agravar-se cada vez mais; e os próprios fatôres do pretendido *progresso na ordem* não podem mesmo calcular o mal que nos virão a causar, injetando em nosso funcionamento elementos já visivelmente contrários à sua marcha natural.

O americano repele, como antipáticos à sua natureza eminentemente aberta, expansiva, arrojada, os pessimismos de Comte, em filosofia, e de Zola, por exemplo, em literatura.

Não será, talvez, fora de tempo dizer que êsses pontos de vista vão, daqui a anos, tornar-se, para nós, acanhadíssimos, para nós, que, como os nossos irmãos do norte, recebemos diàriamente estranhas assimilações. A nossa concepção positiva tende a ser coisa muito diferente.

Tôda a doutrina caduca é enormemente anárquica. E é essa anarquia que, inconscientemente, o Sr. Teófilo Braga e seus colegas tentam inocular em nosso organismo.

C) A tradição portuguêsa não nos deve interessar tanto como aos que dela vivem ùnicamente.

Se em Garrett (*Camões*) e Alexandre Herculano (*Eurico*) teve ela um certo sainete pitoresco, isto já constitui um fato passado. À queda do romantismo, a crítica realista levou os destroços dessa curiosidade com os detritos arrastados no enxurro.

Preocupa-se com o passado quem não tem futuro. Só os velhos aprazem-se em avivar a memória dos tempos idos. Os moços revolvem as cinzas de onde sairão enquanto os elementos necessários à coordenação do presente, mas com os olhos sempre fitos no horizonte luminoso que os atrai.

O que nos adiantaria compartilharmos dessa preocupação constante das antigas navegações? mergulharmo-nos no subjetivismo atroz, que faz padecer os moços a quem me refiro? Nada.

Seria-nos isto, ao contrário, fatal, do que já tivemos um pequeno exemplo na festa do centenário de Camões. Esta festa, erguendo o orgulho colonial, amesquinhou o espírito nacional.

D) No coice desta procissão, ostenta-se a questão econômica, de tôdas a mais grave, e que fecha o resto das considerações como em chave de abóbada.

Refiro-me à diferenciação da colônia portuguêsa, rica e numerosa.

A sua solidariedade cresce dia a dia; e o brasileiro, diante dêsse fenômeno pujante, cada vez se sente mais distanciado, menos português.

Isto é um fato que só negam hipócritas, brasileiros e portuguêses, que vivem a abraçar-se numa fingida sinceridade que tem sua base principal na praça do comércio.

Não há negar que isto constitui perigo imenso. A história o demonstra a cada passo. Demonstram-no o êxodo dos judeus no Egito e as últimas dissensões dos chins na Califórnia. Convém, portanto, que, nem os espíritos eminentes do outro lado do Atlântico estejam a ensaiar sonhos à Vieira, nem os daqui mantenham essa ilusão aos de lá, com promessas vãs, utilitárias.

Só há um meio de obviar o choque de duas massas que se extremam: é abater uma e obrigá-la a absorver-se na outra, subordiando-a a uma nova coordenação de moléculas.

Fazer o reino acreditar em uma *entente cordiale* com o império e animar as pretensões manifestadas pelo órgão dos seus mais audazes, é um êrro deplorável.

Venha a grande naturalização; e que tôda essa gente, que por aí anda a olhar-nos *sournoisement*, assuma, no país, a responsabilidade individual e coletiva. E que nunca mais se ouça estas palavras: — que os portuguêses são donos desta cidade porque trabalham, mas que dela não se ocupam porque não podem perder de vista as honras e prebendas que lhes vêm do velho continente.

Sejam estas frases recebidas como reagente pôsto por mão cordata e sincera. O que convém, presentemente, é que não pensem mais em educar canários no reino para virem cantar no império.

---

Êste assunto traz-me naturalmente ao bico da pena duas palavras sôbre o notável discurso proferido, no Rio Grande do Sul, pelo Dr. Assis Brasil, sôbre o seguinte assunto: — *Unidade Nacional.*

Quando se trata, por uma meditada fusão de elementos, de expurgar do país o vício hereditário que nos legaram judeus e árabes, duas detestáveis raças que por muito entraram na composição da índole dos nossos colonizadores, aguçando-lhes a avareza, a lubricidade e protraindo o desenvolvimento dos sentimentos afetivos; quando se cuida de refundir o coração de nova raça com a assistência e a mescla de sangues mais quentes, mais vivificadores, não é muito que se pense também na estabilidade dêsse grande corpo chamado Brasil e que se combata a perniciosa idéia de esdrúxulas separações.

Ninguém ignora que é o sentimento de superioridade a alavanca com que as nações marcham e entestam dificuldades. Foi com êsse sentimento que o Brasil desprendeu-se da metrópole, di-lo Capistrano de Abreu na sua já citada tese. Foi com êsse sentimento que conseguiu um lugar proeminente na América do Sul. Constitui êle, portanto, a base principal de nossa história. Suprimi-lo quer dizer o mesmo que retrotrair; retrotrair, perdendo-o, equivale a amesquinhar-se, diminuir a marcha do progresso.

Ora, é evidente que qualquer pedaço do Brasil não será o mesmo que o Brasil; e brasileiros desmembrados não terão de si a mesma idéia, a mesma segurança, a mesma coragem, a mesma resolução que não o sendo.

As Polônias são poéticas; mas fortes, lógicas é que não.

Eis o que, com argumentos equivalentes, procurou demonstrar o ilustrado conferenciador.

O Dr. Assis Brasil é um dos espíritos mais lúcidos que abrilhantam a nova geração.

A sua *República Federal* e a sua *História da Revolução de Piratini* já lhe haviam conquistado lugar entre os poucos pensadores que possuímos. Simples na forma, concreto e límpido no fundo, o seu talento avantaja-se e progride dia a dia.

Ninguém mais apto e mais bem arcabouçado para pôr um dique aos românticos desvairamentos do senador Silveira Martins, um homem de talento também, mas que, com grande prejuízo para a província, ainda se esvai nos sonhos dos *condottieri* da Itália antiga ou das ditaduras gambettianas.

Ao Dr. Assis Brasil, um pedido: oriente os seus patrícios e salve-os das fronteiras, consolidando a idéia com que hão de comungar todos os moços, — de que o Brasil só será verdadeiramente grande quando tiver uma forte política, escudada em uma completa descentralização administrativa.

---

Atrás de um discurso, outro não menos importante, — o que o deputado Spínola proferiu em sessão de 23 na Câmara dos Deputados.

Com muita graça atirava-me um amigo, há dias, uma pilhéria: — que, enquanto não arrasassem o morro do Castelo, não teríamos política que prestasse, pela simples razão de que, não podendo o vento varrer os miasmas palustres da planície, ficariam êstes atuando indefinidamente sôbre os órgãos dos que dirigem ou concorrem para a direção de nossas coisas.

Ora, o Sr. Spínola, que, ao menos à primeira vista, parece o que os inglêses chamam um orador *self-made, self-taught,* bem podia constituir-se o arrasador dêsse morro do Castelo que, em política, impede a correnteza dos ventos da abolição.

O seu discurso sôbre a última fase da questão servil foi o que se pode dizer uma cunha metida à fôrça no parlamento, mas que abriu uma fenda, que vai tornar-se profundíssima.

Agora, o que resta é que por ali penetre o grosso do exército libertador.

S. Ex.ª veio no momento preciso, e com muito critério e acêrto mediu, com o seu olhar de moço crente e entusiasta, a patrulha negreira que, em 1871, empregava todos os esforços e desencavava todos os sofismas perversos para impedir que a obra de Rio Branco se consumasse, — a mesma patrulha que apoiou Martinho Campos no poder e que pensa, ainda hoje, conseguir a confusão dos argumentos dos interêsses seus, particulares, com argumentos econômicos.

Já chegou o tempo, porém, de desiludir-se o país.

Não se decretou a lei da extinção completa do elemento servil! Nada se fêz, nem se cogita fazer! Por quê?

Porque os representantes dos municípios agrícolas, talvez mais inspirados em si, no seu orgulho, nos seus interêsses políticos, no seu pirronismo, do que no pensamento real apurado da maioria dos agricultores, resistem, capricham em resistir, e olham, provàvelmente, para a inércia do Sr. Lafaiete como para a melhor garantia da estabilidade dos seus planos antinacionais.

Êstes homens estão traindo o Brasil; e nem é possível admitir que os vencidos de ontem, aquêles mesmos que foram esmagados pela lei de 28 de setembro estejam agora a impedir a marcha de um carro que traz a velocidade de 12 anos.

E, por uma vez, deixem-me falar com a franqueza que me caracteriza.

Desde aquêle nefando ministério que o chefe dessa patrulha sondou o ânimo dos chefes liberais e fêz com êles o *pacto tácito*

de sustentá-los no poder, de qualquer maneira. No parlamento, os olhares cruzam-se e entendem. O momento determina a natureza dos *choques* com que se tem iludido o país, aparentando uma resistência ao gabinete, que não existe virtualmente.

O Sr. Lafaiete terá do Sr. Paulino de Sousa tôdas as concessões que a *boa causa dêles* exigir.

A prova de tudo isto está no modo por que se arrolhou a discussão da fala do trono, depois do discurso do Sr. Spínola; e a confirmação de tudo encontrará perfeita quem se der ao trabalho de dissecar êsse discurso que o Sr. Belisário atirou como dardo de Parto, falsificando estatísticas relativamente ao norte, aonde a propaganda é mais veemente e acentuada.

Contudo, a ansiedade permanece, e crêem todos que o discurso do Sr. Lafaiete, respondendo ao Sr. Silveira da Mota, será fonte de *grande renda* para a propaganda abolicionista.

Já agora fica o país sabendo de onde parte uma certa jurisprudência que tem sido encampada pelo Supremo Tribunal de Justiça, isto é, — *que a lei de 28 de setembro anistiou com a matrícula especial e consolidou* (êste verbo encontrei-o em umas razões do muito ilustrado advogado Sousa Ribeiro) *todos os direitos aos importados depois da lei de 1831.*

Felizmente, dentro daquela Tróia sitiada há 12 anos, já penetraram os artifícios de Ulisses.

Nós, os abolicionistas, estamos ocultos na nova Tênedos; só aguardamos que, do bôjo sonoro do cavalo enorme, desça para dentro daquelas muralhas o punhado de gregos valentes que nos hão de abrir as portas da cidade inexpugnável.

O discurso do Sr. Spínola teve esta grande vantagem, — derramou de perto, sôbre a cabeça empedernida dos esclavagistas, todo o arsenal de argumentos, fundados em fatos, na estatística, na história, na experiência e na boa razão, de que hoje dispõe o partido abolicionista, que, afinal de contas, nem mais êste nome pode ter, senão o de uma corrente simpática, irresistível, que envolve todo o país, pondo os próprios inimigos da idéia pálidos e descoroçoados.

Êste olhar triste, dos que saúdam César vitorioso, na hora de morrerem, é mais que muito conhecido.

César, aqui, é a grande opinião.

Hoje, pouco nos importa a imperícia de uns, o descuido de outros, a maldade e más intenções de não poucos nessa questão. É lei sabida que, tôda vez que uma corrente destas se estabelece, toma curso, encachoeira e faz regime, entusiastas, fanáticos e até especuladores são fatôres inconscientes, que aumentam o ritmo. Tudo cede, tudo é arrastado pela fôrça superior.

O que não pode haver é indiferença ou distração. E indiferentes é o que julgo não existir mais nessa emergência social. Parabéns à Pátria!

---

Enviam-nos de Portugal dois livros: um do Sr. Teixeira de Queirós, *O Salústio Nogueira*, e outro do Sr. Tarroso, *A Poesia Filosófica*.

Quanto ao primeiro, pouco ou nada ter-se-á a acrescentar, além do que se disse pró e contra quando foram publicados *Os Noivos*.

Um discípulo perfeitamente acabado de Emílio Zola. Tímido quando explora o cenário e os personagens originais de sua terra; audaz quando reproduz cenas já desobstruídas pelo mestre. Menos espontâneo do que Eça de Queirós, é, contudo, mais correto e, talvez, mais fiel à marcha do processo impôsto pelos zolaístas.

O *Salústio Nogueira* não tem a mesma verve do *Primo Basílio*. É monótono, e, em mais de um capítulo, encontro a mesma disposição de cenas de *Son Excellence Eugène Rougon*.

No mais, lembra uma paisagem holandesa, perfeitamente limpa e asseada. Há ali a extrema preocupação ou o cuidado da vassoura e do penacho.

Quanto ao Sr. Tarroso: justamente o contrário. Um homem alcantilado, cheio de gargantas escuras, de escabrosidades, que se apresenta ao mundo filosófico e literário dando grandes brados, como quem diz: — Aqui estou do outro lado da torrente, aonde vocês nunca conseguiram chegar; venham, se são capazes!

Pela sua *Filosofia da Existência*, obra em que o novo filósofo se propõe a dar uma outra classificação das ciências e uma teoria estranha para substituir as de Comte e Spencer, já o conhecia como um original de largo fôlego e um portentoso devorador de livros.

Na idade de 21 anos, escrever um tratado para reorganizar a mentalidade humana, já é alguma coisa! E o Sr. Tarroso não se descuidou de pôr o fato bem em evidência, dando o seu certificado e encarregando-se de narrar certas meninices, que êle considera prova de sua origem divina.

Pois bem, ei-lo de novo em público, com um livro escrito às pressas, em que estabelece *um programa sôbre a renovação científica das literaturas* e dá-nos um *excerto da poesia nova*.

Pela apresentação, é fácil compreender que o homem pretende saltar por cima de tôdas essas manifestações modernas a que se tem dado o nome de *realismo*, *naturalismo*, *impressionismo*, etc.

Mas, quando julgava encontrar uma natureza shakespeareana, colossal, dei de ventas com a simples *bévue* de um espírito inquieto, que não teve tempo para saber o que resta a fazer e que se põe a

dar como novidades o que não passa, para os que enxergam, de reprodução de vícios contraídos em prolongadíssima transição.

Em todo caso, o Sr. Tarroso é um inimigo acérrimo do romantismo. Mas é aí justamente que está o ponto da questão.

Enquanto houver quem ataque o romantismo, quem tema o romantismo, quem se enfureça contra o romantismo, pode-se, sem receio, afirmar: ainda vivem românticos.

Ninguém ignora que uma das mais importantes características dessa fase literária foi a volta ao passado e a paixão pelo pitoresco arqueológico. Como tudo, porém, tem seu tempo, sua medida, proporcionou-se uma reação a êsse exagêro; atrás da reação veio a crítica científica, que se encarregou de demolir os monumentos; e como os sucessores dos poetas de 1830 soubessem que era uma miséria, uma verdadeira debilitação, estarem a bater naquela mesma tecla, começaram a ter horror àquilo mesmo que constituía as delícias de outrora. O Sr. Luciano Cordeiro chamou a isto de masturbação literária.

Pois bem, os realistas deixaram-se apoderar de um mêdo horrível pelos defuntos e pelas ruínas. Fortalecidos, então, um pouco com a nova lição, êsse mêdo converteu-se em ódio.

A última plêiade, entretanto, tem-se proposto a rir um pouco das coisas sagradas. Mas estou capacitado que êsse riso ainda vem acompanhado de um resíduo daqueles antigos sentimentos. Faz-me lembrar o assombrado que atravessa a estrada deserta, em noite de luar, a assoviar ou cantarolar. Um Vasques na cena da encruzilhada, na *Loteria do Diabo*.

Ora, eu desejaria que o Sr. Tarroso apresentasse um espécime de poesia completamente desassombrada, uma coisa assim como os romances californianos de Bret Harte, de todo despreocupado dêsses fantasmas que, na crise, se afiguram dogmas de escolas, quando não passam de impressões vertiginosas, de cansaço mental, de falta ainda de saúde.

Diz o Sr. Tarroso que:

> O monstro do passado, o horrendo mastodonte
> caíra fulminado na vasa vil do Escuro.
> olhando sufocado o límpido horizonte
> que mostrava a surgir dos lados do Futuro,
> uma explosão enorme, um grande mar de luz,
> que vinha iluminar a escuridão da serra,
> e sepultar na sombra o rúbido abestruz.
> O vulto do Passado ergueu-se por instantes,
> hediondo, feroz e cheio de rancor
> de quem sente chegar os últimos momentos
> e ruge maldizendo a derradeira dor.

Pobre passado! apesar de não existires senão na imaginação do homem, ainda assim há quem se previna contra ti, sombra impalpável, e pretenda varar-te o coração!

Decididamente, enquanto houver quem escreva substantivos abstratos com maiúscula, o espiritismo terá prosélitos sôbre a Terra.

E creiam os que me lêem: em literatura, apesar dos experimentalistas, que examinam os textos naturais nos seus laboratórios, atravessamos uma verdadeira fase espírita.

Digam os mais audazes o que disserem. Êles têm mêdo da obsedação, e por isso fogem às léguas dos médiuns.

Por isso é que devemos tratar quanto antes de ianquizar-nos.

# CANTOS POPULARES DO CEARÁ

## A PROPÓSITO DO LIVRO DO DR. SÍLVIO ROMERO

ESTUDO ENCETADO NA *GAZETA LITERÁRIA*, RIO DE JANEIRO, E DA QUAL SAÍRAM 22 NÚMEROS, SENDO O ÚLTIMO EQUIVALENTE A TRÊS (NS. 22, 23 E 24), O PRESENTE TRABALHO APARECEU NOS NS. 12, DE 31 MARÇO (PP. 238-241), E 15, DE 1.º JULHO 1884 (PP. 305-306). E NÃO PROSSEGUIU, APESAR DE HAVER, NO FIM DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO, A PROMESSA DE CONTINUAR.

*Gazeta Literária*, 31-3-1884

Durante minha residência na província do Ceará (1872-1876), despertado pela publicação de umas cartas do falecido Conselheiro José de Alencar, dirigidas a Joaquim Serra, sôbre o *nosso cancioneiro*, lembrei-me de colecionar o que houvesse de mais importante a êsse respeito na memória do povo.

Por essa ocasião, confeccionei um plano que, por muito pretensioso e por falta de tempo, deixei de executar.

Compreendia êsse plano as seguintes rubricas:

I. Vocabulário especial ou dialeto cearense; II. Metáforas indígenas; III. Teogenia indígena; IV. Superstições mistas; comentário ao livro do padre Teles; anedotas sôbre caboclos e portuguêses; V. Período das visões, dos descobertos e missões; VI. Ciclo dos vaqueiros; VII. Período dos Feitosas; VIII. Período dos patriotas; sentimento particular às regiões das sêcas.

Apesar disso, sempre consegui reunir alguns elementos de algum valor; e me parece que não devo deixá-los ficar no fundo de um gaveta, à discrição das traças.

Tentando aproveitá-los ainda naquela época, cheguei a escrever para a *Constituição* duas cartas, cujos trechos principais não seria fora de propósito transcrever.

Estava eu então residindo na serra de Maranguape, em um sítio ameno, pitoresco, digno de ser convertido na Tíbure de um moderno Horácio.

Foi aí que li o *Globo* em que saiu a primeira carta do autor do *Guarani*.

Calcule-se a impressão que não me deveriam ter causado aquêles formosos escritos a Joaquim Serra, tão cheios do encanto e perfume que caracterizam a pátria de *Iracema*. "Ali sim, dizia eu, é que se podia dar valor a essa coisa, em aparência mínimas, tão difíceis de ser compreendidas em uma côrte, onde, no torvelinho das indústrias e especulações, se esvai o anjo da poesia.

Nas sumidades de uma serra, cercado por uma natureza esplêndida, raro acontece deixar o homem de ser abalado por uma fôrça que se não explica. O lavrador, estenuado e pouco acreditando no progresso, amesquinha-se ante as enormidades que se lhe antolham:

acurva-se ao influxo externo e sente-se morrer por ter de mais a vida. O homem, porém, que já saboreou uma vez os benefícios da civilização, considerando-se vencedor das fôrças brutas que o sitiam, exercendo e pondo a seu serviço as expansões da terra, contempla, admira, ensoberbece-se e sente-se poeta.

O cenário que dali se descortinava não encontrava rival! Ao longe, a linha azulada do oceano, onde se baloiçavam, como em uma fantasmagoria, os vasos mercantes, que nos trazem o progresso; depois os lourejantes tubuleiros; a serra da Aratanha com os seus píncaros verde-negros, os verdes canaviais, as plantações do pobre lavrador, a ermidazinha de Santo Antônio; acolá a linha férrea que se aproximava e a locomotiva que, como um tigre de fogo, se lançava terrível, em busca do sertão. Subindo mais um pouco, o cabeço da Rajada, manancial das águas que enriquecem o grande vale, de cujas alturas à saciedade se contemplavam os vastos planos, onde começam os sertões, êsses mesmos sertões de onde, com a vara mágica do talento, faria o excelso poeta em breve surgir uma poesia quase desconhecida, arrancando-lhe a crosta que fazia sorrir aos inexpertos pelo aparente prosaísmo da forma que a revestia.

Agora, imagine-se as impressões causadas por êste espetáculo e as doces sensações produzidas pelos motos dessa natureza, ao realizar a sua rápida transição do verão para a estação das flores! Na serra, principalmente, isto é de um efeito suavíssimo e embriagador. Não se experimenta a angustiosa adustão do solo, nos sítios onde os raios do sol absolutamente imperam.

A temperatura é a mais amena que se pode desejar; os abrasamentos do dia são quebrados pela viração, que circula de contínuo, e, quando, pela noite, a aragem chamada *vento da serra* se desprende dos seus cabeços sombrios para visitar a planície, haure-se uma fragrância a mais e mais deliciosa.

Os paus-d'arco têm-se despido das suas flores amarelentas e os festões roxos da viuvez causada pelos rigores da sêca, que termina com as primeiras águas, desaparecem de chôfre; e ainda, por encanto indefinível, são substituídas pelas flores do noivado, — as perfumosas e cândidas flores da laranjeira. Difunde-se então pela atmosfera um *quid* que nos comunica uma alegria indeclinável, além de disposições admiráveis. Engrinaldados os pomares, dir-se-ia que a natureza, com a uberdade da terra, convidam-se para eternas núpcias. Que satisfação ignota! Tudo reverdece, há magia em tudo! Como que da *terra-mater* se soltam eflúvios divinais!

Ri-se a selva! o orvalho lagrimeja como de prazer! Os regatos, saindo de seus leitos, saltam crepitando como crianças louras que correm, se escondem e se perdem folgando por entre os pedregulhos. Pela relva enroscam-se os animais inofensivos; trilam, nos galhos, as aves gárrulas... Estação jucunda!

Parece que apraz à divindade que tudo quanto há de feio e terrífico neste instante se oculte nas grotas e nos penhascos da montanha, para que só possa brilhar à face do fulgurante sol de janeiro os primeiros feiticeiros e as gentilezas dessa próvida natureza.

Sob tais influências e disposições me achava, quando me foi permitido ler a primeira carta do autor do *Guarani* sôbre o cancioneiro nacional. Há pouco havia refrigerado o corpo nas dulcíssimas águas do *Pirapora,* não menos poético que o famoso *Carioca,* e revigorava-me então com o saboroso néctar extraído do caju.

Dizem que êste precioso vinho, influindo poderosamente sôbre o espírito, tem a propriedade de afervorar o amor pátrio, fazendo recordar por êste modo aquêle célebre verso de Horácio:

> ........... Prisci Catonis
> Saepe mero caluisse virtus.

Devorei aquelas linhas eloqüentes com a mesma sofreguidão com que sempre me acostumei a ler os escritos do ilustre escritor, em cujos livros, posso assim dizer, senti os primeiros estremecimentos literários. À proporção que ia percorrendo essas belezas, foram-se-me despertando algumas idéias esquecidas, as quais em pouco tempo se agruparam em tôrno do pensamento capital da carta, por tal modo, que me não permitiram mais continuar...

Não é baldado o esfôrço, acrescentava eu, com que se tenta nacionalizar a nossa literatura. Um movimento extraordinário agita o país, e elementos poderosos se congregam, se combinam para fazer emergir a pátria do estado embrionário em que as circunstâncias até agora a conservavam.

Hoje não é mais lícito duvidar desta verdade. Questões de tôda a ordem se levantam; a febre das investigações e aplicações se apodera do mais obscuro brasileiro: a nação como de súbito se sente atacada de uma imensa nevrose. Dir-se-ia que o cabo elétrico, tocado em nossas plagas, acordara por um choque enorme o gigante, que só agora buscou experimentar as suas desconhecidas fôrças mentais.

Tudo se comove! E o brasileiro pela primeira vez se julga alguma coisa e procura em si mesmo os elementos do próprio engrandecimento.

Estamos muito longe de concordar com a opinião daqueles que nos julgam ainda tão distantes de sacudir o jugo de estrangeiras emoções. [1]

É incontestável que o Brasil passa por uma grande revolução, e que, sejam quais forem as causas, uma extensa tendência se mani-

[1] Referia-me principalmente à Conferência sôbre a *Literatura Brasileira Contemporânea,* do Sr. J. Capistrano de Abreu.

festa para a criação de símbolos que traduzem literàriamente a nossa vida social.

Assim é que já vemos objetos, que outrora nos enfastiavam o espírito e nos apareciam sob aspecto repugnante ou com uma fisionomia alvar abstrusa, começarem a ferir-nos a imaginação de um modo diversíssimo, assumindo proporções simpáticas, transformando-se pouco a pouco em inesgotáveis fontes de misteriosas fôrças de produção. O fenômeno é real; e não tarda que se propague, atingindo aquêles mesmos laços e situações que há bem pouco eram reputados os mais ridículos dêste mundo. Tal era o ponto de vista que tomávamos para observá-los!

Não será, portanto, para admirar que, desprendendo-se a máscara que a crueldade e um desprêzo, filho do orgulho ou da subserviência do nosso espírito às lentejoulas na vida carnavalesca das côrtes, impôs aos tipos e relações, que caracterizam a vida do interior, comecem êstes a ter para nós muita e muita poesia, deixando, por sua vez, de ser assunto de chocarrices e truanescos tripúdios.

Os folgares da gente do campo, as variadíssimas peripécias da vida dos homens do sertão não conterão traços característicos, dos quais o observador consciencioso possa deduzir a existência de um mundo completamente novo de emoções originais, que interessem tanto ao poeta, que o representa pela face mais sedutora, como ao filósofo, que, em qualquer parte que seja, vai buscar os germes da futura civilização de um povo ou de uma raça?

Não. O grotesco aí é puramente subjetivo. Se há trivialidades nestas coisas, provêm sòmente de enxergarmos nelas o que deveremos principalmente enxergar. No fundo dêsse viver, que, de ordinário, se olha com indiferença, existem mistérios, abismos, perturbações tão profundas, elementos, enfim, para uma poesia tão vasta, para estudos psicológicos tão extensos, que não causaria surprêsa se disséssemos que justamente dessa crisálida brotariam os fundamentos de onde terá um dia de derivar a transformação do Brasil. Nestes repositórios inexplorados é justamente onde se opera a surda elaboração nacional que há de caracterizar o nosso futuro e começa a reagir contra um certo descuido com que as populações sem autonomia das capitais, que vivem uma verdadeira vida de empréstimo, vão subscrevendo às revoluções européias, sem fazer passar as conquistas da civilização pelo crivo da nossa índole social, expurgando o que absolutamente não pode adaptar-se à natureza tropical.

Augura-se-nos já o aparecimento do *yankee* da América do Sul. Prolonguem-se as estradas de ferro; ponham-se essas raças que povoam os nossos centros em mais contato com a vida civilizada; cobrem energia, desenvolvam-se suas fôrças mentais, e veremos se dêste embate, na pujança das faculdades e tendências com que as

dourou o sol dos trópicos, não surgirá para êste imenso país de maravilhas uma situação como nunca imaginaram aquêles colonos que primeiro puseram o pé em terras de Santa Cruz. A fôrça impulsiva autóctone subordinará o influxo civilizador vindo de fora e fá-lo-á entrar em circulação como meio de aperfeiçoamento, mas não como única condição de existência.

São precisamente para êstes tipos que ùltimamente se tem volvido a atenção de alguns espíritos mais sensíveis à exuberância da natureza brasílica, tanto física como moral, e, sem contestação, se há quem mereça, neste sentido, devidos encômios, é o autor da mimosa *Porangaba*...

Já externei algures a minha opinião sôbre qual fôsse a origem da poesia heróica, tão decantada, dos nossos sertões.[2] Cumpre-me agora expor, segundo as minhas fôrças e como entendo, qual o estado atual do sentimento que determina o desenvolvimento dessa poesia.

Julgo que Juvenal Galeno, escrevendo o *Bargado*, transportou-se, sem o querer, a outras eras, e instintivamente buscou uma emoção que de forma alguma se encontra nas rapsódias ou canções que o povo, hoje, repete pelos nossos sertões sob as denominações *rabicho-da-geralda*, *boi-surubim*, *boi-espácio*, *pintadinho*, etc.

Não resta dúvida, como disse, que aí está a pintura fiel dos costumes do homem do sertão; mas, lutando entre a realidade que ressalta dessas canções populares e o ideal que concebera a respeito de um tipo primitivo, o poeta não pôde deixar de ceder a ambas estas influências; de sorte que o poemeto veio a exprimir ao mesmo tempo duas coisas: tornou-se a tradução dos costumes sertanejos, interpretada segundo uma intenção que, agitando o autor, levou-o a supor que existisse nessas lendas mais do que realmente nelas existe.

É preciso conhecer a vida dos nossos centros e tê-la analisado com espírito desprevenido e verdadeiramente crítico para poder-se saber de que emoção serão capazes os homens rudes que habitam os campos de criação do Brasil setentrional.

Com pesar o digo: — a emoção épica, que tanto devera exaltar a mente dos primeiros criadores, que resultaram do cruzamento da raça indígena com os portuguêses, de todo desapareceu. Com muito custo hoje chegaríamos a descobrir, observando acuradamente os seus costumes e tradições, uma reminiscência dessa situação, para julgar a qual não encontramos símbolos artísticos de qualquer natureza que seja.

O que é certo é que, antes de finar-se o século passado, a feição dêsse tipo primitivo foi substituída por um arremêdo, que pouca coisa ou nada conservava das tendências daqueles que primeiro se

[2] Alusão a um estudo sôbre as obras do cancionista Juvenal Galeno.

embrenharam, livres como o touro bravio, pelos nossos sertões, com a mente pejada de fantasmas e uma única confiança, a que residia em seu braço e em seu arrôjo incomparável.

Com o decorrer dos tempos, como era natural, e antes que se operasse a evolução natural que teria de determinar a manifestação poética das sensações que, inevitàvelmente, essa vida desgarrada devia ter causado, eliminaram-se êsses potentes perfis, sem que de sua passagem ficasse um só monumento capaz de dar-nos cópia do modo sequer por que êsses povos definiam as suas relações com a vigorosa natureza que os cercava.

Apenas uma ou outra legenda oral, um ou outro conto de natureza fantástica poderá atestar-nos que o tipo existiu e que o estado poético foi um dos mais acentuados dos que precederam a civilização do país.

Cairemos, porém, em um equívoco lamentável tôda vez que pretendermos aquilatar ou reconstruir êsse estado emocional pelas canções populares ou pelos pseudopoemas heróicos que encontramos na bôca dos nossos atuais sertanejos, poemas êstes que, sendo produtos de uma situação completamente diversa daquela, só podem traduzir emoções que porventura caracterizam a época durante a qual a musa popular os compôs.

Dêste século, quando já o sertanejo ou o vaqueiro não era mais o produto daquela indômita aspiração para o desconhecido, para o ameaçador; quando as terras pela maior parte se viam desbravadas; quando o Brasil não era mais êsse país encantado e misterioso para onde o espírito descia como para um abismo insondável; quando, finalmente, essa raça semi-aborígine, com a gradual transformação das coisas, se achava escravizada pelos patronos ricos e fazendeiros notáveis que avassalavam as terras que o rei lhes concedera em patrimônio, que talavam os campos por onde antes os centauros impàvidamente se atiravam, tão livres como o selvagem das priscas eras; dêste século, repito, desde que o sertanejo se colocou na terrível contingência de servir ou ser esmagado, que poesia podia então brotar? Que sentimento se ia encontrar em indivíduos que, abocanhados em suas mais nobres aspirações, vivendo como escravos, oprimidos, eram obrigados a percorrer os campos atrás da rês fugitiva, não como o homem que luta pelo sentimento da própria vida, mas por uma obrigação e como um tributo?

Não era de esperar que essas façanhas constituíssem o prazer e a substância de sua vida. A existência tinha de se lhes tornar, por fôrça, cheia de pesadumes, e, longe de encararem a natureza e as suas correrias pelos carrascos como outros tantos teatros de sua grandeza, e se possuíssem o sentimento da própria dignidade, ao contrário, olhavam para tudo isso como para os elos da corrente que os prendia ao déspota sertanejo.

Disto resultava uma imensa tristeza: dessa tristeza provinha um estado de angustiosa opressão de espírito, e dessa opressão, o verdadeiro característico da poesia que domina a generalidade das classes laboriosas que ocupam os nossos sertões. Esta situação teve, entretanto, suas intermitências. No meio das angústias sempre surge um riso, ainda que desconsolado.

Entre si, êstes homens rudes quiseram, uma vez por outra, contrapor primazias. Garbo, valentias, gentilezas, tudo foi pôsto em prova. Mas quão longe não estavam já dos movimentos épicos de outrora! Riram-se, em suma, chacotearam uns com os outros, e o canto, então, não passou da bravata de um escravo.

Eis a origem dos poemetos que são cantados pelos centros.

Agora não é difícil compreender a causa do equívoco em que laborou o autor das *Lendas e Canções Populares.*

Se foi fiel à musa popular, assimilando-se às suas trovas, outro tanto não conseguiu quando lhe emprestou intenções que só a legenda poder-lhe-ia ministrar...

## II

*Gazeta Literária,* 1-7-1884

Estas eram as reflexões que naquela ocasião me ocorriam. Devia então acrescentar o resultado de minha experiência.

Recorrendo às notas que tomei, vou ver agora se posso seguir o pensamento que primordialmente me guiou até o repositório das canções de origem popular.

Uma das coisas que mais concorreram para evitar-me o desgôsto de um trabalho inútil foi a despreocupação. Seguia fatalmente a luz dos meus olhos, e não tinha, nesse tempo, a *arrière-pensée* de uma escola ou de um sistema. Livre explorador, dirigido por instintos gerais, apenas esclarecido por um método filosófico que começava a estender as suas linhas através de meu espírito, fui colhendo e anotando o que encontrava.

Nós, brasileiros, somos por demais entusiastas. De ordinário, quando nos dedicamos à ciência, em lugar do microscópio, apoderamo-nos do prisma.

Não é isto um desdouro, senão a qualidade de uma raça.

Tendo sido posta em concurso, por uma Academia de Ciências, uma tese sôbre a vida e a natureza do camelo, apresentaram-se três candidatos: um inglês, outro alemão, outro francês.

O inglês, mal soube das instruções, encheu as malas de livros, embarcou no primeiro *steamer* e, estabelecendo acampamento na Argélia, pôs-se a observar todos os acidentes da vida do animal em questão. O discípulo de Hegel fêz o contrário justamente. Não procurou examinar o objeto em discussão. Encerrou-se no gabinete e passou nove longos meses a fundir e refundir abstrações. O francês, porém, contra tôda a expectativa, saiu, uma tarde, do confortável restaurante, de charuto ao queixo e *badine* a dançar entre os dedos enluvados, deu uma volta de palestra pelo Jardim Zoológico e, chegando em casa, lidas duas ou três páginas de Darwin, lançou ràpidamente, nervosamente, no papel uma memória em estilo cambiante, cheia de reflexos opalinos.

É escusado dizer qual foi o trabalho preferido.

Pois bem, nós, em regra, só aspiramos às glórias fáceis do parisiense. A morte dêsse entusiasmo prejudicial, eis um dos trabalhos que mais têm ocupado minha existência.

Foi cedendo, não obstante, a essa tendência geral que, apenas chegado à minha província natal, com a cabeça atopetada do ideal dessa poesia que se me afigurava existir no seio das populações rudes do sertão, corri ao encontro dos iriantes mananciais de não menos esplendorosos poemas. Antecipavam-se legendas de tôda a ordem, canções *de gesta*, idílios aéreos, — uma poesia gaélica, para a qual só faltava a lira de um Macpherson. É fácil imaginar a avidez com que busquei munir-me dos trechos e rapsódias dessa literatura por construir. Mas o esfôrço foi baldado, porque, entrando no caminho da verdade, não tardei em reconhecer a ilusão em que me perdia. O *rabicho-da-geralda*, o *boi-espácio*, algum outro fragmento sem característico e mais nada. Admirei-me, portanto, quando vi a autoridade irrecusável de José de Alencar interpor-se entre a minha nova crença e as seduções com que uma tal literatura atraía a todos.

E, no entanto, ainda uma página de Taine obrigava-me a reincidir nesse pecado. Eu relia, vacilante, o que êsse ilustre crítico pronunciara sôbre as origens dos povos enquanto à poesia.

> Os tipos verdadeiramente ideais só nascem nas épocas primitivas e inocentes. É sempre a êsses tempos, aos sonhos da infância humana, que se deve remontar para encontrar os heróis e os deuses.
>
> Cada povo tem os seus, arrancados dos seus corações, alimentados por suas legendas, e à proporção que êsse povo se adianta através da solidão inexplorada das idades novas e da futura história, suas imagens imortais deixam diante de seus olhos outros tantos gênios benfazejos, encarregados de guiá-los, protegê-los.
>
> Tais são os heróis nas epopéias populares — *Siegfried* nos *Niebelungen*, *Rolando* nas velhas canções *de gesta*, o *Cid* no *Romanceiro*, *Rostan* no *Livro dos Reis*, *Antar* na Arábia, *Ulisses* e *Aquiles* na Grécia. [3]

Capacitei-me, pois, que o falecido José de Alencar tentava construir uma nova poesia popular cearense pelos mesmos moldes da em que vazara a *Iracema;* ainda mais convencido de que, nem por isso, deixaria de existir, naquela minha terra, uma emoção capaz de produzir uma eqüipolente dos cantos heróicos de outros povos.

Mas circunstâncias especiais se opuseram poderosamente a que essa expansão nativa florescesse, concretando-se em monumentos dignos de figurar entre os melhores.

Seguramente, existem profundos elos que prendem êsse passado ao presente conhecido, segundo as leis invariáveis do transformismo; o que, porém, é certo é que foi tão rápida a eliminação do que devera constituir o elemento épico, que, quem quer que leia desprevenidamente os pseudopoemas heróicos do Ceará, achará nêles mais um *disfarce,* aliás de fino quilate, do que um símile dos Niebelungen.

A simples inspeção dos textos basta para fazer reconhecer que êsse *touro legendário,* com que José de Alencar tanto se preocupou, mostra apenas a existência de um pretexto propositalmente procurado pelo sertanejo para amplificar o seu próprio valor.

Em vez da poesia ser anônima, é principalmente individual, — subjetiva! Intuitos de uma vaidade colossal, — de um caráter enormemente acentuado. O touro é a ênfase, — a realidade tôda está no indivíduo, que é o próprio rapsodo, pretensioso e bravatista.

---

[3] Taine, *Ideal na Arte,* p. 107.

# CASA DE PENSÃO

(CARTA A ALUÍSIO AZEVEDO)

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO, 2 JUNHO 1884, E DATADA DE 27 MAIO.

"Amigo Aluísio Azevedo. — Acabo de reler a sua *Casa de Pensão*. Digo reler porque já a conhecia pelos fragmentos publicados na *Fôlha Nova*, que, hoje refundidos, castigados, formam o formoso livro que tenho diante dos olhos.

Desejaria fazer um estudo detalhado sôbre a obra; mas a falta de tempo não me permite senão lançar em breves linhas a impressão que me produziu essa leitura.

Aí vai, — com o desalinho de quem ainda não achou os manguitos de Buffon para dizer em público, com sonoridade, aquilo que se diz à surdina na porta de qualquer loja de livros, ingênuamente e a um amigo.

Antes de tudo, cumpre salientar que as mulheres estão muito intrigadas com o autor do *Mulato*. As mulheres, brasileiras pelo menos, não qurem que se lhes pinte os defeitos. Ficaram muito mal-acostumadas com as exibições dos tipos louros e amoráveis de Alencar e os irrequietos e mimosos de Macedo.

Ora, no seu romance as mulheres são de carne e osso e concentram muita maldade e leviandade. Com certeza, portanto, V. terá muito em breve um protesto da maioria delas.

Prepare-se.

No que toca ao estilo, sou forçado a estender uns *adjetivos*, que não são do estilo.

O estilo da *Casa de Pensão*, além de ser correntio, macio, límpido, — o que não é novidade, — tem em seu favor as seguintes qualidades: — legítimo, fluminense, sem hipocrisia.

Isto é uma opinião que lhe comunico com tôdas as reservas, porque, deve acreditar, pode ser que as disposições atmosféricas e a simpatia geral, *inspirada* pelo livro, tenham influído até o ponto de me fazer beber, como se fôsse licor Chartreuse, algum vinho acre e danado.

Mas não: quase estou certo de que os capítulos descritivos e narrativos do romance estão perfeitamente no caso de ser lidos por um convalescente, sem quebra do resguardo.

Entretanto, acrescentarei que o romance tem *coisas*!...

Falei em convalescentes e capacito-me de que, se houvesse alguma *comissão de higiene* para saneamento literário, estaria V., a esta hora, bem apertado, porque com tôda a certeza *os tais* iriam,

armados de antissépticos, aí por uns determinados corredores e quartos da sua *Casa de Pensão,* a vasculhar tudo e a bater para fora a morrinha e umas tantas patifarias de portas adentro.

Haveriam de querer realizar no romance, que corrige, apontando a coisa tal qual ela é, aquilo que a polícia não se lembra de executar de portas adentro, – no que faz muito bem, porque essa missão de polícia de costumes só pertence à imprensa e aos institutos particulares.

Olhe V. que tenho agora mesmo sôbre a mesa o *Relatório* do chefe de polícia da côrte, Dr. Tito de Matos, e sabe o que encontro à pág. 18? Uma reflexão que muito me anima e lhe há de alegrar. Nada mais, nada menos do que o alargamento da esfera do romance: a polícia não se encarrega mais de explorá-lo; deixa-o aos competentes.

Eis as palavras do desembargador chefe de polícia: – "Como se vê na obra *A Polícia,* de Ives Guyot, aquela comissão (o chefe opina pela extinção da comissão de polícia de costumes) exprime-se em têrmos que são a condenação da vigilância. Frase do Dr. Fiaux: – *A instituição da polícia de costumes, não obstante os inumeráveis atentados anuais contra a liberdade individual, não tem podido produzir os resultados que esperava, sob o duplo ponto de vista da diminuição das moléstias sifilíticas e da prevenção dos delitos de direito comum, atentados aos costumes, etc., etc."*

Aí tem tudo. A obra está perfeitamente justificada em quaisquer escabrosidades permitidas pelas disposições realistas do romancista.

---

Tinha ainda algumas reflexões a fazer sôbre o livro, como, por exemplo, compará-lo com o *Mulato,* confrontar a *manière* realista do autor com os *processos terroristas* de Em. Zola; mas o tempo urge e é indispensável terminar.

Espero, pois, que aceite essa opinião franca, *currente calamo,* como saída do fundo da consciência de um colega que muito deseja ver concentrarem-se no seu talento todos os dotes necessários a um analista da *vida brasileira.*

De afetuoso amigo, *Araripe Júnior."*

# CASA DE PENSÃO

## O SATÍRICO JUVENAL E O ROMANCE REALISTA
## (CARTA A ALUÍSIO AZEVEDO)

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO
18 JUNHO 1884, E DATADO DE 31 MAIO.

Não ficou no tinteiro a conversa que tivemos na livraria Faro & Lino.

Remeto-lhe o meu exemplar das *Sátiras*, de Juvenal, traduzidas por Poupin, — acompanhadas dos sinais que sempre costumo lançar à margem dos livros que leio.

Reproduzo, em síntese, o que lhe disse então, para que V. possa discutir as minhas opiniões, para muitos talvez esdrúxulas.

---

O primeiro ponto que ataco é a adaptação do *Zolismo* ao Brasil.

Já em um artigo dirigido ao Sr. T. Braga declarei que achava a concepção do romancista francês impossível para o Brasil, — país novo, apenas lavrado por vícios de transição e, portanto, muito diferente da França, onde o *parti pris* bonapartista e o pessimismo zolaico acha todo o cabimento.

O autor do *Assommoir* é um mestre pernicioso, tanto mais pernicioso, quanto tem uma garra adunca, horrível, medonha, que fisga, prende e não se retrai nunca.

Zola, ao meu ver, é uma roda exclusiva da engrenagem Parisiense. Tirai-o do grande meio que o produziu, que concentrou nêle todos os miasmas de uma civilização putrefata; tirai-o dêsse meio, que êle hoje domina, por sua vez, e sôbre o qual reage impiedosamente, e teremos o tóxico inaplicável, ou o vesicatório aderido a um corpo são, e por isso impróprio para receber uma semelhante irritação.

Leiamos, pois, o notável romancista; — mas com as cautelas necessárias.

Nem êle deve sair da sua aplicação tópica, nem pode influir sôbre a literatura geral.

Em segregação literário-bilioso-antibonapartista não pode deixar de ser circunscrita pela anódina expansão da simpatia, que transuda das literaturas incipientes.

As da América, por exemplo.

A história lhe há de fazer justiça. E os futuros classificadores de animais daninhos, os críticos que finalmente houverem bem

conhecido e compreendido a concepção de Balzac, no prólogo da *Comédia Humana*, saberão colocar êsse monstro no seu competente lugar.

Êle, por último, completará a sua evolução localizada; — e então, nos museus, competentemente empalhado, os despreocupados lerão por baixo do pedestal as seguintes palavras: *Fenômeno de atavismo neroniano.*

Digo *neroniano*, sem temor de desacêrto, porque Zola é de origem italiana; e é bem possível que êle tenha em si os germes sifilíticos que, segundo se deduz de Beulé, — o desgraçado suicida, — produziram na península a degenerescência do sangue de Germânico, — o adorável Germânico! — e a perfídia dos Bórgias, — os incubadores do temperamento miserável de Alexandre VI.

Sim! O autor de *Naná* é um inimitável; e não há maior desgraça do que, em um país onde existe o Amazonas e o Sr. Lafaiete, o ilustre apologista do burro de Buridan, o aparecimento de imitadores de tal galé literário.

Para que isto prosseguisse conscientemente, lìcitamente, seria necessário que tivéssemos atingido o *período terciário.*

Então, com tôda a lógica, poderíamos admitir que o Lacenaire do romance, o perverso genial, fizesse, entre nós, pelo gôsto satânico que o distingue, a autópsia dos putrefatos cadáveres dos brasileiros mortos pela gangrena, e depois convidasse as harpias, os morcegos, os reptis imundos, para o tétrico banquete!...

Felizmente, porém, ainda há quem viva; e V. é um dêles.

Conto com a sua concepção realista nos verdadeiros têrmos da razão e da honra intelectual.

Em outra missiva falarei no satírico Juvenal. É para êste e para outros mestres, antigos e modernos, que devemos volver os olhos.

# O GRAN GALEOTO

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO,
16 JUNHO 1884 E DATADO DE 9 DO MESMO MÊS.

Continuo a acreditar nas grandes dificuldades enfrentadas pelos dramaturgos da época para reduzirem a vida de todos os dias, impalpável, complexa, múltipla, às proporções de um espetáculo. Consinta, portanto, que lance também o meu ramo de flores àqueles tradutores e atôres que ousaram levar à cena o *Gran Galeoto* do emérito Echegaray.

É, talvez, o problema mais difícil que tenham a resolver os literatos do século, — a aclimação do realismo no teatro, uma questão tão árdua, tão difícil como a do abolicionismo entre nós.

Do mesmo modo que os liberais, nesta terra dos palmares, apenas sobem ao poder e fazem *tête-à-tête* com a escravaria, tornam-se ultraconservadores, os realistas, entre as gambiarras, transformam-se em românticos.

O próprio Zola não resistiu.

Mas quer me parecer que o defeito não está na estrutura dos talentos, nem na incongruência do gôsto público, senão na impossibilidade de *raccourcir* o que de sua natureza é longo, lento e profundamente subordinado à evolução.

Sabem todos quanto a vida é, nas suas aparências gerais, trivial e antidramática. Como, pois, trazer para a cena essa mesma trivialidade e torná-la capaz de interessar um público no rápido período de duas ou três horas votadas ao prazer?

Os dramaturgos antigos seguiam um processo muito simples. Concentravam meses e anos em uma cena, reuniam produtos de muitas lutas e observações em uma palavra; e, seguindo êsse sistema, não era inesperado o seu triunfo. As platéias, tiradas de dentro de si mesmas por uma pilha elétrica, exageravam-se, hipnotizavam-se, chegando aos grandes delírios do entusiasmo.

Mas os tempos dessas fáceis provocações já por uma vez eliminaram-se.

Postos entre a insensibilidade das turbas, que já desejam peças mais chegadas à substância, e o natural desvio para o gênero *ennuyeux*, o dramaturgo tenta embalde dar a própria carne, as próprias moléculas do cérebro como repasto à avidez dos que saem de casa saturados pela análise demorada, paciente, refletida do romance moderno, do estudo de caráter, da novela fisiológica.

O romance! O romance é, no presente, o maior inimigo do teatro.

Uma questão de hábitos intelectuais.

Está claro que não me refiro, em nenhum dos períodos antecedentes, a essa platéia infantil, que existia e existirá em todo tempo, e para a qual só há um teatro lógico possível, — o teatro *João Minhoca;* mas a platéia que pensa, e que ainda assim encontro sempre nas mágicas, nos salões de ginástica, nos espetáculos *tapageurs*.

O que querem? A mais natural das reações!

Há cérebros, acaso, que, depois de um dia consumido na exploração da vida, depois de oito ou dez horas despendidas num eretismo cruel de ambições, planos, ousadias, intrigas, maquinações, e que ainda por cúmulo terminou por uma leitura de Emílio Zola, entre a hora do jantar e a saída para o regabofe noturno; há cérebro que tenha disposições que não sejam para a *Gata Borralheira* ou para a música de Suppé? Não encontro quem me contradiga sèriamente. E desejar o contrário, — condenar uns, falar mal de outros, — seria ir contra o curso racional das coisas.

Agora, suponha-se que, em lugar da opereta, nós mesmos que pensamos, meditamos, sabemos dar o nome aos bois, — encontramo-nos *au lever du rideau,* não com uma fonte de emoções rápidas e incisivas, mas com um capítulo de romance, longo, fastidioso, chato, para demonstrar-nos a existência de uma situação social, que muito conhecemos; e tudo isto sem têrmos a faculdade de saltar a página, suprimir o diálogo que não nos agrada; tudo isto sem o comentário do autor, que é tudo em análises desta ordem, sem o trabalho do filósofo que vai à alma do personagem bruto e dá eloqüência àquilo que êsse *bruto* não sabe, não pode, nunca conseguirá dizer. O resultado será desgraçadíssimo. Sairemos bradando: — mas é supinamente estúpido! Vim aqui para mover-me, para agitar-me, e saio como uma pedra, ou, antes, como um sorvete, desfazendo-me em aguadilha insôssa.

---

Postas aqui estas linhas, assim a modo de cavaco, pergunta a minha curiosidade se o drama em verso de Echegaray, — que foi tão justamente aplaudido e reaplaudido por uma platéia competente e outra menos competente em matéria de arte, — é uma conquista e um triunfo em favor do naturalismo no teatro.

É e não é.

Explico-me. Como homem que é, o poeta do *Gran Galeoto* conservou a intenção ultramoderna, manteve a concepção na altura do espírito que a ditou e aproveitou-se quanto pôde das formas conhecidas no teatro de Dumas e Augier. A introdução do verso e

êsse deslizar constante da rima, acompanhando imagens bem justificadas pelas situações, e o calor das almas, postas em dissidência por sentimentos vários, ainda constituem um excesso de figura que bem revela quanto o autor conhece a natureza da arte que professa.

Echegaray, compreendendo que o palco e a tribuna se confundem, tratou simplesmente de ser eloqüente, — mas à moderna.

O seu drama, como peça de demonstração de uma tese, é o que de mais rutilante e belo se pode apresentar em cena.

Que êle abarcou perfeitamente o assunto e sondou tôda a profundidade do problema da calúnia, quer encarada pelo lado moral, quer pelo lado das influências fisiológicas, não há que duvidar!

Nem Maître Lachaud na tribuna forense, defendendo ou acusando, nem Berryer nos altos processos políticos, fulminando a sociedade, saberiam ser mais completos, mais convincentes.

O Gran Galeoto, portanto, constitui um dos mais formosos requisitórios que conheço, — dividido apenas em quatro atos, — com a vantagem da variação do acento distribuído por diversos e característicos personagens.

Em todo caso, há ali vibrações que nunca Dumas filho fêz experimentar.

---

O que direi da tradução?

Opinam os entendidos nestas coisas que o espanhol é a língua do amor, — porque é das Andaluzas. Se assim acontece, não é a mais própria para a eloqüência, se bem que muito assente à sedução.

Compreende-se, portanto, a vantagem que aquêles versos maviosos demais não obteriam, passando o pensamento enérgico de Echegaray para uma língua angulosa, rude e altíloqua.

Os fautores dessa transposição não podiam ser nem mais adequados, nem mais competentes, para desbastar os excessos quixotescos do Cid.

O autor das *Lutas* e o seu sonoroso companheiro Filinto de Almeida conseguiram introduzir um novo traço na peça, com a sua tradução, — e êsse traço foi a *sobriedade* empecendo a sofreguidão borbulhenta do conterrâneo de Lope de Vega.

---

No que toca à execução, basta declarar o seguinte: — não há drama mais fácil e mais forçosamente destinado a cair no ridículo do que o *Gran Galeoto*.

Os Srs. Eugênio Magalhães e Dias Braga e a Sra. Helena Cavalier não se prestaram a êsse ridículo. E tenho dito, porque também há gente para isso.

# FORUM

PUBLICAÇÕES NA GAZETA DE NOTÍCIAS, RIO DE JANEIRO, A PRIMEIRA A 1 JULHO 1884, E DATADA DE 23 JUNHO, E A SEGUNDA DE 7 AGÔSTO 1884.

*Gazeta de Notícias*, 1-7-1884

NECESSIDADES DE UM FORUM. — MAGISTRADOS E MAGISTRATURA. — QUATRO DIAS DE CIGANO. — VELHARIAS DO FÔRO. — METAMORFOSE FORENSE.

Seria da maior vantagem que à palavra que encima estas linhas, e não passa de uma abstração, correspondesse alguma coisa de mais concreto.

A constituição do império, no tít. VI, criou essa entidade que se chama entre nós *poder judiciário;* mas o desgraçado, sempre pobre, perseguido, mal-acomodado, e às vêzes até homiziado, apenas dá sinal de que vive, de que não é a triste sombra de uma intenção. E se hoje condena os bispos, absolve réus muito mais cheios na protérvia, certo o povo de um fato irrefragável, e é de que quem tem fome — não tem opiniões.

É uma verdade. No Brasil há magistrados; mas no Brasil não há magistratura. Com pesar o digo: não é raro que ministros venham declarar ao país, como ainda há pouco o fêz o Sr. Prisco Paraíso, que nesta terra originalíssima só às *bêstas* se reserva o importantíssimo encargo de distribuir justiça. Triste denúncia, de que se tornou órgão um ministro da justiça, conivente e solidário em todos os desacertos dos seus antecessores!

E a quem a culpa? Não são os bacharéis — magistrados e advogados — os constantes autores das reformas que enchem as coleções de leis? Ainda há dias não estêve no poder o ilustrado Sr. Lafaiete, emérito jurisconsulto, que conhece pràticamente todos os vezos da arte que professa e os defeitos da organização judiciária? Por desgraça, porém, S. Ex.ª achou mais divertido confabular com os dissidentes e entreter os adversários com apólogos do que ocupar-se com os remédios indispensáveis ao impedimento da degenerescência do fôro. E é provável que tudo continue assim, até que a própria natureza um dia se revolte.

O que é certo, entretanto, é que bem lastimável espetáculo damos, quando, por qualquer circunstância, um membro das colônias estrangeiras tem de solicitar a intervenção dos tribunais em favor

dos seus direitos. Saem todos horrorizados, como aconteceu a um diplomata que teve a curiosidade de ir assistir a uma sessão do júri, no grande salão do *falecido* Aljube. O imprudente persuadiu-se de que estava na Calábria.

— Dize-me onde moras, que te direi quem és, refletia o homem.

Felizmente, a câmara municipal livrou-nos dêste pesadêlo. Isto, contudo, não é suficiente, e basta atender aos embaraços que experimenta a parte, ou mesmo o advogado novel, em diferençar de momento as diversas localidades em que funcionam tão variados tribunais, para avaliar-se os prejuízos, as perdas, os lançamentos de que são vítimas os interessados, a quem muitas vêzes a demora de alguns minutos é quanto se faz mister para deitar a perder uma causa. Não obstante, há quem julgue coisa somenos a concentração de todo o serviço forense em um edifício apropriado, à maneira do que se tem feito na França, na Inglaterra e em outros países civilizados.

É verdade que já estamos muito longe da época em que um pobre cliente via-se obrigado a perambular pela praça das Marinhas, através de rabanetes, cebolas e côcos-da-bahia, em busca de um juiz do comércio que lhe despachasse a petição. O que, porém, existe, atesta apenas que neste ponto já fomos muito desgraçados.

Em três edifícios, distanciados uns dos outros, mal colocados e insuficientes, funcionam, hoje, os juízes de 1.ª instância e os tribunais superiores; mas tudo isto com tal atropêlo, tamanha falta de método, que os advogados cada vez sentem-se mais dispensados de comparecer às audiências.

Outrora, nos bons tempos, segundo dizem os velhos companheiros, eram êsses atos verdadeiras solenidades, que impunham o respeito e obrigavam os funcionários a um certo recolhimento, indispensáveis à publicação dos feitos e às decisões de gravidade.

A despeito, porém, da estrutura moral e intelectual de alguns dos nossos magistrados, glória da classe, e que lamentam *in petto* verem-se tão mal-acompanhados, as coisas têm marchado por tal maneira, que é hoje impossível pôr côbro aos abusos e dar ordem ao que fundamentalmente está anarquizado. E, a meu ver, essa anarquia parte principalmente das disposições materiais do fôro.

Nunca me esquecerei da impressão que vi pintada no semblante de um compatriota de Bismarck, que as circunstâncias me obrigaram um dia a chamar ao juízo conciliatório. Era um cavaleiro distinto, de porte aprimorado, cioso dos seus foros de comerciante, correto nos modos e na linguagem. Por uma dessas relutâncias que se não explicam, opusera-se a uma proposta de liquidação pelos meios amigáveis. Citado para comparecer a uma dessas baiúcas, onde alguns juízes de paz, por falta de lugar apropriado, costumam dar suas audiências, não

hesitou em apresentar-se, e, antes da hora, ei-lo barbeado, escorreito, de ponto em branco, pronto a discutir o seu direito, e, talvez, persuadido de que a influência do juiz popular da constituição pudesse melhorar sua condição. Apenas, porém, penetrou na sala úmida, malcaiada, recendendo a fenol e às exalações da *City Improvements*, onde o escrivão, ao lado de uma mesa esburacada, esperava, de palito ao queixo, o ilustrado juiz, cobriu êle o semblante de uma palidez cadavérica, e pôs-se a duvidar se devia ou não permanecer naquele imundo pardieiro. A *mise en scène* espavoria-o. O desventurado não acreditava que em um cenário semelhante se pudesse representar coisa alguma com aspecto de justiça.

Para encurtar descrições, basta-me dizer que o citado retirou-se, para entrar em imediata composição.

As baiúcas têm êsse aspecto sinistro e aterrador; agora calcule-se os coristas, os comparsas que completam essa notável *mise en scène.*

Há muita gente que ainda tem a felicidade de ignorar o que sejam *três dias de cigano.*

Diz o povo, ou, antes, dizem os taverneiros, — não há quem resista a três dias de cigano!

Para dar noção do que seja êsse novo suplício de Procusto é indispensável definir a espécie a que se refere essa curiosa denominação.

Entre os honrados membros da classe dos oficiais de justiça, — principalmente nas varas em que o serviço pode apenas remunerar as aspirações de um mendigo, — existem alguns indivíduos que são conhecidos por uns característicos infalíveis: — sapatos acalcanhados, calças rôtas nos joelhos, sobrecasaca ruça e esfarrapada, chapéu alto amassado, pôsto sôbre a nuca.

Êsses personagens são pela maior parte oriundos de não se sabe onde; trazem no semblante a esmola congenial, nos hábitos a mendicidade sistemática, com a mão sempre pronta para estender-se sorrateiramente ao Ex.$^{mo}$ Sr. doutor, em busca dos *célebres dois mil réis emprestados,* a língua sempre engatilhada para taramelar uma história mentirosa ou descascar uma descompostura desconexa. Pois bem, esta gente, que pouco exerce as funções que a lei lhe dá, tem um grande préstimo para aquêles que professam a doutrina do fim justificado pelos meios.

Um taverneiro, por exemplo, desengana-se de receber a importância dos gêneros que fiou e encontra-se com um dêsses sujeitos que têm desculpa para tudo e a eternidade na bôlsa do pagamento, — um dêsses infelizes em quem Machado de Assis julgaria obliterada a noção da dívida; nada mais simples do que desencantar o mistério e curar a enfermidade: — chama um dos tais que portam por fé, entrega-lhe a respetiva conta e indica-lhe a vítima despreocupada.

Desde essa hora, o cigano não abandona mais o devedor votado às fúrias infernais; acompanha-o como a sombra ao corpo. Se o devedor sai de casa para a repartição ou para o serviço, encontra o cigano à porta com o sorriso circunspeto nos lábios, uma curvatura respeitosa e o papel estendido para o deferimento de estilo. Da primeira vez, a vítima ilude-se, supondo uma subscrição, e repele-o desdenhosa com um — *não sustento malandrices*. Mas êsse engano em um momento se dissolve, diante da réplica invariável de que *S. Ex.ª se olvidava da continha do Manuel.*

Retira-se o cigano, mas a obsessão continua. Quando o devedor vai abandonando a repartição, aí tem o fantasma sempre sorridente, civil e de papel em punho. Desta vez a vítima rebela-se, zanga-se, ameaça; mas o cigano, maquiavélico e conhecedor das paixões que explora, transforma-se por sua vez em vítima. Pede-lhe perdão; não quer ofendê-lo; mas tem mulher e filhos, que ainda àquela hora não comeram; entretanto, a cobrança dava-lhe esperanças. Quer sòmente viver do seu trabalho, e permissão para acompanhá-lo umas por outras.

E, para encurtar razões, diga-se que essa figura nunca mais separa-se do devedor refratário. É de longe, de perto, à porta do teatro, à porta do café, na rua, no bonde; sempre com o *V. Ex.ª* engatilhado e o cumprimento significativo.

Ao terceiro dia o homem desespera. Para livrar-se da nevrose, faz um esfôrço, uma ginástica, e arranca-se do cigano.

Êsses fatos são comuns e caracterizam uma classe, ou parte dela.

Entretanto, custa a crer que vivamos em um país em que um indivíduo dessa espécie tenha mais fé do que qualquer ministro de Estado. A certidão ou a falsidade que êle pratica em um momento, o homem honrado gastará, para destruí-la, um ano.

---

Tudo isto, perfunctòriamente, o que indica é a indeclinável necessidade em que estamos de que alguém se dedique com mais afêrro e interêsse ao estudo das reformas, sem, contudo, perder de vista a época e tôdas as outras rodas que se movem nesse aparelho ou organismo chamado Brasil. E é justamente o que se não tem feito até hoje, tal é a nossa preocupação política e o nosso empirismo em economia política, em indústrias, em tudo.

Reformas, é verdade que se estão realizando todos os dias; mas, desgraçadamente, os moços, que agora começam a estudar, estacam verdadeiramente pasmos, diante do modo sumário por que a vaidade de alguns legisladores e desembaraço dos interêsses locais de outros vão fazendo penetrar na *engrenagem* administrativa ele-

mentos que *hurlent de se trouver ensemble*. No direito, principalmente. E um dos fatos mais lamentáveis, para um país novo e de largas aspirações como é o nosso, é a lição constante que neste sentido recebemos da França, cujo defeito capital consiste em quintessenciar a história e o direito romano.

"A idéia que ainda hoje se faz da Grécia e de Roma", diz Fustel de Coulanges em uma obra que devia andar por mão de todos os nossos juristas, "tem por mais de uma vez perturbado as gerações contemporâneas. Por ter-se mal-observado as instituições da cidade antiga, imagina-se poder revivê-la em nossos tempos. Grande tem sido nossa ilusão sôbre a liberdade, tal qual a compreendiam os antigos; e só por isso, entre os modernos, tem sido ela posta tantas vêzes em perigo. Os últimos oitenta anos hão mostrado claramente que uma das maiores dificuldades, que se opõem à marcha das sociedades atuais, é o hábito que tomamos de trazer sempre diante dos olhos a antiguidade grega e romana." [1]

Ora, sem particularizar o pensamento do autor citado, e fazendo aplicação do método ao presente e ao passado em nossa vida forense, parece-me que o primeiro passo a dar, — o passo que é mais aconselhando pelos teóricos e pela experiência, é abandonar certas fórmulas, certas velharias que nos estão visìvelmente a atravancar a atividade jurídica. É lei reconhecida e atestada pelos filósofos modernos, que todo o organismo, no seu vário desenvolvimento, adquire uns órgãos pela luta de adaptação e perde outros à proporção que as necessidades correspondentes vão desaparecendo. A êsse fenômeno dá Spencer o nome de *metamorfoses sociais,* que êle considera perfeitamente idênticas às que se passam nos indivíduos da espécie animal. [2]

Acontece muitas vêzes, entretanto, que a função tem sido eliminada, e não obstante o órgão continua aderente, inerte, produzindo perturbações de não pequena circunstância.

Quando, porém, a seleção se opera *in conspectu animae;* quando essa seleção, entrando no domínio da atividade intelectual do homem, pode ser auxiliada e acelerada pelos meios que se chamam *artificiais;* quando, enfim, a natureza reage sôbre si mesma, por intermédio de um fator tornado consciente; não é lícito deixar de proceder a essa eliminação calma e refletida. É o que o homem está fazendo constantemente no reino vegetal e animal, tanto quanto alcançam os seus conhecimentos, e o que, com maioria de razão, poderá realizar-se na vida social.

Ora, não há quem desconheça a existência de uma enormidade de práticas, que tiveram seu motivo no tempo dos Afonsos ou dos

---

1 *La cité antique,* p. 2.

2 *Principios de Sociologia,* trad. Cazelles, II § 264.

Filipes, e que ainda são hoje conservadas no fôro, pela única razão de terem sido transmitidas pelos próceres e não ter aparecido quem se lembrasse de meter-lhes a tesoura. Entre outras, exemplificarei a acusação e lançamento dos prazos e dilações em audiência, cerimônia esta cuja utilidade não sei qual seja presentemente, pois que tantos existem que pela nova legislação correm em cartório sem o menor inconveniente. Entretanto, por não estar esta prática de acôrdo com os costumes, sucede que, longe de ser um meio de acautelar direitos, torna-se uma verdadeira protelação e um meio de não raramente surpreender-se a parte.

Isto pôsto, concluiu-se que o primeiro passo em nossa reforma judiciária não deve ser o desmoronamento dos antigos monumentos, nem a súbita substituição dos instrumentos de ação, mas a eliminação completa de tudo quanto o tempo gastou, de tudo quanto a mudança de idéias e de costumes reduziu à inércia, à paralisia.

Pode-se, pois, a árvore, e aos poucos se lhe vá enxertando os garfos e inoculando a seiva que há de dar-lhe a nova feição.

Sanear e cortar, — eis todo o princípio de reforma.

★

*Gazeta de Notícias*, 7-8-1884

BEAUMARCHAIS NO FÔRO. — UM PROCESSO CÉLEBRE. — A VENALIDADE EM FRANÇA. — DOUTRINA FIGARESCA. — NEGOCIAR OPINIÕES DE TERCEIROS. — REVELAÇÕES DO RELATÓRIO DA POLÍCIA. — O *MOUCHARD* NO RIO DE JANEIRO. — OS PARASITAS DO PRESTÍGIO OU O MOUCHARDISMO. — ESTADO PSICOLÓGICO DA MAGISTRATURA. — A EXECUÇÃO ESTÁ NA PROPORÇÃO DA ANGÚSTIA SOCIAL. — OS PORCOS DE CARLYLE.

Ninguém dirá que o autor do *Barbeiro de Sevilha*, o inimitável criador do legendário *Fígaro*, teve mais talento para o fôro do que mesmo para êsse teatro cômico, que tanto o imortalizou!

Muitos dos leitores que não conhecem as *Memórias* de Beaumarchais julgarão um paradoxo. Pois bem; saibam os que ainda não o apreciaram por essa face que nunca houve um literato, em parte alguma do mundo, mais versado na chicana e nos meios sutis de conduzir um processo a seu têrmo do que Beaumarchais; não porque fôsse um trampolineiro igual àquele artista insigne que êle pintou ao lado de Rosina, iludindo o picaresco Bartolo, zombando da hipocrisia sórdida de D. Basílio; — mas porque observou Fígaro de perto e estudou-o em tôdas as fases da sociedade em que vivia.

Beaumarchais foi um lutador emérito. Sua vida consistiu num tecido de peripécias coloridas, ora pelo bem, ora pelo mal. A sociedade francesa três vêzes abriu-lhe os braços para dar-lhe a glória;

três vêzes repeliu-o de si, entregando-o à aventura e ao desprêzo. Quer, porém, em uma, quer em outra situação, aceitando as mais variadas profissões, — especulador, construtor, armador de navios, relojoeiro, negociante, impressor, editor, músico, livreiro, dramaturgo e até rábula, — enriquecendo e empobrecendo mais de uma vez, — êsse homem teve uma qualidade que sobrepujou a tudo: nunca perdeu a coragem, o espírito de observação, a alegria.

Daí o merecimento dos seus tipos de teatro; daí a profunda e sentidíssima justiça que transluz das suas comédias inolvidáveis: — valor que talvez fôsse êle o último a apreciar, mas que era a resultante de uma vida trabalhosa, contìnuamente votada à defesa de uma individualidade combatida.

Houve um dia em que êsse pobre comediógrafo encontrou-se frente a frente com uma porção de patifes, que pretendiam roubar o pouco que êle possuía, em uma tardia liquidação comercial.

Atacado em seus direitos, o literato confiou mais em sua verve do que nas alicantinas dos advogados, e tratou de procurar os seus juízes. Se fôsse outro, teria sido devorado por uma perna, e, ainda mais, consumido pelos seus antagonistas. Homem, porém, de recursos variados, embora perdendo a questão, encontrou uma nova e brilhantíssima oportunidade para descarnar, de envolta com a própria desventura, um quadro de misérias, de vícios, de abusos insondáveis que circundavam os tribunais de seu país.

Beaumarchais viu-se, por cúmulo de pecados, processado pelo crime de querer corromper os seus juízes. Um certo Goëzman, que fôra o relator do feito aludido, queixou-se de que o autor do Fígaro pretendera pôr em prática consigo os conselhos de seu herói. O que havia de exato, entretanto, era que o litigante apenas fôra forçado a abrir as portas da casa do honrado magistrado semeando algum dinheiro, para obter uma audiência sem resultados.

Injustamente acusado, vilipendiado, defendeu-se como um louco; e então suscitou-se-lhe a idéia de escrever êle mesmo os seus memoriais, que, com justa razão, se diz constituírem uma verdadeira criação no gênero forense.

Êsses memoriais são a eloqüência viva e a disecção dos vícios que contaminam o processo. O habilíssimo observador não deixa coisa alguma que não dilua com uma lógica terrível; não há hipocrisia a que não dê caça, que não reduza à contradição, ao desespêro; não há vício explorado pelos hábitos da chicana que não seja escarnado, ridicularizado, pôsto a nu em tôda a sua hediondez.

Uma semelhante incursão pelos domínios dos Dumoulin e L'Hôpital pasmou a muita gente. Por êsse lado sua vitória foi completa.

Goëzman, não obstante, com sua influência, conseguiu ainda condená-lo; mas Beaumarchais pôde chegar à convicção de que, nem

por ser muito honrado, um membro do parlamento deixava de ceder ao espírito de vingança, ao capricho, à paixão, e era que entre os magistrados honestos, caprichosos ou não caprichosos, existia uma classe recrutada desde o criado até o pretenso amigo íntimo, encarregada de perverter os atos mais inocentes dêsse magistrado, negociá-los muito pacìficamente, com visos da mais perfeita inocência, com aspecto da mais completa naturalidade.

Se, por um lado, o comediógrafo ficara sem os seus bens, reduzido à maior penúria, por outro também o desventurado Goëzman vira-se obrigado a fazer prodígios de figura, para tirar de cima de seus comensais as suspeitas que o processo lançava sôbre os mesmos.

---

Acaso há quem suponha que no Brasil não existe espaço ainda, nem para a crítica sangrenta de um Beaumarchais, nem para as torturas de uma vítima de intrigas como Goëzman.

Entretanto, pelo que transluz do último relatório do chefe de polícia Tito de Matos, pode-se avaliar o que já existe por aí de torpes especulações em nome de terceiros. Pelo interessante trabalho de Ives Guyot — *A polícia*, — já sabíamos qual a importância e qual a natureza dêsse tipo a que o *argot* parisiense deu o nome de *mouchard*. Desgraçadamente, êsse produto das sociedades pervertidas e gastas já começava a desenvolver-se sob a paternal influência do govêrno. A gatunagem, a espionagem, êsse industrialismo da torpeza sistematizado sob o disfarce de um têrmo muito honesto e necessário, como o de — polícia secreta, — tendia a alargar-se além do orçamento, produzindo tôda uma classe medonha, que a pouco e pouco prolificando, transformando-se, sairia de seu leito conhecido para invadir o fôro, as repartições fiscais, a baixa política, imiscuindo-se em tudo quanto pudesse ser fiscalizado, batendo moeda em cima das mais incontestáveis reputações.

Felizmente, porém, assegura-nos S. Ex.ª que foi extinto por inútil, imoral, êsse ramo terrível de serviço. Resta saber, contudo, se os hábitos criados por uma profissão tão *modestamente* exercida não conspirarão para ressurgir e chamar-se a importância no funcionalismo, talvez em posição mais elevada.

O Rio de Janeiro já é uma cidade muito grande e possui um maquinismo bem regular para mágicas e mutações à vista. Os artistas, por seu lado, despedidos por uma emprêsa, ou procurarão outra, embora menos conhecida, ou irão fazer concorrência ao trabalho honesto, constituindo-se *parasistas do prestígio*. Cremos nas boas intenções da administração; mas o que não cremos é que aquê-

les que já se acostumaram a passar sem o *mouchard*, * abram mão de um instrumento tão dócil, tão adaptado às necessidades inconfessáveis, tão próprio para ocultar responsabilidades, salvaguardar delicadezas. Seria necessário que o *mouchardismo* não tivesse penetrado tão depressa por tôdas as juntas, por todos os eixos da nossa engrenagem social.

O que cumpre acentuar, entretanto, é que essa nova espécie de industriosos teve sua origem em um emprêgo legalíssimo.

O mal está feito; agora, só o que resta é impedir o seu crescimento.

Como impedi-lo, — eis o grande problema. Uma questão — não tanto de leis como de propaganda de costumes.

---

Na revista passada, assinalei como uma das causas primeiras dos males que adoentam o nosso fóro — as péssimas disposições materiais dos edifícios em que funcionam os tribunais. Há uma outra que talvez mais de perto influa na descrença com que de ordinário os interessados nos pleitos esperam pelas decisões finais.

É um fato irrefragável que a magistratura vive por dois terços mergulhada em uma espécie de matéria cósmica, que a oprime por todos os lados.

De que é formada essa matéria cósmica? A resposta não é difícil.

Um pouco de atenção e uma ligeira análise do meio em que vivemos nos levará imediatamente a reconhecer esta verdade, — que o concurso vital, principalmente no município neutro, está em uma enorme desproporção com o acanhado círculo de atividade e produção em que essa luta sangrenta se vai travando. Pergunte-se aos orçamentos do govêrno, aos bancos, à praça do comércio, à lavoura, quais as necessidades do país; inquira-se da imprensa e dos clubes de propaganda sociais o que existe de tropeços, de dificuldades em seu caminho; procure-se saber quais as indústrias que prosperam; e ter-se-á um acúmulo de causas que seriam bastantes para plantar um desânimo eterno, se no Brasil a natureza não estivesse sempre a reagir, impulsionando-nos para um progresso indefinido.

Ora, de tudo isso se conclui que o estado da sociedade brasileira é mais que muito angustioso e que a nenhum país já teve tão exata aplicação o símile de Carlyle, que considerava o mundo uma grande ceva de porcos a dilacerarem-se por causa de um balde de resíduos de cozinha.

---

* O sentido do texto parece indicar que a frase do autor fôsse "aquêles que já se acostumaram a *não* passar", e não como aparece no original.

A média da nossa moral, nestas condições, portanto, não pode deixar de ficar abaixo da comum, porque, infelizmente, a liberdade humana manifesta-se sempre na razão direta da pressão, das resistências que se opõem ao seu fraco desenvolvimento.

É necessário proclamar uma consoladora verdade. Os exemplos de corrupção e venalidade são raríssimos em nossa magistratura.

Não é menos exato, porém, que a isenção de ânimo, a liberdade de opinião nem sempre consegue sair vitoriosa, estreme de censura, quando se oferecem ocasiões de bloquear-se os tribunais para arrancar-se-lhes decisões de circunstância. Como que nestes momentos tôda a máquina social pende para um lado; os vícios de tôdas as classes angustiadas concentram-se ali; e, ou por meio das amizades, ou das influências políticas subordinadas, ou pelo receio de maiores desastres, ou mesmo por uma falsa agitação da opinião, a *greve* se realiza, os espíritos conturbam-se, a apreciação tranqüila desaparece, e a justiça, ferida, acaba por descer do seu prestígio. Daí um resultado clamoroso: a convicção popular de que o direito está na fôrça ou na vontade; e que a *inclinação* dessa fôrça ou dessa vontade só se obtém por meio de um grande circuito, tornando-se cada um co-participante dessa mole de misérias, dêsse acúmulo de necessidades, que, por último, constituem a tirania constante do país.

Para tão enorme desgraça, só há o recurso das derivativas.

Enquanto êsse círculo medonho não puder alargar-se; enquanto o Rio de Janeiro não passa de uma enorme cova para onde se precipitam diàriamente centenas de *désœuvrés*, sem acréscimo de uma indústria; em uma palavra, enquanto as nossas condições econômicas não melhorarem, de maneira que os homens achem interêsse em ir procurar algures o meio de vida e a felicidade, o fôro, reflexor instantâneo da perversão do povo, continuará a ser o teatro de cenas indescritíveis.

Por isso, entendo que a reforma judiciária, sob o ponto de vista da fôrça moral dos tribunais, é uma questão perfeitamente conexa com a da imigração e da transformação do trabalho.

O magistrado é quase impotente diante do *homo homini lupus*.

GERMINAL

PUBLICAÇÃO NA REVISTA *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO I,
N.º 18, 2 MAIO 1885, PP. 2-3; N.º 20, 16 MAIO 1885, PP. 3-4;
N.º 21, 23 MAIO 1885, PP. 6-7.

## I

*A Semana*, 18, 2-5-1885

A leitura do *Germinal* trouxe-me à lembrança o *Inferno* do Dante. Zola talvez pretendesse fazer uma paródia burguesa àquele grande pesadelo pessimista do gênio da Média Idade. As mesmas linhas gerais, *mutatis mutandis*, o mesmo intuito.

Estêvão Lantier, perdido em Montsou, durante uma noite caliginosa, encontra Maheu, que o introduz na mina de carvão do Voreux. Como o Dante, guiado por Virgílio, desce às *bolgias* inferiores, e o horror da treva se manifesta a seus olhos em tôda a sua hediondez. As mesmas preocupações sôbre o problema da vida, os mesmos combates sanguinolentos, as mesmas respostas torturantes. Sonhos medonhos e o suplício de uma classe! *Lasciate ogni speranza, voi che entrate*! Ali, a fatalidade das penas religiosas, implacáveis. Aqui, a fatalidade do meio social, que confina o operário em um círculo estreito e o condena a tôdas as desgraças, conseqüências da miséria, da ignorância, da imoralidade, da privação *ad semper* dos meios de *parvenir*.

Lantier percorre as negras galerias com o pavor na frente, representado por êsse velho sexagenário Bonnemort, que o trabalho de galé industrial consumira, — o negro, medonho, detestável Bonnemort, cuja alma carcomida se expectorava no escarro denegrido do carvão.

Todo o tufão do mal invisível sopra através de seu peito ofegante; e o seu espírito satura-se de treva; e, quando êsse mísero rapaz emerge do poço e desobstrui-se da obsessão, é para cair na prostração dos que sentem o coração impróprio para a vida.

Lantier senta-se do lado de fora, em Requilart, e observa o fervilhar da imundície operária, essa imundície que entra e sai da goela imensa do Voreux.

O espetáculo dêsses desgraçados rapazes, que, apenas libertos do trabalho, levam as raparigas aos trambolhões, aos beijos e aos abraços para o mato, de onde levanta-se um "cheiro acre de mulher e ervas machucadas", lança-o numa angústia sem nome; sua tristeza aumenta, sem que êle saiba porque, e a alma perde-se na sondagem impossível do abismo humano.

Zola, porém, bem o sabe. Êsse infeliz moço está condenado por uma lesão ancestral, — o alcoolismo, com tendência para o assassínio, a uma vida atroz. A pressão do meio abjeto em que êle vai entrar põe-lhe nos nervos, desde logo, a antecipação das lutas inevitáveis consigo mesmo e com os outros. Aquela miséria ! aquela provisória felicidade animal o enche de revoltas, só ao pensar que tôdas essas meninas, "exaustas pelo trabalho e pelo sofrimento, vivem todo o dia a atulhar a barriga de futuros miseráveis".

O tempo, contudo, se encarrega de assimilá-lo a essa furna de misérias. Lantier herdou, com a vesânia, o talento, a imaginação e a eloqüência. Habituando-se ao trabalho bárbaro da mina, por fim, êle consubstancia-se com o sentimento que a povoa.

Um dia, a idéia da *Internacional* invade o Voreux e vai perturbar o cérebro do operário de envolta com as visões, os delírios que o grisu provoca. Lantier, que, embriagado pela idéia nova, tem buscado ilustração, Lantier exalta-se e, quando menos pensa, sente vibrar em si as fibras do tribuno e do chefe de bando.

A greve gradualmente tende a crescer, e cresce e ingurgita-se nas entranhas negras do Voreux; até que, um dia, fustigada pelo prazer da burguesia, que, em cima, se repasta nos acepipes refinados, estorce-se, rebenta e rompe, alastrando o vale como uma serpente de mil cabeças, assanhada, faminta, cheia de um vírus empestado.

O tribuno vitorioso já sonha com o Capitólio, tendo suplantado tôdas as ambições pequenas que retalhava a própria greve. Êle, porém, não é mais do que um vesânico. Embalde a consciência e a educação o impelem para um movimento sério e humanamente respeitoso. O vício orgânico apresenta-se truculento. A greve reage sôbre êle e o pêso da responsabilidade o entontece.

Chega o período do furor; trava-se a luta no fundo da animalidade humana. Tudo repercute em Lantier como no espelho de um vivo microscópio. Solta-se, por fim, êsse monstro que tem tantas vêzes reaparecido; como grandes cometas, na história, a bruta fera arroja-se sôbre os obstáculos para dilacerar, dilacerando.

A catástrofe está prevista. O Voreux é destruído; o capital do burguês, por momentos, abalado, mas o operário, cego e rendido, é ainda uma vez reconduzido à escravidão. A máquina desmantelada conserta-se; e o rebanho humano, humilde e impotente, volta, como os seus companheiros eternos, — o boi e o jumento, — a meter-se nos varais da carroça do serviço.

---

A obra é grandiosa, repleta de coisas soberanamente terríveis.

Não é, mesmo, possível ler o *Germinal* sem muitas vêzes arquejar, impressionado por páginas verdadeiramente dantescas.

Pondo, porém, de parte o impressionismo do livro, e discutindo em vista de intuito científico e moral, resta saber se êsse livro é útil ou é pernicioso.

Resta saber se o operário, — o homem do povo, — para quem êle foi principalmente escrito, encontra aí um profícuo ensinamento ou uma agravação às suas penas.

Quer-me parecer que, nessa leitura, tudo tende a perder-se; porque, — ou êle convence-se, ao fechá-lo, de que sôbre si existe uma crosta impenetrável, impossível de romper, e neste caso desespera, definha, mergulhado na profunda tristeza da miséria, — o que é uma fôrça que se perde; ou cria coragens novas para a revolta, arregimenta-se contra as classes que formam a camada superior do solo social e, nessa luta insensata, morre ainda, destruindo, subvertendo o que o tempo tanto custou a acumular. Qualquer uma dessas hipóteses é sugestão natural do *Germinal*, e consigna, nestes tempos em que a ciência procura tudo conciliar e só cogita nos meios mais eficazes, pelo menos para moderar os conflitos incessantes, um verdadeiro desvio de orientação.

---

A obra de Zola, dia a dia, vai se acentuando pelo lado socialista.

Mas é preciso que todos se convençam de que o socialismo é um brado, um aviso, se quiserem, das agonias que laboram nas entranhas das nações envelhecidas e sem válvulas de segurança, das sociedades que, como a grande União Americana, não têm, na descentralização, o remédio sedativo para essas convulsões animais.

O socialismo é uma sublevação da natureza bruta, não é um fato de razão, um ato de seleção consciente no corpo complexo de que fazemos parte.

Zola, portanto, corporizando êsse hausto doentio, que pede apenas derivativos, pelo modo sistemático por que o fêz, não procede como um artista que ama a terra de onde extrai os mármores para sua obra escultural.

Sei perfeitamente que, afinal de contas, os seus livros são o que são, porque não podem ser outra coisa. Questão de tempera-

mento. Em todo caso, porém, deve haver um paradeiro contra a maldade orgânica, inconsciente.

O romancista, o moralista moderno, que aspira verdadeiramente a êste nome, o fisiologista-psicólogo não pode, impunemente, desprezar os processos profiláticos. Se o romance quer, hoje, um lugar entre os meios arregimentados para a educação dos povos, se a educação moderna pretende colocar-se ao par das ciências mais importantes, nada mais razoável do que exigir dêle que, antes de tudo, seja higiênico. Não se grita a todo instante que a higiene é a base de todo êsse edifício intelectual, estético, moral que se chama — o homem? Não consagram Spencer e Bain capítulos especiais a êsse monumental assunto?

Pois sejamos coerentes e classifiquemos à parte, com rótulo especial, os produtos esporádicos da imaginação humana que estão fora do quadro dos alimentos necessários ao espírito.

O médico prudente, quando reconhece que ao estado do doente é prejudicial uma certa ordem de idéias, a contemplação de certos aspectos naturais ou sociais, estabelece-lhe um cordão sanitário e prescreve-lhe um meio mais ou menos artificial, que possa associar-lhe idéias restauradoras e equilibrar-lhe as fôrças.

Sei que me hão de lembrar Rabelais, Juvenal e o próprio Shakespeare. Mas, para rebater a objeção, basta recordar que as incongruências dêsses autores geniais não constituem regra, nem formam a medula de suas obras, aonde, antes de tudo, encontra-se a natureza no seu mais complexo e prismático desenvolvimento, — harmônica, grandiosa, nutriente em todos os seus contrastes. Um exemplo disto é o *Ricardo III*, de Shakespeare, aonde Gloucester, discípulo de Maquiavel, para subir ao trono e manter a sua política nefanda, comete as maiores atrocidades, revelando um dos caracteres mais negros e tredos que se conhece em literatura. E o poeta, para descrevê-lo com verdade, reúne as côres mais cruas do seu mágico pincel. Não obstante, a tragédia não se tinge dêsse pessimismo que envolve todos os livros de Zola. A razão é simples: Shakespeare descrevia o mal sem consubstanciar-se com êle, e sabia libertar-se dos seus personagens, — isto é, tratava-os objetivamente, não os enegrecia com as tintas do seu temperamento exclusivo. Shakespeare era um *myriad-minded*.

O mesmo se encontra no *Hamlet* e no *Rei Lear*, que são a própria melancolia posta em cena.

II

*A Semana*, 20, 16-5-1885

– Em que consiste o desvio de que [se] acusa o autor do *Germinal*?

Esta pergunta, que me fazem os amigos, obriga-me a responder-lhes insistindo mais profundamente sôbre a tese já por mim reproduzida algures contra o chefe do realismo.

O desvio consiste em um pessimismo que forma tôda a medula de seus livros. Êste é, talvez, inconsciente. A perversidade está simplesmente em êle procurar a todo transe exercê-la como arma de combate, pestiferando tôda uma atmosfera intelectual; e, por infelicidade, a exerce com o mais prefeito conhecimento de causa, com um superior talento de político. Basta ler os seus livros intitulados: *Mes haines, Une campagne, Les documents littéraires,* e compará-los com os seus romances, para reconhecer-se que existem dois Zolas muito distintos. Um, fundamental, filho de Taine, fortalecido pelos processos do mestre; outro, revolucionário, polemista, constituído chefe de bando, procurando atacar os inimigos pessoais, nutrindo ódios implacáveis, iludindo os discípulos aqui, fazendo concessões acolá, às suas exigências partidárias, mas, em última análise, conseguindo manter o mando em todo o seu vigor; o Zola, enfim, que pouco caso faz do que diz, pela transitoriedade dessas mesmas blasfêmias *saugrenues*.

Não é dêste que me ocupo; sim, do primeiro, que é o Zola que me interessa, – o da *Faute de l'abbé Mouret,* de algumas cenas da *Curée* e da última parte do *Germinal*.

Sabem todos o que existe de sugestivo no método de Taine. Abusando-se um pouco do vocabulário, poder-se-ia afirmar que êste crítico não passa de um romancista psicológico *manqué*. A sua teoria do caráter predominante, junta a uma análise pacientemente sistemática, é o melhor método que conheço para obter-se as situações e os elementos necessários a um romance realista. Quem quiser aprendê-lo, é só folhear as *Notas Sôbre a Inglaterra* e prestar atenção ao modo cuidadoso por que êsse escritor vai agrupando demoradamente, primeiro, todo o material indispensável à construção de um cenário; depois, os costumes, depois os círculos, as tintas da vida exterior e as da interior, as instituições e prejuízos e, finalmente, os personagens. Ora, Emílio Zola, na primeira parte de sua vida literária, não teve outra lição senão esta; e até o seu estilo ressente-se de

uma profunda semelhança com o do mestre, o que não é senão uma conseqüência do seu processo causativo, minucioso. Como, porém, não há lição que consiga *in totum* sufocar os impulsos naturais, com o autor do *Assommoir* deu-se o seguinte: Êsse sentimento do grande e do forte, ou melhor, o espírito de sistema que constitui o traço característico de Taine não tardou em desalojar-se do cérebro do imitador, para ser substituído pela preocupação do doentio e do assombroso. Zola, na essência, era uma alma talhada do mesmo barro de que a natureza tirara o poeta dos *Châtiments*. Educado, porém, em um meio todo saturado de positivismo, experiências fisiológicas, completamente afogado em ciência, hipnotizado pelos resultados extraordinários do experimentalismo, em vez de, como V. Hugo, entrar pela metafísica da alma e construir capítulos descrevendo uma tempestade no crânio de João Valjean e viagens nos refolhos da consciência de Gilliat, o solitário lutador do Oceano, embarafustou-se pela metafísica do temperamento e começou a edificar os leitores com as cenas e estudos que conhecemos. É fatal, portanto, que o chefe da escola experimental no romance siga o seu caminho e satisfaça todos os caprichos de sua natureza *hanté*.

O que, entretanto, não resta dúvida, é que êle bem podia modificar êsse *hantement*, buscando equilibrar-se em um mundo de idéias mais lógico do que aquêle em que vive vitorioso, como a águia que galgou o último pináculo e sustém a espada vingadora do extermínio. Êsse equilíbrio poderia resultar-lhe da aceitação da doutrina psicológica, única que convém ao romancista sem *parti pris*.

*A Semana*, 21, 23-5-1885

Na impossibilidade de resumir aqui as idéiaas emitidas sôbre êsse momentoso assunto por Spencer, Bain, C. Bernard, Virchow, St. Mill, Lewes e outros, seja-me lícito transcrever as palavras de Siciliani, nos seus *Prolegômenos à Psicogenia Moderna*, comentando o aforismo que mais circula hoje no mundo científico, de que "o fato psíquico e o fato fisiológico são irredutíveis aos olhos da ciência", ou, em têrmos mais positivos, — que o homem é impotente para explicar como o movimento se transforma em movimento, como as leis objetivas se convertem em subjetivas.

> No número incomensurável de idéias novas e originais do nosso século, — diz aquêle autor italiano, — existe uma de que pouco caso se tem feito, mas que se deve assinalar como a grande descoberta, a descoberta por excelência do espírito filosófico moderno: é, para

me servir da feliz expressão que St. Mill empregou contra o espírito sistemático de Augusto Comte, a de deixar abertas certas questões: expediente admiràvelmente adotado, não a fazer ciência, e ainda menos metafísica, mas a avançar com solas de chumbo no caminho modesto, sensato e seguro.

É sabido que, para os espíritos preguiçosos, não pode haver maior tortura do que êsse estado de tensão contínua. A crítica é a única condição do século, e, em matéria psicológica, não há progresso possível sem o duplo estudo da alma pelos processos da análise e síntese, tanto objetiva como subjetiva. Foi êsse o método que adotou o grande Spencer no seu tratado de psicologia, e daí tôda a energia das suas proposições.

Emílio Zola, querendo, entretanto, dar-se uma educação filosófica, com suas tendências revolucionárias e a sua natureza profundamente idealista, repelido das ensanchas que poderia dar à sua imaginação pelo receio de passar por um atrasado metafísico, atirou-se ao extremo oposto. Declarou-se pela fisiologia e procurou extremar, no romance, e de um modo dogmático, as experiências de Claude Bernard. Dêsse passo errado resultaram ao escritor duas conseqüências lamentáveis, porém enormemente lógicas, conseqüências da adoção de um método contrário a uma fulgurante índole literária: — a primeira foi o pessimismo, e a segunda, a lacuna que muitos já têm notado nos seus personagens, a falta de psique. É preciso explicar o fato. Os personagens de Zola não denunciam, nos seus atos, nos sentimentos, a existência dos grandes centros aonde se elaboram os fenômenos da responsabilidade, da estesia, da energia, etc., etc. Os seus Coupeau, Eugênio Rougon, Lantier, etc., não passam de puro mecanismo da animalidade. Dessa circunstância, não podia, pois, deixar de nascer um certo vazio na sua obra; outro resultado não podia vir dêsse método impróprio e antiliterário.

Creio na química psicoliterária como na verdade, e aceito como fato verificado que idéias sistemáticas, lançadas no espírito de indivíduos dotados de certo temperamento, produzem os mesmos resultados que o álcool e outras substâncias tomadas em doses tóxicas.

Não há quem ignore a vida de Edgar Poe, os fenômenos que o alcoolismo produziu nessa privilegiada organização, desagregando os centros de atividade, fazendo-o, durante a terrível nevrose, perder a noção da realidade, substituindo-a pelo assombroso-extraordinário de um modo tão lógico como é lógica a própria loucura, que não é outra coisa mais do que a perda da seriação conjunta. Pois bem, Zola marcha para um estado igual, mas determinado por causa científica.

Socorrendo-me de uma divisão que o seu amigo, o russo Turguenev, fêz da sociedade em três camadas, compreendendo a primeira os seletos, a segunda os médios e a terceira os monstros, posso dizer que a sua incipiente nevrose literária o colocou em um daltonismo tal, que não o deixa ver senão os monstros, direi melhor, as monstruosidades fisiológicas.

---

Quando assisti, aqui, à representação da *Teresa Raquin*, pela Pezzana, houve, na admirável execução do papel da Sra. Raquin por aquela atriz, um traço que profundamente impressionou-me: foi o olhar da velha paralítica, que acompanha os assassinos do filho, durante os últimos atos da peça. Êsse olhar é uma coisa terrível, indefinível, porque não é o olhar humano: é uma vibração sem nome na fisiologia, que só se encontra nos epilépticos, nos convulsionados pela nevrose, na morte dos centros diretores, na inconsciência, na anarquia da matéria organizada. Pois bem, êsse olhar sem nome, ou a sensação que êle causa, é a nota predileta do mestre e percorre tôda a sua obra como uma alma insensata, como a alma do pavor: — a marselhesa da nevrose que avança proclamando a aniquilação da consciência, o nada do esfôrço, do *nisus* moral educativo.

Enquanto a grandes teses criminais, Zola, seguindo as naturais conseqüências do método que o avassala, chega aos piores resultados.

Eu, pelo menos, creio que existem quatro tipos distintos de organizações humanas.

*a*) O homem impenetrável ao crime, isto é, o dotado de tal estrutura e concomitantes hábitos mentais, que a simples idéia do mal constitui uma perturbação;

*b*) o indiferente, por vício de educação ou por falsa associação de idéias;

*c*) o doente;

*d*) e o monstro, ou o caso teratológico.

Maudsley, no *Crime e a Loucura* e *Patologia Mental*, e parece-me que Lombroso, no *Uomo Delinquente*, porventura, exagerando as causas complexas que produzem a penúltima classe, dão-lhe o máximo de importância. Há, mesmo, uma escola muito seguida, mas também condenada por boas autoridades, escola que teve em Brouvais um dos seus mais valentes cooperadores, a qual atribui o crime ùnicamente à enfermidade e trata de substituir o hospício à tão debatida penitenciária, tornando, portanto, inútil a *ameaça*

penal, que, quanto a mim, é, hoje, o único meio de educação coletiva possível para a classe mais extensa, que, incontestàvelmente, é a segunda.

O autor do *Assommoir* fatalmente considera o mundo um agregado de indivíduos mais ou menos alienados. Quando a sua obra estender-se um pouco mais, teremos uma gradação conseqüentemente pavorosa. Ei-la. Nos seus livros já apareceu o homem vesânico, por fôrça da vesânia de família; a família vesânica, por fôrça da vesânia do grupo napoleônico. Agora falta-lhe mostrar êsse grupo vesânico, por fôrça da vesânia do povo que o formou, o francês; êsse povo vesânico, por fôrça seletiva da raça latina, dessa raça que, como se sabe, produziu os Neros e os Calígulas, os Bórgias, o Papado e a inquisição; finalmente, teremos a raça latina vesânica, por fôrça do vinho que o pai Noé bebeu quando desalojou-se da arca bíblica.

E ainda, por cúmulo de conseqüência, diga-se, com Schopenhauer e Hartmann, com todos os pessimistas de todos os tempos, de todos os países:

— A vida não vale a pena vivê-la;

— Ao suicídio em massa!

Ou então, como o niilista Souvarine, o interessante herói do *Germinal*:

— *Ce sont des bêtises, messieurs.*

E façamos ruir a máquina social e moral, tão trabalhosamente arranjada pela natureza sob a nossa colaboração, com o mesmo desembaraço com que aquêle desalmado fêz inundar e perderem-se as galerias do Voreux.

# VICTOR HUGO

PUBLICAÇÃO NA REVISTA *QUINZENAL*, RIO DE JANEIRO
N.º 3, 6 JUNHO 1885.

Anno I Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1885 N. 3

# QUINZENAL

ASSIGNATURAS Côrte Trimestre 1$500

ORGÃO LITTERARIO, CRITICO E SCIENTIFICO

ASSIGNATURAS Provincias Trimestre.. 2$000

**Redactores responsaveis: – OLEGARIO DE SIQUEIRA e J. CESAR**

ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO—RUA NOVA D'OUVIDOR N. 15 (LOJA)

# HOMENAGEM A VICTOR HUGO

## QUINZENAL

*Rio, 6 de Junho de 1885.*

### VICTOR HUGO

A veneração é um sentimento que tende sempre a desviar o espirito de critica de seu verdadeiro objectivo.

De ordinario nossos pais representam, para nós o typo da perfeição e da inerrabilidade; e, quando por ventura, nosso espirito sobreleva pela educação ao delles, como que um certo pudor ou piedade filial se levanta para premunil-os d'esse grande dissolvente que se chama a critica. Tudo se póde distruir, menos os habitos sagrados constituidos pela familia, ultima illusão a banir-se da sentimentalidade humana.

Não ha quem ignore que foram estas disposições naturaes do homem que criaram as primitivas divindades O culto dos antepassados foi uma prolongação *post mortem* do respeito durante a vida. Não seria, portanto, sem grande violencia que nos abalançariamos a submetter aquelles que foram objecto de nossa veneração immediata aos processos de uma analyse impiedosa.

Ora, o que acontece com relação aos nossos maiores é natural que tambem succeda com os individuos que mais poderosamente concorram para a formação de nosso espirito.

O momento da morte por mais que se o deseje contestar, é um momento solemnissimo. E essa solemnidade ainda se torna mais soberana quando se vê extinguir-se uma phenomenalidade poderosa como era a do poeta dos *Chatiments*. E' o caso de dizer-se que as difficuldades do exercicio da critica tornam-se maiores. A emoção sopita o pensamento; o espirito, desequilibrado pelo profundo sulco deixado pela enormidade do mysterio, vacila e receia proferir um juizo duvidoso.

E' nestas occasiões que parece justo retirar-se esse instrumento e deixar-se que as tendencias vagas da alma se condensem na elegia.

---

Victor Hugo morreu.

Se é possivel avaliar a sua importancia como poeta e litterato pela impressão universal, que assoberba o mundo, elle foi um grande homem, só a posteridade, porém, está habilitada para confirmar este *verdict*.

Um homem que soube atravessar incolume um seculo como o XIX, que viu destruirem-se tres gerações bulhentas e conseguiu resistir a assimilações desencontradas, ao ulular das vagas philosophicas, conservando-se sempre erecto sempre cheio de sua projecção inicial, não póde ser uma vulgaridade.

Não obstante ha uma pergunta tremenda que se ergue no meio dessa gloria offuscante tão forte como a sua corôa de martyr patriota, como sua imaginação de poeta inexcedivel.

— Estava esse homem de accordo com as ideias caracteristicas de seu seculo? Identificára-se elle com a obra fundamental dos tempos que decorrem?

Respondem todos: não.

Mas então como alcançou esse espirito selecto influir tão profundamente, por tanto tempo, empanando com sua projecção fulgurante o brilho de tantos astros, mesmo mais intimamente ligados á placentaria oitocentista?

Que segredos possuiu esse genio para chegar a uma soberania indisputavel?

Satisfal-o uma unica palavra, ELLE foi o ultimo PROPHETA.

---

As contradicções do seculo XIX só se explicam pelas suas ligações intimas, secretas, com o seculo XVIII.

Depois do cataclisma de 89: depois das audiencias de Diderot, Condorcet, Bismarck; depois de desferido o movimento novo do pensamento pelos genios de Gœthe, na Allemanha, e dos philosophos discipulos de Hume na Inglaterra; subvertido o solo intellectual, derruidas as instituições no meio das zombarias do espirito voltaireano; fanatisados os destruidores pelo sentimentalismo agudo de Rousseau, —sobreveio aos povos civilisados, principalmente á França, um cançasso, um espasmo que os obrigou a recuar diante do abysmo immenso, que aquelle impulso lhes indicára como a sua mais logica consequencia.

Durante esse repouso, durante essa atonia, por uma lei fatal ligada ao progresso social, as habituaes ten-

lencias do espirito invadiram esse campo de pousio.

Na França, então, na terra de Malherbe e de Racine, porentre as ruinas e destroços deixados pelas batalhas travadas durante a republica, o imperio e a restauração, vegetou, rompeu as urzes, e erigiu-se esgalhando-se ao sol brilhante uma arvore colossal, forte, — um roble emfim que chegou a fazer esquecer a realidade das ruinas.

Essa arvore imaginosa symbolisava a necessidade de uma reconstrucção do pensamento, que se destroçara ao sopro dos quatro ventos em lucta horrenda.

Esse roble gigante era a ODE, a elação potente do espirito para o incognoscivel, a transubstanciação do novo seculo n'um *sursum corda* universal.

O espirito da humanidade precisava-se retemperar para a nova lucta; como o individuo fatigado pelas emoções da vida dos grandes emporios retirava-se até as solidões, mergulhava-se em si mesmo para esquecer-se de uma realidade que o assassinava.

A arvore obumbrou-se um dia regada pelas lagrimas da musa do religioso Chateaubriand, e em torno della foram-se congregando a pouco e pouco todas as saudades e reminiscencias do passado. Desse consorcio da desordem com a ordem, dessa infiltração do sentimento da saudade com a nostalgia que Balanche chamou celestial, sobre a convulsão originada no seculo passado, sahiu o hibridismo romantico-moderno.

O enthusiasmo converteu-se em uma vertigem opposta ao phenomeno que se havia operado anteriormente. Todas as manifestações lyricas *creanças*,—é o termo:—e em volta da linha suprema que se perdia na aspiração infinita, rodopiaram, a par da expressão legitima, todas as extravagancias de que é capaz a imaginação, solta e liberta, após uma longa compressão, dos entraves da observação e da materia.

A phalange romantica é bastante conhecida para que me lembre agora de caracterisal-a neste ponto.

Não ha quem ignore em que consistiu o mysticismo do auctor de *Atala*, o lakismo de Wordsworth e Walter Scott, o satanismo de Byron, e outras feições erradias ou contradictorias do romantismo em absoluto,—a profunda anarchia esthetica, emfim, que se desencadeou sobre o mundo dos espiritos.

Essa tendencia que eu concretisei na ODE, e o eminente Gervinus, na sua *Historia do seculo XIX*, considera um phenomeno de origem germanica, confundindo com a sua essencia os elementos de expressão de que lançaram mão os primeiros poetas ou artistas feridos pelo mal: essa tendencia, repito, não era em absoluto, como bem pondera um critico italiano (1) senão *um accidente ou antes o effeito de uma lei historica inherente a todas as litteraturas e ainda mesmo á classica.*

Continuando na successão metaphorica começada... as ruinas do seculo passado converteram-se em um jardim kaleidoscopico. Não houve effeito optico, nem perspectivas que se não ensaiasse.

Quando esse paraiso surgio quasi completo na sua anarchia appareceu um grande protesto por parte de representantes de um problematico classismo. A rhetorica, voltada á calma e uma tranquillidade relativa, pretendeu alinhar esses productos hybridos e formar uma Salento litteraria.

Foi Victor Hugo quem com sua cohorte brilhante se oppoz á semelhante intervenção. A sua obra não foi, portanto, como muitos suppõem uma obra de revolução, mas de defesa contra uma tardia restauração.

Como um architecto supremo elle então, que trazia na sua possante e sadia estructura o sonho physiologico, a visão de uma consciencia pacata, e um dom de expressão sonoro como o chrystal, solido como o ouro, elle pensou em resumir aquella vida em todas as suas variedades. Hugo encarnou a ode em toda a sua elevação: transformou o roble n'uma enorme columna de bronze, em cujo aspiral foi gravando a pouco e pouco esses trabalhos rutilos, esses condores orientaes, essas cathedraes gothicas, e esses sonhadores do oceano, esses criminosos ideiaes que marcam toda a evolução do seu genio poetico. E' nisso que está toda a sua supremacia e a sua notavel differença dos que o imitaram ou que elle mesmo imitou.

Hugo antes de tudo pontificou e prophetisou; e fel-o com a calma daquelles que julgam ter attingido os segredos da vida.

Os seus maiores rivaes, não só em quanto ao ponto de vista, como a sua indole, foram João Paulo Richter, na Allemanha, Landor e Carlyle, na Inglaterra: todos estes, porém, não tiveram a mesma confiança no seu genio; soffriam de convulsões magestaticas e não poderam escapar a obsessão da realidade.

Hugo fez pelos meios artisticos o mesmo que Augusto Comte pelos philosophicos. Condensou um mundo e n sua cabeça, nelle acreditou, ajoelhou-se e orou. Ambos tiveram a mesma preoccupação da humanidade.

A sua propria elevação, a sua vida condoriana, luminosa, impedi-o de observar o que se passava surdamente em torno dessa especie de vale feliz onde Rasselas crescia.

O microscopio não trabalhava em balde. Os factos compendiavam-se, e as especialidades conspiravam de todos os pontos do mundo em enviar aos centros scientificos meios de confirmar as audacias do seculo derruido.

V. Hugo passou estranho a isso. Muitas vezes sorrio queimado pelo

sopro da sciencia; e sem protesto vio resvalarem pela sua chlamide profetica os productos antecipados, talvez temporões da escola que o deveria succeder. Assim morreram antes delle Balzac, Stendhal, Flaubert e outros.

A sua imperturbabilidade, entretanto, permittio-lhe assistir á propria apotheose. Do alto da columna bronzea o grande homem quasi que vio concretarem-se as conclusões definitivas do seculo XIX.

Tal triumpho não podia ter logar diante da legenda desse velho.

O povo ainda o contemplava com pasmo e admiração para que se conseguisse eliminal-o sem escandalo, sem uma grande dôr.

Para a maior parte V. Hugo ou a idéa que elle representava era a garantia do socego e do repouso.

Antes de atirarem-se no golphão da ciencia era indispensavel abraçarem-se com o idolo nacional.

Nesta phrase tem-se a explicação de toda a enorme influencia exercida por esse homem atravez de um seculo inteiro, sem que esse homem fosse a exacta representação da época, se não a expressão da sua vacilação, dos terrores que lhe inspirava um problematico e archi-scientifico futuro.

ARARIPE junior.

Rio, maio de 1885.

---

(1) Vid. Trezza, *La critica moderna*, pag. 302 e seguintes. « Nenhum phenomeno melhor do que este demonstra a lei da evolução historica; temos a evolução antiga do romantismo e a moderna, que não são dous phenomenos contrarios, mas dous modos diversos de ser do mesmo phenomeno...»

E' assim que Trezza encontra no *Alceste*, na *Phædra* e na *Medea* de Euripides a embriogenia de todo o romantismo de Shakespeare e Gœthe, que possteriormente fez explosão em pleno seculo XIX. Este phenomeno Spencer (*Primeiros principios*) explica, sem mais preambulos, pela lei do rythmo, e eu penso dar-lhe existencia concreta e litteraria na ode, formula esthetica, positiva, desse estado da consciencia humana, completamente opposto á *descriptura*, caracteristico da phase realista, ou das tendencias objectivas. A *ode* imperou em tudo, durante o romantismo. O que são o *D. Juan* de Byron e a *Notre Dame*, de Hugo se não odes invertidas e complexas?

Na Inglaterra litteraria contemporanea esse alcance, combinado, ou melhor, resistindo á pressão do ambiente profundamente philosophico, creado pela raça e outras causas adjacentes e pela força differenciadora dos seus pensadores; na Inglaterra esse alcance parece querer accentuar alguma cousa de novo e rebelde que talvez tenha ainda de entrar em composição com o espirito positivo da época.

Swinburne e Mrs. Elisabeth Browning soltam notas que o idéalismo de Hugo não attingiu.

---

## Victor Hugo

Poeta dos poetas sonhadores,
alma feita de estrellas e de flores
e mais pura que as perolas mais puras.

já não és mais, mas o teu nome fica
como exemplo que as almas purifica,
um grande exemplo ás gerações futuras!

CARLOS COELHO

---

## Victor Hugo

A Humanidade acaba de soffrer o mais rude golpe—a morte de Victor Hugo.

A Humanidade, dissemos, porque o Genio não conhece patria restricta, circumscripta ao lugar do nascimento que, neste caso, é um facto meramente accidental.

Sua patria foi todo o mundo, porque todo o mundo o estremecia e era delle estremecido.

As nacionalidades, para elle, sumiam-se ante a grande entidade, para quem trabalhava e que o victoriava, — a familia humana.

Criança, um grande homem chamava-o — *L'enfant sublime*; ancião, o mundo chamava-o: Mestre.

A Gloria foi-lhe ao encontro, a Fama coroou-o.

Foi o defensor dos opprimidos.

Por isso, a queda de seu corpo foi ouvida em toda a parte, ao mesmo tempo e com a mesma magua.

Grande, como o seculo que o viu nascer e morrer, encheu-o com o seu nome aureolado em vida pelas ovações de todos os povos cultos, civilisados.

O seculo XIX não se deve chamar o seculo das *luzes*, deve-se chamar o seculo da LUZ!

E a LUZ foi Victor Hugo!

EDUARDO CARVALHO.

## Victor Hugo

A minha debil voz, a voz das ovações,
ao grande mestre Hugo casar tambem se deve;
que fale, pois, por mim o verso de Camões:
— « Ditosa patria que tal filho teve. »

ALFREDO DE MAGALHÃES.

---

## Un grande tumulo

A catastrophe que acaba de convulsionar a França é uma catastrophe universal.

E' este abalo medonho, semelhante ao que produziu a quéda de Napoleão quando rolou pelos rochedos de Santa Helena.

E, se este, na phrase de alguem, devia ter por jazigo um tumulo de granito fundido pela mão de Deus qual deverá ser o de Victor Hugo?

Para esta «sublime criança» talvez fosse pequeno o tumulo que encerrou Christo!...

AUGUSTO CAMISÃO.

---

## Dezenove annos depois

(NAPOLEON LE PETIT)

A França, essa bella França, scenario dos mais esplendidos e dos mais horrorosos dramas politicos, não póde sustar o profundo golpe em sua liberdade, no celebre 2 de Dezembro de 1851.

Um homem, porém, reivindicou a honra da patria, publicando um livro que foi o grito de alarma o—*Credo in Dio*,—que convulsionou todas as camadas sociaes.

Lêde o ultimo trecho do livro, *Napoléon le petit*, e que a imprensa deste paiz aprenda a dirigir a opinião publica

GARLOUT

---

## O genio e o Sol

« Victor Hugo morreu! » E repetida
vai esta phrase echoando no universo
como se fosse algum sublime verso
desse que dizem ter deixado a vida

Tambem o sol na senda costumada
todos os dias some-se no ocaso;
mas alguem diz que ao astro-rei acaso
faltou a vida, succedeu-se o nada »

.....................................................

.....................................................

O genio é como o sol, um sol de Gloria.
Victor Hugo é um Genio, a Liberdade,
e muito mais: é o sol da Humanidade
e Genio, por Oriente tem a Historia.

H. ADERNE.

—

## Uma homenagem

—

Hoje que o mundo inteiro se curva respeitoso sobre o tumulo do gigante do seculo: pranteando amargamente a sua morte; hoje que eu vejo estampado em o semblante de todos o mesmo signal de pezar, deslizando em todas as faces a mesma lagrima de dor, não podia deixar de me vir associar tambem a esse pezar que a todos opprime, a essa dor que a alma de todos dilacéra, e prantear a sua morte prematura.

Morte prematura sim, porque Victor Hugo só devia de morrer no seculo vindouro. Só devia de morrer no seculo vindouro afim de que este seculo que tantas vezes se cobrio de galas para saudar grandes descobertas, inventos maravilhosos, no ultimo periodo de sua duração não se visse forçado a envolver-se em crépe para chorar a morte daquelle que mais o honrou, daquelle que mais renome lhe deu, daquelle que só de per si era o bastante para o glorificar, para o immortalizar.

Victor Hugo era digno de ter tido o berço, como o teve, no seculo XIX, porém o seculo XIX é demasiadamente pequeno para servir de tumulo a Victor Hugo.

A homenagem pequena quanto ao merito; mas grande, immensamente grande, quanto á intenção, que nestas poucas linhas venho render á memoria de Victor Hugo, é feitá não ao poeta, não ao romancista, ao dramaturgo, ao homem de lettras, emfim, porque nunca fui tão ousado que me atrevesse a enfrentar com o sol, mas tão sómente ao bom chefe de familia, ao amigo das crianças, ao pai dos desgraçados, ao protector dos infelizes.

E, como tal, lastimo sinceramente não poder pôr em pratica uma ideia que me agita o cerebro, não poder revestir com as fórmas da realidade uma utopia que tenho em mente, porque só assim eu podia prestar a maior homenagem que me era possivel prestar á memoria daquelle que baixando ao tumulo elevou-se á eternidade da historia.

Queria poder chegar junto de minha mãe e supplicar-lhe um carinho, junto de meu pai rogar-lhe a sua benção, perto de minha irmã implorar-lhe um sorriso, junto de minha noiva pedir-lhe um osculo, e com esse osculo, com esse sorriso, com esse carinho e com essa benção que para mim constituem o que ha de maior, que synthetizam o que ha de mais caro na minha existencia, formar uma corôa e depois reverente ir depol-a no tumulo que encerra o maior homem do seculo XIX.

EUGENIO DE MAGALHÃES.

—

## O Mestre

Não choremol-o não... se essas dores supremas
Geram sombria noite em nosso ser magoado
Em nossa alma se arqueia
Cada folha immortal de seus immensos poemas
Como um céo constellado
Desses eternos sóes: o canto, a estrophe e a idéa.

EUCLYDES CUNHA.

—

## Victor Hugo

.....................................

Quando nada mais tivesse que o recommendasse ás gerações—presente e porvir—bastava-lhe o amor... A caridade com que sempre se houve para com os pobres e opprimidos!.........................

.....................................

— Admirado pelo seu genio, não o foi menos por essas virtudes, e a ellas deven, em parte, a gloria do seu nome e a sua immortalidade!

Glorificado, pois, duplamente: na terra e no céu.

JERONYMO GUIMARÃES.

—

## Victor Hugo

Uma estrella cadente atravessando o espaço
Deixa um rastro de luz por um instante só:
Mas, nunca hade apagar-se o rastro luminoso
Deixado por Hugo!

PAULO MARIO.

—

## Victor Hugo

Voltou a Deus, o Evangelista do seculo XIX, depois de propagar a doutrina de confraternisação da humanidade.

Advogou os direitos dos pobres.

Assignou a tutella das crianças.

Ensinou a amar o infortunio.

Combateu o homicidio official.

Foi soberano que teve por berço accidental a França; mas, era irmão e compatriota de todos os homens.

O seu reinado se prolongará em quanto perdurar a memoria de sua vida privilegiada.

OLEGARIO DE SIQUEIRA.

—

## Victor Maria Hugo

O ente predestinado que se chamou—Victor Maria Hugo,—veiu ao mundo envolto nas sombras da morte.

Todos os symptomas da inviabilidade caracterisaram o seu nascimento.

Deveu a sua quasi resurreição aos carinhosos desvelos daquella de quem mais tarde disse ser—filho duas vezes.

Teria essa mãe sublime a presciencia do futuro?...

Entreveria a aureola da immortalidade destinada ao entesinho que disputava ao tumulo?...... Talvez.

J. CESAR DE MAGALHÃES.

—

## Victor Hugo

Os estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo que se acham nesta côrte, reuniram-se no sabbado, 30 do passado, afim de tratarem da organisação de uma festa em homenagem ao grande poeta—Victor Hugo; e, para isso, passaram um telegramma a seus collegas actualmente em S. Paulo, participando-lhes dessa resolução.

TIP. ITALIANA DI LEO F. SPANDONARI, TRAVESSA D'OUVIDOR N. 15

A veneração é um sentimento que tende sempre a desviar o espírito de crítica de seu verdadeiro objetivo.

De ordinário, nossos pais representam, para nós, o tipo da perfeição e da inerrabilidade; e quando, porventura, nosso espírito sobreleva pela educação ao dêles, como que um certo pudor ou piedade filial se levanta para premuni-los dêsse grande dissolvente que se chama a crítica. Tudo se pode destruir, menos os hábitos sagrados constituídos pela família, última ilusão a banir-se da sentimentalidade humana.

Não há quem ignore que foram estas disposições naturais do homem que criaram as primitivas divindades. O culto dos antepassados foi uma prolongação *post mortem* do respeito durante a vida. Não seria, portanto, sem grande violência que nos abalançaríamos a submeter aquêles que foram objeto de nossa veneração imediata aos processos de uma análise impiedosa.

Ora, o que acontece com relação aos nossos maiores, é natural que também suceda com os indivíduos que mais poderosamente concorram para a formação de nosso espírito.

O momento da morte, por mais que se o deseje contestar, é um momento soleníssimo. E essa solenidade ainda se torna mais soberana quando se vê extinguir-se uma fenomenalidade poderosa como era a do poeta dos *Châtiments*. É o caso de dizer-se que as dificuldades do exercício da crítica tornam-se maiores. A emoção sopita o pensamento; o espírito, desequilibrado pelo profundo sulco deixado pela enormidade do mistério, vacila e receia proferir um juízo duvidoso.

É nestas ocasiões que parece justo retirar-se êsse instrumento e deixar-se que as tendências vagas da alma se condensem na elegia.

★

Victor Hugo morreu.

Se é possível avaliar a sua importância como poeta e literato pela impressão universal que assoberba o mundo, êle foi um grande homem; só a posteridade, porém está habilitada para confirmar êste *verdict*.

Um homem que soube atravessar incólume um século como o XIX, que viu destruírem três gerações bulhentas e conseguiu resistir a assimilações desencontradas, ao ulular das vagas filosóficas, conservando-se sempre ereto, sempre cheio de sua projeção inicial, não pode ser uma vulgaridade.

Não obstante, há uma pergunta tremenda que se ergue no meio dessa glória ofuscante, tão forte como a sua coroa de mártir patriota, como sua imaginação de poeta inexcedível.

— Estava êsse homem de acôrdo com as idéias características de seu século? Identificara-se êle com a obra fundamental dos tempos que decorrem?

Respondem todos: NÃO.

Mas então, como alcançou êsse espírito seleto influir tão profundamente, por tanto tempo, empanando com sua projeção fulgurante o brilho de tantos astros, mesmo mais intimamente ligados à placentária oitocentista?

Que segredos possui êsse gênio para chegar a uma soberania indisputável?

Satisfá-lo uma única palavra, ÊLE foi o último PROFETA.

---

As contradições do século XIX só se explicam pelas suas ligações íntimas, secretas, com o século XVIII.

Depois do cataclismo de 89; depois das audiências de Diderot, Condorcet, Bismarck; depois de desferido o movimento novo do pensamento pelos gênios de Goethe, na Alemanha, e dos filósofos discípulos de Hume, na Inglaterra; subvertido o solo intelectual, derruídas as instituições no meio das zombarias do espírito voltaireano; fanatizados os destruidores pelo sentimentalismo agudo de Rousseau, — sobreveio aos povos civilizados, principalmente à França, um cansaço, um espasmo que os obrigou a recuar diante do abismo imenso que aquêle impulso lhes indicara como a sua mais lógica conseqüência.

Durante êsse repouso, durante essa atonia, por uma lei fatal ligada ao progresso social, as habituais tendências do espírito invadiram êsse campo de pouso.

Na França, então, na terra de Malherbe e de Racine, por entre as ruínas e destroços deixados pelas batalhas travadas durante a república, o império e a restauração, vegetou, rompeu as urzes e erigiu-se, esgalhando-se ao sol brilhante, uma árvore colossal, forte, — um roble, enfim, que chegou a fazer esquecer a realidade das ruínas.

Essa árvore imaginosa simbolizava a necessidade de uma reconstrução do pensamento, que se destroçara ao sôpro dos quatro ventos em luta horrenda.

Êsse roble gigante era a ODE, a elação potente do espírito para o incognoscível, a transubstanciação do novo século num *sursum corda* universal.

O espírito da humanidade precisava-se retemperar para a nova luta; como o indivíduo fatigado pelas emoções da vida dos grandes empórios, retirava-se até as solidões, mergulhava-se em si mesmo para esquecer-se de uma realidade que o assassinava.

A árvore abumbrou-se um dia, regada pelas lágrimas da musa do religioso Chateaubriand, e em tôrno dela foram-se congregando a pouco e pouco tôdas as saudades e reminiscências do passado. Dêsse consórcio da desordem com a ordem, dessa infiltração do sentimento da saudade com a nostalgia que Ballanche chamou celestial, sôbre a convulsão originada no século passado, saiu o hibridismo românticomoderno.

O entusiasmo converteu-se em uma vertigem oposta ao fenômeno que se havia operado anteriormente. Tôdas as manifestações líricas *criaram asas*, — é o têrmo; — e em volta da linha suprema que se perdia na aspiração infinita, rodopiaram, a par da expressão legítima, tôdas as extravagâncias de que é capaz a imaginação, sôlta e liberta, após uma longa compressão, dos entraves da observação e da matéria.

A falange romântica é bastante conhecida para que me lembre agora de caracterizá-la neste ponto.

Não há quem ignore em que consistiu o misticismo do autor de *Atala*, o laquismo de Wordsworth e Walter Scott, o satanismo de Byron e outras feições erradias ou contraditórias do romantismo em absoluto, — a profunda anarquia estética, enfim, que se desencadeou sôbre o mundo dos espíritos.

Essa tendência que eu concretizei na ODE, e o eminente Gervinus, na sua *História do Século XIX*, considera um fenômeno de origem germânica, confundindo com a sua essência os elementos de expressão de que lançaram mão os primeiros poetas ou artistas feridos pelo mal; essa tendência, repito, não era, em absoluto, como bem pondera um crítico italiano, [1] senão *um acidente, ou, antes, o efeito de uma lei histórica inerente a tôdas as literaturas e ainda mesmo à clássica.*

---

1 V. Trezza, *La critica moderna*, pág. 302 e seguintes. "Nenhum fenômeno melhor do que êste demonstra a lei da evolução histórica; temos a evolução antiga do romantismo e a moderna, que não são dois fenômenos contrários, mas dois modos diversos de ser do mesmo fenômeno..."

É assim que Trezza encontra no *Alceste*, na *Fedra* e na *Medéia* de Eurípides a embriogenia de todo o romantismo de Shakespeare e Goethe, que posteriormente fêz explosão em pleno século XIX. Êste fenômeno, Spencer *(Primeiros Princípios)*

Continuando na sucessão metafórica começada... as ruínas do século passado converteram-se em um jardim caleidoscópio. Não houve efeito óptico, nem perspectivas que se não ensaiasse.

Quando êsse paraíso surgiu quase completo na sua anarquia, apareceu um grande protesto por parte de representantes de um problemático classicismo. A retórica, voltada a calma e uma tranqüilidade relativa, pretendeu alinhar êsses produtos híbridos e formar uma Salento literária.

Foi Victor Hugo quem, com sua coorte brilhante, se opôs a semelhante intervenção. A sua obra não foi, portanto, como muitos supõem, uma obra de revolução, mas de defesa contra uma tardia restauração.

Como um arquiteto supremo, êle, então, que trazia na sua possante e sadia estrutura o sonho fisiológico, a visão de uma consciência pacata e um tom de expressão sonoro como cristal, sólido como o ouro, êle pensou em resumir aquela vida em tôdas as suas variedades. Hugo encarnou a ode em tôda a sua elevação; transformou o roble numa enorme coluna de bronze, em cuja espiral foi gravando a pouco e pouco êsses trabalhos rútilos, êsses condores orientais, essas catedrais góticas e êsses sonhadores do oceano, êsses criminosos ideais que marcam tôda a evolução do seu gênio poético. É nisso que está tôda a sua supremacia e a sua notável diferença dos que o imitaram ou que êle mesmo imitou.

Hugo, antes de tudo, pontificou e profetizou; e fê-lo com a calma daqueles que julgam ter atingido os segredos da vida.

Os seus maiores rivais, não só enquanto ao ponto de vista, como à sua índole, foram João Paulo Richter, na Alemanha, Landor e Carlyle, na Inglaterra; todos êstes, porém, não tiveram a mesma confiança no seu gênio; sofriam de convulsões majestáticas e não puderam escapar à obsessão da realidade.

Hugo fêz pelos meios artísticos o mesmo que Augusto Comte pelos filosóficos. Condensou um mundo em sua cabeça, nêle acre-

---

explica, sem mais preâmbulos, pela lei do ritmo, e eu penso dar-lhe existência concreta e literária na ode, fórmula estética, positiva, dêsse estado da consciência humana completamente oposto à *descritiva*, característico da fase realista, ou das tendências objetivas. A ode imperou em tudo durante o romantismo. O que são o *D. João* de Byron e a *Notre Dame* de Hugo senão odes invertidas e complexas?

Na Inglaterra literária contemporânea, êsse alcance, combinado, ou melhor, resistindo à pressão do ambiente profundamente filosófico, criado pela raça e outras causas adjacentes e pela fôrça diferenciadora dos seus pensadores; na Inglaterra, êsse alcance parece querer acentuar alguma coisa de novo e rebelde, que talvez tenha ainda de entrar em composição com o espírito positivo da época.

Swinburne e Mrs. Elizabeth Browning soltam notas que o idealismo de Hugo não atingiu.

ditou, ajoelhou-se e orou. Ambos tiveram a mesma preocupação da humanidade.

A sua própria elevação, a sua vida condoriana, luminosa, impediu-o de observar o que se passava surdamente em tôrno dessa espécie de vale feliz onde Rasselas crescia.

O microscópio não trabalhava embalde. Os fatos compendiavam-se e as especialidades conspiravam de todos os pontos do mundo em enviar aos centros científicos meios de confirmar as audácias do século derruído.

V. Hugo passou estranho a isso. Muitas vêzes sorriu, queimado pelo sôpro da ciência; e sem protesto viu resvalarem pela sua clâmide profética os produtos antecipados, talvez temporões, da escola que o deveria suceder. Assim, morreram antes dêle Balzac, Stendhal, Flaubert e outros.

A sua imperturbabilidade, entretanto, permitiu-lhe assistir à própria apoteose. Do alto da coluna brônzea, o grande homem quase que viu concretarem-se as conclusões definitivas do século XIX.

Tal triunfo não podia ter lugar diante da legenda dêsse velho.

O povo ainda o contemplava com pasmo e admiração para que se conseguisse eliminá-lo sem escândalo, sem uma grande dor.

Para a maior parte, V. Hugo, ou a idéia que êle representava, era a garantia do sossêgo e do repouso.

Antes de atirarem-se no gólfão da ciência, era indispensável abraçarem-se com o ídolo nacional.

Nesta frase tem-se a explicação de tôda a enorme influência exercida por êsse homem através de um século inteiro, sem que êsse homem fôsse a exata representação da época, senão a expressão da sua vacilação, dos terrores que lhe inspirava um problemático e arquicientífico futuro.

# OS NOSSOS LIVROS

TROPOS E FANTASIAS

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO. ANO I.
N.º 34, 22 AGÔSTO 1885, PP. 3-4.

É o título de um pequeno livro escrito com estilo, em Santa Catarina, por dois moços que nunca de lá saíram, Virgílio Várzea e Cruz e Sousa.

Nesse fato está o seu maior elogio. Em verdade, publicar um trabalho literário em uma terra onde a imprensa mal serve para o escoamento do expediente das repartições públicas e da intriga já significa alguma coisa, muito mais ainda se êsse trabalho tem colorido e recomenda-se por uma forma até certo ponto nova, cuidadosamente rebuscada.

Os Srs. Várzea e Cruz e Sousa deram, pois, uma prova de vitalidade, não sucumbindo à ação de um meio tão ingrato como é aquêle dentro do qual acham-se mergulhados; mostram talento, pondo-se, através de tantas dificuldades físicas e morais, em contato ou em relações de simpatia com os espíritos que dominam o nosso século literário.

Os *Tropos e Fantasias,* quando outra qualidade não tivessem, seriam objeto de curiosidade pela audácia que revelam. Seus autores, filiando-se à escola naturalista, atiram-se às formas literárias cultivadas por E. Zola e Eça de Queirós com um entusiasmo frenético, só comaparável à ansiedade e aos deslumbramentos de *pionnier* que pela primeira vez penetra em uma jazida aurífera.

Daí uma conseqüência. O estilo ressente-se das irregularidades e incongruências que se encontram na primeira fase de todo o desenvolvimento orgânico. Atrofias e hipertrofias que só virão a desaparecer com a integração final.

Completamente despreocupados dos radicais do pensamento, os Srs. Várzea e Cruz e Souza fazem com a frase, com o período, o mesmo que os miniaturistas com os seus artefatos. Pouco se importam que a lâmina da espada brilhe ou corte, contanto que os copos ofereçam aos olhos de quem o empunha uma obra de buril cheia de mágicos rendilhados.

As páginas, os pequenos contos do livrinho que tenho em cima da pasta, não passam, portanto, de fragmentos de talentos que ainda não tiveram tempo de comportar-se. A palavra, o período está completo, perfeitamente afinado pelo diapasão da escola; mas sente-se que, no meio de todo aquêle jôgo de expressões, de imagens, de idéias esfuziadas, falta alguma coisa essencial.

Essa coisa é o complemento da vida na frase: — é a certeza ou o isocronismo da função, resultante do perfeito acôrdo entre o pensamento e a palavra, de modo que esta não seja mais intensa do que aquêle, e vice-versa.

O tempo se encarregará de corrigir êsse defeito. Quando amadurecido o espírito dos autores, pelo exercício e pela observação dos fatos exteriores, não lhes custará substituir a ênfase pela expressão exata e profunda.

Há uma verdadeira e real classificação para o estilo dêsses moços : — um ensaio de coloridos, de tintas acres, em uma palhêta empunhada por mão nervosa.

Percebe-se, da primeira vista, que os dois pintores ainda não dispõem do segrêdo da união dos grupos ou partes diversas que compõem a paisagem.

# O VOLAPUQUE

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO II. VOL. II,
N.º 63, 13 FEVEREIRO 1886, P. 84; N.º 64, FEVEREIRO 1886, PP. 90-91.

*A Semana*, 63, 13-2-1886

Os especialistas são de opinião que, constituindo a linguagem articulada um produto espontâneo, inconsciente, da atividade humana, torna-se inútil tôda e qualquer tentativa no sentido de universalizar uma das línguas existentes, ou de criar um sistema de símbolos fônicos capaz de suportar tôdas as resistências idiossincrásicas dos povos conhecidos, — uma língua, enfim, que possa, não só satisfazer as tendências do chinês, como do inglês e do espanhol.

Essa opinião encontrava ampla justificação no malôgro de tantas tentativas até hoje feitas para dotar a humanidade com um órgão de comunicação comum. Não há quem ignore o que neste sentido realizaram Leibniz, Wilkins, Bachmeier e outros. Diversos congressos se têm reunido para resolver essa questão; mas pena é dizer que nem os esforços coletivos dos sábios mais competentes chegaram a um resultado definitivo. E por quê?

Responde o Sr. Aug. Kerckoffs, professor da *Escola dos Estudos Superiores Comerciais*, de Constança, [1] que pela razão mui simples de que êsses propagandistas não prestaram atenção ao lado prático da questão e, "ou construíram sistemas pasigráficos, ùnicamente compreensíveis por meio da leitura, ou então línguas sòmente acessíveis a inteligências de primeira ordem".

Estas dificuldades, parece, entretanto, dando crédito ao referido professor, que foram, afinal, vencidas pelo eminente poliglota Schleyer, depois de um profundo estudo de 20 anos.

O volapuque surge, portanto, do cérebro de um sábio moderno, como Minerva do cérebro de Júpiter.

Vejamos as suas credenciais, e se há fundamento em acreditar que desta vez a *língua universal* se vai tornar em fato, dando lugar à criação de tantas cadeias de volapuque, à imitação da do Sr. Kerckoffs, em Constança, quantos colégios e escolas existirem espalhados pelo globo.

Schleyer começou por tomar como base de seu trabalho certos característicos dos diferentes idiomas da Europa, excluindo as dificuldades de pronúncia que interessam ao inglês, ao francês e à

---

[1] *La langue commerciale universelle*, p. 8.

mor parte das línguas eslavas; simplificou a pronúncia e limitou as combinações gramaticais ao núcleo comum de tôdas essas línguas; quanto à acentuação, tão difícil de sustentar de língua para língua, êle cortou o nó górdio adotando a francesa, no que, a meu ver, andou com o máximo critério; pois que, neste ponto, conciliou o selvagem com o civilizado. É sabido que o tupi, bem como a mor parte das línguas americanas, não sofrem o acento senão na última sílaba. [2]

No que respeita à construção, ainda o sábio lingüista aproximou uma das línguas mais cultas da Europa das línguas rudes da América e da África, — pela construção direta.

Na parte morfológica, a simplificação chega a seu auge.

Suprimem-se os gêneros artificiais; os adjetivos são invariáveis, como no inglês; um só paradigma para a conjugação dos verbos.

Nada mais lógico, simples e bonito; e o professor aludido chega a garantir que, para quem esteja familiarizado com as línguas romanas, não será necessário mais de um mês para aprender o volapuque com o auxílio do dicionário de Schleyer e de qualquer uma das gramáticas que hão sido publicadas na Alemanha.

Desde que manuseei a gramática de Kerckoffs, convenci-me da possibilidade da propaganda e considerei-me logo fervoroso aderente da nova língua.

Não obstante, não pequenas divergências surgiram-me no espírito no momento em que fui obrigado a pensar em uma tendência que se acentua cada vez mais nas línguas do Ocidente e que não foi perfeitamente estudada no volapuque.

Refiro-se à tendência analítica dessas línguas.

Pois bem. Schleyer, apesar de ter inventado uma língua tão analítica como as que mais o são presentemente, cedendo, talvez, a preconceitos de escola, deixou de dar ao volapuque tôda aquela *elasticidade* de que dependerá, talvez, não digo a sua aceitação, mas a sua conservação no mundo civilizado.

★

*A Semana*, 64, 20-3-1886

Adotando a definição mais consentânea com o espírito moderno, direi que a gramática é a classificação dos fatos da linguagem. [3]

Se essa classificação dá-se em ordem cronológica, ou segundo a evolução natural, temos a gramática histórica; se em ordem sin-

[2] Batista Caetano, *Estudo sôbre o Abanheenga.*

[3] "Gramática é a exposição metódica dos fatos da linguagem." Júlio Ribeiro, *Gramática Portuguêsa*, 1; Whitney, *Essentials of English Grammar*, 4-5.

crônica, a gramática comparada; se na razão da progressão intuitiva, passamos ao método gramatical, arte ou gramática aplicada.

As duas primeiras classes interessam tão sòmente aos homens de ciência; a última é a que se dirige ao povo.

Sendo a subordinação desta às duas primeiras uma coisa manifesta, o que resulta daí é que existirão tantos métodos quantos os pontos de vista de escolas.

Ora, o Sr. Schleyer, autor do volapuque, construindo uma língua nova, sob o plano de uma gramática lógica, deduzida de fatos observados, foi obrigado a cingir-se a um sistema, dando, portanto, ao produto de seu trabalho uma direção rigorosa.

Vejamos os defeitos do seu ponto de partida.

O volapuque é uma língua boppiana, isto é, funda-se sôbre a coordenação dos fatos da linguagem criada pelo notável glotólogo alemão, apenas modificada por Schleicher, Max Müller e outros.

No fundo, o sistema repousa em um vício de exclusivismo, que está em via de ser condenado e remetido para o museu da sempre nova e sempre velha ciência da linguagem.

A idéia de que as raízes correspondem a categorias do pensamento e que, por uma fôrça de aglutinação renovadora, conseguiram dar às línguas a feição atual é um falso pressuposto que não pôde sustentar-se por tantos anos senão por uma ilusão científica, que a pouco e pouco se vai dissipando.

Preocupados com os fenômenos objetivos, receosos da metafísica e empenhados em dar às suas conclusões o máximo rigor científico, Bopp e os seus discípulos concentraram todos os seus esforços na estrutura material da palavra, desprezando os fenômenos que não tivessem corpo; e por êste modo deplorável reduziram a glótica a simples observação do fonetismo.

Pela fônica tudo se explicava. A ciência, no fim de certo tempo, tornou-se uma coisa estéril.

O que devia suceder, sucedeu.

Apareceu a reação. Havia já fonética demais. Era indispensável entrar em um caminho novo e aproveitar tanto material laboriosamente condensado em uma comparação de ordem superior. Começou o estudo comparativo e paralelo dos fenômenos externos da linguagem com os internos.

Surgiu, então, uma nova camada de glotólogos, que, inspirando-se nos sábios conselhos de Spencer, [4] a exemplo de Littré, que já produzira Brachet [5] e, até certo ponto, Bréal, [6] foi fecundando o

---

[4] *Primeiros Princípios*, § 39, 112; *Psicologia*, §§ 392-395, 445, 494.

[5] *Dictionnaire étymologique*, *Introd.*, XXI.

[6] *Mélanges, Idées latentes de la langage*, 295.

novo método de estudos e terminou pelo movimento dos *Junggrammatiker*, na Alemanha. [7]

Não bastava estudar a influência da palavra material sôbre o pensamento, como fêz Max Müller; [8] era urgente compor o quadro estatístico e comparativo da pressão psíquica exercida sôbre a própria estrutura física da frase e da palavra.

As línguas progridem em virtude de duas fôrças coordenadas e diferenciadas pela disposição dos órgãos da palavra que se inclinam para estas ou aquelas degenerescências, segundo a variada combinação dos fatôres étnicos e mesológicos, de um modo fatal, e também pela disposição do espírito sempre ativo e criador, que, sujeito às leis psicológicas da analogia, muitas vêzes o faz saltar por cima de certas tendências fonéticas e interromper a genealogia, dando à história da palavra uma direção completamente nova.

É entre êstes dois pólos que a esfera da linguagem percorre a sua eclíptica.

O resto dos fenômenos deduz-se de meras determinantes, as quais, de um modo claro e compreensivo, vão gerar tôda essa variedade de formas que constitui a beleza dos idiomas, desde o inglês sóbrio e ultralógico, até o *patois bigarré* falado nos teatros cômicos do Brasil.

---

7 "No momento em que escrevemos", diz o descrente S. Reinach (*Philol. class.*, 2.º vol., Apêndice, 1884), "a antiga lingüística está por tal modo abalada, e a nova tão flutuante, que julgamos mais seguro, no texto dêste manual, acompanhar Bopp e Curtius, de preferência aos *Junggrammatiker*."

8 *Nouvelles leçons*, vol. 2.º.

# ENFERMIDADES ESTILÍSTICAS
# DA NOVA GERAÇÃO

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO II, VOL. II, N.º 65, 27 MARÇO 1886, P. 99; N.º 67, 10 ABRIL 1886, PP. 115-116; N.º 69, 24 ABRIL 1886, PP. 130-132; N.º 74, 29 MAIO 1886, PP. 173-174; N.º 76, 12 JUNHO 1886, P. 188; N.º 88, 4 SETEMBRO 1886, P. 287; N.º 101, 4 DEZEMBRO 1886, PP. 391-392.

*A Semana*, 65, 27-3-1886

SUMÁRIO: — *Os despojos de V. Hugo. — Antropomorfismo literário; hipertrofia da metáfora; perluxidade epitética; excessos na amplificação; desproporção na antitese. — Desequilíbrio psíquico entre a forma e o pensamento; esbatimento exagerado na descrição; frase cansativa. — Defeitos de métrica na linguagem. — Causas. — Zola e Richepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. — Seus representantes no Brasil.*

"Extraordinária coisa", diz Flaubert, "a dose de pouca fé na felicidade com que nasci! Logo em criança tive um pressentimento completo da vida. Senti como que um cheiro nauseabundo de cozinha escapando-se de um cano de esgôto. Não é preciso já ter comido para saber que é para causar vômitos."

Nestas palavras encontra-se resumida tôda a vida literária doentia e nervosa do infeliz autor da *Bovary*. Estilo sublime e torturado... mas à custa de quanto sofrimento!

Balzac, planturoso, cheio de vida e de amor pela realidade, sem as contorções que produz a contemplação de certos aspectos da natureza humana, é, incontestàvelmente, preferível.

Embora com um pé no romantismo e outro no futuro, êle soube ser mais homem do que quantos o sucederam e o imitaram. A verve era o seu segrêdo, e a imaginação, o seu motor.

Dêste potente engenho para cá, porém, quantas escolas têm surgido! quantos disparates literários acumulados! Com que variedade de fios e matizes se tem tecido essa tela a que damos o nome de literatura moderna!

Na França, entre o autor da *Comédia Humana* e o dos *Châtiments*, que de pretensões aparecidas! que de teorias e retóricas montadas, desmontadas!

No meio de tudo isto, há, porém, uma coisa que sempre sobrenada e não mente nunca. É o talento: é o gênio literário. Pouco importa que Flaubert, inspirando-se na sua índole e na observação do que o seu gênio especial lhe indicava, produzisse um tipo agonizante como o da infeliz Bovary.

Êle o fêz com um brilhantismo nunca visto: é quanto basta; mas o que não é curial é que procurem imitar as suas intenções orgânicas. Pouco importa que Zola, encontrando afinidades entre a sua e a índole daquele mestre, entrasse triunfalmente na arena da neocrítica, dando-se como musa a indignação e a vingança. Zola fê-lo a propósito, no tempo e no lugar aonde sua voz podia ser legìtimamente ouvida e reverenciada. O êxito o justifica; mas o que não se justifica é que, fora dêsse meio, tentem vibrar uma corda à marselhesa, só compreensível pelo diletantismo do povo de cujas fibras foi construído o instrumento em que o mestre se exercitava.

Seja, porém, como fôr, com escolas ou sem elas, é inevitável que a crítica, de vez em quando, lance um olhar retrospectivo sôbre essas operações coletivas da arte humana.

---

Se a seleção é a vida, também é a morte. Depois do satanismo de Byron e da unção poética de Chateaubriand, dois filhos do mesmo pai, apenas diferentes por temperamento, malcriado um e sonso o outro, não houve poeta que tanto sugerisse filiação no mundo literário como V. Hugo. Êle, a *ode ambulante e multiforme* tocou em todos os sentimentos do século e exibiu-os com a mais alta cenografia. O grão-mágico, porém, tinha um defeito imenso, que não vem ao caso aqui explicar, porque seria necessário subir o rio da crítica genealógica, — o defeito de só jogar com dois elementos literários, a alegoria e o contraste, duas formas da metáfora e da amplificação perigosíssimas, tôda vez que se não tem gênio para se não cair na sensaboria.

V. Hugo injetou êsse veneno em alta dose nas veias das gerações que se sucederam. Nos países latinos, desde 1830, através das tendências de otimistas, de pessimistas, de diletantes, romanticistas, realistas, impressionistas, naturalistas, etc., etc., tem sido a nota hugoana a que tem predominado.

É inútil fugir; daqui, dali, desfibrado qualquer poeta, no fundo, é V. Hugo.

E Baudelaire? É Hugo com a máscara de Edgar Poe. E Leconte de Lisle? Hugo com a sobriedade de um erudito filósofo. E Coppée? Hugo em miniaturas. E Richepin? Hugo no deboche, Hugo embriagado e obsceno.

E assim todos, salvo as tendências que vivem prêsas e enjauladas, à espera de um *fiat* obscuro.

Pois bem: essa seleção hugoana, um choque com as operações do espírito moderno, tem degenerado num *patois* literário que não pode constituir ainda uma língua forte, lógica e concisa.

O gênio de V. Hugo, decompondo-se no ânimo dêsses novos espíritos que ainda conservam as feições do pai inteiras, tem dado, nos últimos dez anos, produtos que arrepiam os cabelos. Imagine-se uma igreja católica, paramentada para os grandes efeitos de uma festa religiosa, que, de súbito, ao som das trombetas do carnaval, fôsse invadida pela rapaziada burlesca dos cafés, e se deixa despojar das ricas alfaias, custódias, castiçais de prata, opas, balandraus e todo o resíduo de uma gigantesca acumulação. Uns escalariam os altares e, sobraçando imagens, sairiam a adorá-las no canto dos botequins; outros, envergando as capas de asperges, iriam às *maisons dorées* afetar um estilo sublime ao lado das cocotes; outros, mais audazes, pondo as mitras à cabeça, atirar-se-iam aos *meetings* de verbo alto, a profetizarem coisas funambulescas.

Eis, em traços rápidos, o quadro da divisão dêsse *novo império de Alexandre.*

O que resta saber é se decaímos ou nos levantamos.

Há quem afirme que as épocas chamadas da decadência são mais férteis em engenhos do que as que se gloriam de séculos históricos.

★

*A Semana*, 67, 10-4-1886

Sem ter-me deixado entrar no âmago das minhas idéias, um distinto crítico d'*O País* interrompeu-me, achando contestável as proposições por mim emitidas, relativamente a V. Hugo.

Em primeiro lugar, não pretendi combater a *hugolatria;* apreciei-a como um fato consumado, que teve sua razão de ser, em seu tempo. Em segundo, não confundi o temperamento do poeta da *Legenda dos Séculos* com os de Leconte, Baudelaire, Coppée e outros. Com efeito, cada um dêsses indivíduos tem seu caráter acentuado. Não tomei o ponto de vista dos temperamentos; tomei, sim, o da *influência educacional,* ou de escola; coisa muito diversa. E todo o mundo sabe que os caracteres mais opostos podem, pelas circunstâncias, comungar à mesma mesa. O que sucede é que, muitas vêzes, uma natureza visìvelmente realista vê-se, pela fôrça do tempo, a adotar cânones idealistas, e vice-versa.

Zola, por exemplo, aproxima-se mais de V. Hugo do quem mais o possa ser. Entretanto, os seus processos são inteiramente opostos ao mestre.

Quando me referi a V. Hugo, condensei nêle tôda a última fase do Romantismo. Sôbre o que não resta dúvida é que, por isso mesmo, foi que êsse poeta exerceu uma obsedação que ainda hoje atua no mundo; até num "poeta livre" de Inglaterra, o grande Swinburne.

Dirigi minha atenção para aquilo que mais fàcilmente cai sob o domínio da observação comum — os efeitos de educação literária. Eis tudo.

---

Continuando:

Dizia eu que há quem pense que as épocas de decadência são mais férteis do que qualquer outra em engenhos. Não é sem fundamento que assim pensam certos críticos. Bourget, por exemplo, é de opinião que "os cidadãos de uma decadência são inferiores, como operários da grandeza do país, mas é incontestável a sua superioridade, como artistas do interior de sua alma".

"Pela palavra — decadência", acrescenta êle, "designa-se, de ordinário, o estado de uma cidade que produz um grande número de indivíduos incapazes de trabalhos atinentes à vida comum."

Para chegar a essa conclusão, Bourget parte da teoria que considera a sociedade como um organismo, resolvendo-se em uma federação de organismos menores, que, por sua vez, resolvem-se em uma federação de células.

> O indivíduo, — continua o mesmo, — é a célula social. Para que o organismo total funcione com energia, é necessário que os organismos competentes funcionem também com energia, mas subordinada; e para que êstes organismos menores funcionem com energia, é necessário que as células componentes do mesmo funcionem, mas com energia subordinada. Se a energia das células liberta-se, os organismos que compõem o organismo total cessam, paralelamente, de subordinar sua energia à energia total, e a anarquia que se estabelece constitui a decadência do conjunto. O organismo social não escapa a esta lei, e êle entra em decadência imediatamente que a vida individual se exagerou sob a influência do bem-estar adquirido e da hereditariedade. Uma lei igual governa o desenvolvimento e a decadência dêste outro organismo que se chama linguagem. Um estilo de decadência é aquêle em que a unidade do livro se decompõe para deixar lugar à independência da página, em que a página se decompõe para deixar espaço à independência da frase, e a frase, à independência da palavra.

O conceito é mais que verdadeiro, e resulta do próprio método dos mestres da crítica contemporânea.

Se, por exemplo, manusearmos os 2.º e 3.º volumes da *História da Literatura Romana*, de S. Teuffel, veremos como e porque a decadência que se seguiu ao império foi mais propícia do que o próprio século de Augusto ao aparecimento de homens como Tácito, Juvenal, Lucrécio, porventura as organizações literárias mais enérgicas que nos apresenta a antiguidade, sem exceção mesmo da Grécia.

O fenômeno mais curioso que há a observar, nesses períodos, é o desenvolvimento da literatura *poissarde,* ao lado dos produtos verdadeiramente geniais, e a dificuldade que o vulgo encontra em, dadas certas circunstâncias, distinguir o falso do verdadeiro.

Nestas condições, a literatura que se tornou clássica divide-se em formas divergentes, do mesmo modo que as línguas, cujo desenvolvimento as acompanha. Vêem-se, então, três espécies de autores, que se cruzam em suas pretensões diversas e formam uma dissonância às vêzes horrível: — o erudito retórico, que mantém os cânones intatos; os independentes, que têm fôrça para agitar-se nesse meio dissoluto, sem perderem a inspiração nem as verdadeiras tradições; finalmente, os indisciplinados, que, fora de qualquer regime, mas destituídos de orientação, atiram-se, com sua mediocridade, atrás de um jargão sem nome, imodesto e detestável. As obras dêstes últimos pululam e afogam o século.

Quando tomei V. Hugo como ponto de partida para a apreciação da nova fase literária do ocidente, foi justamente convencido de que nenhum poeta, mais do que êle, em seu tempo, teve qualidades e viveu em condições para exerecer em tamanho grau uma absorção capital. De 1830 para cá, pois, o autor do *Châtiments,* é todo o Romantismo, até mesmo com suas evoluções parciais.

A grande orquestra literária foi regida por êsse mestre dos mestres. Nunca conseguiram arrancar-lhe a batuta da mão; e, se alguns instrumentos novos e dissonantes se insinuaram sob o seu regime, acaso passaram despercebidos para uns e detestados para outros.

O seu prestígio durou demais, e até prejudicou a expansão de verdadeiros gênios.

Sobra de razão teve, portanto, Zola em considerá-lo um rochedo pôsto no meio da estrada, a embaraçar as aspirações da nova geração.

E — coisa estranha! — morreu o grande homem, e ainda influi! Literàriamente falando, já êle tinha morrido havia muitos anos, desde que começou a escrever a *Arte de ser Avô,* e, no entretanto, o cadáver dêsse velho, como o do Antar da lenda árabe, em pé, encostado ao seu cavalo Abjir, junto à entrada do desfiladeiro, continha ao longe os beduínos que, à traição, o haviam ferido, até que a formosa espôsa houvesse chegado a salvo à tenda de seus pais.

Hugo, ferido pelas setas envenenadas de Darwin, conserva-se, não obstante, de pé, impedindo que a sua musa, a musa do Romantismo, fôsse conspurcada à sua vista.

Aproximam-se, agora, do desfiladeiro os audazes beduínos. Tomba o esqueleto; mas ainda assim há um pavor inspirado por êste grande morto.

Mas, em suma, em que consistiu a língua falada por êste *divino*?

Defini-la-ei em duas palavras.

V. Hugo pertencia, pela raça e pelo temperamento, à ordem dos profetas, isto é: tinha uma natureza capaz de tôdas as intuições, mas impotente para o mínimo esfôrço de análise.

Nunca o autor da *Legenda dos Séculos* conseguiu verificar suas idéias, nem abandoná-las e tornar a chegar a elas pelos processos da observação. A conseqüência necessária disso foi que, desde o momento em que a sua alma chegou ao maior grau de intensidade possível, o homem, não achando a explicação dos fenômenos que se passavam na câmara escura do pensamento, tirou uma conclusão!

— Eu sou um inspirado!

É inútil dizer o que foi êste homem na segunda parte de sua vida. Não há quem não tenha assistido às suas missas pontificais.

Essas cerimônias, ou antes, — a publicação de suas obras, não consistem senão na exibição colossal das côres e das riquezas prismáticas que o seu gênio inconscientemente colhera em viagens mentais diversas, através da Bíblia, do Oriente, da Idade Média, etc., etc.

Tudo quanto de rico, grandioso, monstruoso e abstruso se encontra nessas províncias do pensamento, seu espírito aglutinou e polarizou, depois de filtrado pela ampliação e pela metáfora.

★

*A Semana*, 69, 24-4-1886

É bastante conhecido o fenômeno pelo qual, no princípio, se denunciou a atividade intelectual do homem, — o antropomorfismo. Embora não fôsse o único propulsor do desenvolvimento psíquico, — na época em que a atenção se dispersava, desconexa e incoerente, incapaz ainda das diferenciações que hoje acentuam a potência científica do homem, contudo, o antropomorfismo constituiu um dos mais fecundos e eloqüentes mananciais de idéias e futuras coordenações mentais.

As sensações produzidas pela influência do mundo externo, combinando-se com os produtos do animismo, deram ocasião a tôda essa floração confusa, variada, que o crítico muitas vêzes contempla, abismado e pasmo.

Não há instrumentos de análise para o tempo em que, provàvelmente, o homem confundia em um mesmo bloco, em uma mesma ilusão, aquelas duas ações, — o sujeito e o objeto; a fisiologia só dá conta, por analogias descobertas na criança e no selvagem africano inferior, do período em que o mortal, emergindo dêsse caos psíquico, ora deixa-se arrastar pela violência das impressões originadas dos fenômenos exteriores, era pelas convulsões que o pesadelo

e a nevrose, desencadeando no íntimo da alma, tentavam projetar fora. Êsse duplo movimento, a que Oliveira Martins, nos seus *Mitos Religiosos*, ou, antes, Spencer e Lubbock, nos seus trabalhos antropológicos, dão o nome de famílias de mitos paralelos, acompanhou todos os povos durante os ciclos míticos respetivos. O espírito humano, porém, representado pelas nações civilizadas, não perdeu o vinco dos moldes primitivos. Ainda hoje, essa tendência de cissiparidade perfeitamente caracterizada no folclore, fenômeno de supernaturalismo e persistência tradicional, mantido por uma lei já verificada em zoologia, apresenta-se de um modo assaz apreciável nas composições literárias as mais suspeitas de independência e insurreição. No meio da maior variedade de caracteres e temperamentos literários, é facílimo determinar até que ponto êste ou aquêle tipo fêz regresso ao molde primitivo, enfileirando-se inconscientemente, ou entre os *assombrados*, isto é, os que olham demais para os duendes que existem dentro de si, ou os *maravilhados*, que conversam com os astros e transportam as vacas de Caco para o céu, em forma de nuvens.

Quem, comparando Flaubert com V. Hugo, não reconhecerá que o primeiro seria uma vítima do animismo, e o outro, do antropomorfismo, se ambos vivessem em estado selvagem nos bosques da África ou das ilhas oceânicas?

Pois bem; é para essas influências capitais que chamo a atenção agora, porque delas deriva tôda a inteligência do método de crítica adotado. Elas são a chave de muito segrêdo, que nem mesmo a análise exaustiva do caráter dos escritores consegue desvendar. Basta muita vez um acidente mórbido, em combinação com o exagêro de qualquer destas direções do espírito humano, para explicar um livro aparentemente inexplicável.

V. Hugo foi um espírito desvairado pelo sentimento antropomórfico, tanto quanto é possível admitir-se essa influência no seio da educação científica moderna. A estrutura das suas idéias podia, ainda, sob a pressão da disciplina educacional, ter cedido à experiência, que reduz tudo ao mínimo; o seu estilo, porém, subjugado soberanamente pela vivacidade das imagens que lhe incutia a contemplação do cosmo, ressente-se dêsse vício na mais alta escala, o qual, no segundo período de sua vida, transformou-se numa quase-enfermidade. A metáfora hipertrofiou-se, anquilosou-se, e a abstração permanente veio a tornar-se, para êle, um estado incômodo, senão, mesmo, impossível. É assim que o mestre escreve e não consegue mais sair de páginas dêste sabor:

> O gaiato de Paris é respeitoso, irônico e insolente... Com Jeová presente, subiria, a pés juntos, os degraus do paraíso... Brinca na enxurrada e ergue-se *rebelião;* a sua desfaçatez persiste em frente da

> metralha; era um garôto, torna-se um herói... Êste filho do *lameiro* é também filho do ideal...
>
> O gaiato é uma *graça* para a nação, e, ao mesmo tempo, uma *doença:* doença que é preciso curar; como? por meio da luz...
>
> Paris é o teto do gênero humano... Apesar de tudo, Paris é um bom rapaz. Aceita soberanamente tudo: não é difícil no que respeita a Vênus, a sua Calipígia é hotentote: contanto que ria, anistia sempre: ...Paris é tão literário, que não tapa o nariz de Basílio e escandaliza-se tão pouco com a oração de Tartufo, como se espanta do *soluço* de Priapo. No perfil de Paris não falta a mais ligeira feição da face universal...
>
> Paris mostra sempre os dentes: quando não ralha, ri... O fumo que se eleva acima dos seus telhados são as idéias do Universo.

Propositalmente escolhi êstes trechos dos *Miseráveis*, por ser a primeira obra que êle publicou no seu segundo período literário, quando ainda não tinha chegado aos excessos do *Homem que Ri* e dos *Trabalhadores do Mar*.

Está bem visto que, de um artista nascido no século XIX, não é de esperar-se a crença absoluta no produto da metáfora; mas o que é fora de dúvida é que, para naturezas como a de V. Hugo, as imagens acabam por tornar-se uma obsedação, um processo exclusivo de pensar, de refletir. Ao autor dos *Miseráveis*, Paris não podia apresentar-se senão na forma concreta, como um mito. Desde que o espírito se desprendia da concreção e passava ao detalhe, o poeta expirava, a inspiração estava morta. Neste fato caracteriza-se todo o fenômeno que assinalei.

Há um historiador atualmente em voga, o autor da vida de Jesus, em quem já foi notada essa particularidade, apesar de ser um espírito fortalecido em todos os estudos do século XIX. Renan, ao contrário de Michelet, não pode compreender uma época, nem estudá-la, sem personificá-la em um vulto grandioso. O complexo não existe diante de inteligências tais. Roma, em certo tempo, é Marco Aurélio. A Judéia, o Nazareno.

A aproximação dêstes tipos esclarece melhor o meu conceito.

Como imediata conseqüência da hipertrofia da metáfora, surge a perluxidade epitética.

Quem tem noções de lingüística, sabe a importância que o epíteto exerce na linguagem. Ainda hoje digladiam-se os sábios sôbre saber o que foi que apareceu primeiro, se o substantivo ou o epíteto, — adjetivo, — questão bem semelhante à da precedência do ôvo ou da galinha. Não me ocuparei com isto, por ser coisa ociosa; mas, em todo caso, convém precisar os têrmos do debate. Os lingüistas mais adiantados estão de acôrdo no seguinte: que, segundo o princípio universalmente reconhecido, de que o mundo, tanto no todo como em suas partes, marcha do homogêneo para o

heterogêneo, no comêço, do mesmo modo que a inteligência, a palavra, sua legítima expressão, não devia passar de uma coisa amorfa, indistinta, inarticulada. É assim que Sayce, *Princípios de Filologia*, sustenta que a linguagem humana *começou pela frase*, isto é, por uma espécie de bloco indefinido, do qual gradualmente se destacaram a palavra, tal como nós atualmente a conhecemos, e, consecutivamente, as partes do discurso. Os franceses dariam a essa palavra holofrástica o nome de *grouillement*. Ora, admitida esta hipótese, a única consentânea com a teoria evolutiva, o que se segue é que nada mais absurdo do que questionar sôbre precedências. A cissiparidade explica tudo. O que havia, antes de se acentuarem os fenômenos gramaticais? Uma tendência difusa para a expressão do sentimento ou da idéia. Apenas operou-se o processo de difarenciação, coevo com o de articulação, que se acha perfeitamente explicado pela teoria de Striker, em seu livro *A Linguagem e a Música*, no que êle denomina revivescência de *imagens motrizes*, surgiram as partes essenciais do discurso, as únicas que, no estado rudimentar do pensamento, eram compatíveis com a atividade humana: o sujeito-objeto (substantivo primitivo) e a relação manifestada pela incorporação de um objeto a outro objeto, em vista da preponderância de caracteres (o adjetivo, ou atributo).

No princípio das sociedades, essa aglutinação, que começou logo ao desabrochar do pensamento, teve uma notável influência na direção das crenças e na formação das religiões; exagerando-a, porventura, e dando-lhe uma falsa interpretação, Max Müller chegou a sustentar como a única origem dos mitos.

Não há quem, hoje, observando uma criança, falar, não repare que, quando ela quer exprimir uma qualidade cuja fôrça significativa ainda não se destacou abstratamente em seu espírito, não faz outra coisa senão reunir ao sinal que se liga ao objeto conhecido o outro que indica o novo objeto. As duas imagens desde êste momento se fundem no espírito do infante, e as duas palavras, reagindo uma sôbre outra, aglutinam-se para nunca mais se desunirem. O adjetivo está presente, porque, em todo êste processo inconsciente, o que se evidencia é que não é da semelhança que nasce na nova criação, mas da diferença dos dois objetos, diferença esta que, ao mesmo tempo que é a base lógica do pensamento, pois pensar é comparar, é a da formação da linguagem.

*Homem-cavalo*, diz o menino, em seu jargão monossilábico, querendo falar de um indivíduo que o impressionou correndo muito ligeiro. E o que é certo é que o que se afirmou em seu intelecto foi a diferença que vai de um indivíduo pouco corredor para o quadrúpede veloz por natureza. O resíduo que fica dessa reação consolida-se no adjetivo qualificativo.

Na desordem, entretanto, das línguas, em seu período de formação, nota-se um fenômeno singular, que é a tendência do adjetivo, assim uma vez articulado, em tomar a posição do sujeito-objeto. Neste fato aparentemente insignificante, e não obstante de um alto alcance para a ciência da crítica, reside a origem da maior parte dos erros da humanidade. Êle, no princípio, perturbou a linguagem, em sua formação. Em épocas posteriores, perturbou, sob formas várias, a religião e a ciência: e ainda hoje atua na complexidade do desenvolvimento das literaturas.

Victor Hugo encontrou, na língua francesa, grande disposição para êsse desvio, apoderou-se dêle e exagerou-o quanto pôde. Darmesteter já estudou o fato, em sua obra intitulada *Formação das Palavras Compostas*, p. 244, sob a designação de *composição por aposição.*

> Victor Hugo (diz Ayer, *Gramática Histórica da Língua Francesa*, p. 327), em sua última maneira, fêz um uso excessivo dêste processo de composição, juntando dois substantivos, dos quais um transforma-se em epíteto do outro, como se vê no último trecho das *Contemplações: o mundo castigo, o astro espírito e o arcanjo sol, o cavalo-Brunchaut e o chão Fredegunda, o fumo Eróstato e a chama-Nero, o vulcão Alarico.* Esta espécie de compostos lembra os compostos por aposição, com a diferença, entretanto, de que, nêles, um dos dois têrmos é um nome concreto, e o outro, abstrato, ou, pelo menos, concreto empregado metafòricamente, de tal modo, que as duas palavras, reunidas, apresentem idéias de ordens diferentes: *o mundo castigo, o chão Fredegunda.* A simples aposição, ao contrário, reúne duas idéias do mesmo caráter, sempre simples, como: *couve-flor*, ou abstratas, como: *processo crime.*

O abuso ou o desenvolvimento irregular dessa tendência tem tido crises na história, que são conhecidas pelas denominações de *Eufuísmo,* essa mania plantada na Inglaterra durante o século 16.º por John Lyly, e o *Gongorismo,* reincidência da mesma moléstia, que teve sucesso na Espanha quase pela mesma época.

★

*A Semana*, 74, 29-5-1886

Voltaire, que, apesar de muito fecundo, — muito gaulês, usou de um estilo perfeitamente sóbrio; censurando o prêmio de amplificação que se costumava dar nos colégios de França, disse uma vez que êsse uso não tinha por outro fim senão ensinar a arte de ser difuso, quando o que se deveria ensinar era a condensar o pensamento e a tornar a frase forte e enérgica.

Ninguém estragou mais a amplificação do que V. Hugo. Em grande parte se pode explicar êsse vício pelo gôsto imoderado que se apoderou dêste artista pelo estilo bíblico.

O gênio semita no poema de Jó, nas lamentações de Jeremias, nas profecias de Isaías tinha o seu caminho traçado e deixava-se impulsionar por umas certas exagerações espontâneamente nascidas da situação do povo hebreu e da índole da língua que se falava no deserto. As manifestações estilísticas dêste povo, porém, transplantadas para o francês, e por um poeta igual ao dos *Châtiments*, não devia produzir senão a inchação. Faltava-lhe o essencial, a dinâmica de um sentimento correspondente.

Diz Renan (*Origem da Linguagem*, p. 191) que a língua hebraica, por ser um idioma "que pintava os objetivos por suas qualidades sensíveis, quase destituído de sintaxe, sem construção, privado dessas conjunções variadas que estabelecem entre os membros do pensamento as relações mais delicadas, tornava-se eminentemente própria para as *enérgicas declamações* dos Videntes e para a pintura de impressões fugitivas; mas era impossível a tôda especulação filosófica. Daí a conclusão de que seria tão difícil obter um Aristóteles ou um Kant com semelhante instrumento, como conceber um poema de Jó escrito nas nossas línguas metafísicas e refletidas".

"As línguas semíticas", diz ainda o mesmo escritor, "são, além disto, sem perspectiva, não sofrem agudezas, não têm meias-tintas ou claro-escuros", e "desconhecem essas longas espirais de frases (*circuitus, comprehensio*, como as denominava Cícero), dentro das quais os gregos e os latinos reuniam com tamanha arte os múltiplos detalhes de um só pensamento".

"Fazendo sucederem-se umas a outras proposições, empregando como único artifício a simples copulativa — e, — que era o segrêdo do período e supria tôdas as mais conjunções, os semitas desconheciam quase a arte de subordinar os membros da frase, sem inversões, não conheciam outro processo senão o da justaposição das idéias, ao modo da pintura bizantina."

Ora, de posse de uma língua assim organizada, e vivendo sob o clima das regiões da Arábia ou do Egito, prófugos e batidos na vastidão monótona do deserto, o hebreu, para cuja concentração de idéias tudo concorria, desde a religião até as mais insignificantes circunstâncias da vida exterior, o hebreu devia ser o amplificador por excelência.

Quando se tem uma idéia fixa, o único processo literário possível é a repetição da imagem com maior intensidade. Figure-se uma corda a vibrar sem interrupção, aumentando sempre o diapasão, e ter-se-á êsse processo.

O sentimento monostético do semita no deserto; a sua condição excepcional, não só de raça, como de povo, permitia perfeitamente essa tensão desesperada, sem romper-se a corda nem nulificar-se a impressão de quem lê o poema bíblico.

É assim que, desde o "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá", o livro de Jó é um crescendo horrível de desesperações e tentações, a contrastarem com a paciência do homem cheio de Deus e para êle voltado, e que só acaba diante do semblante daquêle que "todo o alto vê, que é Rei de todos os filhos da soberba, debaixo de cujas pegadas brilhará a luz, e que reputará o abismo como cheio de cãs".

Veja-se, agora, o que podia resultar dêste processo, transportado para outro cenário por um gênio fértil, pujante, imaginoso como o de V. Hugo.

O resultado seriam aquêles intermináveis capítulos dos *Miseráveis*, visando um único efeito final, e os ainda mais intermináveis do *Homem que Ri*, no fim dos quais se encontra uma surprêsa-Gwynplaine, isto é, um livro torturando-se a cada palavra, a cada página, a cada capítulo, perdendo a complexidade natural do assunto para condensar-se numa figura obsedante.

É preciso concordar que um fato desta ordem, num artista de nota, não se pode explicar senão por uma equivocação de intuitos. A natureza humana não permite essas *congéries* despropositadas, e a imaginação, sentindo-se fatigada, a todo o instante tenta libertar-se de um tamanho pêso, procurando novos horizontes, aspectos diferentes, contrastes, porém múltiplos e variados, mesmo porque é da comparação que surge a fecundidade da própria inteligência.

Quando o leitor acha-se por êsse modo gasto e extenuado, o poeta passa a tomar um tom enfático; e a ênfase é o suicídio do estilo, o sintoma mais evidente de que as relações psíquicas entre um e outro estão inteiramente cortadas, isto é, que o artista tem perdido o ponto de vista necessário para a produção dos efeitos que visa e, portanto, deixado de falar a língua única pela qual se deve fazer compreender.

Não é êste um fenômeno que tenha passado despercebido aos retóricos da antiguidade, e vemos que Longino, no seu tratado do *Sublime*, reparando a grande tendência que os oradores gregos tinham para essa insobriedade, estabeleceu uma distinção entre o sublime e a amplificação, que andava muito confundida pelas escolas, e fêz reconhecer que uma representa para o outro o mesmo papel que a alma para o corpo.

A amplificação, ensinavam os escritores daquele tempo, é um discurso pelo qual se dá grandeza ao assunto de que se trata. Longino contestava, e com razão, êsse preceito, declarando que nem a multiplicidade, nem a grandeza inculcada, conseguia dar elevação àquilo que de si mesmo não a tinha.

Assim, portanto, o poeta ou orador que não possuía, na ocasião, o calor natural e apropriado ao seu auditório, tentava embalde

encolerizar-se, *mudar de côr o gesto,* porque, não correspondendo êsses artifícios a um estado de consciência recíproco, não podiam, como bem diria um filósofo moderno, provocar as associações de idéias indispensáveis ao fenômeno da estesia.

*A Semana,* 76, 12-6-1886

A amplificação bem entendida pode considerar-se a palhêta onde êsse pintor chamado poeta combina as suas tintas, acomoda os seus pincéis e prepara os seus efeitos.

Ela, portanto, pode abranger todos os tropos, tôdas as figuras, todos os recursos do estilo. Proteu na frase, de sua estrutura original depende quase a feição de quem escreve.

Quem houver percorrido uma longa galeria de quadros, terá, por fôrça, notado, de uns espécimes para outros, senão mesmo de grupos, uma singular diferença, não tanto no modo de dispor as figuras na tela, como no colorido, no sombreado, na particularidade do tom.

Há composições que parecem envolvidas por um nevoeiro de um tênue azul. Aquelas ali, ao contrário, apesar de representarem, por exemplo, o crepúsculo tropical, em que tão belamente incidem os tons arroxeados, surgem feridas por clarões sinistros, avermelhados, cujo foco não se encontra na paisagem, mas que parece existir fora da tela. Aqueloutras, em que pese ao sol a pino, que fulmina as árvores e os rochedos, apresentam ao espectador aspectos sombrios, tristes, linhas escuras, recessos misteriosos, aonde a vista não acha senão um dia como pretexto à perspectiva de uma noite, e sem luar.

Tais diferenças chegam muitas vêzes a tomar proporções incômodas ao ôlho do observador; e se êle fôr mais do que um observador, se fôr um crítico de arte, dirá logo, folheando o seu Fromentin, que se trata de um abuso de côres ou de algum vício oriundo da confusão da arte do claro-escuro com o colorido.

Resultados semelhantes se descobrem nessa outra tela a que damos o nome de discurso.

Há escritores, há poetas que, por mais talento que tenham, nem sempre conseguem manter o ritmo das côres. E como existem côres mais apropriadas do que outras, para a representação de certos sentimentos, que lhes são mais familiares do que outros, ei-los a subordinarem desordenadamente tôdas as suas combinações a essa onda de tinta que se derrama, por assim dizer, pela palhêta, invadindo tôdas as intenções do pincel e obsedando o espírito do próprio espectador.

Sempre extremado em seus processos amplificadores, quando V. Hugo deixa a metáfora abater-se, quando as suas enormes figuras estoiram no espaço e esvaem-se como pesadelos, recomeçam suas agudezas, não sei se mais incomodativas: as hipérboles e as antíteses paradoxais!

O fato é tão verdadeiro e reconhecido, que um dos seus maiores adoradores, Edmundo de Amicis (*Retratos Literários*, p. 11), ousa dizer que, nestes momentos, "não é a palavra do homem que nós ouvimos, mas o ulular ou o balbuciar do furioso. Períodos enormes desencadeiam-se sôbre períodos enormes, como um desfazer de massas de neve, obscuros e pesados; outras vêzes são pequenos incisos sôbre pequenos incisos, cerrados e violentos como granizo, e os absurdos, as palavras ôcas, as *doidas hipérboles e os pedantismos* acotovelam-se, tumultuam, confusamente".

Ainda neste ponto o mestre afiou o gume do seu estro nas páginas das Escrituras Hebraicas, lição sob muitos aspectos perigosíssima, lição que quase perdeu o gênio de um orador português, o padre Vieira, transtornando um grande estilo, convertendo a eloqüência em uma manta de retalhos só digna das arlequinadas das feiras.

★

*A Semana*, 88, 4-9-1886

Compreende-se perfeitamente como Moisés e Isaías, só pelo artifício do contraste, conseguissem atingir êsse tão preconizado sublime bíblico.

Chateaubriand cita alguns versículos característicos do último e procura, com alguma habilidade, decompor a estrutura da frase do profeta.

> A terra cambaleará como um homem ébrio e será arrebatada pelos ares como tenda armada para uma noite. (Isa., XXIV, v. 20.)

O crítico classifica isto de sublime por contraste e acrescenta que todo o efeito nasce, nesse trecho, dos movimentos contrários que recebe o espírito, vendo essa esfera terrestre, que "nos parece tão vasta, desdobrada no espaço como se fôsse um pequeno pavilhão, e logo depois arrebatada, com a maior facilidade, pelo *Deus forte*, que a armou, e para quem a duração dos séculos não passa de uma noite rápida". (*Gênio do Cristianismo*, II, liv. 5.º, cap. 4.º)

A concepção semita, o sentimento particular entranhado no coração do profeta hebreu, a fixidez daquela imaginação que obrigava Jó a falar, com a convicção que resulta dos fatos reais, *no horror*

*de uma visão noturna e num espírito que passava por diante de seu rosto, fazendo eriçar de horror os cabelos e a carne;* tudo isto é suficiente para explicar a intensidade do fenômeno.

O mundo invisível dos espíritos era uma realidade para êstes homens; e o Deus dos Exércitos, que se anunciava no cume da montanha, entre raios e trovões, existindo apenas no recôndito das almas e no mais profundo dos espíritos, avultando sempre, e tão dilatado como dilatada é a imaginação perdida nos vastos desertos da Arábia; êsse Jeová terrível excedia a tudo e zombava das mais sagradas enormidades da natureza, porque o seu nome próprio era — Assombro. Ora, o sublime por antítese, que não venha selado com êsse profundo sentimento sugerido pela concepção semítica, não pode deixar de dissolver-se e dissipar-se; faltar-lhe-á o elemento essencial, que é a compreensão do fenômeno. Conseqüentemente, virá a declamação, o vazio, a caricatura, em lugar da grandeza.

Victor Hugo, impulsionado pelo gênio de sua raça a um naturalismo claro, brilhante, suntuoso, depois de havê-lo exagerado na ode, até chegar aos vícios que indiquei, pensou em traduzi-lo num estilo antagônico e impossível. "Um livro aonde há fantasmas", disse êle, "é um livro irresistível." O declive foi rápido e a vertigem precipitou-o no incongruente.

Imagine-se um poema védico vazado nos moldes da poética de Ezequiel ou de S. João. É o caos literário, porque os apocalipses mal podem conter as orgias da imaginação indo-germânica. O encontro de estilos tão opostos deveria produzir a conclusão e a difusão. Nem o abraço sensual com a natureza que nos absorve e com quem nos confundimos, nem a repulsa de uma substância desconhecida que se rebela e que reage. Semelhante antagonismo de raça não impediu que o panteísta enclausurasse sua inspiração genial dentro de um profetismo artificial. Daí o teísmo incoerente, incoercível, que caracteriza as produções de todos os poetas participantes da mesma índole, que não souberam, como Goethe, guardar diante dos mistérios da natureza aquela calma olímpica, aquela sobranceria científica que transluz no *Fausto.*

Ao lado do autor da *Legenda dos Séculos* agrupam-se Landor, Carlyle, João Paulo Richter e Quinet, — desencadeamentos de um mesmo sintoma, fruto de um metafisicismo sem nome, que tenta explodir através dos sonhos da civilização ocidental.

Sobram exemplos, na última parte da obra do grande poeta francês, do quanto o possuiu essa moléstia; fato que teria sido suficiente para arrastá-lo ao ridículo, se as suas asas não o salvassem do precipício.

Como classificar, por exemplo, frases iguais a esta?

O eu latente do infinito, eis o que é Deus. — Deus é o invisível evidente. — O mundo condensado, eis Deus. — Deus dilato, eis o mundo. — (*William Shakespeare*, p. 27).

Não há quem não tenha presentes os tópicos das repetidas cartas humanitárias que o poeta, depois que, como Jeremias, foi habitar nos rochedos de Guernsey, começou a escrever a propósito de tudo.

Eu não passo de um proscrito, mas vós sois um ministro.

Sou cinza; sois pó. Podemos falar de átomo para átomo. De um nada para outro nada, é permitido dizer algumas verdades... O que vale um homem enforcado! Um cordel que se puxa, uma viga que se desprende, um cadáver que se sepulta: eis tudo.

Senhores, êste cordel, esta viga, êste cadáver, êste mau patíbulo, imperceptível, esta miséria — é a imensidade.

É a questão social... mais ainda, é aquilo a que não se pode dar o nome da terra... O assassino, que, entre a manhã e a tarde, se converte no assassinado, eis o que é pavoroso; — uma alma que se evola segurando a ponta da corda da fôrca, eis o que é formidável.

A qualidade que os povos teutônicos mais apreciam em um poeta, afirma Philarète Chasles (*Estudos Sôbre a Literatura Inglêsa no Século XIX*, p. 89), é a energia, ou, como melhor o exprimiu Coleridge, — a *intensidade* do pensamento, do sentimento e da paixão. Essa intensidade, que não é tão escassa, como talvez se presuma, entre os povos vizinhos, não faltou de todo ao gênio de V. Hugo. Latino por índole, e principalmente por educação, mais em contato com as influências do ensinamento católico do que qualquer poeta do norte, o autor da *Notre Dame de Paris* foi verdadeiramente grande quando, desferindo os primeiros vôos, sua alma, no remígio da inspiração primitiva, procurou orientar-se na luz que vinha do seu berço oriental.

Não me refiro a essa série brilhante de dramas que constitui, porventura, um dos maiores padrões de glória do poeta, produções de um período durante o qual os cânones de uma escola nascente e a reação de um público inteligente deram a verdadeira medida ao seu talento, mas ao *Han de Islândia* e à *Notre Dame*, obras em que sua imaginação revôlta arroja-se, livre e franca, numa eloqüente expansão da vida universal. Personificações das fôrças da natureza, desenvolvimentos fatais e grandiosos da existência, aqui os personagens tomam proporções pròpriamente védicas. Mergulhando no *bas-fond* da Idade Média, quando êle volta à superfície, é trazendo essas figuras admiráveis que traduzem o destino dos povos e o *ananke* da humanidade. João Frollo, Quasímodo, a Esmeralda, Trouillefeu destacam-se do fundo do lameiro humano como verdadeiras transformações da ani-

malidade intelectualizada. O solitário de Jersey, porém, não tardou em converter todos êstes entes multiformes em demônios bíblicos. Tôda essa natureza orgiática, afundando-se na *bolgia* apocalíptica, a pouco e pouco foi assumindo sua alma nas obscuridades de quem *clama fora do deserto.*

A *Legenda dos Séculos* marca o ponto em que a veia naturalista do poeta torceu para o abismo e o arrastou para a velha idéia da redenção da humanidade.

> Exibir em uma espécie de espelho, — declara êle, prefaciando a obra, — sombrio e claro, essa grande figura, una e múltipla, lúgubre e radiante, fatal e sagrada, — o Homem; eis o pensamento do qual brotou a *Legenda dos Séculos*...
>
> A expansão do gênero humano de século em século, o homem subindo das trevas para o ideal, a transfiguração paradisíaca do inferno terrestre, a eclosão lenta e suprema da liberdade, direito nesta vida, responsabilidade na outra; uma espécie de *hino religioso* de mil estrofes, contendo, em suas entranhas, uma fé profunda, e no ápice, uma exaltada prece; o drama da criação iluminado pela face do Criador, — eis o que será, depois de terminado, êste poema em seu complexo.

Disse, em comêço, que o autor dos *Châtiments* não passava de um grande espírito desvairado pelo sentimento antropomórfico, que tornara-se, na segunda parte de sua obra literária, uma quase-enfermidade.

Esta proposição está perfeitamente justificada, enquanto ao primeiro ponto, pela enormidade de suas criações; a superfetação semítica explica razoàvelmente o vazio da metáfora hipertrofiada e da antítese sem vida real. E eis o resultado de um esfôrço estéril, empregado ùnicamente em canalizar tendências objetivas exageradas, através de formas literárias só próprias para exprimir êsse profundo animismo, de que são os profetas hebreus os mais eloqüentes e porventura os mais inimitáveis intérpretes.

*A Semana,* 101, 4-12-1886

Na opinião de Velleius Paterculus, os gênios e os talentos marcham através dos séculos em esquadrões. O uniforme, portanto, é obrigado, e o regimento toma a feição do general.

Victor Hugo teve a felicidade de pôr-se à frente de um dêstes esquadrões. O movimento do romantismo foi, então, tão violento, que todo o mundo teve de adotar as côres adotadas por êste chefe.

Não quer isto dizer que eu pense, como Carlyle, que os heróis "são mensageiros nascidos da substância íntima das coisas e do

coração do universo, enviados do fundo do infinito misterioso para o fim de dar-nos notícias do abismo e revelar-nos a inspiração do Todo-Poderoso". (*On Heroes, I,* 71.) Ao contrário, estou convencido de que existiam, com igual intensidade de faculdades criadoras, muitos V. Hugos, ao tempo em que apareceu, em França, o autor das *Odes e Baladas*. Circunstâncias particulares, porém, o puseram, [no] momento oportuno, em evidência; e como a atenção do público, por uma lei psicológica que lhe é própria, dificilmente consegue dividir-se, sucedeu com o poeta o que tem sucedido muitas vêzes: nêle se concentrou tôda a admiração pública, e, por conseguinte, para as suas obras convergiram todos os esforços das faculdades imitativas dispersas na sociedade que o cercava. Transformadas em caráter predominante e cingidas por uma fotosfera iriante, as suas qualidades imaginativas avolumaram-se, e os seus congêneres, obscurecidos pela irradiação do prestígio, tiveram de conformar-se com essa supremacia imposta pelo tempo.

Diz Bagehot que "um dia, perguntando-se ao fundador do *Times* qual a razão por que todos os artigos dêste jornal pareciam saídos da mesma pena, respondeu êle que porque sempre havia ali um redator superior aos outros, ao qual todos imitavam". (*Leis Científicas do Desenvolvimento das Nações*, 97.)

Esta *marca de fábrica* é o produto do gôsto do público, que o jornalismo faz seleção do talento que mais convém ou que mais lisonjeia os seus gostos e que, portanto, deve ser imitado.

Passando do grupo para a sociedade, o processo é o mesmo. Sucedendo-se as épocas, sucedem-se os gostos.

Êste fato sugeriu a Saint-Simon a seguinte reflexão: "As faculdades do homem vão umas atrás das outras, mas nunca se acumulam", e a Schlegel, em sua *História da Literatura*, uma fórmula mais concreta: "Em cada século predomina uma das fôrças elementares da consciência, da qual se faz uso mais freqüente, e que, por isso, vem a constituir a feição particular da época."

Taine soube dizer estas coisas com mais clareza. Procurando a base de sua crítica na biologia, e reconhecendo que não há vida sem organismo, nem organismo sem subordinação, não lhe custou chegar à conclusão da existência de um *caráter predominante* em todos os movimentos coletivos da inteligência. Êste ponto de vista encontra, na 1.ª parte de sua obra intitulada *Filosofia da Arte*, o mais satisfatório desenvolvimento.

Fica, portanto, fora de dúvida que o fenômeno indicado é mais uma resultante das disposições psíquicas da multidão do que pròpriamente de uma virtualidade contida no indivíduo *apontando com o dedo*.

No que diz respeito a V. Hugo, que, tendo o romantismo, no período imediatamente anterior a 1830, seguido uma direção inteiramente elegíaca, ordeira, autoritária, era tempo que as aspirações características da época procurassem uma fórmula literária consentânea com a índole da reação, e o autor dos *Châtiments* deu-a tão completa quanto era possível na esfera que então se movimentava. Foi devido a esta circunstância que o mesmo poeta chamou o romantismo de *liberalismo em literatura*. A eloqüência e o verbo alto vinham perfeitamente de feição; as metáforas retumbantes, as antíteses de seus versos, os paradoxos de sua prosa articulavam-se de um modo exato, iniludível, com as teorias, com os sonhos, com as acomodações políticas que andavam no ar. Sem êste ambiente, é bem provável que a sua preeminência literária se tornasse uma coisa duvidosa.

A nova corrente estética percorreu, entretanto, o seu ciclo, e, amortecida a intensidade do movimento de 1830, perdeu-se na expansão o entusiasmo dos imitadores, cessou o estado ditirâmbico do público. O meio começava a transformar-se.

Com a *Comédia Humana*, de Balzac, a *Madame Bovary*, de Flaubert, o *Rouge et Noir*, de Stendhal, sentiu-se desde logo que a poética do romantismo dispersava-se. Os livros daqueles autores, por destoarem da majestosa organização que o grande artista dera ao seu império, começaram a despertar curiosidades, deslocar adesões e atrair mesmo a atenção dos novos para obras de outros séculos, cujo sabor fôra obscurecido pela imoderada paixão do ideal. E assim gradualmente se pronunciou a fase de decomposição do regime hugoano, que acaso se reputou definitiva.

Não obstante, o prestígio daquele estilo manteve-se por largo tempo. Tendo sido favorecido, até certo tempo, pela depressão napoleônica, ameaça prolongar-se como fenômeno de sobrevivência, fenômeno que, neste caso, é tão real e apreciável como nas línguas, nos mitos e em tôdas as manifestações sociológicas em que fortemente se acentuam os caracteres biológicos.

> Uma imensidade de processos, diz Tylor (*La civilisation primitive*, t. I), de costumes, de modos de pensar são transportados, pela influência do hábito, para um estado social diverso do em que apareceram, e permanecem como testemunhos de um estado intelectual e moral envelhecido, de onde saiu o novo.

O que se dá no geral, não há motivo para que se não dê no particular, principalmente em matéria de estilo, que, na educação literária, é o que, de ordinário, mais se arraiga. E como é preciso que a idéia se modifique primeiro, para que a expressão correlativa apareça e adquira intensidade, fôrça é que, no seio das mais profundas reformas literárias, se encontre por muito tempo êsse elemento perturbador de um estilo que acabou.

Segundo pensa Fustel de Coulanges, e está hoje averiguado, o passado nunca morre completamente para o homem.

> O homem pode esquecê-lo, mas guardando-o sempre em si; porquanto, apesar da diversidade de aspectos, êle é o produto, o resumo de tôdas as épocas anteriores... O contemporâneo de Cícero, por exemplo, trazia a imaginação pejada de legendas; estas legendas lhe vinham de tempos remotíssimos e davam testemunho do modo de pensar dêsses tempos. O contemporâneo de Cícero servia-se de uma língua cujos radicais eram infinitamente antigos; essa língua, exprimindo pensamentos das idades transatas, modelava-se nêles e conservava o vinco que se ia transmitindo de século em século. O sentido íntimo de um radical podia muitas vêzes revelar uma antiga opinião e um uso antigo. As idéias transformavam-se, a lembrança desvanecia-se, mas as palavras ficavam, documentos imóveis de crenças que tinham desaparecido. Os ritos que o romano de então praticava eram, portanto, mais velhos do que êle, o que quer dizer que não correspondiam mais às suas idéias. (*La cité antique*, 4 e 5.)

Estas opiniões autorizadas tornam bem sensível uma das leis que mais têm influído na marcha das literaturas, na transformação das escolas e dos estilos, transformações que não podem ser bem compreendidas sem o auxílio dos estudos sôbre o folclore, que é onde êsses fenômenos de transmissão inconscientes se manifestam com mais nitidez. [1]

Por uma lei de sobrevivência, portanto indiscutível, o estilo de V. Hugo, ou melhor, o estilo de 1830, continua, através de tôdas as tendências e apesar da fôrça de individualidades revolucionárias do quilate de Zola, a manifestar-se nas produções atuais.

É mais fácil transformar-se o moral de um literato do que abolir as fórmulas com que êle desde pequeno se habituou.

Os revolucionários de 1793, por exemplo, que, aliás, traziam o tando a cada passo a *pose* dos Romanos e, durante o Terror, redas as fôrças espontâneas da raça, atiraram-se ao estilo clássico, imitando a cada passo a *pose* dos Romanos, e durante o Terror, recorreram à disciplina política de Luís XI e Richelieu, sem embargo do delírio de liberdade que havia em tôda a parte e da declaração dos direitos do homem, que assombrava as mais sólidas instituições.

Albert Sorel (*L'Europe et la Révolution Française*, 232) chega a denominar êsse fato, devido à permanência da impulsão, à tendência dos hábitos acumulados e à fôrça da tradição, *o plagiato colossal* de um regime derrocado. [2]

---

[1] Cf. Haeckel, *Histoire de la création*, 129. Darwin, *De l'origine des espèces*, 130. Puymaigre, *Le folk-lore*, 1-12. T. Braga, *O Povo Português*, I, Introd.

[2] Cf. Taine, *L'ancien régime*, 241.

# HAMLET-EMANUEL

PUBLICAÇÃO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, RIO DE JANEIRO.
26 JULHO E 19 SETEMBRO 1887.

# I

*Gazeta de Notícias*, 26-7-1887

Do mesmo modo que os mitos religiosos nascem, crescem e apagam-se, fundindo-se no conhecimento analítico da realidade, assim também os mitos da crítica literária percorrem o ciclo inteiro da extravagância humana, antes de morrerem, esvaindo-se ao sôpro da ciência e da observação. Bem o dizia Bacon: "A metafísica produziu a magia, mas a física, ou a investigação das causas eficientes, produziu a mecânica." É essa mecânica, com relação a Shakespeare, que o grande artista Giovanni Emanuel acaba de revelar-nos, com a mesma simplicidade e energia com que se nos impõem as fôrças da natureza.

Se há produção literária que possa servir de prova do quanto vivíamos mergulhados naquela mitologia, essa produção é o *Hamlet*. Mas a última interpretação, oferecida pelo ator italiano, veio demonstrar, à saciedade, que tudo que se tem dito a respeito dêsse poema shakespeareano está tão longe da verdade como as teogonias Hindu e Greco-Romana estavam da realidade objetivada pelos estudos científicos modernos. Os antigos críticos procuravam compreender o autor de *Otelo* usando de processos iguais aos dos exegetas e teólogos católicos, como se se tratasse de algum dogma, ou de conciliar o que de si mesmo é inconciliável. Shakespeare, na qualidade de poeta inspirado, não podia errar; neste pressuposto, portanto, desde que em sua obra surgiam expressões pouco inteligíveis, virava-se e revirava-se o texto, do direito para o avêsso, punha-se em contribuição todo o aparelho da metafísica, desfiava-se o rosário completo das categorias do espírito, até que o ponto controverso se declarasse completamente reduzido às exigências do sistema. É fácil perceber que, depois de concluído êsse trabalho, o próprio pensamento do autor criticado não ficava sendo senão uma dessas mesmas categorias. Quantas instituições, iguais ao Papado e à Inquisição, não evoluíram assim do cândido pensamento de Jesus Cristo, só pela fôrça expansiva de um versículo da Bíblia, trabalhado sôbre a forja incandescente e feroz da exegese medieval ! Quantas feições extravagantes não têm sido dadas ao *Hamlet*,

só em atenção a esta ou àquela frase deixada cair descuidosamente pela bôca de tal personagem!

Pois bem; Giovanni Emanuel conseguiu arredar de sua imaginação tôdas as preocupações de crítica tão aferrolhada; e, deixando-se infiltrar das idéias novas, aceitando a direção imprimida aos estudos sôbre o trágico inglês por Goethe, os desenvolvimentos dados aos mesmos pelo professor Gervinus, de um modo exaustivo, e por Taine, com o máximo rigor científico, Giovanni Emanuel restitui a obra monumental de Shakespeare à percepção usual dos sentidos, desanuviada do sobrenatural, ao alcance de tôdas as inteligências, como qualquer fenômeno explicado e trivial. [1] E, para isso, não lhe foi preciso mais do que estudar o meio em que viveu o autor, e o caráter de seu talento dramático, lendo seus livros, surpreendendo a mecânica que preside os movimentos de seus principais personagens. Dado um determinado talento, vivendo em tal época, possuindo esta e não aquela fôrça de assimilação, manifestando-se em suas excentricidades por um temperamento qual, convivendo, de preferência, com certas pessoas, impressionando-se com tal intensidade diante dos espetáculos da vida humana, apreciando, primeiro que tudo, os contrastes da natureza e vendo o homem, antes nos móveis de suas ações, na sua estrutura íntima, do que nas aparências exteriores; dada essa hipótese, digo, como êsse talento teria pintado os seus personagens, como os teria feito falar, por que face os exibiria para mais fortemente torná-los inteligíveis? Eis o problema que se apresentou ao exímio artista.

E agora, que já pode o público julgá-lo pela execução do *Hamlet*, é forçoso declarar que a resolução do problema nos foi dada cabal e definitivamente. O que não passava de uma aspiração, perdida nas páginas indecisas dos livros de crítica, corporizou-se, enfim, mas com uma rara felicidade e uma eloqüência sem nome.

Como disse acima, o *Hamlet* foi sempre um mito.

A idéia do poeta inglês, semente atirada ao acaso, brotou e viveu pelo molde de tôdas as coisas terrenas; mas, atravessando várias épocas, escolas diversas, teve de ser tudo, até mesmo o enfezado rainúnculo, que Ducis transportou e aclimou em França, — planta atrofiada, mais semelhante aos produtos da flora meridional do que aos daquela prodigiosa vegetação shakespeareana.

A interpretação clássica de Garrick, que fêz tradição longa e quase inabalável, principalmente por ser êle compatriota do poeta, se bem que oriundo de família francesa, fixou, no teatro, um

---

[1] Prof. Gervinus, *Shakespeare Commentaries*, pp. 548-582. Taine, *Histoire de la littérature anglaise*, vol. II.

tipo funesto à verdadeira arte. Espectro impenetrável, espécie de prolongamento da sombra do rei assassinado, que se arrastava lentamente no palco; figura sobrenatural, semidividida e louca, por vêzes satânica, vítima de atroz obsessão; entidade mais composta de assombro do que de carne ululante e sombria: — eis o personagem que a índole de Garrick encarnava, que o povo de outras eras apreciava e que nós ainda podemos saborear longìnquamente, como sobrevivências teatrais intercaladas nas criações de Rossi e Salvini.

Êsse Hamlet, produto do seu tempo, não era senão um resto da crença medieval baseada na possível existência de demoníacos e na influência dos filtros; e, com efeito, na tragédia não falta o competente hemistíquio para justificar uma superfetação tão descomunal. Na cena última do ato 2.º, por exemplo, Hamlet diz estas palavras: "O espírito que vi, pode ser um demônio, porque o demônio possui a faculdade de se vestir de uma forma agradável... e talvez, pela minha fraqueza e melancolia, abuse de mim para perder-me, pois tem alta influência nos ânimos como o meu." Para completar êsse intuito médico, já houve quem recorresse hàbilmente à demonologia para explicar as excentricidades dêsse papel.

Enquanto à interpretação do ator Burbage, que foi companheiro de Shakespeare no teatro de Blackfriars, nada se sabe de positivo; apenas, das investigações de Gervinus, se chega a concluir que o amigo do poeta, pelo menos no que respeita à caracterização, afastava-se consideràvelmente dos ademanes misteriosos e elegantes de Garrick, parecendo que, nesse ponto, depois de 300 anos, vem encontrar-se de acôrdo com um italiano do século XIX.

A obra do artista inglês teve, contudo, de ceder o passo à onda romântica. Não há quem ignore o que foi o romantismo em tôda sua latitude, — antes um tufão psíquico, que soprou do século passado para êste, do que uma escola literária, antes uma difusão imaginativa do que uma concentração do sentimento artístico, tão necessário às grandes obras. Essa onda, pois, que tudo envolveu, — natureza, homens e produções, — não permitiu mais que os indivíduos nela submersos enxergassem as coisas senão através do prisma de um subjetivismo exagerado pelo eretismo cerebral herdado dos tempos lutuosos da Revolução.

O que reconhecíamos do teatro trágico, era, em sua totalidade, resultante ainda dessa época ou dêsse movimento. De onde vinha chamar Chateaubriand ao *Hamlet* um drama de alienados? Uma intuição romântica. A alienação estava, por uma inversão curiosa, no meio social, e não na tragédia.

E foi por essa razão que Guizot, sem embargo de considerá-la "a mais original e dramática descrição do estado íntimo de uma grande alma", julgou encontrar em Shakespeare a antecipação do cepticismo moderno. [2] A crítica inteira precipitou-se nessa direção. Hamlet, então, confabula com Fausto; aparenta-se com Werther, com Obermann; transforma-se no tema obrigado da dúvida, da melancolia ideal, do suicídio, da ruminação filosófica e pessimista. Ora retrata Leopardi, ora Lenau, ora Rousseau.

Para uns, é o drama da filosofia de além-túmulo, subordinando-se tudo ao célebre monólogo *to be or not to be;* para outros, a sistematização viva e o cânone de tudo quanto é impenetrável na alma do homem, e apenas perceptível, como o é Deus, pelas formas do universo, — uma espécie de Kant em cena. Todos os líricos vão-se mirar nesse retrato, que a cada instante encontram confundido com os seus símiles nas páginas de Walter Scott; de Wordsworth, dos laquistas; nevoento, cismador, nostálgico, entre os cavaleiros das baladas de Burger e de Uhland; satânico, ao lado do Manfredo, de Byron; legendário como Fingal e batido por êsse mesmo vento norte que agitava as cordas da lira do bardo de Morven; — e por último, à fôrça de mirarem-se e remirarem-se nesse terrível espelho, os românticos acabam por sugerir, no personagem shakespeareano, todos os desvairamentos do período aludido. Tantas feições deram ao personagem, convertendo-o em um cabide de teorias, que, por fim, Hamlet não teve nenhuma, isto é, passou a ser essa figura vaga, indecisa, vazia de sentido, que é a própria imagem da inanição do romantismo.

A determinação dêsse tipo, que o teatro esfumou sob as gambiarras, e Delacroix e outros pintores popularizaram em atitudes incompreensíveis, não impediu que largas controvérsias se estabelecessem sôbre um ponto, que parecia capital na decifração do pensamento de Shakespeare; e foi por aí que a crítica moderna começou o aluir o edifício extravagante.

A sutileza dos exegetas românticos levara-os até à curiosidade de saber se a loucura de Hamlet seria um simples expediente adotado de acôrdo com os desígnios ulteriores da tragédia, — a descoberta da traição de Claudius, ou se com êsse desígnio coincidiria uma doidice específica, que se traduzisse nas extravagâncias de caráter do desventurado príncipe, um desarranjo mental proveniente da loucura moral, que às vêzes paira sôbre a sociedade.

Os fisiologistas e os médicos entraram então em cena, e, para simplificar a questão, explanando-a em vista do único documento existente, — a tragédia, apresentaram vários diagnósticos.

---

[2] Guizot, *Shakespeare et son temps,* p. 210.

Esta controvérsia, em suma, não era nova; apenas tomava feição mais positiva: porquanto, já no século passado, discutindo-se a conduta de Hamlet, os comentadores Johnson e Steevens, no prefácio e notas de suas edições das obras de Shakespeare (1765 e 1793), haviam levantado dúvidas semelhantes.

Akenside e Ferriar sustentavam que tal loucura nem sempre era fingida, como se se tratasse, pelo menos, de um *lunático latente*.

"Hamlet simulava", diz o último, "com intuito político... O horror que lhe causa a comunicação feita pelo espectro, a necessidade de esconder o seu afeto por uma inocente e digna criatura, a certeza do crime de sua mãe e impulso sobrenatural pelo qual é instigado a um assassinato repugnante à sua natureza, são causas bastantes para esmagar e perturbar um espírito fraco e predisposto para a melancolia e cheio, originalmente, de ternura e afeições. Na tragédia, é evidente que a sua loucura real só começa depois da representação da comédia. Então, em vez de uma conduta sistemática, conducente aos fins, êle torna-se irresoluto, inconseqüente; e o plano parece, todavia, estacar de maneira inexplicável. Longe de ferir o alvo, Hamlet resigna-se a entregar-se ao curso dos acontecimentos." [3]

Estas opiniões, entretanto, aliás aceitas por ator de grande voga, foram desde logo combatidas por Boswell, o autor da vida de Samuel Johnson, com razões que honrariam a crítica moderna.

"Os sentimentos", pondera êle, "que escapam a Hamlet, em seus solilóquios, ou em suas comunicações confidenciais com Horácio, demonstram uma inteligência, não sòmente *sã como aguda e vigorosa*. O seu infortúnio, na verdade, e um sentimento de vergonha, resultante do incestuoso casamento de sua mãe, lançaram-no em um estado de depressão e melancolia; mas, pôsto que o espírito lhe *estivesse enfraquecido,* não se deve, por forma alguma, considerar, em virtude disso, desarranjado. Estava pouco nos hábitos de Shakespeare introduzir duas pessoas, na mesma peça, com o cérebro perturbado... Pondo os seus desígnios em execução, Hamlet não sente dificuldade em enganar o rei, a quem detesta; ou a Polônio e aos companheiros de universidade, a quem despreza; mas o caso diversifica, desde que se trata de suas entrevistas com Ofélia. Cauteloso com a brandura do caráter submisso da donzela, em cujo espírito não podem deixar de influir tanto o pai como o irmãos, acha o príncipe que seria uma imprudência pô-la ao corrente de seu segrêdo. Em sua presença, por isso, êle não só é obrigado a tomar a máscara, como também a poupar-se às expressões de afeto, que os amantes tão dificilmente conseguem refrear em presença dos objetos queridos. No tumulto de sentimentos tão contraditórios, Hamlet é for-

---

[3] *Essay on the Theory of Apparitions*, p. 111.

çado a levar as coisas um pouco além do necessário, pelo receio de cair; e, assim, dá umas aparências de rudeza e severidade àquilo que, de fato, constitui, para si, uma luta dolorosa, a dissimulação de sua ternura." [4]

Antes de passar adiante, é preciso que se diga que, de perfeito acôrdo com êsse modo de entender o *va farti monaca, va in un convento,* do ato 3.º, Giovanni Emanuel foi, — e o público o verificou, — de uma rara felicidade na sua interpretação, conseguindo pôr em tôda essa cena, tão cheia de lutas e de pungentes ironias contra a mulher, ou, para dizer, contra a mãe que lhe ulcerava o coração, nuanças de uma delicadeza e de uma exatidão verdadeiramente pasmosas. Quem se não teria compungido com a expressão dolorosíssima daquele último adeus de amor oculto e transfigurado sob os esgares da malvada insensatez!

## II

*Gazeta de Notícias*, 19-9-1887

A pretexto de crítica científica, os profissionais modernos embrenharam-se em inextinguíveis divagações, para provarem a existência de todos os sintomas patológicos na loucura de Hamlet.

Para o Dr. Vivier, o personagem de Shakespeare não é senão um caso de monomania suicida. Todo o mal do príncipe dinamarquês concentra-se, faz explosão e define-se no monólogo do 3.º ato:

"Morrer, dormir, dormir? Ah! eis o que nos detém. Quem nos pode dizer de que natureza são os sonhos que atravessarão êsse sono da morte, quando formos despojados dêste invólucro terrestre? Que é que existe além, além da vida?. . . Que é que existe?. . ."

O pensamento sombrio e a idéia fixa da morte regem, portanto, o desenvolvimento do caráter de Hamlet através de tôda a peça; transparece a cada instante na sua linguagem e determina as inconseqüências, alucinações e desvarios que todos lhe notam.

Nada mais absurdo do que a subordinação da tragédia ao monólogo, sem atenção ao elemento subjetivo do autor. Porque levanta-se uma tempestade no oceano, os mares estão subvertidos, a terra rui nos abismos do não-ser! As crises intelectuais, como as que aquêle sublime trecho nos descreve, não são o apanágio dos tolos, nem dos cérebros fracos e mal constituídos, mas um incidente trivial na vida de todos os homens de mentalidade superior. Folheie quem quiser as *Memórias* de Stuart Mill e diga, depois de haver lido a passagem

---

[4] *Boswell's edition of Malone's Shakespeare*, vol. VII, p. 536; *apud* ed. New York, 1855.

na qual êle narra o sombrio abatimento que o afligiu durante o inverno de 1826 a 1627, se o *To be or no to be* de Shakespeare — vai além de uma irradiação do gênio do poeta, porventura em igual crise filosófica. [5]

Não obstante, médicos inglêses e americanos, como Bucknill, M. Kellogg e Brierre de Boismont, persistiram na sustentação da insânia de Hamlet, atribuindo ao grande trágico a mais exata observação no que toca a doenças mentais, fato, com efeito, incontestável, desde que se tenha em vista o rei Lear, Ofélia ou Macbeth. Contra essas opiniões, porém, encontro a do Dr. Onimus, que dedicou a essa questão um extenso estudo na *Revista dos Dois Mundos*. E como me parece que as idéias contidas nesse trabalho orientam-se na mesma linha dos críticos simpáticos ou propensos à diretriz que Giovanni Emanuel dá atualmente à sua interpretação, convém pôr em relêvo o que nelas há de essencial.

Julga o Dr. Onimus muito provável que, nos intuitos do poeta, entrasse a alucinação de Hamlet em dois momentos da tragédia, na entrevista com a mãe, no 3.º ato, e no túmulo de Ofélia, no 5.º, alucinação, segundo êle, de natureza diferente da de Brutus, na tragédia *Júlio César;* de modo algum, porém, Onimus aceita o personagem como um caso de melancolia patológica. "Quanto a mim", diz o referido autor, "repugna-me crer que Hamlet estivesse louco ou perto disto. Principalmente, Shakespeare teria melhor assinalado essa tendência, pois que êle tinha o hábito de indicar claramente o que deviam ser os seus personagens. Ora, em parte nenhuma da peça se constata o fato de que houvesse a intenção de fazer do pobre amante de Ofélia um doente, que tivesse logo depois de sucumbir à demência. Nada prova que Hamlet, se vivesse, acabaria louco; ao contrário, parece que, no fim do drama, uma espécie de bálsamo desce sôbre seu espírito, para acalmá-lo e tranqüilizá-lo. Não lhe aparecem concepções delirantes, nenhum pródromo de desarranjo psíquico; apenas, na cena do enterramento de Ofélia, assalta-o uma grande exaltação."

Em última análise, pensa o Dr. Onimus que não é sem segunda intenção que Shakespeare atribui ao seu herói os característicos de "gordo e de respiração curta". Com tôda a certeza pretendeu mostrá-lo de "uma organização física pouco vigorosa, temperamento nervoso e linfático, não tendo, mesmo na flor da idade, o aspecto juvenil e violento, que dão a fôrça e a saúde, a alegria, o ardor no prazer e no trabalho, próprios do temperamento sanguíneo. As naturezas como as de Hamlet são logo cedo meditativas e sofredoras; são compostas totalmente de sensibilidade, de expansão, de entu-

[5] Stuart Mill, *Mes mémoires;* trad. Cazelles, pp. 133-139.

siasmo ou de desilusão, segundo as circunstâncias; porém, apesar da esquisitice, da originalidade de conduta, muitas vêzes oposta às regras comuns, êstes indivíduos nunca virão a ser alienados; tais nasceram, tais permanecerão; misantropos generosos ou rabujentos, simpáticos ou ridículos, às vêzes bruscos e desconfiados, mas capazes de ditos agudos e de observações justas. Hamlet é, pois, um tipo real e completo. Se sofre alucinações, nada mais natural, tendo-se em vista que sua alma fôra invadida pela dor e pela imensidade do crime entrevisto; desequilibrado, não pela doença, mas pelo excesso de meditação e sofrimento... Natureza de artista; artista de senso moral: eis tudo".[6]

Recentemente apareceu um escritor, em Portugal, que ainda tentou criar um quadro patológico especial para nêle apertar o tipo shakespeareano, tirando-lhe tôda a grandeza que resulta de uma observação genial. Segundo José de Freitas, Hamlet não passa de um histérico. Tudo quanto a crítica transata reunia em tôrno do conhecido e enigmático personagem, o crítico aceita sem rebuço, mas, é preciso que se saiba, — só a benefício de inventário, para simplificar a questão, conciliando ao mesmo tempo as duas opiniões opostas.

Trata-se de um histérico, o que quer dizer o mesmo que um indivíduo que não delibera, não tem vontade, — um indivíduo cujos centros nervosos estão em desamparo e cuja medula invade, em seus movimentos, a esfera cerebral, preponderando sôbre o sensório comum. Pois bem, no juízo de José de Freitas, o herói da tragédia é tudo isto: sua triste enfermidade trai-se por todos os sintomas analisados: — melancolia, preocupação de atrair as atenções, credulidade, versatilidade, idéia fixa, dissimulação, mobilidade de caráter, impulsões, mania de investigar, etc., etc.

Ora, não há dúvida que essas interessantes particularidades, como já vimos na hipótese dos demonologistas, se podem justificar perfeitamente com palavras da tragédia, desde que tenhamos um pouco de boa vontade e saibamos igualmente isolar êsses fatos da impressão real, efetiva, provocada pela observação das linhas essenciais ou genéticas do caráter de Hamlet.

Mas ao crítico não bastou procurar um histérico; foi-lhe preciso mais um do 4.º período, isto é, — em quem o delírio e a degradação psíquica tem chegado às alucinações descoordenadas, em que surgem personagens conhecidos, animais, e notadamente ratos. O que significa, portanto, quando Polônio é assassinado, *êsse rato*, a que alude o príncipe da Dinamarca? Não é, com certeza, dirá o crítico, um rasgo de profunda ironia, capciosa e pungente, atirada à face e com direção ao coração da incestuosa rainha; antes, pelo

---

[6] Onimus, "A Psicologia Médica nos Dramas de Shakespeare", *Revista dos Dois Mundos*, 4 abril 1870.

contrário, revela tôda a gravidade do estado enfêrmo e o grau que atingira a desordem das imagens que assaltavam-lhe o cérebro. Êste único traço seria bastante para destruir inteiramente edifício tão de afogadilho arquitetado, se o simples confronto da tragédia, em que a energia cerebral de Hamlet é o que mais avulta, observados os seus planos, não se opusesse por si à hipótese figurada de um Hamlet desprezível, joguête de impressões pueris. [7]

A patologia, não o contesto, pode fornecer à crítica indicações preciosíssimas para a inteligência das obras artísticas; mas com certeza seria desviar da reta submetermos um trabalho de natureza abstrato, intangível às experimentações, aos mesmos processos a que se sujeita um corpo vivo, presente à constatação dos cinco sentidos e do microscópio.

Os métodos dos Taine, dos Schérer, dos Schmidt, dos Trezza, dos De Sanctis não autorizam isto. Um produto subjetivo, como é uma peça teatral, só pode ser verdadeiramente estudado no temperamento artístico, no meio e no tempo em que êle viveu, e na etologia, ou ciência do caráter. É na alma, ou melhor, na cerebração de Shakespeare que se deverá ir buscar a decifração do *Hamlet;* e a criação genial de Giovanni Emanuel demonstra-o pelo êxito.

Há, nas obras do autor de *Otelo,* verdadeiras estratificações, como em tôdas as obras da natureza, como em todos os produtos onde se não encontra o esfôrço consciente da lógica deduzida de categorias preestabelecidas. Ninguém ignora que o teatro clássico, no qual se formaram Shakespeare e todos os poetas nascidos durante o período da Renascença, tinha regras impreteríveis, das quais não era lícito ninguém afastar-se, pois as paixões e os sentimentos, aceitos na cena, deviam ser tomados em sua forma mais geral e abstrata. Estas regras, porém, compreende-se, mui dificilmente conteriam um talento despreocupado e um observador da vida tão impressionado pela realidade e de olhar tão penetrante como o trágico inglês, nesse ponto tão parecido com Bacon, o reformador das ciências, a quem, em razão da similitude de tendências, já se quis até atribuir colaboração nas obras do mestre; e o que não cai em dúvida é que Shakespeare, da mesma maneira que Dante, Miguel Ângelo, Rabelais, Cervantes, insensìvelmente substituiu a sua própria orientação

---

[7] José de Freitas, tradução do *Hamlet,* acompanhada de um estudo sôbre a tragédia. O tradutor cita ainda, em abono da sua teoria, a opinião de Ribot, relativamente aos fenômenos observados nos enfermos da vontade; mas não colhem para o caso as observações dêsse psicologista, que atribui o enfraquecimento da volição a duas causas gerais, *falta de impulsão e excesso de impulsão,* porquanto, se houvesse meio de aplicar êsses princípios a "Hamlet", seria antes para classificá-lo na segunda espécie, ao lado do poeta Coleridge, o melhor exemplo dêsse tipo mórbido, entre os apresentados por êsse autor. Ribot, *Maladies de la volonté,* pp. 19, 31 e 93.

pela que lhe dera a escola que o educara. Lâmina fotográfica, sensibilizada demais, através de resíduos clássicos, com muito pouco tempo de exercício, refletia, não o que se convencionara no teatro, mas a vida e a sociedade que o cercava, e tudo isso com uma intensidade de colorido, com uma tal fôrça sugestiva, como só encontramos quando o ambiente nos fere e nos revela algum aspecto novo dos fenômenos terrestres. Pois bem: êsse fenômeno de *sugestão artística*, raro e acima de todo esfôrço conhecido, não foi, na vida do poeta de Stratford, um fato súbito, diferente do que se observa constantemente no vasto campo da natureza. O mundo artístico não tolera, do mesmo modo que o geológico, as revoluções que Cuvier imaginava. Tudo se faz gradualmente, por acumulações sucessivas. A adaptação de Shakespeare ao meio real que o solicitava fêz-se por partes; e, se se proceder a uma triagem cuidadosa, não será difícil conseguir a verificação dos diversos tipos que constituem o seu teatro, correspondentes a cada uma dessas camadas estratificadas: — os devidos à atividade pura de sua fantasia, os de simples adoção profissional, os imitados da tradição clássica e, finalmente, os copiados de modêlo vivo, arrancados do fundo de sua própria alma, e que são o desespêro de novas e velhas literaturas.

Na escavação dêsse subsolo shakespeareano descobrem-se as origens da vida dos seus personagens. Todos êles têm suas leis de hereditariedade, bem entendido, — encarados como sucessores uns dos outros no espírito do mesmo autor; em todos êles se encontravam sobrevivências; mas todos êles vivem com a unidade intensa do cérebro em que se produziram e se transferem com idêntica energia à imaginação dos que o contemplam. Em síntese: na interpretação de Giovanni Emanuel é onde mais se conhece o mecanismo das figuras engendradas pelo grande trágico. Um fato ressalta desde logo, e é que, trate-se de um drama recomposto, ou de um acontecimento histórico dramatizado, ou de um romance de Belleforest transportado para a cena. Shakespeare, sempre que se dirige ao espectador, perde tôda a noção de causas finais, do destino dos personagens, da lógica abstrata das paixões, da tese, dos intuitos morais, para preocupar-se sòmente com o modo de ser, com o modo de mover-se de seus heróis. Seu fito principal consistia em não perder de vista o *seu homem*, e, mesmo por baixo das superfetações teatrais do tempo e dos colaboradores, imprimia uma rijeza extraordinária ao organismo que *pousava* diante dos olhos de sua inteligência. De que valem acessórios, quando se possui o segrêdo da *palavra plutônica*, colorida e expressiva até à alucinação dos sentidos, que vibra a imagem do cérebro alheio, acorda um estado de consciência novo, apesar de simplicíssimo, e gera um mundo de associações inesperadas!

Essa palavra, ouvimo-la no *Otelo* e no *Hamlet*, proferida em mais de um lugar pelo ator italiano com a inflexão natural e forte

que desencadeia os terremotos da alma. Consubstanciado com a verdade contida no personagem, êsse homem conduz-nos a uma ilusão, em que não podemos dizer onde termina o autor e começa o ator e qual o ponto de interseção entre ambos e a natureza.

É verdade que Emanuel, para chegar ao núcleo etnológico do pesaroso príncipe de Dinamarca, teve de expungi-lo do pó da crítica mal-entendida e mesmo das superfetações do passado. Mas neste trabalho é que reside todo o seu gênio artístico. O principal cuidado acaso consistiria em torná-lo mais concreto, assimilando-o a alguma coisa de efetivamente real. Essa hipótese, creio eu, realizou-a o insigne intérprete, tomando em globo o caráter da raça a que pertencia o poeta, a anglo-saxônia, e circunscrevendo-o depois a um temperamento artístico e melancólico, — ao próprio Shakespeare. Em quem pensaria o autor da tragédia quando traçava o perfil do seu admirável Hamlet? Em si mesmo: não há que duvidar. Pois, neste caso, vejamos de que maneira essa índole febril, vibrante e profundamente impregnada do *humour* de sua raça teria manifestado os seus sofrimentos, colocada nas mesmas conjunturas daquele príncipe infortunado. Nada, portanto, de indecisões fantásticas, nem de desígnios nebulosos, nem de alucinações que estejam fora da ordem natural a um caráter generoso, apenas exaltado e vergado ao pêso da dor moral. [8] Giovanni Emanuel apresenta-o de uma nitidez espantosa, tornando-o tão compreensível e claro nas intenções como os personagens menos discutíveis da galeria shakespeareana. O seu Hamlet não é precisamente aquêle que se afigurava a Goethe, isto é, — "o resultado de uma ação grandiosa imposta como dever a um espírito relativamente fraco para a sua realização, — uma criatura

---

[8] As alucinações de Hamlet, quando sejam aceitas, não alteram em coisa alguma a integridade do caráter descrito. Na normalidade da vida, as alucinações completas, no sentido estrito da palavra, são raras... Na biografia de homens ilustres, encontram-se, entretanto, muitos exemplos de fenômenos tais. Diz-se que Malebranche ouviu uma vez a voz de Deus que o chamava. Descartes refere que, após uma longa reclusão, sentiu-se perseguido por alguém que, invisível, lhe gritava que continuasse em suas investigações sôbre a verdade. O Dr. Johnson percebeu também a voz de sua mãe ausente, e Byron foi visitado várias vêzes por espectros. Goethe conta que viu um dia aproximar-se o *pendant* exato de sua própria pessoa. Walter Scott avistou o fantasma de Byron morto. É possível que sejamos todos sujeitos a ligeiras alucinações em momentos de esgotamento nervoso excepcional, bem que muito fugitivas para atraírem nossa atenção... As sensações subjetivas podem converter-se em um ponto de partida para alucinações completas; é o que nos mostra um curioso exemplo dado por Lazarus e citado por Taine. O psicólogo alemão conta que um dia, na Suíça, depois de ter olhado por muito tempo para uma série de cimos cobertos de neve, apareceu-lhe um amigo ausente com aspecto cadavérico. Segundo sua opinião, êsse fantasma se explica como o produto de uma imagem da memória, que chegara, por qualquer maneira, a se combinar com uma imagem anterior (positiva) deixada pela impressão de superfícies enevoadas. (J. Sully, *Les illusions des sens et de l'esprit*, pp. 84 e 85).

Vide Taine, *L'intelligence;* Clarke, *Visions;* Bain, *Psychologie*.

imaculada, nobre e altamente moral, mas sem aquela energia de alma que constitui o herói; e que verga ao pêso de uma carga que nem pode suportar, nem também abandonar." [9] O seu Hamlet é uma coisa que se achava na imaginação de todos os que estão familiarizados com a literatura inglêsa, mas que ninguém tinha, ou coragem de fazer, ou, ainda menos, fôrça para reduzir a fórmula palpável.

O monólogo, por exemplo, sôbre o qual se tem bordado tantas coisas estupendas e indefinidas, Giovanni Emanuel recita-o com tamanha expressão e simplicidade, a concentração comum do espírito pinta-se tão ingênuamente no semblante do artista, que em certos momentos como que o espectador, suspenso, sonambulizado, tem vontade de levar as mãos aos cabelos, para verificar se é o seu próprio pensamento que se revolve e se agita.

Não sei se, além dêstes horizontes, conseguirão descobrir outros para a arte. Tôda a metafísica do célebre *To be or not to be* se esvaece em presença da transparência daquela alma iluminada pela expressão. É ali que se vê quanta verdade se encerra no princípio verificado por Spencer, isto é, que tôda linguagem, ou meio de comunicação psíquica, não passa de uma *máquina*, cuja *lei* está na *economia* da atenção. [10] É ali também que se dá o último garrote aos processos complicados e difusos, — a declamação, enfim.

Emanuel nos surpreende pela mesma razão por que Shakespeare nos penetra, conseguindo grandes resultados e grandes efeitos com operações diminutíssimas.

Gervinus coloca a composição do *Hamlet* justamente no 3.º período da vida literária do poeta de Stratford, isto é, depois de 1600, período durante o qual apareceram o *Otelo, Lear* e *Macbeth*, as tragédias que mais acentuam a impetuosidade de seu gênio. Seguindo passo a passo a vida e o desenvolvimento da obra de Shakespeare, o sábio professor chega à conclusão de que essa fase enérgica, que êle reputa verdadeiramente *saxônica*, foi, mais que as anteriores, influenciada por fatos particulares da sua biografia e sucessos dignos de nota. No primeiro período, com efeito, prevalecem as comédias, e nas próprias tragédias observa-se, apesar do colorido trágico, uma sensação de alacridade (*mirth*), bem como no segundo se encontra o poeta ocupado com reflexões sôbre os contrastes entre os espetáculos externos e a realidade interior, sentimentos afetuosos e patrióticos. Daquela época em diante, porém, Shakespeare modifica-se e a vida começa a revelar-se-lhe por um lado "fundamentalmente sério, elegíaco e trágico". A perda de um filho, em 1596, e

---

[9] Goethe, *Wilhelm Meister*, cap. 13.

[10] Spencer, *Essais de moral, philosophie du style*, p. 325, trad. Burdeau.

acontecimentos terríveis, abalando a sociedade, tais como a rebelião do conde de Essex (1601) e a conspiração de 1603, em que Watson e Clarke perderam as vidas, são suficientes para abrirem uma larga brecha em seu espírito alegre e cheio de humorismo. Êstes fatos e personagens refletem-se com intensa vivacidade em sua alma de artista, e não tardam, por uma lei psicológica e fatal, de concretar-se em traços literários dispersos aqui, ali pelas tragédias que compõe. Sua natureza, como êle mesmo disse, apresenta-se, por fim, "transformada, refinada e purificada". É preciso, declara-o ainda, renunciar às frivolidades do mundo e encarnar a vida como ela na realidade se patenteia. Nestas condições é que se cristaliza o *Hamlet.*

"Não padece dúvida", escreve o autor dos *Comentários sôbre Shakespeare,* "e torna-se até singular, que a tragédia que traz o nome do filho morto do poeta foi o veículo do seu temperamento elegíaco. O *Hamlet* é a única peça dêste último período em que se pode conjeturar e atribuir ao poeta um estado subjetivo, capaz de retratar-se na obra. Pode-se dizer que considerou o seu herói como uma contraparte do príncipe Henrique, e em ambas as tragédias é bem sensível que Shakespeare desenrolou, com o máximo vigor, vários pontos de sua própria natureza. Em um de seus sonetos a feição melancólica do caráter de Hamlet acha-se antecipadamente representada com tamanha exatidão, que nos leva a acreditar que êsse poema fôra projetado desde êsse período. *The world was bent to cross his deed,* dizia êle; e é preciso convir que no famoso solilóquio os motivos que o levam a aludir à idéia de suicídio prendem-se às considerações que faz sôbre a marcha do mundo, o cansaço produzido pelas inconstâncias do tempo, os erros dos opressores, as agonias do amante desprezado, as protelações da lei, a insolência dos funcionários, a repulsa do mérito. Lê-se um solilóquio igual no 66.º sonêto, dirigido pelo poeta a um de seus amigos. A evidente correspondência que existe entre essa poesia e o drama pessoal indicam que um estado mental aproximado da hipocondria se apoderara de Shakespeare, sugerindo-lhe as negras e hórridas pinturas de suas tragédias, tão diferentes da sua primitiva maneira." [11]

É palpável, pois, a desnecessidade de comunicar a Hamlet êsse transcendentalismo metafísico que os dois Schlegel pretendiam descobrir nessa *tragédia do pensamento.*

Emanuel está inabalàvelmente compenetrado disto, e é dessa orientação artística que decorre tôda a beleza e naturalidade da sua criação.

---

[11] Gervinus, *obr. cit.*, p. 479 e seg. Cf. Taine, *Histoire,* vol. II.

Desenvolver um caráter conhecido nos seus símiles é, por certo, mais sólido do que dar forma concreta a uma categoria filosófica ou a um fantasma incoercível.

Tudo então se limita, tudo se define; o ator domina o mundo de sua arte com a vista; e, consciente do que vai fazer e dos meios de que dispõe para tornar-se compreensível, lança-se no encalço da verdade, com Shakespeare numa mão e a fisiologia das paixões na outra.

O Hamlet, no espírito de Giovanni Emanuel, formulou-se, portanto, nestes têrmos: uma alma anglo-saxônia, com todo o seu *humour* e o seu *clownismo*, soçobrada e devastada pelo sofrimento, iluminada apenas pelos clarões geniais de uma inteligência altamente cultivada: Shakespeare ou o príncipe estudante de Wittenberg, e, com um pouco mais de esfôrço, Sterne ou Swift, — a raça, enfim.

O resto deduz-se ou vai-se apreciar na execução simples, que tão grande sensação tem causado à platéia fluminense. A franca caracterização do louco e a desordem proposital; a dissimulação rasteira, comum, nas entrevistas com Ofélia; as *pochades* de ex-colegial nas cenas dos comediantes; a efusão do sentimento artístico e do amor, através do ódio, da demência ficta e do intuito, revelada só com o modo de sentar-se aos pés da inocente rapariga, pousando-lhe sôbre os olhos as mãos mimosas e contando-lhe as pontas dos dedos rosados; as modulações do estilo nas diversas tiradas com a rainha; a ironia com que êsse *velho-moço* gradua a sua insânia, o seu apatetamento, conforme tem diante de si um tolo como Polônio, um sacripante como o rei, uma pessoa respeitável como a mãe, uma criatura adorável como a amante ou sujeitos indiferentes como os comparsas: tudo isso transfigura-se, no teatro, pela voz e pelo gesto do ator italiano, de maneira a cavar sulcos indeléveis na memória e na imaginação. Um temperamento perfeito, completo, um bilioso nervoso, qual não o pintaria o fisiologista mais versado no mecanismo das paixões humanas, — eis o personagem humano e verdadeiro que nos apresenta o ator. [12]

Há, na tragédia, uma passagem em que Hamlet diz a si mesmo que em cada homem a natureza põe *uma libré* e a fortuna faz *uma cicatriz indelével.* (Ato I, cena 2.ª)

Shakespeare tinha a sua. Pois bem: só a alma de um osco soube revestir a primeira e sentir as fulgurâncias da segunda.

---

12 Vid. Letourneau, *Physiologie des passions*, p. 328.

# NATURALISMO E PESSIMISMO

*A Semana*, 148/149, 7-11-1887

Em país nenhum, mais do que em Portugal, foi a literatura perturbada pelo movimento científico.

O advento do romantismo, como pondera Teófilo Braga, [1] deu-se muito tarde em sua pátria, e justamente quando triunfava em França a fase de 1830.

A Alexandre Herculano, talento propício à absorção das formas que esplendiam na *Notre Dame*, de V. Hugo, coube o empenho de incorporá-las à literatura portuguêsa. O autor de *Eurico* declamou com uma ênfase não destituída de energia; e, digam o que disserem, soube vazar em estilo épico os seus entusiasmos de profeta embezerrado. Há, nêle, um tom que agrada, que interessa, e, na frase, um colorido que não podia deixar de apaixonar a mocidade de seu tempo. Essa vibração, porém, não devia durar em Portugal tanto tempo como em França, por isso mesmo que vinha já de contragolpe.

A pressão do movimento científico não tardou, entretanto, em fazer-se sentir ali, e, em 1864, Antero de Quental e outros começaram, em Coimbra, uma furiosa campanha contra o engasgamento dos chefes da escola romântica. No prólogo da *Visão dos Tempos,* Teófilo Braga declarava, pouco depois, que "a aliança da poesia com a filosofia, tal era o ponto de partida da última fase da arte no século XIX". Por êste grito de alarma, vê-se de que natureza eram as preocupações que à mocidade portuguêsa trouxera a crítica moderna.

"A aspiração de liberdade, servida", dizia o mesmo escritor, "pela dissolução metafísica, manifestou-se, em Coimbra, primeiramente na forma da poesia", [2] e, por conseqüência, êsse procrastinado hausto de reforma não teve outra direção senão a que

---

[1] O romantismo entrou em Portugal principalmente pelas traduções dos romances de W. Scott, de Ramalho e Sousa, e pela do *Oberom*, de Filinto Elísio e Marquesa de Alorna, as quais, segundo afirma T. Braga (*História do Romantismo em Portugal*, 460), "passaram despercebidas", sendo necessário que Garrett e Herculano emigrassem, para que sentissem em que verdadeiramente consistia aquela renovação literária.

[2] *Odes Modernas*, 80.

podia ministrar o espírito de destruição dos reatores. Os coimbrões alimentavam desejos ardentes; mas êstes desejos não deviam corresponder, como, de fato, não correspondiam, a uma transformação efetiva do sentimento, nem mesmo a uma compreensão exata do que lavrava no coração da Europa artística e científica. Atacou-se Castilho, atacou-se Herculano, no pressuposto da existência de uma nova poética; mas, em última análise, as injunções dos iconoclastas eram arremessadas aos clarões da musa do romantismo, ajudada do mesmo aparelho de tropos e figuras paradoxais de que se utilizava Herculano, apenas com uma diferença substancial, e era a do uso da terminologia haurida nas fórmulas científicas. Êsse hibridismo, a urrar ao lado de um vetusto empolamento, e que, com alguma razão, deu cabimento à pergunta do autor do *Eurico*, — se aquilo era alguma coisa mais do que um gongorismo científico, — êsse hibridismo hiperbólico traduzia bem claramente o verdadeiro estado de espírito dos que o punham em evidência. As idéias ainda mal digeridas não tinham tido tempo de transformar-se no substrato de que emergiria o estilo próprio e a expressão conveniente.

Para prova disto, basta lembrar que um dêstes coimbrões, em uma obra de crítica científica, ainda em 1880, dava do gênio esta definição, que faria empalidecer um discípulo de Carlyle:

> O gênio é a falta de consciência das fôrças que se agitam dentro do indivíduo e, ao mesmo tempo, a aplicação dessa luta que a humanidade admira em criações eternas; é um aleijão que oprime o que o traz, e a que nós fazemos a apoteose, que invejamos sem saber que fogo lento gera essa febre da inspiração, essa alucinação de luz que o faz ver em todos os tempos, em todos os lugares, como uma intuição profética que assombra; o gênio é como uma harpa eólia, através da qual perpassam as ondas sonoras das gerações, que a vão ferindo e desferindo para ouvirem o canto das suas tristezas, dos seus desejos, dos seus sentimentos... e aparecem quando as circunstâncias os evocam para virem dar forma e impulso que precisa renovar-se.

Substitua-se, neste e noutros trechos, a palavra — circunstâncias — pela expressão — infinito, — do autor do *Sartor resartus*, e ter-se-á o fundo concepcional dos reformistas de 1866, monstros horacianos que, perdidas as asas dos poetas da velha escola, rastejam, imitando, sem querer, com os contos trôpegos o vôo dos seus antepassados.

Vejamos como Antero de Quental, apesar do seu brilhante talento, alevanta-se no vôo do velho condor.

> Enquanto
> Da História o solo trágico, regado
> Com o sangue dos tempos, anda em dores,
> Concebendo um mistério, — porque dentro
> Em seu seio, num rêgo tenebroso,
> Não sei que mão deitou uma semente

Escura, mas divina, a do Futuro!
Há de crescer até ao céu essa Árvore!
Há de vingar! o bafo, o ar que respira
É o Desejo do homem, essa eterna
Aspiração, essa atmosfera ardente
Aonde bebe vida quanto há grande,
Quanto de novo e estranho à luz se eleva!
Há de crescer essa árvore divina!
Porque as raízes dela vão, na sombra,
Buscar a vida às duas largas fontes
— Alma e Verdade — e a seiva que a alimenta
É progresso... e é o chão da humanidade. [3]

As *Tempestades Sonoras*, de T. Braga, apresentam espécimes desta ordem:

Na longínqua solidão d'ignotas plagas
Esquecido na paz da sepultura,
Em meio d'atras, pontiagudas fragas,
Dorme uma testemunha da Escritura.
Poisam em bandos as aves aziagas,
Ali, por noite tormentosa e escura!
Guarda-lhe a campa Leão robusto e velho,
A dura garra posta no Evangelho!
E disse-lhe uma voz de dentro: "Acaso
Dormes quieto o sono do jazigo?
Ergue-te, vai do Oriente ao extremo Ocaso;
Se vieres um dia ter comigo,
Vem contar-me do mundo o estranho caso,
E onde, à sombra da cruz, achaste abrigo!
Parte! embora pela amplidão o vento
Disperse fôlha a fôlha o Testamento

Os reformadores, afinal, tinham um idéia clara e precisa, e era a do atraso do país, das suas ciências, das suas letras, das suas artes, de tudo. A necessidade de acabar com o ridículo prestígio de Castilho, que nem ao menos soubera fingir-se romântico, escrevendo a *Noite do Castelo* e os *Ciúmes do Bardo* por equívoco, impunha-se como um programa, e não doam as mãos aos seus autores, por tê-lo realizado com a máxima energia. [4]

"Deixando de inspirar-se no ideal do cristianismo", declara ainda o autor citado, explicando o novo credo, "a poesia foi rasgadamente anticlerical, socialista, republicana vermelha, humanitária", o que

---

[3] T. Braga, *Teoria da História da Literatura Portug.*, 142.

[4] Tive em minhas mãos uma carta de Castilho Antônio, dirigida ao irmão, residente nesta Côrte, que seria bastante para justificar tôdas as injúrias dos coimbrões. O *Milton Português* declarava e tornava a declarar, à puridade, que nunca pudera compreender Shakespeare e Goethe. Segundo a sua opinião, o primeiro não passaria de um ébrio, e o último, de um autor de mistifórios. Entretanto, não duvidou traduzir o *Fausto*.

queria dizer que êles tentavam esmagar Herculano e V. Hugo atirando-lhes os seus ideais como ídolos vencidos e inúteis, mas não perdendo o sestro de envolvê-los na clâmide da ode, nas visualidades da apoteose, nas gambiarras da antítese do velho repertório. Verdade é que o historiador dessa fase literária apressa-se em dizer que isso não passava de um movimento provisório, entretido enquanto a crítica encarregava-se de disciplinar os artistas e preparar o estado positivo. O que, porém, é para admirar, é que êsse hugoísmo retardatário ainda hoje constitua a nota predominante dos poetas portuguêses. A disciplina apontada não progrediu fundamentalmente, e a concepção da arte, apenas perturbada em uns e mal encaminhada em outros, com exceção de um Eça de Queirós, no romance, de um Oliveira Martins, na prosa narrativa, apresenta tôdas as indecisões dos que querem nadar sem prática da natação, dos que pensam poder enxergar saindo de uma cripta imunda e escura.

O ingresso, pois, de Zola, de Richepin, dos Goncourt, em Portugal, em pouco tem melhorado as condições de desenvolvimento de talentos como o de Guerra Junqueiro, em quem, apesar de tudo quanto dêle possam dizer, o que mais esplende são as reminiscências atávicas da *tuba sonora e belicosa.* Como que não lhes foi possível ainda, por uma espécie de engolfamento étnico, fazer estalar a medula e convulsionar as entranhas com a presença do verdadeiro sentimento do real, produzindo-se, por conseqüência, um desequilíbrio entre o pródromo dêsse sentimento e a nova forma rebuscada, sempre a confundir-se, na elasticidade da expressão, com os resíduos do passado. Mas tudo isto tem sua explicação, e, para autorizá-la com uma opinião irrecusável, lembrarei que o fenômeno acusado não passa do que Spencer chamaria um *estado de consciência* em via de formação, estado difuso, incapaz, portanto, de oferecer base ao *nisus* estético e à apreensão dos precisos elementos para a sua expressão definitiva. [5]

Em Portugal e no Brasil muito se tem escrito e falado sôbre realismo nestes últimos tempos, com mais ou menos ardor. Na maior parte, porém, dos casos, me parece não só ter havido confusão no espírito dos críticos, como ilusão no dos autores que tentam alterar os seus processos artísticos e retemperar o seu estilo mergulhando as suas armas na onda intelectual do século. Essa confusão e ilusão fundem-se em um só ponto de vista, que reputo falso. Tem-se procurado fazer acreditar que naturalismo e pessimismo são coisas idênticas, e que, da mesma maneira por que o romantismo, no princípio do século, procura tôda a sua fôrça do entusiasmo, do lirismo, do

[5] Spencer, *First Principles,* § 24 e seg.

pitoresco, do delírio ideal, o naturalismo devia buscar a sua mola capital no niilismo resultante de uma análise lenticular. Semelhante burla, porém, não resiste à mais pequena reflexão, desde o momento que se confrontem as duas situações e se verifique que, no primeiro caso, existia um movimento coletivo a que eram indiferentes as mais ínfimas camadas populares, que, se não faziam odes, ao menos compreendiam-nas, ao passo que, atualmente, essas mesmas camadas vivem estranhas à literatura, não sabem se os livros ou os jornais exploram essa coisa denominada pessimismo, e se sofrem, em conseqüência das condições sociais, se choram, se cantam mesmo as suas dores, o seu chôro e os seus cantos verdadeiros são abafados e substituídos pelas blasfêmias de um *blasé* que goza como pode do seu *blaseísmo* e por uma turba imensa de *raffinés* bem aquecidos nos divãs dos seus aposentos ricamente aparelhados.

Ora, é evidente que êsse pessimismo de uma classe que, verdadeiro diletante, se apraz em entristecer-se com os males que não são seus e que não pode, portanto, compreender nem exprimir, dessa classe que, porque bem o quer e bem o pensa, se vai inspirar no ambiente limitado e deprimente dos laboratórios, aonde se calcula o que é a natureza mas não se a sente em ação; êsse pessimismo rebuscado, em grande parte devido à falta de higiene mental dos artistas, êsse pessimismo, repito, nada tem de comum com o movimento geral do século, nem pode, sèriamente, senão com a franqueza louvável dos decadentes, ser reclamado como fundamento da nova arte e dos novos ideais.

Não é, pois, sem desgôsto que consigo ler em um escritor da estôfa de Ramalho Ortigão páginas assim concebidas:

> O que é tôda a grande literatura moderna, na poesia, no romance, nos estudos psicológicos, senão o grito sobreagudo da alma do século, sentindo-se afundar no universal naufrágio de tôdas as crenças?...

Todo o artista de hoje é um mais ou menos temerário investigador do segrêdo do universo, regressando da ciência como Dante do inferno, pálido da comoção do trágico desengano... A desconsolação íntima e profunda, que constitui o cunho característico dos romances dêsses escritores, de todos os que mais nos comovem e nos interessam, porque dentre todos são êles os que mais realmente nos oferecem a imagem dos nossos próprios estados nervosos, o seu aparente pessimismo, a vaga sombra de misantropia que envolve todo o seu processo de análise e de invocação criativa não são, como alguns cuidam, casos esporádicos do mal extravagante a que podemos chamar a doença de Schopenhauer.

São simples documentos artísticos da enfermidade geral do século... A tristeza mórbida dos nossos ideais procede da crise em que se revolve o pensamento moderno: faltou-nos a segurança estável da fé e ainda não encontramos fundo suficientemente sólido em que mordesse e agarrasse a âncora da certeza científica. Naufragamos todos...

Na falta de *causas eternas*, os artistas, famintos de absoluto, investigam os *efeitos imutáveis* no que fica do homem, quando nêle se extingue a visão do infinito, a saber: a miséria das paixões, tendo por móvel a fatalidade dos temperamentos. Tal é a base de tôda a estética do naturalismo no romance e no drama contemporâneo. [6]

De sorte que, segundo o autor da *Holanda*, o pessimismo em causa não é, como alguns supõem, uma questão de casos esporádicos, de temperamentos postos em evidência e imitados; ao contrário disso, os escritores que dêle se ressentem, de todos *são os que mais nos devem comover, porque são, de todos, os que mais realmente nos oferecem a imagem dos nossos próprios estados nervosos*. E, por êste modo, a estética, a arte que, a menos que não seja ociosa a exegese dos Taines, dos Schérer, dos Schmidt e de tantos quantos, no folclore e no estudo das literaturas comparadas, têm procurado as leis dos grandes movimentos do espírito humano, a arte passa a ser aferida por um acidente de escola, que nem a estatística demonstra seja de tamanha latitude, nem que haja saído do círculo aristocrático dentro do qual agita-se e fenece. [7]

Ou eu me engano, ou êsse pessimismo, que se arvora em bandeira de escola, não tem outro valor senão o que pode ter uma sobrevivência do animismo semita, dessa superfetação que, durante tôda a Idade Média, foi imposta às raças indo-européias e cuja eliminação constitui o fundo de tôda a luta civilizadora dos últimos séculos. E, a ser isso verdade, como estou persuadido, o pessimismo não é o característico da época atual; enfermidade invertida que assustou os nossos antepassados e tirou-lhes a alegria, apresentando-lhes, continuamente, diante dos olhos a sombra pavorosa da morte, o nada da vida e a renúncia dos bens terrestres em troca do reino de além-túmulo, êsse pessimismo de forma alguma pode hoje intensificar-se, senão desvanecer-se aos clarões das ciências naturais, que restituem ao homem a natureza, à terra e ao ária os seus engol-

[6] *História de um Ano*, revista de 1885, in *Gazeta de Notícias*, 1886.

[7] Está, hoje, fora de dúvida que uma das causas que mais têm concorrido para aumentar a intensidade dêsse sôpro pessimista que sussurra em tôrno da literatura francesa é o contato dos literatos eslavos. Antes do advento de Zola, já na Rússia eram saboreados os romances dos niilistas doutrinários Pisemski, Dostoyevski, Tchernyachevski, Uspenski e do Conde de Tolstoi. Vid. Courrière, *Littérature Contemporaine en Russie*, 300 e seg.; Petroiw. *Quadro da Literatura Russa*, 177; Platão Vaxel, *Quadro das Letras e Ciências na Rússia*, 31.

famentos de luz. Como, em tais condições, admitir que a contemplação objetiva do mundo e o contato do real tenham vindo produzir êsse deplorável estado de fraqueza, quase tocando as raias da insânia? Não. Nada disto tem cabimento em literatura; e os críticos desalentados, que reconhecem e pregam a estética do pessimismo, são vítimas de uma deplorável refração do raio visual. Êles tomam uns restos de romantismo deteriorado, uns retalhos de misticismo decadente como um resultado dos adiantamentos da ciência. Tão deplorável equivocação não pode explicar-se senão por uma leitura superficial ou maliciosa de páginas autorizadas, como, por exemplo, as de um James Sully, que, analisando em uma obra substancial, a natureza e origens do pessimismo moderno, ora como crença, ora como concepção filosófica, chega a considerar pelo lado prático êsse estado psíquico, igualmente com o otimismo, uma função cuja significação permanente e valor efetivo tornam-se aparentes.

No desenvolvimento dessa idéia, diz o mencionado filósofo, acompanhando Lange, "a sociedade vive e prospera, contanto que a resultante das numerosas fôrças de crenças componentes da opinião pública se dirija aproximadamente para a região da verdade prática. Pouco importa para a sociedade que A exagere tal idéia, B tal outra, e assim por diante, contanto que o resultado atingido pela colisão destas atividades intelectuais seja suficientemente exato. Aplicando êste pensamento àquelas idéias opostas, pode-se afirmar que existe lugar para cada uma das indicadas crenças no feixe das fôrças intelectuais que forma o pensamento prático de um povo.

"A sociedade poder-se-ia governar, sem dúvida, por meio de alguma doutrina intermédia e mais exata do valor da vida; mas, no entanto, ela descobre o meio de fazer quase o mesmo com o auxílio de uma combinação da qual de dois pontos de vista extremos. (*) Um pouco de reflexão mostra, com efeito, que as tendências do otimismo e do pessimismo estão ambas profundamente enraizadas nas necessidades da vida social." [8]

Neste pressuposto, atendendo ao que atualmente se passa na Alemanha e na Rússia, não dando a Schopenhauer e a Hartmann outra influência além da que possam exercer o estilo e o misticismo de um, a clareza e o aparelho científico de outro, o analista, ao mesmo tempo que houver considerado a doutrina pessimista como uma repercussão de *certas*, — certas, tome-se nota, — condições gerais do sentimento europeu contemporâneo, entre cujas causas enumerará a anterior e enérgica manifestação do pessimismo literário de Byron, Leopardi e Heine e as circunstâncias especiais da vida social e política da Alemanha; o analista, repito, não se esquecerá de de-

(*) Sic.

[8] J. Sully, *Le pessimisme*, 435.

clarar que o pessimismo moderno "não é um desenvolvimento lógico do pensamento europeu, ao contrário, apesar de seu esfôrço para enxertar-se na ciência moderna, êle constitui, essencialmente, como uma planta exótica no solo da filosofia européia".[9] O pessimismo, portanto, não passa de uma adoção, não é um fruto espontâneo das raças a que pertencemos, e, como tal, manifesta-se com caráter de superfetação, de provisoriedade perfeitamente visíveis.

Assim, seria a mais rematada das loucuras sôbre êle fundar qualquer sistema, o que importaria o mesmo que basear a filosofia e a arte sôbre um só dos cinco sentidos.

*A Semana*, 150, 12-11-1887

É inútil desviar as manifestações do século da linha que a natureza lhes assinalou, fazendo surgir a concepção evolucionista.

O pessimismo científico e especulativo, como bem afirma J. Sully, é uma doutrina inverificável e, sob muitos aspectos, evidentemente inexata. Todo o esfôrço empregado em provar a miserabilidade sempre crescente da vida humana não passará, para quem reflete calmamente, de uma teoria errônea, a todo instante refutada pelos fatos, ora naquilo que A. Bain chama o *prazer do andamento* (seguimento da velocidade), ora no que George Eliot denomina *meliorismo*, "concepção prática que se encontra como meio-têrmo entre os extremos do pessimismo e do otimismo, como resultante de um sentimento universal no poder da humanidade de diminuir o mal e aumentar a soma do bem positivo".[10]

Quando outros argumentos não existissem para refutar aquela teoria e a sua conseqüente influência na arte moderna, bastaria atender a um fato bem patente, — à fôrça que anima as obras da escola naturalista que verdadeiramente marecem êste nome. Não há quem já não tenha observado que tais composições caracterizam-se por uma *intensidade* considerável, devida tanto à coordenação sòlidamente complexa das idéias, como à estrutura condensada do estilo. Ora, examinando-se essas obras e êsse estilo, não é difícil chegar à demonstração de que, se, porventura, o pessimismo fôsse a alma do naturalismo, ou o naturalismo não existiria, ou as suas manifestações teriam outro aspecto. A razão é intuitiva, — quem diz pessimismo, diz difusão do esfôrço, decomposição, aniquilamento; intensidade significa concentração de fôrças, superabundância de

---

[9] Obr. cit., 424.

[10] A. Bain, *Les émotions et la volonté*, 140. J. Sully, *Pessimisme*, 378.

vida; e é forçoso reconhecer que, entre os dois estados, existe a mais completa incompatibilidade.

As manifestações pessimistas, pois, a que alude Ramalho Ortigão, observadas em diversos escritores da atualidade, quando não são produtos de um estado patológico evidente, constituem uma prova mais de que êsse alardeado pessimismo limita-se a ligeiras superfetações que, como tais, não tiveram fôrça bastante para abafar as influências gerais, resistindo à reação científica. Com efeito, não era possível que a literatura, nascida dêsse contato, deixasse de caracterizar-se, no fundo, por uma grande segurança e energia.

O que tem escapado a muitos críticos é o profundo trabalho de seleção literária que se está operando, de algum tempo a esta parte, no seio das literaturas ocidentais. A produção das grandes obras artísticas está, hoje, dependente de um jôgo enorme de faculdades e de um processo tão complexo quanto se pode imaginar, pela multiplicidade das exigências de um público cujas faculdades se têm aperfeiçoado em todos os sentidos. Nesse concurso esmagador, há uma aluvião sempre crescente de tentativas votadas à morte, e que abortam por incapacidade de adaptação. Só os verdadeiramente fortes, aquêles que já surgem aparelhados para lutar com a complexidade da arte moderna, só êsses conseguem triunfar, envergando a grande armadura do século. Mas, porque o chão permanece coberto de destroços, não se segue que, pelas enfermidades e aleijões das vítimas, deva a crítica determinar as tendências da arte naturalista.

Sob êste ponto de vista, não resta dúvida que o estilo moderno, o estilo dos fortes, como produto legítimo da evolução e feitura orgânica, não tolera nem as vacilações do pessimismo, nem as obscuridades de uma arte que não conhece o seu caminho. Acompanhando a marcha universal, a arte de exprimir o pensamento por meio da palavra vai também passando de um estado homogêneo para um estado heterogêneo. Quanto mais progridem as literaturas, tanto mais se diferencia êsse aparelho com que os artistas transmitem as suas próprias impressões. No discurso, do mesmo modo que em um sistema cósmico, tudo gravita para um centro comum, tudo se condensa, tudo evolui de integração em integração. Espelho do pensamento, mantendo um perfeito equilíbrio orgânico, desde a interjeição holofrástica do homem primitivo até a página de um prosador do século XIX, a palavra obedece a leis iniludíveis. Êsse equilíbrio orgânico deu e dar-se-á sempre em virtude de um processo de subordinação, e desenvolve-se por uma lei, já verificada em lingüística, a do menor esfôrço, pois que o movimento se propaga pela linha de menor resistência.

As idéias e as imagens crescem no espírito formando de contínuo círculos concêntricos, começando por pontos indecisos que se

vão alargando gradualmente, que proliferam e sucedem-se em uma ordem lógica, na proporção da amplitude do registro cerebral. Quando o homem é obrigado a externar por meio de proposições êsses movimentos circulares e concêntricos, tem de metodizá-los em uma sucessão bem diversa da que se opera internamente; o fenômeno procura reproduzir-se no cérebro alheio, mas só o efetua depois de atravessar essa linha de sucessão.

É às regras constitutivas dêsse método que a gramática dá o nome de sintaxe. Cada proposição incorpora um daqueles círculos concêntricos, e da sua justa colocação no seguimento periodal depende a revivescência integral do grupo no espírito daquele a quem dirige o emissor.

Para melhor inteligência dêsse fato, é preciso lembrar que o grupo assim desenvolvido em linhas sucessivas não é outra coisa mais do que a representação de um *estado de consciência* completo, pois que tôda a proposição, por mais completa que pareça, não suporta mais de um dêsses estados.[11] As leis do estilo, portanto, não são senão as da sintaxe estudadas em um ponto de diferenciação da linguagem muito elevada, quando esta, apartando-se da simples adjetivação dos fatos da vida comum, prolonga-se na tentativa de uma expressão complementar das relações que escapam à atenuação ordinária. Se é certo que a sintaxe reside no conhecimento das leis relativas ao modo por que habitualmente um povo coordena as suas idéias, não é menos verdade que é dêsse núcleo que saem tôdas as manifestações particulares do pensamento, cabendo à estilística estudar apenas as divergências que as individualidades literárias apresentam na produção de sua atividade artística. Do mesmo modo que o povo fixa no discurso e transmite ilimitadamente as suas impressões por meio de certas reações periodais, o indivíduo, com o auxílio de suas combinações e reações particulares, que muitas vêzes escapam à análise, consegue infundir em seus períodos um tom, um colorido distinto. Seja, porém, como fôr, êsse *quid* não passa de uma particularização dos processos de transmissão observados na sintaxe geral; e a sua explicação só pode ser encontrada no exame das múltiplas e complexas reações a que cada escritor chegou, pelo instinto e pela pressão do ambiente em que viveu. Cada palavra tem uma sinificação própria, como um algarismo; êsse valor irredutível, entretanto, ela perde, desde que toma posição no discurso, e inflexiona-se ao infinito, subordinando-se de contínuo ao acento sintático, que preside a estrutura da frase. Produzindo variados efeitos, conforme estiver isolada, justaposta ou associada, no conflito ge-

[11] Cf. St. Mill, *Système de logique*, I, 80. Henri Weil, *Ordre des mots*, 16, 19, 21. A. Darmesteter, *The Life of Words*, na parte em que o autor analisa o que êle chama *sociedade das palavras*, *society of words*.

ral com os outros vocábulos que concorrem na composição, ela influi em tôdas as direções, provocando a revivescência das associações que a determinaram, operando de unidade a unidade, de proposição a proposição, de período a período.

As modificações cerebrais de quem ouve ou lê estão, desta maneira, em essência, ligadas à predisposição anteriormente criada pelo agrupamento de vocábulos a que outro sucede. Na expressão exterior do pensamento existem, assim, dois elementos que não deverão nunca ser esquecidos, — o vocábulo, notação rudimentar e direta da idéia, e o vocábulo-suporte da inflexão do pensamento, dependente das reações psíquicas que resultam da aproximação de determinados fatôres. À vista disto, quanto mais complexa fôr a ideação, tanto mais cerradas devem ser as operações descritas, tanto mais intensa a expressão.

É intuitiva, portanto, a grande economia de esfôrço que não é necessária para realizar a transmissão de concepções complexas por meio de aparelhos tão complicados e de tão difícil manejo. Pois bem, é nessa economia que reside tôda a fôrça do estilo naturalista.

★

*A Semana*, 151, 19-11-1887

Herbert Spencer, estudando as leis do estilo sob o ponto de vista fisiológico, explica claramente em que consiste a economia do esfôrço realizada por essa máquina de transmitir idéias chamada *linguagem*.

> Quando condenamos tal modo de escrever, — diz o filósofo, — porque nos parece, ou verboso, ou confuso, ou desordenado; quando elogiamos um estilo por ser límpido, ou censuramos outro por ser difícil, não fazemos outra coisa senão tomar aquela regra, consciente ou inconscientemente, como critério. Considerando-se a linguagem uma combinação de sinais para transmitir o pensamento, pode-se afirmar que, neste caso, como em uma combinação mecânica, quanto mais simples e bem dispostos forem os elementos componentes, tanto maior será o resultado obtido. Em ambos os casos, a fôrça inteira aborvida pela máquina o é com detrimento do efeito útil. O leitor ou o ouvinte pode despender, no momento dado, uma soma limitada de energia mental. O reconhecimento e a interpretação dos sinais que lhe são apresentados depende do desenvolvimento de parte dessa energia; uma parte ainda é utilizada na construção e combinação das imagens sugeridas; e só o excedente é empregado na realização do próprio pensamento. Portanto, quanto mais tempo e atenção gastarmos na operação de receber e compreender a frase, tanto menos tempo e atenção ficarão para a idéia nela contida; e tanto menos viva se nos apresentará essa idéia. Não é, pois, sem razão que se diz que a linguagem é um obstáculo ao pensamento, ao mesmo tempo que é um instrumento indispensável; bastando lembrar com que fôrça, comparativamente, os outros sinais traduzem idéias simples.

A frase — *saia daqui* — é menos expressiva do que um gesto mostrando a porta. Um dedo, pôsto sôbre os lábios, produz mais efeito do que um — *não diga nada*. Um chamado de mão tem mais fôrça do que as palavras — *venha cá*. Não há frase que exprima tão vivamente a surprêsa como uns olhos arregalados e umas sobrancelhas circunflexas. Um encolhimento de ombros perderia cento por cento se o tentássemos traduzir por vocábulos. Igualmente, na linguagem falada, os efeitos mais vigorosos são os das interjeições, por isso que condensam uma frase tôda em uma sílaba. E noutros casos, em que o uso nos autoriza a colocação do pensamento em uma só palavra, como — *cuidado! hurra! morra! safa!* — seria enfraquecê-lo desenrolá-lo em minuciosas proposições. Continuando, pois, a considerar metafòricamente a linguagem como o veículo do pensamento, há alguma razão para acreditar-se que os atritos e a inércia, nesse veículo, diminuem o efeito útil; e que o grande segrêdo, senão o único, da arte de compor, reside em reduzir ao mínimo possível êsse atrito e essa inércia." [12]

A conseqüência lógica a deduzir dessa lei é simples. Todos os recursos e artifícios empregados pelos que escrevem ou falam, — escolha de vocabulário, harmonia imitativa, construções, flexões, inversões, uso de tropos e figuras, comparações, alegorias, ritmo, gradações, etc., etc., — não têm por outro fim, consciente ou inconsciente, senão impressionar, e a impressão, na hipótese vertente, importa o mesmo que adaptar o aparelho de expressão ao fim colimado.

Isto pôsto, e dado o fato da progressão sempre crescente do método analítico das línguas modernas, principalmente depois que as ciências de observação arrancaram o homem à síntese empírica, para colocá-lo, com sua alma poética, sob a influência da síntese *post analysem*, compreende-se que os recursos acima indicados passaram a desenvolver-se em uma esfera muito diferente. É óbvio que as resistências cerebrais, oferecidas no exercício da função de qualidades artísticas por um povo inculto, não são iguais às que apresenta um povo letrado; as diferenças, mesmo, que existem entre as nações civilizadas de hoje e as de dois ou três séculos atrás bastaram para firmar um critério neste ponto. O traço característico, portanto, do estilo moderno deve ser procurado, graças ao máximo poder de receptividade do homem atual, na necessidade de uma maior acumulação de fatos em uma área relativamente pequena. Órgãos trabalhados durante tantos séculos pela linguagem e pela impressão artística carecem, hoje, mais do que nunca, de uma massa considerabilíssima de traços, de côres, de sombras, de efeitos, para passarem do estado normal da indiferença com que se comportam diante do que é vulgar para o estado vibrante produzido pelas renovações da análise.

---

[12] H. Spencer, *Essais sur le progrès (philosophie du style)*, trad. Burdeau, 1879, págs. 329 a 331.

Mas de que maneira tem sido possível realizar êsse acumulo, essa *congérie*, sem perda da intensificação que resulta economia da atenção, lei fundamental de todo o estilo? Os críticos não o dizem satisfatòriamente; penso, porém, que, recorrendo-se ainda às leis da sintaxe, poder-se-á encontrar no acento periodal o verdadeiro *gume* ou *perfurador* do estilo, ou, para exprimir melhor, o verdadeiro condensador da frase. Ponto de apoio instintivo do espírito, é a êle que incumbe, no estilo moderno, na multiforme adjetivação das proposições, no tumulto e complexidade dos caracteres, que regurgitam em tôrno da idéia simples, precipitando-se para dentro do período; é a êle que incumbe dar corpo ao pensamento, forçando a uma *crase* as proposições incidentes que se insubordinam, convertendo-as, aqui, em enérgicas locuções adverbiais, ali em epítetos que valem páginas, acolá, em aposições que evitam grandes circuitos, — realizando, em suma, uma revulsão contínua, uma integração intensa no organismo da frase.

As pessoas, a quem são familiares os estudos de filologia comparada, sabem perfeitamente que influência o acento tônico exerceu na transformação e coesão das palavras nas línguas românicas. Benloew diz que o acento assinala "a ação exercida sôbre o vocábulo pela inteligência do homem, indicando por isso que as línguas, à medida que se acentuam, vão entrando na consciência de si mesmas". [13] Esta tendência para a concentração, segundo Boeckh, data já dos latinos, que, graças ao seu gênio abstrato, desenvolveram prematuramente a prosa, multiplicando as contrações, as assimilações, as ectlipses, as apócopes. Pois bem, desde que admitamos a presença de igual fenômeno na proposição e no período, como instrumento expurgador de todos os acessórios, de tôdas as escaras, que se opõem à nitidez e ao arredondamento da frase, teremos pôsto a mão sôbre o elemento capital por onde o escritor insufla a própria vida no seu discurso.

Foi Henrique Weil o primeiro que chamou a atenção, de um modo sistemático, para êsse fato, sob o aspecto da coordenação gramatical.

> Da mesma maneira, — escreve êste filólogo, — que, em cada palavra, existe uma sílaba em que nos apoiamos mais fortemente, e outras pelas quais deslizamos apenas, existe também, em cada proposição, *uma palavra*, em cada período, *uma proposição parcial*, sôbre a qual a alma e a voz vibram com mais energia. Esta acentuação constitui o princípio vivificante da linguagem; outras particularidades da pronúncia são apenas a sua parte material. Essa nota pessoal, êsse sôpro de vida, êsse *não sei que* é indispensável para dar vida às vibrações do ar que ferem nossos ouvidos. Com efeito, por mais exata que seja a leitura de uma obra admirável, por mais originais e novos

---

[13] S. Reinach, *Philologie classique*, I, pág. 133.

que pareçam os pensamentos emitidos, essa leitura e êsses pensamentos não serão compreendidos, e até se julgarão triviais e rebuscadas idéias arrancadas do fundo da alma, se a voz não acentuar as nuanças características. Ao contrário disso, dê-se relêvo, por meio dessas nuanças, ao que já tiver sido dito milhares de vêzes, e todo mundo pensará em uma coisa nova, porque o acento prova que tais palavras não saem sòmente dos lábios, mas também da alma, das entranhas de quem fala." [14]

A relação entre êsses acidentes da voz e a ordem ou colocação das palavras é um fato de primeira intuição. Tôda a eloqüência e energia da frase está, pois, na sua coincidência. Fazendo aplicação mais ampla dessa teoria, Ayer pronuncia-se pelo que êle denomina acento *racional*, que tem por função "determinar a unidade da proposição como um todo composto de partes distintas (palavras), as quais não podem ser emitidas por um modo uniforme, mas elevando-se a voz na palavra principal da frase ou do membro da frase, e abaixando nas outras". [15]

Vencidas tôdas as resistências, no que respeita à receptividade do ouvinte ou leitor, pelo eretismo que o acento comunica ao período e ao discurso inteiro, resta saber como se realiza essa colocação tão difícil de distinguir de estilo a estilo, no meio de influências tão variadas e complexas. Não há dúvida que tal acidente depende todo do modo particular de ser de cada um, — do temperamento, e é certo que o temperamento, cedendo também à lei do menor esfôrço, dirige-se pela linha das suas aptidões mais naturais. Bain reputa todo o desenvolvimento intelectual um prolapso da desigualdade de sentidos com que nasce cada indivíduo.

Segundo essa opinião, aliás baseada em fatos adquiridos para a ciência, as percepções fornecidas pela vista, pelo ouvido, pelo tato, pelo olfato e pelo paladar estão muito longe de guardar uniformidade de indivíduo a indivíduo; ao contrário disso, as divergências vão, às vêzes, até verdadeiras anomalias.

Tal é a principal origem das diferenças de caráter intelectual, dos gostos, das tendências, que se encontram em pessoas diversas. Se uma consegue, desde comêço, apreciar cinco nuanças de côres no

---

[14] H. Weil, *De l'ordre des mots*, pág. 74.

[15] Ayer, *Grammaire comparée de la langue française*, pág. 479. Eis como êste autor exemplifica a teoria: "A palavra principal pode ser: 1.º, o *predicado* com relação ao sujeito; — 2.º, a palavra *determinante* com relação à determinada, isto é, objeto e verbo, atributo e substantivo; — 3.º, a *palavra-idéia* com referência à *palavra-relação*. Assim, na seguinte frase:

O *menino* lê UM LIVRO INTERESSANTE,

a idéia dominante é o perdicado *lê;* mas esta palavra é determinada pelo regime *um livro*, o qual, por sua vez, é determinado pelo adjetivo *interessante*. É sôbre o último que deverá recair o tom principal.

ponto preciso onde outra não distingue mais de uma, pode-se afirmar que as carreiras, tanto de um como de outro, estão antecipadamente traçadas, e bem definida a distância que guardarão entre si. [16]

Dado o fenômeno como constante no desdobramento psíquico da individualidade artística, torna-se relativamente fácil classificar os temperamentos literários. Todos êles estão subordinados ao ponto de partida, e as suas sensações, por maior que seja o grau de diferenciação a que tenham chegado, nunca perderam o molde original. Os agrupamentos de imagens, em tôda sua vida consciente ou inconsciente, não serão outra coisa mais do que a prolificação, modificada pelo ambiente, das primeiras associações que se formaram em seu espírito, ao contato do mundo exterior. O homem é vacinado, logo ao nascer, por um dos cinco sentidos; e essa vacina determina tudo quanto se houver de criar em sua inteligência de artista. A colocação, portanto, do acento na frase escrita, e o conseqüente colorido do estilo, terá, fatalmente, de recair sôbre os membros que melhor exprimem o que é peculiar ao artista e que mais se acomodam aos aspectos favoritos de seu espírito. Realizada a seleção do membro acentuável, e estabelecido o equilíbrio periodal, é claro que estão resolvidas, na execução, tôdas as dificuldades relativas aos acessórios, às incidências, que, por assim dizer, constituem a encarnação do discurso.

*A Semana*, 153, 3-12-1887

Os fenômenos de transmissão do pensamento estão todos dependentes da sistematização da frase, sem a qual nada é possível, pois que o espírito, em suas relações com o mundo exterior, nunca procede senão pelo princípio da unidade.

Os instrumentos de que se serve a natureza para chegar àquele resultado estão conhecidos: — a economia do esfôrço, a reação periodal, o acento e, por último, o temperamento do indivíduo, a que os dois primeiros fatôres se subordinam por via do terceiro, sua imediata função na frase ou no discurso, Entretanto, não devo esquecer um fato de ordem psíquica que ainda se prende à economia de meios e que por isso constitui um poderoso elemento de revivescência do estilo, máxime quando êste sofre a última elaboração cerebral para adaptar-se ao que há de menos tangível na expressão do temperamento de cada um. Refiro-me aos fenômenos semióticos, em virtude dos quais "os velhos materiais da linguagem são contìnuamente aplicados a novos usos, sem que sua significação original oponha obstá-

[16] Bain, *La science de l'éducation*, pág. 12.

culo ao pensamento, nem produza confusão nas idéias". [17] A importância dêsses fatos deduz-se naturalmente do vastíssimo quadro em que êles se desenvolvem e da sua íntima ligação com a harmonia das disposições estéticas do artista e do público que lhe é familiar. As observações realizadas pela ciência neste terreno foram perfeitamente assinaladas por M. Bréal, no que êle denomina *elipse interior*, que consiste na elaboração espontânea, em virtude da qual o espírito de quem lê ou ouve supre grande parte de idéias não contidas na palavra. [18] A acepção dos vocábulos tem, pois, um elastério que se presta a tôdas as nuanças imagináveis; e basta atender ao modo por que se provocam estas relações mentais, para que não se deixe de admitir uma fôrça sugestiva na acentuação de membros, formando o verdadeiro ponto de coesão de idéias que procuramos suscitar no espírito de outrem.

Há ainda um fato, paralelo a êste, que muito tem concorrido também para caracterizar o estilo moderno, — o neologismo.

> Uma palavra, — como bem diz Sayce, — tirada de fonte viva da língua falada, traz sempre de envolta idéias novas, e imprime-se no espírito com mais vivacidade do que as expressões habituais, que não passam de símbolos mortos e incolores. Quando, por exemplo, lemos estas palavras *os quatro pontos cardeais*, compreendemos o que o escritor nos quis dizer, sem que, contudo, vejamos pintados os objetos; quando, porém, Carlyle nos fala dos quatro *airts* (ventos), sentimos logo a imaginação em transporte e a atenção despertada. As associações mecânicas dos sons e idéias com que estamos habituados são interrompidas pela novidade, pelo desejo de compreender tôda a fôrça de um têrmo vindo de um *patois* aonde a vida da linguagem é mais intensa. [19]

Em resumo, o estilo moderno caracteriza-se por dois sintomas capitais: — 1.º, a *crase periodal*, que se manifesta na razão direta da complexidade assumida pelas concepções do artista; 2.º, a tendência sugestiva do *acento racional* em desenvolver essa crase na direção da individualidade sempre crescente de um temperamento.

Voltando, pois, ao ponto de partida, é forçoso concluir que tais qualidades estilísticas não devem ser encontradas senão nos escritores que, possuindo um grande poder de análise, dispõem, ao mesmo tempo, de uma grande faculdade de síntese. É por isso que, quando nos pomos em comunicação com autores geniais, como Tácito, Shakespeare, La Bruyère, Saint-Simon, Montesquieu, não nos podemos furtar aos efeitos particulares dos seus estilos, que nos impressionam e estabelecem vínculo profundo em nosso espírito. E com certeza êstes artistas não atingiriam essa perfeição senão pela fôrça, pelo

---

17 Whitney, *La vie du langage*, pág. 66.

18 M. Bréal, *Mythologie et linguistique*, pág. 301.

19 Sayce, *Philologie comparée*, pág. 32.

equilíbrio, pela intensificação dos processos naturais, retemperados na observação objetiva, nunca se perdendo na indecisão própria das naturezas sem oriente, difusas, descoordenadas, cujas idéias dissociadas nunca alcançam sistematizar-se na frase incisiva, percuciente e enaltecida.

Os escritores da atual escola naturalista não procedem de outro modo quando se esforçam, tanto na teoria como na prática, por demonstrar que a arte não é senão a concentração da natureza em um temperamento, e que o estilo, refletindo êsse fenômeno, não pode ser também senão o desenvolvimento, em seu *maximum*, das leis da palavra. Para estabelecer essa contraprova, não é preciso mais do que tomar as obras dos mestres do realismo e percorrer, ao acaso, mas com o espírito atento, as primeiras páginas que se ofereçam aos olhos curiosos.

> Quand ses yeux quitait le bocal où elle regardait les poissons sans le voir, elle les relevait par un mouvement désespéré, comme pour invoquer le ciel. Ses souffrances semblait être de celles qui ne se peuvent confier qu'à Dieu. Le silence n'était troublé qui par des grillons, par quelques cigales qui criaient dans le petit jardin d'où s'échappait une chaleur de four, et par le sourd retentissement de l'argenterie, des assiettes et des chaises qui remuait, dans la pièce contigue au parloir, un domestique occupé à servir le dîner. En ce moment, la dame affligée prêta l'oreille et parut recueillir, elle prit son mouchoir, essuya ses larmes, essaya de sourire, et détruisit si bien l'expression de douleur gravée dans tous ses traits, qu'on eu pu la croire dans cet état d'indifférence où nous laisse une vie exemple d'inquiétudes. (Balzac, *Obras Completas*, 34.º vol., p. 16.)

> Maintenant nous redescendons lentement à l'aviron ce grand fleuve que nous avons monté avec nos deux voiles blanches.
>
> Nous nous arrêtons devant toutes les ruines. On amarre le bateau, nous descendons à terre. Toujours c'est quelque temple enfoui dans les sables jusqu'aux épaules, et qu'on voit en partie comme un vieux squelette déterré. Des dieux à tête de crocodile et d'ibis sont peints sur la muraille blanchies par les fientes des oiseaux de proie, qui nichent entre les intervalles des pierres. Nous nous promenons entre les colonnes. Avec nos bâtons de palmier et nos songeries nous remuons toute cette poussière. Nous regardons à travers les brèches des temples le ciel que cassepète de bleu. Le Nil coulant à pleins bords serpente au milieu du désert, ayant une frange de verdure à chaque rive. C'est toute l'Egypte. Souvent il y a autour de nous un troupeau de moutons noirs qui broute. Quelque petit garçon, nu, leste comme un singe, avec des yeux de chat, des dents d'ivoire, un anneau d'argent dans l'oreille droite et de grandes marques de feu sur les joues, tatouage fait avec un couteau rougi. D'autres fois ce sont de pauvres femmes arabes couvertes de gueuilles et de colliers qui viennent vendre des poulets à Joseph. Une chose merveilleuse, c'est la lumière; elle fait briller tout. Dans les villes, cela nous éblouit toujours, comme ferait le papillotage de couleurs d'un immense bal costumé. Des vêtements blancs, jaunes ou azur se détachent, dans l'atmosphère transparente, avec des crudités de ton,

à faire pâmer tous les peintres. (Flaubert, *Correspondence, première série*, pp. 298-299.)

Le chien, d'un coup de gosier, avait bu le morceau de biscuit qui Pauline lui tendait; et il replaçait sa tête sur le petit genou, il demandait un autre morceau, les yeux toujours dans les yeux de sa nouvelle amie. Elle riait, le baisait, le trouvait bien drôle, les oreilles rabattues, une tape noire sur l'oeil gauche, la seule tache qui marquât sa robe blanche, aux longs poils frisés. Mais il y eu un incident: la Minouche, jalouse, venait de sauter legèrement au bord de la table; et, ronronnante, l'échine souple, avec des grâces de jeune chèvre, elle donnait des grands coups de tête dans le menton de l'enfant. C'était sa façon de se caresser, on sentait son nez froid et l'affleurement de ses dents pointues; tandis qu'elle dansait sur ses pattes, comme un mitron pétrissant de la pâte. Alors, Pauline fut enchantée, entre les deux bêtes, la chatte à gauche, le chien à droite, envahie par eux, exploitée indignement, jusqu'à leur distribuer tout son dessert... (E. Zola, *La joie de vivre*, p. 18.)

Êstes documentos mostram perfeitamente a distância que existe entre êste estilo sugestivamente pontuado pela especialização, pelos acidentes dos objetos descritos, o estilo clássico, petrificado em suas formas amplas e genéricas, e o romântico, perdido no tumulto de uma tropologia incoerente. O esfôrço da crase é manifesto, e a cada passo a página do livro sente-se animada pela multiplicidade de traços concretos, que fazem vibrar na frase a vida intensa dos objetos artìsticamente elaborados. Essa autonomia de expressão, os escritores apontados com certeza não teriam atingido se não pertencessem à raça dos verdadeiros artistas da palavra, ou se vivessem mergulhados nesse subjetivismo incoativo que é a morte de tôda a impulsão estética.

Ora, se o pessimismo, como creio, é um fenômeno prodrômico de desagregação dos fatos de consciência, e se o principal resultado dêsse estado é a exageração do subjetivismo, o divórcio do mundo objetivo, a incapacidade de análise, a ineficácia da atenção: a conseqüência inevitável de tudo isso é que êle não pode produzir senão a dissociação sintática, tornando o estilo difuso, incoercível, e anulando o princípio capital da arte, derivado, como o demonstrou Taine, da mesma lei biológica que preside ao arranjo e desenvolvimento de todos os sêres organizados. Pouco importa que um ou outro mestre da escola naturalista faça cabedal das teorias pessimistas e chegue até a exemplificá-las em seus livros, acumulando em tipos diversos todos os aspectos tristes que pode apresentar uma determinada sociedade. O essencial é verificar as crenças reais dêsses indivíduos; e não confundi-las com os seus intuitos de artista, nem com os efeitos que êles empregam para ferir a imaginação e a sensibilidade do seu público. Estas superfetações, que muitas vêzes representam as tendências satíricas de um autor, levantam-se como um escolho para grande parte dos sectários da escola, e não raro se

vê que, abandonado o caminho reto indicado pelo que há de mais enérgico no talento, povoam-se as estantes de trabalhos que bem se podiam classificar como dialetos viciosos de uma escola de poesia.

Bem difícil seria determinar até que ponto a superfetação aludida conseguiu invadir os discípulos da escola naturalista em Portugal e no Brasil e como, influindo principalmente no estilo, deu-lhe uma feição especial. Seja, porém, como fôr, o que, para mim, não resta dúvida é que tôdas as desigualdades que se encontram nos livros da nova geração não têm outra causa senão o desequilíbrio psíquico entre a forma e o pensamento; e essa enfermidade é perfeitamente explicada pela adoção da estética pessimista.

# LITERATURA BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO III, VOL. III, N.º 154, 10 DEZEMBRO 1887, PP. 378-379, REPRODUZIDA, COM LIGEIRAS MODIFICAÇÕES, DE *A VIDA MODERNA*, RIO DE JANEIRO, N.º 11, 13 SETEMBRO 1886, PP. 85-86, ONDE TINHA O TÍTULO DE "PONTO DE VISTA PARA O ESTUDO DA LITERATURA BRASILEIRA".

[A transcrição aqui é feita de *A Semana*.]

*Ponto de vista para o estudo da história literária do Brasil. — 1. Os três fatôres e as exagerações parciais de Taine, Otto Müller e Nisard. — 2. Todos nós exageramos o momento. Ação e razão. — 3. O verdadeiro método. A lôba do sofisma. Material de estudo. Classificação. Questões abertas. — 4. O século XVI. Necessidade de limitar o assunto. — 5. O meio. Leis físicas e mentais, segundo H. T. Buckle. Sua aplicação ao Brasil. — Obnubilação do colono.*

1. — É muito difícil, na execução de qualquer trabalho de crítica, e principalmente em uma história literária, escapar às tendências do próprio temperamento. O crítico, de ordinário, exagera uma das três condições da arte, dando mais importância, ou ao *meio*, ou à *raça*, ou ao *momento*. S. Reinach é, por exemplo, de opinião que a raça sobreleva em valor a todos os outros fatôres, sem desconhecer as exagerações de Otto Müller, quanto à raça, e as de Taine e Nisard, quanto aos mais. [1] É preciso convir, porém, que, em todo êsse processo, não há tanto uma questão de predileções como de necessidade de clareza, nem sempre se podendo dizer que seja isso o resultado do desconhecimento das leis correlativas aos fatôres que analisamos.

A importância de qualquer um dêles depende, não só do ponto de vista em que se houver colocado o historiador, como do público para quem escrever, do país sôbre que dissertar e da especialidade a que se quiser cingir. Não há a menor dúvida que, tratando-se de literatura geral, todos os fatôres aludidos deverão ser tratados em perfeito pé de igualdade. Mas se, por exemplo, como Renan, pensarmos em traçar a história das línguas e literaturas semíticas, é manifesto que, o fato de não se dar precedência à etnologia, motivaria grandes lacunas nesse trabalho e, o que mais é, o tornaria incapaz de sugerir novas idéias. Era o que teria sucedido a Otto Müller, quando estudou a corrente literária indo-européia. O esquecimento do meio e do momento teria sido deplorabilíssimo, se o seu fim principal não fôsse demonstrar a existência daquela corrente. Taine, por seu lado, exagerando o meio, encontra a sua justificação na circunstância de se ter concentrado na história da literatura in-

---

1 S. Reinach, *Philologie classique*, I, 130.

glêsa. Como é sabido, as tendências de raça, na Inglaterra, estão muito em evidência; as linhas etnológicas, ali, são nítidas demais para que o crítico se preocupasse com elas. De resto, aceito o fundo comum, o seu ofício limitava-se a destacar a feição que os arianos insulares tomaram, depois de forçados a um gênero de vida particular, o que constitui o nervo da história inglêsa e explica tanto a sua política, em Cromwell, Pitt, Burke, como a sua literatura, as suas artes, em Chaucer, Shakespeare, Bunyan, Swift, Sterne, Byron, Hogarth. Acresce a isto que o seu processo está explicado, e nêle se acham compreendidas tôdas as fôrças que podem influir na formação da mentalidade de um povo.

No prefácio de um de seus livros, *Ensaios de Crítica e de História,* o eminente crítico definiu de modo positivo o método de que tem se servido para chegar às suas conclusões.

> Em um grupo humano qualquer, — diz êle, — os indivíduos que atingem maior autoridade e mais extenso desenvolvimento são aquêles cujas aptidões e inclinações correspondem melhor às do grupo. O meio moral, do mesmo modo que o meio físico, atua sôbre cada indivíduo por excitações e repercussões contínuas: êste meio faz abortar uns e crescer outros na proporção exata da concordância ou do desacôrdo que se manifesta entre si. Êste trabalho surdo constitui uma espécie de escolha que, por uma série de formações e deformações imperceptíveis, sob o ascendente do meio, produz, no cenário da história, artistas, filósofos, reformadores religiosos, políticos capazes de interpretar ou realizar o pensamento de seu tempo e de sua raça, da mesma maneira que, no cenário da natureza, as espécies de animais e de plantas as mais capazes de acomodarem-se ao clima e ao solo.

É o princípio de Darwin, sôbre a seleção natural, aplicado às manifestações intelectuais e afetivas, em tôda a sua extensão.

2. — Quanto ao *momento,* que não é outra coisa mais do que aquilo que o bom-senso chama oportunidade, não é só Nisard que o exagera. Todos o fazem, a seu modo.

O momento é um fenômeno muito complexo e quase intangível. Verdadeiro *vismara,* êle toma a côr da árvore em que pousa. Cada um define a ocasião e a explica segundo a educação que recebeu.

O meio determinou o aparecimento das raças e as modificou consecutivamente. As raças alteraram-no, depois, e diminuíram a sua influência imediata; assim artificializado, o meio passou a exercer uma ação indireta, porém muito mais complexa e importante. O homem, sempre orgulhoso, opôs-lhe as resistências de que dispunha, e acabou por convencer-se de que nada tinha de comum com o ambiente, criando, por êste modo, as teorias antropocêntricas; e, nesse movimento clônico, dentro do qual progride a humanidade, quase chegou a perder a noção do fundamento capital de sua história, va-

cilando eternamente encerrado no círculo de Pascal, cujo centro está por tôda a parte e em parte nenhuma. No fim de tudo, poder-se-á definir o momento — o estado dos fatôres *imediatamente anterior* à produção de um fenômeno, capaz de gerar, no homem social, um estado de consciência claro e positivo.

Entretanto, certa escola atribuirá tal fato à intervenção exterior da natureza; tal outra procurará na profunda abstração a sua lógica, o *nomos* da vontade humana; outra, ainda mais afoita e menos segura, confundirá os elementos mais antagônicos, baralhará as noções mais exatas, para extrair de acidentes fúteis, de verdadeiras bagatelas, como o sono de Dario, o nariz de Cleópatra, o abscesso de Francisco I, a fístula de Luís XIV, o motivo dos mais assombrosos movimentos que têm agitado o mundo, e do microcosmo, influições químicas tão poderosas, que espantariam o próprio poder do Deus do Pentateuco. [2]

3. — É preciso, pois, que não nos preocupemos com êsses desvios da inteligência e que, através de semelhante floresta dantesca, busquemos, na sombra, a mão amiga de um Virgílio; e que a lôba do sofisma e da falsa erudição desapareça diante do verso célebre do poeta florentino.

É fácil compreender que, tratando-se de escrever a história da literatura brasileira, dever-se-á tomar tôdas as cautelas contra a difusão das idéias. A primeira condição de êxito, portanto, repousa na concentração inteira da atenção do crítico no seu assunto, — o Brasil, isto é, na reunião do material histórico e na obtenção das sugestões de que êsse material seja suscetível, por sua originalidade. Sem êste processo preparatório, será impossível alcançar a mão do *Virgílio* nacional.

O estudo dos documentos divide-se, naturalmente, em cinco seções: *A)* documentos relativos *à terra* do Brasil; *B*) documentos concernentes à invasão *da terra; C*) documentos sôbre a ação do homem e transformação *da terra; D*) documentos atinentes ao *folclore,* tanto transoceânico como indígena; *E*) produtos literários conscientes encontrados no arquivo da história pátria.

A simples menção dêstes materiais dá idéia da marcha que há de tomar o crítico, para chegar ao desenvolvimento completo de sua obra. Com razão afirma um dos sabedores da crítica moderna que um *método* indica uma *obra por fazer*, e um *sistema,* uma *obra feita e acabada.* No caso vertente, é preciso que o historiador seja alguma coisa mais do que um mestre de obra feita. Se se aferrar a um sistema exclusivo, o seu trabalho será em pura perda. Para um método aberto, como recomenda a nova escola filosófica inglêsa, —

---

[2] Paul Mougeollo, *Les problèmes de l'histoire,* 3.

um método que seja capaz de suportar tôdas as tendências individuais em agitação.

4. — Não obstante isto, devo acrescentar que o método adotado para explorar a história do século XVI no Brasil deve diferir em muito do que terá de ser aplicado ao estudo dos séculos seguintes. A razão é óbvia. Os séculos, no Brasil, são perfeitamente independentes. Só há dois períodos que se explicam; são os dois últimos. Quanto ao primeiro, é evidente que, procedendo de fora o movimento, a sua história tem o eixo no centro da metrópole. Neste caso, não se trata pròpriamente de história do Brasil, mas de Portugal; e como a nossa é uma história *particular*, — especial, — o que se conclui é que seremos obrigados a abandonar as influências gerais conhecidas, ou indicá-las apenas, para acompanhar o *fator* que, durante aquêle tempo, mais concorreu para *dar côr* à vida no Brasil. Já se vê, pois, que, durante o século XVI, pelo menos, pouco ou nada importam, sob o ponto de vista literário, as influências étnicas, que só vêm a mostrar-se, de modo sensível, do século XVII por diante, em Gregório de Matos e outros.

Aos olhos do colono, o selvagem desaparecia confundido com o tapir, com o jaguar e tantas outras bêstas-feras que povoam as florestas. O homem, como o animal bravio, entrava apenas no *mise en-scène* como decoração da terra novamente descoberta; constituía um elemento pitoresco, de surprêsa ou de terror, se é que muitas vêzes não se amalgamava com o próprio solo, deixando, de sua importância sociológica, impressões apenas superiores às que produziam, como resistência bruta, as montanhas, os grandes rios, as cataratas, as matas insondáveis e a vastidão regional. No século XVI, portanto, o estudo deve limitar-se à *ação catalítica* exercida pela nova terra na quimificação da psicose do colono.

5. — Antes de tudo, cumpre-me ponderar que o meio físico não é estudado aqui como influência pré-histórica, o que seria o maior dos absurdos, mas como influência e determinante de *ordem psicológica*, mas de um valor tão grande, que chega a assombrar o observador, por sua obra de *neutralização temporária* de hábitos de raça, princípios de educação, idéias religiosas, de tudo, enfim, quanto pode constituir o pecúlio de um povo que envia aventureiros *através de mares nunca dantes navegados.*

As variações do recalque que a conformação e os aspectos da terra imprimem na feição moral de povos de origem comum, e que por essa razão oferecem, hoje, diferenciações extraordinárias, têm sido objeto das investigações de vários filósofos e naturalistas; e em vista do que a êsse respeito disseram Hooker, Lyell e Darwin, se pode presentemente afirmar com tôda a segurança que, entre tôdas as causas determinantes das distribuições geográficas, nenhuma tem

maior importância, nem se prende com mais evidência às leis do transformismo, do que o *mimetismo,* isto é, o processo instintivo de adaptação de que as raças e os indivíduos lançam mão para iludirem a natureza [e] não serem aniquilados por um meio hostil.

Hegel já sugerira êsse ponto de vista, tratando da Holanda, e Goethe, poeta e ao mesmo tempo naturalista, não deixou o fato passar despercebido. V. Hugo, com a sua intuição de profeta, escreveu, no *Noventa e Três*:

> A configuração do solo aconselha ao homem muitas ações. Ela é mais cúmplice do que se pensa. Diante de certas paisagens medonhas, a gente tem vontade de inocentar o homem e culpar a criação. O deserto é, às vêzes, funesto à consciência pouco esclarecida.

A fôrça sugestiva dos aspectos exteriores do mundo é, evidentemente, tão despótica sôbre o homem, que mais de um escritor, impressionado pelos seus efeitos, tem tentado basear sôbre ela todo o movimento da história, ora prendendo-a à lei das altitudes, ora à das longitudes, ora à das latitudes. Karl Ritter, por exemplo, chegou a subordinar as emigrações dos povos às formas dos continentes. [3]

H. Buckle, em todo caso o mais admirável de todos, procurou sistematizar essas influências psicológicas de modo a conciliar tudo quanto existe de vago na complexidade de tantos elementos verificados pela ciência contemporânea. Verdade é que o notável historiador, prêso a um tal ou qual dogmatismo, resultante das categorias impostas pela escola de A. Comte, tratou com profundo desprêzo tudo quanto diz respeito às origens etnológicas.

> Como todos os antecedentes, — diz êle, — ora estão no espírito, ora fora do espírito, é evidente que tôdas as variações ou mudanças na história e vicissitudes da raça humana, progressos e decadência, felicidades ou misérias, são o fruto de uma dupla ação; ação dos fenômenos exteriores sôbre o espírito e ação do espírito sôbre os fenômenos... Temos o homem modificando a natureza e a natureza modificando o homem: desta recíproca modificação saem necessàriamente todos os acontecimentos.

E logo adiante acrescenta que ao historiador pertence obrar como mediador.

> Estabelecer as condições desta união é fixar as bases da história. Com efeito, desde que a história se ocupa das ações dos homens, desde que estas ações são produtos ùnicamente da colisão entre os fenômenos interiores e exteriores, torna-se indispensável examinar a importância relativa dêstes fenômenos. [4]

---

[3] Obr. cit., 97.

[4] H. T. Buckle, *História da Civilização da Inglaterra,* I, 27, 28, 41.

Tomando êste ponto de vista, o historiador divide as leis da história em físicas e mentais. Vê-se, entretanto, que o que Buckle entende, aqui, por leis físicas, não passa de uma série de influências de natureza puramente psicológica, exercidas pelo ambiente sôbre as faculdades, muito diferentes das que entram na morfologia orgânica da espécie humana. Neste caso, para êle, a história não vai além de um capítulo de psicologia descritiva. As verdadeiras leis físicas, isto é, as leis de seleção natural, herança, adaptação, etc., ficam totalmente fora do seu quadro.

Sabemos que a história verdadeiramente só aparece aonde acaba a paleontologia, isto é, quando o homem, e, portanto, a sociedade, toma conhecimento de si mesmo. As suas transformações orgânicas, daí por diante, tornam-se quase inapreciáveis e a evolução humana passa a ser apenas descritível no que diz respeito ao mundo das concepções. Começa a luta das adaptações mentais e a gênese de tôda essa teia que constitui a aparente confusão da vida. Apesar disto, porém, os elementos anatômicos e o estudo de suas modificações são indispensáveis, desde que se trate de explicar os movimentos inconscientes que se operam no próprio corpo social e lateralmente àquele outro. É evidente, pois, que o autor da *História da Civilização da Inglaterra* confundiu leis que atuam diretamente sôbre o organismo com leis que se referem simplesmente às funções cerebrais, porquanto essas leis que êle colocou na classe das influências orgânicas não são senão obstáculos ou facilidades oferecidas ao exercício de funções já criadas pela ação cósmica e que se refletem de um modo puramente psíquico na vida humana.

Neste ponto, parece-me que há mais clareza na exposição de Sergi. O ilustrado professor de antropologia da Universidade de Roma, para representar o mesmo fenômeno, traça um diagrama no qual se vê um ponto que indica o indivíduo envolvido por cinco círculos concêntricos; o 1.º representa a família, o 2.º, a cidade, o 3.º, a nação (*razza*), o 4.º, o elemento internacional (*fra razza*), o 5.º, o ambiente físico.

> O indivíduo, dêste modo, vive em um ambiente limitado e primitivo, que é a família, que vive em outro ambiente maior, que é a cidade, a qual, por seu turno, faz parte de um ambiente ainda mais vasto, que se chama nação, raça; enfim, esta mergulha-se num, vastíssimo, que é o mundo das nações. O indivíduo é o centro de uma esfera, composta de esferas concêntricas, das quais a mais externa e universal é o ambiente físico. Nos povos primitivos e selvagens, essa esfera é mais restrita; as esferas concêntricas são menores; as influências e os ambientes maiores são os da tribo e da raça. [5]

---

[5] Sergi, *L'educazione del carattere*, 48 e 49.

Sem embargo, porém, dessa limitação, a sistematização de Buckle serve perfeitamente aos intuitos acima indicados sôbre a história do Brasil no século XVI, porque é nessa época que se verifica verdadeiramente quanto pode sôbre as fôrças morais do homem a pressão exterior. Têm, pois, tôda a aplicação ao Brasil estas palavras, — que, "nas civilizações exteriores à Europa, a natureza conspira para aumentar a influência das faculdades imaginativas e enfraquecer a razão".

6. — No Brasil, pelo menos durante todo o século XVI, essa lei operou-se com violência extraordinária; e a história do desbaratamento estético e moral por que passaram os portuguêses e espanhóis, transpondo o oceano e procurando um novo *habitat* na América do Sul, daria uma explicação sumária de tôdas as transformações produzidas por êxodos subitâneos, como foram o dos Judeus, depois da estada no Egito, e dos bárbaros asiáticos, depois de transportados ao último ocidente.

A êsse fenômeno, durante o qual, como se vê, adelgaçaram-se, atenuaram-se tôdas as camadas de hábitos que subordinavam o homem à civilização, abriu-se uma fenda na estratificação da natureza civilizada, para dar passagem à poderosa influência do ambiente primitivo; a êsse fenômeno, que se acentua a cada passo no movimento da vida colonial ou aventureira do século XVI, poder-se-ia dar o nome de *obnubilação brasílica*, e, sem dúvida, sôbre êle basear-se tôda a teórica histórica daquela época indecisa.

Qual foi o sentimento que se gerou no português, logo que se sentiu abandonado às suas próprias fôrças no solo americano?

Qual a nova direção que tomaram as suas faculdades estéticas, em conseqüência dessa queda psíquica, ou, para exprimir-me melhor, — dessa regressão ao tipo mental imediatamente inferior, por desagregação da placenta européia?

Eis o assunto exclusivo que servirá de texto à história literária do nosso primeiro século.

A resposta é sumamente complexa, e só pode ser satisfatória se fôr acompanhada da descrição do processo pelo qual se operou a obnubilação do português no Brasil e, mais que tudo, da análise das fôrças que determinaram fato tão interessante.

# A ARTE COMO FUNÇÃO

PUBLICAÇÃO EM *A SEMANA*, RIO DE JANEIRO, ANO III, VOL. III
N.os 155, 17 DEZEMBRO 1887, PP. 385-387, e 156, 24 DEZEMBRO 1887,
PP. 393-394.

*A Semana*, 155, 17-12-1887

Apesar da grande diferença que existe entre *ciência* e *arte*, muitas pessoas há que irrefletidamente permanecem na suposição de que os progressos do século XIX autorizam a confusão. Para tais pessoas, Sully Prudhomme constitui a última expressão da poesia genial, e Lucrécio, precisamente naqueles pontos do poema em que seu estro menos comunicou com as musas, assume a atitude de um verdadeiro precursor.

Certas teorias desenvolvidas por Emílio Zola, nos seus livros de crítica, têm concorrido, mais do que se pensa, para que semelhante êrro, parecendo justificado, continue a propagar-se como a tendência efetiva da arte, no mesmo século das grandes sínteses de A. Comte e H. Spencer. Não quero com isto dizer que o autor do *Assommoir* desminta a sua índole de artista eminente; mas é forçoso reconhecer que nem sempre o que êle diz está de acôrdo com o que êle faz. Saturado de experimentalismo *claudebernardiano*, receoso, talvez, de que as suas audácias de naturalista fôssem postas em dúvida, o grande romancista, em mais de um artigo de propaganda, esqueceu-se de si mesmo para difundir-se em uma retórica inconseqüente: e, apesar de haver afirmado mais de uma vez que a arte não é senão *um canto da natureza surpreendido através de um temperamento*, não se tem poupado, no furor do ataque, na paixão da controvérsia, a esfuziar paradoxos, de que as suas obras são a mais cabal refutação. Tais afirmações, com efeito, teriam sido a morte da arte e do segrêdo da expressão, se o talento, se a veemência da imaginação, se o *nisus* concepcional do artista não rompessem com tão acanhado ponto de vista, para impor, arrogantes, cáusticas e às vêzes atrozmente inexoráveis, as valentias de sua imaginação mais que muito especializada. [1] Felizmente, porém, a sua obra é a prova mais eloqüente do subjetivismo dos produtos da arte.

O artista não é nem pode ser um indiferente; nem tampouco se confunde com o homem de ciência. Em suma, reduzidas as in-

---

1 Já em seu tempo Baudelaire definia a arte como "uma magia sugestiva, contendo ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista, o *próprio artista*". (*L'art romantique*, 127.)

tenções orgânicas do chefe do naturalismo em França a proporções esquemáticas, o que se encontra, no fundo de sua crítica, é muito claro: o indiferentismo a que êle se refere não passa, em última análise, do equilíbrio que as naturezas superiores podem guardar diante do espetáculo da vida universal. Artistas integrais, como Shakespeare e Goethe, realizaram perfeitamente êsse maravilhoso desiderato, e o próprio Zola hoje o teria feito na sua esfera, se não o minasse uma preocupação, que vai-lhe limitando a função artística. Aludo ao exclusivismo do fator hereditário, que pesa de um modo extraordinário sôbre a estrutura de todos os personagens de seus romances. Caindo nos mesmos exageros de que foi vítima Galton, no seu livro *Hereditary Genius*, sustentando que os talentos superiores, pelo único *nisus* hereditário, podem escapar às influências do meio, explodindo, do mesmo modo que a loucura, quer o meio resista, quer não, Zola deixou-se arrastar pelas seduções de uma teoria parcial, e, quando menos supôs, as suas legítimas observações de artista estavam sendo invadidas pelo *parti pris* de uma escola ou de um ponto de vista que só tem a vantagem de fortalecê-lo para a agressão, mas que, indubitàvelmente, o desorienta no meio da complexidade da ciência contemporânea e desintegra-lhe a função artística. Para corrigir êsse vício de crítica, não vejo outro recurso senão aproximarmo-nos de Darwin. O autor do *Assommoir* imobilizou-se nas idéias de Lamarck: esqueceu, portanto, o que há de mais fecundo na teoria selecionista. Os grupos que êle descreve não têm elasticidade e quase perdem o interêsse, por excluírem os múltiplos elementos que convergem para o centro de sua eclíptica. A seleção mórbida que se figura na *família Rougon-Macquart* é puramente abstrata, lógica; os processos atuais da ciência não ministram meios para acompanhá-la. Basta atender-se ao fato de que a transmissão não é uniforme, e que um milhão de elementos vêm atenuar qualquer acumulação realizada em um indivíduo, para reconhecer-se o que há de arbitrário naquele processo literário. [2]

---

Pois que a arte, como tudo, marcha de um estado de difusão para um estado de coesão; se, como o demonstram a história e a etnologia, a arte diferenciou-se logo no alvorecer das civilizações, aonde apareciam costumes, religião, direito, indústria, quase formando um bloco, uma massa informe; se a encontramos mais tarde, na Grécia, por exemplo, já completamente separada das outras manifestações do espírito, e, no gênero, desagregada, ramificando-se na poesia, na pintura, na música, na estatuária, na arquitetura; se,

[2] Cf. Darwin, *Origem das Espécies*, 113. Saury, *Folie héréditaire*, 12.

ainda depois, a surpreendemos em processo de mais profunda desagregação, produzindo, na poesia, o gênero lírico, o épico, o dramático, o satírico; se tudo isto é uma verdade, como admitir que, depois de tantas revoluções, de tantas aquisições, de tantas adaptações, o homem volte ao homogêneo dos tempos primitivos, exatamente no século em que tudo se especializa, no século em que essa mesma especialização chegou a gerar um pesadelo *reconstrutivo* no maior cérebro da raça latina ?! Fora disto, ver-me-ia obrigado a proclamar bem alto que a teoria evolucionista é um sonho estéril, senão uma mentira imaginosa. É preciso, pois, que, todos aquêles que aceitam-na como a expressão mais adiantada do esfôrço humano, sejam coerentes e, de um ponto de vista sintético, tratem de possuir-se do gênio particular da arte, mas da arte universal, tal qual ela no momento se apresente, como *substratum* da variedade humana. Diga-se, portanto, de uma vez: — nunca a arte estêve tão diferenciada da ciência como no século XIX.

Em uma sociedade culta, os aparelhos apresentam-se mais fortemente definidos do que em uma tribo selvagem; do mesmo modo que, em um grande vertebrado, os órgãos são mais apreciáveis, em suas funções, do que em um anelídeo, em que êstes mal se denunciam. Não há meio de confundir, nos animais que têm atingido certo estado de desenvolvimento, os movimentos cerebrais com as pulsações do coração, as modificações do tubo digestivo com as do intrincado aparelho cutâneo. Entretanto, é nêsse estado que os diversos órgãos mais intensamente reagem uns sôbre os outros. [3] Nunca, pois, a função científica reagiu tão enèrgicamente sôbre a arte como na atualidade. [4] O bom-senso bastaria, se não fôssem os prejuízos de escola, para tornar patente que a poesia ou a arte de um boximane, de um fetichista dos centros da África, em cujo cérebro obtuso as sensações quase se sepultam em medonha escuridão, nunca conseguiria elevar-se no remígio da inspiração de um V. Hugo, de um Swinburne, de um Browning, de um Leconte de Lisle, intelectos aonde vicejam tôdas as polarizações da experiência humana. Uma inteligência esclarecida é condição indispensável para que o coração palpite nobremente e a imaginação fulgure na representação dos dois mundos, o subjetivo e o objetivo.

---

[3] H. Spencer, *Psicologia*, I, § 1.º; *Sociologia*, II.

[4] Êste fato é perfeitamente caracterizado por Luys no tópico seguinte: "Os fenômenos da sensibilidade moral são despertados e solicitados pela intervenção das regiões intelectuais, *com as quais êsses fenômenos permanecem em eterno conflito*." (*Le cerveau*, 86.)

---

O homem, como atividade, é um; nem é possível despedaçar essa irredutibilidade, diante da qual tôdas as filosofias têm estacado, absortas. Isto, porém, não exclui o fato da diferenciação das funções por via das quais essa atividade se tem sempre manifestado. Os estudos modernos de antropologia e de psicogenia apresentam-no, no atual estágio do progresso, como um produto variado e de feições múltiplas.

> O progresso humano, — diz Letourneau, — consiste no enriquecimento sempre crescente da vida de consciência, no alargamento de sua esfera e na libertação, tanto quanto possível, do jugo da vida nutritiva. [5]

Segundo essa concepção biológica, tudo se reduz, em última análise, ao aumento da capacidade de *registro;* e, no que respeita pròpriamente à arte, que é uma das manifestações indeclináveis da vida sensitiva, funda-se ela num fato rudimentar, comum a tôda a animalidade, isto é, na irradiação de qualquer impressão por todo o sistema nervoso.

> Se a impressão, — reflete ainda aquêle filósofo, — dá-se em um homem muito inteligente, no qual se verifica a existência de um extenso campo de vida consciente, o abalo nervoso *se transforma imediatamente em sentimentos, em idéias*, e depois, se não há esgotamento, em ação reflexa motriz. No animal, na criança, no homem primitivo, na mulher, a impressão violenta, pela maior parte, se traduzirá diretamente em movimentos variados, conforme forem feridos êstes ou aquêles órgãos. De ordinário, no ente intelectualmente pouco desenvolvido, o choque nervoso se transforma, sobretudo, em contrações musculares, em movimento de membros, em gestos e gritos. Mas a série dos fenômenos poderá ser invertida. Se uma impressão dada provoca, de ordinário, tal gesto, tal grito, bastará, muitas vêzes, executar ou ver executar o gesto, produzir ou ouvir o grito, para experimentar-se mais ou menos a impressão a que êles correspondem. O homem poderá, pois, reproduzir, excitar à sua vontade, em suas células conscientes ou nas de outrem, certo número de impressões ou de sentimentos. Nisso consiste todo o fundo da estética.

Letourneau teria feito melhor se se referisse ao ponto de partida ou ao desenvolvimento do terreno em que deve evoluir o sentimento estético e, posteriormente, a faculdade artística. Sem esta base, é impossível compreender todos os fenômenos ulteriores, como o demonstraram Darwin e Spencer; só em vista dêle percebe-se a existência de um núcleo comum, do qual se têm diferenciado todos

---

[5] *La sociologie*, l. II, cap. I.

os produtos da arte universal e sem o qual tôda a comunicação de impressões seria irrealizável. [6] Essa atividade automática, que se desenrola inconsciente no indivíduo, essa espécie de generalização difusa, através do tempo e do espaço, provocando as mesmas associações de idéias; êsse modo de reagir do sensório humano diante dos mesmos objetos, constitui, segundo pensa Luys, uma *orientação* geral, uma *meridiana comum* que determina uma direção à raça e que o vulgo batizou com o nome de *senso-comum*. [7] Mas êste fato geral, só por si não explica a arte como função, senão as suas condições de existência. É preciso, pois, atender à segunda fase da questão, ao fato do aparecimento do *temperamento emocional.*

---

Entende Bain que os temperamentos emocionais são um fenômeno de aquisição ou de seleção na raça humana, um caso de especialização de tendências.

> Em geral, — pondera o notável psicólogo inglês, — se uma das faculdades do espírito torna-se superior, as outras permanecem inferiores, porque as faculdades humanas são limitadas quanto ao total, pôsto que existem indivíduos excepcionalmente dotados. Uma inteligência robusta pode ser acompanhada de atividades e emoção acima da média. Neste caso, ter uma capacidade emocional mínima quer dizer ser menos apto que outros para experimentar uma excitação agradável. Uma natureza semelhante não retira das fontes do prazer tôda a intensidade compatível com o esfôrço ordinário... É, pois, aos temperamentos emocionais que pertencem as grandes manifestações emocionais. A vida ideal da emoção terá uma fôrça correspondente à fôrça da manifestação atual. Inùtilmente tentaria uma natureza emocional fria envolver pessoas, lugares, objetos neste caloroso e duradouro interêsse, único que pode contrabalançar os efeitos do hábito e do cansaço da velhice. [8]

É evidente, portanto, que, na distribuição das fôrças biopsíquicas, há uma tendência especial para as manifestações emocionais, e que dela depende todo o desenvolvimento ulterior da arte. Procurando exemplificar as asserções de Bain, poder-se-ia dizer que os vultos históricos de Alexandre, de Catilina, de Lutero, de Masaniello, que as criações literárias da ordem dos Orestes, dos Otelos, dos Ruy Blas, representam perfeitamente os temperamentos aludidos. Nada lhes falta; êles têm a fôrça propulsora, têm a intensidade coordenadora dos movimentos, têm a certeza do objetivo. Contudo, não há

---

[6] Darwin, *De l'expression chez les hommes et les animaux*. Spencer, *Essais, la fonction de la musique*.

[7] Luys, *Le cerveau*, 145.

[8] *Les émotions et la volonté*, 92. Unzer e Prochazka, *Fonctions du système nerveux*, 130.

meio de confundir qualquer um dêsses tipos com um Homero, com um Shakespeare, com um Hugo, com um Miguel Ângelo; o que prova que nem todo o temperamento emocional, funcionando, apresenta, como último têrmo, o produto artístico; e esta última diferenciação conduz necessàriamente à arte. Na sua intensificação reside todo o segrêdo da natureza. É preciso, dêste modo, recorrer a um terceiro têrmo que delimite radicalmente a função do artista.

---

Em linguagem comum, costuma-se designar sob a denominação de *homens de imaginação* os indivíduos que possuem esta qualidade em alto grau. Pois bem, os pretendidos homens de imaginação não são mais do que temperamentos emocionais artísticos, ou naturezas que reúnem em si, com a máxima intensidade, a *faculdade representativa,* fato, em seus fundamentos, muito simples, porque não é senão o prolongamento da revivescência voluntária dos vestígios ou resíduos deixados no organismo por uma excitação inicial, mas que se vai complicando à proporção que tais revivescências se identificam com os processos de expressão, com os símbolos transmissores. [9] A *presentação,* diz Maudsley, tem mais fôrça do que a *representação.* [10] Todavia, êste fato, aceito pelas ciências biológicas como verdade irrecusável, não exclui outro não menos evidente no mundo psicológico, que é a fôrça de elaboração de que dispõe certos indivíduos, fôrça que me parece residir, em grande parte, na *propriedade aglutinante* dos símbolos representativos. Quero dizer com isto que, desde o momento em que o símbolo se amalgamou com a emoção, lembrá-lo importa o mesmo que provocar um estado de consciência inicial, e embora não seja um fenômeno idêntico ao resultante da presença do objeto exterior, nem por isso deixa de ter a mesma importância. [11]

Basta um pequeno conhecimento dos processos usados por poetas e artistas célebres, para reconhecer-se a exatidão do que fica exposto; e, para não ir mais longe, transcreverei uma nota do autor

---

[9] A arte, assim encarada, tem os mais sérios pontos de contato com a linguagem.

"O artista pensa em música, pensa em pintura, isto é, pensa em sons, pensa em côres, como, de ordinário, se pensa em palavras. O pensamento, neste caso, encarna-se desde logo na forma tonal ou nas linhas, sem passar pelo intermediário da palavra." (Alfr. Tonnellé, *Fragments d'art et de philosophie.)*

[10] Maudsley, *Physiologie de l'esprit,* 252 e 253.

[11] Não é possível desenvolver aqui, em tôda sua extensão, esta idéia, que, aliás, julgo original; pelo menos não a encontrei nos autores, exposta de um modo claro.

acima citado, na qual se acham condensadas tôdas as observações que poderia fazer no intuito de ilustrar aquela tese fundamental.

> Goethe podia evocar a seu bel-prazer a imagem de um objeto, e obrigava-a a passar diante de seus olhos por uma série de transformações, e Shelley parece ter sido, mais de uma vez, vítima de verdadeiras alucinações produzidas por suas idéias... Dickens costumava dizer que ouvia perfeitamente a voz de seus personagens. Meus personagens imaginários, escrevia o mais exato e mais lúcido dos romancistas modernos, M. G. Flaubert, me obsedam, me perseguem, ou, antes, sou eu que vivo nêles. Quando eu compunha o envenenamento de Ema Bovary, sentia por tal maneira o gôsto do arsênico *na bôca*, sentia-me tão exatamente envenenado, que sofri duas indigestões consecutivas, duas indigestões realíssimas, pois vomitei todo o jantar. [12]

O Dr. Ferrier refere que, na idade de 14 anos, quando lhe acontecia presenciar, durante o dia, algum espetáculo interessante, uma ruína pitoresca, uma paisagem bela, uma revista militar, à noite o mesmo espetáculo se reproduzia diante de seus olhos, e permanecia visível por alguns minutos, com uma nitidez que em nada cedia à nitidez da imagem real, vista à luz meridiana.

*A Semana*, 156, 24-12-1887

O artista, pois, não é um aparelho comum, como também não o é o planista militar, nem o político, nem o inventor, nem o filósofo.

Dizem que Napoleão Bonaparte, quando se achava diante de um país por invadir, tinha uma visão tão nítida, tão completa, de sua topografia, que imediatamente, em sua imaginação translúcida, se afigurava a terra com tôda sua lógica geográfica. Os menores acidentes da região, agrupando-se por si, subordinavam-se de modo tal, que todo o determinismo dos movimentos do inimigo se apresentava com uma exatidão verdadeiramente matemática. Daí o talento militar do grande cabo de guerra, cuja tática cifrava-se apenas em prever e impedir. Articulado o seu exército à região expugnável, não lhe restava senão observar as oscilações dos corpos da vanguarda do adversário e, em marchas rápidas, inesperadas, cortar-lhes a passagem quando menos o esperavam. Os planos, portanto, brotavam-lhe no cérebro com espontaneidade igual à com que, em indivíduos

---

[12] Maudsley, obr. cit., 276 a 277. O caso do Dr. Ferrier é extraído da obra de Abercrombie, *On The Intellectual Powers*. Aqui vinha ao caso examinar o limite que separa estas alucinações das patológicas. Reservo-me, porém, para tratar dessa questão em artigo especial, que terá por título — *Arte e Loucura.*

medianos, se produzem as determinações de movimento, no andar, de inibição, no amparar-se de uma queda, de esfôrço, no atravessar um rio a nado. Êste exemplo é característico, e, uma vez transportado para a esfera da função artística, explica perfeitamente o isocronismo dos movimentos que determinam o aparecimento da obra de arte. O artista, do mesmo modo que aquêle tático de guerra, pôsto diante do espetáculo da vida, passa por correspondentes modificações cerebrais, e, sendo o produto elaborado fatalmente, é precipitado fora do aparelho, logo que chega à sua maturidade, sem que o produtor possa dar uma minuciosa descrição do seu processo, nem uma definição técnica, além da enumeração dos materiais que procurou ou que as circunstâncias lhe proporcionaram. Assim, fazer uma obra de arte, como dar uma batalha, não é mais do que um ato de previdência, cuja base principal encontra-se no instinto, ou, para exprimir-me melhor, na amplitude do *registro* cerebral do artista, isto é, — nas aquisições da raça e do temperamento nêle implìcitamente contidas. Essa previdência regula-se pela menor ou maior complexidade das necessidades estéticas da época.

---

O que de tudo isto resulta é que o artista não pode deixar de ser um construtor. Ora, construir implica a idéia de escolha, de justaposição, de condensação. A *crase* dos elementos oferecidos pela natureza é, portanto, uma condição essencial da arte. Um poema, uma estátua, uma ópera, um quadro, um drama, um romance, um sonêto, um discurso, são, antes de tudo, *máquinas* de sensações, — *obras*, — como diz o povo, em sua linguagem expressiva e concreta. A natureza, difusa e confusa, não tem expressão por si só. O espírito do observador, segundo a intensidade de suas faculdades, é que a produz, dando relêvo às partes essenciais do objeto; e foi justamente o reconhecimento dessa verdade que levou Taine a afirmar que, em regra, "o que nos interessa em um ser real, e o que exigimos de um artista, é a sua lógica interior ou exterior, em têrmos diversos, a sua estrutura, a sua composição e arranjo particular, em suma, *o caráter esencial* das coisas, traduzido pela *sensação original* do mesmo artista". [13] O idiota, por exemplo, é incapaz de um trabalho artístico, e a razão é óbvia: o idiota não pode construir, e não pode construir porque o seu estado de atenção difusa não o permite; bem como a sua incapacidade para a coordenação das imagens que o obsedam, e a falta de um apoio ou de um centro de subordinação para as sensações, tolhem tôdas as suas aspirações para o belo. Concentrar, intensificar, subordinar, para impressionar, eis

[13] Taine, *Philosophie de l'art*, I, 32 e 34.

todo o artista. Tortura-o o ponto de vista da unidade na complexidade; o que o obriga a trabalhar e a produzir é a vida, não enquanto aos seus elementos anatômicos e abstratos, mas como um todo em movimento, concreto e representável; e, uma vez descoberto, é-lhe indispensável um trabalho não menos penoso, que resulta da necessidade de pôr-se em acôrdo com o público, de modo que êste possa ascender naturalmente às suas concepções artísticas. [14]

---

Conhecido, por esta maneira, o que se pode chamar a anatomia do temperamento artístico, só fica restando o último têrmo da questão, que são as condições de sua existência enquanto ao ambiente atual.

Os produtos de arte, embora imediatamente subordinados ao subjetivismo do artista, do mesmo modo que a linguagem, o direito, a política e a religião, não podem aparecer senão como produto social; nem há, mesmo, quem a conceba fora das relações de coletividade. Sem a repercussão do meio, tôda a arte seria nula e inviável; é êste que a completa, se é que não a provoca. A observação de todos os dias nos mostra que, sem público, não há literatura, como, sem exercício, não há função e, sem a necessidade de função, não há órgão. É nessa atmosfera que se condensam as aptidões, os autores, e se determinam a gestação, o aperfeiçoamento desenvolvido e a integração dos grandes monumentos artísticos. Ridículo, portanto, é

---

[14] "O artista não tem por fim copiar uma nesga da natureza, mas representar tôda a natureza em uma nesga. A obra artística, dêste modo, é um *microcosmo*, e, como o *macrocosmo*, reduz-se a uma unidade que desenvolve a idéia segundo uma ordem precisa e determinada." (Paulus Carus, *The Principles of Art, from the Standpoint of Monism and Meliorism*.)

É a mesma idéia de Taine, de Spencer e de todos os teoristas modernos, que fundam a arte sôbre a lei do progresso e a reputam um caso particular do princípio de subordinação.

Neste ponto, parece que os retóricos da antiguidade clássica andaram mais próximos da realidade do que todos os filósofos que antecederam a revolução filosófica dêste século, com exceção apenas de Bacon, que definiu a arte *o homem acrescentado às coisas*. Ao passo que vemos Kant, Schelling, Hegel e Baumgarten apresentarem a arte como uma luta entre o elemento material sensível e o ideal, em busca da realização do espírito absoluto. Retrotraindo aos filósofos e críticos de Atenas e Roma, encontramos sôbre o assunto conceitos muito mais positivos. Quintiliano, por exemplo, fazia assentar tôda a arte na economia do discurso, dos efeitos, *rerum, ac partium in locos*, observação que já antes fôra posta em relêvo por Longino, no seu tratado *Do Sublime;* e, antes dêle, Aristóteles, em sua *Poética*, afirmava que a tragédia não era senão "uma imitação perfeita de uma ação, constituindo um *todo*, cujas partes deviam ser dispostas de tal maneira, que, se uma delas se mudasse para outro lugar, ou fôsse suprimida, o todo também ficasse mudado".

dizer-se que o gênio, por isso mesmo que o é, pode viver na contemplação de si próprio, desligado do ambiente, entregue ao solitário pensamento que só um futuro ultraterrestre compreenderá, mergulhado no *nirvana* búdico de uma poesia extra-humana. Não creio na existência de sêres que vivam assim ao lado da história, completamente fora do movimento solidário da humanidade, nem tampouco nesses privilegiados de que fala Schopenhauer, cujo centro de gravidade cai dentro de si mesmos. [15] Só a insuficiência de observação, ou uma preocupação mórbida, justificaria o desconhecimento dessa dependência. Se o artista pudesse existir por si, teríamos o milagre por demonstrado; mas a época, em que coisas tais procuravam explicações que nada explicavam, já findou de uma vez, e os progressos da ciência não admitem outras interpretações, além das que naturalmente se deduzem do conhecimento exato dos fatos, comparados na sua ordem de sucessão e de coexistência, isto é, no tempo e no espaço.

A sociedade, como um organismo que é, tem uma estrutura própria, cresce, adquire funções, desenvolve-se: e, para viver, ou pelo fato de que vive, dispõe de aparelhos diversos, sem os quais não é possível pressupor o aludido desenvolvimento. É assim que Spencer considera inconcebível uma sociedade sem êstes três aparelhos rudimentares: o produtor, o distribuidor e [o] regulador. [16] Desde, porém, que a coletividade humana, merecedora dêsse nome, progride, é intuitivo que, surgindo novas necessidades, pela diferenciação das tendências, devem aparecer funções correspondentes. Ora, uma das mais importantes necessidades que se manifestam em uma sociedade, logo que esta consegue libertar-se das preocupações puramente animais, é a de elevar-se acima de si mesma por via dos elementos imaginativos. Como, porém, para a média social, os processos indispensáveis para chegar a êsse desiderato são quase, senão inacessíveis, o que sucede é que êsse movimento, resolvendo-se num desejo e pondo em agitação certos elementos anatômicos do cérebro que mal esboçam a aspiração numa direção dada, êsse movimento, digo, acaba por transformar-se em uma obsessão vaga, em um sentimento de impotência, em um estado de angústia permanente que urge ser modificado.

A história literária dos povos civilizados nos mostra, a cada passo, fenômenos bem expressivos desta verdade. Em certas épocas, como que os tecidos sociais convulsionam-se para indicar uma direção nova ao espírito da coletividade; essas disposições nunca se manifestam senão de um modo vago, indeciso, vermicular, como se se

---

[15] *Sagesse dans la vie*, 89.

[16] *Sociologia*, II.

tratasse de um objeto existente em lineamentos na imaginação popular. Apenas, porém, cai um poeta no círculo destas aspirações, está a função criada; e o que era elemento uno, torna-se geral, relaciona-se, constituindo-se, por último, em um órgão definido, eloqüente, que repercute todo o uníssono social. É assim que se compreendem Dante e Shakespeare; Cervantes, Lope de Vega e Calderón; Voltaire, Diderot e Rousseau; Goethe, Lessing e Schiller; W. Scott e Byron; Chateaubriand, Balzac e V. Hugo; Zola e Daudet. O ideal, em última análise, não é, nem mais, nem menos, do que êsse movimento reduzido a uma categoria ética. Pois bem, a arte não se delimitou, no meio das outras funções sociais, senão para satisfazer essa necessidade coletiva. Lógico era, portanto, que, no processo de seleção, fôssem chamados ao exercício dessa função os *temperamentos emocionais representativos,* os mais aptos para verem a vida de um ponto de vista elevado e dotados de um registro cerebral capaz dos movimentos figurativos indispensáveis a uma obra. A arte, pois, resume-se no desenvolvimento da capacidade de satisfazer as aspirações de ordem estética de uma sociedade; e como nem todo o mundo encontra em si fôrças suficientes para transportar os indivíduos vulgares a um estado estético superior ao normal, é mais que natural que só possam ter o nome de artistas aquêles em quem, já pelas condições hereditárias, já pelo acôrdo dos seus talentos com as verdadeiras aspirações do meio, tais disposições apresentam-se caracterizadas pela amplitude de vistas, pela sagacidade na descoberta de meios e pela energia na execução de um plano. Sem o jôgo de todos êstes elementos, sem o prurido destas organizações especiais, por um lado, e sem a solicitação exterior, por outro, é bem possível que a arte jazesse ainda hoje nos limbos da natureza.

Êste modo de pensar não exclui o reconhecimento de que, nas coisas exteriores, como opina, entre outros, J. Sully, existem "certos espectros, certas relações de forma, reconhecidas por todos como causa da emoção da beleza, como fonte comum a todos de prazer estético". [17] Mas é preciso não perder de vista a relatividade da capacidade humana; e que, se bem que seja inegável a existência dessa *meridiana comum,* dessa linha de *orientação* da raça humana, de que fala Luys, não é menos exato que, desde o tipo do boximane até o mais altaneiro tipo da raça saxônia, encontram-se tantas formas artísticas de exprimir a vida quantos os degraus percorridos pela humanidade, em seu constante andar para o sol. Esta asserção é tão exata, que bastaria que, em tôda a humanidade, de um momento para outro, pudesse essa fenomenalidade tornar-se autônoma e paralelamente igual, para que a arte passasse a ser uma coisa corri-

17 *Illusions des sens et de l'esprit,* 153.

queira e, portanto, digna de desaparecer. Enquanto, porém, houver necessidade de relêvo, de luz, de efeito, o artista não prescindirá de sua sublime função. É a êle que incumbe tornar visível o que é opaco e sugerir, nos menos dotados de espírito, as iluminações que mil anos de observação não seriam bastantes para produzir na alma insuficiente do *vulgum pecus.*

---

Estas teorias não negam o advento do naturalismo. Tal qual o compreendo, ou julgo tê-lo compreendido, estudando as obras dos mestres, o naturalismo é uma feição nova, tomada pela arte no século XIX, lógica, verdadeira e tão legítima como as que houve nos séculos XVI e XVIII e na fase do Romantismo, para corresponder às necessidades do espírito moderno e às transformações anatômicas do corpo social.

Um artista naturalista não é mais do que um artista educado em um meio científico, em que preponderam os estudos de observação e que, por conseguinte, aparelhado pelo experimentalismo, para atingir seus fins, é forçosamente obrigado a ascender além da linha de flutuação do seu público, a preparar e montar *máquinas* de muito maior complexidade do que as anteriores.

Não sendo meu propósito tratar aqui das questões que se ligam a esta última evolução da arte, concluirei dizendo que o naturalismo reduz-se a um simples mas sábio e especializado retôrno ao *modêlo vivo.*

# ÍNDICE